



**D. A. CARSON**

ORGANIZADOR

# A VERDADE

COMO COMUNICAR O EVANGELHO  
A UM MUNDO PÓS-MODERNO

Como transmitir a verdade a um mundo que nem sabe ao certo o que ela é — ou mesmo se ela existe?

Como recomendar absolutos espirituais a pessoas para as quais eles inexistem?

Se essas perguntas já o intrigaram ou se você já lutou com elas, o livro que tem em mãos é leitura obrigatória.

Autores:

Ravi Zacharias, Harold A. Netland,  
Keith E. Johnson, Jon Hinkson,  
Greg Ganssle, James W. Sire,  
Phillip D. Jensen, Tony Payne,  
Colin S. Smith, Ajith Fernando,  
Mark Dever, Michael P. Andrus,  
John Nyquist, Mark Gauthier,  
Charles Gilmer, Peter Cha, Greg Jao,  
Susan Hecht, Robert E. Coleman,  
Ron Bennett, Kelly Monroe,  
Walter Bradley, Carol A. Bradley,  
Andrea Buczynski, Jimmy Long,  
Mike Tilley, Don Bartel,  
Keith A. Davy e D. A. Carson.

**Uso exclusivo do canal Gospel Book Brasil**

**Proibido Compartilhar**



**A VERDADE**

## **Bannockburn Institute for Christianity & Contemporary Culture**

Este livro é um projeto do Bannockburn Institute for Christianity and Contemporary Culture [Instituto Bannockburn em prol do Cristianismo e da Cultura Contemporânea], órgão educativo de abrangência internacional sediado logo ao norte de Chicago, Illinois, nos Estados Unidos. O Instituto busca levar perspectivas cristãs a aspectos importantes da cultura contemporânea. Procura realizar essa tarefa, em parte, estabelecendo centros dedicados a áreas específicas, como bioética, educação pública, crescimento pessoal e relacional e vida familiar. Também empreende iniciativas mais abrangentes, como a análise do pós-modernismo, conforme se vê no presente volume. O Instituto e seus vários centros produzem uma ampla gama de recursos educacionais (incluindo livros, áudios, vídeos, *websites*, serviços na internet, boletins informativos, periódicos e uma variedade de outros recursos impressos e digitais), além de organizar conferências e cursos em diversas partes do mundo.

Para mais informações sobre o Bannockburn Institute e seus centros, contate:

BANNOCKBURN INSTITUTE  
2065 Half Day Road  
Bannockburn, IL 60015

Fone: 847.317.8164  
Fax: 847.317.8153  
E-mail: [bi@biccc.org](mailto:bi@biccc.org)

As informações também estão disponíveis no *site* do Instituto na internet: <http://www.biccc.org>.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno / organizado por D. A. Carson; tradução de Jurandy Bravo. — São Paulo: Vida Nova, 2015.

448 p.

ISBN 978-85-275-0580-2

Título original: *Telling the truth: evangelizing postmoderns*

1. Evangelização 2. Pós-modernismo — Aspectos religiosos — Cristianismo I. Carson, D. A. II. Bravo, Jurandy

14-0429

CDD 269.2

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Evangelização

**D. A. CARSON**

ORGANIZADOR

TRADUÇÃO  
JURANDY BRAVO

# **A VERDADE**

COMO COMUNICAR O EVANGELHO  
A UM MUNDO PÓS-MODERNO

©2000, de D. A. Carson e Bannockburn Institute  
Título do original: Telling the truth: evangelizing postmoderns,  
edição publicada pela ZONDERVAN (Grand Rapids, Michigan, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por  
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA  
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970  
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2015  
Reimpressão: 2016

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Almeida Século 21 (A21), salvo indicação  
em contrário. Citações bíblicas com a sigla TA se referem a traduções feitas pelo autor.

---

GERÊNCIA EDITORIAL  
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO  
Marisa Lopes  
Fernando Pires

REVISÃO DE PROVAS  
Sylmara Beletti

REVISÃO DA TRADUÇÃO E  
PREPARAÇÃO DE TEXTO  
Marcia B. Medeiros

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO  
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO  
Sonia Peticov

CAPA  
Souto Crescimento de Marca

---

# SUMÁRIO

---

<i>Prefácio</i> .....	9
<i>Colaboradores</i> .....	11

## PRIMEIRA PARTE: PLENÁRIAS DE ABERTURA

1. Uma antiga mensagem, por meios modernos, à mente pós-moderna .....	21
<i>Ravi Zacharias</i>	
2. O toque da verdade .....	33
<i>Ravi Zacharias</i>	

## SEGUNDA PARTE: O DESAFIO

3. Por que o pluralismo religioso é engraçado — e perigoso? .....	51
<i>Harold A. Netland e Keith E. Johnson</i>	
4. Epistemologia no coração do pós-modernismo: Rorty, Foucault e o evangelho .....	77
<i>Jon Hinkson e Greg Ganssle</i>	

## TERCEIRA PARTE: TÓPICOS CRÍTICOS

5. Por que se deve crer em algo? .....	105
<i>James W. Sire</i>	
6. Duas formas de viver — e a teologia bíblica .....	115
<i>Phillip D. Jensen e Tony Payne</i>	
7. Mantendo Cristo no centro da pregação .....	125
<i>Colin S. Smith</i>	
8. A singularidade de Jesus Cristo .....	137
<i>Ajith Fernando</i>	
9. Falando sobre pecado em um mundo pós-moderno .....	152
<i>Mark E. Dever</i>	

10. Voltar-se para Deus: a conversão que vai além da mera preferência religiosa .....169  
*Michael P. Andrus*

#### QUARTA PARTE: PASSAGENS FUNDAMENTAIS

11. O paradoxo do evangelho: declarar justos os pecadores (Romanos 3.21-26) ..... 183  
*John W. Nyquist*
12. Descrição do posto de embaixador: 2Coríntios 5.11-21 .....193  
*Colin S. Smith*

#### QUINTA PARTE: IGREJA, UNIVERSIDADE, ETNIA

13. Conexões igreja-universidade: Modelo 1 .....213  
*Phillip D. Jensen e Tony Payne*
14. Conexões igreja-universidade: Modelo 2 .....225  
*Mark Gauthier*
15. Compreendendo o pluralismo étnico: afro-americanos .....233  
*Charles Gilmer*
16. Alcançando ázio-americanos pós-modernos .....244  
*Peter Cha e Greg Jao*

#### SEXTA PARTE: ESTA ERA RELACIONAL

17. Relacionando-se fielmente com não cristãos em uma era relacional .....267  
*Susan Hecht*
18. O estilo de vida da Grande Comissão .....278  
*Robert E. Coleman*
19. Evangelização autêntica na igreja local em uma era relacional .....293  
*Ron Bennett*

#### SÉTIMA PARTE: EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS

20. Encontrando Deus em Harvard: alcançando a universidade pós-cristã .....321  
*Kelly Monroe*
21. Ministrando no contexto acadêmico pós-moderno .....335  
*Walter L. Bradley*
22. Exemplos de evangelismo eficaz .....344  
*Andrea Buczynski*

---

23. Gerando esperança: uma estratégia para alcançar a geração pós-moderna .....	352
<i>Jimmy Long</i>	
24. William Carey revisitado: indo atrás de cada estudante universitário .....	366
<i>Mike Tilley</i>	
25. Evangelizando pós-modernos pela estratégia de posto avançado de missão .....	373
<i>Don Bartel</i>	
26. O evangelho para uma nova geração .....	383
<i>Keith A. Davy</i>	
<b>OITAVA PARTE: PLENÁRIAS DE ENCERRAMENTO</b>	
27. A urgência do evangelho .....	405
<i>Ajith Fernando</i>	
28. Atenas revisitada .....	419
<i>D. A. Carson</i>	
<i>Índice remissivo</i> .....	435



## PREFÁCIO

---

**E**ste livro é um dos resultados de uma conferência realizada na Trinity Evangelical Divinity School entre 13 e 15 de maio de 1998. Cerca de novecentas pessoas estiveram presentes, sendo quase a metade desse número de pastores e obreiros de igrejas e a outra metade de pessoas que trabalham em universidades. O entusiasmo foi tanto que resolvemos publicar os ensaios. Um incentivo adicional foi o fato de a programação ter permitido aos participantes comparecer a todas as plenárias, mas a apenas nove seminários. A preservação do material dessa maneira permitirá a difusão muito mais ampla de seu conteúdo, útil demais para ser perdido. A maior parte do que foi apresentado nas conferências está aqui.

Preciso deixar duas coisas claras já de início. A primeira é que, embora a Trinity tenha sido a principal patrocinadora da conferência, outros patrocinadores foram a InterVarsity Christian Fellowship, a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, os Navigators, o Billy Graham Center Institute of Evangelism e o Bannockburn Institute for Christianity and Contemporary Culture. Essas organizações contribuíram com tempo, planejamento, recursos e pessoal. Alguns dos ensaios neste livro, na verdade, falam-nos do que essas organizações estão fazendo na esfera da evangelização de pós-modernos. Com certeza, nós da Trinity não poderíamos ter preparado tudo sozinhos.

A segunda coisa é que grande parte do planejamento foi levado a cabo por um grupo pequeno composto por John Nyquist, Harold A. Netland e eu. Como os outros dois são mais experientes, tocou-me o privilégio de coordenar e aprender com eles. O planejamento logístico foi encabeçado com maestria por John Kilner, do Bannockburn Institute. Roland Kuhl, dirigente da conferência, conseguiu se fazer onipresente e desemaranhar todos os nós com graça e cortesia.

Desde o princípio, tomamos algumas decisões cruciais. Resolvemos que todos os convidados a falar na conferência deveriam ter um envolvimento ativo com o evangelismo. Não queríamos meros teóricos, por mais capazes que fossem. Também decidimos que precisávamos não só ouvir análises culturais criteriosas como também investigar alguns dos pontos decisivos mais importantes da teologia

bíblica, ouvir as experiências daqueles que têm se mostrado frutíferos no evangelismo contemporâneo e aprender alguma coisa com aqueles que estão refletindo seriamente tanto em termos estratégicos quanto práticos.

Quero agradecer cada uma das pessoas que contribuíram com estas páginas. Foram rápidas em responder a minhas consultas e lembretes, e produziram uma coletânea notável de ensaios. Qualquer um interessado em evangelismo no mundo ocidental lerá estes capítulos com deleite e grande proveito. Mesmo que determinadas prioridades ou perspectivas pareçam um pouco distantes de seu contexto, você encontrará estímulo mais do que suficiente no restante do livro.

Por fim, um agradecimento sincero a meus assistentes, Tom Wood e Sigurd Grindheim, e à minha secretária, Judy Tetour, por incontáveis horas de trabalho cumpridas com ânimo e eficiência maravilhosa. Tem sido um prazer trabalhar com eles.

*Soli Deo gloria.*

D. A. Carson

## COLABORADORES

---

**ANDRUS, Michael P.** Pastor-titular da igreja First Evangelical Free Church de St. Louis, Missouri. Essa igreja, para a qual ele foi chamado como primeiro pastor em 1984, foi plantada espontaneamente e sua frequência aumentou de 60 para 1800 pessoas em média. Andrus também foi testemunha da implantação de seis outras igrejas evangélicas livres em St. Louis. Ele se formou no Calvary Bible College, na cidade de Kansas, Missouri (bacharel com louvor em Pré-Ministério, 1966), na Southern Methodist University, em Dallas, Texas (mestrado em Filosofia, 1969), no Seminário Teológico de Dallas (grau de mestre com louvor em Teologia Histórica, 1971) e na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois (doutor em Ministério, 1994).

**BARTEL, Don.** Trabalha na organização Navigators como codiretor de ministérios comunitários para os Estados Unidos e coordenador dos processos de estudo denominados Scriptural Roots of Ministry [Raízes bíblicas do ministério]. Atua também no comitê diretor da Coalition of Urban Pastors na Filadélfia. Ao longo dos anos, tem sido o precursor de ministérios em *campi* e comunidades, treinando pessoas para alcançar quem vive sem Cristo em suas próprias esferas naturais de influência pelo uso de conceitos do campo missionário.

**BENNETT, Ron.** Trabalha na organização Navigators como diretor do Grupo de Recursos Estratégicos para o Ministério de Discipulado das igrejas. Esse grupo desenvolve materiais e serviços para igrejas interessadas em investir na formação de discípulos e no processo de evangelismo. Bennett recebeu seu grau de bacharel em Engenharia Aeroespacial da Iowa State University em 1967 e trabalhou para a Boeing Aircraft em Seattle, Washington. Faz parte da equipe da Navigators há 27 anos e tem liderado ministérios em *campi*, em bases militares e na comunidade.

**BRADLEY, Walter L.** Professor de Engenharia Mecânica na Texas A&M University, posição que ocupa desde 1976. Também é membro associado da equipe da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo desde 1968, trabalhando com

alunos e corpo docente nos *campi*. Recebeu seu título de bacharel em Ciência da Engenharia da Universidade do Texas em 1965 e o grau de Ph.D. em Engenharia e Ciência de Materiais em 1968. É coautor de um livro, *The mystery of life's origin: reassessing current theories* [O mistério da origem da vida: reavaliando teorias atuais], e escreveu capítulos de vários outros livros, incluindo *The Creation hypothesis* [A hipótese da Criação], sobre a origem da vida. Também discursou em mais de 60 *campi* nos Estados Unidos e no exterior sobre o tema da evidência científica de um *designer* inteligente.

**BUCZYNSKI, Andrea.** Diretora do *campus* americano da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, posição que ocupa desde 1993. É membro da equipe da Cruzada desde 1977. Recebeu seu bacharelado em Química da Universidade Estadual da Pensilvânia em 1977 e fez treinamento no Institute of Biblical Studies em Fort Collins, Colorado, nos verões de 1977, 1978 e 1980. Entre outros cargos ministeriais que ocupou estão, na Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, o de diretora do *campus* regional para a área dos Grandes Lagos, diretora associada de área em Wisconsin e Indiana, e diretora associada de *campus* nas Universidades de Indiana, de Wisconsin-Madison e de Wisconsin-Stevens Point.

**CARSON, D. A.** Professor e pesquisador de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, onde está desde 1978. Recebeu o bacharelado em Química da McGill University, o grau de mestre do Seminário Batista Central e o de Ph.D. em Novo Testamento da Universidade de Cambridge. Suas áreas de especialidade incluem teologia bíblica, o Jesus histórico, pós-modernismo, pluralismo, gramática grega e questões acerca do sofrimento e do mal. Escreveu ou editou mais de 40 livros, incluindo *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (Shedd Publicações), vencedor do prêmio Gold Medallion, de 1997, da Evangelical Christian Publishers Association, categoria Teologia e Doutrina.

**CHA, Peter.** Atua em meio período como instrutor permanente de Teologia Prática na Trinity Evangelical Divinity School e como pastor de uma igreja ágio-americana que ajudou a plantar na área de Chicago, igreja que ministra principalmente a jovens adultos. Cha recebeu os títulos de mestre em Divindade e em Teologia da Trinity Evangelical Divinity School e é atualmente candidato a Ph.D. em Religião na Sociedade e Personalidade, na Northwestern University. Seus escritos têm sido publicados na *Ethos: Proceedings of the Center for Ethics*, na *Bridges: A Cross-Cultural Quarterly* e na *Korean Americans' Religion and Society*. Há pouco tempo contribuiu com um capítulo para o livro *Following Jesus without dishonoring our parents* [Seguindo a Jesus sem desonrar seus pais] (InterVarsity, 1998), que trata do discipulado de ágio-americanos.

- COLEMAN, Robert E.** Diretor da School of World Mission and Evangelism e professor de evangelismo na Trinity International University em Deerfield, Illinois. Também diretor do Billy Graham Institute em Wheaton, Illinois, e é reitor da International Schools of Evangelism. Graduado pela Southwestern University do Texas, pelo Seminário Teológico Asbury e pelo Seminário Teológico Princeton, recebeu seu Ph.D. da Universidade de Iowa. É autor de 21 livros, incluindo *Plano mestre de evangelismo* (Mundo Cristão), *The Great Commission lifestyle* [O estilo de vida da Grande Comissão] e *The coming world revival* [O avivamento vindouro do mundo]. O foco de seu ministério é voltado para o discipulado e o evangelismo como estilo de vida. Faz preleções frequentes em faculdades e seminários, e fala com regularidade em conferências ao redor do mundo.
- DAVY, Keith A.** Diretor associado de pesquisa e desenvolvimento para a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. Nessa função, ele tem trabalhado em diversos projetos, atuando inclusive como ponta de lança do ministério da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo nos Estados Unidos, no sentido de promover a pesquisa nacional e o desenvolvimento com o intuito de fomentar o ministério eficaz nos *campi* entre a atual geração de universitários. Lidera também o Effective Evangelism Project, projeto em andamento que visa desenvolver novas estratégias, ferramentas e treinamento para alcançar com maior eficácia o estudante de hoje. Está elaborando o Evangelism Leadership Model [Modelo de Liderança para Evangelismo], que propicia uma estrutura para que a liderança nacional nos *campi* estabeleça um direcionamento na atuação de alcance. É bacharel (com louvor) em Comunicações Linguísticas pela Universidade do Nebraska desde 1976, recebeu treinamento pelo Institute of Biblical Studies de San Bernardino, Califórnia, nos verões de 1976 e 1977, e é mestre em Divindade pela Trinity Evangelical Divinity School (*magna cum laude*) desde 1984.
- DEVER, Mark E.** Pastor da Capitol Hill Baptist Church, onde serve desde 1994. Concluiu seu bacharelado (*magna cum laude*) na Duke University, recebeu o grau de mestre em Divindade (*summa cum laude*) do Seminário Teológico Gordon-Conwell, o grau de mestre em Teologia do Southern Baptist Theological Seminary e o Ph.D. em História Eclesiástica da Universidade de Cambridge. Desde sua ordenação, em 1985, ele já serviu na equipe pastoral de quatro igrejas. Também deu aulas na Faculdade de Teologia da Universidade de Cambridge, enquanto servia como pastor associado da igreja Eden Baptist Church. São frequentes suas atuações como palestrante em conferências por todo o mundo, e tem uma grande identificação com o ministério estudantil.

**FERNANDO, Ajith.** Diretor nacional do Youth for Christ/Sri Lanka, cargo que ocupa desde 1976. Também atua como orador convidado na área de Novo Testamento do Seminário Teológico Colombo e como professor convidado em diversos seminários nos Estados Unidos e no Canadá. Tem um ministério mundial como expositor da Bíblia. Sua educação inclui o grau de bacharel em Ciências pela Vidyalkara University do Ceilão, grau de mestre em Divindade pelo Seminário Teológico Asbury e grau de mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Fuller. Escreveu nove livros em inglês e cingalês, incluindo *Crucial questions about hell* [Perguntas cruciais sobre o inferno] (Crossway), *A supremacia de Cristo* (Shedd Publicações, 2002) e *NIV Application commentary on Acts* [Comentário aplicado de Atos da NVI] (Zondervan).

**GANSLE, Greg.** Atua na equipe da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo há 21 anos. Graduou-se pela Universidade de Maryland em 1978, obteve o grau de mestre em Filosofia pela Universidade de Rhode Island (1990) e o Ph.D. em Filosofia (1995) pela Syracuse University, onde sua dissertação sobre a relação de Deus com o tempo lhe rendeu o prêmio Syracuse University Dissertation Award. Deu aulas de Filosofia em Syracuse e é atualmente membro de departamento do Rivendell Institute for Christian Thought and Learning [Instituto Rivendell para Aprendizado e Pensamento Cristão], que faz parte do ministério da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo em Yale. Está editando *Four views of God and time* [Quatro visões de Deus e do tempo] para a InterVarsity Press e coeditando uma antologia de ensaios filosóficos sobre Deus e o tempo para a Oxford University Press.

**GAUTHIER, Mark.** Diretor nacional dos ministérios da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo que atuam diretamente nas universidades dos Estados Unidos. É formado pela Colorado State University em Tecnologia Industrial. Serviu anteriormente em Boston, durante nove anos, dirigindo o ministério estudantil em Harvard e em outras universidades da região. Ele e uma equipe foram os pioneiros na aplicação de novos métodos para alcançar os 300 mil estudantes de Boston.

**GILMER, Charles.** Atua desde 1992 como diretor nacional de recursos interculturais para o ministério da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo nas universidades. É diretor da Impact Conferences, reuniões nacionais de universitários afro-americanos. Formou-se pela Universidade da Pensilvânia com bacharelado em Ciência Aplicada em 1981. Escreve e dá palestras sobre tópicos como reconciliação racial e apologética afro-americana. Viaja muito para falar a universitários e dar assistência aos ministérios de *campi* em sua expansão.

É autor dos artigos “Let’s give the dream new life” [“Vamos dar nova vida ao sonho”] e “The truth about Jesus” [“A verdade sobre Jesus”].

**HECHT, Susan.** Membro da equipe da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo desde 1985. Integrante do Centro de Comunicação, discursa em conferências, treina cristãos em práticas de comunicação evangelística e está envolvida em pesquisa e desenvolvimento para o ministério em *campi*. Formou-se na Duke University (*cum laude*), com bacharelado em Botânica. Também trabalha como diretora de projetos da *LifeSkills*, estratégia evangelística concebida para apresentar a verdade bíblica a universitários não cristãos.

**HINKSON, Jon.** Integra a equipe de membros da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo desde 1985. Ele e a esposa trabalham com a Cruzada no *campus* da Universidade de Yale. Frequentou a United Nations School em Viena, Áustria, depois a Universidade de Princeton, onde se formou em História da Europa em 1985. Também recebeu o grau de mestre em Divindade da Universidade de Cambridge, na Inglaterra (1995). Enquanto estudava naquele país, trabalhou na Eden Baptist Chapel de Cambridge. Ele e a esposa também estão entre os fundadores do Rivendell Institute for Christian Thought and Learning.

**JAO, Greg.** Faz parte da segunda geração de sino-americanos da família, servindo atualmente como membro da equipe da InterVarsity na Universidade de Chicago, onde estudou. Formou-se advogado e também atua como líder leigo na igreja Parkwood Community Church. Viaja muito a fim de falar em diferentes igrejas ágio-americanas e em ministérios de grupo em *campi*. Contribuiu há pouco tempo com um livro sobre discipulado de ágio-americanos, *Following Jesus without dishonoring our parents* [Seguindo a Jesus sem desonrar seus pais] (InterVarsity, 1998).

**JENSEN, Phillip D.** Atua hoje como capelão anglicano da Universidade de New South Wales, Austrália, e como pároco da igreja St. Matthias Anglican Church, Centennial Park. Em seus 23 anos de ministério, tem estado sob constante demanda como evangelista, plantador de igrejas, professor de Bíblia, pastor, palestrante, escritor, editor, pregador e líder eclesiástico em toda a Austrália, bem como no exterior. Lidera uma vasta equipe ministerial trabalhando em *campi* universitários e em ministérios paroquiais. Seus ministérios incluem: Campus Bible Study, Bible Talks, Sunday Meetings, Greek Bible Fellowship, Korean Bible Fellowship, Fellowship of Overseas Christian University Students, Ministry Training Scheme e Matthias Media.

**JOHNSON, Keith E.** Trabalha com o ministério em *campi* da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo há treze anos. É orador frequente em *campi*

universitários, atraindo plateias não cristãs com o tópico “Religiões comparadas: todos os caminhos levam ao mesmo destino?”. Também escreveu um artigo evangelístico sobre o assunto. Serviu por oito anos na equipe de campo da Cruzada Estudantil na Northwestern University. Atualmente, Keith comanda a educação teológica da equipe da Cruzada e também ministra cursos de graduação em apologetica e métodos de estudo bíblico. Tem grau de mestre concedido pela Trinity Evangelical Divinity School.

**LONG, Jimmy.** Diretor regional da InterVarsity Christian Fellowship na região de Blue Ridge. Integra a equipe desde 1975. Recebeu os graus de bacharel em Trabalho Social da Universidade Estadual da Flórida em 1972, de mestre em Divindade em 1975 e de doutor em Ministério em 1995, estes últimos do Seminário Teológico Gordon-Conwell. Seu ministério está hoje em mais de 35 *campi* e conta com uma equipe de 52 pessoas que trabalham com aproximadamente 3.700 alunos em três estados. Também participa da equipe nacional que escreveu *Small group leader's handbook* [Manual de líderes de grupos pequenos] (InterVarsity, 1995) e *Small group leader's handbook: the next generation* [Manual de líderes de grupos pequenos: a próxima geração] (InterVarsity, 1995). Recentemente, escreveu *Generating hope: a strategy for reaching the postmodern generation* [Gerando esperança: uma estratégia para alcançar a geração pós-moderna] (InterVarsity, 1997).

**MONROE, Kelly.** Capelã dos universitários em Harvard. Escreveu sua tese de mestrado sobre “O evangelho na era da informação”. Deu início ao Harvard Veritas Forum com o intuito de reunir pessoas de diversas culturas e disciplinas dispostas a explorar a Verdade — *Veritas* — conforme o entendimento dos fundadores de Harvard. Ela expõe o quadro da fé cristã em um cenário intelectual secular em seu livro *Finding God at Harvard* [Encontrando Deus em Harvard] (Zondervan). Apresenta testemunhos de membros do corpo docente, ex-alunos e oradores ilustres de Harvard, os quais ajudam a demolir o mito de que a fé cristã não pode sobreviver à atmosfera intelectual rigorosa. Atualmente atua como consultora do Veritas Forum, que vem se propagando por universidades ao redor do mundo.

**NETLAND, Harold A.** Professor associado de Filosofia da Religião e de Missão, diretor de Ph.D. em estudos interculturais e da cátedra Naomi A. Fausch de missões na Trinity Evangelical Divinity School. Recebeu o grau de bacharel em Estudos e História Bíblicos da Biola College e mestrado e Ph.D. em Filosofia da Claremont Graduate School, onde estudou com John Hick. Desenvolveu o trabalho de pós-doutorado junto à International Christian University (Tóquio),

onde estou a língua e a cultura japonesas, e no Seminário Teológico Fuller, no qual cursou Teologia e Missões. Serviu como missionário no Japão e ensinou na Biola College e no Seminário Teológico Talbot. Entre suas obras publicadas estão *Dissonant voices: religious pluralism and the question of truth* [Vozes dissonantes: pluralismo religioso e a questão da verdade], assim como muitos artigos sobre missões, pluralismo religioso e apologética.

**NYQUIST, John W.** Professor associado de Missão e Evangelismo e diretor do programa de estágio em missões e evangelismo da Trinity Evangelical Divinity School. Faz parte do corpo docente da Trinity desde 1982. Antes disso foi professor visitante durante cinco anos, ministrando aulas de evangelismo. Recebeu grau de bacharel em Música e Educação Física e de mestre em Execução Musical da Universidade Estadual da Califórnia, em Los Angeles. É mestre em Divindade, mestre em Novo Testamento e Ph.D. em Estudos Interculturais pela Trinity Evangelical Divinity School. Antes de ingressar na Trinity, desempenhou diversos papéis na Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. Suas áreas de especialização incluem evangelismo transcultural, discipulado, estudos do Novo Testamento, cultura europeia e a Igreja Católica Romana.

**PAYNE, Tony.** Diretor editorial da Matthias Media (empresa publicadora que se desenvolveu a partir do ministério de Phillip Jensen e da St. Matthias Church em Sydney). É bastante conhecido em toda a Austrália e no Reino Unido como capacitado autor de artigos, livros e estudos bíblicos.

**SIRE, James W.** Editor-sênior da InterVarsity Press e conferencista de *campus* para a InterVarsity Christian Fellowship. Já ensinou Inglês, Filosofia e Teologia em várias universidades. Cursou bacharelado em Química e Inglês na Universidade de Nebraska, mestrado em Inglês na Universidade Estadual de Washington e é Ph.D. em Inglês pela Universidade do Missouri. É autor de vários livros, entre os quais *The universe next door* [O universo ao lado], *Scripture twisting* [Distorção bíblica], *Discipleship of the mind* [Discipulado da mente], *Chris Chrisman goes to college* [Chris Chrisman vai para a faculdade] e *Why should anyone believe anything at all?* [Por que alguém deveria acreditar em algo, afinal?]. Ministra a grupos de alunos e membros do corpo docente em palestras sobre artes, humanidades, ciência social, ciência natural e campos tecnológicos.

**SMITH, Colin S.** Pastor-titular da igreja Arlington Heights Evangelical Free Church em Arlington Heights, Illinois. Tem um compromisso com a pregação expositiva e crê que as tarefas fundamentais do pastor-titular sejam pregar, pastorear e liderar. Bacharel em Teologia pela London Bible College, é mestre em Filosofia pela Brunel University (com a tese “A doutrina da justificação de Calvino em

relação à noção de pecado e o diálogo com Roma”). Serviu também como pastor-titular da igreja Enfield Evangelical Free Church em Londres por dezesseis anos. Na época, era muito ativo na Fellowship of Independent Evangelical Churches na Inglaterra, tendo sido seu presidente.

**TILLEY, Mike.** Diretor nacional para ministérios catalíticos (de expansão) da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. Desenvolveu o trabalho de graduação na Trinity Evangelical Divinity School e na International School of Theology e completou o mestrado em Divindade no Seminário Teológico Reformado em Orlando, Flórida. Sua equipe de 150 catalisadores tem a responsabilidade de ser precursora de novos ministérios em *campi* por meio de parcerias com igrejas, Metro Strategies e Student Leaders in New Campuses (consultoria à distância).

**ZACHARIAS, Ravi.** Um dos maiores palestrantes e líderes cristãos, bastante versado em assuntos como cultos e religiões comparadas, e filosofias seculares. O Ravi Zacharias International Ministries foi fundado em 1984 com o propósito de alcançar pensadores e profissionais nas grandes cidades do mundo e ajudar no desenvolvimento de liderança. Ele se formou na Ontario Bible College e diplomou-se na Trinity Evangelical Divinity School. Por três anos e meio, foi sua a cátedra de Evangelismo e Pensamento Contemporâneo no Alliance Theological Seminary em Nyack, Nova York. É licenciado e ordenado pela Christian and Missionary Alliance. Questões pertinentes ao ministério transcultural e profissional e pensadores modernos são parte crucial de seu pensamento e ministério.

# PRIMEIRA PARTE

## **Plenárias de abertura**



## CAPÍTULO I

---

# UMA ANTIGA MENSAGEM, POR MEIOS MODERNOS, À MENTE PÓS-MODERNA

*Ravi Zacharias*

**E**m abril de 1981, Daniel Yankelovich, analista social, escreveu um artigo muito perspicaz para a *Psychology Today*. Sua principal motivação era analisar o que os americanos pensavam sobre a vida e também para onde seguiríamos se tais ideias não fossem contestadas. Era uma advertência para o Ocidente. Nas observações iniciais, ele definiu o papel e o imperativo da cultura. Citando o sociólogo Daniel Bell, disse: “Cultura é o esforço para fornecer um conjunto coerente de respostas às situações da existência que confrontam todo ser humano no decorrer da vida” (Yankelovich, 1981, p. 36).

A definição de cultura nesses termos pode estar obsoleta hoje. Meses atrás, enquanto eu palestrava em uma das universidades do país, uma estudante agarrou o microfone e bradou a plenos pulmões:

— Quem disse que cultura é uma busca pela coerência? De onde o senhor tirou isso? Essa ideia de coerência é ocidental.

Respondi lembrando-a de que eu apenas apresentara a definição de um sociólogo de que a cultura buscava a coerência.

— Ah! Palavras! Meras palavras! — ela gritou em resposta.

— Permita-me perguntar-lhe o seguinte então — respondi. — Você deseja que minha resposta seja coerente?

Risadas esparsas pipocaram pelo auditório. A própria estudante ficou sem ação por alguns momentos.

— Mas isso é linguagem, não? — ela replicou.

Indaguei-lhe se a linguagem tinha alguma coisa a ver com a realidade.

— As palavras não precisam apontar para um referente? Se a resposta que você busca precisa ser coerente, mas a própria cultura não precisa, de onde tira essa dissociação?

Era possível perceber a agitação dela. Na verdade, mais tarde eu soube que essa moça era uma pessoa que não tinha papas na língua e era dona de um estilo de vida radicalmente extravagante. Sua luta quanto à coerência tinha raiz na própria dissonância fisiológica.

Essa estudante pode bem ser considerada uma típica pós-modernista. Nossos corpos e inclinações estão definindo nossa razão de ser. É esta a intensidade que a luta está assumindo, na minha opinião. Friedrich Nietzsche e Michel Foucault — ambos figuras brilhantes, embora trágicas — podem ser considerados definitivamente como o primeiro e o último dos autores de destaque do século 20. Foucault, claro, foi um intelectual francês preeminente que, em razão de uma vida muito promíscua, morreu de AIDS aos 58 anos. Era admirador dos escritos de Nietzsche, que ironicamente morrera com 54 anos em consequência de sua lamentável batalha contra uma doença sexualmente transmissível e contra a insanidade.

Assim, mesmo quando buscamos nossos ancoradouros culturais e tentamos compreender as mudanças radicais que têm transtornado os significados compartilhados do passado, procurar uma resposta coerente se torna um desafio proibitivo.

Walter Truett Anderson nos oferece uma bem-humorada visão disso em seu livro *Reality isn't what it used to be* [A realidade não é mais o que costumava ser]. Ele reflete sobre esse nosso grave dilema apresentando uma analogia com o beisebol. O juiz de beisebol pré-moderno diria algo como: “Existem as bolas e os arremessos, e eu os denomino pelo que são”. O modernista diria: “Existem as bolas e os arremessos, e eu os denomino pelo que vejo”. E o pós-modernista diria: “Não existe nada lá até que eu os denomine”.<sup>1</sup> Em resumo, toda a realidade depende do sujeito. O pós-modernista estrutura a realidade nominando aspectos segundo seu bel-prazer.

Em determinados sentidos, você e eu temos sido tão influenciados por essa cultura que não conseguimos nos distanciar completamente. Estamos encerrados nessa mentalidade pós-moderna, ou, pelo menos, em alguns elementos dela. Talvez os mais radicalmente afetados sejam nossos filhos. Se conversar com seu filho ou filha adolescente depois de um filme que ele queria que você visse, de repente ouvirá comentários como: “Sinto muito, pai, eu não tinha notado essa linguagem vulgar até você se sentar do meu lado”. É quase como se vivessem nesse mundo sem o

<sup>1</sup>Citado em Middleton; Walsh, 1995, p. 132-33.

perceber, até que, por algum motivo, alguém com um ponto de vista contrário se sente ao lado deles. Então resmungam: “Puxa, pisei na bola!” Portanto, a desorientação tem duas faces, a externa e a interna. A realidade é redefinida e nosso modo de pensar, remodelado em um processo involuntário.

## O SÉCULO DA TRANSFORMAÇÃO

Como chegamos ao ponto em que estamos hoje? Entendo que cinco grandes transformações neste século 20 nos trouxeram até aqui. Há outras, sem dúvida.

A primeira grande transformação foi a *popularização do movimento da morte de Deus*, um legado de Nietzsche. Lembra como ele foi incisivo ao falar do louco que corria com uma lanterna à procura de Deus e era incapaz de encontrá-lo? Essa parábola foi uma facada no coração da realidade, propondo um modo diferente de olhar para as coisas. Então Nietzsche diz: “De fato, essa tem sido uma mudança enorme, enquanto a lâmina dos filósofos se enterra no coração do teísmo”. Ele adverte os leitores quanto à desorientação que se seguiria: “Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que jogos sagrados precisaremos inventar? Existe em cima ou embaixo? As lanternas não precisam ser acesas às primeiras horas da manhã? Não vagamos através do nada infinito? Não podemos sentir o sopro do espaço vazio?”. Ele escreve sobre essa transformação radical que aconteceu — não há em cima; não há embaixo. Novas luzes têm de iluminar nosso caminho. Novos jogos sagrados devem ser inventados. Por fim, conclui que o choque é assombroso demais para que tome pé de imediato da situação. “Talvez meu tempo ainda não tenha chegado”, diz. “É preciso tempo para que as ideias se estabeleçam completamente na mentalidade de uma cultura” (Nietzsche, 1954, p. 125).

Quase cem anos mais tarde, o tempo dele chegou. Há uma popularização da morte de Deus. A ideia da inexistência de Deus agora permeia, de forma explícita ou implícita, quase todas as principais disciplinas nas universidades seculares. Na verdade, há pouco tempo um pai me contou de uma apresentação a que sua filha assistiu em uma prestigiada faculdade não longe daqui. No vídeo de apresentação da universidade, o testemunho final quanto à solidez intelectual daquela instituição é dado por uma jovem bacharel. Apropriando-se das ideias de Richard Dawkins, ela olhou para as lentes da câmera e disse: “Uma das melhores coisas que esta universidade fez por mim foi permitir que me tornasse uma atea intelectualmente realizada”. Imagine só promover uma universidade sofisticada com um testemunho de ateísmo aos futuros alunos.

A segunda grande mudança é o golpe desorientador do *pluralismo religioso*, em especial no contexto da cultura ocidental. Em 1893, na Conferência de Chicago sobre Religiões Mundiais, um célebre filósofo indiano, Swami Vivekenanda (que

por acaso não estava entre os palestrantes) levantou-se e subiu à plataforma. Ele disse o seguinte:

Nós, que viemos do Oriente, sentamo-nos aqui na plateia dia após dia e ouvimos ser dito, de maneira paternalista, que deveríamos aceitar o cristianismo, pois as nações cristãs são as mais prósperas. Olhamos ao nosso redor e vemos a Inglaterra, a mais próspera nação cristã do mundo, com o pé sobre o pescoço de 150 milhões de asiáticos. Olhamos para a história e vemos que a prosperidade começou com a invasão do México. O cristianismo alcança a prosperidade cortando a garganta de seus semelhantes. A esse preço, o hindu não terá prosperidade. Estive sentado aqui hoje e ouvi a intolerância. Sangue e espada não são para o hindu, cuja religião é baseada nas leis do amor.<sup>2</sup>

Não questiono se ele está certo ou errado. Os fatos apresentados foram nitidamente tendenciosos e, no mínimo, igualmente ofensivos para quem ele acusava de descortesia. No entanto, indo além das polêmicas, essa é a perspectiva dominante no modo de o cidadão do Oriente Médio e do Extremo Oriente considerar o cristianismo. Tenho dado palestras em alguns dos cenários mais desafiadores do Oriente Médio. Em duas oportunidades raras, tive o privilégio de me dirigir a audiências em Damasco, na Síria. Metade do desafio consiste em remover o preconceito contra a bagagem do cristianismo através dos séculos. Mas os mesmos preconceitos têm tomado o Ocidente de assalto em consequência da infusão dessas cosmovisões na América do Norte. Logo se começa a perceber quanto isso tem sido desnorteante para a cultura ocidental, que se apropriou do capital do cristianismo, mas não tem consciência de quanto dele foi apropriado. Ora, em muitos ambientes acadêmicos, os ataques mais ferinos à religião são desferidos quase exclusivamente contra a fé cristã.

A terceira mudança é o *poder de informar através do visual e o obscurecimento da realidade e da imaginação*. O visual tem transformado a maneira pela qual as pessoas chegam à verdade. Não é curioso que toda produção cinematográfica anterior sobre o naufrágio do *Titanic* fizesse a plateia sair do cinema sentindo tristeza pelo acontecimento e muito abalada pela tragédia, mas que na última produção os belos heróis subissem ao topo do navio que afundava? Pela janela dos olhos o romance das artes fez afundar a realidade e glamorizou a personalidade artificial dos heróis do palco. Na verdade, depois disso um novo navio *Titanic* deve ser reconstruído e lançado em 2002, exatos noventa anos após a data da viagem original. Alguns pagarão centenas de milhares de dólares pelas melhores suítes, enquanto a nova embarcação ganhará

<sup>2</sup>Como citado em *Chicago Tribune*, 20 September 1983, apud Johnson 1985, p. 106.

agora a alcunha de “o enfim Insubmergível”. A realidade travou uma luta com a imaginação e perdeu. William Blake advertiu contra o perigo dos olhos: “Nesta vida, a janela obscura da alma / Distorce os céus de ponta a ponta / E o instiga a acreditar em uma mentira / Quando se vê com olhos e não através deles”.<sup>3</sup>

Deus planejou que vissemos através dos olhos, mas com a consciência. Hoje vemos com os olhos, desprovidos da consciência. O jornalista inglês Malcolm Muggeridge faz um relato de quando esteve na República de Biafra e encontrou alguns prisioneiros prestes a serem executados. Os guardas os enfileiraram e o oficial gritou a contagem regressiva: “Preparar, apontar...”. Nesse momento exato, o fotógrafo de uma das grandes redes exclamou: “Corta! Minha pilha acabou!” A execução foi suspensa temporariamente, até ele conseguir um pacote de pilhas novas. Então, retomou-se a contagem: “Preparar, apontar, fogo!” *Bang, bang* — e os prisioneiros caíram mortos. Muggeridge se perguntou o que as gerações futuras diriam da barbárie e a quem seria atribuída. Culpariam os espectadores? Puniriam o operador da câmera? “Tenho sérias desconfianças de que alguém ficaria a favor das câmeras”, disse ele (1977, p. 64). Muggeridge pode ter levantado um ponto importante. O meio se torna mesmo a mensagem, e assim essa zona obscura entre e o real e o imaginário está de fato trancafiada dentro do próprio meio.

A quarta mudança é o *centro perdido da moldagem cultural*. Existe um vazio no coração da nossa cultura. Saul Bellow argumentou em seu discurso, ao receber o prêmio Nobel em 1976:

O público inteligente aguarda para ouvir das artes o que não ouve da teologia, da filosofia e da teoria social, e que não pode ouvir da ciência pura. Uma narrativa mais ampla, mais completa, mais coerente, mais abrangente a respeito do que nós, seres humanos, somos, de quem somos e para que serve esta vida. Se os escritores não ocuparem o centro, não será porque ele já foi ocupado; ele não foi.<sup>4</sup>

Não há um centro que mantenha as coisas coesas. Ou, para colocar de outra forma, não há uma metanarrativa para a vida, uma história abrangente pela qual todos os detalhes possam ser interpretados. No entanto, embora nenhuma história domine nossa cultura, os meios de obtenção do saber assumiram a posição de fins do conhecimento. Em *Beyond the postmodern mind* [Além da mente pós-moderna], Huston Smith faz o seguinte comentário: “Se a física moderna nos mostrou um mundo em desacordo com nossos sentidos, a física pós-moderna está nos mostrando um mundo em desacordo com nossa imaginação. Fizemos as pazes com

<sup>3</sup>De “Auguries of innocence”, primeira publicação em 1863.

<sup>4</sup>Citado em Smith, 1992, p. 2.

o primeiro desses estranhamentos, mas o problema da nova física não pode ser resolvido por refinamentos de escala” (1992, p. 7). Como se mede a imaginação? Não existe nenhuma escala para isso.

Se eu tivesse de identificar uma lista de realidades alarmantes, essa estaria perto do topo. A busca do conhecimento, sem saber quem somos ou por que existimos, combinada com uma guerra promovida pela indústria do entretenimento em nossa imaginação, deixa-nos à mercê do poder completamente destituído de moralidade.

Em diversas ocasiões, enquanto eu dirigia e ouvia música, de tempos em tempos a rádio tocava uma música que me parecia ou pouco harmônica ou irritante. Eu desligava o rádio. Mas então, um dia, me levaram para ver uma peça chamada *O Fantasma da ópera*. De repente, descobri que algumas músicas de que não gostara muito faziam parte dessa peça. Fiquei impressionado com a diferença que fez conhecer a história, sempre que ouvia a música depois disso. Na verdade, a música é absolutamente magnífica em alguns trechos. As canções de amor, os discursos, até as discussões fazem sentido quando se conhece a história. A vida precisa de uma história para que os detalhes sejam compreendidos. Ela precisa manter-se coesa no centro se a ideia é que alcancemos horizontes distantes. Mas nossa cultura não tem uma história nem se mantém no centro.

A última transformação significativa é a *mudança de poder para um mundo mais jovem*. Ouvei dizer que mais de 60% da população mundial tem menos de 24 anos. Se você conversar com um figurão hollywoodiano atual, ele lhe dirá que, na produção de filmes, quem conquista o público masculino de 18 anos tem nas mãos um sucesso de bilheteria. As adolescentes verão o filme que o namorado escolher, mas o inverso não acontece. O extraordinário poder econômico dessa geração mais jovem define cada vez mais as prioridades culturais.

## O IMPACTO EPISTEMOLÓGICO

Sendo assim, quais têm sido os resultados dessas mudanças? Ressaltarei apenas cinco.

O primeiro é o deslocamento da filosofia rumo ao existencialismo. O poder de um Jean Paul Sartre ou de um Albert Camus foi significativo nas décadas de 1960 e 1970. O historiador Paul Johnson chama a atenção para o impacto devastador de Sartre sobre os intelectuais do movimento Angka Loeu no Camboja, que destruiu a vida de centenas de milhares naquela “terra gentil”.<sup>5</sup> De fato, um poder tremendo foi liberado quando filósofos, por intermédio do drama e da literatura, algemaram

<sup>5</sup>Paul Johnson, *The intellectuals* (New York: Harper and Row, 1988), p. 246.

o intelecto dos detentores do poder da sociedade. Narrativas foram introduzidas para nos dizer que “o homem é a medida de todas as coisas”, mas eles nunca nos contaram sobre os vínculos de homens e mulheres maus que corromperam o poder e desenvolveram os meios para destruir o próprio povo. Apesar da retratação de Sartre em seu leito de morte, o cerne da questão é que esse deslocamento da filosofia para o existencial atraiu grande atenção em nosso mundo.

O segundo resultado é o deslocamento do artista rumo ao sensualismo. Quando Deus criou a humanidade, dois aspectos claramente sagrados foram transmitidos. Um deles foi a santidade da vida em si; o outro foi a santidade da sexualidade. Artistas são pessoas criativas. Quando perdem de vista o grande Criador — o maior de todos os artistas — atacam justamente as coisas que ele apontou como sagradas: vida e sexualidade. O que vemos agora com tais criadores substitutos em pleno processo de expressão? A celebração da violência e do erotismo. A dessacralização do corpo humano desfigurou a vida, e nossa cultura lamentavelmente resvala para a tolerância do erótico e do perverso. Um refrão doloroso em muitas conversas é o da mãe aflita por haver encontrado literatura erótica em posse do filho adolescente. A proliferação de material erótico — de livros a revistas e agora, a Internet — tem minado esta geração. Há pouco tempo, mães inglesas ficaram horrorizadas porque revistas para adolescentes estão disseminando temas sexuais, e alegam que esse material está deixando suas filhas “loucas por sexo”. A morte de Foucault em razão da AIDS nos faz transitar entre a compaixão e a perplexidade ao constatarmos que foi a incorporação voluntária de uma filosofia que o levou a esse caminho.

O terceiro resultado é o deslocamento da religião rumo ao misticismo. O budismo se tornou uma das religiões mais populares do nosso tempo por causa do interesse generalizado pela espiritualidade; os sentimentos são convertidos em técnicas e aforismos. O budismo é um exemplo clássico de “como ser bom sem Deus” — como ser ético sem contar com absolutos.

Um quarto resultado é o deslocamento da educação rumo ao ceticismo: “Não se pode acreditar em mais nada”; “Não se pode ter certeza de mais nada”. Da lógica difusa para o relativismo, a mente desabrigada se deslocou para a ideia desabrigada. Argumentar em favor da verdade hoje é incitar um debate imediato, como se uma heresia de proporções demoníacas tivesse sido invocada. A suposta morte de Deus significou a morte da teologia, mas os agentes funerários do Absoluto não se deram por satisfeitos apunhalando as conversas sobre Deus. Os agentes funerários de Deus empreenderam uma marcha inevitável para o funeral deles próprios, declarando a morte de todo o conhecimento.

Aqui vemos nosso quinto resultado — o deslocamento do indivíduo rumo ao transcendentalismo. Ou seja, ele é seu próprio ser divino. O leitor é soberano

sobre o autor. Ao ler a história de outra pessoa, você a desconstrói e a reformula segundo uma interpretação feita por você mesmo. O filósofo Richard Rorty diz em *Contingency, irony, and solidarity*.<sup>6</sup> “No momento da morte, [o ego nietzschiano] buscaria consolação não em ter transcendido a condição animal, mas em ser esse tipo peculiar de animal moribundo que, ao descrever a si mesmo em termos próprios, criou-se”.<sup>7</sup> Isso é autodeificação em processo.

## UM MUNDO DIVIDIDO

Como, então, o Oriente e o Ocidente têm respondido a esses fenômenos? Se tivesse de desenhar um *continuum*, eu colocaria o mundo Ocidental à esquerda e o Oriental à direita, com base nas seguintes generalizações. No Ocidente, o cristianismo se tornou marginalizado e, em alguns casos, até ridicularizado. No Oriente, a religião ocidental é criticada e a oriental, protegida. No Ocidente, o cristianismo luta com níveis de educação mais elevados e tendências acadêmicas. No Oriente, há um ressurgimento do orgulho ostensivo pela sabedoria antiga.

No Ocidente, a teologia foi substituída pela religião. No Oriente, a religião sempre foi vista como uma busca e, portanto, prossegue. Na verdade, um dos colegas que trabalha conosco na Índia diz que o país nunca se deslocou do pré-moderno para o moderno e depois para o pós-moderno. A Índia passou por cima do moderno, indo do pré-moderno ao pós-moderno. No Ocidente, a verdade objetiva foi afastada e não há nada para substituí-la. No Oriente, o afastamento da verdade objetiva não foi sentido porque o foco cultural estava em outro lugar.

Há algum tempo, falei a homens e mulheres de uma associação de advogados em uma grande cidade. Eu sabia que seria uma plateia desafiadora porque palavras e argumentos estão no cardápio diário deles. Comecei relatando uma notícia de televisão que eu tinha acabado de ouvir. Uma grande rede apresentara como primeira notícia uma pesquisa perguntando às pessoas se palavras significavam alguma coisa específica. Palavras como *caso* e *adultério* têm significados coletivos específicos ou a pessoa que as fala poderia infundir-lhes um significado particular e pessoal? Nesta nossa cultura de redenção pela pesquisa, os jornalistas perguntaram aos entrevistados se as coisas ainda significavam alguma coisa. Após concluir pela existência de variações significativas na maneira pela qual as pessoas usam as palavras, eles a investigaram se a moralidade era uma questão puramente pessoal, ou se havia mesmo absolutos. Todos os entrevistados nas ruas responderam da mesma forma: “Não! Não existe nenhuma moralidade objetiva; temos de defini-la

<sup>6</sup>Edição em português: *Contingência, ironia e solidariedade* (São Paulo: Martins Fontes, 2007).

<sup>7</sup>Citado em Lundin, 1995, p. 30.

em nossos próprios termos”. Primeiro item da pauta: “As palavras estão sujeitas ao usuário?”. Segundo item da pauta: “A moralidade é uma questão pessoal?”. Depois de optar por uma resposta confusa, que tornava o indivíduo senhor da realidade, o apresentador do programa seguiu discutindo o terceiro item da pauta do noticiário — uma advertência a Saddam Hussein. Se ele não parasse com seus jogos de palavras, começaríamos a bombardear o Iraque. “Que irônico, pensei!” Reclamamos para nós a autoridade moral e negamos referentes às palavras, exceto quando lidamos com outros que fazem o mesmo jogo. Foi fascinante ver a expressão das pessoas daquela plateia mudar e reconhecer que a comunicação é impossível se não conferirmos significado unívoco a nossas palavras.

## JANELAS DE OPORTUNIDADE

Se essa é a nossa cultura, onde isso nos coloca? O desafio, do meu ponto de vista, é este: como transmitirmos o evangelho a uma geração que ouve com os olhos e pensa com os sentimentos?

Em primeiro lugar, o pós-modernismo talvez seja um dos padrões de pensamento mais oportunos já apresentados a nós para a propagação do evangelho, uma vez que, em certo sentido, ele preparou o terreno. Todas as disciplinas perderam sua “autoridade final”. As esperanças que a modernidade ressaltou — o triunfo da “Razão” e da “Ciência”, que muitos acreditaram que traria a utopia — falharam em quase todos os aspectos. Mesmo com todos os nossos benefícios materiais, ainda existe uma fome pelo espiritual. Em quase todas as partes do mundo, os estudantes permanecem longo tempo depois das palestras para conversar comigo e suplicar por respostas para suas vidas estéreis. Toda a educação que se recebe não diminui a busca pela coerência interior e por um enredo para a própria vida. Posso imaginar a expressão dos remetentes quando leio as centenas de cartas que me enviam, confessando vidas desperdiçadas e corações vazios.

Por mais que o pós-modernismo tenha confundido a linguagem e as definições, há um anseio que a própria atitude indiferente pós-modernista não diminui. Mas nossa resposta se torna mais difícil devido àquilo que chamo de “vietnamização” do conflito. As técnicas clássicas não funcionam mais. Não há linha de frente ou um bloco único para atacar; o conflito acontece em muitas frentes. Talvez o pós-modernismo seja filho legítimo da confusão dos anos 1960. Mas lhe asseguro que ele preparou o terreno.

Em fevereiro deste ano, falei na Universidade de Sheffield. Quando entrei no auditório na noite de abertura, o lugar estava lotado. No fim da conferência, um estudante se aproximou e disse: “Cheguei aqui com um pé em cada mundo. Não posso ir embora do mesmo jeito que entrei. O senhor pode me ajudar?”. Que

alegria ver um jovem estudante da Sheffield entregando a vida ao Senhor! De fato, ainda existe uma abertura. Pode ser que o pós-modernismo não seja tão assustador como às vezes o pintamos.

Em segundo lugar, resta o suficiente da cosmovisão moderna para que a razão ainda tenha uma porta de entrada. Mas precisamos usar esse conhecimento com sabedoria. Não podemos oferecer uma *overdose* de argumentos.

Em terceiro lugar, há na mente pós-moderna uma busca tremenda por comunidade. Somente na mensagem do evangelho, que culmina com a adoração, existe coerência — a qual, por sua vez, traz coerência à comunidade dos que creem, onde tanto a individualidade quanto a comunhão são afirmadas. “Adoração”, diz o arcebispo William Temple, “é a submissão de toda nossa natureza a Deus. É o despertar da consciência por Sua santidade, o alimentar da mente por Sua verdade, o purificar da imaginação por Sua beleza, o abrir do coração para Seu amor, e o submeter da vontade ao Seu propósito. Tudo isso, reunido na adoração, é a expressão mais sublime de que somos capazes”.<sup>8</sup> A adoração ao Deus vivo é o que, em última análise, une as várias inclinações do coração e lhes confere foco. E uma comunidade que adora aglutina a diversidade da nossa cultura, da nossa educação, das nossas experiências e nos reúne em uma expressão coletiva de adoração. Um dos apelos mais poderosos à mente pós-moderna é a comunidade adoradora.

Em quarto lugar, devemos estar atentos à intervenção soberana de Deus na história. Quando a princesa Diana morreu, o mundo inteiro ouvia com os olhos. Poucos dias depois, quando madre Teresa faleceu, de novo o mundo ouvia com os olhos. A primeira foi uma mulher que, embora tivesse tudo, conviveu com a rejeição em seu ser mais profundo. A outra, não tendo nada, passou a vida cuidando dos rejeitados do mundo. Penso que esses são momentos soberanos na história. Lembro-me de estar na República Tcheca um ano atrás e alguém me dizer que, quando o poder da ideologia soviética ruiu, as igrejas de repente se encheram. As pessoas chegavam cheias de expectativas, mas, por algum motivo, não havia nada ali. Aquela oportunidade foi desperdiçada.

E por fim, vivemos em uma época em que a máxima de G. K. Chesterton se provou verdadeira. A ausência de significado não vem do fato de o ser humano estar cansado da dor, mas sim cansado do prazer. Temos nos exaurido nesta cultura tolerante.

Comecei falando da descrição de Yankelovich das gigantescas transformações em curso. Em seu artigo, ele disse que as apostas são altas nessas transformações. Yankelovich conduziu alguns estudos de caso com numerosos casais para ver para

<sup>8</sup>Citado em Watson, 1976, p. 157.

onde estamos caminhando e chegou a uma conclusão surpreendente. Eis o que ele disse sobre um desses casais, a quem chamou de Abby e Mark:

Se você considera imperativo satisfazer todas as suas necessidades, e se essas necessidades forem contraditórias ou conflitantes em relação às de outras pessoas, ou se forem apenas inviáveis, a consequência inevitável será a frustração. Tanto para Abby quanto para Mark, realização pessoal significa uma carreira profissional, casar, ter filhos, liberdade sexual e autonomia, ser liberal, ter dinheiro, optar pelo não conformismo, insistir na justiça social, desfrutar da vida urbana, da vida no campo, da simplicidade, da bondade, ler, ter bons amigos e assim por diante. O indivíduo não se realiza de verdade tornando-se mais autônomo. De fato, ir longe demais nessa direção é correr o risco da psicose, a forma mais extremada de autonomia. [...] A determinação de que a pessoa precisa perder a si mesma para se encontrar contém uma verdade que qualquer um que busca a realização pessoal necessita compreender (1981, p. 36, 50).

Que oportunidade para conduzir à cruz de Jesus Cristo!

A verdade mais dramática acerca do evangelho é que ele confronta a experiência que temos de nós mesmos como seres vivos e nos constrange a redefinir de modo drástico o que entendemos por vida. Jesus confronta nossa rotina da forma que confrontava os primeiros discípulos, mesmo quando seguia para a cruz. Eram eles que estavam destinados a morrer; ele, “o morto”, na verdade, era o vivo.

Com tudo isso que o terreno cultural nos apresenta, a máxima de que “para se encontrar, é preciso se perder” contém uma verdade que qualquer um em busca de realização pessoal precisa compreender. A igreja também deve manter isso em mente. As janelas de oportunidade são da maior importância. Quem tem ouvidos, ouça o que o Senhor nos tem proporcionado.

## Referências

- JOHNSON, David L. 1985. *A reasoned look at Asian religions* (Minneapolis: Bethany House).
- LUNDIN, Roger. 1995. “The pragmatics of postmodernity”. In: PHILLIPS, Timothy R.; OKHOLM, Dennis L., orgs. *Christian apologetics in the postmodern world* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- MIDDLETON, J. Richard; WALSH, Brian. 1995. “Facing the post-modern scalpel: can the Christian faith stand deconstruction?”. In: PHILLIPS, Timothy R.; OKHOLM, Dennis L., orgs. *Christian apologetics in the postmodern world* (Downers Grove: InterVarsity Press).

- MUGGERIDGE, Malcolm. 1977. *Christ and the media* (London: Hodder & Stoughton).
- NIETZSCHE, Friedrich. 1954. "The gay science". In: KAUFMAN, Walter, org. *The portable Nietzsche* (New York: Viking).
- SMITH, Huston. *Beyond the postmodern mind* (Wheaton: Quest Books, 1992).
- WATSON, David. 1976. *I believe in evangelism* (Grand Rapids: Eerdmans).
- YANKOLOVICH, Daniel. "New rules in American life: searching for self-fulfillment in a world turned upside down". *Psychology Today* 15 (4): 35-91, 1981.

## CAPÍTULO 2

---

### O TOQUE DA VERDADE

*Ravi Zacharias*

**M**eu desafio nesta segunda apresentação será ressaltar os pontos de contato que ainda temos nesta cultura dessensibilizada em que vivemos. Selecionei como texto-base o capítulo 24 do livro de Atos. Paulo está a caminho de Roma. Mas aqui ele comparece diante de Félix para apresentar sua defesa. Tértulo, o advogado, concluíra seu discurso acusatório e lançara o desafio. Paulo responde assegurando a Félix que não violou nem a lei da terra, nem a de Deus. Ele afirma que o verdadeiro motivo da oposição de seu acusador é que ele, Paulo, tornara-se seguidor do Cristo ressurreto. Félix então se pronuncia com base no que ouviu:

Félix, porém, que era bem informado a respeito do Caminho, adiou a questão, dizendo: Quando o comandante Lísias chegar, decidirei a vossa causa. E ordenou ao centurião que Paulo ficasse detido, mas fosse tratado com brandura, permitindo que seus amigos o servissem.

Alguns dias depois, Félix chegou com sua mulher Drusila, que era judia, mandou chamar Paulo e ouviu-o acerca da fé em Cristo Jesus. E, discorrendo ele sobre a justiça, sobre o domínio próprio e sobre o juízo vindouro, Félix ficou com medo e respondeu: Basta por enquanto, retira-te! Eu te chamarei quando houver oportunidade. Ele também esperava que Paulo lhe oferecesse dinheiro; por isso o mandava chamar com mais frequência e conversava com ele. (v. 22-26)

Talvez muitos de vocês tenham lido o seguinte poema em um ou outro comentário, ou o encontrado em algum devocional. Infelizmente, não há certeza quanto à autoria dos versos. Fora isso, pode-se inferir com acerto que foram escritos por alguém no ministério cristão, ou muito próximo de alguém no ministério:

Quando Deus quer treinar um homem, entusiasmar um homem, capacitar um homem;  
Quando Deus quer moldar um homem para desempenhar o papel mais nobre;  
Quando Ele anela de todo o coração criar tão grande e valente homem  
Que ao mundo todo assombre;  
Observa-lhe os métodos, observa-lhe os caminhos.  
Como aperfeiçoa implacável a quem regamente elege.  
Como o forja e fere, e com golpes poderosos o converte  
Em formas experimentais de argila que só Deus entende,  
Enquanto seu coração torturado chora e suas mãos súplices se erguem.  
Como ele se curva, mas nunca quebra, quando de seu bem ele se encarrega.  
Como ele usa quem escolhe e com determinação o funde,  
E com atos poderosos o induz a experimentar seu esplendor.  
Deus sabe aonde quer chegar.

Quanto mais tempo me dedico ao ministério, mais reflito nas maneiras extraordinárias pelas quais Deus molda e modela os instrumentos que escolhe. Um ditado antigo afirma: “Aquele que molda as costas para o fardo também modela o fardo para as costas”. As Escrituras estão cheias de narrativas sobre o processo de modelagem divino. Deus criou José em um deserto a fim de usá-lo em um palácio. Criou Moisés em um palácio a fim de usá-lo em um deserto. Na passagem gloriosa do terceiro capítulo de Lucas, lemos: “No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, Pôncio Pilatos era governador da Judeia; Herodes, governante da Galileia; seu irmão Filipe, governante da região da Itureia e de Traconites; e Lisânias, governante de Abilene; Anás e Caifás eram sumos sacerdotes. Foi nesse ano que a palavra de Deus veio a João, filho de Zacarias, no deserto” (v. 1,2). Você ouviu bem isso? Sete personagens grandiosos pontuavam esse contexto histórico; contudo, a palavra de Deus veio a um homem meio estranho que usava roupas esquisitas e comia alimentos incomuns, designando-o para se apresentar diante do Herodes do seu tempo.

Certa vez, um repórter perguntou a Billy Graham: “Como pode haver tantos pregadores mais instruídos e mais capazes neste mundo, mas Deus escolher o senhor para se tornar o evangelista mundial?”. Dando vazão a sua humildade, Billy Graham respondeu: “Quando eu for para o céu, essa será a minha primeira pergunta para Deus”. Cada um de nós que fomos chamados a um papel privilegiado no ministério cristão vocacional fará a mesma pergunta a Deus. Você sente uma sensação gloriosa toda vez que Deus o usa. E sai de cada experiência se perguntando como isso é possível — que ele tenha pegado um vaso tão frágil e sujeito a falhas e de alguma forma produzido algo bom por seu intermédio. Paulo, creio eu, se via assim. Quanto à sua

conversão, ele se descreve como alguém nascido de maneira anormal, quase renunciando o que C. S. Lewis disse da própria conversão, quando se descreve como alguém que fora arrastado para dentro do Reino esperneando e gritando, “o mais [...] relutante convertido de toda a Inglaterra” (1955, p. 228-29). O apóstolo Paulo, parafraseado por um comentarista, narra o acontecimento em termos mais viscerais: “Fui arrancado, puxado para fora do ventre da minha mãe, o convertido mais irascível de toda a Palestina”. No entanto, Deus o levantou.

O pano de fundo biográfico de Paulo ajuda a colocar em perspectiva o processo de modelagem iniciado muito antes desse momento perante Félix. Ele era hebreu de nascimento. Cidadão de Roma. Vivia em uma cidade grega. Ao comissioná-lo, Deus disse a seu respeito: “[...] ele é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios, reis e israelitas; pois eu lhe mostrarei quanto lhe é necessário sofrer pelo meu nome” (At 9.15,16). Alguém poderia perguntar o que Paulo tinha de tão único. Um terço do Novo Testamento foi escrito por ele. Por sua determinação obstinada e sua resposta ao chamado de Deus, o mundo gentio haveria de ouvir as grandes novas do evangelho. Melhor ainda, o que Deus derramou sobre ele? E como entendemos os métodos que ele usou, dos quais ainda hoje podemos nos apropriar?

William Barclay, estudioso do Novo Testamento, sugere que, quando Jesus subiu aos céus, os cristãos deviam ser em número menor, aproximadamente na proporção de um para trinta mil. Alguns estudiosos contestam o número exato, mas ninguém sugere que a disparidade fosse algo menos do que humanamente insuperável. Não só os números surpreendiam pela desproporção como também as animosidades culturais eram profundas e veementes.

Ainda que vivamos nesta era pós-moderna caracterizada pela erradicação estridente dos significados compartilhados do passado, lembremo-nos de que não era mais fácil nos dias de Paulo. Ele enfrentou um desafio imenso também, particularmente em Corinto. O templo de Afrodite vomitava prostitutas às centenas todas as noites; de fato, Corinto era sinônimo de sensualidade e libertinagem. A autocondescendência errática e erótica de Roma grita das ruínas visíveis de Pompeia ainda hoje. A arrogância da erudição grega se evidencia em pontos decisivos da filosofia. Em meio a essas divergências surge Paulo, que agora comparece perante Félix. Apresento esse homem como modelo, porque ele tinha ao mesmo tempo integridade teológica e genialidade metodológica. Não separou o que Deus unira. O cenário é este, conforme descrito nas palavras de um comentarista:

Que contraste! Sentado no trono, Félix, pagão deslavado e empedernido. Um ex-escravo. Tornou-se um dos favoritos de Claudius, imperador que o elevou a

um alto posto. Ganância, crueldade e luxúria estampavam-se em seu semblante. Sua administração como procurador da Judeia era marcada por injustiça, extorsão e violência. Ao seu lado sentava-se a adorável judia Drusila, filha de Herodes Agripa. Fora casada anteriormente com um gentio que, para agradá-la, tornara-se judeu. Então Félix, com a ajuda dos encantamentos de um feiticeiro, conquistara-a do marido e agora vivia com ela em pecado e vergonha. Tudo que havia de desonroso para a raça humana estava representado nessa combinação entre Félix e Drusila, sentados no trono, à espera do pronunciamento de São Paulo. Diante deles, com correntes nos braços e o corpo exibindo as marcas de seus sofrimentos por Cristo, as vestes rústicas que ele tecera com as próprias mãos, contrastando com o veludo e o manto púrpura de Félix e de sua amante, postava-se o embaixador solitário de Cristo (Macartney, 1974, p. 142).

Não posso deixar de pensar em momento semelhante, quando madre Teresa se posicionou à frente de líderes do nosso tempo e dirigiu a palavra aos presentes, convidados a participar de um café da manhã de oração do presidente, em Washington. Essa mulher pequenina, de apenas um metro e alguns centímetros de altura, colocou-se diante de uma plateia de luminares do mundo todo e com ousadia suplicou pela proteção dos bebês no ventre das mães. Ela conclamou os líderes a se apiedarem dos mais fracos e demonstrarem compaixão pelos pequeninos. “Como podemos denunciar a violência”, perguntou, “quando somos os mais brutais com os mais indefesos?”. Muitos representantes da elite da mídia relataram que foi um momento bastante embaraçoso para o presidente, o vice-presidente e respectivas esposas, enquanto aquela mulher mansa e abnegada falava com convicção. Os “fracos” deste mundo confundiram os “fortes”. Assim era a cena séculos atrás, quando Paulo se apresentou perante Félix.

A primeira coisa que ele fez ao discursar na presença de Félix foi tocar no assunto da retidão. Os Guinness argumenta que se deve ter em mente no mínimo quatro estágios para a comunicação eficaz: identificação, tradução, persuasão e justificação. Primeiro, o comunicador se identifica com o ouvinte. Algum ponto deve encontrar ressonância no ouvinte. Depois, é preciso se certificar de que o conteúdo da comunicação está inserido no idioma daquele a quem a comunicação é voltada. Esse é o passo da tradução. A seguir, as ideias transmitidas necessitam conter um elemento de persuasão. Por fim, deve haver justificação, mostrando o motivo pelo qual as ideias apresentadas são mais dignas de serem aceitas do que qualquer variante ou refutação delas.

No primeiro passo, o da identificação, é crítico encontrarmos um ponto de referência e um território comum. Depois de anos em vários *campi* tentando transmitir

a beleza e a irrefutabilidade do evangelho, tenho observado algumas tendências. Houve um tempo em que o *argumento cosmológico* — que parte da causalidade e da Causa Primeira até o universo atual — era extremamente forte. Não há dúvida de que ele continua válido e até necessário, mas a receptividade a esse raciocínio tem sido embotada ao longo dos anos e pomposamente desgastada pelos cientistas naturalistas. Do uso incorreto dos argumentos de David Hume ao misticismo do *Big Bang*, os cosmólogos céticos escarnecem até de sua utilização legítima. Eles próprios presumem causalidade em todas as questões relacionadas a efeito; contudo, em se tratando da existência do Universo, ignoram a causalidade e não questionam o *Big Bang* como fariam com qualquer outro “*bang*” — “O que o causou?”. Em muitos cenários acadêmicos, portanto, chega-se a um beco sem saída, argumentando-se contra um preconceito irredutível.

Passamos então para o *argumento teleológico*, que parte do propósito e do *design* ao *Designer* e Criador. Mas falar sobre a complexidade especificada e sobre a inteligibilidade neste universo só provoca o desafio inevitável, já que os naturalistas obscurecem a todo momento a distinção entre *design* estético e *design* inteligente. Em defesa de um Criador há John Polkinghorne, da Universidade de Cambridge, em seu livro *O mundo dos quanta*<sup>1</sup>, e Michael Behe, que nos mostra no livro *Darwin's black box*<sup>2</sup> a complexidade irredutível da célula humana, a qual a evolução biológica não é capaz de explicar. A perícia de Behe no campo da bioquímica o leva a declarar de forma inequívoca que a macroevolução é impossível em termos bioquímicos. A essa afirmação, pensadores ateus como Richard Dawkins respondem com a acusação de “preguiça intelectual”. Convencido da existência de um “relojoeiro cego”, argumentam que de algum modo, em algum momento, descobrirão que o *design* é na verdade apenas fortuito — que qualquer coisa se pareceria com um *design* caso você a extraísse de uma miríade de possibilidades. Os argumentos que apresentam não só rebatem seus oponentes como, na verdade, vão contra as suposições deles próprios na vida. Entretanto, eles têm trabalhado duro para neutralizar o argumento do *design* como fizeram com o cosmológico.

Aonde ir então para encontrar um território comum? Refiro-me ao *argumento moral*, que debate a favor de Deus a partir da moralidade. Essa questão atrai o interesse da maioria das mentes, e até o pós-modernista luta com ela e se descobre em sérias dificuldades para fugir de suas garras. Os naturalistas tentam com bravura, inclusive neste exato momento em que escrevo, mostrar o quanto o nosso senso

<sup>1</sup>Edição em português: *O mundo dos quanta* (Mem Martins: Europa-América, 1984).

<sup>2</sup>Edição em português: *A caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução* (Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997).

moral tem evoluído pouco a pouco. Novos artigos estão sendo escritos sobre a bio-gênese da ética. Mas a questão que defendo é: aonde quer que se vá mundo afora, quando se toca nas dores de parto do argumento moral, as pessoas ouvem. Quer estejam em Bombaim, quer em Nottingham, Harvard ou Princeton, os estudantes ouvem com atenção quando esse assunto é tratado. Na edição do último mês da *Atlantic Monthly*, um eticista quis desferir um golpe certo em nosso senso moral ao dizer que agora podemos explicar a ética inteiramente com base na biologia. Tentativa débil, com certeza, mas um movimento desesperado com o intuito de afastar o último argumento palpitante no interior da estrutura humana. Esforçam-se muito querendo formular uma resposta racional para a questão de como a ética objetiva pode de alguma forma existir sem uma realidade transcendente. Lutam com isso, e essa luta é evidente.

Poucos anos atrás, dei uma palestra no Centro de Estratégia Geopolítica em Moscou. Foi uma reunião de três horas bastante difícil. Havia sete generais sentados ao meu redor. Minha esposa me acompanhava, bem como um dos meus colegas. A nossa volta, ateus me lançavam suas perguntas de maneira sistemática e intensa. Ao entrar naquele prédio, tive uma sensação de pequenez em razão de seu tamanho — oito andares para cima, quatro para baixo do nível da rua. Mais que o tamanho, no entanto, impressionava seu papel na história da nação. Ali fora forjada a mentalidade da antiga União Soviética. Todos os grandes nomes do país haviam se formado ali.

Dividimos a mesa com membros do corpo docente de aparência tão austera quanto a imaginação evocava com base em fotografias. O interrogatório incisivo parecia implacável e inabalável. Mas então chegou a hora do intervalo. No esforço de desarmá-los daquela exaltação oficial de si mesmos, perguntei-lhes por que seus jovens se encontravam em um estado tão desesperador, se sua ideologia era tão eficaz quanto pretendia ser. Eu queria saber por que eles se mostravam tão incapazes de convencer o coração a respeitar a vida depois de décadas de doutrinação em igualitarismo? Então, quando compartilhei a história da minha conversão a partir de um leito de suicida, foi como se as escamas comessem a lhes cair dos olhos.

Naquela noite, minha esposa e eu jantamos com o principal historiador do país. Fomos a um restaurante de aparência muito simples, onde fizemos a refeição juntos. Inclinei-me para frente e disse: “General, tenho uma pergunta a lhe fazer. O senhor já leu a história de Joseph Stalin? Como o senhor sabe, ele estudou em um seminário, depois abandonou a fé e resolveu extirpar Deus completamente do meio do seu povo”.

Contei-lhe então a seguinte história: “Stalin jantava com uma mulher estrangeira em visita ao país. No decorrer da conversa, ela perguntou quanto tempo ele

esperava que seu povo o seguisse enquanto ele o torturava implacavelmente. Stalin não respondeu. Pediu ao garçom que trouxesse um frango vivo; prendeu a ave viva debaixo do braço enquanto a depenava. Depenou-a totalmente e então a pôs no chão. Em seguida, pegou um pedaço de pão e agitou-o. O frango se aproximou dele mancando e aninhou-se entre as pernas de suas calças. Stalin se curvou segurando o pedaço de pão, e o frango começou a bicá-lo. Encarando de novo sua interlocutora, ele disse: ‘Madame, a senhora viu isso? Infligi uma dor enorme a este frango. Ele me seguiria pelo resto da vida para obter comida. O povo é como esse frango. Você lhe impõe dor, e ele a seguirá pelo resto da vida’. O que o senhor acha dessa história, general?”.<sup>3</sup> Fiz uma pausa e aguntei firme o silêncio que se seguiu.

O homem não conseguiu vencer as lágrimas, que lhe inundaram os olhos, e seus lábios tremiam enquanto ele balançava a cabeça. Ele sabia o que testemunhara no próprio país. Ao longo de sete décadas, o legado de uma filosofia disfarçada de filosofia para o homem comum reduzira a vida a um refugio. É curioso, no entanto, que mesmo em uma nação atea, a lei moral ainda espicaçasse como um alfinete o coração que sangra em silêncio. Mesmo que se pretenda lutar contra isso, parecem faltar palavras.

Quando madre Teresa acabou de falar em Washington, a plateia inteira, composta de centenas de pessoas, levantou-se para aplaudi-la. O presidente, o vice-presidente e as respectivas esposas não se colocaram de pé, porque a questão representava um claro desafio à visão deles. De modo que permaneceram sentados sobre a plataforma enquanto a plateia se levantava. Philip Yancey, que entrevistou o presidente na limusine presidencial depois que tudo acabou, fez o seguinte comentário: “Antes de darmos adeus ao presidente, perguntei: ‘Presidente Clinton, o que o senhor achou do que madre Teresa disse hoje?’. O presidente parou e depois de alguns instantes respondeu: ‘É muito difícil argumentar contra uma vida vivida de maneira tão bela’”.

Nos últimos instantes deste século, quando restam somente vestígios da lei moral, é de importância vital chegar de alguma forma ao que nos resta a fim de encontrar um território comum. Paulo nos mostra como e por que se agarrou a isso como seu primeiro ponto de entrada. É evidente que ele argumenta com um homem iníquo sobre a retidão. Fala com um romano. Tem consciência de que algumas concepções de moralidade não eram as mesmas. Mas imagine comigo por um momento como ele deve ter apresentado a questão.

Paulo era hebreu de nascimento, um cidadão romano vivendo em uma cidade grega. Para os hebreus, o ideal era simbolizado pela luz: “O Senhor é a minha luz

<sup>3</sup>Relato por Joyce Barnathan e Steven Strasser em *Newsweek*, 27 de junho, 1988.

e a minha salvação”. “Esta é a luz que ilumina todo homem que vem ao mundo.” “O povo que estava em escuridão viu grande luz.” Para os hebreus, essa era a síntese de todo ideal. Para os gregos, o ideal era o conhecimento — *episteme* — palavra que significa o saber, a compreensão da verdade, da qual deriva o termo *epistemologia*. O legado deles é a academia. A filosofia, o amor à sabedoria, encontra suas raízes no pensamento grego. Para os romanos, o ideal era a busca da glória. Dizia-se que Roma era uma cidade que não fora construída em um só dia, para a qual todos os caminhos convergiam — a glória de Roma. A cidade sobre a qual Agostinho chorou enquanto os bárbaros escalavam seus muros e a saqueavam. Com base na destruição daquela que ele acreditava ser uma cidade eterna, ele escreveu sua obra imortal, *A cidade de Deus*. Para os hebreus, a luz; para os gregos, o conhecimento; para os romanos, a glória.

Ali estava um homem produto dessas três culturas. Como ele articula todas as três? Escrevendo à igreja em Corinto, ele diz o seguinte: “Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, foi ele mesmo quem *brilhou* em nosso coração, para iluminação do *conhecimento* da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6, grifos do autor).

Uma face. Uma face como foco de tudo que o melhor dos ideais humanos poderia ter perseguido. A luz da luz, a fonte de toda verdade e a glória suprema.

Durante minha infância na Índia, havia um homem que trabalhava em nossa casa. Vinha de uma aldeia, e a vida na cidade grande, com tudo o que oferecia, era estranha para ele. Um dia, minha mãe lhe deu uns trocados para ir ao cinema. Ele nunca havia visto um filme. Ela o orientou sobre como comprar o ingresso e que havia um lanterninha para auxiliá-lo a encontrar um assento. Ele se vestiu todo, lustrou os sapatos e lá se foi. Chegou atrasado, comprou o ingresso e entrou. Estava tudo escuro e ele só conseguia enxergar os feixes de luz provenientes da parede dos fundos. E ficou ali, parado alguns instantes, encantado com as partículas de luz que brotavam das pequenas aberturas na parede. Achou maravilhoso, e de fato isso o entreteve durante uns poucos instantes fugazes, até perceber que o som vinha da direção oposta. De modo que resolveu se virar. De repente viu a tela tomada por um rosto e uma cena, que condizia com o som, contava a história. Soltou um grito de alegria de proporções arquimedianas. Na verdade, causou tamanho tumulto que um dos lanterninhas precisou se aproximar e mandar que se sentasse.

Para mim, essa é uma ilustração perfeita da busca humana — pensar que, em nossas minúsculas partículas de informação, encontramos o que buscávamos. Mas então, todos os nossos esforços, façanhas e anseios são como feixes de luz, encontrando expressão completa em uma face: *a face de Jesus Cristo*. Para Paulo, a retidão deixara de ser uma ideia ou uma conquista para ser uma personificação e uma imputação decorrente desse reconhecimento. Quanto temos a aprender com essa mensagem!

Em toda a nossa volta ouvimos retumbar a palavra *moralidade*. Sim, precisamos ser um povo moral. A moralidade, contudo, é um fruto, não uma árvore. A árvore está enraizada na retidão de Cristo, de quem vem a seiva para produzir o fruto da pureza moral. Faço um desafio a você: ao pregar sobre a retidão, ao chamar as pessoas para o bem, não pare na moralidade apenas, porque uma nação pode estar moralmente perdida tão facilmente quanto imoralmente perdida. Em última análise, você deve apontar para o ponto máximo da retidão: nosso senhor Jesus Cristo. A retidão, ou moralidade, ainda é um ponto de referência, mas a palavra é vazia sem Cristo como referente. A propósito, por isso C. S. Lewis tem sido um dos maiores apologistas deste século. Ele compreendeu bem que o senso moral inabalável no seio de toda cultura só fazia sentido pela invocação do “Leão da tribo de Judá”.

Paulo passa de um ponto de referência para um ponto de relevância. Fala a Félix sobre domínio próprio. Você acha que Félix precisava ouvir sobre esse assunto? Vivendo com uma moça de 16 anos, a qual conquistara por meio dos encantamentos de um feiticeiro, seria difícil considerá-lo um homem com as paixões em ordem. Ela era esposa de outro homem quando Félix planejou roubá-la. Ele próprio fora casado várias vezes. Detentor do poder de um rei, ainda tinha a mente escravizada pela sensualidade e pelo poder. Com dignidade e habilidade, Paulo lhe falou sobre domínio próprio, um ponto de relevância para aquele homem.

As Escrituras Sagradas estão repletas de pontos de relevância desse tipo, que surgem sempre que Deus fala a uma nação ou a indivíduos. Poucos dias atrás, acompanhado de minha esposa e de alguns amigos, sentei-me em uma encosta da antiga Laodiceia, na Turquia. Abrimos a Bíblia e lemos Apocalipse 3. Laodiceia era conhecida por três ou quatro fatos. A cidade era rica e seus habitantes se vangloriavam disso. Nela floresciam duas indústrias: a têxtil e a de vestuário. Os moradores do lugar eram conhecidos pelo unguento para os olhos que elaboravam e vendiam para muitas partes do mundo. E era ainda um destino popular entre os visitantes em razão das fontes de água quente em Hierápolis. Conhecida pela riqueza, pelos produtos têxteis, pelo unguento para os olhos e pelas fontes de água quente — o que a Palavra de Deus diz para o povo da cidade por intermédio da revelação concedida a João? “Você se acha rica, mas na verdade é muito pobre. Venha comprar de mim ouro para que eu a possa vestir de linho branco, e ungir seus olhos para que possa ver, pois não é nem quente, nem fria.” Você acha que eles compreenderam o que isso queria dizer? A relevância!

Com o mesmo tipo de relevância, Deus falou a Sardes, conquistada enquanto seus soldados dormiam. Deus disse à igreja de Sardes: “Permaneça em seu posto de vigia! Permaneça em seu posto de vigia!”

Onde está o ponto de relevância em nossos dias? Creio que seja na fome de amor. Mesmo alguém tão intimidante do ponto de vista intelectual quanto Bertrand Russell disse que o amor era uma fome não satisfeita em sua vida. Quando digo isso, tenha em mente que meu ministério com frequência me leva para a arena da argumentação. Costumo ser obrigado a lidar com argumentos e contra-argumentos. Mas agora, depois de duas décadas e meia de ministério, algumas verdades brotam com mais clareza, mais beleza, mais persuasão em minha mente. Como cristãos, fazemos uma afirmação espantosa: reivindicamos possuir uma verdade exclusiva. Em uma sociedade que, além de não acreditar em uma metanarrativa ou em exclusividade, rejeita a noção de verdade objetiva, nossa afirmação é monumental. Proclamamos um só caminho para Deus — Jesus, o Caminho, a Verdade e a Vida. Ao reivindicarmos a verdade em termos tão radicais, é imperativo que essa verdade esteja embasada no amor. Se não for sustentada pelo amor, ela torna odioso o detentor dessa verdade e o dogma, repulsivo. Acredito ser vital que entendamos isso.

Dois anos atrás, quando minha esposa e eu fomos para Honolulu com o intuito de passar alguns dias a sós, lembrei-me da história do célebre missionário Joseph Damien, conhecido como Damien de Molokai. A ilha é uma dos lugares mais belos do mundo. Mas Damien, belga de nascimento, deixou sua terra natal não porque buscasse um cenário paradisíaco, mas por querer ministrar aos habitantes da ilha, deportados para aquele local por terem contraído lepra. Todas as ilhas havaianas jogavam seus leprosos em Molokai, visto que as pessoas temiam o contágio e desconheciam completamente qualquer possibilidade de cura. Ali, em uma terra de grande beleza, os assolados por essa enfermidade terrível viviam aprisionados pelas maiores falésias do mundo. Até hoje, embora o número de leprosos agora seja menor em razão da cura, os visitantes não podem visitar a ilha impulsivamente. É necessário obter uma permissão especial, o que conseguimos fazer. Que dia memorável foi aquele!

Nesse cenário, Joseph Damien dedicou a vida àquelas pessoas. Adotou-as. Amou-as. Deu a vida por elas no sentido literal da expressão. Uma manhã, ao despejar um pouco de água fervente em uma xícara, a água transbordou e caiu em seu pé descalço. Isso o despertou do modo mais rude possível para o fato de que nada sentira. Pegou então mais um pouco de água fervente, derramou sobre o outro pé e tampouco teve qualquer sensação. Os desdobramentos do incidente apavoraram-no. Aprontou-se, subiu ao púlpito e nenhum dos presentes soube por que ele mudou sua fala de abertura. Sempre iniciava seu sermão dizendo: “Meus companheiros de fé”. Naquela manhã, no entanto, ele começou dizendo: “Meus companheiros de lepra”. Era um deles agora.

Antes de partirmos, entramos na livraria e vimos o retrato de uma bela jovem na capa de um livro. Seu nome era Olivia. O livro contava sua história. Folheei as páginas e vi como a enfermidade a desfigurara e deformara seu corpo ao longo dos anos. Uma coisa pavorosa de se ver. Meus olhos foram atraídos por uma carta que ela escrevera para o famoso ator Alan Alda. Em linhas gerais, suas palavras diziam o seguinte: “Em minha vida solitária e vil, poucas coisas me agradam. Uma delas é assistir a seu programa de TV M\*A\*S\*H. Mas, sr. Alda, o episódio de hoje me perturbou muito esta noite. Em uma de suas típicas tentativas de fazer graça, o senhor olhou para seus companheiros e, comentando a bagunça no quarto, disse: ‘O que vocês pensam que são? Um bando de leprosos vivendo em colônia?’. Sr. Alda, por favor, nunca mais diga nada parecido com isso de novo. Aqueles que têm lepra não são leprosos. Somos pessoas que contrairam lepra”.

Quando vínhamos embora, olhei para nossa guia e disse:

— Estou vendo um marco indicando o túmulo de Joseph Damien. Ele está mesmo enterrado aqui?

— Não, senhor. Damien está enterrado em seu país de origem, a Bélgica — ela respondeu. — O governo exigiu que seu corpo fosse trasladado para lá.

Mas o povo de Molokai escreveu e suplicou para que mandassem seu corpo de volta, pois eram o povo que encontrara vida graças a ele. No entanto, o governo belga o via como um de seus grandes heróis e quis mantê-lo no país. De novo, os moradores de Molokai escreveram: “Será que vocês poderiam considerar a possibilidade de nos mandar ao menos parte do corpo dele, alguma lembrança de sua presença física, que possamos enterrar aqui?”. As autoridades então seccionaram o braço direito do cadáver, que foi enterrado em Molokai. Era o braço que fora estendido a um povo expulso do convívio com a sociedade dominante.

Enquanto embarcávamos no pequeno avião para partir, comentei com minha esposa: “Não é uma ilustração impressionante? A lepra dessensibiliza a pessoa da sensação do toque. Mas não dessensibilizou esse povo para o braço estendido do amor”.

É muito interessante perguntar a pessoas recentemente convertidas a Cristo — que se converteram de uma das principais religiões do mundo — por que, humanamente falando, sentiram-se atraídas por Cristo. A resposta costuma ser uma de duas respostas previsíveis. Ou porque houve uma intervenção sobrenatural em suas vidas, ou porque um cristão se importou o bastante para estender a mão em direção a eles por meio da própria vida e exemplo. O miraculoso, vale notar, “opera” dentro da cosmovisão filosófica que essas pessoas têm dos mensageiros angelicais. O alcance de amor opera dentro da estrutura de sua necessidade existencial. Para muitas delas, por mais estranho que pareça, a apologética funciona *depois* da

conversão, à medida que são desafiadas por quem as acusa de se renderem a um “sistema falso de crença”.

Em meio a toda proclamação, não deixemos de amar as pessoas a quem ministramos. Uma das coisas que tenho aprendido é que o opositor lhe agradecerá por ser paciente e gentil, não por ser hostil ou combativo. As plateias o ouvem pela cortesia, porque anseiam por um ponto de relevância em um mundo em que muitos têm fome de pertencer e de experimentar o amor. O pós-modernismo tem sido classificado por alguns como “uma estrutura de sentimento”, e essa caracterização fornece à igreja tanto um dilema quanto uma solução. O próprio Deus fala em termos carregados de emoção.

A necessidade sentida não pode ser ignorada, mas é importante que, tendo encontrado um campo comum, alcancemos um patamar mais elevado da verdade, não só o da emoção. Com esse intuito, há uma narrativa por trás do amor. O amor não vem desacompanhado de uma história por trás de si ou à sua frente. A história é um ponto de contato fascinante, mas é uma história fundamentada na verdade. Não me surpreende em absoluto que, em diversos embates, Paulo pare um momento para contar a própria história, porque ela aponta para a história do evangelho. A verdadeira história — a narrativa, a ilustração — pode liberar mais emoções reprimidas e traduzir para alguém melhor do que qualquer argumento seria capaz.

Através de um ponto de relevância, Paulo nos conduz de um ponto de referência a um ponto de inquietação. Seu desafio final a Félix acontece quando ele lembra aquele mesquinho rei de que há um juiz de toda a terra. O autor Os Guinness, no livro que escreveu com John Seel, *No god but God* [Nenhum deus senão Deus], diz: “É a verdade que dá relevância à ‘relevância’, assim como a ‘relevância’ se torna irrelevante se não tiver relação com a verdade” (1992, p. 169). Uma advertência importante a ser lembrada, muito mais ainda em meio a essa mentalidade pós-moderna em que a verdade é substituída pela “relevância”. Não há em Paulo a menor inclinação de fugir da parte difícil de sua mensagem. Ele poderia ter se atido aos aspectos mais palatáveis do evangelho. Para esse instrumento escolhido por Deus, no entanto, o evangelho também tem a dimensão pouco convidativa do juízo.

Compreendida adequadamente, a perspectiva do juízo constitui parte importante do processo de nos resgatar da própria autodestruição. Há pouco tempo recebi a carta de uma nova cristã, estudante de uma sofisticada universidade estrangeira. Ela dizia que, ao ler sobre a cruz, sempre se punha de joelhos e chorava pensando no amor de Cristo. Mas sempre que lia sobre o inferno, enfurecia-se contra Deus. Isso me pareceu muito interessante. Ler sobre a cruz sem avistar o inferno é não a compreender em absoluto.

De modo que, mais uma vez, somos lembrados que toda a genialidade de Paulo em termos de sua metodologia não o privava da responsabilidade pela integridade teológica. Mas então, poderíamos perfeitamente perguntar, por que essa abordagem? Por que esse caminho para chegar a Félix? Por que a justiça, o domínio próprio e o juízo? Talvez por serem os tempos verbais da fé cristã? O *passado* do pecado de toda pessoa combatido com a justiça de Cristo? O *presente* da tentação confrontado pela força do domínio próprio no interior do crente? O *futuro* do juízo assegurado por Deus? Ou seria em razão das três pessoas da Trindade Santa? O Filho, que nos conduz à justiça; o Espírito Santo, que nos concede o domínio próprio; e o Pai que, no juízo, oferece misericórdia? Ou talvez Paulo estivesse pensando mais na promessa do Espírito Santo apresentada em João 16.8-11, em que Jesus diz: “E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo”.

Pendo para a última dessas explicações. Paulo sabia o que o Espírito Santo prometera abençoar. O convencimento do pecado é prerrogativa do Espírito. Quem transmite o evangelho encontra conceitos que o ouvinte considerará persuasivos, mas a transformação de descrença em crença só é legítima quando Deus a produz, não nossa eloquência ou genialidade. O apologista poda os arbustos a fim de que o ouvinte possa dar uma boa olhada na cruz, e o Espírito engendra a transformação no coração do indivíduo.

O que aconteceu a seguir nesse encontro é fascinante! Félix manteve Paulo por perto durante algum tempo, para ver se ele lhe proporia um suborno. Você percebe o que está se passando aqui? Qual seria a conclusão de Félix caso Paulo tivesse tentado suborná-lo? Ele repudiaria a mensagem sobre a justiça como puramente teórica! Exporia a oferta de Paulo de domínio próprio como fraude. Zombaria da advertência de Paulo quanto ao juízo chamando-a de hipocrisia. Em suma, as alegações fundamentais que o mensageiro colocara diante do cético estavam agora sendo testadas no próprio mensageiro.

Marie Chapiro, em seu livro *Of whom the world was not worthy* [Dos quais o mundo não era digno] fala de um evangelista chamado Yakov que estava dando seu testemunho a um homem mais velho, de nome Cimmerman. Esse senhor sabia bastante sobre a igreja e a política e desprezava a hipocrisia que enxergara na igreja. Quando Yakov falou com ele do amor de Cristo, Cimmerman respondeu:

— Não me fale de Cristo! Vê os sacerdotes que andam por aí com seus mantos e paramentos, e a grande cruz que usam no peito? Conheço-os bem. São gente violenta. Abusam do poder que têm. Não me fale de Cristo! Sei o que é vê-los matar nossa gente, incluindo alguns dos meus parentes.

Yakov parou um instante e então disse:

— Cimmerman, posso lhe fazer uma pergunta? Se eu roubasse seu casaco e suas botas, vestisse-os e em seguida arrombasse um banco e levasse todo o dinheiro? Eu seria perseguido pela polícia, mas vamos imaginar que eu escapasse dela. O que você diria se a polícia batesse em sua porta e o acusasse de roubar o banco?

— Eu negaria porque não fiz nada disso — Cimmerman respondeu.

— Ah! Mas e se eles dissessem que reconheceram seu casaco e suas botas de longe? Só podia ser você que entrou no banco para roubar!

— Yakov, me deixe em paz — Cimmerman disse. — Sei onde está querendo chegar. Não quero participar dessa discussão.

Yakov foi embora, mas continuou voltando apenas para viver o amor de Cristo diante do velho homem. Por fim, um dia, Cimmerman pediu:

— Yakov, me conte sobre esse Cristo que você ama tanto e por quem vive. Como posso conhecê-lo?

Yakov lhe contou como entregar a vida a Cristo. Cimmerman ajoelhou-se, com Yakov, no terreno do lado de fora de sua casa e recebeu a Cristo em sua vida. Levantando-se então, abraçou Yakov e disse:

— Obrigado por fazer parte da minha vida! O casaco de Cristo fica muito bem em você.

Na manhã seguinte ao término do meu fórum aberto na Universidade de Iowa, um dos organizadores nos contou uma conversa que tivera com uma médica que trouxera consigo na noite anterior, uma cética declarada. Enquanto sua esposa levava a médica de carro de volta para casa, olhou para ela e perguntou:

— O que você achou desta noite?

— Muito convincente — a mulher respondeu. — Fiquei tentando imaginar como será o palestrante em sua vida pessoal.

Nossa cultura necessita de uma apologética que não seja argumentativa apenas, mas também vivida. É preciso haver paixão na comunicação. Deve haver em primeiro lugar uma realidade sentida além do cognitivo, cativando a emoção do ouvinte. Em segundo lugar, deve ser uma apologética não só que se ouve, mas também que se vê. Vivemos em um contexto em que se ouve com os olhos. Tanta coisa tem acontecido ao longo dos últimos anos para desabonar os mensageiros do evangelho que ver será de fato precursor de crer.

Por fim, necessitamos de uma apologética que resgate tanto os fins como também os meios. Lamento a perda da força linguística em nosso tempo. Jacques Ellul acerta ao descrever esta cultura como a responsável por humilhar a palavra; perdemos a beleza na linguagem. Alexander Pope descreveu a conversão da água em vinho: “A água, consciente, viu seu mestre e corou”. Mil imagens não fariam melhor em nosso favor do que essa representação por palavras.

Nossa mentalidade pós-moderna não só tem atribuído às palavras um valor menor, mas também tem perdido o esplendor das possibilidades existentes na comunicação verbal. Em sua carta, o apóstolo Pedro registra um merecido lembrete a todos os que tendem a se preocupar com a questão da experiência e perdem de vista a questão do propositivo. Ele próprio vivenciara um dos maiores espetáculos já concedidos aos olhos humanos. Fora testemunha da transfiguração do nosso Senhor e vira Moisés e Elias descerem naquele evento da maior relevância. A fugaz visão do eterno subjugou-o de tal modo que ele desejou fincar residência naquele monte e nunca mais retornar à insipidez da existência ordinária. No entanto, esse mesmo Pedro, em sua epístola, nos adverte a permanecermos firmes em nosso compromisso porque “temos ainda mais firme a palavra profética” (2Pe 1.19). A palavra escrita tinha uma realidade mais eterna do que a euforia momentânea de uma experiência única.

No princípio não era o vídeo. No princípio era o Verbo. A uma geração para a qual vida e sentimento se tornaram indissociáveis, que maravilha trazer a resposta em que vida e palavra se tornam inseparáveis, mais ainda quando a Palavra se tornou carne e habitou entre nós, cheia de graça e de verdade.

## Referências

- BEHE, Michael. 1996. *Darwin's black box* (New York: Free Press).  
\_\_\_\_\_. *A caixa preta de Darwin* (Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997). Tradução de: Darwin's black box.
- CHAPIAN, Marie. 1978. *Of whom the word was not worthy* (Minneapolis: Bethany).
- GUINNESS, Os; SEEL, John. 1992. *No god but God* (Chicago: Moody Press).
- LEWIS, C. S. 1955. *Surprised by Joy* (New York: Harcourt, Brace and World).  
\_\_\_\_\_. *Surpreendido pela alegria* (São Paulo: Mundo Cristão, 2000). Tradução de: Surprised by Joy.
- MACARTNEY, Clarence E. 1974. *Bible epitaphs* (Grand Rapids: Baker).
- POLKINGHORNE, John. 1989. *The quantum world* (Princeton: Princeton University Press).  
\_\_\_\_\_. *O mundo dos quanta* (Mem Martins: Europa-América, 1984). Tradução de: The Quantum word.



# SEGUNDA PARTE

**O desafio**



## CAPÍTULO 3

---

# POR QUE O PLURALISMO RELIGIOSO É ENGRAÇADO — E PERIGOSO?

*Harold A. Netland e Keith E. Johnson*

**E**ra tarde da noite. Jim e Bill estavam no dormitório, entretidos em uma conversa sobre religião. Embora a princípio se interessasse bastante pelo testemunho impressionante de Jim sobre como seu relacionamento com Cristo lhe transformara a vida, Bill se sentia cada vez mais incomodado à medida que a conversa começava a se concentrar em versículos como João 14.6 e Atos 4.12. Jim continuava explicando em tom gentil, mas insistente, que as Escrituras deixam claro que Jesus Cristo é o único salvador de todos os povos. De repente Bill o interrompeu:

“Ora, Jim, seja razoável. Fico contente em saber que o cristianismo funciona para você, e acho mesmo que Jesus disse algumas coisas boas. Mas como é possível alguém hoje em dia acreditar que só existe uma religião verdadeira? Basta ver todas as pessoas boas de outras religiões. Por que vocês, cristãos, têm de ser tão bitolados e intolerantes?”

Por trás da reação de Bill ao que Jim falava, há um modo peculiar de pensar a relação entre o cristianismo e outras religiões, o qual tem hoje enorme popularidade. O conjunto de hipóteses e valores que moldam a resposta de Bill faz parte de uma perspectiva mais ampla, conhecida como “pluralismo religioso”. Resta pouca dúvida de que esse modo de pensar os assuntos religiosos propõe algumas das questões mais significativas e controversas enfrentadas pela igreja cristã em nossos dias. A frequência e a intensidade com que a objeção de Bill se expressa atualmente servem de indicativos da dificuldade que muitos têm de aceitar a ideia de que só há uma perspectiva religiosa verdadeira e um Salvador para todos os povos de todas

as culturas. Isso representa um problema evidente para o evangelismo, mas as dificuldades também se encontram dentro da igreja, em vista do crescente número de cristãos professos que lutam com os ensinamentos exclusivos do cristianismo. Em posição de destaque na agenda da igreja para as próximas décadas deve estar a elaboração de uma resposta teologicamente sólida e culturalmente sensível às questões do pluralismo.

Contudo, a fim de responder de maneira adequada, devemos primeiro entender a natureza dos desafios e os fatores que geram um contexto cultural em que o pluralismo religioso parece ser tão plausível. Isso porque a ideologia do pluralismo religioso não surgiu do nada. As “estruturas de plausibilidade”<sup>1</sup> que dão sustentação ao pluralismo são produto de muitos séculos de profundas transformações intelectuais e sociais. Neste ensaio, consideraremos brevemente a maior abertura que encontramos dentro da comunidade cristã em relação a outras religiões, examinaremos alguns fatores subjacentes ao apelo contemporâneo do pluralismo e então sugeriremos algumas maneiras pelas quais os cristãos poderiam responder aos desafios suscitados pelo pluralismo religioso. Ao fazê-lo, exploraremos tanto as discussões teóricas levantadas quanto nossa própria experiência prática ao tratar com o pluralismo.

## MUDANÇA DE PERSPECTIVAS SOBRE OUTRAS RELIGIÕES

Em anos mais recentes, surgiu um volume enorme de literatura sobre o assunto do cristianismo e as outras religiões, e tornou-se habitual distinguir três grandes paradigmas para compreender a relação da fé cristã com as demais: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo.<sup>2</sup> Essa taxonomia pode ser útil para separar as diversas perspectivas sobre as outras religiões, no entanto tende a ser um pouco enganosa, pois a complexidade crescente da discussão dificulta o enquadramento perfeito da posição de alguns pensadores em um único paradigma. Talvez seja melhor não pensar nesses paradigmas como três categorias muito distintas e mutuamente excludentes, mas, sim, como três pontos de referência identificáveis em um *continuum* mais amplo de perspectivas, havendo continuidades e descontinuidades em várias questões ao longo desses paradigmas, dependendo do problema específico que se considera.

Em termos bem amplos, podemos dizer que a perspectiva tradicional do cristianismo até meados do século 20, tanto católica romana quanto protestante, tem sido o que se costuma chamar de “exclusivismo”. O termo em si é pejorativo, com

<sup>1</sup>Essa expressão, que vem de Berger, 1967, refere-se a um conjunto de fatores que cooperam para que uma crença ou prática pareçam plausíveis a certo grupo de pessoas em determinado contexto.

<sup>2</sup>É possível encontrar boas discussões introdutórias sobre pluralismo religioso, escritas a partir de diversas perspectivas, em Clendenin, 1995; D’Costa, 1986; Knitter, 1985; Netland, 1991.

conotações bastante negativas, introduzido inicialmente por aqueles que rejeitavam essa posição em favor de abordagens mais afáveis para com outras religiões. Assim, seguindo vários evangélicos recentes, usaremos o termo “particularismo” em vez de “exclusivismo” para nos referir a essa posição tradicional (Okholm e Phillips, 1996, p. 15-7). O *particularismo* pode ser definido em termos teológicos pelos seguintes princípios: (1) a Bíblia é a única revelação escrita de Deus, verdadeira e inteiramente revestida de autoridade, de modo que, quando as afirmações das Escrituras forem incompatíveis com as de outras crenças, estas últimas deverão ser rejeitadas; (2) Jesus Cristo é a única encarnação de Deus, plenamente Deus e plenamente homem; (3) somente através da pessoa e obra de Jesus existe a possibilidade de salvação; (4) a graça salvadora de Deus não é mediada por ensinamentos, práticas ou instituições de outras religiões. É evidente que tradições cristãs diferentes articulariam um ou mais desses pontos com alguma leve variação, mas, no geral, algo parecido com esses quatro princípios tem moldado as perspectivas cristãs sobre outras religiões até tempos recentes.

Deveríamos observar vários detalhes relacionados a essa posição. Primeiro, apesar de estereótipos populares retratarem o contrário, não há motivo para supor que os particularistas sejam incapazes de demonstrar sensibilidade cultural e a devida tolerância para com pessoas de outras tradições religiosas. Além disso, o particularismo não insinua que todas as crenças das religiões não cristãs sejam falsas ou que não haja nada de valor nas outras religiões. Por fim, o particularismo, como definido acima, deveria ser distinguido do que Clark Pinnock chama de *restritivismo* — a visão de que só quem ouve o evangelho de Jesus Cristo e responde em fé de maneira explícita a Cristo nesta vida pode ser salvo (1992, p. 14, 15). A questão do destino daqueles que nunca ouvem o evangelho sempre foi controversa e incômoda para os cristãos sensíveis, e uma multiplicidade de respostas tem sido proposta por aqueles que, num sentido amplo, enquadram-se no paradigma particularista.<sup>3</sup> Nas discussões do pluralismo, é muito comum que os evangélicos se concentrem na questão do destino dos não evangelizados, como se essa fosse a única questão suscitada pelo pluralismo. Por mais significativa que seja, no entanto, esta é somente uma entre todas as questões que se originam do pluralismo e pedem resposta.

<sup>3</sup>Outra forma de comunicar isso é dizer que todos os restritivistas são particularistas, mas nem todos os particularistas são restritivistas (veja Okholm e Phillips, 1996, p. 19-20). Para visões restritivistas, veja Piper, 1993, cap. 4; Richard, 1994; Nash, 1994; Geivett e Phillips, 1996. Entre os particularistas evangélicos que se distanciam do restritivismo, mas que, no entanto, não abraçaram o paradigma inclusivista, estão John Stott (Edwards e Stott, p. 320-329, 1988; Stott, 1985, p. 83); McGrath, 1996; Erickson, 1975, 1996; Packer, 1990b, p. 123; e Clendenin, 1995.

Feitas essas advertências, todavia, podemos dizer que algo muito parecido com o paradigma particularista predominou no cristianismo até o início do século 20. Visões mais benevolentes em relação a outras religiões foram se tornando cada vez mais aceitas entre os protestantes no final do século 19 e início do 20. Não foi senão depois do Concílio Vaticano II (1962-65) que mudanças drásticas na visão de outras religiões passaram a ser amplamente aceitas no catolicismo romano. Essas mudanças recentes, que se afastam do particularismo e seguem em direção a perspectivas mais abertas acerca das outras religiões, têm sido rotuladas de “inclusivismo”.

O *inclusivismo* pode ser definido em termos dos seguintes princípios: (1) há um sentido em que Jesus é único, normativo ou superior a outras figuras religiosas; (2) de certa forma, a salvação se torna possível através de Jesus Cristo; (3) a graça e a salvação divinas, de algum modo baseadas em Jesus Cristo, também estão disponíveis através de outras religiões; (4) assim, no geral, outras religiões devem positivamente ser consideradas como parte dos propósitos divinos para a humanidade. Essas declarações são deliberadamente vagas, pois há enorme diversidade de opiniões entre os inclusivistas a respeito de muitas questões, incluindo a de que maneira exata Jesus é normativo ou superior a outras figuras religiosas, ou o que se quer de fato dizer por “salvação” e qual é sua relação com a pessoa e obra de Jesus. Contudo, o traço distintivo do inclusivismo é o desejo de manter, em certo sentido, o caráter singular de Cristo e, ao mesmo tempo, admitir que a graça e a salvação de Deus estão presentes e efetivas também em outras religiões.<sup>4</sup> Assim, as outras religiões tendem a ser vistas de forma positiva, como parte do propósito de Deus para a humanidade, preparando de alguma forma o caminho para a autorrevelação definitiva de Deus em Jesus Cristo.

Por volta dos anos 1970 e 1980, no entanto, um número crescente de importantes teólogos ocidentais, insatisfeito com o inclusivismo, pleiteou a rejeição de uma hipótese crítica, comum ao particularismo e ao inclusivismo — a superioridade do cristianismo e a noção de que a salvação é encontrada em Jesus Cristo —, e conseqüentemente adotaram o pluralismo.<sup>5</sup> Este, por sua vez, refuta a sugestão de que haja qualquer coisa de único, normativo ou superior em Jesus Cristo e na fé cristã. Para o *pluralismo*, a salvação (ou iluminação ou libertação) está presente

<sup>4</sup>Declarações representativas do inclusivismo podem ser encontradas em D’Costa, 1990; Dupuis, 1997; Kung, 1976; Pinnock, 1992, 1996; Pannenberg, 1993.

<sup>5</sup>O termo *pluralismo* por si só é ambíguo. Pode referir-se apenas ao fato inegável da diversidade religiosa; as pessoas de fato abraçam diferentes perspectivas religiosas. Isso é óbvio e não controverso. Mas o sentido do termo usado aqui vai além de mero reconhecimento da realidade da diversidade e abraça uma visão particular sobre o relacionamento entre as grandes religiões, ou seja, uma perspectiva igualitária e democratizada, que enxerga uma equivalência não nivelada entre as religiões com respeito à verdade e à eficácia soteriológica.

a *seu modo* em toda religião. Nenhuma delas pode reivindicar ser normativa e, portanto, superior às demais. Todas as religiões são, cada qual a seu modo, respostas humanas, historicamente complexas e culturalmente condicionadas, a uma realidade divina. Para o pluralista, então, os cristãos podem afirmar que Jesus é único e normativo *para eles*, mas não podem dizer que seja único ou normativo em sentido objetivo ou universal. Em outras palavras, Jesus pode ser o salvador para os cristãos, mas não necessariamente o único salvador para todos os povos.

No contexto acadêmico ocidental, ninguém tem feito mais para defender a causa do pluralismo do que John Hick. Um dos filósofos e teólogos mais influentes do século 20, Hick descreve seus anos de faculdade como o período em que experimentou uma “conversão espiritual” e “tornou-se um cristão muito evangélico e fundamentalista até” (1982, p. 14). Nas décadas seguintes, contudo, ele haveria de empreender uma jornada teológica que se distanciou da ortodoxia cristã — começando com a aceitação de visões da alta crítica em relação às Escrituras; a aceitação do universalismo soteriológico como única solução para o problema do mal; o questionamento crescente e, por fim, a rejeição da cristologia ortodoxa e da divindade de Cristo; e a aceitação cada vez maior de outras religiões, culminando em um pluralismo religioso radical perto do fim da década de 1970.<sup>6</sup>

Um fator que levou Hick a adotar a posição pluralista foi sua percepção de que as experiências religiosas dos muçulmanos, hindus, budistas e cristãos partilham de um elemento comum — percepção esta originária de suas experiências com essas tradições religiosas. Refletindo sobre elas, Hick comenta: “Participando vez ou outra da adoração em mesquitas e sinagogas, templos e *gurdwaras*, ficou evidente que, em essência, acontece o mesmo tipo de coisa nesses lugares e nas igrejas cristãs — ou seja, seres humanos abrem a mente para uma Realidade divina superior, tida como pessoal, boa e que exige retidão e amor entre um ser humano e o outro” (Hick, 1982, p. 5).

As palestras Gifford ministradas por Hick em 1986 — uma declaração sofisticada e rigorosa do paradigma pluralista — foram publicadas como *An interpretation of religion* [Uma interpretação da religião] (1989) e representam o desenvolvimento mais completo de seus pontos de vista.<sup>7</sup> Em mais de 400 páginas de texto, ele argumenta a favor de um modelo que pretende abranger os quatro fenômenos seguintes: (1) no mundo todo, as pessoas parecem ser inerentemente religiosas; (2) crenças e experiências religiosas não podem em geral ser desconsideradas como

<sup>6</sup>Para o relato do próprio autor acerca de sua peregrinação teológica, veja Hick, 1982, cap. 1; e Hick, 1996, p. 29-42.

<sup>7</sup>Uma discussão posterior sobre pluralismo, da autoria de Hick, inclui volumes em 1993, 1994 e 1995.

ilusórias ou não verídicas; (3) há enorme diversidade de crenças e práticas religiosas; (4) parece haver um elemento comum a todas as principais tradições religiosas — a transformação de pessoas de “autocentradas para centradas na Realidade”.

Hick pretende que seu modelo proporcione um novo modo de pensar a religião que nos permita reconhecer a grande diversidade entre tradições religiosas, admitir a validade básica das principais religiões e possibilitar que os crentes religiosos permaneçam comprometidos com a própria tradição ao mesmo tempo que também aceitam tradições religiosas diferentes como caminhos que, para outros, são igualmente legítimos.

No cerne do modelo pluralista de Hick está o pensamento de que existe uma realidade divina suprema — que Hick denomina de “o Real” —, a qual, embora jamais figure como objeto da experiência humana direta, pode ser pensada de maneiras variadas e suscitar respostas diferentes, moldadas pela história e cultura humanas. No coração do modelo pluralista de Hick está a ideia de que

... as grandes crenças mundiais incorporam diversas percepções e concepções bem como diferentes respostas correspondentes do Real [o supremo religioso] conforme os principais modos variantes de ser humano; e também está a ideia de que dentro de cada uma delas a transformação da existência humana de autocentrada para centrada na Realidade está ocorrendo. Essas tradições devem ser devidamente consideradas como “espaços” soteriológicos alternativos dentro dos quais, ou “caminhos” ao longo dos quais, homens e mulheres encontram salvação/libertação/realização máxima (1989, p. 240).

Ou como ele afirma em outra parte:

Veem-se então as grandes religiões mundiais como respostas humanas diferentes à Realidade divina única, as quais incorporam percepções diferentes, que foram forçadas por circunstâncias históricas e culturais diferentes (1982, p. 11).

As diversas religiões, portanto, são produto tanto do Real se “revelando” à humanidade, quanto da humanidade, por sua vez, respondendo de maneiras histórica e culturalmente condicionadas ao Real. Salvação, iluminação e libertação são realidades que se encontram disponíveis de maneira mais ou menos igual em todas as religiões.

É importante notar que o pluralismo religioso não é apenas a última moda em certos círculos acadêmicos sofisticados. Certamente está bastante entrincheirado no mundo acadêmico, mas também tem grande aceitação em nível mais popular, entre aqueles que nunca foram expostos ao pluralismo acadêmico. No pluralismo de John Hick encontramos um tratamento sofisticado para uma hipótese amplamente

aceita em nível popular, entre muitas pessoas sem nenhum estudo formal de religião. Ele capta muito bem o espírito da época.

Por exemplo, o etos do pluralismo permeou os discursos e as atividades do Parlamento das Religiões Mundiais de 1993, evento com uma cobertura muito favorável e difundida pela mídia. Em sua fala final no parlamento, diante de 20 mil pessoas presentes ao Grant Park em Chicago, o Dalai Lama, chefe da ordem Gelugpa do budismo tibetano, declarou:

Cada religião conta com a própria filosofia e há tanto similaridades quanto diferenças entre as várias tradições. O que importa é aquilo que é adequado a uma pessoa em particular. Deveríamos olhar para o propósito subjacente da religião e não apenas para os detalhes abstratos da teologia ou da metafísica. Todas as religiões fazem do aperfeiçoamento da humanidade sua principal preocupação. Quando vemos as diferentes religiões em essência como instrumentos para desenvolver um bom coração — amor e respeito pelo outro, um senso verdadeiro de comunidade — podemos valorizar o que elas têm em comum. [...] Cada pessoa sente que sua forma de prática religiosa é a melhor. Eu mesmo sinto que o budismo é melhor para mim. Mas isso não significa que o budismo seja melhor para todas as outras pessoas (1996, p. 17-18).

Essa exposição capta bem não só o espírito desse encontro, mas também o da cultura mais ampla, a qual aclamou o parlamento como um novo marco nas relações inter-religiosas.

O etos do pluralismo propõe um desafio duplo à fé cristã. Em primeiro lugar, a ideia de que uma figura central e a perspectiva de determinada religião possam ser válidas e normativas para todos os povos, em todas as culturas, sofre hoje ampla rejeição como arrogante e insustentável em termos intelectuais. Em segundo lugar, mesmo que de início se aceite que uma tradição religiosa seja superior às demais, e que uma figura religiosa seja universalmente normativa, por que haveríamos de supor que cabem ao cristianismo e a Jesus Cristo ocuparem essa posição privilegiada? Por que Jesus e não Buda? Um desafio profundo que atinge o coração da fé cristã — isto é, a convicção de que Jesus Cristo é o Senhor e Salvador de todos os povos em todas as culturas, e que só por seu intermédio há salvação e reconciliação com Deus.

## **FATORES SUBJACENTES AO APELO DO PLURALISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Não é possível entender a atração contemporânea do pluralismo religioso sem compreender as fundamentais transformações intelectuais e sociais dos vários séculos

passados, pois a enorme mudança cultural que acompanhou essas transformações é a responsável por produzir o contexto em que o pluralismo parece tão plausível. Não podemos discuti-las em detalhes, mas vários fatores mais significativos precisam ser observados.<sup>8</sup>

O mais evidente fator de condução ao pluralismo é a elevada consciência presente no Ocidente da diversidade religiosa. As outras religiões deixaram de ser novidades exóticas passíveis de serem encontradas por uns poucos indivíduos; elas fazem parte do tecido social e cultural da vida americana. A imigração tem trazido culturas e religiões diferentes para nossa vizinhança. Só em Chicago, além de judeus e cristãos, há mais de 2 500 jainistas, 100 mil hindus, 155 mil budistas e 250 mil muçulmanos, bem como seguidores da Nova Era e os neopagãos, presentes por todos os lados (Hirshey, 1993, p. 14-17). Viagens ao exterior aumentam a exposição a outras tradições religiosas; todavia, quem nunca saiu de casa pode explorar a iconografia dos templos hindus ou os rituais de santeria por meio das maravilhas da tecnologia do satélite. A globalização — a forma cada vez mais complexa pela qual instituições e padrões de vida contemporâneos se interconectam mundo afora, transcendendo fronteiras nacionais e culturais — está mudando nossa percepção de quem difere de nós em termos culturais e religiosos.<sup>9</sup> Isso acontece não apenas com a economia, a política e a cultura *pop*, mas também com a religião. O retrato do Dalai Lama é tão familiar no Ocidente quanto no Oriente — fato do qual a fabricante de computadores Apple soube tirar vantagem em publicidade recente. A globalização e a elevada consciência da diversidade afetam crenças e compromissos religiosos de maneira significativa. Bryan Turner observa: “A multiplicação de crenças religiosas em uma sociedade multicultural causa neste mundo cotidiano o efeito de uma profunda relativização”.<sup>10</sup> À medida que o número de opções religiosas aumenta, a autoridade relativa de qualquer tradição individual parece diminuir.<sup>11</sup>

Intimamente relacionada a isso está a tendência contemporânea de considerar a religião em termos muito pragmáticos e consumistas. Não se espera que ela forneça respostas “objetivamente verdadeiras” a questões básicas sobre o cosmos e

<sup>8</sup>A atração contemporânea pelo pluralismo é algumas vezes atribuída à mudança cultural da modernidade para a pós-modernidade. Isso depende muito, é claro, do que se quer dizer com esses termos. A discussão sobre modernidade e pós-modernidade — inclusive a questão da utilidade de tal distinção — é extremamente complexa e não precisamos nos deter nela. Nossa preocupação aqui são os vastos padrões intelectuais e sociais que norteiam as presentes realidades, sem o debate sobre rótulos e categorias.

<sup>9</sup>Boas introduções à teoria da globalização incluem Waters, 1995; Robertson, 1992; e Beyer 1994.

<sup>10</sup>Turner, 1994, p. 186. Para perspectivas semelhantes, veja Berger, 1992; Beyer, 1994; Bruce 1996.

<sup>11</sup>Teóricos sociais como Peter Berger sustentam que esse é um resultado inevitável da modernização. Veja Berger, 1979, p. 1-31.

o destino humano. Antes, as religiões são encaradas de maneira pragmática com base apenas em quanto satisfazem os desejos e as necessidades de seus adeptos. Se o cristianismo satisfaz as necessidades de alguém, então ele é o certo para esse alguém. A multiplicação de alternativas incentiva o consumismo religioso. Como Berger observa:

O homem moderno se vê confrontado não só com múltiplas opções de cursos de ação possíveis, mas também com múltiplas opções de formas possíveis de pensar o mundo. [...] Isso quer dizer que o indivíduo pode escolher sua *Weltanschauung* de forma muito parecida com que escolhe a maioria dos outros aspectos de sua existência privada. Em outras palavras, passa a haver uma continuidade facilitada entre as escolhas de consumo em diferentes áreas da vida — a preferência por esta marca de automóvel em detrimento daquela, por este estilo de vida sexual em detrimento daquele outro e, por fim, a decisão de se fixar a uma “preferência religiosa” em particular” (1979, p. 17).

Os compromissos religiosos — acima de tudo os de natureza mais controversa — se não abandonados por completo, são mantidos de forma muito mais hesitante do que antes.

Esses efeitos sobre os compromissos religiosos são ainda mais reforçados pela tendência atual de fazer distinção entre o mundo público dos fatos — demonstrado com mais clareza nas ciências físicas — e o campo privado das opiniões, dos valores e das preferências, sendo a religião relegada a esta última categoria.<sup>12</sup>

Sob uma luz mais positiva, muito do pluralismo contemporâneo é impulsionado pelo desejo de afirmar a crescente diversidade dos nossos tempos. Podemos de fato aprender a viver juntos, em harmonia, com todas as nossas diferenças culturais e religiosas? Está claro que devemos fazê-lo — daí a forte ênfase existente hoje quanto à necessidade de tolerância religiosa. Mas é notória a dificuldade em separar questões culturais de religiosas. Assim, para muitos da sociedade atual, a aceitação da diversidade cultural se torna quase sempre indissociável do endosso da diversidade religiosa — endosso não só no sentido de se aceitar em termos legais e sociais o lugar das religiões não cristãs na sociedade, mas também no sentido de afirmar as crenças de tais religiões.

Essa tendência está relacionada ainda ao senso profundo de “culpa pós-colonialista”. Temos cada vez mais consciência das muitas injustiças do colonialismo, e com frequência se presume que uma maneira de expiar os pecados passados do colonialismo é acolhendo sem a menor crítica as culturas do mundo não ocidental.

<sup>12</sup>Veja Netland, 1994, p. 91; veja também Newbiggin, 1989; Carter 1993.

Isso costuma significar não fazer quaisquer juízos negativos de crenças e práticas das outras religiões.

Outros fatores significativos poderiam ser mencionados também, incluindo os padrões intelectuais dos últimos três séculos, que têm causado uma perda generalizada de confiança na ideia de que é possível conhecer a verdade religiosa. De igual modo, o legado de milhares de pensadores modernos vem encorajando o *perspectivismo* — termo que abrange uma constelação de visões unidas pelo pressuposto de que não temos nenhum acesso à “realidade em si”, mas apenas a nossas “perspectivas” diversas e limitadas dessa realidade, sem possibilidade de determinar qual delas (se é que alguma delas) é de fato verdadeira.

Esses fatores, em conjunto com as transformações sociais já mencionadas, contribuem para e reforçam a “intuição pluralista” — isto é, o pressuposto de que grande número de pessoas moralmente boas, sinceras e inteligentes não pode simplesmente estar enganado acerca de suas convicções religiosas básicas. É o efeito cumulativo desses fatores que torna a insistência na verdade da fé cristã, e o respectivo comprometimento com a salvação por meio de Cristo somente, tão problemáticos para muitos hoje no ocidente. Como Peter Berger observa com razão:

Temos sim um problema de crença, e ele não só levanta a questão do por que deveríamos crer em Deus, mas por que deveríamos crer *neste* Deus. Há outros deuses, afinal de contas, e hoje eles são disponibilizados de forma sem precedentes pelo supermercado religioso do pluralismo moderno (1992, p. 146-147).

## PLURALISMO INFORMAL

Depois de examinar alguns dos fatores que contribuem para o amplo apelo do pluralismo religioso no mundo contemporâneo, discutiremos agora nossa resposta ao pluralismo no evangelismo. É interessante neste momento retornar à conversa entre Bill e Jim a que nos referimos no início do capítulo. A objeção de Bill ao evangelho — a de que não seria possível a nenhum ser pensante e sensível que viva no século 20 crer que só o cristianismo seja verdadeiro, quando há tantas outras religiões — é provavelmente um dos argumentos expressos com maior frequência contra o evangelho, em especial nas universidades. Essa objeção ao evangelho reflete aquilo a que nos referiremos como *pluralismo informal*. Os pluralistas informais estão unidos em sua visão de que nenhuma perspectiva ou personagem religioso é normativo para todas as pessoas e que cada religião pode ser válida para seus seguidores. O pluralismo informal é a expressão popular do tipo de pluralismo

sofisticado manifesto por estudiosos como John Hick.<sup>13</sup> No restante deste ensaio, identificaremos diversos componentes do pluralismo informal e, em seguida, exploraremos as respostas possíveis para o pluralismo informal no evangelismo.

No começo deste ano, um dos autores deste ensaio fez uma palestra evangelística para centenas de alunos de uma universidade do Centro-Oeste americano. A palestra se intitulava “Religiões comparadas: todos os caminhos levam a um só destino?”. À luz do fato de que tradições religiosas fazem afirmações de verdade conflitantes, a tese da palestra era que não faz sentido acreditar que todas as religiões são verdadeiras. Um estudante presente à palestra escreveu a seguinte resposta no jornal do *campus* uma semana depois:

Se tem uma coisa que não aceito de modo algum é a suscetibilidade humana a julgar e condenar. Quando vi a propaganda da palestra da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo sobre “Religiões comparadas” na cafeteria, no entanto, minha reação foi de completa aversão. (Com a ajuda de Deus, acho que consegui relaxar o bastante para perdoar os suficientemente ignorantes para espalhar esse tipo de propaganda e escrever uma resposta objetiva). [...]

A palestra em si foi ainda mais decepcionante. Redemoinhando [sic] por cinco das principais religiões mundiais em 30 minutos (durou tudo isso mesmo?), o palestrante aproveitou cada oportunidade que teve para expor ao ridículo termos de outras religiões que soam “estranhos”, e nesses momentos quem estava na plateia deu uma risada sem graça. Isso é um estudo de religiões comparadas, perguntei-me, ou um estudo de religiões comparadas ao cristianismo? Sonho com o dia em que os cristãos perceberão que não somos o máximo da vida, ao contrário, se já fomos alguma coisa, em muitas ocasiões foi o fim de tudo. Também sonho com o dia em que os cristãos perceberão que não somos mais os perseguidos; somos os perseguidores. [...]

Todos os dias compartilho minha vida com cristãos, muçulmanos e hindus da unidade internacional da ResCo. Provoco minha amiga muçulmana dizendo que ela precisa se converter porque me preocupo com sua alma. Na realidade, eu *jamais* haveria de querer que ela fizesse uma coisa dessas. Amo-a do jeito exato que ela é — extravagante, engraçada, atenciosa, louca, afetuosa. Se ela e meus outros amigos não cristãos estão indo para o inferno, então serei o primeiro a agarrar-lhes a barra da calça, porque não quero ter nada a ver com um céu ou um Deus capaz de rejeitá-los. Felizmente não acredito que um Deus assim exista e sinto muito por quem crê. [...]

<sup>13</sup>É claro que a maioria dos pluralistas informais não está familiarizada com o trabalho de Hick e muito provavelmente não se identificaria como pluralista.

Que direito qualquer um de nós tem de cuspir na face dos nossos próximos pelo simples fato de não quisermos compreender-lhes a fé? Que direito temos de zombar de suas crenças quando pretendemos ser uma sociedade avançada e, mais importante ainda, seus amigos. [...]

Pesquisadores também estão descobrindo que religiões a milhares de quilômetros de distância umas das outras são bastante semelhantes entre si em muitos sentidos. Os astecas previram o próprio fim em profesia [sic]. Outras culturas nativas têm personagens próprios similares a Jesus que lhes apareceram mais ou menos na mesma época em que Jesus apareceu no Oriente Médio. [...]

Hoje há estudos fascinantes sobre religiões comparadas. Tantos caminhos podem levar ao mesmo destino, ainda que imaginemos discordar quanto a esse destino em si. O que nos une a todos é uma aceitação dos excessos do ser humano, às vezes de sua crueldade, e também de sua necessidade de crer em algo superior a si mesmo. Nossa solução para o problema é disciplina e realização pessoal por meio da adesão a alguma ordem espiritual.

Sei que a intenção da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo é muito boa. Só gostaria que seus integrantes conseguissem tirar seus óculos escuros de Jesus e enxergar que há gente por todo o mundo se virando muito bem sem crer que Jesus Cristo é seu salvador — ou será que é disso que os cristãos têm medo? Estamos tão incertos acerca da existência de Deus que precisamos rebaixar os outros e negar-lhes o modo de vida para provar a nós mesmos que dois mil anos de cristianismo não foram em vão?

Religião não é a soma de suas partes, é o coração de seus seguidores.<sup>14</sup>

Vários elementos do pluralismo informal, representativos de um conjunto de questões que se levantam com regularidade no evangelismo, podem ser vistos na resposta desse estudante.

### **TOLERÂNCIA**

Um dos principais temas na resposta desse estudante é a preocupação com a tolerância religiosa. Observe algumas expressões empregadas para descrever a intolerância dos cristãos: “perseguidores”, “cuspir na face dos nossos próximos”, “zombar de suas crenças” e “rebaixar os outros”. Esses exemplos de intolerância estabelecem um contraste absoluto com o tratamento dispensado pelo autor a indivíduos de outras tradições religiosas. “Provoco minha amiga muçulmana dizendo que ela precisa se

<sup>14</sup>Impresso em *The Butler Collegian* (5 de fevereiro, 1998), p. 4-5. *The Butler Collegian* é um periódico estudantil publicado em parceria com o departamento de jornalismo da Universidade Butler, Indianapolis, Indiana.

converter porque me preocupo com sua alma. Na realidade, eu *jamais* haveria de querer que ela fizesse uma coisa dessas. Amo-a do jeito exato que ela é [...]”.

### ***A SUPosição DE QUE TODOS OS CAMINHOS LEVAM AO MESMO DESTINO***

A segunda questão que surge com regularidade no evangelismo é a suposição de que todas as religiões são igualmente válidas. Isso pode assumir formas variadas. O pluralista informal pode acreditar: (1) que todas as religiões ensinam basicamente a mesma coisa, (2) que todas as religiões estão de algum modo conectadas à mesma realidade suprema ou em contato com ela, ou (3) que todas as religiões geram, resultados semelhantes em seus seguidores. Observe como essa suposição se apresenta na resposta do estudante: “Pesquisadores também estão descobrindo religiões a milhares de quilômetros de distância umas das outras bastante semelhantes entre si em muitos sentidos”. O autor chama a atenção para o fato de várias culturas terem “personagens próprios similares a Jesus” e conclui: “Tantos caminhos podem levar ao mesmo destino”.

### ***A RELIGIÃO EXISTE PARA SATISFAZER NECESSIDADES PSICOLÓGICAS E SOCIAIS***

Essa terceira questão, de que a religião existe para satisfazer às necessidades das pessoas, é uma suposição comum a muitos pluralistas informais.<sup>15</sup> Ela também perpassa todo o artigo do estudante. Ele faz referência à “necessidade de crer em algo superior a si mesmo” de encontrar realização “por meio da adesão a alguma ordem espiritual”. Além disso, sugere que “há gente por todo o mundo se virando muito bem sem crer que Jesus Cristo é seu salvador”. Se o propósito da religião é satisfazer necessidades psicológicas e sociais, e se todas as religiões satisfazem essas necessidades, então não há muito sentido em insistir que uma religião é verdadeira e as outras, falsas.

### ***A VERDADE RELIGIOSA COMO METÁFORA***

Para a maioria dos pluralistas informais, as verdades da religião não são como as verdades da ciência ou da história. Em vez disso, elas costumam ser vistas como

<sup>15</sup>Essa visão também é disseminada na universidade. A maioria dos cursos de religião, por exemplo, examina a religião sob um ponto de vista sociológico e antropológico, dando pouca consideração às afirmações de verdade implícitas nas crenças religiosas. Um exemplo interessante disso pode ser observado em um estudo de cinco anos conduzido pelo National Endowment of the Humanities [Fundação Nacional das Humanidades] com respeito a como a religião deveria ser ensinada na universidade. Ninian Smart, professor de estudos da religião, falou pela maioria da faculdade quando disse: “Nosso campo não tem nada a ver com uma afirmação de verdade suprema, mas apenas preocupa-se com a compreensão e a explicação dos dados da religiosidade humana” (citado em Beuscher, 1989, p. 36-38).

símbolos ou metáforas poderosas. Um exemplo marcante desse fato pode ser visto na série da PBS *The power of myth* [O poder do mito], que Joseph Campbell fez com Bill Moyers vários anos atrás. Muitos pluralistas informais veriam com bastante simpatia a seguinte declaração de Campbell: “De uma forma ou de outra, toda religião é verdadeira. É verdadeira quando entendida como metáfora. Mas quando ela fica presa às próprias metáforas, interpretando-as como fatos, então você está em apuros” (1988, p. 67). Essa reinterpretação radical das afirmações de verdade religiosas explica por que os pluralistas informais estranham quando os cristãos tentam aplicar as leis da lógica (como o princípio da não contradição) às afirmações religiosas. Não é incomum encontrar quem afirme que o princípio da não contradição simplesmente não se aplica à religião.

### **A QUESTÃO DA SINCERIDADE**

Muitos pluralistas informais sugerirão que o importante não é *em que* as pessoas acreditam, mas apenas que sejam sinceras em sua crença. Observe a última frase no artigo citado acima: “Religião não é a soma de suas partes, é o coração de seus seguidores”.

### **IMPROPRIEDADE (OU IMPOSSIBILIDADE) DE JULGAR OU AVALIAR OUTRAS RELIGIÕES**

Esta suposição pode assumir diversas formas: (1) talvez se considere que avaliar outras religiões seja errado; (2) talvez se acredite que as religiões deveriam ser avaliadas apenas por seus frutos morais exteriores; (3) talvez se suponha que, de uma perspectiva pós-moderna, não haja maneira objetiva de avaliar religiões. Todos os julgamentos são relativos.

## **RESPONDENDO AO PLURALISMO RELIGIOSO INFORMAL NO EVANGELISMO**

Antes de considerar nossa resposta a essas questões específicas, cinco pontos preliminares devem ser estabelecidos. Em primeiro lugar, necessitamos ampliar nossa compreensão do pluralismo religioso contemporâneo. Não podemos ser eficazes na resposta a algo que não compreendemos. Quem tiver um conhecimento básico da posição de Hick estará mais bem preparado para responder a quase qualquer forma de pluralismo informal.<sup>16</sup>

Em segundo lugar, para responder com eficácia ao pluralismo informal, precisamos entender algumas diferenças básicas entre tradições religiosas. Há pelo menos

<sup>16</sup>É provável que o melhor resumo das visões de Hick esteja em Hick, 1989. Para algumas avaliações críticas introdutórias, veja Nash, 1994; Okholm e Phillips, 1996, p. 60-80; Johnson “John Hick’s”.

quatro categorias úteis na compreensão das principais religiões:<sup>17</sup> (1) o que a religião que se está estudando ensina em relação à natureza da realidade última; (2) o que a religião que se está estudando ensina sobre o destino dos indivíduos na morte; (3) que problema universal, de acordo com a religião que se está estudando, a humanidade enfrenta; (3) que solução a religião que se está estudando propõe para esse problema.

Em terceiro lugar, em nossa resposta ao pluralismo informal, frequentemente necessitamos ajustar o ponto de partida. Em vez de começar pela tentativa de provar que Jesus Cristo é o único caminho para Deus, muitas vezes é mais produtivo recuar e tratar da hipótese do pluralista informal de que todos os caminhos levam ao mesmo destino. Quando o pluralista informal reconhece que todas as religiões não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, em geral ele ou ela se mostra mais aberto para considerar evidências de uma fé específica.

Em quarto lugar, é crucial que apresentemos o evangelho aos pluralistas informais dentro do arcabouço da narrativa bíblica. Existem pelo menos dois motivos para isso. Primeiro, fora da narrativa bíblica, o conteúdo do evangelho faz pouco sentido para pluralistas que não conhecem a Bíblia.<sup>18</sup> Segundo, muitos pluralistas informais presumem que a exclusividade do cristianismo é só mais uma expressão do etnocentrismo. Apresentar o evangelho dentro do arcabouço da narrativa bíblica os ajuda a reconhecer que a exclusividade do cristianismo não decorre do etnocentrismo cristão, mas está totalmente relacionada ao diagnóstico que a Bíblia faz da condição humana resultante da Queda e da solução encontrada em Cristo.

Por fim, é importante que tratemos os pluralistas com amabilidade, compaixão e respeito.

Discutiremos agora nossa resposta às seis expressões do pluralismo informal que identificamos.

## **TOLERÂNCIA**

Em primeiro lugar, é crucial que nos identifiquemos com uma preocupação legítima que está por trás da ênfase na questão da tolerância: budistas, hindus, cristãos, muçulmanos e outros podem todos conviver sem recorrer à violência? A história mundial não apresenta um retrato muito encorajador nesse aspecto. Assim, é crucial para os cristãos confirmar que são contra o racismo, o fanatismo e outras formas de intolerância que negam às pessoas o direito de acreditarem no que bem entenderem. Isso pode nos parecer óbvio, mas muitos pluralistas informais

<sup>17</sup>Veja Harlverson, 1996, com seus úteis gráficos e resumos.

<sup>18</sup>Carson, 1996, defende essa questão de forma convincente.

presumem que o particularismo cristão ou é o causador direto dessas coisas, ou inevitavelmente conduz a elas.<sup>19</sup>

Em segundo lugar, identificar os limites da tolerância ajuda muito. Uma pessoa que assiste a uma gangue cometer um estupro sem fazer nenhuma tentativa de impedi-la dificilmente seria descrita como tolerante. Todos acreditamos que certos comportamentos não deve ser tolerados. Isso ilustra a necessidade inevitável de fazer julgamentos.

Além disso, é importante salientar que, embora a verdade às vezes seja restrita, isso não a torna intolerante. Um dos autores tem se utilizado com frequência da seguinte ilustração para ajudar a esclarecer essa diferença. A Universidade de Michigan venceu o campeonato de basquetebol da NCAA em 1989. Imagine um fã da Universidade Duke descontente que, ao ouvir a afirmação de Keith de que Michigan venceu o campeonato, retrucasse: “Acho incrível sua intolerância ao dizer uma coisa dessas!” Na melhor das hipóteses, a reação dele é desconcertante e ofusca uma distinção importante. A declaração significa que o estilo de comunicação de Keith é grosseiro ou que sua afirmação é falsa? Por ser fã zeloso do Michigan, ele pode ter sido antipático. Contudo, a maneira pela qual *comunicou* sua alegação deve ser separada com todo cuidado da veracidade dessa alegação.

Por fim, quando lidamos com pluralistas informais, algo que ajuda bastante é salientar que todas as religiões — inclusive as que parecem condescendentes como o hinduísmo — fazem afirmações exclusivistas.<sup>20</sup> Portanto, não é razoável repudiar o cristianismo apenas porque ele faz afirmações desse tipo.

### **A NATUREZA DA VERDADE RELIGIOSA**

Uma das questões centrais no debate do pluralismo diz respeito à natureza da verdade religiosa. Que tipo de afirmações as religiões fazem? A verdade religiosa é diferente da verdade científica ou histórica? Não se pode responder ao pluralismo — informal ou acadêmico — sem tratar dessas questões. É importante notar que quase todas as expressões de pluralismo informal identificadas acima estão de alguma maneira relacionadas à natureza da verdade religiosa.

<sup>19</sup>Para uma excelente discussão sobre o lugar da tolerância em uma sociedade multicultural e multirreligiosa, veja Gaede, 1993.

<sup>20</sup>Em certo nível, o hinduísmo é bastante complacente e até pluralista em sua orientação quanto a outras religiões. No entanto, em uma análise final, a maioria dos hindus acredita que a realidade última é o Brahman. Essa alegação de verdade é incompatível com muitas formas de teísmo. Além disso, os hindus acreditam que todas as pessoas estão em um ciclo sem fim de nascimento, morte e renascimento (Samsara). Isso contradiz a crença muçulmana, por exemplo, de que uma pessoa vive uma vida e depois enfrenta o julgamento diante de Alá.

Identificar a natureza da verdade religiosa envolve uma série de questões epistemológicas complicadas.<sup>21</sup> Em seu livro *Truth in religion* [Verdade na religião], Mortimer Adler sugere que temos de distinguir com cautela o que ele chama de “questões de preferência” das “questões de verdade” (1990, p. 2). Considere as declarações a seguir:

- O restaurante Carmen’s tem o melhor *calzone* da cidade de Chicago.
- Cubs é meu time de basquete favorito.
- Star Trek é meu programa de televisão favorito.

Adler descreveria tais declarações como questões de preferência. Dizem respeito a gostos, opiniões e desejos. Considere, no entanto, as próximas declarações:

- A Universidade de Michigan é membro da Big Ten Conference.
- O Titanic afundou nas águas congeladas do Atlântico em 15 de abril de 1912, por volta de 2h20 da madrugada.
- Mais de seis milhões de homens, mulheres e crianças judeus morreram no Holocausto.

Adler denominaria essas declarações como questões de verdade. Elas se referem a realidades que existem independentemente de nossa percepção e devem ser verdadeiras ou falsas.

Em seguida, peça ao pluralista informal para considerar as seguintes afirmações religiosas:

- Jesus Cristo foi um judeu que viveu na Palestina no início do primeiro século.
- Jesus foi executado em uma cruz por soldados romanos em cerca de 30 d.C.
- Jesus ressuscitou dentre os mortos depois de três dias e apareceu a mais de 500 testemunhas.

A pergunta importante a ser feita ao pluralista informal é: “Em que categoria essas afirmações religiosas se enquadram? São simples questões de preferência ou de verdade?”. É relevante ajudá-lo a entender que muitas declarações concernentes à fé cristã não podem ser rotuladas como questões de preferência e, por conseguinte, devem ser avaliadas por sua veracidade.

Essa discussão da natureza da verdade religiosa nos capacita a responder três suposições comuns dos pluralistas: que a religião existe apenas para satisfazer

<sup>21</sup>Para mais discussões sobre a natureza da verdade religiosa, veja Carson, p. 57-370, 1996; Netland, 1991, p. 112-150; Nasch, 1994, p. 53-68; e Adler, 1990.

necessidades psicológicas, que a sinceridade é mais importante do que a verdade e que as crenças religiosas deveriam ser interpretadas como metáforas.<sup>22</sup> Primeiro, considere a afirmação de que a religião existe para satisfazer necessidades psicológicas e sociológicas.<sup>23</sup> Ao responder a essa suposição, é importante ajudar o pluralista a ver como essa hipótese distorce o ensino de quase toda a religião. A questão é que cada religião faz declarações acerca da natureza da realidade, e a verdade ou falsidade dessas declarações de fato importa.

Imagine que você adoeceu e procurou um médico. De fato, em razão da natureza incomum de sua enfermidade, você se consultou com diversos especialistas, porém todos discordaram quanto à natureza do problema. Conquanto reconheçam que há alguma coisa errada e que você necessita de tratamento, discordam sobre o diagnóstico. Você se sente inseguro, sem saber em que médico acreditar. Se um amigo lhe dissesse que “Não interessa a qual médico ou hospital você vá; a função do hospital é superar seu medo psicológico”, você acharia que ele não compreendeu muito bem a situação. Estar em um hospital pode satisfazer algumas necessidades psicológicas, mas a questão mais importante permanece: “O que há de errado com seu corpo e qual é o diagnóstico certo?”. A afirmação de que a religião existe para satisfazer necessidades psicológicas e sociológicas é semelhante à de que o propósito dos hospitais é ajudar a superar o medo. Ela ignora o diagnóstico ímpar da condição humana que cada religião oferece e a solução que propõe. Nesse ponto, é interessante descrever em breves palavras para o pluralista o problema singular que cada religião identifica, acompanhado da solução que ela prescreve.

A segunda suposição comum, ou seja, a insistência do pluralista de que a sinceridade — não a crença — é o que realmente importa ofusca a distinção entre a sinceridade com que alguém defende determinada crença e sua veracidade. Imagine que você esteja em um laboratório de química e o professor coloca uma proveta de 500 ml de líquido transparente em cima da mesa ao mesmo tempo em que anuncia: “Isto é ácido sulfúrico”. Em resposta a essa explicação, Jim — um aluno presente na aula — logo se manifesta sem pensar muito: “Não acredito

<sup>22</sup>Vale a pena notar também que essas três expressões de pluralismo informal compartilham um aspecto comum: elas ignoram, distorcem de forma grosseira ou sutilmente negam a fatualidade das alegações de verdade religiosas.

<sup>23</sup>Obviamente, em certo sentido as tradições religiosas suprem, de fato, necessidades psicológicas e sociais. Essa verdade parcial frequentemente torna difícil derrubar esse pressuposto. Outra dificuldade é a influência pervasiva desse pressuposto na comunidade acadêmica. Essa noção já estava presente nos trabalhos dos primeiros psicólogos, como Sigmund Freud, e de sociólogos, como Max Weber, que viam as religiões como instituições sociais complexas e tentavam explicar o fenômeno religioso sem fazer referência ao transcendente.

que seja ácido sulfúrico. Parece água para mim”. Jim é tão sincero em sua crença de que a profeta contém água que resolve bebê-la. O que acontecerá com ele? Evidentemente terá sorte se viver tempo suficiente para participar da aula no laboratório da semana seguinte. Apesar da sinceridade, sua crença de que a profeta continha água não mudou a natureza do conteúdo. O mesmo princípio se aplica à religião. A sinceridade é uma qualidade louvável, mas por si só não serve como teste adequado da veracidade das afirmações de verdade religiosas.

Considere a terceira suposição comum, ou seja, a tendência dos pluralistas de reinterpretar as afirmações de verdade religiosas como símbolos, metáforas ou mitos. Vemos com frequência os pluralistas informais utilizarem essa alternativa quando pressionados pelo fato de que as religiões fazem afirmações contraditórias. Reinterpretar toda a linguagem religiosa como metáfora, contudo, não passa de uma negação velada, ainda que sutil, do caráter factual das afirmações religiosas.<sup>24</sup> Vale a pena salientar isso para o pluralista e perguntar que justificativa ele pode oferecer para interpretar as afirmações religiosas dessa maneira.

### ***A IMPROPRIEDADE (OU IMPOSSIBILIDADE) DE JULGAR OU AVALIAR RELIGIÕES***

Se há um versículo na Bíblia que o pluralista informal conhece provavelmente é Mateus 7.1: “Não julgueis, para que não sejais julgados”. Ao responder a essa questão, é importante fazer algumas perguntas elucidativas: “Você está dizendo que é errado fazer julgamentos relacionados à religião? Se sim, por quê? Se não, que tipo de julgamentos relacionados à religião são legítimos?”.

Vários pontos importantes podem ser levantados para o pluralista informal. Primeiro, convém chamar-lhe a atenção para a impossibilidade de evitar julgamentos relacionados à religião. Até mesmo a declaração “Não julgue outras religiões” contém, em si mesma, um julgamento relacionado à religião. Além disso, as pessoas fazem julgamentos desse tipo o tempo todo. Poucas têm dificuldade em condenar Jim Jones ou David Koresh, por exemplo. Portanto, a questão não é “Avaliaremos

<sup>24</sup>A discussão de Campbell acerca da ascensão de Jesus na série PBS *The power of myth* [O poder do mito] é um vívido exemplo disso. “Jesus ascendeu ao céu, por exemplo. A denotação seria a de que alguém literalmente ascendeu ao céu. Isso é literalmente o que está sendo dito. Mas se esse fosse realmente o significado da mensagem, teríamos que descartá-lo, pois não existira tal lugar para que Jesus literalmente fosse [...] Contudo, se lermos ‘Jesus ascendeu aos céus’ em termos de sua conotação metafórica, vemos que ele foi para algo interior — não para um espaço exterior, mas para um espaço interior, para o lugar de onde todos os seres vêm, para a consciência, que é a fonte de todas as coisas”. Em resposta, Bill Moyers pergunta: “Você não está minando uma das grandes doutrinas da fé cristã clássica, a de que o sepultamento e a ressurreição de Jesus prefigura [sic] a nossa própria?”. Campbell responde: “Esse seria um equívoco na leitura do símbolo. Isso é ler as palavras em termos de prosa, em vez de em termos de poesia” (veja Campbell, 1988, p. 67-68).

as religiões?”, mas, sim, “Em que bases o faremos?”. Segundo, pelo fato de que as religiões fazem afirmações de verdade, estas merecem uma avaliação cuidadosa. Ter a pretensão de dizer que as religiões não fazem afirmações de verdade é aviltante e implica não levar as religiões a sério em seus próprios termos. Terceiro, embora essa seja uma questão complexa, que não teremos como destrinchar aqui, há critérios que podem ser usados na avaliação das afirmações de verdade das religiões. Entre eles se incluem a coerência lógica, o suporte fático adequado, a capacidade de explicar toda a extensão da experiência humana, a coerência com outros campos do conhecimento e a moralidade. Com isso não estamos sugerindo que a avaliação das afirmações religiosas seja fácil, apenas que é possível.<sup>25</sup> Esses critérios são aplicados com regularidade à avaliação de teorias na ciência, na história e em outros campos investigados.<sup>26</sup>

Por fim, aos que sugerem não termos nenhuma base sobre a qual avaliar afirmações de verdade, pode ser útil apontar as consequências dessa linha de pensamento. Um exemplo interessante é a negação recente do Holocausto. Embora seja um dos mais bem documentados exemplos de genocídio em massa na história recente, um grupo pequeno, mas muito expressivo em lhe negar a existência, sustenta que o Holocausto é uma fraude.<sup>27</sup> Deborah E. Lipstadt, professora em Emory, documenta em minúcias as atividades dessas pessoas em seu livro *Denying the Holocaust: the growing assault on truth and memory* [Negando o Holocausto: o ataque crescente à verdade e à memória] (1933). A professora Lipstadt sugere que um motivo pelo qual esse grupo encontrou quem os ouvisse no meio universitário é o pensamento relativístico que permeia a academia (1993, p. 17-18). Não se pode ganhar todas. Não é possível asseverar a historicidade de um evento como o

<sup>25</sup>Para mais discussões acerca dos critérios relacionados às avaliações das alegações de verdade, veja Netland, 1991, p. 95-151; Holmes, 1983; Mitchell, 1973; Nash, 1992.

<sup>26</sup>Pluralistas informais influenciados pelo pensamento pós-moderno podem se posicionar de forma contrária afirmando que todos os julgamentos — científicos, históricos ou religiosos — são subjetivos e relativos. Carson (1996, p. 107) observou corretamente que muito do pensamento pós-moderno depende de uma falsa dicotomia: ou sabemos algo objetiva e exaustivamente, ou estamos perdidos em um mar de relatividade. Ressaltar essa falsa antítese aos pluralistas é muitas vezes útil.

<sup>27</sup>Muito alarde tem sido feito em torno de diversas pesquisas que sugeriram que uma grande porcentagem de americanos (36,8%, segundo pesquisa do instituto Gallup Poll feita em janeiro de 1994) acreditava ser possível que o Holocausto nunca tivesse acontecido. (As informações da sondagem do Gallup foram citadas por Smith [1995, p. 269-295].) Essa conclusão, entretanto, pode estar equivocada. Estudos mais recentes indicam que “menos de dois por cento [dos americanos] que negam o Holocausto têm uma postura séria e consistente de negação”. Além do mais, “grande parte da incerteza e dúvida sobre o Holocausto resulta de uma ignorância histórica geral, e não de uma assimilação da linha partidária neonazista (Smith, p. 269-295, 1995).

Holocausto e insistir, ao mesmo tempo, que não existe *nenhum critério* pelo qual seja possível fazer julgamentos históricos.

### **A SUPOSIÇÃO DE QUE TODOS OS CAMINHOS LEVAM AO MESMO DESTINO**

Três cegos apalpavam um elefante. O primeiro segurou a perna do elefante e disse: “Acho que o elefante é como o tronco de uma árvore”. O segundo cego pegou na tromba do elefante e disse: “O elefante se parece com uma cobra grande”. O terceiro cego disse: “O elefante se parece com uma grande parede”, enquanto passava a mão no lado do animal. Cada qual convicto de ter razão e de que os outros estavam errados, sem perceber que todos tocavam o mesmo elefante.

Muitos pluralistas informais estão familiarizados com essa antiga parábola indiana e consideram-na uma interpretação cativante da religião. Descobrimos que ela é útil para o evangelismo, porque deixa uma questão importante sem resposta: Como *sabemos* que os cegos descreviam todos o mesmo elefante? Talvez o primeiro abraçasse um carvalho quando disse: “Acho que um elefante se parece com o tronco de uma grande árvore”. Pode ser que o segundo cego segurasse uma mangueira ao exclamar: “O elefante se parece com uma cobra”. E se o terceiro cego tivesse as mãos na lateral do prédio da Sears em Nova York quando afirmou: “O elefante se parece com uma grande parede”? O problema da parábola reside no fato de ela presumir justamente o que se supõe que ela prove — que todos os cegos tocavam um elefante. Todavia, como sabemos que eles tocam um elefante? Só porque a história o presume.

Além disso, e se cada um dos cegos fez declarações não só diferentes, mas também contraditórias acerca de um suposto elefante? E se o primeiro cego dissesse que só havia um elefante, e o segundo dissesse haver dois? E se o terceiro cego dissesse que não havia elefante nenhum ali? Faria sentido sugerir que todos descreviam o mesmo animal?

A situação, porém, assemelha-se às afirmações das religiões do mundo. Cada uma faz afirmações de verdade que contradizem as das demais. Se suas afirmações de fato se contradizem, então o princípio da não contradição estabelece que não podem estar todas certas. Alguém poderia fazer uma demonstração do princípio da não contradição ao pluralista pedindo-lhe para considerar duas declarações contraditórias como as seguintes:

- Em 14 de junho de 1998, o Chicago Bulls venceu o campeonato da NBA.
- Em 14 de junho de 1998, o Chicago Bulls não venceu o campeonato da NBA.

É evidente que as duas declarações não podem ser verdadeiras. De igual modo, se duas religiões fazem afirmações de verdade mutuamente contraditórias, não podem estar ambas certas. Quando os hindus asseveram que existem muitos deuses e os muçulmanos insistem em que não existem vários deuses, os dois não podem estar certos. À luz das afirmações de verdade conflitantes das diversas religiões, não faz sentido acreditar que todas as religiões são igualmente válidas.<sup>28</sup> Essa era a tese da palestra evangelística a que nos referimos anteriormente, à qual o artigo do estudante respondeu.<sup>29</sup>

## CONCLUSÃO

A discussão precedente deixa claro que os cristãos não deveriam tratar a objeção de Bill ao evangelho — sua alegação de que nenhum ser racional que viva no século 20 poderia acreditar que só o cristianismo é verdadeiro quando existem tantas outras religiões — como uma cortina de fumaça a ser ignorada no evangelismo. Temos observado que uma multiplicidade de fatores presentes na cultura americana contemporânea converge para tornar essa visão da religião ao mesmo tempo plausível e intuitivamente atraente. Assim, o sucesso no evangelismo com os pluralistas não virá apenas da insistência de que o cristianismo é verdadeiro no sentido objetivo da palavra — embora isso com certeza seja importante —, mas também identificar manifestações específicas de pluralismo subjacentes às objeções ao evangelho e de responder a elas de maneira sensata.

## Referências

ADLER, Mortimer J. 1990. *Truth in religion: the plurality of religions and the unity of truth* (New York: Macmillan).

<sup>28</sup>Para maiores críticas sobre essa ideia, veja Johnson, “Do all paths” [“Siga todos os caminhos”].

<sup>29</sup>Keith dá uma palestra em universidades intitulada “Religiões comparadas: todos os caminhos levam ao mesmo destino?”. Ele desenvolveu esse programa tanto para tratar da questão do pluralismo religioso informal entre os universitários quanto para abrir um canal para o evangelho em um ambiente de diversidade religiosa. Esse ponto do programa não se destina a provar que apenas o cristianismo é verdadeiro, mas a mostrar que todas as religiões não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Ele começa comparando cinco religiões (budismo, cristianismo, hinduísmo, islamismo e judaísmo) para demonstrar que essas tradições apresentam declarações conflitantes. Em seguida, tenta responder à questão “Como avaliar essas tradições?”, com quatro pontos: 1) cada uma dessas religiões apresenta alegações de verdade que contradizem as alegações de verdade das outras religiões; 2) com base no princípio da não contradição não é possível que todas as alegações estejam certas; 3) devemos fazer uma distinção entre sinceridade de crença e veracidade; 4) devemos discernir cuidadosamente entre questões de preferência e questões de verdade. Por fim, ele aplica esses critérios a várias religiões e encerra descrevendo como, hipoteticamente falando, o cristianismo poderia ser eliminado, pois fornece critérios pelos quais suas alegações de verdade podem ser avaliadas.

- BERGER, Peter. 1967. *The sacred canopy* (New York: Anchor Books).
- \_\_\_\_\_. *O dossel sagrado* (São Paulo: Edições Paulinas, 1995). Tradução de: *The sacred canopy*.
- \_\_\_\_\_. 1979. *The heretical imperative: contemporary possibilities of religious affirmation* (New York: Doubleday).
- \_\_\_\_\_. 1992. *A far glory: the quest for faith in an age of credulity* (New York: Anchor Books).
- BEUSCHER, John. 1989. "Religion from a global perspective". *Humanities* 10 (January-February), p. 36-38.
- BEYER, Peter. 1994. *Religion and globalization* (Thousand Oaks: Sage).
- BRUCE, Steve. 1996. *Religion in the modern world: from cathedrals to cults* (New York: Oxford University Press).
- CAMPBELL, Joseph. 1988. *The power of myth*. Edição de Betty Sue Flowers (New York: Anchor Books).
- \_\_\_\_\_. *O poder do mito* (São Paulo: Palas Athena, 1996). Tradução de: *The powers of myth*.
- CARSON, D. A. 1996. *The gagging of God: Christianity confronts pluralism* (Grand Rapids: Zondervan).
- \_\_\_\_\_. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (São Paulo: Vida Nova, 2013). Tradução de: *The gagging of God*.
- CARTER, Stephen L. 1993. *The culture of disbelief: how American law and politics trivialize religious devotion* (New York: Basic Books).
- CLENDENIN, Daniel B. 1995. *Many gods, many lords: Christianity encounters world religions* (Grand Rapids: Baker).
- DALAI LAMA XIV. 1996. "The importance of religious harmony". In: TEASDALE, Wayne; CAIRNS, George, orgs. *The community of religions* (New York: Continuum), p. 17-21.
- D' COSTA, Gavin. 1986. *Theology and religious pluralism: the challenge of other religions* (Oxford: Basil Blackwell).
- \_\_\_\_\_, ed. 1990. *Christian uniqueness reconsidered: the myth of a pluralistic theology of religions* (Maryknoll: Orbis).
- DUPUIS, Jacques. 1997. *Toward a Christian theology of religious pluralism* (Marknoll: Orbis).
- EDWARDS, David; STOTT, John. 1988. *Evangelical essentials: a liberal-evangelical dialogue* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- ERICKSON, Millard J. 1975. "Hope for those who haven't heard? Yes, but...". *Evangelical Missions Quarterly* 11 (April), p. 122-126.

- \_\_\_\_\_. *How shall they be saved? The destiny of those who do not hear of Jesus* (Grand Rapids: Baker, 1996).
- GAEDE, S. D. 1993. *When tolerance is no virtue: political correctness, multiculturalism and the future of truth and justice* (Downers Grove: InterVarsity).
- GEIVETT, R. Douglas; PHILLIPS, W. Gary. 1996. "A particularist view: an evidentialist approach". In: OKHOLM, Dennis; PHILLIPS, Timothy R., orgs. *Four views on salvation in a pluralistic world* (Grand Rapids: Zondervan).
- HALVERSON, Dean C., org. 1996. *The compact guide to world religions* (Minneapolis: Bethany House).
- HICK, John. 1982. *God has many names* (Philadelphia: Westminster).
- \_\_\_\_\_. 1989. *An interpretation of religion* (New Haven: Yale University Press).
- \_\_\_\_\_. 1993. *Disputed questions in theology and the philosophy of religion* (New Haven: Yale University Press).
- \_\_\_\_\_. 1995. *The metaphor of God incarnate* (Louisville: Westminster/John Knox).
- \_\_\_\_\_. *A metáfora do Deus encarnado* (Petrópolis: Vozes, 2000). Tradução de: The metaphor of God incarnate.
- \_\_\_\_\_. 1995. *A Christian theology of religions* (Louisville: Westminster/John Knox).
- \_\_\_\_\_. 1996. "A pluralistic view". In: OKHOLM, Dennis; PHILLIPS, Timothy R., orgs. *Four views on salvation in a pluralistic world* (Grand Rapids: Zondervan), p. 29-42.
- HIRSLEY, Michael. 1993. "Common cause". *Chicago Tribune Magazine*, 19 August, p. 14-17.
- HOLMES, Arthur E. 1983. *Contours of a worldview* (Grand Rapids: Eerdmans).
- JOHNSON, Keith E. "Do all paths lead to the same destination?". Disponível em: <http://wri.leaderu.com/articles/paths.html>. Acesso em: 15 fev. 2013.
- \_\_\_\_\_. "John Hick's pluralistic hypothesis and the problem of conflicting truth-claims". Disponível em: [www.leaderu.com/theology/hick.html](http://www.leaderu.com/theology/hick.html). Acesso em: 15 fev. 2013.
- KNITTER, Paul. 1985. *No other name? A critical survey of Christian attitudes toward the world religions* (Maryknoll: Orbis).
- KÜNG, Hans. 1976. "The challenge of world religions". In: *On being a Christian* (Garden City: Doubleday), p. 89-116.
- LIPSTADT, Deborah E. 1993. *Denying the Holocaust: the growing assault on truth and memory* (New York: Free Press).

- MCGRATH, Alister. 1996. "A particularist view: a post-enlightenment approach". In: OKHOLM, Dennis; PHILLIPS, Timothy R., orgs. *Four views on salvation in a pluralistic world* (Grand Rapids: Zondervan), p. 149-180.
- MITCHELL, Basil. 1973. *The justification of religious belief* (New York: Seabury, s.d.).
- NASH, Ronald. 1992. *World-views in conflict: choosing Christianity in a world of ideas* (Grand Rapids: Zondervan).
- \_\_\_\_\_. 1994. *Is Jesus the only saviour?* (Grand Rapids: Zondervan).
- NETLAND, Harold A. 1991. *Dissonant voices: religious pluralism and the question of truth* (Grand Rapids: Eerdmans; reimpr.: Vancouver: Regent College Publishing, 1997).
- \_\_\_\_\_. 1994. "Truth, authority, and modernity: shopping for truth in the supermarket of worldviews". In: SAMPSON, Philip; SAMUEL, Vinay; SUGDEN, Chris, orgs. *Faith and modernity* (Oxford: Regnum/Lynx, s.d.), p. 89-115.
- NEWBIGIN, Lesslie. 1989. *The gospel in a pluralistic society* (Grand Rapids: Eerdmans).
- OKHOLM, Dennis; PHILLIPS, Timothy R., orgs. 1996. *Four views on salvation in a pluralistic world* (Grand Rapids: Zondervan).
- PACKER, J. I. 1990. "Evangelicals and the way of salvation". In: KANTZER, Kenneth; HENRY, Carl F. H., orgs. *Evangelical affirmations* (Grand Rapids: Zondervan), p. 107-136.
- PANNENBERG, Wolfhart. 1993. "The religions from the perspective of Christian theology and the self-interpretation of Christianity in relation to the non-Christian religions". *Modern Theology* 9 (July), p. 285-297.
- PINNOCK, Clark. 1992. *A wideness in God's mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions* (Grand Rapids: Zondervan).
- \_\_\_\_\_. 1996. "An inclusivist view". In: OKHOLM, Dennis; PHILLIPS, Timothy R., orgs. *Four views on salvation in a pluralistic world* (Grand Rapids: Zondervan), p. 93-123.
- PIPER, John. 1993. *Let the nations be glad! The supremacy of God in missions* (Grand Rapids: Baker).
- \_\_\_\_\_. *Alegrem-se os povos!* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012). Tradução de: Let the nations be glad! The supremacy of God in missions.
- RICHARD, Ramesh. 1994. *The population of heaven: a Biblical response to the inclusivist position on who will be saved* (Chicago: Moody Press).
- ROBERTSON, Roland. 1992. *Globalization: social theory and global culture* (London: Sage).
- \_\_\_\_\_. *Globalização: teoria social e cultura global* (Petrópolis, Vozes, 2000). Tradução de: Globalization: social theory and global culture.

- 
- SMITH, Tom W. 1995. "The polls — a review: the Holocaust denial controversy". *Public Opinion Quarterly* 59 (1995), p. 269-295.
- STOTT, John. 1985. *The authentic Jesus* (London: Marshall, Morgan and Scott).
- TURNER, Bryan. 1994. *Orientalism, postmodernism, and globalism* (London: Routledge).
- WATERS, Malcolm. 1995. *Globalization* (New York: Routledge).

## CAPÍTULO 4

---

# EPISTEMOLOGIA NO CORAÇÃO DO PÓS-MODERNISMO: RORTY, FOUCAULT E O EVANGELHO

*Jon Hinkson e Greg Ganssle*

O contexto para o evangelho hoje é moldado pelo pós-modernismo. A receptividade de muitos à mensagem que proclamamos depende de um conjunto de pressupostos fortemente influenciados pelo pensamento pós-moderno. Para alguém mergulhado na cultura do pós-modernismo, o evangelho parece irrelevante, na melhor das hipóteses; na pior, aterrador.

Na cultura como um todo, o pós-modernismo é consequência do gotejar contínuo da teoria pós-moderna. Esse fluxo, diferente do fluxo contínuo de uma rinite crônica, não pode ser curado mediante a simples aplicação de remédios convencionais. Temos de envolver os pensadores que mostram o caminho na modelagem de estruturas de plausibilidade nas universidades, na mídia e em toda a cultura. Poucos na mídia ou no governo, e não tantos quanto você poderia pensar nas universidades, leram de fato Richard Rorty ou Michel Foucault. A maioria, contudo, tem sofrido influência profunda da obra deles e de outros teóricos pós-modernos.

Se o pós-modernismo tem uma influência tão disseminada quanto acreditamos, precisamos ler os teóricos pós-modernos. Não podemos nos dar por satisfeitos com o mero tratamento dos sintomas, ou com um envolvimento superficial com as ideias que estão empurrando o evangelho para a periferia da mente contemporânea. Moldar o discurso formal e o informal na universidade e na cultura em geral sempre foi e continua sendo parte central da tarefa de testemunhar de Cristo. Esta conferência é um passo no sentido de se reconhecer que um testemunho

de Cristo que se pretenda fiel e de longo prazo deve levar a sério a forma do discurso contemporâneo.

Neste ensaio apresentaremos os projetos de dois teóricos pós-modernos, Richard Rorty e Michel Foucault, e extrairemos algumas implicações do trabalho deles para o evangelista. De novo, queremos ressaltar que poucas pessoas adotam conscientemente todas as visões tanto de Foucault quanto de Rorty ou de qualquer outro pensador. A maioria mantém uma visão híbrida que vai sendo pinçada de várias fontes ao longo do tempo, sem muita reflexão crítica. A exposição a seus projetos, contudo, nos ajudará a entender como as ideias de tantos são moldadas.

## RICHARD RORTY

Nascido em 1931, Richard Rorty completou seu Ph.D. em Filosofia no ano de 1956, em Yale, e deu aulas na Universidade de Princeton até 1982. De 1982 a 1988, foi professor de Humanidades na Universidade da Virgínia. Hoje é professor emérito de Humanidades nessa mesma universidade e professor de Literatura Comparada na Universidade de Stanford. Rorty editou *The linguistic turn* [O viés linguístico] (1967) e escreveu *Philosophy and the mirror of nature*<sup>1</sup> e *Contingency, irony and solidarity*.<sup>2</sup> Alguns de seus mais importantes trabalhos de 1972 a 1981 foram publicados em *The consequences of pragmatism* [As consequências do pragmatismo] (1982). Dois volumes adicionais foram publicados originalmente em 1991: *Objectivity, relativism and truth*<sup>3</sup> e *Essays on Heidegger and others*.<sup>4</sup> Um terceiro volume de *Philosophical papers* [Ensaio filosóficos], *Truth and progress*,<sup>5</sup> surgiu em 1998, mesmo ano de *Achieving our country: leftist thought in twentieth-century America*.<sup>6</sup>

Rorty fez uma contribuição ímpar à filosofia contemporânea e ao pós-modernismo não só em razão do valor intrínseco de sua obra, mas também por ser um dos primeiros filósofos treinados em filosofia analítica a adotar conscientemente uma postura de interação com a filosofia pós-moderna continental. Rorty chamou sua posição de “pragmatismo” e se via como alguém que dava continuidade ao trabalho de William James e John Dewey, nos Estados Unidos, bem como de Heidegger, na Europa.

<sup>1</sup>Edição em português: *A filosofia e o espelho da natureza* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994).

<sup>2</sup>Edição em português: *Contingência, ironia e solidariedade* (São Paulo: Martins Fontes, 2007).

<sup>3</sup>Edição em português: *Objetivismo, relativismo e verdade* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994).

<sup>4</sup>Edição em português: *Ensaio sobre Heidegger e outros* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999).

<sup>5</sup>Edição em português: *Verdade e progresso* (São Paulo: Manole, 2005).

<sup>6</sup>Edição em português: *Para realizar a América: o pensamento da esquerda no século XX na América* (Rio de Janeiro: DP&A, 1999).

### ***O FRACASSO DA EPISTEMOLOGIA: O PONTO DE PARTIDA DE RORTY***

Grande parte do livro *A filosofia e o espelho da natureza* é uma explicação do fracasso da epistemologia e, por conseguinte, de toda a história da filosofia.<sup>7</sup> Rorty conclama a uma nova missão para a filosofia. Não se trata de assumir um novo olhar para os problemas tradicionais, mas de deixar os problemas tradicionais da filosofia totalmente para trás. Como esses problemas têm mostrado que deixaram de ser produtivos, é hora de explorar novos problemas.

O fracasso da epistemologia é o fracasso de uma metáfora ou imagem da relação da mente com o mundo. A imagem é a de um espelho. A mente tem sido pensada como um espelho que reflete com precisão uma realidade independente desse espelho (Rorty, 1979, p. 42-43). Essa imagem fracassou, segundo Rorty, porque refletir com precisão objetos que são independentes da mente requer duas coisas que não podemos ter. Primeiro, o acesso privilegiado a determinados itens do conhecimento. Esse acesso privilegiado ao que é “dado” é imune à dúvida. Segundo, precisamos ser capazes de estabelecer uma distinção nítida entre verdades contingentes e sintéticas, aprendidas pela experiência, e verdades necessárias e analíticas, aprendidas independentemente da experiência.

Desde Descartes, muitos acreditam que temos acesso privilegiado aos conteúdos da própria mente.<sup>8</sup> Se penso, sei que penso. Se experimento a sensação de que uma mesa é marrom, conquanto eu talvez possa não saber que a mesa é marrom, ou mesmo que a mesa em si é um objeto independente da mente, posso ter certeza de como é minha experiência — de que parece haver ali uma mesa marrom.

Em anos recentes, a alegação desse acesso privilegiado tem sido contestada. Rorty acredita que esse desafio é decisivo. Um dos maiores protagonistas dessa contestação foi Wilfrid Sellars (1963), segundo quem não há nenhum “dado” privilegiado absolutamente. Não existe nada ao qual tenhamos acesso indubitável. Se essa afirmação for verdadeira, não contamos com premissas seguras a partir das quais inferir com certeza tudo o mais que afirmamos conhecer. Não há base segura para nossas declarações de conhecimento e, por conseguinte, todo o nosso sistema de conhecimento repousa em solo precário. Assim, sem esse acesso privilegiado, o projeto epistemológico sucumbe.

<sup>7</sup>Para Rorty e muitos outros, a epistemologia está no centro da filosofia, especialmente em seu período moderno. Portanto, se a epistemologia falhar, toda a filosofia, como tem sido concebida, falhará também.

<sup>8</sup>Na verdade, a ideia de que temos acesso privilegiado ao conteúdo de nossa mente data, pelo menos, de *Contra os acadêmicos*, de Agostinho, escrito aproximadamente em 386 d.C. Mas só com Descartes, no entanto, é que esse acesso ao conteúdo da própria mente se tornou uma teoria completa do conhecimento.

O segundo requisito para uma epistemologia segura é a distinção entre verdades analíticas e sintéticas, isto é, entre enunciados que são verdades de fato, de modo tal que dependem para ser verdade de como o mundo é, e enunciados que são verdades de razão, ou seja, aqueles cuja verdade independe de como o mundo é. Uma mesa estar na sala é uma verdade de fato. A questão de ela estar ou não depende de coisas do mundo. É um enunciado *sintético* no sentido de que é uma síntese de dois conceitos, o conceito de mesa e o conceito de estar na sala. O fato de um tampo retangular de mesa ter quatro cantos não depende do modo pelo qual o mundo é. Não há caminho que o mundo possa tomar a fim de que o tampo retangular da mesa tenha apenas três cantos. Esse é um enunciado *analítico* no sentido de que uma análise do conceito do que é ser retangular mostra que qualquer retângulo deve ter quatro cantos.

Se não existe modo possível de o mundo ser de tal forma que o retângulo tenha três cantos em vez de quatro, então o fato de ele ter quatro cantos é uma *verdade necessária*. O problema de uma verdade necessária desse tipo, como se diz, é que não precisamos olhar à nossa volta para aprendê-la. Com base no significado da palavra *retângulo* ou no conceito de retângulo, podemos deduzir que ele tem quatro cantos. Esse tipo de conhecimento é garantido, porque nada pode mudar os fatos. Assim, se existem enunciados necessariamente verdadeiros nesse sentido, podemos fundamentar nossa teoria do conhecimento e contar com o tipo de certeza que desejamos.

Ora, de acordo com Rorty e muitos outros, essa exigência também demonstra ser impossível. A influência primeira dessa tendência foi Willard van Orman Quine (1961, p. 20-46). Ele sustenta que enunciados que pensamos ser analíticos (portanto, indubitáveis), tais como “um retângulo tem quatro cantos”, acabam se revelando indubitáveis em termos psicológicos, mas só devido às condições presentes. Não há, no entanto, nada metafísico ou epistemológico a respeito de tais enunciados que os tornem intrinsecamente indubitáveis. Por mais difícil que possa ser duvidar desses enunciados, do ponto de vista psicológico eles estão abertos à revisão. Todos os enunciados, até mesmo os aritméticos e lógicos, são passíveis de rejeição.

Outra consequência de ver que qualquer crença de nosso sistema de crenças está sujeita a ser revisada é que o relacionamento entre crenças e fatos no mundo não segue uma correlação exata de um para um. Antes, o sistema inteiro de crenças correlacionadas é confirmado ou desmentido pela evidência. Por exemplo, digamos que uma ornitóloga esteja mapeando a distribuição de espécies de aves em determinada área e que depare com um pássaro que nunca viu antes. Com base em todas as suas habilidades de discernir (que são muitas), parece tratar-se de um exemplar de corvo branco. Digamos (e eu não sei se esse é o caso) que a teoria consagrada afirme que todos os corvos são pretos. O que nossa ornitóloga fará

com uma ave que tem todas as propriedades de um corvo, exceto o fato de ser branca? Dada a abordagem de Quine, Sellars e Rorty, não há uma resposta única para o que ela deva fazer. Ela pode revisar sua crença na doutrina consagrada de que todos os corvos são pretos e considerar essa ave um corvo, ou pode considerá-la pertencente a outra espécie. Ela é como um corvo, mas não é um corvo. Todos os corvos são de fato pretos, mas as aves da espécie “quase corvo” podem ser brancas.

Nesse exemplo simplista é possível ver que uma parte da evidência — a ave branca — não prescreve como a teoria da ornitóloga deveria ser. Desde que comporte a evidência, a teoria é adequada. Assim, pode haver duas teorias conflitantes, mas que são, cada uma delas, adequadas segundo as evidências.

Essa correlação entre evidência e teoria parece relativamente benigna em um exemplo como esse. Quine, Sellars e Rorty, contudo, fazem com que ela permeie toda a elaboração de teorias.<sup>9</sup> Não há crenças que não possam ser revistas diante das contestações a nosso sistema de crenças. É o sistema inteiro, e não uma crença em particular, que é confirmado ou desmentido pela evidência. Assim, esses filósofos defendem um holismo na teoria do conhecimento e na filosofia da linguagem. Além disso, o ponto principal da teoria é, por exemplo, lidar com a questão de haver várias aves, não com a de representar o mundo com exatidão, de qualquer forma. Rorty explica o ponto principal de tais teorias.

Nessa visão, grandes cientistas inventam descrições do mundo úteis para os propósitos de prever e controlar o que acontece, assim como poetas e pensadores políticos inventam outras descrições do mundo com propósitos diferentes. Mas não há sentido em que *qualquer* dessas descrições seja uma representação exata de como o mundo é em si mesmo. Esses filósofos consideram a própria ideia de tal representação como algo sem sentido (1989, p. 4).

A combinação da rejeição do acesso privilegiado com a negação da distinção entre verdades analíticas e sintéticas resulta no fracasso de todo o projeto epistemológico do Iluminismo. Não há nenhum fundamento seguro para o conhecimento.

### **PRAGMATISMO E ETNOCENTRISMO: O MÉTODO DE RORTY**

A epistemologia clássica fracassou. A ideia de que a mente representa o mundo como um espelho naufragou nos duplos bancos de areia: o do mito do que é dado e o do fracasso da distinção analítico-sintética. Fundamental para a visão clássica

<sup>9</sup>O fato de sempre ser o caso de que haverá mais de uma teoria adequada a qualquer conjunto de evidências é chamado (por Quine e seus seguidores) de *indeterminação da teoria pela evidência*.

foi a teoria da verdade como correspondência. Rorty rejeita essa teoria, mas não a substitui por outra. Antes, reveste-se do manto do *pragmatismo*, que não tem nenhuma teoria da verdade, mas sustenta que nosso conhecimento e crenças apenas nos ajudam a lidar com o mundo. Não há necessidade de uma teoria da verdade. Rorty escreve:

Para o pragmatista, frases verdadeiras não são verdadeiras por corresponderem à realidade, portanto não há necessidade de se preocupar com a que tipo de realidade, se houver alguma, corresponde determinada sentença — não há nenhuma necessidade de se preocupar com o que a “torna” verdade [...].

[O pragmatista] abandona por completo a noção de verdade como correspondência com a realidade e diz que a ciência moderna não nos capacita a lidar com as coisas por haver uma correspondência; ela simplesmente nos capacita a lidar com elas (1982, p. xvi-xvii).

Rorty caracteriza o pragmatismo de James e Dewey, do qual é adepto, de três maneiras. Primeiro, pragmatismo “nada mais é que antiessencialismo aplicado a noções como ‘verdade’, ‘conhecimento’, ‘linguagem’, ‘moralidade’ e objetos similares da teorização filosófica” (1982, p. 162). Ele se refere à definição de “verdadeiro” dada por James: “o que é bom no modo de crer”. Não tem mais nada a ver com a essência da verdade, porque a verdade não tem nenhuma essência. O propósito por trás de qualquer teoria da verdade é ajudar-nos a decidir em que, para nós, é bom crer. Verdade é aquilo em que, para nós, é bom crer, assim como o que é bom, por sua vez, é aquilo que, para nós, é certo fazer. O que torna algo bom para crermos é como essa crença nos ajudará a negociar nosso mundo, nossa comunidade ou a imagem que temos de nós mesmos da maneira que desejamos negociar tais coisas. E como nenhuma teoria da verdade nos ajuda de fato com essas decisões, as teorias acabam se revelando absolutamente inúteis. “Os pragmatistas”, escreve Rorty, “acham que, se algo não faz diferença alguma para a prática, não deveria fazer diferença alguma para a filosofia. Essa convicção os leva a suspeitar da diferença entre justificação e verdade, pois essa distinção não faz a menor diferença para as minhas decisões acerca do que fazer” (1998b, p. 19).

A segunda caracterização do pragmatismo é que não há “nenhuma diferença epistemológica entre a verdade acerca do que deveria ser e a verdade acerca do que é, nem qualquer diferença metafísica entre fatos e valores, nem qualquer diferença metodológica entre moralidade e ciência”. Ele prossegue dizendo que “para o pragmatista, o padrão de toda investigação — tanto científica quanto moral — é a deliberação concernente às atrações relativas de várias alternativas concretas” (1982, p. 163-164). Assim, no fundo, a metodologia das ciências e a metodologia

do raciocínio moral são do mesmo tipo. Rorty não está defendendo que a moralidade deve ser abordada como alguns querem que a ciência seja abordada: com um método de validade universal fundamentado na natureza humana ou na maneira como o universo é. O correto é o contrário. Rorty afirma que nosso raciocínio científico, tanto quanto nosso raciocínio moral, é uma questão de elaborar uma visão de como queremos nos ver. Não existe um conjunto de regras para o discurso racional ao qual a ciência esteja atrelada e que seja firmemente fundamentado, além de nossa situação histórica. Dados os valores e as preocupações de nossa comunidade, escolhemos a imagem que nos parece melhor.

A terceira caracterização do pragmatismo é que as únicas restrições à investigação são de ordem dialógica e “providas por nossos colegas investigadores” (1982, p. 165). A natureza da mente ou dos objetos no mundo não restringe a investigação. A investigação é um diálogo. Um diálogo sobre qual imagem do mundo ou da política ou da moral é a que desejamos. Sobre que tipo de pessoas queremos ser e que tipo de comportamento queremos encorajar. Não existe restrição por parte da natureza humana ou da realidade moral nesse diálogo. As únicas restrições são aquelas encontradas na comunidade dos que participam do diálogo. Rorty rejeita a tentativa de fazer da verdade algo mais do que aquilo que nossos pares nos permitirão impunemente dizer (1979, p. 176).

Assim, o pragmatismo de Rorty é tal que ele não oferece uma nova teoria da verdade, mas pensa que as teorias da verdade esgotaram a própria utilidade. Precisamos voltar a atenção a questões mais importantes do que a verdade. A mais importante delas é a construção de uma sociedade liberal em que o diálogo floresça.

O pragmatismo de Rorty anda de mãos dadas com seu etnocentrismo. Por etnocentrismo, Rorty não quer dizer racismo. Etnocentrismo é o reconhecimento de que em nossa prática real nós apelamos àqueles que compartilham nossa interpretação geral do mundo, discutimos com eles e os levamos a sério. Justificamos nossas crenças basicamente em nossas comunidades e para elas:

Ser etnocêntrico é dividir a raça humana entre o povo para quem se deve justificar as próprias crenças e os demais povos. O primeiro grupo — o *etno* da pessoa — abrange aqueles que compartilham suficientemente de suas crenças a ponto de tornar possível um diálogo produtivo. Nesse sentido, toda pessoa é etnocêntrica quando engajada em um debate real, não importa quanta retórica realista sobre a objetividade ela produza em seu estudo (1991, p. 30).

Em qualquer discussão ou desavença, devemos começar por onde estamos. Temos de começar pelas coisas em que já cremos e pelos modos pelos quais cremos. Qualquer desafio a nossas ideias terá de ser avaliado, mas avaliamos tais desafios

sob prismas próprios. Rorty explica: “Pois, ora, dizer que devemos operar segundo nossos próprios prismas, que devemos ser etnocêntricos, nada mais é que afirmar que as crenças sugeridas por outra cultura devem ser testadas por meio da tentativa de entretecê-las com as crenças que já temos” (1991, p. 26).

Quando a epistemologia do Iluminismo morreu, o ideal de neutralidade morreu junto. O fato é que simplesmente olhamos para o mundo de determinada maneira. Não que não possamos ou não queiramos mudar a maneira pela qual o vemos, mas essa mudança começará pelas coisas que já sustentamos. Não podemos esperar fugir de nossos pontos de partida para um ponto de vista neutro ou objetivo qualquer. Rorty explica isso da seguinte maneira:

Uma consequência do antirrepresentacionalismo é o reconhecimento de que nenhuma descrição de como as coisas são do ponto de vista de Deus, nenhum dispositivo fantasioso, fornecido por alguma ciência contemporânea ou futura, haverá de nos libertar da contingência de termos sido aculturados da maneira que fomos. Nossa aculturação é o que torna certas alternativas vivas, ou relevantes, ou forçadas, enquanto considera outras mortas, ou triviais, ou opcionais (1991, p. 13).

Iniciamos o diálogo a partir de nossa posição histórica contingente particular. Cremos em algumas coisas e rejeitamos outras. Consideramos algumas opções plausíveis e outras não. Ademais, não encaramos cada desafio com igual seriedade. A escolha daqueles que merecem séria atenção é algo em grande parte influenciado pelo que já cremos e pelo modo que desenvolvemos o processo de discussão.

De todos os aspectos do seu projeto, é o pragmatismo de Rorty que parece menos compatível com a fé cristã e com a fundamentação dessa prática. As afirmações de verdade do evangelho não são meramente pragmáticas. Elas têm o intuito de rastrear como o universo é, independentemente da maneira como o enxergamos. Certa vez, perguntei a Rorty se o pragmatismo que ele defendia era compatível com o teísmo cristão ortodoxo. Ele me respondeu que a maioria dos cristãos ortodoxos consideraria que as duas coisas não são compatíveis. Acrescentou que a incompatibilidade do pragmatismo com o cristianismo ortodoxo revelava um problema não do pragmatismo, mas do cristianismo. Em outras palavras, é o cristianismo que deve ser rejeitado, não o pragmatismo.

### **IRONIA LIBERAL: O FIM DE RORTY**

Rorty defende o objetivo de uma *sociedade liberal*, isto é, aquela em que haja solidariedade entre todas as pessoas. Ninguém é dela excluído e, portanto, ninguém pode ser um legítimo objeto de maus-tratos. Essa solidariedade crescente não se

baseia em algum pretensão fato sobre a natureza humana ou sobre uma obrigação moral objetiva. A sociedade liberal apenas está comprometida com a solidariedade humana. Embora esse compromisso não requeira nenhum fundamento filosófico, na sociedade ideal, a maioria da população nem sequer pensaria em questionar ou defender seu compromisso de ser solidário para com todos, assim como não passaria pela cabeça de um europeu do século 16 questionar se seria ou não cristão (1989, p. 87).

A sociedade liberal é completamente aberta no campo das ideias. Essa abertura nasce não da convicção de que a verdade prevalecerá em qualquer confronto, mas de que a abertura “deve ser incentivada por si mesma”. Rorty afirma que “sociedade liberal é aquela que se satisfaz em chamar de ‘verdade’ o que quer que venha a ser o desfecho de tais confrontos” (1989, p. 52). Como a presença de bases filosóficas já presume que os confrontos no campo das ideias seguirão ou deveriam seguir uma direção particular, não há nenhum alicerce filosófico para fundamentar uma sociedade liberal. O que a mantém unida não é uma posição filosófica compartilhada, mas “um consenso de que a razão principal da organização social é permitir que todos tenham oportunidade de autocriação segundo o melhor de seu potencial e que esse objetivo requer, além de paz e riqueza, as ‘liberdades burguesas’ de praxe” (1989, p. 84).

Toda pessoa tem o que Rorty chama de “vocabulário final”. Este consiste nos termos pelos quais alguém justifica os próprios atos e crenças. Rorty o intitula de final não porque não esteja sujeito a mudanças, mas porque, se contestado, seu usuário “não dispõe de nenhum recurso argumentativo não circular” (1989, p. 73). Na sociedade liberal, os intelectuais assumiriam a postura do ironista no que diz respeito ao vocabulário final de que se servem. *Ironista* é alguém que reconhece a inevitabilidade do etnocentrismo e percebe não haver justificativas para os compromissos básicos da pessoa, incluindo o compromisso com a solidariedade humana. Ser um ironista é pensar o vocabulário final em termos etnocêntricos e pragmáticos. Rorty define o ironista como alguém que satisfaz três condições em relação ao próprio vocabulário final:

- (1) Ele tem dúvidas radicais e contínuas sobre o vocabulário final que usa hoje, pois é afetado por outros vocabulários considerados finais por pessoas ou livros que encontra;
- (2) constata que o argumento expresso em seu vocabulário atual não pode nem concordar com essas dúvidas, nem eliminá-las;
- (3) à medida que filosofa sobre a própria situação, o ironista não considera seu vocabulário mais próximo da realidade do que outros, nem acha que está ligado a um poder que não o seu próprio. Os ironistas com tendência a filosofar veem a opção entre vocabulários simplesmente como algo que joga o novo contra o velho, e não algo que aconteça no âmbito de um metavocabulário neutro e

universal, nem pela tentativa de se abrir caminho através das aparências para chegar ao real (1989, p. 73).

O ironista liberal é alguém que não dá guarida à ideia de que sua visão de mundo está certa e corresponde a uma realidade independente das mentes humanas. Todavia, ele tem o compromisso de fomentar uma sociedade em que exista solidariedade em um círculo cada vez maior de pessoas.

Pode parecer que esses compromissos duplos são mutuamente divergentes. Se olharmos com desconfiança para qualquer alegação de que há uma essência na natureza humana, como podemos nos comprometer de corpo e alma com a solidariedade entre todos? Que elo existe entre as pessoas que nos leva a constatar que desejamos incluí-las em nosso círculo de entendimento? O elo é a capacidade de todas as pessoas de sentir a dor da humilhação. Rorty descreve assim o ironista liberal:

Ele pensa que aquilo que o une ao restante da espécie não é uma língua comum, mas apenas a susceptibilidade à dor e, em particular, àquele tipo especial de dor que as bestas não compartilham com os humanos — a da humilhação. Em sua concepção, a solidariedade humana não é uma questão de compartilhar uma verdade comum ou um objetivo comum, mas de compartilhar uma esperança comum e egoísta de que o seu mundo — as coisinhas em torno das quais a pessoa tece seu vocabulário final — não será destruído (1989, p. 92).

Assim, há motivação para buscar uma sociedade liberal mesmo que não haja, em termos de uma ordem moral real ou de natureza humana, justificativas filosóficas para tal sociedade. Dessa forma, podemos ser ironistas no que concerne a nossas dúvidas sobre o próprio modo de olhar para o mundo e, ao mesmo tempo, ser liberais comprometidos no que concerne a nossa insistência para que o senso de solidariedade experimentado na sociedade seja expandido de modo a incluir todas as pessoas, pelo simples fato de que todas as pessoas são passíveis de sofrer humilhação. Em seu livro mais recente, Rorty afirma que “com o intuito de pensarmos em como atingir nosso país, não precisamos nos preocupar com a teoria da correspondência da verdade, com os fundamentos para a normatividade, com a impossibilidade de justiça, ou com a distância infinita que nos separa do outro. Para esse intuito, podemos deixar de lado tanto a religião quanto a filosofia. Podemos simplesmente continuar tentando resolver o que Dewey chamou de ‘os problemas dos homens’” (1998a, p. 97).

### ***A QUESTÃO DO RELATIVISMO***

Uma dúvida incômoda sobre o projeto de Rorty é que ele dá a impressão de minar com uma mão aquilo em que se apoia com a outra. A partir do momento

que abandonamos a noção de que há uma natureza humana, uma realidade independente do que pensamos a seu respeito, e uma ordem moral que não inventamos, como podemos falar da humilhação como algo ruim? Rorty não se inseriu no ângulo do relativismo? Ele discute essa preocupação de maneira bastante explícita e nega ser um relativista:

“Relativismo” é a visão de que toda crença em determinado tópico, ou talvez acerca de *qualquer* tópico, seja tão boa quanto todas as demais. Ninguém sustenta essa visão. Exceto pelo ocasional calouro ávido em colaborar, não se encontra quem diga que duas opiniões incompatíveis sobre um assunto importante sejam igualmente boas. Os filósofos *chamados* de “relativistas” são os que dizem que os fundamentos para a escolha entre essas opiniões são menos algorítmicos do que se pensava (1982, p. 166).

Rorty acredita que algumas visões são melhores do que outras. Mas o que ele nega é que o que torna essas visões melhores seja alguma verdade sobre como o mundo é que possa ser separada de nossas visões de mundo ou de alguns fatos acerca da natureza humana. Negar esses fundamentos para sustentar uma visão em vez de outra não equivale a dizer que vale tudo na área das crenças. Muitas de nossas crenças sobre a moral ou a sociedade podem ser bem justificadas, mesmo se não afirmarmos que refletem com precisão a realidade independente da mente. Rorty insiste que não pode ser considerado um relativista por não abraçar uma teoria relativista da verdade ou do conhecimento. De fato, ele não defende teoria nenhuma sobre tais coisas:

Para o pragmático defender uma teoria positiva não é o que diz que determinada coisa é relativa perante outra. Antes, ele sustenta a ideia puramente *negativa* de que deveríamos abandonar a distinção tradicional entre conhecimento e opinião, concebida como a distinção entre verdade como correspondência com a realidade e verdade como um termo recomendável para crenças bem justificadas. A razão pela qual o realista chama essa alegação negativa de “relativista” é por ele não poder acreditar que alguém negasse a sério que a verdade tem uma natureza intrínseca. Assim, quando o pragmático anuncia que não há nada a ser dito sobre a verdade, exceto que cada um de nós recomendará como verdadeiras as crenças que considera boas, o realista se sente inclinado a interpretar isso como mais uma teoria positiva sobre a natureza da verdade: uma teoria segundo a qual a verdade é só a opinião contemporânea de dado indivíduo ou grupo. Essa teoria, claro, refutaria a si própria. Mas o pragmático não tem uma teoria da verdade, muito menos uma teoria relativista. Como partidário da solidariedade, sua explicação do valor da investigação humana em cooperação só

tem uma base ética, não epistemológica ou metafísica. Não tendo *nenhuma* epistemologia, *a fortiori* ele não tem uma epistemologia relativista (1991, p. 23-24).

Rorty considera seu pragmatismo um bom sentinela contra os perigos do relativismo. Só quando pensamos que *existe* uma realidade independente da mente que nossas teorias supostamente representam com precisão é que corremos o perigo de cair no relativismo. Em uma visão não pragmática como essa, se a evidência sustenta de igual modo duas teorias incompatíveis (e Rorty pensa que será sempre esse o caso), é forçoso concluir que, no que diz respeito às evidências, ambas as teorias são igualmente boas. Como se escolhe que teoria abraçar? Tudo que sobra são meios de escolha “menos racionais”. Assim, a escolha da teoria será relativa a alguma consideração outra que não a adequação às evidências. Se teorizar tem como objetivo a representação acurada, nenhuma das teorias executa seu propósito melhor do que a outra.

O pragmatismo evita o perigo do relativismo negando que a representação acurada seja o propósito da elaboração teórica. Antes, escolhamos teorias baseados no que é melhor para crer, sendo que esse melhor é traduzido em termos das necessidades e propósitos que encontramos na vida. Uma vez que desistimos do ideal impossível da representação acurada, podemos ver que dispomos, sim, de critérios segundo os quais escolhamos teorias, e sem cairmos no relativismo.

Portanto, a verdadeira questão não está entre pessoas que consideram uma visão tão boa quanto outra e pessoas que não pensam assim. Está entre aquelas pessoas que pensam que nossa cultura, nosso propósito ou nossas instituições não podem encontrar apoio senão por meio do diálogo e as pessoas que ainda esperam por outros tipos de apoio (1982, p. 167).

## **RESUMO**

O projeto de Richard Rorty é recomendar abordagens pragmáticas à filosofia com o objetivo de fomentar uma sociedade liberal em que a solidariedade humana seja o valor supremo. Conquanto rejeite a teoria da correspondência da verdade, ele nega ser um relativista acerca da verdade, do conhecimento ou da virtude. Rorty acredita que não faz sentido, e portanto é improdutivo, preocupar-se com o modo pelo qual o mundo poderia ser, independentemente do que pensamos a respeito dele. Seu trabalho tem sido muito influente no sentido de prover parte do apoio teórico ao pós-modernismo.

## **MICHEL FOUCAULT**

Foucault nasceu em Poitiers, França, em 1926. Frequentou a École Normale Supérieure em Paris, instituição de ensino reservada aos melhores e mais brilhantes

(e mais excêntricos também, a julgar pelo corpo discente). Colou grau em Filosofia e Psicologia e, com a obra *Madness and civilization* (1961),<sup>10</sup> foi agraciado com o título de doutor. De 1969 em diante, ocupou a cátedra de História dos Sistemas de Pensamento na mais prestigiosa instituição francesa, a *College de France*. Além de numerosos artigos e entrevistas publicados, Foucault escreveu *The birth of the clinic* (1963),<sup>11</sup> *The order of things* (1966),<sup>12</sup> *The archaeology of knowledge* (1969),<sup>13</sup> *Discipline and punish* (1975),<sup>14</sup> *Power/knowledge [Poder/Saber]* (1980) e os três volumes de *History of sexuality* (1976, 1984, 1984).<sup>15</sup> Após uma estadia em Berkeley, morreu de AIDS em 1984.

### ***“O QUE É ILUMINISMO?”: O PONTO DE PARTIDA DE FOUCAULT***

Qualquer tentativa de destilar a essência do pensamento de Foucault é dificultada por sua aparente irascibilidade à síntese pronta. No emprego dado por Isaiah Berlin à metáfora de Arquiloco — “A raposa sabe muita coisa, mas o ouriço sabe uma grande coisa” — Foucault é definitivamente uma raposa.<sup>16</sup> Ele é artesão de muitos e vários artefatos intelectuais, e deixa evidente que saboreia o próprio ardil: “Você acha que escrever seria tão divertido para mim se eu não preparasse, com mão febril, um labirinto em que perambular?”<sup>17</sup>

Talvez o melhor lugar para encontrar o fio da meada que se desenrola pelo labirinto de Foucault seja um ensaio que ele escreveu em seu último ano (1984), que fornece a declaração mais sucinta de seu projeto crítico. O título “O que é Iluminismo?” recapitula o do ensaio de Kant, de 1784, o qual Foucault considera crucial à filosofia moderna e, em certo sentido, em continuidade com seu próprio projeto.

Um ponto de afinidade para Foucault é que as reflexões críticas de Kant brotam de seu “momento específico” na história e procuram responder a esse momento (1984a, p. 38). De igual modo, Foucault extrai seu plano de ação do

<sup>10</sup>Edição em português: *História da loucura na Idade Clássica* (São Paulo: Perspectiva, 1978).

<sup>11</sup>Edição em português: *O nascimento da clinica* (São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977).

<sup>12</sup>Edição em português: *As palavras e as coisas*, 8. ed. (São Paulo: Martins Fontes, 1999).

<sup>13</sup>Edição em português: *A arqueologia do saber*, 7. ed. (São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008).

<sup>14</sup>Edição em português: *Vigiar e punir* (Petrópolis: Vozes, 1999).

<sup>15</sup>Edição em português do primeiro volume: *História da sexualidade: I: A Vontade do saber*, 13. ed. (Rio de Janeiro: Graal, 2003), v. 1; edição em português do segundo volume: *História da sexualidade: 2: O uso dos prazeres*, 15. ed. (Rio de Janeiro: Graal), v. 2; edição em português do terceiro volume: *História da sexualidade: 3: O cuidado de si* (Rio de Janeiro: Graal, 1985), v. 3.

<sup>16</sup>Berlin, 1978, p. 22. Gutting (1994, p. 2) faz essa observação.

<sup>17</sup>Foucault, 1972, p. 30. Cito a tradução em Fink-Eitel, 1992, p. 3.

próprio presente. Ele esquadrinha o cenário contemporâneo à procura do que percebe ser traços intoleráveis e emprega sua crítica para combater essas patologias. Enxerga seu projeto como “curativo”.<sup>18</sup>

Foucault se considera alguém que dá continuidade a Kant também em outra questão. Kant definiu o Iluminismo como um amadurecimento, a saída de uma posição de tutela à autoridade: *aude sapere* — ousar saber — era a senha, significando ousar empregar a própria razão, pois só o imaturo trata as questões na base da autoridade. Foucault acha essa metáfora de saída ou passagem uma descrição apropriada para seu projeto, o qual também está preocupado com o “abandono” — dos modos de ser, fazer e pensar em que nos encontramos e que nos são dados. Tanto para Kant quanto para Foucault, a saída é fomentada pela reflexão crítica sobre limites. Kant analisa as fronteiras que limitam o verdadeiro conhecimento. Segundo suas prescrições, saímos da imaturidade renunciando a qualquer transgressão desses limites. Persistir escrupulosamente na boa metodologia epistemológica é a chave para Kant.

Mas Foucault busca uma saída precisamente dos limites. Os limites que ele analisa são todas as noções que se apresentam como absolutas, universais, obrigatórias ou necessárias. Essas noções tentam definir, confinar, governar e restringir nosso modo de ser, pensar e agir. Ele analisa esses limites não como coisas necessárias, às quais aderir, mas como fantasias e coisas a serem transgredidas. Assim, apesar dos poucos pontos de contato com Kant, Foucault busca fugir precisamente daquilo que Kant procurou edificar: uma estrutura dominante de verdades e valores universais. A mesma ferramenta que Kant forjou para o resgate do homem, Foucault identificou como uma cadeia que aprisiona.

Como era de se prever, Foucault condena como equivocada e até mesmo perigosa qualquer “busca por estruturas formais com valor universal” nos moldes de Kant (1984a, p. 46). Embora seu movimento em direção à “maturidade” descartasse a autoridade religiosa como a responsável por proporcionar fundamentos para a verdade, Kant não descartou completamente o absoluto. Em vez disso, simplesmente buscou reposicionar seus fundamentos na epistemologia — em um método racional e universal de conhecimento. Mas, para Foucault, isso não chega à estatura da maturidade, que requer que enfrentemos a ausência total de qualquer

<sup>18</sup>Foucault, 1984c, p. 90. Pode parecer estranho a um pós-moderno comparar seu projeto com o de um pensador do Iluminismo. Foucault reconhece que sua afinidade com Kant está longe de ser abrangente. Consiste de um *ethos*: “[A] linha que talvez nos conecte ao Iluminismo não é a fidelidade a elementos doutrinários, mas, sim, o reativamento permanente de uma atitude — ou seja, de um *ethos* filosófico que pode ser descrito como uma crítica permanente de nossa era histórica” (Foucault, 1984a, p. 42).

absoluto. “Precisamos virar as costas para todos os projetos que se declaram globais ou radicais” (p. 46) — a fim de nos expor como as coisas são, em alguma espécie de sentido universalmente válido e profundamente real. “Temos de abrir mão da esperança de algum dia chegarmos a um ponto de vista que nos possa dar acesso a qualquer conhecimento completo e definitivo” (p. 47)<sup>19</sup>

Para Foucault, verdade não é algo a ser descoberto, mas, sim, a ser forjado. Ela jamais se coloca sob uma luz branca ofuscante, imaculada e pura, mas carrega em si os sinais de sua origem terrena e a fusão de mil mãos encardidas, cada qual com uma intenção polêmica própria. Ninguém simplesmente sabe algo. Sabemos algo *para* alguma coisa, portanto, o conhecimento está atado ao poder de maneira indissociável — ou, como Foucault coloca, “a verdade não está fora do poder [...]. Ela é algo deste mundo: produzida apenas em virtude de múltiplas formas de coerção” (1984c, p. 72-73). Assim, o conhecimento só existe com o poder, e Foucault se refere a esse conjunto como “Poder/Saber” (título de um de seus escritos).

Desde Kant, grande parte da atividade filosófica, obcecada pela “questão das condições em que o verdadeiro conhecimento é possível, tem diligentemente se esforçado para destilar a verdade em sua forma pura”. Foucault apelida essa tradição de “analítica da verdade” e se distancia de suas preocupações, optando, em vez disso, pelo que chama de “uma ontologia do presente, uma ontologia de nós mesmos” (1988, p. 95). Faz referência assim a uma investigação crítica do que nos constitui como sujeitos. Que coisas nos definem e delimitam, dizem-nos o que somos ou deveríamos ser? Levando em conta que Foucault acredita não termos nenhuma essência, qualquer concepção desse tipo só pode ser uma imposição, arbitrária e escravizante. Lembro-me vividamente de quando deparei com essa rejeição foucaultiana em ser de alguma forma constituído, pelo clamor inflamado de alguns estudantes ante o fato de parte de uma de nossas pesquisas pedir aos alunos que marcassem “sexo masculino” ou “sexo feminino”. Essa “imposição arbitrária e tirânica” muitos declararam irracional. Como ousamos delimitá-los e circunscrevê-los por uma classificação dessas?

A obra de Foucault, pode-se correr o risco de afirmar, é basicamente um jogo de palavras complexo com o termo *sujeito* (1982, p. 212). Tudo o que nos torna um sujeito nos *sujeita*. A observação é notavelmente satisfatória, apesar de sua simplicidade, pois em sendo dado o que somos é que Foucault identifica como intolerável a condição a que somos sujeitos e da qual devemos nos libertar. Precisamos

<sup>19</sup>Foucault afirma isso em referência a um ponto levemente mais restrito, mas não se acanharia em afirmá-lo de forma geral, como o aplico aqui.

nos envolver em “uma criação permanente de nós mesmos em nossa autonomia” (1984a, p. 44). Só nós mesmos podemos determinar o que somos. Promovemos “novas formas de subjetividade” por meio da recusa da que nos tem sido imposta. Para expor isso de maneira sucinta, Foucault escreve: “Talvez o alvo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusá-lo” (1982, p. 216).

Assim, o projeto de Foucault se concentra em uma ontologia de nós mesmos que envolve “a análise histórica dos limites que nos são impostos e uma experiência com a possibilidade de ir além deles” (1984a, p. 50). Essa tarefa é “desempenhada por nós em nós mesmos, na condição de seres livres” (p. 47). “Um trabalho paciente [que vai] dando forma a nossa impaciência por liberdade” (p. 50). Essa articulação do projeto de Foucault em dois aspectos — a análise histórica dos limites impostos e a experiência de ir além desses limites — propicia um caminho útil a seguir em sua exposição.

### **ARQUEOLOGIA E GENEALOGIA: O MÉTODO DE FOUCAULT**

O objetivo de Foucault é romper as algemas que nos sujeitam a fim de nos libertar plenamente para o empreendimento contínuo da autocriação autônoma. Essas algemas são os conceitos dominantes sobre o que é humano, saudável, certo, racional, normativo e normal, postos para nossa compreensão e reflexão. Contudo, Foucault constata que essas asserções reinantes, considerados sadias ou científicas, estão longe de ser definitivas e imutáveis. Ora, o que são tais verdades senão mero “regime discursivo”?

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade; isto é, cada uma tem os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e exemplos que capacitam a pessoa a distinguir entre enunciados verdadeiros e falsos; os meios pelos quais cada um é sancionado; técnicas e procedimentos de valor acordado na aquisição da verdade; o *status* de quem é encarregado de dizer o que conta como verdade (1980, p. 131).

Foucault chama de “arqueologia do saber” a análise desses sistemas de procedimentos ordenados para a produção e a regulação do que determinada cultura considera verdade. Trata-se de um método que escava e expõe a subestrutura conceitual subjacente a qualquer pronunciamento particular, o sistema de regras e pressupostos mais fundamental do que qualquer afirmativa. É nesse nível mais fundamental que Foucault está convencido de que a batalha precisa ser travada. Não é uma questão de mudar o modo de pensar sobre uma afirmação de verdade específica. Antes, é a luta para mudar as regras do jogo. A batalha é pelo que determina o que poderia até mesmo contar como verdade. É pelo *status* das asserções (1980, p. 132). Como escreve Foucault: “O problema não é mudar a consciência

das pessoas — ou o que elas têm na cabeça”, mas mudar o “regime de produção da verdade” (p. 133). A tarefa do intelectual não é criticar conteúdos, mas “averiguar a possibilidade de constituir uma nova política da verdade” (p. 133).

Alguns talvez se recordem da controvérsia não tão distante envolvendo a reivindicação de uma tribo indígena norte-americana de que algumas ossadas encontradas eram de seus ancestrais, o que transformava o local em solo sagrado de sepultamento. A identificação foi determinada por eles por meio da realização de um ritual mágico. O museu Smithsonian opôs-se a essa afirmação baseando suas alegações em testes de DNA. O foucaultiano compreenderá que a real batalha não é pela identidade dos ossos, mas sim pela política da verdade — as regras que ditarão se as alegações do cientista de guarda-pó branco do Smithsonian triunfarão sobre o ritual tribal xamanístico, ou vice-versa. De quem será o método de produção da verdade a receber *status* e de quem será o marginalizado? Qual regime de regras prevalecerá? “Os sucessos da história”, escreve Foucault, fazendo eco a Nietzsche, “pertencem aos capazes de se apoderar dessas regras [...] de controlar esse mecanismo complexo [...] de modo a sair vitorioso” (1984c, p. 86)<sup>20</sup>

O método empregado por Foucault para estremecer e desalojar regimes atuais da verdade, seu meio de lhes neutralizar o poder de oprimir, é neutralizando seu poder de encantar. Os regimes encantam pela impressão evocada pelo sacerdote paramentado, pelo professor célebre, pelo cientista de guarda-pó branco ou pelo estatístico que vomita números de que seus pronunciamentos são imutáveis ou revelam a vontade divina, uma essência decifrada, o preceito da razão, os dados da natureza ou os fatos da questão e, por isso, exigem nossa reverência e concordância.

Contudo, Foucault busca demonstrar que a origem do que se pretende revelado ou racional, ou científico, ou estatístico é de fato obscura, maravilhosamente heterogênea — e enraizada em relacionamentos de subjugação e poder. Essa exposição das origens obscuras, comprometedoras, Foucault apelida de “genealogia”. A genealogia nasce com o intuito de perturbar o que é considerado estável e fragmentar o que se imagina unânime. Revela um jogo de casualidades e contingências e as raízes sórdidas de mesquinhez e paixão, de maldade e fanatismo, fontes de tudo a que denominamos verdade. “Os começos históricos são modestos”, escreve

<sup>20</sup>Ninguém que esteja familiarizado com as universidades nos dias de hoje deixará de reconhecê-las como palco dessa batalha foucaultiana de reescrever as regras do jogo e dispor delas para obter vantagem. Novos vencedores e perdedores já emergiram: algumas vozes são privilegiadas, outras desqualificadas. Tem havido uma transição de ação afirmativa para a epistemologia. Se um grupo foi oprimido, não pode ser contradito. Desafiar tais vozes, estabelecer novas regras é passível de censura por racismo, sexismo ou fanatismo atávico. A batalha pelas regras do jogo está em pleno desenvolvimento, e os grupos com experiência nesse embate estão na frente dos outros jogadores.

Foucault, “capazes de arruinar qualquer entusiasmo fugaz” (1984c, p. 79). Assim, as ambiguidades sombrias geram um desconforto perturbador e abrem espaço para algo muito diferente a ser imaginado — um contradiscurso. Lembro-me do efeito subversivo causado em mim pela observação de que, em todas as corridas presidenciais dos Estados Unidos, o mais alto dos dois candidatos fora eleito. Isso abriu espaço para um contradiscurso acerca da suposta racionalidade do processo eleitoral. Foucault é o mestre dessas análises históricas subversivas. Mas com que finalidade ele emprega seu talento?

### ***HORIZONTE POLÍTICO E ÉTICO: A FINALIDADE DE FOUCAULT***

Como seu “O que é Iluminismo?” indica, Foucault faz uma “análise histórica dos limites que nos são impostos” com o intuito de empreender “um experimento com a possibilidade de ultrapassá-los” (1984a, p. 50). Depois que a genealogia liquefaz as estruturas aparentemente sólidas que atuam para limitar e confinar o que somos, fazemos e pensamos, um novo horizonte se nos abre para autocriação autônoma. Tudo pode ser extrapolado. Nossa única bússola é a visão elaborada por nós mesmos de uma vida prazerosa e satisfatória. A visão que Foucault tem da existência é realmente estética. “Criamos a nós mesmos como uma obra de arte” (1984b, p. 351), decidindo exclusivamente por nossa conta quais serão as cores e os contornos. Embora use o termo *ética*, esta nada tem a ver, segundo o emprego que Foucault lhe dá, com a lei moral. Na verdade, Foucault acha que qualquer submissão dessa espécie a um padrão moral seria “catastrófica” (1985, p. 12). Tais supostas regras fornecem apenas a provocação permanente para a transgressão, ocasiões para resistência e rejeição, que são a própria força vital do sujeito que molda a si mesmo. “É pela insurreição”, escreve Foucault, “que a subjetividade [...] se introduz na história e lhe dá o sopro de vida” (1981, p. 8).

Esse experimento de ultrapassar, de resistir e remoldar, de recusar o que somos e reinventá-lo, Foucault aplica de maneira particular à sexualidade. Não há uma maneira única pela qual a sexualidade tenha sido compreendida ou praticada. Assim, não há uma coisa única que sempre a sexualidade deva ser ou uma forma mais natural. Não há uma determinação biológica ou eterna, mas uma indução social e, portanto, trata-se de uma arena de poder. Temos de nos libertar desse poder, recusando-lhe o controle e inventando-nos sexualmente. “Sonho”, ele disse certa vez, “com uma nova era de curiosidade”.<sup>21</sup> Com um horizonte assim irrestrito para a liberdade de se automoldar, não é de estranhar que Foucault recorra a altas analogias: “[O] sujeito da própria liberdade, dela consciente, é no fundo uma espécie

<sup>21</sup>“The masked philosopher”, *Le Monde* (6 de abril, 1980), citado em Gutting, 1994, p. 207.

de imagem correlata de Deus”.<sup>22</sup> Assim, o horizonte de Foucault chama o sujeito para assumir o lugar do Absoluto ausente.

### A QUESTÃO DA COERÊNCIA

Questões quanto à coerência do projeto de Foucault têm sido levantadas em várias frentes. Diz-se que um comentário crítico com certeza pressupõe algum padrão, alguma base de julgamento. No entanto, ao negar todos os padrões, Foucault parece minar os próprios esforços críticos. Se de fato todos os discursos estão ligados ao poder e à subjugação de forma indissociável, o próprio discurso de Foucault sobre a emancipação também está. O que vale para um também vale para o outro.

Todavia, Foucault não postula grande *status* cognitivo para suas críticas. Ele busca desafiar os discursos universais totalizantes sem reivindicar qualquer ponto de vista privilegiado ou qualquer universalidade. Não faz referência a nenhum fundamento neutro ou capaz de abranger tudo. “Por ora”, escreve, “e tanto quanto consigo enxergar à frente, meu discurso [...] é evitar o fundamento sobre o qual poderia encontrar apoio” (1972, p. 205). Mas isso não o preocupa, pois Foucault não está tentando estabelecer nenhuma teoria grandiosa própria; antes, tem como simples objetivo subverter as teorias em voga no presente. Nesse sentido, sua tarefa é bem mais fácil. Basta desorganizar as convicções convencionais, despertar um senso de discórdia e discrepância no seio da ortodoxia recebida. Como o ônus do advogado de defesa, ele deve apenas suscitar dúvidas que parem no ar quanto à clareza e finalidade do cenário do processo. Não necessita fornecer uma definição superior; apenas lança, em atitude subversiva, um frango depenado contra o muro da academia.<sup>23</sup>

Quanto à acusação de que seu discurso também está comprometido com o poder, de pronto ele admite esse fato também. Foucault não tem a pretensão de oferecer a verdade desvinculada do poder, nem é seu objetivo. Antes sua meta é romper concentrações de poder para dismantelar o poder hegemônico. Como ele mesmo diz: “Não é uma questão de emancipar a verdade de todo sistema de poder (o que seria uma quimera, pois a verdade já é poder), mas de desvincular o poder da verdade de formas de hegemonia” (1980, p. 133). E essas insurreições contra-hegemônicas só são empreendidas no nível local, concreto. Não lutam por alcançar soberania, apenas por fragmentá-la. No entanto, as questões persistem. Embora

<sup>22</sup>Citado em Gutting, 1994, p. 152. Suponho que a genealogia dessa mentira tenha suas origens na promessa da serpente no Jardim.

<sup>23</sup>Essa é uma referência a uma história sobre alguns dos alunos de Platão que, ao ouvi-lo definir o ser humano como um “bípede implume”, depenaram uma galinha e a atiraram contra os muros da Academia, provendo, assim, um excelente contraexemplo.

Foucault rejeite padrões que poderiam ser aplicados de um extremo ao outro, com certeza introduz padrões de forma provinciana. Mesmo que suas insurreições sejam apenas locais, elas ainda esposam algum valor. Algo é demonizado e algo, valorizado. Foucault não evita completamente a questão dos valores orientadores; apenas a realoca. Em que luta eu deveria me envolver? E por que nessa luta particular e não em outra? Poderia igualmente optar pela defesa do lado oposto? Por que preferir a emancipação à subjugação, a liberdade à escravidão? O projeto de Foucault começa com o discernimento dos perigos correntes. Mas o próprio perigo é uma noção carregada de valor. É perigoso para quem? De acordo com a lista dos dez maiores perigos elaborada por quem? Foucault ou Falwell? Derrida ou Dobson?<sup>24</sup>

Assim, de onde vêm esses valores que nos conduzirão no combate? Quem dita o que valorizamos e o que desprezamos? Nenhuma palavra do alto, transcendente e elevada, nenhuma revelação de dentro, uma essência profunda decifrada, pode nos ser útil aqui. Para Foucault, nossos valores emergem apenas em nossa experiência concreta de sujeição. Esse é o motor que move o projeto dele. A filosofia é serva da experiência. Foucault nos incita a uma viagem em busca da liberdade, sem bússola nem estrela pelas quais navegar, contando só com a experiência infligida no leme. Uma viagem destinada ao infortúnio? Com certeza, uma esperança ilusória de que “mesmo sem a Verdade, ainda podemos ser libertos”.<sup>25</sup>

## IMPLICAÇÕES PARA EVANGELISTAS

Embora nossas universidades talvez não estejam infestadas de devotos doutrinários de Rorty ou Foucault, os modos de pensar de ambos se infiltram cada vez mais nas estruturas do pensamento acadêmico, e os respectivos vocabulários impregnam de maneira notável o discurso no *campus*. Esse fato é importante para aqueles que tentam ressaltar as alegações do evangelho. Permita-me citar quatro desafios e quatro oportunidades concomitantes.

### DESAFIOS

Fundamental para as estruturas pós-modernas de pensamento é a inadmissibilidade de qualquer afirmação universal que seja aplicável e obrigatória a todos em toda parte. Embora qualquer pessoa seja bem-vinda para contar sua história, esta só pode ser pessoal ou local, jamais completa ou cósmica em sua abrangência. Qualquer relato considerado totalizante é desprezado como totalitário e tabu ou,

<sup>24</sup>Essa questão é desenvolvida em um excelente artigo de Bernstein (esp. 1994, p. 299).

<sup>25</sup>Essa é a maravilhosa frase de conclusão de Gutting, 1989, p. 288.

para aqueles que seguem Rorty, ingênuo. Mas o evangelho é uma história universal em suas afirmações. Ele convida a que “todos os homens, em todos os lugares, se arrependam” (At 17.30). É a metanarrativa máxima declarada a uma cultura descrente de metanarrativas. Assim, as afirmações universais do cristianismo costumam ser entendidas como atavismos irritantes de arrogância iluminista. De modo que o evangelho é com frequência rejeitado pelo simples fato de afirmar ser verdade, não por alguém tê-lo examinado e descoberto que era falso.

Um segundo desafio encontrado onde reina a mentalidade pós-moderna é a crescente aclimação a uma falta de fundamento. A nostalgia pelos absolutos ausentes é cada vez menor. Há uma geração, muitos chegaram à conclusão de que não há verdades ou valores transcendentais. No entanto, essa convicção culminante foi traumática para eles. Mas as conclusões de ontem são os pontos de partida de hoje. Os tons de voz, um dia aterrorizados, estão se tornando calmos, até mesmo despreocupados: “Não existem absolutos, e quero meus ovos fritos com a gema bem mole”. Por conseguinte, apologistas e pregadores que estão à procura de inquietações como cabeça de ponte para o evangelho descobrirão que o terreno sobre o qual se assentam está em constante erosão. Os pós-modernos parecem ter uma capacidade impressionante de suportar a falta de fundamento e a incoerência com extrema calma — de viver como ironistas com a maior tranquilidade.

Outro desafio para o evangelista é que, onde pressupostos pós-modernos predominam, não se pode contar que a vida seja concebida em categorias morais. O ironista pode ter profundos compromissos morais, mas escolhidos por ele próprio, e não responder a ninguém por eles, exceto a si mesmo. O *eu* é o único criador reconhecido. Não se concebe a ideia de um Criador transcendente a quem se deva prestar contas. Assim, o projeto de vida é mais um empreendimento estético do que moral. Como diz Rorty, é “autocriação” (1989, p. 84). E onde se crê que nós “nos criamos como uma obra de arte” (Foucault, 1984b, p. 351), qualquer desafio que se faça, em nome do evangelho, à cosmovisão da pessoa ou a seu estilo de vida será ouvido como se expressasse desdém pela obra criativa do artista, portanto, descartado por evidenciar uma sensibilidade estreita, limitada. Pregar a lei é apenas propor preconceitos. Não que a resistência ao evangelho seja exclusiva de uma sensibilidade pós-moderna, claro. Antes, a retórica foucaultiana e rortiana ajudam a reforçar e a racionalizar nossa resistência instintiva ao desafio que o evangelho faz à nossa pretensa autonomia. É a retórica conveniente para a rebelião.

O quarto desafio encontrado, especialmente onde Foucault é lido e absorvido, se relaciona com a tese fundamental de que as afirmações de verdade estão sempre comprometidas com o poder. Por conseguinte, qualquer esforço para persuadir alguém a abraçar a concepção que você adota é vista como um tipo de colonização

intelectual, um imperialismo pernicioso da mente que procura trazer alguém para debaixo da escravidão de seu ponto de vista. Claro, os evangélicos que apoiam o evangelho ou os cristãos proselitistas (como são apelidados) são transgressores inveterados dessa sensibilidade, e todos os recém-chegados ao *campus* são devidamente advertidos da presença e dos intuitos deles.

Esses são alguns dos desafios ao avanço do evangelho que resultam da influência de pensadores como Rorty e Foucault. Mas a crescente difusão das estruturas pós-modernas de pensamento também proporciona ao evangelista novas oportunidades.

### ***OPORTUNIDADES***

Sob o regime do modernismo, com seu típico secularismo estridente, o cristianismo sofreu grande ameaça. A crítica pós-moderna, no entanto, cortou as asas do intimidador modernista, tornando-o muito menos ameaçador. O espaço para respirar é notável. Mais ainda, a ambição pós-moderna de romper a hegemonia modernista mediante a inclusão de vozes marginalizadas e excluídas tem às vezes até resultado em um apadrinhamento comedido da voz cristã. Por vezes temos sido convidados (ainda que com relutância) à mesa e recebido permissão para articular nossa história ou vocabulário final. Mesmo que isso não seja de modo algum uma volta ao lar, ainda assim é, em sentido limitado, uma volta do exílio e deve ser reconhecido como uma reviravolta benéfica da providência.

A segunda oportunidade é que algumas das análises pós-modernas se harmonizam com a doutrina bíblica no sentido de que os efeitos da nossa rebelião afetam até mesmo nossos processos de raciocínio. Enquanto o modernista se imagina um árbitro perfeitamente adequado e juiz neutro de qualquer afirmação do evangelho que se apresente, é um truísmo para o pós-modernista o fato de que não conhecemos nem julgamos nada com neutralidade. O pensador pós-moderno não se surpreenderá com o ensino bíblico de que a determinação que ele tem de preservar a própria autonomia rebelde distorce seu juízo espiritual e o instiga a empregar sua racionalidade de maneira evasiva diante da afirmação de soberania de Deus. Tenho dito com frequência aos alunos: “Permitam-me lhes dizer por que, se a história bíblica é verdadeira, vocês a ouvirão como uma ameaça, e por que deveriam aplicar a hermenêutica da dúvida precisamente a essa reação”. Nesse sentido, uma verdade bíblica chave está relacionada a uma estrutura que lhes é familiar, e esse ponto de contato ajuda o evangelho a ser ouvido de maneira mais produtiva.

Outro aspecto de uma estrutura foucaultiana de referência que pode proporcionar uma oportunidade ao evangelista é o fato de que seu tema central é a emancipação do sujeito. Isso é muito compatível com um grande eixo do evangelho: ser

libertado. Quando um foucaultiano está defendendo (o que para ele é) o âmago da questão, o cristão não deve mudar o assunto para trazer à tona o âmago do evangelho.<sup>26</sup> Há concordância nessa necessidade de ser liberto. A discordância é acerca da natureza da escravidão e do que é necessário para ser liberto.

Uma última oportunidade para o evangelista brota da ânsia fundamental pela coerência e pela comunidade. Apesar de toda a celebração pós-moderna da fragmentação, será inevitável que permaneça, em uma cosmovisão dessas, uma dissonância profunda com o que certamente é o impulso humano básico pela coerência. O relato bíblico que o evangelho apresenta é um chamamento que, entre outras coisas, convida os rebeldes a serem coerentes. Deveríamos continuar usando esta cartada.

Também, apesar de toda a conversa pós-moderna sobre comunidade, o pós-modernismo não fornece nenhum dos recursos para obtê-la. A vida estética moldada pelo próprio indivíduo que ele advoga é um empreendimento autocentrado e, em última análise, isolador. A experimentação perpétua através da transgressão de limites jamais forjará a comunidade. Somente uma abnegação disposta a abraçar a vida moral — o caminhar mediante uma regra comum — conseguirá isso. E essa verdade a igreja deve apresentar de maneira não só audível, mas também visível. Portanto, mostremos uma visão atraente de coerência e comunidade, e demonstremos na realidade da nossa existência que somente no conhecimento da verdade se é liberto de fato.

## Referências

- BERLIN, Isaiah. 1978. *Russian thinkers* (New York: Viking Press).
- \_\_\_\_\_. *Pensadores russos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988). Tradução de: Russian Thinkers.
- BERNSTEIN, Richard. 1994. "Foucault's critique as philosophical ethos". In: KELLY, Michael, org. *Critique and power: recasting the Foucault/Habermas debate* (Cambridge: MIT Press).
- FINK-EITEL, Hinrich. 1992. *Foucault: an introduction* (Philadelphia: Penbridge).
- FOUCAULT, Michel. 1972. *Archaeology of knowledge*. Tradução para o inglês de A. M. Sheridan Smith (New York: Pantheon).

<sup>26</sup>Foucault (p. 47, 1984a) identificou como o enigma crucial "o paradoxo das relações de capacidade e poder". Novamente: "Como pode o crescimento das capacidades estar desconectado da intensificação das relações de poder?" (p. 48). A própria questão apresentada por Foucault poderia servir como abertura apropriada de uma apresentação do evangelho. É possível tomar a narrativa de Gênesis 4 e ilustrar o dilema paradoxal de Foucault pela linha de Caim e a única resposta pela linha de Abel.

- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000).  
Tradução de: *Archaeology of knowledge*.
- \_\_\_\_\_. 1980. "Truth and power". In: GORDON, C., org. *Power/Knowledge: selected interviews and other writings 1972-1977* (New York: Pantheon), p. 109-133.
- \_\_\_\_\_. 1981. "Is it useless to revolt?". *Philosophy and Social Criticism* 8 (Spring): 1-9.
- \_\_\_\_\_. 1982. "The subject and power". In: DREYFUS, Hubert L., org. *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics* (Chicago: University of Chicago Press), p. 208-226.
- \_\_\_\_\_. 1984a. "What is Enlightenment?". In: RABINOW, Paul, org. *The Foucault reader* (New York: Pantheon), p. 32-50.
- \_\_\_\_\_. 1984b. "On the genealogy of ethics: an overview of work in progress". In: *The Foucault Reader*, p. 340-372.
- \_\_\_\_\_. 1984c. "Nietzsche, genealogy, history". In: *The Foucault reader*, p. 76-100.
- \_\_\_\_\_. 1985. "Final interview: Michel Foucault". In: *Raritan* 5 (Summer), p. 1-13.
- \_\_\_\_\_. 1988. In: KRITZMAN, Lawrence D., org.. *Politics, philosophy, culture: interviews and other writings of Michel Foucault 1977-1984* (New York: Routledge).
- GUTTING, Gary. 1989. *Michel Foucault's archeology of scientific reason* (Cambridge: Cambridge University Press).
- \_\_\_\_\_, org. 1994. *Cambridge companion to Foucault* (Cambridge: Cambridge University Press).
- QUINE, Willard van Orman. 1961 [1953]. "Two dogmas of empiricism". In: *From a logical point of view*. 2. ed. (Cambridge: Harvard University Press), p. 20-46.
- \_\_\_\_\_. "Dois dogmas do empiricismo". In: *De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos* (São Paulo: Ed. Unesp, 2011). Tradução de: Two Dogmas of Empiricism.
- RORTY, Richard. 1979. *Philosophy and the mirror of nature* (Princeton: Princeton University Press).
- \_\_\_\_\_. 1982. *Consequences of pragmatism* (Minneapolis: University of Minnesota Press).
- \_\_\_\_\_. 1989. *Contingency, irony, and solidarity* (Cambridge: Cambridge University Press).
- \_\_\_\_\_. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins, 2007. Tradução de: *Contingency, irony, and solidarity*.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Objectivity, relativism, and truth* (Cambridge: Cambridge University Press).

- \_\_\_\_\_. *Objetivismo, relativismo e verdade* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997). Tradução de: Objectivity, relativism, and truth.
- \_\_\_\_\_. 1998a. *Achieving our country: leftist thought in twentieth-century America* (Cambridge: Harvard University Press).
- \_\_\_\_\_. *Para realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América* (Rio de Janeiro: DP&A, 1999). Tradução de: Achieving our country: leftist thought in twentieth-century America.
- \_\_\_\_\_. 1998b. *Truth and progress* (New York: Cambridge University Press).
- \_\_\_\_\_. *Verdade e progresso* (São Paulo: Manole, 2005). Tradução de: Truth and progress.
- SELLARS, Wilfrid. 1963. "Empiricism and the philosophy of mind". In: *Science, perception and reality* (London: Routledge and Kegan Paul), p. 127-196.



# TERCEIRA PARTE

## **Tópicos críticos**



## CAPÍTULO 5

---

# POR QUE SE DEVE CRER EM ALGO?

*James W. Sire*

**C**omeçamos pelo título deste ensaio: “Por que se deve crer em algo?”. Dei palestras com esse título mais de duzentas vezes, depois de apresentá-la as três primeiras vezes com um título diferente. Refletir sobre o título preparará o cenário para uma questão bastante importante do presente ensaio: a apologética tradicional ainda tem um papel a desempenhar na universidade pós-moderna, mas em geral não se pode partir de onde a apologética tradicional parte.

### O TÍTULO

Ao longo dos últimos vinte anos, ao dar palestras em universidades da América do Norte e da Europa, descobri que, antes da minha fala, há um importante prefácio à apresentação — a escolha do título. Isso é particularmente importante quando o palestrante não é bem conhecido pela plateia em questão. Como esse costuma ser o meu caso, os títulos são bastante importantes no preparo das minhas palestras. É vital que sejam atraentes.

Claro, o tema é importante. Estudantes de engenharia — mesmo que venham à palestra — não ficarão muito tempo se o tema for, digamos, os hábitos de acasalamento da mosca tsé-tsé, a prosódia do *sprung rhythm* [ou ritmo saltado] dos poemas menos conhecidos de Hopkins, ou até — para trazer a questão para o campo da religião — a estrutura arquitetônica das *Confissões* de Agostinho ou o conceito do Logos no Evangelho de João. Tema e título são igualmente importantes.

Entre os títulos que tenho visto serem eficazes para despertar o interesse dos alunos estão “O Deus verdadeiro — se é que existe — pode, por favor, se colocar de pé?” (sobre o pluralismo religioso), “Tolerância, relativismo e uma sociedade

justa” (relevante em uma época de multiculturalismo), “Evolução e ética” (palestra desenvolvida para atender ao interesse do Leste Europeu, bastante elevado tanto em se tratando de evolução quanto de ética), e “A universidade em duas mentes: uma condição pós-moderna” (para professores e alunos da pós-graduação). Tenho empregado esses títulos várias vezes com certo sucesso em termos de conquista da plateia. Por exemplo, tive o privilégio de apresentar “A universidade em duas mentes: uma condição pós-moderna” para todo o corpo docente da Universidade Oglethorpe em Atlanta, com boa resposta dos ouvintes.

Um tema caro ao coração do pós-modernismo e prontamente relevante aos universitários é o relativismo religioso. Nesse caso, tenho dado a mesma palestra com dois títulos diferentes. Costumo recomendar aos alunos cristãos que promovem a palestra o título “Estou numa boa. Você está numa boa. E isso é uma boa. Tá bom?”. Seu tom é terapêutico, pós-moderno e eficaz. Mas os alunos da Universidade de Michigan se consideram um pouco acima e além da média dos alunos e, a propósito, não inteiramente pós-modernos. De modo que optaram pelo título que uso com professores e alunos da pós-graduação: “A religião e a verdade absoluta”. Mesma palestra, mesma estrutura básica, tom diferente no título.

Mas há um motivo especial para voltar o foco para o título “Por que se deve crer em algo?”. O título, por si só, já é particularmente relevante em um mundo pós-moderno. Não percebi isso senão anos depois de utilizá-lo pela primeira vez. Aqui vai a história.

Em 1982, David Suryk, membro da equipe de *campus* da InterVarsity Christian Fellowship, na Universidade estadual de Illinois, convidou-me para fazer uma apresentação evangelística. Escolhi o título “O cristianismo é racional?”. A audiência foi boa, as perguntas, entusiasmadas, e depois permanecemos sentados por mais de uma hora, dando continuidade ao diálogo.

Seis meses mais tarde fui convidado a dar uma palestra semelhante na Universidade de Rochester (Nova York) e usei o mesmo título. Dessa vez, após a apresentação formal, um aluno perguntou-me se podia ler um texto. Viera preparado com cinco motivos por escrito pelos quais o cristianismo não é racional. Seu breve ensaio forneceu um contraponto maravilhoso à palestra, e o período de perguntas e respostas se estendeu por quase duas horas.

Outros três meses depois, dei a mesma palestra, com o mesmo título, na Universidade de Harvard. De novo, boa resposta. Contudo, mais importante para meu próprio ministério de palestrante em universidades foi o que os cristãos de Harvard fizeram para promover a palestra. Eles cobriram o *campus* com cartazes listando cinco ou seis perguntas que eu abordaria. Uma delas saltava dos cartazes. Eu sabia de sua particular adequação: “Por que se deve crer em algo?”. Os alunos

de Harvard tinham visto o que eu não percebera: a verdadeira questão não é se o cristianismo é racional, mas se é digno de fé — ou, dito de forma ainda mais contundente, se existe algo que seja digno de fé.

O mais incrível é que a palestra já estava estruturada para responder a essa questão fundamental. Desde a primeira apresentação, mais de um ano antes, eu começara por esse questionamento básico. Agora ganhara um título, o qual utilizei em um livro derivado da palestra, e tem funcionado, se não em todas as mais de duzentas apresentações, ao menos em quantidade suficiente para que eu sinta uma profunda gratidão pelos cristãos de Harvard de 1983.

O que os alunos de Harvard viram que eu não percebera? Algo muito simples: a racionalidade ou irracionalidade do cristianismo não é importante se a racionalidade em si não for um teste útil para a crença. E esse é o problema pós-moderno. A apologética cristã tradicional tem presumido que a racionalidade, se não é o aspecto mais importante a tornar o cristianismo digno de fé, pelo menos é vital para sua defesa. “Estai sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15). Isso não implica que a fé cristã seja racional e a racionalidade seja importante? Penso que sim. E assim também pensava grande parte da nossa cultura até mais ou menos a última década. Se o cristianismo não é racional, então não é digno de ser crido. Assim corria a premissa. Não mais, no entanto.

Se a cultura mudou, se as ditas provas — da existência de Deus, da divindade de Cristo, da ressurreição de Jesus — deixaram de ser relevantes, se a fé deve ser justificada por outros fundamentos que não a verdade, o que um apologeta/evangelista pode fazer? Uma resposta é, evidentemente, render-se. Ignore os argumentos racionais; saia à procura de música emotiva, de drama, de retórica inteligente, de manipulação psicológica ou sociológica. Alguns cristãos têm feito isso; não só entre aqueles ligados a subculturas cristãs em que isso há tempos é a norma, mas entre aqueles anteriormente tradicionais em sua abordagem apologética. Há certo valor nas apresentações não racionais (não estou me referindo às apresentações *irracionais*; isso já é outra coisa) do evangelho.

Todavia, é perigoso ignorar a mente. Lembro-me de um comentário feito por meu colega Tom Trevethan, que certa vez disse aos alunos: “O coração não mais se regozijará naquilo que a mente sabe não ser verdade”. Portanto, uma segunda abordagem consiste em libertar o aluno pós-moderno de sua escravidão à cultura, mostrar-lhe que a verdade importa, sim, e que a racionalidade é relevante. A abordagem empregada em “Por que se deve crer em algo?” parece fazer exatamente isso.

A questão em si se esconde por baixo das barreiras erguidas por pressupostos pós-modernos. Quando alunos veem essa questão pregada nas paredes de todo o

*campus*, quando encontram cristãos que lhes entregam uma folha em branco e lhes pedem que respondam à pergunta, são surpreendentemente levados a refletir. O fato é que estudantes pós-modernos são capazes de pensar — e o fazem, mesmo que com relutância. Pense nisso! Claro, alguns ignoram a questão, outros acham-na divertida ou estranha. Mas muitos ficam não só perplexos como também intrigados. A questão lhes afeta em profundidade a psique.

Um aluno de uma universidade no Tennessee, por exemplo, aproximou-se da mesa em que cristãos aplicavam uma pesquisa usando essa única pergunta. Ele viu a pergunta em letras garrafais acima da mesa. “Ah, não”, disse ele, “essa pergunta de novo! Eu a vi por todo o *campus*. Ela me deixou com dor de cabeça”. E foi-se embora. Minutos mais tarde, voltou. Um aluno lhe entregou uma folha e pediu que anotasse o que pensava da pergunta. Ele parou um instante, perplexo, então devolveu o papel. “Não posso fazer isso”, disse. “Não consigo”. Surpreendido pela ideia, não foi capaz de raciocinar. Mas sua reação emocional mostrou quão profundamente seu pensamento foi estimulado.

A maioria dos alunos não demonstra frustração tão evidente. Eles demonstram, sim, seu interesse. Nessa universidade e na maioria das outras, quando os alunos escrevem essa questão em cartazes e aplicam pesquisas com base nela, o público que comparece costuma ter pelo menos o dobro do tamanho do grupo que promove a palestra. Às vezes a frequência é até maior.

O primeiro ponto que quero provar, portanto, é este: no mundo pós-moderno, os estudantes de todas as universidades pós-modernas ainda são capazes de pensar. Só precisamos descobrir como levá-los a isso. Depois, claro, devemos mantê-los interessados, enquanto a mensagem do evangelho é proclamada.

## A PALESTRA

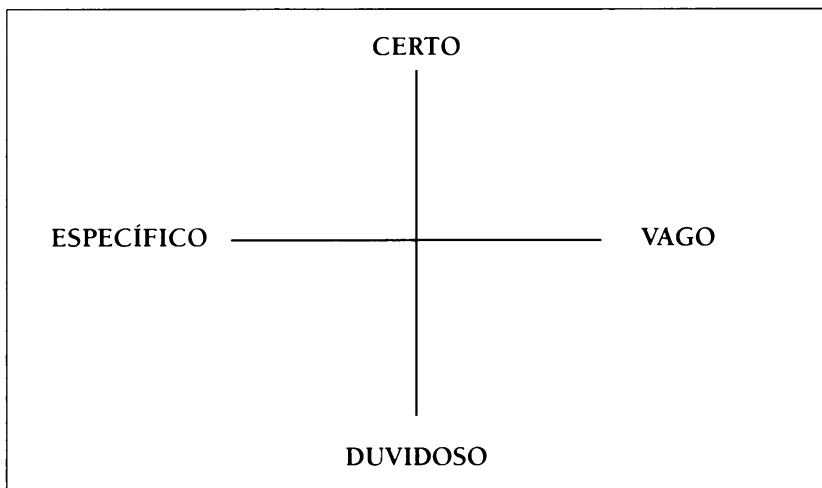
Venho chamando a apresentação que estou descrevendo de palestra. É, na verdade, uma palestra/discussão, não é propriamente um *happening*, como costumavam chamar os eventos espontâneos na década de 1960, mas tampouco é uma palestra formal.

Começo com uma rápida discussão da natureza e necessidade da fé. No fundo da mente está a ideia — não declarada na palestra — de que *crer é confiar que se conhece a verdade*. A apresentação é planejada para demonstrar isso sem dizê-lo.

No entanto, afirmo que *o conhecimento de todos repousa na fé*. Isso vale para toda área da vida humana: na vida cotidiana (como ter certeza de que se está acordado e não sonhando?); na ciência (como ter certeza de que há ordem no universo, de que sua visão ao ler instrumentos é acurada, de que sua mente está funcionando como deve?); na filosofia (como ter certeza de que o princípio da não contradição

se aplica de fato à realidade?); na religião (como você sabe se existe um Deus?). Estritamente falando, o conhecimento de todas as pessoas repousa em compromissos pré-teóricos que não podem ser provados, embora seja possível demonstrar que alguns são mais prováveis do que outros. A questão é, portanto, o que justifica nossas crenças? Deveríamos mesmo tê-las?

Em seguida, para ilustrar a abrangência panorâmica dos aspectos que estão por trás da resposta à pergunta que investiga por que deveríamos ter as crenças que temos, coloco um diagrama sobre um quadro-negro ou acima dele (veja o diagrama).



Algumas de nossas crenças são bastante certas em termos psicológicos; outras, nem tanto; outras ainda são, na verdade, duvidosas. Algumas de nossas crenças (as religiosas em especial) são específicas e detalhadas: veja as listas de crenças ensinadas nos vários catecismos e em tradições religiosas severas. Algumas são muito vagas (por exemplo, a noção de que Deus é uma espécie de força). Explico como é estar em cada um dos quadrantes: específico e certo; específico e duvidoso; vago e certo; vago e duvidoso. Então sigo adiante e explico que passamos com frequência de um quadrante para o outro. Começamos, por exemplo, acreditando no que nos é ensinado sobre Deus (ou sobre não [haver] Deus), e então, depois de alguns meses na universidade, questionamo-nos sobre essas crenças e acabamos abandonando-as em razão de dúvidas ou colocando outras crenças em seu lugar.

Em seguida, faço três perguntas. As duas primeiras são para reflexão:

1. Qual é sua posição no diagrama?
2. Por que você está onde está?

Após uma rápida pausa para refletirem (pensarem!), indago:

3. Por que as pessoas *creem*?

As respostas são colocadas na lousa (em quatro colunas) à medida que são dadas. As colunas não recebem identificação até que pergunto aos alunos onde essas “razões” são estudadas na universidade. O que brota com muita facilidade dos estudantes, então, são as categorias: sociológica, psicológica, religiosa, filosófica. (Elas mostram o quanto a crença é básica, quantas facetas necessitam ser exploradas antes mesmo que suas origens sejam compreendidas.) Cada coluna terá várias entradas, outras serão acrescentadas na discussão que se segue.

A tabela mostra a natureza essencial do que se obtém das respostas dos alunos.

DIMENSÃO SOCIOLOGICA	DIMENSÃO PSICOLÓGICA	DIMENSÃO RELIGIOSA	DIMENSÃO FILOSÓFICA
Pais	Consolo	Escrituras	Consistência
Amigos	Paz de espírito	Pastor	Coerência
Sociedade	Sentido	Sacerdote	Compleitude
Cultura	Propósito	Guru	(melhor
	Esperança	Médium	explicação de
	Identidade	Igreja	todas as
			evidências)

O passo seguinte é dialógico. A começar pela coluna sociológica, pergunto aos alunos até que ponto são boas ou fortes essas razões: “Se seus pais fossem o único motivo para você acreditar no que acredita, essa seria uma razão boa, forte, uma razão fraca, ou não seria uma razão em absoluto?”. Nenhum aluno — bem, quase nenhum — dirá que os pais são uma boa razão. Pergunto por quê. As respostas se enquadram em dois tipos: uma das razões (“Não é a *minha* crença”) é psicológica, de modo que a acrescento à coluna da psicologia. A outra razão é mais profunda e útil (“Meus pais podem estar errados”), então acrescento certo ou verdadeiro à coluna da filosofia. Nenhuma delas costuma ser sugerida pelos estudantes espontaneamente, tão imbuídos que estão de uma mentalidade terapêutica ou pós-moderna.

À medida que a discussão prossegue, passando para as demais razões sociológicas, fica claro para os alunos que nenhuma delas é forte. Amigos, sociedade, até culturas inteiras poderiam estar significativamente erradas acerca de crenças

básicas. Assim, chamo a atenção para o fato de que fatores sociológicos — embora inevitavelmente produzam nossas crenças originais — são na verdade causas, se considerarmos causa algo que faz de você o que você é, algo que nada tem a ver com sua escolha ou reflexão. Nesses tempos de “Eu estou numa boa/Você está numa boa”, essa constatação não é assimilada com muita facilidade. Os estudantes querem ser os próprios juizes do que creem.

À medida que avançamos no exame dos itens de cada coluna — sociológica, psicológica, religiosa — torna-se claro para os alunos que eles próprios estão recorrendo à categoria da verdade para avaliar a força das razões que estão na lousa. Se uma razão — digamos, “consolo” — for de fato uma razão (neste caso, é), será que ela é forte? Só se propiciar consolo apontar para a verdade, e isso nem sempre acontece. Algumas coisas dão consolo ou conforto em curto prazo (como a droga talidomida) e provocam tragédias em longo prazo. Uma crença poderia lhe dar consolo até você morrer, mas e depois?

As Escrituras são uma razão, mas qual delas — a Bíblia, o Corão, os Upanixades (escrituras hindus)? Elas se contradizem. Contradições não podem ser verdadeiras. No fim, a discussão é projetada para gerar, pouco a pouco, nos próprios alunos o reconhecimento de que, na realidade, eles agem na vida baseados naquilo que pensam ser verdadeiro ou não. Um livro sagrado, um pastor ou guru, uma tradição religiosa só são dignos de confiança se apontarem para a verdade. Assim, acabamos analisando brevemente testes que visam determinar a verdade: consistência (lógica), coerência, completude (melhor explicação para toda a evidência — pública e privada). O diálogo está agora no caminho trilhado pela apologética tradicional.

Em geral, apenas um número muito pequeno de razões filosóficas terá sido sugerido pelos alunos. A lista de razões psicológicas e sociais para a crença será longa; a lista filosófica normalmente será bastante curta (embora isso dependa de quem esteja na plateia — alunos de filosofia, engenheiros, alunos formados em psicologia ou artes).

De qualquer forma, neste ponto distribuo uma bibliografia (fornecida no fim deste capítulo) e apresento cinco razões pelas quais o cristianismo deveria ser considerado verdadeiro. A palestra e essa lista são mais um prólogo à apologética do que uma apologética. Não desenvolvo as razões, mas abro uma sessão de perguntas depois de haver explanado em rápidas palavras cada uma delas:

1. O próprio Jesus é a melhor razão para se crer na verdade da religião cristã (uma razão forte em termos racionais, atraente em termos pessoais).
2. Os Evangelhos trazem um relato confiável do que Jesus fez e, em especial, disse sobre nós e sobre si mesmo (atraente em termos racionais).

3. A cosmovisão cristã é coerente e consistente. Explica melhor do que qualquer alternativa o amplo conjunto de fenômenos apresentados aos seres humanos (forte em termos racionais, atraente em termos pessoais).
4. Os cristãos dão testemunho de suas vidas transformadas (fraca em termos filosóficos, mas atraente em termos pessoais).
5. A história da igreja aponta para a atratividade do projeto de vida de Jesus, o Reino de Deus; os hospitais São Lucas ao redor do mundo são uma evidência disso (uma razão ambígua, mas em última análise positiva).

Encerro a apresentação com um incentivo para que busquem a verdade: leiam os Evangelhos, reúnam-se com amigos cristãos para estudá-los na companhia deles e, de modo geral, convivam com aqueles que conhecem Jesus no plano pessoal.

No período dedicado às perguntas e respostas, estou aberto para questões de qualquer tipo, esperando que mais especificidades dos Evangelhos possam ser apresentadas. Isso acontece com frequência.

## A CONEXÃO PÓS-MODERNA

O interesse dessa palestra/discussão para os alunos de hoje talvez se deva, em parte, às conexões que ela estabelece com os alunos pós-modernos em uma cultura pós-moderna. Primeiro, não presume que a melhor razão para se crer seja a racionalidade. Em vez disso, permite aos alunos que descubram o valor da racionalidade por si mesmos. Segundo, estimula a autorreflexão, que leva ao reconhecimento de que, no final das contas, é na verdade que se deve crer. Terceiro, sugere como se pode chegar à verdade sobre questões espirituais. Quarto, faz uma ponte do pessoal e individual para o objetivo e comum. Quinto, abre a porta para a Bíblia ser ouvida como fonte legítima de verdade. Sexto, concentra a atenção na razão acima de todas as outras razões para se acreditar na fé cristã: um encontro pessoal com Jesus Cristo.

Com o passar do tempo e à medida que a cultura de nossa universidade mudar e continuar a perder o centro, a abordagem dessa palestra pode deixar de ser eficaz. Não importa. Nem os alunos de Harvard conseguem estar certos para sempre. Mas Jesus consegue. Ele fala a todas as culturas. Que ele nos aponte os caminhos que nos ajudem a tornar sua presença conhecida como quer que e para onde quer que nossas culturas — todas elas — caminhem!

## Referências

Há cinco razões básicas — ou conjuntos de razões — por que alguém deveria crer que o cristianismo é verdadeiro. Esta bibliografia fornece um guia para todos que desejam investigar essas razões. Todas as cinco são apresentadas em James W. Sire, *Why should anyone believe anything at all?* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1994).

### *O caráter de Jesus Cristo conforme apresentado nos Evangelhos*

EVANGELHOS de Mateus, Marcos, Lucas e João na Bíblia. Procure ler uma tradução moderna.

KREEFT, Peter. *Between heaven and hell* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1982).

STOTT, John. *Basic Christianity*. 2. ed. (Downers Grove: InverVarsity Press, 1971).

\_\_\_\_\_. *Cristianismo básico* (Viçosa: Ultimato, 2007). Tradução de: *Basic Christianity*.

### *A confiabilidade histórica dos Evangelhos*

BARNETT, Paul. *Is the New Testament reliable?* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1986).

BLOMBERG, Craig. *The historical reliability of the Gospels* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1987).

DUNN, James D. G. *The evidence for Jesus* (Philadelphia: Westminster, 1986).

WENHAM, John. *Christ and the Bible*. 2. ed. (Grand Rapids: Baker, 1984).

WILKINS, Michael J.; MORELAND, J. P., orgs. *Jesus under fire* (Grand Rapids: Zondervan, 1995).

### *Coerência e consistência interna da cosmovisão cristã*

(... e seu poder de explicar o que percebemos como seres humanos no ambiente que nos rodeia, as maravilhas do cosmo, a magnificência e a miserabilidade dos seres humanos, a qualidade penetrante do amor, a noção de bem e do mal, a possibilidade do conhecimento.)

CHESTERTON, G. K. *Orthodoxy* (Garden City: Image, 1959).

\_\_\_\_\_. *Ortodoxia* (São Paulo: Mundo Cristão, 2008). Tradução de: *Orthodoxy*.

LEWIS, C. S. *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan, 1958).

\_\_\_\_\_. *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009).

Tradução de: *Mere Christianity*.

MORELAND, J. P. *Scaling the secular city* (Grand Rapids: Baker, 1987).

NEILL, Stephen. *Christian faith and other faiths* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1984).

SIRE, James W. *The universe next door*. 3. ed. (Downers Grove: InterVarsity Press, 1997).

\_\_\_\_\_. *O universo ao lado* (São Paulo: Hagnos, 2009). Tradução de: *The universe next door*.

WENHAM, John. *The enigma of evil* (Grand Rapids: Zondervan, 1985).

\_\_\_\_\_. *O enigma do mal* (São Paulo: Vida Nova, 1989). Tradução de: *The enigma of evil*.

### *O testemunho de seus adeptos*

CLARK, Kelly James, org. *Philosophers who believe* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1993).

COLSON, Charles. *Born again* (Old Tappan: Chosen Books, 1976).

LEWIS, C. S. *Surprised by Joy* (Nova York: Harcourt-Brace, 1966).

\_\_\_\_\_. *Surpreendido pela alegria* (São Paulo: Mundo Cristão, 1998). Tradução de: *Surprised by Joy*.

GORICHEVA, Tatiana. *Talking about God is dangerous* (New York: Crossroad, 1987).

MORRIS, Thomas V., org. *God and the philosophers* (New York: Oxford University Press, 1994).

### *O testemunho da igreja através dos séculos*

LATOURETTE, Kenneth Scott. *A history of the expansion of Christianity* (Grand Rapids: Zondervan, 1970).

SHELLEY, Bruce. *Church history in plain language* (Waco: Word, 1982).

\_\_\_\_\_. *História do cristianismo ao alcance de todos* (São Paulo: Shedd, 2004). Tradução de: *Church history in plain language*.

## CAPÍTULO 6

---

# DUAS FORMAS DE VIVER — E A TEOLOGIA BÍBLICA

*Phillip D. Jensen e Tony Payne*

**E**m nossa querida terra de Oz é tido como verdade que qualquer tendência, movimento, moda ou dispositivo eletrônico capaz de cativar a imaginação pública nos Estados Unidos chegará à Austrália nos próximos cinco a dez anos. Graças à grande corrente cultural e econômica que parece fluir através do Pacífico, quase sempre em uma só direção, colecionamos reverentemente os restos do naufrágio e a carga alijada ao mar da cultura americana, à medida que eles vêm dar em nossa costa, adquirindo nesse processo muita coisa boa e muita coisa ruim.

Também parte dessa coleção, tem-se argumentado que os Estados Unidos estão cada vez mais nas garras de algo que se denomina pós-modernismo. Isso é visto na crescente falta de pressupostos teístas comuns na sociedade, no declínio do grau de instrução bíblica, na erosão das memórias culturais comuns, na ausência de conceitos comuns de moralidade e no pessimismo crescente acerca da possibilidade de a verdade e o conhecimento serem de fato alcançáveis, ainda que em princípio.

Será que a Austrália logo adotará e passará a espelhar essa última moda americana? Ao menos desta vez, a resposta é não. Essa é uma das áreas (sem contar o críquete e o rúgbi) em que já estamos bem à frente dos Estados Unidos. Vivemos com esse tipo de irreligiosidade e paganismo há décadas. Até certo ponto, sempre fomos uma nação mais pagã do que os Estados Unidos. O mito fundador da América envolve a luta por liberdade religiosa cristã e uma revolução de princípios contra uma nação da qual nós, australianos, ainda não nos livramos. A moeda americana traz estampada a frase “In God we trust” [Em Deus confiamos]. O mito fundador

da Austrália envolve condenados em uma colônia penal. Os heróis da nossa história são oportunistas e foras da lei. Nossa música nacional (“Waltzing Matilda”) fala de um andarilho que rouba uma ovelha, é açoitado pela lei e comete suicídio. Nosso hino nacional oficial (“Advance Australia Fair”) é uma Torre de Babel humanista com o intuito de construir uma reputação de nós mesmos em nome do progresso.

## AUSTRÁLIA AVANÇADA

Em se tratando de paganismo, a Austrália é uma campeã mundial. Na parte de Sydney em que ministramos, só 1,7% da população de trezentos mil habitantes frequenta uma igreja protestante de qualquer tendência (e isso inclui todas as igrejas protestantes, da mais liberal à mais pentecostal). A região específica onde nossa igreja está localizada é o centro homossexual de Sydney, que é uma das capitais com mais homossexuais do mundo. O Mardi Gras anual dos gays e lésbicas é promovido e apoiado como o principal evento cultural do ano, ao qual centenas de milhares de pessoas vão assistir.

Em Sydney, estamos procurando evangelizar um povo bíblicamente analfabeto. Em geral, precisamos explicar aos universitários o que significam os fatos grandes e pequenos da Bíblia. Somos uma sociedade sem igreja, multicultural, desinteressada, indiferente às coisas espirituais, relativista e fundamentalmente hedonista. Comparados a nós, muitos de nossos irmãos americanos não sabem o que é paganismo (ou pós-modernismo).

Ao tentarmos pregar o evangelho nesse ambiente, dois desafios especiais têm nos confrontado. O primeiro é o desafio dos próprios cristãos, que nadam todos os dias nesse mar pós-moderno e por isso inevitavelmente vêm à igreja um pouco encharcados. Muitas facetas da pós-modernidade estão se infiltrando no cristianismo, deixando-nos inclinados ao vazio, ao relativismo e à confusão. E quando os cristãos se sentem confusos acerca do próprio evangelho, tornam-se presas de evangelhos e de Cristos alternativos. O primeiro desafio, portanto, é enunciar o evangelho com absoluta clareza e simplicidade para nosso próprio povo, de modo que ele possa entendê-lo e abraçá-lo em um ambiente hostil. O segundo desafio, claro, é levar essa mesma mensagem ao mundo. Como explicamos o evangelho de Jesus Cristo a uma comunidade bíblicamente analfabeta?

Antes de descrever como enfrentamos esses desafios de uma maneira particular, há mais um traço característico de Sydney para o qual devemos chamar a atenção — sua teologia bíblica.

Por teologia bíblica não nos referimos à “teologia que é bíblica” (coisa que, claro, toda teologia deve ser), mas a uma abordagem particular da teologia, diferente da teologia sistemática. Se quisermos analisar e resumir a mensagem de *Guerra e paz*, por exemplo, há (pelo menos) dois caminhos pelos quais poderíamos seguir. Em um

nível, poderíamos construir uma espécie de índice, catalogando a atitude de Tolstói para com uma série de assuntos importantes à medida que avançamos na leitura do livro, escolhendo passagens relevantes para a guerra, a paz ou a monarquia e sintetizando o material em um sumário lógico e coerente dos pontos de vista do autor. Como alternativa, poderíamos analisar o romance da perspectiva do enredo — como os temas principais são apresentados e desenvolvidos pouco a pouco, como Tolstói molda o material e de que maneira a história como um todo se desenrola de modo a produzir um efeito total. A teologia sistemática é como o método usado no “índice” para estudar a Bíblia; a teologia bíblica é um método que investiga a história inteira, mostrando como os planos e as promessas de Deus encontram seu cumprimento em Cristo. Ela mostra, por exemplo, de que maneira a ideia toda do governo e reinado de Deus é apresentada desde o começo da Bíblia e como se desenvolve por meio de Israel e de seus reis até a figura do Messias, encontrando cumprimento em Jesus.

Os dois ramos da teologia — o sistemático e o bíblico — são importantes e complementares. Característico em Sydney é o fato de que sempre fomos fortes na teologia bíblica, por diversas razões históricas.<sup>1</sup> Isso não é exclusividade nossa, é claro. Pode-se encontrar teologia bíblica em alguns escritos norte-americanos (como o excelente livro de Edmund Clowney, *Preaching in biblical theology* [Pregando pela teologia bíblica]). Apesar disso, é justo dizer que na maior parte do mundo (incluindo os Estados Unidos), a teologia bíblica é bem pouco utilizada. Simplesmente não faz parte do programa de estudo ou da investigação teológica. O sistema usado nos seminários, com sua demarcação frequentemente rígida de departamento do Antigo Testamento e departamento do Novo Testamento, não a incentiva. Por conseguinte, não se passa muito tempo investigando temas importantes que atravessam as Escrituras nem percebendo como a Bíblia é uma unidade que leva a Cristo e o evangelho e culmina neles.

Assim, nesse ambiente marcado pelo paganismo desenfreado e analfabetismo bíblico, e com uma paixão pela teologia bíblica, chegamos ao esboço que chamamos *Duas formas de viver*.

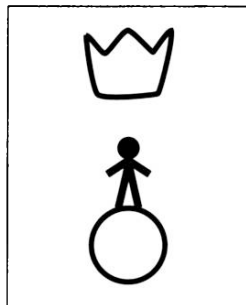
## DUAS FORMAS DE VIVER

*Duas formas de viver* é um resumo simples, ou um esboço do evangelho. É composto por seis pontos básicos, que podem ser apresentados em níveis de detalhe variados, em estilos diferentes e com desenhos, se apropriado. O “esqueleto” básico de *Duas formas de viver* é o seguinte:

<sup>1</sup>Dois exemplos clássicos da abordagem teológica bíblica de Sydney são *Gospel and kingdom: a Christian interpretation of the Old Testament*, de Graeme Goldsworthy (Exeter: Paternoster, 1981) e seu *According to plan: the unfolding revelation of God in the Bible* (Leicester: InterVarsity Press, 1991).

1. Deus é o soberano amoroso do mundo [desenhe a coroa]. Foi ele que o criou [desenhe o mundo]. E nos tornou governantes do mundo sob a autoridade dele [desenhe o homem].

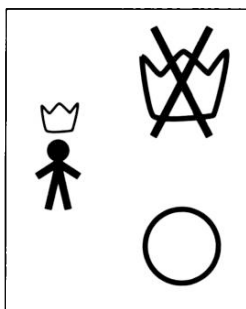
“Nosso Senhor e nosso Deus, tu és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas e, por tua vontade, elas existiram e foram criadas” (Ap 4.11).



Mas é assim que funciona hoje?

2. Todos nós rejeitamos o soberano — Deus [desenhe a coroa e faça um xis em cima dela] —, tentando governar a vida do nosso jeito, sem ele [desenhe o rebelde com uma coroa própria]. Mas não conseguimos governar a nós mesmos, nem a sociedade, nem o mundo [desenhe o mundo debaixo de Deus].

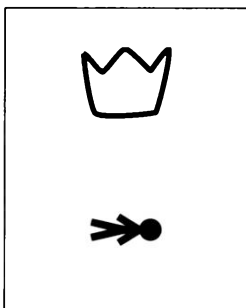
“Não há justo, nem um sequer. Não há quem entenda; não há quem busque a Deus. Todos se desviaram” (Rm 3.10-12).



O que Deus fará com relação a essa rebelião?

3. Deus não permitirá que nos rebelemos para sempre [desenhe a coroa]. O castigo dele para a rebelião é a morte e o julgamento [desenhe o rebelde julgado].

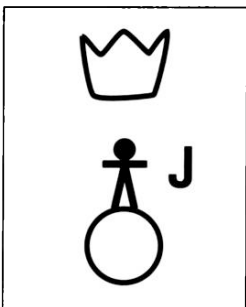
“Está ordenado aos homens morrerem uma só vez, vindo depois o juízo” (Hb 9.27).



A ideia da justiça de Deus parece severa. Mas...

4. Por amor, Deus enviou seu filho ao mundo: o homem Jesus Cristo [desenhe a coroa, o mundo e a letra J]. Jesus sempre viveu sob a soberania de Deus [comece a desenhar Jesus debaixo de Deus]. No entanto, ao morrer em nosso lugar, ele assumiu nosso castigo e trouxe perdão [desenhe os braços estendidos de Jesus].

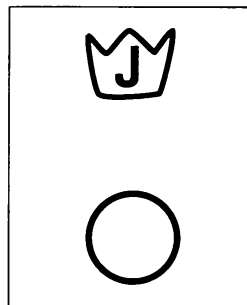
“Porque também Cristo morreu uma única vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” (1Pe 3.18).



Mas isso não é tudo...


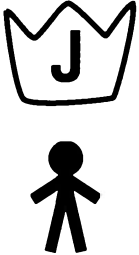
5. Deus trouxe Jesus à vida novamente como o soberano do mundo [desenhe a coroa, o mundo, o J]. Jesus venceu a morte, agora dá nova vida e voltará para julgar.

“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos regenerou para uma viva esperança, segundo a sua grande misericórdia, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1Pe 1.3).



Bem, qual é nossa posição diante disso?

6. As duas formas de viver:


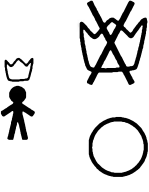



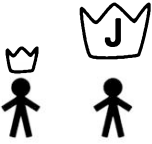
<p><b>NOSSA FORMA:</b> [desenhe o rebelde]</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rejeitar o soberano</li> <li>• Tentar dirigir a vida do nosso modo</li> </ul> <p><b>RESULTADO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Condenado por Deus</li> <li>• Enfrenta morte e juízo</li> </ul> 	<p><b>A NOVA FORMA DE DEUS:</b> [desenhe o cristão]</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Submeter-se a Jesus como nosso soberano</li> <li>• Confiar na morte e ressurreição de Jesus</li> </ul> <p><b>RESULTADO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Perdoado por Deus</li> <li>• Recebe vida eterna</li> </ul> 
---	--

“Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem, porém, mantém-se em desobediência ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36). Qual dessas descrições representa a forma pela qual você quer viver?

### O que devo fazer?

Orar para Deus me transformar de modo que eu possa:  
 Submeter-me a Jesus como meu soberano e  
 Confiar em Jesus, que me dará o perdão para a vida eterna

Depois que toda a apresentação houver sido desenhada, ela ficará assim:

<p>1.</p>  <p>Apocalipse 4.11</p>	<p>2.</p>  <p>Romanos 3.10-12</p>	<p>3.</p>  <p>Hebreus 9.27</p>
<p>4.</p>  <p>1Pedro 3.18</p>	<p>5.</p>  <p>1Pedro 1.3</p>	<p>6.</p>  <p>João 3.36</p>

Esses seis pontos básicos são, de certa forma, seis doutrinas essenciais relacionadas umas às outras pela lógica: criação, pecado, juízo, expiação, ressurreição e a resposta de arrependimento e fé. Nesse sentido, o esboço *Duas formas de viver* tem algo de teologia sistemática em si.

No entanto, o formato do esboço também é um resumo simples da história inteira da Bíblia. Ele traça a história do nosso planeta de acordo com os propósitos de Deus, estando o foco na morte de Jesus pelos pecados e em sua ressurreição e ascensão como o Messias soberano, foco que, por sua vez, é coerente com o que o Novo Testamento chama de evangelho. A apresentação começa com a criação do mundo, passa para a rebelião da humanidade e o juízo que se segue, então avança para os eventos históricos de Jesus: seu envio ao mundo pelo Pai, sua morte expiatória, sua ressurreição poderosa, sua atual soberania e retorno futuro para julgar. A resposta para a qual conclama o evangelho (arrependimento e fé) acontece no contexto dessa narrativa cósmica — que Jesus agora governa e voltará, e que a escolha posta diante

de nós é voltarmos e nos submetemos a ele, ou continuarmos em rebelião e enfrentarmos o juízo eterno.

Como parte dessa abordagem via teologia bíblica, o tema da soberania ou reino é o fio condutor de todo o esboço. Deus é o soberano que cria o homem para reinar sobre o mundo sob sua autoridade. O homem se rebela e é julgado, e só com a vinda do último Adão, que se submete com perfeição à soberania de Deus, o governo humano é restaurado e cumprido (na pessoa do Deus-homem, Jesus Cristo).

Como esboço do evangelho, *Duas formas de viver* cumpre duas funções básicas: permite que os cristãos conheçam e compartilhem o evangelho. Trataremos delas na ordem inversa.

## COMPARTILHANDO O EVANGELHO

Antes de mais nada, devemos salientar o fato de que, ao empregarmos *Duas formas de viver* para compartilhar o evangelho, jamais devemos incentivar as pessoas a simplesmente recitarem o esboço como ele aparece no quadro anterior, em seu esqueleto básico. O esboço é uma estrutura que os cristãos aprendem pela repetição e, em seguida, expandem e adaptam — tanto ao próprio estilo de discurso quanto à situação em que se encontram. Os seis pontos são seis bases a partir das quais se consegue entabular uma conversa evangelística; podem nem ser tratados em ordem. A conversa pode começar com algum problema do mundo, e nesse ponto o cristão diz: “Bem, ainda acho que a causa essencial de todos os nossos problemas é a rejeição básica de Deus pela humanidade” (segundo ponto do esboço). Quando isso provocar alguma discussão ou debate, o cristão poderá voltar e partir do primeiro ponto, explicando o que queria dizer, e avançar para o que Deus tem feito em Cristo com relação ao problema.

Essa flexibilidade também se estende aos desenhos. Você pode rabiscá-los no verso de um envelope durante uma conversa, ou apresentá-los em um quadro-negro durante uma aula das Escrituras, ou não usá-los em absoluto, se julgá-los inapropriados. Quer os utilize, quer não, temos descoberto que os desenhos são uma ajuda enorme para o cristão aprender e memorizar o material básico.

Como ferramenta para compartilhar o evangelho em nosso mundo pagão, pós-moderno, *Duas formas de viver* tem algumas vantagens evidentes. São bem poucos os pressupostos, mesmo em relação a um conceito tão básico quanto Deus. Quando usamos a palavra *Deus* na Austrália, ela pode querer dizer qualquer coisa (e geralmente é o que acontece). Precisamos definir de que “Deus” estamos falando — isto é, o Deus da Bíblia, que criou todas as coisas. O mesmo vale para “pecado”. Quando usamos a palavra *pecado*, a maioria dos australianos pensa que nos

referimos a sexo. Temos usado uma palavra como *rebelião*, que apreende o cerne do que é o pecado de maneira clara.

O esboço oferece a história completa a uma plateia que hoje em dia, e cada vez mais, não tem qualquer conhecimento dela. Explica por que Cristo morreu, esclarecendo que nos encontramos sob justo juízo por nos rebelarmos contra nosso Criador amoroso.

Além disso, é natural que contar a história dessa maneira leve ao desafio de responder de algum modo. Se o evangelismo já é considerado por muitos cristãos uma tarefa um tanto assustadora, o real desafio para alguém se tornar cristão é a parte mais apavorante de todas. Com *Duas formas de viver*, a história só tem um final, o único que pode ter, isto é, se tudo isso for verdade, faz-se necessária uma opção da parte de cada um de nós em relação a como viveremos (em descrença, rebelião e morte ou em fé, submissão e vida).

## CONHECENDO O EVANGELHO

Talvez uma função ainda mais básica de *Duas formas de viver* seja seu papel de catecismo para cristãos. Como já sugerimos, os cristãos modernos se encontram sob grande pressão por parte de nossa sociedade relativista e pós-moderna. Trata-se de uma pressão não só para deixar de crer em Cristo, mas para deixar de acreditar que isso seja importante. “Seja cristão. Isso é legal”, diz a sociedade. “Mas não seja doutrinário em relação a isso, nem se torne todo dogmático para cima de mim. Mas se sua fé o ajuda a lidar com a vida, então, fico feliz de verdade por você”.

Diante dessa situação, os cristãos modernos se veem muito pressionados para adotarem um cristianismo aguado, vazio de conteúdo; pressionados para se concentrarem na experiência pessoal e contarem cada qual “a própria história”. Nesse contexto, é fundamental que ensinemos aos cristãos os fundamentos com clareza e vigor renovados. Claro, em certo sentido, o problema não é novo. O Novo Testamento está repleto de exemplos de advertências apostólicas para se apegarem à “tradição” do evangelho conforme ela fora transmitida, aprendendo-a, defendendo-a, lutando por ela e permanecendo nela diante das falsas alternativas (veja 1Co 15.1-8; Cl 2.6-8; 2Tm 3.14—4.5, para citar apenas três).

*Duas formas de viver* é um modo simples e eficaz de ensinar aos cristãos os fundamentos do evangelho. É inestimável ao oferecer a congregações ou grupos uma estrutura teológica com a qual todos concordam e por meio da qual vivem e ministram juntamente. Temos essas seis categorias fundamentais do evangelho na mente; não há confusão nenhuma acerca do que é o evangelho, ou de como ele se relaciona com nossa vida. Tampouco há qualquer dúvida quanto à mensagem que estamos levando ao mundo ao nosso redor.

## A METODOLOGIA DE TREINAMENTO

A fim de ensinar aos cristãos o esboço *Duas formas de viver* e como usá-lo no evangelismo, desenvolvemos um curso de treinamento de sete semanas.<sup>2</sup> Ao longo dele, as pessoas em treinamento aprendem as afirmações, os desenhos e os versículos por repetição, antes de trabalharem a questão de como expressar o material em palavras e estilo próprios. Contudo, há muito mais do que isso no curso de treinamento, porque não transmitimos um mero bloco de informação, mas uma habilidade e um estilo de vida. Assim como aprendem o conteúdo do esboço, os que estão sendo treinados também:

- aprendem a importância da oração no evangelismo (na prática);
- examinam os princípios bíblicos para compartilhar o evangelho;
- aprendem a responder questões comuns;
- adquirem alguma experiência prática em compartilhar o evangelho.

Esse último aspecto é de particular importância. Aprender a compartilhar o evangelho com outra pessoa é uma habilidade que não se pode adquirir de fato em uma sala de aula ou com livros-texto. Deve ser praticada, de preferência com a ajuda e sob a orientação de alguém mais experiente. Essa prática é integrada ao curso quando o líder leva consigo cada pessoa que está treinando para compartilhar o evangelho com alguém de maneira apropriada ao contexto.

Em relação a essa ênfase no treinamento prático, pessoal e feito sob oração, temos descoberto que é muito melhor começar o programa de treinamento com apenas um ou dois grupos bem pequenos e aumentá-los com o tempo, à medida que líderes experientes se tornam disponíveis (tendo eles próprios passado por treinamento também).

---

Começamos afirmando que a Austrália estava à frente dos Estados Unidos ao menos na arena do ateísmo e do paganismo públicos. É muito difícil dizer se isso tem levado os cristãos evangélicos australianos a uma maior aptidão para anunciar o evangelho no contexto dessa confusão pós-moderna. Com certeza, estamos cientes de que temos um caminho muito longo a percorrer para levar o evangelho a essa nossa sociedade, tão determinada em sua apatia espiritual.

<sup>2</sup>*Two ways to live: know the gospel, share the gospel.* Essa obra foi publicada por Matthias Media, P.O. Box 225, Kingsford NSW, Australia. E-mail: sales@matthiasmedia.com.au. Web: www.matthiasmedia.com.au. Matthias Media também publicou uma versão simplificada de *Two ways to live*, que cristãos podem comprar e dar, bem como um estudo bíblico evangelístico de uma hora baseado no esboço.

Se aprendemos algo ao delinear e utilizar *Duas formas de viver* em nosso ministério foi que o testemunho fiel centrado em Cristo em um mundo pós-moderno não implica diluir, mudar ou menosprezar o evangelho bíblico. É preciso uma clareza renovada para entendê-lo e enunciá-lo, e uma confiança renovada para proclamá-lo. Apesar de todo seu tédio sofisticado, nossa geração rebelde ainda se encontra debaixo do juízo do Criador amoroso e Soberano do mundo e continua precisando ouvir o evangelho do Messias crucificado e ressurreto.

## CAPÍTULO 7

---

# MANTENDO CRISTO NO CENTRO DA PREGAÇÃO

*Colin S. Smith*

**H**á alguns anos, conheci um missionário da New Tribes Mission [Missão Novas Tribos] que atuava no norte da Tailândia. Seu trabalho era levar o evangelho a um grupo tribal não alcançado pela cultura ocidental nem por qualquer tipo de ensino bíblico. Um povo nada pós-moderno! Tinham uma cosmovisão clara, moldada por histórias de espíritos malignos, mas não contavam com nenhum conhecimento da revelação cristã.

A questão é: “Por onde começar a tarefa de transmitir o evangelho a um grupo de pessoas que não sabe quem é Deus, o que é pecado, quem é Cristo ou para que serve a Bíblia?”. Jamais esquecerei a resposta do meu amigo: “Nós lhes contamos a grande história”. Partindo da criação dos anjos, ele explicava a rebelião de Lúcifer, a criação dos céus e da Terra e dos primeiros homem e mulher. Explicava o primeiro ato de desobediência contra Deus e a consequente maldição que lhes sobreveio. Prosseguia com a história de Caim e Abel e, na sequência, com todo o Antigo Testamento. Passo a passo, construía uma cosmovisão a fim de lhes apresentar Jesus.

Poucos anos atrás, tive a oportunidade de visitar Uttar Pradesh, a vasta e mais importante região hindu do norte da Índia, com uma população de 140 milhões de pessoas. Ela é descrita por Patrick Johnstone, em seu livro *Operation world*, como “uma das partes mais obscuras e carentes do mundo”.<sup>1</sup> Há uma igreja para cada mil aldeias ali, uma igreja para cada milhão de pessoas. Uttar Pradesh é uma fortaleza

<sup>1</sup>Johnstone, Patrick; Mandryk, Jason, *Operation world*. 7. ed. (InterVarsity Press, 2010) [edição em português: *Intercessão mundial: o guia diário para orar pelo mundo* (Contagem: AME Menor, 1993)].

do hinduísmo, e entre esse povo é comum a crença de que existe um deus para cada habitante da Índia. Como se proclama o evangelho para uma população que, há séculos, escolhe seus objetos de adoração de um catálogo de mais de 900 milhões de itens?

Em Uttar Pradesh, os pastores das aldeias estão sendo treinados para ensinar 50 histórias bíblicas que transmitam quem é Deus e o que ele tem a nos dizer. Uma abordagem fascinante. Não são 50 textos, mas 50 histórias. “Nós lhes contamos a grande história”.

No passado, grande parte do evangelismo eficaz era realizado por meio do ensino de versículos-chaves das Escrituras sobre o pecado, a graça e a salvação. Os pregadores cristãos foram capazes de se apropriar das pedras fundamentais para a construção de uma cosmovisão cristã. Mesmo quando as pessoas optavam por não crer em Deus, era no Deus cristão que elas optavam por não acreditar! Evangelismo era mais ou menos como pendurar a roupa em um varal que já estava montado. Era possível pegar textos como João 3.16, Romanos 5.8 ou Isaías 53.4-6 e dispô-los no varal de uma cosmovisão judaico-cristã. O problema de tentar alcançar um povo pós-moderno é que os varais não existem mais. Assim, quando tentamos pendurar nossos textos, eles caem no chão em um amontoado confuso.

O grande desafio com que o pregador se confronta é montar esse varal. Nossa tarefa é apresentar a grande história e convencer as pessoas pós-modernas de que ela é verdadeira. Nessa busca, temos muito a aprender com nossos amigos do norte da Tailândia e da Índia. Eles sabem que não basta apresentar verdades desconexas sobre paz, realização ou vida em família. Com certeza falaremos de todas essas coisas, mas temos de encontrar maneiras de conectá-las com clareza à pessoa e à obra de Jesus Cristo.

Montar o varal não é um desafio novo. Juízes 2.10 nos conta que, após a morte de Josué, “surgiu outra geração que não conhecia o SENHOR, nem o que ele havia feito por Israel”. Eles desconheciam a grande história! É aterradora a rapidez com que o conhecimento de Deus pode ser ofuscado em uma cultura. Em Israel, bastou apenas uma geração para isso acontecer.

O livro de Juízes narra a triste história de como, na ausência do conhecimento de Deus, o povo desenvolveu religião e moralidade próprias. A Palavra de Deus era escassa na terra naqueles dias, até Deus levantar Samuel e sua palavra chegar a todo o povo (veja 1Sm 3). Em uma geração, o conhecimento de Deus foi restaurado à nação. Esse é o desafio que enfrentamos hoje outra vez. Precisamos desesperadamente redescobrir o poder da pregação bíblica centrada em Cristo.

Três certezas ajudarão a nos sustentar nessa tarefa: que Jesus Cristo é central para as Escrituras, central para a pregação cristã e central para o evangelho.

## JESUS CRISTO É CENTRAL PARA AS ESCRITURAS

A Bíblia tem um enredo e esse enredo, um objetivo. Os cristãos evangélicos acreditam que ela é um livro de um autor e tem uma mensagem coerente, cujo centro é Jesus Cristo. A teologia liberal é a responsável por dilacerar a Bíblia em um conjunto de *insights* fragmentados sobre assuntos diversos, relacionados a Deus e à vida. Acreditamos que as Escrituras são a história de Deus e que é tarefa do pregador cristão contar essa história.

O objetivo da história encontra-se em Jesus Cristo, particularmente em sua morte e ressurreição. Tudo o mais leva a isso ou flui disso. Em Gálatas 4.4 lemos que Deus enviou seu Filho ao mundo na “plenitude dos tempos”. Ele não considerou adequado que Cristo nascesse da virgem Sara no ano 2000 a.C. A história do Antigo Testamento nos é dada para que possamos compreender quem é Jesus Cristo e por que precisamos dele. Quando João disse: “Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (1.29), havia toda uma estrutura de compreensão e significado sendo transmitida àqueles que o ouviam proferir essas palavras.

Quer preguemos a partir da Lei, dos profetas, dos livros históricos, dos livros sapienciais, dos Evangelhos ou das epístolas do Novo Testamento, há uma relação direta de todos eles com Jesus Cristo. As Escrituras inteiras falam dele. O Antigo Testamento prepara o caminho para sua vinda, os Evangelhos registram os acontecimentos de sua vida e as cartas do Novo Testamento explicam a importância de sua vinda. Depreende-se disso que, se tentarmos pregar qualquer parte da Bíblia sem relacioná-la como convém a Cristo, não transmitiremos seu significado.

Os quatro exemplos seguintes ilustram a centralidade de Cristo em todas as Escrituras:

*Em Lucas 24.27*, somos informados de como Jesus explicou o significado do Antigo Testamento para dois discípulos, na estrada para Emaús: “E, começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a seu respeito em todas as Escrituras”. O Cristo em pessoa se debruçou sobre as Escrituras do Antigo Testamento e explicou o significado da própria morte e ressurreição.

*Em João 5.39*, Jesus trata da mesma questão com os fariseus: “Vós examinais as Escrituras, pois julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim”.

*Em Gênesis 12.2,3*, Deus faz uma promessa a Abraão: “E farei de ti uma grande nação, te abençoarei [...] e todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti”. Há um comentário fascinante sobre isso em Gálatas 3.8, em que Paulo nos explica que, nessa promessa, o evangelho foi antecipado a Abraão. Essa percepção tem relação com a declaração surpreendente de Jesus sobre Abraão, registrada em João 8.56: “Abraão, vosso pai, regozijou-se por ver o meu dia; ele o viu e alegrou-se”

(grifo do autor). Se Abraão recebeu o anúncio do evangelho e regozijou-se com o dia de Cristo, então é certo que deveríamos fazer o mesmo ao pregarmos sobre o livro de Gênesis.

Em *João 12.40*, Jesus cita Isaías 6, trecho em que o profeta vê a glória do Senhor. O comentário de João sobre isso é fascinante. Ele nos conta que Isaías viu a *glória de Jesus* e falou sobre ele (v. 41). Portanto, se falamos sobre a glória de Yahweh e não vemos nela a glória de Jesus, significa que deixamos de percebê-la pelo que ela é. Agostinho expõe bem a ideia quando pergunta o que poderia ser mais sem gosto e insípido do que ler os livros proféticos sem referência a Cristo. Encontre Cristo neles, e o que você lê se provará não só prazeroso como inebriante.

É importante não pensarmos nessas conexões com Cristo como um tipo de acréscimo evangelístico ao fim do sermão. Não buscamos impor uma ligação artificial com a cruz. Procuramos expor a conexão com a cruz que já está lá. As próprias Escrituras deixam claro que Cristo é inerente à narrativa do Antigo Testamento, e se pregarmos a história sem demonstrarmos sua ligação com Cristo, teremos deixado de fora sua razão de ser.

Cristo é o foco da Bíblia inteira. Ele é o ponto central da grande história. Ele está lá na Criação. Todas as coisas foram feitas por ele. A Queda nos mostra a necessidade que temos dele. O Dilúvio aponta para o julgamento de Deus e nossa necessidade de uma passagem segura para o novo mundo. A bênção de Deus sobre Abraão inaugurou a linhagem da qual Cristo veio. O Êxodo foi uma redenção do povo de Deus apontando para nossa libertação por Cristo. A Lei revela o pecado e, quando entendida da maneira correta, leva-nos a ver nossa necessidade de Cristo. Os sacrifícios, quando compreendidos corretamente, treinarão a mente do povo de Deus a entender que não levar em conta o pecado sempre custa uma vida. Os ofícios de profeta, sacerdote e rei são todos categorias que nos ajudam a compreender quem é Jesus. O profeta fala a palavra do próprio Deus ao povo. O sacerdote apresenta o povo a Deus e intercede em seu favor. O rei tem o direito e a responsabilidade do governo soberano.

O Antigo Testamento nos oferece as categorias para compreendermos o evangelho. Sem o Antigo Testamento, entender o Novo Testamento é como chegar a uma peça depois do intervalo e tentar adivinhar o enredo. Perdemos a maior parte das peças e não temos o benefício de conhecer caminhos que já foram percorridos por outros antes de nós e que não levaram a lugar algum. Se mesmo assim conseguirmos nos conectar com a história, só o faremos por presumir, com base no conteúdo do segundo ato, o que deve ter acontecido no primeiro.

Quando vamos ao Antigo Testamento, não precisamos imaginar uma maneira de estabelecer uma conexão com a pessoa de Cristo. A conexão já está lá. As

Escrituras falam de Cristo. Nossa tarefa é explicar o que elas dizem e como se relacionam com ele.

## JESUS CRISTO É CENTRAL PARA A PREGAÇÃO CRISTÃ

Há duas questões em particular que tenho considerado úteis no processo de preparação de material para a pregação. Primeiro, sempre vale a pena perguntar se o que está sendo preparado pode ser descrito como um sermão. E, segundo, se é um sermão cristão.

Sermão é muito diferente de palestra. O palestrante pode falar na terceira pessoa, transmitir informação geral extraída de outro tempo e lugar, e dar-se por satisfeito quando executa um trabalho aceitável. O chamado do pregador é bem diferente. Ele tem de estabelecer uma ligação entre seu material bíblico e a situação de vida imediata dos ouvintes. Precisa falar de tal forma que as pessoas sintam que Deus está se comunicando diretamente com elas através de sua Palavra. O sermão é muito mais do que uma coletânea de informações bíblicas. É uma mensagem, e uma mensagem deve ter um tema consistente. Nas palavras de Haddon Robinson: “Por mais brilhante que seja, sem um propósito definido, o sermão não é digno de ser pregado!” (1980, p. 107).

Warren Wiersbe conta uma história encantadora em seu livro *Preaching and teaching with imagination* [Pregando e ensinando com imaginação] (1994, p. 57). Ele descreve um personagem fictício, vovó Thatcher, que foi à igreja na manhã do domingo. Ela sentia dores e seu marido incrédulo se despediu dela, quando saía para a igreja, com imprecações que ainda ecoavam em seu ouvido. Ela tinha orado para que o preço do combustível não subisse no inverno, e se não fosse pelo Senhor e sua Bíblia, teria desistido há muito tempo.

O pastor Bowers sobe ao púlpito enquanto vovó Thatcher ora em silêncio: “Senhor, dê-lhe alguma coisa especial para mim. Eu preciso!” O texto é Gênesis 9, e o título, “Deus fala com Noé”. Os tópicos do pastor são:

- criação apresentada (v. 1-3);
- castigo capital (v. 4-7);
- aliança prometida (v. 8-17);
- carnalidade praticada (v. 18-23);
- consequências profetizadas (v. 24-29).

Ninguém pode negar o caráter bíblico desse material. Todos esses temas estão lá, na Bíblia. O discurso do pastor podia conter informação bíblica, mas não era uma pregação. O sermão é uma mensagem de Deus. Deve ser extraído das

Escrituras, mas também ser aplicado à vida. Deve construir uma ponte entre o mundo da Bíblia e a vida do ouvinte.

Se o pregador pretende ser bem-sucedido na construção dessa ponte, precisa estar familiarizado com ambos os lados do abismo sobre o qual ela será edificada. Ele deve se sentir à vontade com a Palavra de Deus, mas também necessita manter contato com as pressões e angústias enfrentadas pelo povo comum na vida cotidiana. Esse é um dos motivos pelos quais o pastor precisa passar tanto um tempo com a Palavra quanto com as pessoas. Na minha experiência, é o envolvimento direto com o trabalho pastoral que ajuda a desenvolver a sensibilidade no coração do pregador.

Sinto-me desafiado pelas palavras de James Daane, que lembra os pastores de que “só Deus conhece a tristeza e a dor, a vergonha e o sofrimento, os fardos insuportáveis, as experiências destroçadas, as esperanças esmagadas e os terrores do espírito que se abrigam no coração daqueles a quem ministramos nas manhãs de domingo. Essas feridas humanas não se curarão com leviandade, não serão descartadas por meio do riso provocado por injeções de humor provenientes de alguma celebridade de púlpito cujo modelo seja Bob Hope ou Woody Allen” (Daane, 1980). Ao meditar sobre seu material de pregação, pergunte-se: Isso é um sermão? Há uma mensagem de Deus para o povo que se reunirá hoje aqui? Qual é essa mensagem? Criei uma ponte entre o mundo da Bíblia e a vida das pessoas?

Depois de constatarmos que nosso material se qualifica, sim, como um sermão, é importante perguntar se pode ser considerado inconfundivelmente cristão! Jay Adams deu um conceito muito útil do que é um sermão cristão, ao defini-lo como aquele que o faria ser expulso de uma sinagoga ou mesquita. Tem fundamento o que ele diz, pois foi o que aconteceu no livro de Atos.

A primeira vez que deparei com esse teste único e definitivo, revisei várias notas de sermões antigos e me convenci de que alguns deles não passavam no teste de autênticos sermões cristãos! Desde então, esse teste crucial me acompanha. Somos chamados para apresentar Jesus Cristo e a pregação que não nos leva a Cristo é subcristã.

O apóstolo Paulo estabelece essa prioridade em 1 Coríntios 2.2, quando diz que resolveu não saber nada entre os coríntios a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. É evidente que ele não quis dizer que esse seria o único assunto sobre o qual falaria, mas que ele não estava interessado em nada que estivesse desvinculado da pessoa e obra de Cristo.

Se Cristo é o tema da Escritura toda, então aqueles que são chamados a pregar e ensinar a Bíblia devem dar duro para se certificarem de que Cristo é o foco de seu ensino e pregação. Há duas questões que considero úteis na busca desse objetivo:

(1) O que isso me diz sobre a condição humana? e (2) O que isso me diz sobre Deus e sua provisão para a condição humana em Jesus Cristo? A primeira questão mostrará a necessidade da cruz; a segunda, a relevância da cruz. A primeira me colocará em posição de humildade perante Deus; a segunda me dará esperança em Deus.

Cheguei a essas questões refletindo na frase de abertura das *Institutas* de Calvino: “Quase toda sabedoria que temos, ou melhor, sabedoria sólida e verdadeira, consiste em duas partes: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos” (1.1.1). Se isso é verdade, então deveríamos encontrar essas coisas em qualquer parte das Escrituras.

### ***PREGANDO NOSSA NECESSIDADE DE CRISTO***

Há pouco tempo conversei com um homem que, dizendo-se empenhado em uma jornada espiritual, perguntou se eu poderia lhe dar alguma ajuda. Ele discorreu sobre Deus e sobre Jesus Cristo, mas pareceu-me claro que não conhecia o Senhor. Conte-lhe a ocasião em que Jesus perguntou a um homem: “Que queres que eu te faça?”, e indaguei o que ele diria se lhe fosse oferecida a mesma oportunidade. Sua resposta foi: “Eu gostaria de conhecer alguma serenidade na vida”. Pedi então que pensasse em tudo que acontecera em sua vida e me contasse a coisa mais grandiosa que Cristo já fizera em seu benefício. Ele disse que a coisa mais grandiosa que Cristo lhe fizera fora levá-lo à idade de 55 anos. Foi um prazer ter a oportunidade de falar que Jesus Cristo poderia fazer mais em seu favor do que ele jamais imaginara.

Cito esse homem porque ele representa muitos de nossos contemporâneos. Ele tinha fome espiritual, mas não dispunha de nenhum conhecimento real de Deus ou da condição humana. Portanto, não fazia ideia da extensão de tudo que Jesus Cristo podia fazer em sua vida. É difícil entender como um Cristo que veio para salvar seu povo dos pecados possa vir a ser mais do que um interesse marginal para alguém destituído de uma compreensão clara das nuvens negras do julgamento de Deus e da condição humana de desamparo no pecado.

Nunca levaremos as pessoas a valorizar a cruz enquanto não conseguirmos convencê-las da análise bíblica da condição humana. James Denney nos lembra que “a expiação é dirigida ao senso de pecado. Pressupõe a má consciência. Onde essa consciência não existe, é como uma alavanca sem um ponto de apoio” (1951, p. 168).

O pregador é confrontado com o problema de ter de apresentar às pessoas um Cristo do qual elas não desejam se aproximar. Elas têm percepções acerca de várias necessidades, mas a percepção de alguém que as salve do pecado não é uma delas. O pecado causa uma cegueira em relação à nossa condição e nos torna relutantes

em ouvir falar no assunto. As pessoas pós-modernas são um pouco como o paciente de hospital cuja mente está fechada para um diagnóstico indesejado. A discussão de uma possível cirurgia será infrutífera até que as más notícias sejam assimiladas. Do mesmo modo, pouco valor terá falar de Cristo a menos que tenhamos conseguido abrir as mentes das pessoas à necessidade de um redentor. Sem o verdadeiro autoconhecimento, o evangelho não fará nenhum sentido.

Duas coisas atuam em nosso favor: a Palavra de Deus é luz na escuridão, e o Espírito Santo veio convencer do pecado, da justiça e do juízo. Armados dessas convicções, devemos pregar de maneira a persuadir homens e mulheres de sua necessidade de Cristo.

### ***PREGANDO A PROVISÃO DE DEUS EM CRISTO***

Nunca devemos deixar as pessoas com o conhecimento de si mesmas apenas. Autoconhecimento sem o conhecimento de Deus é sempre devastador. Nunca devemos deixar as pessoas contemplando os próprios pecados. O motivo para levar alguém ao reconhecimento da condição humana é despertar a valorização de Jesus Cristo. O pregador precisa “afligir” quem se sente confortável, mas também confortar o aflito.

Temos de apresentar a misericórdia de Deus. O conhecimento do pecado não será suficiente para predispor a pessoa ao arrependimento. Duas coisas precisam acontecer na mente do filho pródigo, antes que ele se levante e comece a longa jornada de volta para a casa do pai. Primeiro, ele deve cair em si. Segundo, deve crer que, se retornar, terá boa acolhida. Nas palavras de Calvino: “O princípio do arrependimento é o senso da misericórdia de Deus; isto é, quando os homens são convencidos de que Deus está pronto para perdoar, começam a ganhar coragem de se arrepender”.<sup>2</sup>

O conhecimento do pecado sem a expectativa da misericórdia só fará a pessoa continuar fugindo de Deus. O pródigo necessita do reconhecimento de sua miséria para ter o *desejo* de voltar. Necessita da segurança das boas-vindas para ter a *confiança* para voltar. Junte essas duas coisas e terá a dinâmica do movimento que a Bíblia chama de arrependimento.

Uma grande vantagem que a pregação expositiva tem sobre a abordagem tópica é que o texto da Bíblia, se entendido da maneira adequada, sempre levará a Cristo. Enquanto escrevo, acabamos de comemorar o Dia das Mães, uma oportunidade maravilhosa, mas um verdadeiro cemitério para pregadores! Como ir do Dia das Mães à oportunidade de dizer algo significativo sobre Cristo?

<sup>2</sup>Citado em Leith, 1989, p. 97.

Resolvi tirar proveito da história de Ana, o relato maravilhoso de como Deus usou as orações e a influência de uma mãe. Quando Ana levou Samuel ao templo, levou também um touro consigo. Imagine a cena e procure retratá-la em sua mente da perspectiva de um menino pequeno.

“Mamãe, por que estamos levando um touro ao templo?”

Chegando lá, os olhos do menino se arregalam quando ele se dá conta do que acontecerá a seguir.

“Mamãe, por que eles estão matando o touro?”

Nenhum menino pequeno conseguiria esquecer o primeiro sacrifício de que foi testemunha ocular.

Samuel estava aprendendo que não se entra na presença de um Deus santo como se fosse algo corriqueiro. Não se pode chegar do jeito que se está. Você só pode ser aceito por esse Deus com base em um sacrifício. Tudo isso é feito para preparar a mente do povo a fim de que ele consiga compreender uma carnificina maior, quando esse Deus envia seu Filho ao mundo e ele se torna o sacrifício pelos pecados do mundo.

Jay Adams diz: “Pregue Cristo em toda a Escritura: ele é o tema da Bíblia inteira. Ele está lá. Enquanto não o encontrar na parte que você pregará, não estará pronto para pregar” (1982, p. 152).

Até aqui destacamos a centralidade de Cristo nas Escrituras e na pregação. Precisamos agora examinar a centralidade de Cristo no evangelho.

## JESUS CRISTO É CENTRAL PARA O EVANGELHO

Você já sentiu que a tarefa de apresentar o evangelho era avassaladora? Sempre considerei uma das tarefas mais difíceis pregar o evangelho de modo que as pessoas sintam que ele é maravilhosamente gratuito e, ao mesmo tempo, requer tudo de nós. Às vezes sinto que, quando sou forte no dom da graça, sou fraco no chamado ao discipulado radical. Em outras ocasiões, quando apresentei o desafio do arrependimento, perguntei-me se não estava correndo o risco de obscurecer a graça.

Essa conexão entre fé e arrependimento é crítica para a pregação do evangelho. Os teólogos católicos há muito questionam o ensinamento protestante nesse ponto. Desde a época da Reforma, os evangélicos têm sido acusados de pregar um evangelho que nada mais é senão a suspensão da condenação, sem uma transformação associada a ela.

Devemos ouvir essa crítica cuidadosamente. Como o arrependimento (a transformação que Deus ordena em nossas vidas) está relacionado com a fé através da qual Deus nos perdoa graciosamente? Se comprometermos uma das duas noções, teremos perdido o evangelho bíblico.

Paulo lida com esse problema em Romanos 5 e 6. O capítulo 5 inteiro discorre sobre a justificação, acessível somente pela graça, por meio da fé e somente por causa de Cristo. Não acontece em razão de nossas obras nem de nosso desempenho na vida cristã. Isso levanta a questão óbvia enunciada por Paulo em Romanos 6.1: “Que diremos, então? Permaneceremos no pecado para que a graça se destaque?”. Diremos que o pecado no cristão não tem importância e que a santificação é uma espécie de aprimoramento da vida cristã para os entusiastas que desejarem se candidatar a ela?

A resposta de Paulo é clara: “De modo nenhum”. O motivo que ele dá para isso é a doutrina da união com Cristo. Fomos batizados em Cristo, morremos e fomos enterrados com Cristo. Estamos agora ressuscitados com ele para um novo tipo de vida. Se nos unimos a Cristo em sua morte, então também permanecemos unidos a ele em sua vida. A conexão entre o perdão por nós recebido e a transformação para a qual somos chamados está no próprio Senhor Jesus Cristo. Ele mesmo é o elo entre as duas coisas. Não podemos ter perdão sem estarmos unidos a ele, e não podemos estar nele sem sermos transformados.

Há uma grande diferença entre o supermercado e o casamento. O primeiro é disposto de modo a privilegiar a escolha. Você passeia com seu carrinho e seleciona produtos. A coisa toda é configurada para ajudá-lo a pegar o que deseja e deixar de lado o que não quer. Você não tem absolutamente nenhuma obrigação.

O casamento é diferente! Imagine que um jovem casal o procura em busca de aconselhamento pré-matrimonial. Ele diz gostar dos olhos dela, mas não dos seus cabelos. Agrada-o o interesse dela por esportes, mas não por música. Quer gastar tempo com ela às terças e quintas-feiras, mas não às segundas e sextas. Logo fica evidente que há um problema!

O voto matrimonial expressa uma união que envolve tanto privilégios quanto responsabilidades. “Aceito você pelo que é, para lhe ser fiel, amá-lo e respeitá-lo na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe”.

Algumas pessoas consideram a vida cristã como uma visita ao supermercado. Abrem a Bíblia e saem passeando pelos corredores. Avistam algo de que gostariam. Perdão! Paz! Alegria! Céu! Mas há outros corredores com itens menos atraentes em exposição: perdoar aos outros como Deus lhe perdoou, negar a si mesmo e tomar a própria cruz para seguir a Cristo.

A Bíblia jamais descreve a vida cristã como uma visita ao supermercado, e sim como um casamento com Cristo. Um casamento em que duas partes se comprometem uma com a outra e de forma incondicional. O único modo pelo qual Cristo pode nos receber é como somos, e o único modo pelo qual podemos receber Cristo é

como ele é, ou seja, como Salvador e Senhor. Se aceito o Cristo que diz “Pai, perdoa-os”, então, ao mesmo tempo e no mesmo ato, aceito Aquele que disse: “Siga-me”. Não posso dividir quem ele é. Ele é o Senhor Jesus Cristo.

O Novo Testamento só nos propõe uma dádiva maravilhosa: Jesus Cristo. Ele é a dádiva das dádivas e contém em si todas as dádivas de Deus. Somos abençoados com todas as bênçãos espirituais em Cristo! Quando começamos a falar em perdão ou santidade e separamos isso do estar em Cristo, resvalamos depressa para o desequilíbrio e o erro.

Calvino pergunta “Por que somos justificados pela fé?”, e em seguida dá a resposta:

Pela fé, alcançamos a justiça de Cristo, único modo de nos reconciliarmos com Deus. No entanto, você não poderia fazer isso sem também, ao mesmo tempo, alcançar a santificação. Pois ele “da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção”. Por essa razão, Cristo não justifica ninguém a quem ao mesmo tempo não santifique. Esses benefícios são unidos por um vínculo eterno e indissolúvel, de modo que todos a quem ele ilumina com sua sabedoria, também redime; a quem redime, justifica; a quem justifica, santifica. Embora sejamos capazes de distinguir uma coisa da outra, Cristo as encerra inseparáveis em si mesmo. Você deseja alcançar a justiça em Cristo? Deve primeiro se apossar de Cristo; mas não pode tê-lo sem ser transformado em participante de sua santificação, porque ele não pode ser dividido em pedaços.<sup>3</sup>

O Novo Testamento jamais oferece as bênçãos do evangelho como se fossem itens separados de uma lista de compras. Se não são oferecidas desse modo, então não deveríamos pregá-las assim. O evangelho não nos convida a aceitar o perdão, mas a aceitar Cristo. Todas as bênçãos de Deus estão nele; nenhuma delas é encontrada fora dele. O evangelho como um todo encontra sua coerência centrada nele. Ou o aceitamos como ele é, com todas as suas dádivas e todas as suas exigências, ou ficamos longe dele. Não podemos dividi-lo em pedaços.

A pergunta mais profunda a ser feita a respeito da nossa pregação não é “Estamos pregando perdão, arrependimento, santidade ou fé?”, mas, sim, “Estamos pregando Cristo?”.

Na liturgia da Igreja Anglicana, há uma forma de adoração que remonta ao século 16. A leitura da Palavra é seguida pelo sermão e, depois, pela eucaristia ou comunhão. Ao colocar o sermão entre a leitura das Escrituras e a mesa do Senhor,

<sup>3</sup>Institutes 3.16.1.

os reformadores nos lembravam que *a pregação deve brotar da Palavra e nos conduzir à mesa da comunhão*.

Tento pensar nisso toda vez que me preparo para pregar. Estou construindo uma ponte entre a Palavra e a mesa do Senhor? Algumas de nossas tradições não observam a ceia do Senhor em todos os cultos, mas considero útil me perguntar: “Como eu concluiria minha mensagem de tal maneira que ela levasse naturalmente à mesa do Senhor?”.

Façamos ou não a ceia do Senhor no final do culto, o objetivo do pregador deve ser chegar ao ponto em que seus ouvintes ao sentir a necessidade de Cristo e contemplar nele a provisão de Deus, sejam capazes de erguer os olhos em fé para o Redentor crucificado e ressurreto que derrama graça e misericórdia sobre nossa vida.

## Referências

- ADAMS, Jay. 1982. *Preaching with purpose* (Grand Rapids: Baker).
- CALVIN, John. *Institutes of the Christian religion*. Edição de J. T. McNeill (Philadelphia and London: Westminster Press, 1960). 2 vols.
- \_\_\_\_\_. *A instituição da religião cristã*. (São Paulo: Unesp, 2008). tomos I e II. Tradução de: *Institutes of the Christian religion*.
- DAANE, James. 1980. *Preaching with confidence* (Grand Rapids: Eerdmans).
- DENNEY, James. 1951. *The death of Christ* (London: Tyndale).
- LEITH, J. H. 1989. *John Calvin's doctrine of the Christian life* (Louisville: Westminster/John Knox).
- ROBINSON, Haddon W. 1980. *Biblical preaching* (Grand Rapids: Baker).
- \_\_\_\_\_. *Pregação bíblica* (São Paulo: Shedd Publicações, 2003). Tradução de: *Biblical preaching*.
- WIERSBE, Warren. 1994. *Preaching and teaching with imagination* (Wheaton: Victor).

## CAPÍTULO 8

---

# A SINGULARIDADE DE JESUS CRISTO

*Ajith Fernando*

**A**o buscarmos evangelizar os pós-modernos em nossos dias, uma das questões-chave que convida ao debate é a afirmação cristã da singularidade de Cristo. Ela parece estar fora de compasso com o modo de pensar de muitas pessoas. Três são os desafios que se colocam a essa afirmação: primeiro, a tendência de desvalorizar a verdade objetiva; segundo, a acusação de que quem se apega a tal afirmação é intolerante e arrogante; terceiro, o recente interesse por uma espiritualidade não cristã. O primeiro desses desafios foi abordado em outros capítulos deste livro. Examinaremos, portanto, os dois últimos.

### **A ACUSAÇÃO DE INTOLERÂNCIA E ARROGÂNCIA**

Existe entre os pós-modernos uma nova disposição na abordagem à atividade inter-religiosa, que tem sido influenciada pela atual filosofia dominante do pluralismo. Um elemento fundamental é a compreensão de tolerância e humildade do ponto de vista do pluralismo. A tolerância está se tornando um dos valores mais sagrados para a mente pós-moderna. E de acordo com a nova compreensão da tolerância, qualquer alegação de se possuir uma verdade única é considerada arrogante e intolerante. Anos atrás, G. K. Chesterton observou que a humildade estava fora de lugar. Segundo ele, a humildade não dizia mais respeito ao campo da opinião da pessoa sobre si mesma, onde deveria estar. Em vez disso, ela agora dizia respeito ao campo da verdade, onde não deveria estar.<sup>1</sup> Antes avaliada com base na opinião da pessoa

<sup>1</sup>Citado em Phillips, 1997, p. 261.

acerca de si mesma, agora a humildade é julgada com base no entendimento dessa pessoa quanto à verdade. Quem afirma deter a verdade é considerado arrogante.

De acordo com o entendimento pluralista, nenhuma religião pode fazer uma afirmação de singularidade absoluta; portanto, compartilhar a fé tendo como objetivo a conversão é considerado errado e antiético. Um dos resultados diretos desse pensamento é que a *apologética* — a defesa da veracidade das próprias crenças diante de visões opostas — é considerada algo indesejável, que precisa ser substituído pelo *diálogo*. Mas aqui o alvo do diálogo é o enriquecimento mútuo, não a conversão. Wesley Ariarajah, líder ecumênico do Sri Lanka, escreveu: “Qualquer um que se aproxime de outra pessoa com a pretensão *a priori* de que a sua é ‘a única história verdadeira’ assassina o diálogo antes mesmo que ele comece” (1977, p. 5).<sup>2</sup>

A igreja hoje enfrenta o desafio crucial de proclamar o evangelho de maneira apropriada a uma geração hostil à ideia da singularidade de Cristo. Analisemos alguns traços do evangelismo nesse ambiente.

### **NOSSA ATITUDE**

É importante fazer amizade com não cristãos, como Cristo fazia com pessoas muito diferentes dele em termos religiosos. Criticaram-no por isso e rotularam-no de “glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores” (Lc 7.34). A fim de alcançar essas pessoas, ele precisava ser amigo delas. Os não cristãos não são nossos inimigos ou gente a ser temida. São pessoas às quais fomos chamados a conduzir com amor ao Reino de Deus.

Ao nos tornarmos amigos de não cristãos, usamos o diálogo como simples meio de manutenção da amizade e de encontro com eles. Ou seja, conversamos com eles como amigos sobre vários assuntos, com toda a naturalidade. E nessa conversa incluímos discussões sobre nossas diferentes crenças religiosas. Se pudermos declarar compromissos comuns com questões como valores familiares e harmonia étnica, assim o faremos. Se pudermos declarar oposição comum a males como o aborto por encomenda e a pornografia, assim o faremos.

Também recorreremos ao diálogo quando buscamos testemunhar o evangelho entre não cristãos. Dessa vez, o diálogo é usado como meio de evangelismo. Ao fazê-lo, se achamos coisas boas em suas vidas e crenças, procuramos reafirmá-las e valorizá-las. Além disso, podemos fazer alusão a algumas crenças deles com as quais concordamos e usá-las como pontos de partida para apresentar Cristo. Paulo fez isso com algumas citações com as quais os atenienses estavam familiarizados (veja At 17.28). Nosso propósito não é vencer um debate com eles, buscando marcar

<sup>2</sup>Para uma resposta, veja Griffiths, 1991.

mais pontos e derrotá-los. Se virmos algo de bom neles que podemos reforçar e elogiar, não precisamos temer fazê-lo.

No entanto, devemos lembrar que justamente o ponto em que concordamos pode cegar alguns não cristãos para a verdade do evangelho. Por exemplo, seguir a nobre ética do budismo pode dar aos budistas a satisfação de salvarem a si próprios — sendo esse o pecado básico da humanidade. Desse modo, a ética budista pode entrincheirar as pessoas na condição de perdas e ser usada por Satanás para cegá-las, impedindo-as de reconhecer que necessitem de um Salvador. Por isso, não podemos concordar quando as pessoas dizem que todas as religiões ensinam quase a mesma coisa sempre: como ser bom. Cristãos e budistas respondem a essa questão de maneiras diametralmente opostas.

### ***NOSSO ESTILO DE VIDA***

Se nossa atitude para com não cristãos é de amizade, nosso estilo de vida no meio deles é de serviço. Creio que esse estilo de vida é uma das respostas mais poderosas para a acusação de arrogância e intolerância. Não se trata de algo de que nos revestimos apenas por ser relevante e eficaz no evangelismo. É o modelo que Jesus nos deu para seguir, sempre. Na condição de servo, ele muitas vezes permitiu que seus planos fossem frustrados pelas necessidades das pessoas. Ressurreto, nós o encontramos preparando o café da manhã para seus discípulos cansados, que voltavam de uma noite no mar (veja Jo 21.9-13). Depois de tomar nas mãos a toalha de servo e lavar os pés dos discípulos, pediu-lhes que seguissem seu exemplo e fizessem o mesmo (veja Jo 13.14,15). No entanto, ele se apresentou como Senhor absoluto, que exige submissão total dos seguidores. Afirmou coisas sobre si mesmo como nenhum outro líder religioso o fez (Fernando, 1995, capítulo 3). Portanto, ele foi um Senhor Servo, um Rei Servo, um humilde Monarca Absoluto.

Os judeus tiveram dificuldade de entender essa combinação. Esperavam um messias que agisse como um rei, não como um servo. Eles sofriam debaixo do jugo do governo romano e já estavam cansados de servir. Queriam um messias que os libertasse. Na verdade, alguns judeus se dispuseram a fazer de Jesus seu rei (Jo 6.15). Portanto, na época, o senhorio estava em alta e servir, fora de moda, no que dizia respeito às expectativas do povo em relação ao messias. Para eles, a autoridade do senhorio era incompatível com a humildade do servir. Mas Jesus mostrou ser possível que o Senhor absoluto fosse um servo radical.

Hoje as pessoas têm o problema inverso. Em nossa era pós-colonial, muitos ocidentais sensíveis se envergonham do imperialismo dos poderes supostamente cristãos (com razão!). Portanto, o senhorio está em baixa e o servir, em alta.

Ou seja, por motivo inverso ao do primeiro século, as pessoas não conseguem entender como um servo seria capaz de proclamar uma mensagem de senhorio.

Assim como Jesus demonstrou com sua vida e ministério que senhorio e serviço são compatíveis, devemos demonstrar, com nossa vida e ministério, que é possível para aquele que tem a humildade do servo crer na mensagem do senhorio absoluto de Cristo e proclamá-la. Paulo serviu de modelo para o fato de que o servo pode pregar uma mensagem de senhorio. Na verdade, ao descrever o próprio ministério, ele disse: “Pois não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por causa de Jesus” (1Co 4.5). O missiologista holandês Hendrik Kraemer afirmou que, em nosso evangelismo, temos “uma combinação notável de inequívoca intrepidez [ousadia] com uma humildade radical” (1938, p. 128).

A reação mundial à madre Teresa é esclarecedora nesse ponto. Ela sempre falou muito sobre sua oposição ao aborto no Ocidente e ao projeto de lei contrário à conversão na Índia. Posições bastante impopulares entre muitos. Mas seu estilo de vida tornava difícil repudiá-la e, por conseguinte, repudiar o que ela defendia. Ela teve grande influência no abandono do projeto de lei contra a conversão na Índia.

O Nepal é o único reino hindu do mundo. Há pouco tempo, houve uma grande comoção em virtude de um paciente que, tendo dado entrada em um hospital do Nepal, foi expulso no momento em que se descobriu sua condição de portador do vírus da AIDS. O fato foi relatado na primeira página dos jornais locais. Uma reportagem afirmou que todos os hospitais do país expulsavam pacientes com AIDS, exceto um, dirigido por missionários cristãos. Embora no Nepal os assistentes sociais cristãos expatriados não tenham permissão para evangelizar, eles mantêm um bom testemunho de serviço piedoso ao povo. É motivo de espanto o fato de que, onde os cristãos nepaleses evangelizam o próximo, um grande número de pessoas esteja se entregando a Cristo? Estima-se que, embora só houvesse cerca de 200 cristãos protestantes no Nepal há cerca de 35 anos, agora eles são perto de 300 mil.

Nesta era pós-moderna em particular, dá-se grande valor às provas subjetivas para a validade de uma religião. As pessoas estão menos interessadas em saber se uma religião é verdadeira. Querem saber se funciona. Em um ambiente desses, o estilo de vida de servo adotado pelos cristãos pode ser a chave para abrir portas e apresentar o evangelho de um Salvador singular.

### ***NOSSA PROCLAMAÇÃO***

Claro que é fácil nos deixarmos levar pelo testemunho por meio do serviço a ponto de negligenciarmos o testemunho por meio da proclamação, como demonstram com frequência as histórias de movimentos atuantes no serviço. Descobri que um

modo de evitar essa armadilha é enfatizar o tempo todo o fato de que, sem Cristo, as pessoas estão perdidas, caminham para o juízo e que sua única esperança é a salvação por meio de Jesus Cristo. Se isso for verdade, jamais nos daremos por satisfeitos apenas em servir. Haveremos de querer fazer todo o possível para levar as pessoas a quem servimos à segurança do evangelho. Não porque somos arrogantes e nos consideramos melhores do que elas, mas devido à convicção de que a única esperança de salvação que elas têm é Jesus.

Ao proclamarmos a mensagem, buscamos convencer as pessoas a aceitarem-na. A palavra *peitho* (persuadir) é usada pelo menos oito vezes em Atos, em referência ao evangelismo dos primeiros cristãos. Eles argumentavam com as pessoas até que elas tivessem a mente transformada e abandonassem seus antigos caminhos para seguir a Cristo. No entanto, hoje, quando a persuasão é usada em conjunto com a proclamação religiosa, costuma ser associada à arrogância e à intolerância. Isso é estranho, pois a persuasão é usada todos os dias em muitas esferas da vida. Os publicitários procuram nos convencer a preferir determinados produtos, e os políticos, a aceitar seus programas e votar neles. Contudo, em se tratando de religião, considera-se inadequada essa abordagem da comunicação.

Mahatma Gandhi certa vez disse a seu amigo, o missionário E. Stanley Jones: “Não tente disseminar sua fé; viva-a apenas. Seja como a rosa que, sem uma palavra, exala seu perfume em silêncio e atrai a atenção das pessoas”. Jones respondeu lembrando o sr. Gandhi que ele era o maior propagandista de todos, buscando difundir sua visão de independência e liberdade no império britânico e em todo o mundo.<sup>3</sup>

A persuasão se torna intolerante e arrogante quando usamos a imposição e a manipulação. John Stott define *imposição* como “a cruzada que tenta coagir as pessoas a aceitarem o caminho cristão por leis” (1990, p. 46). Isso aconteceu muito no passado e temos de nos envergonhar disso. Como exemplo de imposição, Stott apresenta a Inquisição, instaurada pela Igreja Católica Romana no século 13 para combater a heresia. A imposição também tem lugar quando empregadores ou pais usam sua autoridade para forçar as pessoas a se tornar cristãs. Aconteceu nos tempos coloniais, quando os missionários chegaram acompanhados de conquistadores europeus (principalmente espanhóis e portugueses) e, tornando o cristianismo a religião oficial das colônias, obrigaram muitos a aceitarem-no em benefício da sobrevivência e do progresso da sociedade.

A manipulação se dá quando usamos coisas estranhas ao espírito do evangelho para induzir outros a aceitarem o cristianismo: quando estímulos materiais como a promessa de um emprego ou de ajuda são usados como suborno para induzir

<sup>3</sup>Citado em Seamands, p. 77, 1964.

as pessoas a se tornarem cristãs, ou quando suas emoções são manipuladas de modo que aceitem o cristianismo de uma maneira que não envolve o uso adequado da mente. Uma mensagem evangelística carregada de emoção, por exemplo, pode ser concluída com um relato de grande apelo emocional, logo seguido por um convite ao discipulado. Talvez alguns reajam devido a seu estado emocional, e não por haverem considerado bem as implicações da mensagem. A manipulação também acontece em seitas em que “alterações do estado de consciência” ou lavagem cerebral acontecem através de pressão mental, de modo que as pessoas fiquem incapazes de fazer escolhas racionais e livres acerca do que lhes está sendo impingido.

A persuasão bíblica é uma expressão do nosso respeito pelas pessoas. O Senhor supremo da criação, Deus em pessoa, convida as pessoas a raciocinarem com ele (veja Is 1.18). De igual modo nós, seus servos, respeitamos a liberdade de escolha das pessoas e lhes damos a oportunidade de responder estando bem informadas quanto à mensagem de Jesus.

Hoje a alegação de singularidade e a prática da persuasão no evangelismo com frequência são associadas à mentalidade imperialista da era colonial. O estudioso pluralista John Hick disse: “A doutrina [...] de uma encarnação divina singular há tempos envenena o relacionamento entre cristãos e judeus, entre cristãos e muçulmanos, bem como afeta a história do imperialismo cristão no Extremo Oriente, na Índia, na África e em toda parte”.<sup>4</sup> No Sri Lanka, os opositores do evangelismo dizem que o atual ímpeto evangelístico dos cristãos é um “novo colonialismo” ou “novo imperialismo” por meio do qual o Ocidente tenta dominar e controlar os povos através da religião. Afirmam que, no passado, os imperialistas ocidentais vieram com a Bíblia em uma mão e uma arma na outra. Agora vêm com a Bíblia em uma mão e ajuda material na outra.

Dizem que a doutrina da singularidade de Cristo prosperou na cultura ocidental monolítica dominada pelo cristianismo. Mas nos dizem que não podemos mais sustentar tais pontos de vista nesta sociedade pluralista. Não nos esqueçamos, porém, que a doutrina do exclusivismo cristão desenvolveu-se em uma sociedade fortemente pluralista, no primeiro século do império romano (Carson, 1996, p. 270-272). Ali os cristãos não estavam do lado dos senhores coloniais; eram oprimidos por eles. No entanto, eles acreditavam em um Salvador único e proclamavam essa mensagem. Muitos tiveram de sacrificar a própria vida por isso. O evangelho, portanto, não necessitou do imperialismo para prosperar.

<sup>4</sup>Hick, p. 8; 1980; citado em Phillips, p. 261-262, 1997.

No Sri Lanka, a igreja protestante fez progressos mínimos sob o domínio britânico. Muitos se juntaram à igreja visando vantagens econômicas. Era natural que o número de membros caísse depois que recebemos a independência, e que muitas pessoas voltassem ao budismo. Muitos pensadores das igrejas estabelecidas assumiram uma atitude pluralista em relação à singularidade de Cristo, que tinha muito a ver com um constrangimento pelas conexões imperialistas da igreja no passado. Cerca de 15 anos atrás, no entanto, mais de três décadas após a independência, depois que o budismo se estabeleceu firmemente como religião nacional, a igreja começou a passar por um período extraordinário de crescimento. Quem se dedica ao evangelismo, bem como os que se converteram do budismo, têm de enfrentar grande perseguição. Mas a proclamação do Salvador único prossegue sem perder força. A mesma coisa vem acontecendo com a igreja na Índia. Talvez os três países asiáticos em que a igreja tenha crescido mais rápido em anos recentes sejam o Nepal, a China e a Coreia do Sul. Nesses lugares, a igreja não recebe nenhuma ajuda de governantes coloniais, mas a crença em um Salvador único tem motivado os cristãos a serem ativos no evangelismo ousado e precioso.

### ***LIBERDADE RELIGIOSA PARA NÃO CRISTÃOS***

A afirmação da singularidade de Cristo, no entanto, não significa que devemos negar às pessoas de outras crenças a liberdade de adorar e compartilhar sua fé. Os cristãos do Novo Testamento, Paulo e Lucas em especial, ao longo de todo o livro de Atos, esforçaram-se muito para mostrar que era direito dos cristãos praticar sua fé no contexto da multiplicidade de crenças do Império Romano. Lucas tentou deixar claro que o Império costumava lhes dar o direito de agir assim. Somos gratos por isso. Não seria certo que fizéssemos aos outros o que queremos que façam por nós?

O Sri Lanka é uma nação budista e, de acordo com sua constituição, o budismo é a religião nacional. Mas somos gratos porque temos liberdade de praticar e propagar nossa fé. Alguns budistas, hindus e muçulmanos fundamentalistas vêm tentando restringir essa liberdade em diversos países da Ásia. Em muitos países muçulmanos, eles têm sido bem-sucedidos em fazer isso. Às vezes, quando ouço alguns cristãos nos Estados Unidos falarem, devo confessar que me soam muito parecidos com esses budistas, hindus e muçulmanos fundamentalistas. Não precisamos ter tanto medo de outras crenças a ponto de restringirmos a liberdade dos devotos de praticarem sua fé. Foi em um contexto de multiplicidade de crenças que a igreja primitiva cresceu. O mesmo pode acontecer hoje.

Tome como exemplo as igrejas em países onde os cristãos são uma minoria bem pequena, mas proclamam o evangelho com ousadia e grande custo pessoal.

Nessas igrejas, a singularidade de Cristo não é um problema tão significativo como em vários países ocidentais. Algumas igrejas dos países ocidentais não evangelizam e a decomposição espiritual tem se instalado. Descobrimos que, nessas igrejas, algumas das verdades difíceis do evangelho, como a singularidade de Cristo, estão sendo abandonadas. No entanto, quando você crê na Bíblia e põe o cristianismo em prática, cria um ambiente que não é hostil à crença na singularidade. A maneira de proteger a doutrina da singularidade, portanto, não é restringindo a liberdade dos outros, mas vivendo o cristianismo e proclamando a mensagem de Cristo com ousadia e sacrificialmente.

## **O NOVO INTERESSE PELA ESPIRITUALIDADE NÃO CRISTÃ**

Embora a verdade objetiva possa estar fora de moda entre pós-modernos, a espiritualidade está na moda. Em todo o mundo, vemos um ressurgimento do interesse por ela. Mas a espiritualidade que atrai as pessoas costuma ser a da Nova Era.

### ***A DESCOBERTA DE RIQUEZAS EM OUTRAS CRENÇAS***

Durante muitos anos, os cristãos do Ocidente se referiram aos praticantes de outras religiões como pagãos. Embora essa palavra talvez não tivesse uma conotação depreciativa na origem, hoje ela desenvolveu esse sentido. Para muitos ocidentais, os não cristãos eram pessoas culturalmente brutalizadas. Desde o século passado, porém, está havendo uma nova descoberta da herança religiosa de outras nações, e as pessoas ficam surpresas com a riqueza encontrada. Agora enxergam que essa herança não é tão retrógrada quanto pensavam e que estavam erradas ao considerar essas culturas inferiores à sua.

### ***O INTERESSE PÓS-MODERNO NA ESPIRITUALIDADE***

Uma tendência paralela tem sido o interesse pela espiritualidade por parte de pós-modernos revoltados contra a tirania do racionalismo da era moderna. Alegam que, devido à preocupação com fatos objetivos, o indivíduo, com seus sentimentos e impulsos, está sendo negligenciado. Um dos aspectos negligenciados é o lado espiritual do ser humano.

Há vinte anos, falava-se muito em humanismo secular, que geralmente ignorava ou negava o aspecto espiritual do ser humano. Isso tem dado agora lugar a uma atitude para com a vida que confere posição mais elevada ao espiritual. A espiritualidade pela qual o pós-moderno se sente atraído, porém, costuma ser mais a da Nova Era do que a espiritualidade cristã. Assim, vemos pessoas se interessando por astrologia, magia e ocultismo, pelos “consultores” paranormais ou espirituais e pelas religiões orientais.

A meditação e a crença na reencarnação têm se tornado comum até no Ocidente. Muitas novas versões de antigos filmes e seriados de televisão, como *Star Trek*, *Robin Hood* e *Sinbad, o marujo* servem de evidência dessa espiritualidade. Acho bastante divertido ver o muçulmano Sinbad, que chama Deus de “Alá”, envolvido em atividades de magia, que são quase sempre objeto de desdém por parte dos muçulmanos.

### ***ESPIRITUALIDADE EVANGÉLICA DEFICIENTE***

Infelizmente, muitas expressões do cristianismo evangélico no Ocidente têm sido deficientes na área da espiritualidade. Em várias tradições evangélicas, a conversão foi definida como aceitação intelectual da mensagem da cruz. Depois da conversão, a ênfase passava para a obediência a Cristo, de modo que santificação se igualava a obediência. Havia pouca ênfase na obra do Espírito na santificação. O ensino sobre a certeza da salvação era quase inteiramente um apelo à racionalidade — a Bíblia diz que quem crê é salvo; portanto, se você creu, está salvo. Há pouca menção à experiência de Cristo através do Espírito Santo, à vida transformada ou ao testemunho do Espírito como meios de certificação. Qualquer demonstração de emotividade na religião, ou o que Jonathan Edwards chamou de afeições religiosas, era vista com desconfiança. Assim, para muitos pós-modernos, o cristianismo era uma expressão do racionalismo árido do modernismo contra o qual eles se revoltavam. Felizmente, essa situação está mudando nas alas carismáticas e em outras da igreja evangélica, em que há um ressurgimento do interesse pela espiritualidade. Todavia, quando alguns rejeitam o cristianismo e procuram espiritualidade em outro lugar, a espiritualidade não cristã lhes parece muito atraente. À medida que buscam certas formas de espiritualidade não cristã, questionam se tais formas não são superiores à espiritualidade cristã. Portanto, o interesse pós-moderno pela espiritualidade vem propondo um desafio à nossa crença na singularidade de Cristo.

### ***OS PERIGOS DE IDENTIFICAR O CRISTIANISMO COM UMA CULTURA***

Em resposta à situação descrita no tópico anterior, o primeiro ponto a ser esclarecido é que a descoberta de riquezas em outras crenças vem acompanhada da descoberta de riquezas em outras culturas. Algumas culturas podem ter preservado características boas da revelação original de Deus que acabaram sendo suprimidas no Ocidente em razão do pragmatismo ou de algum outro aspecto cultural. Lembro-me de um verão na metade da década de 1970, quando eu ainda era estudante nos Estados Unidos. Estava tendo dificuldade com os trajes que as mulheres usavam (ou, talvez devesse dizer, não usavam!). Em um aeroporto, encontrei uma discípula americana do Hare Krishna graciosamente vestindo um sári. Achei tão alentador! Em termos de boa aparência, ela era muito mais atraente do que muitas

mulheres cristãs que conheci na época. Além disso, havia outros aspectos encontrados, por exemplo, em culturas da Ásia, como os fortes laços familiares, a vida comunitária bem próxima e o compromisso com a vida contemplativa.

Pessoas criadas à imagem de Deus são dotadas de capacidade para a experiência espiritual. E vivendo em um mundo moldado por Deus, elas podem alcançar patamares significativos de compreensão e experiência moral e espiritual sem uma influência cristã. Claro, muitas dessas ênfases são encontradas na Bíblia, mas elas podem ter sido negligenciadas em algumas formas do cristianismo ocidental. Portanto, nossa afirmação da singularidade de Cristo não é uma reivindicação da singularidade da cultura ocidental. Houve um tempo em que as duas coisas se confundiam. Via-se a missão como a cristianização dos pagãos, mas, na verdade, cristianização significava ocidentalização. O novo apreço pelas riquezas de culturas não ocidentais nos força a parar de identificar o evangelho com a cultura ocidental. Também nos obriga a perguntar onde a igreja no Ocidente tem sido deficiente em seu entendimento de todo o conselho de Deus.

## **A ESPIRITUALIDADE “HOLÍSTICA” DA BÍBLIA**

A Bíblia tem uma compreensão plenamente desenvolvida e profundamente significativa da espiritualidade. Grande parte dela é apresentada no Antigo Testamento, que era a Bíblia da igreja primitiva e, portanto, não precisou de nova ênfase no Novo Testamento. Levando em conta o fato de que muitos cristãos não atribuem importância suficiente ao Antigo Testamento, talvez eles não compreendam bem essa ênfase. Em síntese, a espiritualidade bíblica se assenta no relacionamento pessoal com Deus, que é ao mesmo tempo amoroso e santo. Aprofundar esse relacionamento proporciona a experiência mais plena da vida. Davi disse: “Tu me farás conhecer o caminho da vida; na tua presença há plenitude de alegria; à tua direita há eterno prazer” (Sl 16.11). Acreditamos que nosso relacionamento com Deus nos realiza tanto porque ele é o criador da espiritualidade humana e porque Jesus é a resposta divina à necessidade humana. O próprio Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em plenitude” (Jo 10.10).

### ***DEUS É AMOR***

O cerne da espiritualidade cristã é o relacionamento de amor com um Deus pessoal. Isso difere muito da espiritualidade da Nova Era, que é a expressão proeminente da espiritualidade na era pós-moderna. O Deus da Bíblia é separado da humanidade, mas estendeu a mão para estabelecer um relacionamento interpessoal conosco — um relacionamento de amor. A espiritualidade da Nova Era tem uma percepção panteísta de Deus e entende tudo como sendo Deus: ele não é pessoal; você é

Deus, eu sou Deus; nosso dever é nos tornarmos um com o divino. A revista oficial dos Hare Krishna é intitulada *Back to Godhead* [De volta à divindade]. Theodore Roszak, estudioso da Nova Era, diz que nosso objetivo é “despertar o Deus que dorme na raiz do ser humano”.<sup>5</sup> Portanto, essas espiritualidades se relacionam com experiências do divino por meio das disciplinas espirituais. Para muitos, elas são satisfatórias porque dão algum senso de realização à natureza espiritual do ser humano. Contudo, deixam de corresponder ao ideal de satisfação completa. Os seres humanos são feitos para encontrar sua satisfação mais plena através de relacionamentos pessoais de amor. É por isso que as canções de amor são tão populares no mundo da música, que é a linguagem da alegria. O coração da espiritualidade cristã é simplesmente isso — um relacionamento de amor com Deus.

No entanto, assim como acontece no relacionamento conjugal, metáfora tão usada para descrever nossa relação com Deus, o relacionamento pessoal com Deus leva tempo para ser cultivado por meio da prática de disciplinas espirituais. Muitos cristãos não fazem isso e estão perdendo a oportunidade de ver a beleza da espiritualidade cristã. Os “devocionais de um minuto” disponíveis hoje em abundância não ajudam muito nesse aspecto, a não ser que se tornem meios para despertar apetite pela vida espiritual. Devemos logo progredir deste ponto básico, a fim de passar períodos prolongados com Deus por meio das disciplinas espirituais da oração, do louvor, da adoração, da leitura bíblica, da meditação e da adoração em comunidade. Os cristãos que não conhecem as alegrias de passar um tempo na presença de Deus se sentirão perdidos, sem saber como reagir quando as pessoas falarem da serenidade alcançada através das disciplinas da Nova Era, como a meditação transcendental.

Quando aqueles que praticaram disciplinas espirituais não cristãs se entregam a Cristo, apegam-se à espiritualidade cristã com prazer! Suas habilidades na arte das disciplinas espirituais ajudam-lhes a cultivar uma vida espiritual profundamente satisfatória. Certo jovem, ex-devoto do hinduísmo, foi enviado pela empresa de contabilidade em que trabalhava para fazer a auditoria anual da Youth for Christ [Mocidade para Cristo]. Alguém do nosso escritório lhe falou de Cristo e isso o levou a se tornar cristão. Tive o privilégio de me encontrar com ele semanalmente para auxiliá-lo em seu crescimento espiritual. Descobri que ele cultivara uma vida de oração profunda. Mais tarde, quando ele se juntou à nossa equipe, essa vida de oração se converteu na chave para seu sucesso fenomenal no desenvolvimento de liderança. Ele conduzia as pessoas à liderança por intermédio da oração. Se lhe perguntássemos se voltaria para o hinduísmo, ele respondia decidido: “Jamais!” As recompensas pela prática das disciplinas espirituais hindus não podiam ser

<sup>5</sup>Rozsak, p. 225, 1977; citado em Groothuis, p. 21, 1986.

comparadas com a glória de um relacionamento com um Deus amoroso. Mas a experiência anterior com as disciplinas funcionou como uma alavanca em sua peregrinação espiritual como cristão.

Sadhu Sundar Singh, um jovem indiano, era assíduo praticante das disciplinas hindu e sique. Mas estava engajado em uma busca pela paz que ainda não havia sido satisfeita. Sadhu “alcançou o domínio da técnica da ioga e alienava-se do mundo exterior por períodos curtos”. Ele disse que, durante esses períodos, sentia certa dose da paz e da alegria pelas quais sua alma ansiava. “Quando voltava à consciência, no entanto, ele mergulhava de novo na agitação do desassossego e da insatisfação” (Appasamy, 1966, p. 77). Quando Sundar Singh enfim encontrou Cristo, transformou-se em “perito” em vida espiritual. Descobriu também que Deus estabelecera um relacionamento com ele que não acabava no topo da montanha, pois descera o vale em sua companhia. Sundar Singh disse certa vez: “Sem Cristo eu era como um peixe fora d’água. Com Cristo, estou dentro de um oceano de amor!”

### ***DEUS É SANTO***

Porque Deus é santo, se temos um relacionamento com ele, devemos nos tornar santos como ele (ver 1Pe 1.16). Ou seja, a espiritualidade cristã requer pureza moral e ética. A beleza disso é que, assim como a justificação se dá pela graça através da fé, assim também é a santificação, pela qual somos feitos santos. Sozinhos não temos força para nos tornarmos santos, mas quando nos arrependemos do nosso pecado, confiamos em Jesus e lhe obedecemos, ele nos faz santos. Por essa razão, muitos na tradição protestante consideram as palavras *espiritual*, *sagrado* e *santo* quase sinônimos de pureza moral e ética. Quando usamos a palavra *santo*, em geral nos referimos a uma pessoa reta e amorosa, embora não seja esse seu sentido essencial. Essa talvez seja a grande força da espiritualidade evangélica. As espiritualidades católica e ortodoxa enfatizavam os aspectos místicos e sacramentais da espiritualidade. A espiritualidade carismática enfatizava o aspecto do poder da espiritualidade, enquanto a espiritualidade evangélica ressalta seus aspectos éticos e morais. Há verdade em todas as três ênfases.

Nas culturas panteístas, não existe o conceito desenvolvido de um Deus supremo que seja santo. Por conseguinte, na espiritualidade panteísta, é comum faltar um impulso direcionado pela moralidade. Esse é o motivo pelo qual, apesar da forte tradição de espiritualidade na Ásia, os países asiáticos estão atualmente infestados pela corrupção. Os deuses do hinduísmo são moralmente neutros e com frequência vistos fazendo coisas que consideramos bastante profanas. A ênfase dessas espiritualidades não está tanto na santidade como pureza moral, mas, sim, como poder espiritual — poder sobre a mente, sobre o corpo, sobre a ansiedade e as circunstâncias. Temos

visto que até nos círculos cristãos, quando existe ênfase no poder espiritual, às vezes há uma tendência de se negligenciar o ensino de questões morais.

Os ocidentais vão a lugares como a cordilheira do Himalaia em busca de experiências espirituais exóticas. Costumam vivê-las. Mas muitos são vistos comportando-se de maneira muito impura do ponto de vista moral, envolvendo-se com drogas e sexo promiscuo. Embora haja exceções, em geral as espiritualidades panteístas não têm sido bem-sucedidas em produzir sociedades igualitárias, moralmente íntegras e justas. Atualmente, a sociedade de muitos países ocidentais é moldada segundo um sistema de confiança baseado em absolutos transcendentais e de submissão a um Deus supremo. Valores como a liberdade de expressão e a democracia e organizações como um simples supermercado fundamentam-se nesses pressupostos. Estremeço só de pensar o que acontecerá à medida que esses pressupostos forem um a um rejeitados no Ocidente e substituídos por valores derivados de uma cosmovisão panteísta.

Na espiritualidade cristã, vivemos a experiência do relacionamento pessoal com um Deus santo pelo reconhecimento humilde da nossa condição de pecadores e da incapacidade de ajudarmos a nós mesmos. Primeiro, curvamo-nos diante do Deus supremo em arrependimento. Uma vez estabelecido o relacionamento com Deus, submetemo-nos a seu senhorio e nos sujeitamos a sua vontade em relação a nossa vida pessoal.

A abordagem panteísta é o oposto disso. Podemos ver em sua busca pela autorrealização como ela se ajusta ao ânimo pós-moderno. Você não precisa se curvar diante de algum Deus supremo que é uma realidade objetiva externa à sua pessoa. Você é Deus! Swami Mukthananda, mestre espiritual influente nos Estados Unidos, ensina: “Ajoelhe-se diante do próprio eu. Honre e adore seu ser. Deus habita dentro de você como Você!”<sup>6</sup> Isso soa muito melhor aos ouvidos pós-modernos do que as palavras: “Ajoelhe-se em humilde submissão e arrependa-se do seu pecado diante do Deus todo-poderoso”.

Assim, não deveríamos ficar surpresos com o atual crescimento da espiritualidade panteísta. Ele condiz com as aspirações da alma pós-moderna. As pessoas desejam algo espiritual para responder ao clamor do coração que o humanismo secular não pôde atender. O panteísmo fornece uma resposta sem atrapalhar a busca por uma vida sem submissão a realidades objetivas como um Deus supremo, um código moral estrito e uma Bíblia infalível.

Contudo, ninguém pode encontrar plena realização sem resolver a questão do pecado em sua vida. Conta-se que um pregador metodista americano de outra

<sup>6</sup>Citado em Groothuis, p. 21, 1986.

geração, Henry Clay Morrison, teria dito: “Deus não me consertou para que eu não pudesse pecar. Ele me consertou para que eu não pudesse pecar e gostar”. De acordo com o salmista, a lei do Senhor não é um fardo que nos escraviza, mas um deleite que vivifica.<sup>7</sup> A verdade objetiva da Palavra não é um obstáculo à liberdade. Jesus disse que a verdade nos libertará (veja Jo 8.32-36). O contexto dessa afirmação mostra que a liberdade de que Jesus falava tinha muito a ver com a vida liberta da escravidão do pecado.

E o que dizer da libertação de nossos atos passados? A lei do carma, com sua crença em encarnações repetidas, parece ter substituído, na mente de muitos pós-modernos, a ênfase cristã no pecado e no juízo, na graça e na justificação. Mas será que as pessoas podem anular completamente seu carma ruim por meio do esforço próprio acumulado ao longo de várias vidas? Muitas pessoas sinceras, comprometidas com esse sistema, admitiriam tratar-se de uma longa e melancólica escalada por um caminho que não traz em si grande esperança de libertação no final. Apesar de seus adeptos terem a satisfação de fazer algo que os salve, não experimentarão a liberdade de saber que seus erros ficaram para trás por toda a eternidade e foram esquecidos. O evangelho cristão, por outro lado, fala de ter “o coração purificado da má consciência” através do sacrifício perfeito e suficiente de Cristo Jesus (Hb 10.22). Sem a libertação da má consciência, não pode existir uma experiência de espiritualidade permanentemente satisfatória.

### ***UMA OPORTUNIDADE PARA A IGREJA***

Assim, ao mesmo tempo que esse renovado interesse pela espiritualidade representa um desafio para a igreja, é também uma grande oportunidade. A espiritualidade cristã é um dos aspectos fundamentais da singularidade de Cristo. Portanto, pode ocupar posição proeminente em nosso evangelismo. Cedo ou tarde, as pessoas perceberão que a serenidade proporcionada pelas espiritualidades da Nova Era não as satisfaz plenamente. Embora a espiritualidade da Nova Era tenha sido descrita como holística, só o Criador da vida humana é capaz de dar aos humanos uma espiritualidade verdadeiramente holística. Foi ele quem criou cada aspecto da constituição humana; portanto, somente ele consegue satisfazer todos os anseios da alma humana. Por esse motivo, Jesus, a resposta de Deus para o dilema humano, disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em plenitude” (Jo 10.10). Cristo é singular porque só ele oferece a única vida que pode ser chamada de vida em plenitude.

Essa discussão mostra que o atual interesse pela espiritualidade pode ser um avanço na evangelização de pós-modernos. A adoração, expressão suprema da

<sup>7</sup>Veja esp. salmos 19 e 119.

espiritualidade cristã, pode, assim, ser um meio importante para o evangelismo na era pós-moderna. Temos descoberto isso no evangelismo entre jovens. A adoração cristã vibrante mostra às pessoas que seu anseio é satisfeito no evangelho cristão.

O atual interesse pela espiritualidade é um desafio à igreja no sentido de organizar sua atuação. Temos a resposta que o mundo procura. Mas será que nós mesmos a estamos praticando? Conhecemos a glória da intimidade com o Deus amoroso e santo, supremo acima da criação? Esse relacionamento tem nos transformado em pessoas moralmente puras? Se pudermos responder a essas questões de forma positiva, seremos de fato luz para a escuridão do mundo nesta era pós-moderna.

## Referências

- APPASAMY, A. J. 1966. *Sundar Singh: a biography* (Madras: Christian Literature Society).
- ARIARAJAH, Wesley. 1977. "Toward a theology of dialogue". *Ecumenical Review* 29 (1): 3-11.
- CARSON, D. A. 1996. *The gagging of God: Christianity confronts pluralism* (Grand Rapids: Zondervan).
- \_\_\_\_\_. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (São Paulo: Vida Nova, 2013). Tradução de: *The gagging of God*.
- FERNANDO, Ajith. 1995. *The supremacy of Christ* (Wheaton, Crossway).
- \_\_\_\_\_. *A supremacia de Cristo* (São Paulo: Shedd Publicações, 2002). Tradução de: *The supremacy of Christ*.
- GRIFFITHS, Paul J. 1991. *An apology for apologetics: a study of the logic of interreligious dialogue* (Maryknoll: Orbis).
- GROOTHUIS, Douglas. 1986. *Unmasking the New Age* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- HICK, John. 1980. *God has many names* (Philadelphia: Westminster).
- KRAEMER, Hendrik. 1938; reimpr. 1969. *The Christian message in a non-Christian world* (Grand Rapids: Kregel).
- PHILLIPS, Gary. 1997. "Religious pluralism in a postmodern world". In: DOCKERY, David S., org. *The challenge of postmodernism: an evangelical engagement* (Grand Rapids: Baker), p. 254-6.
- ROSZAK, Theodore. 1977. *Unfinished animal* (New York: Harper and Row).
- SEAMANDS, J. T. 1964. *The supreme task of the church* (Grand Rapids: Eerdmans).
- STOTT, John. 1990. *Decisive issues facing Christians today* (Old Tappan: Revell).

## CAPÍTULO 9

---

# FALANDO SOBRE PECADO EM UM MUNDO PÓS-MODERNO

*Mark E. Dever*

O momento presente oferece uma oportunidade maravilhosa de compartilhar as boas-novas de Jesus Cristo. Não precisamos temer o pós-modernismo, achando que é algo complexo demais para entendermos e, com isso, concluindo que só os estudiosos conseguem ser evangelistas no mundo de hoje.

A igreja que sirvo em Washington, D. C., parece antiquada. A congregação se formou há mais de 120 anos. O prédio é velho e alguns dos membros, mais ainda! Às vezes, amigos meus me perguntam:

— O que você está fazendo aqui? Parece servir uma igreja do passado.

Minha resposta é:

— Não. Esta é a igreja do futuro.

Não temos ao nosso redor o tipo de comunidade homogeneizada que costuma ser característica nos bairros. Em nossa comunidade há alto índice de pessoas em trânsito, de criminalidade e também de escolaridade, e lidamos com grande diversidade de estilos de vida. É provável que esses atributos da nossa comunidade também sejam característicos da maioria das comunidades no futuro, e até da nossa cultura como um todo. Se conseguirmos ver um testemunho evangélico se desenvolver nesse lugar, então, pela graça de Deus, estaremos vendo uma igreja não do passado, mas do futuro.

### O PROBLEMA PÓS-MODERNO

Não há dúvida de que o velho ceticismo moderno está em declínio. As crenças parecem estar pairando no ar outra vez. Mas o simples abandono do ceticismo

não é a mesma coisa que abraçar a fé. Precisamos ter consciência disso ao observarmos os fatos encorajadores que nós, evangélicos, conseguimos distinguir no pós-modernismo.

Uma boa ilustração bíblica de como isso acontece pode ser encontrada em Marcos 6, texto em que Jesus realiza um milagre na natureza. Ele caminhou sobre as águas até o barco e o mar se acalmou. Os discípulos ficaram apavorados. Fica evidente que eles não tinham nem uma gota do ceticismo modernista com relação à autoridade de Jesus sobre a natureza, mas tampouco eram adeptos da fé cristã. Com certeza, haviam se desfeito de qualquer antissobrenaturalismo que talvez, de seu próprio interior, os espantasse. Contudo, isso não significa que tenham abraçado uma compreensão plena de Jesus de Nazaré. Portanto, mesmo que nos sintamos encorajados pela ruína dos muros do ceticismo em nossa cultura, não deveríamos confundir isso com a adesão à fé cristã. O novo mundo “amistoso para com a fé” parece cada vez mais apresentar-se sem menção ao pecado. Essa deficiência é o assunto deste capítulo.

Há pouco tempo, uma pessoa que frequentava nossa igreja de vez em quando me disse que um dos motivos pelos quais hesitava em se envolver em uma igreja cristã era o fato de seu terapeuta lhe ter dito que a vergonha e a culpa que ele carregava já eram suficientes. Assim, ele não gostaria de percorrer essa estrada outra vez.

Poucos dias antes, em uma viagem de avião, conheci um homem chamado John. Sua inteligência ficava evidente pelo hábito de se divertir fazendo cálculos estatísticos atuariais! Logo começamos a conversar e ficou claro para mim que John se considerava cristão e, ao mesmo tempo, alguém sem pecado. Quando lhe pedi que me explicasse isso melhor, ele respondeu:

— Gosto de pensar no assunto do seguinte modo: minha vida é recriada todos os dias; ela passa por um recomeço. Portanto, quem eu sou como pessoa é definido outra vez a cada dia, com um frescor e uma novidade muito parecidos com o modo pelo qual Deus nos ama continuamente, como entendo que a Bíblia diz.

Durante a hora que durou nossa conversa, eu quis saber: “Bem, e quanto à cruz? E as palavras de Jesus sobre a expiação, a ira de Deus e seu ensinamento de que ele era um resgate?”. Sua resposta foi:

— Ah, bem, não gosto muito dessa parte.

A conversa prosseguiu até o fim do voo. Quando nos levantamos e saímos do avião, eu disse:

— John, me desculpe. Uma última pergunta. Só por curiosidade. Você já ouviu falar em pós-modernismo?

— Não, nunca —, ele respondeu, e comentou que nem sequer ouvira essa palavra.

Fonz, ao que parece, foi o João Batista do pós-modernismo em nossa cultura popular.<sup>1</sup> Você se lembra da única palavra que ele era incapaz de pronunciar? Ele não conseguia dizer *wrong*.<sup>2</sup> Assim, aparentemente foi o precursor do que é comum em nossa cultura hoje.

Essa fuga da responsabilidade não é novidade, mas é perigosa. E dos relatos de infanticídios brutais aos temores do totalitarismo, quanto mais disseminada e mais aceita se torna, mais perigosa é. Hannah Arendt disse que “o governo de ninguém” é a mais tirânica de todas as formas de poder porque, nessas circunstâncias, ninguém pode ser responsabilizado (Beck, 1997, p. 6).

O que está por trás disso tudo? Um rápido esboço deve bastar. O relativismo não é uma ideia nova. O Iluminismo trouxe à tona a importância do observador e do processo de interpretar a realidade que sentimos. O preconceito há muito já era conhecido e admitido. John Locke, no começo de sua obra *A letter concerning toleration*, escrita há mais de 300 anos, disse que “todas as pessoas são ortodoxas aos próprios olhos”.<sup>3</sup>

Em *Paradise lost*, de John Milton, há uma imagem impressionante de Satanás sendo expulso dos céus para as regiões inferiores do inferno. E você se lembra do que Satanás diz, quando aterrissa e começa a olhar a sua volta?

“É esta a região, este o solo, o clima”,  
disse então o arcanjo perdido, “este o lugar  
que devemos trocar pelo céu, esta triste escuridão  
pela luz celestial? Que seja. Como aquele  
que agora é soberano pode dispor e oferecer  
o que deve ser certo: quanto mais longe dele, melhor  
a quem a razão igualou, a força fez supremo  
acima de seus iguais. Adeus, campos venturosos,  
onde a alegria habita para sempre! Salve, horrores, salve,  
mundo infernal, e tu, inferno mais profundo  
recebe teu novo proprietário: alguém que traz  
uma mente que não será transformada por espaço nem tempo.

<sup>1</sup>Fonz ou Fonzie, personagem interpretado pelo ator Henry Winkler na série de TV *Happy days* [Dias felizes], exibida de 1974 a 1984 com enorme sucesso nos Estados Unidos. (N. do T.)

<sup>2</sup>“Errado” em inglês. (N. do E.)

<sup>3</sup>John Locke, *A letter concerning toleration*, edição de James H. Tully (Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1983) [edição em português: *Cartas sobre tolerância* (São Paulo: Ícone, 2004)].

A mente é seu espaço próprio, e em si mesma,  
pode fazer do inferno um céu, do céu um inferno”.<sup>4</sup>

Os dois últimos versos só podem ser uma das melhores expressões de parte do pós-modernismo. A mente é um espaço em si mesma. E, em si mesma, pode fazer do inferno um céu e do céu um inferno. Mas hoje existe um relativismo refinado. Há um recrudescimento da frieza à ideia da verdade. E isso está acontecendo não só nos círculos acadêmicos de elite onde Richard Rorty e Stanley Fish são citados, mas também na cultura popular. Tanto que, não faz muito tempo, o ator inglês Hugh Grant disse: “Não acredito na verdade, acredito no estilo”.<sup>5</sup> Ele pode ter falado isso com confiança, mas não creio que a polícia de Los Angeles fosse tão cética diante da realidade objetiva incontestável.

Afirmações de autoexpressão assim irrefletidas acerca e contra padrões exteriores a nós mesmos não são tão benignas e cativantes quanto parecem de início. A princípio, podem dar a impressão de serem maravilhosas, não imbuídas de julgamento, conduzindo-nos a uma era de tolerância e pluralismo e, portanto, de certeza de paz. Afinal, a beleza não está nos olhos de quem vê? Mas esse pessimismo resignado carrega em si um novo aguilhão, quando pensamos nos sistemas econômicos de alguns marxistas, nos estados totalitários, nos marqueteiros capazes de usar sexo de forma negligente para vender produtos e nos nazistas olhando para os fornos de Auschwitz ou Bergen-Belsen, projetados com esmero e construídos com eficiência. Com tanta coisa em jogo, devemos tomar cuidado com esse novo clima cultural que se destaca e procurar entendê-lo da melhor maneira possível.

Hoje há uma negação disseminada de uma metanarrativa, isto é, de uma narrativa que esteja acima de todas as outras, claro, e pela qual interpretamos todas as outras. Ela é o enredo. E é isso que os intelectuais têm se preocupado em negar há uma centena de anos (Carey, 1992).

Um reconhecimento sincero e raro dessa negação foi feito por Aldous Huxley já na meia-idade, quando passava pelo processo de transição do agnosticismo para formas variadas de misticismo oriental. Huxley menciona que, como tantos contemporâneos, ele dava como certa a inexistência de um significado. “Isso se deve em parte ao fato”, escreve Huxley, “de que eu partilhava a crença comum

<sup>4</sup>Douglas Bush, org., *Milton: poetical works* (Oxford: University Press, 1966) (1.242-255), p. 218 [edição em português: *O paraíso perdido* (Belo Horizonte: Villa Rica, 1994)].

<sup>5</sup>Publicado em *Newsweek* (10 de julho de 1955), p. 8. [O ator aqui estava aludindo a um escândalo em que estava envolvido e que foi objeto de investigação da polícia de Los Angeles. (N. do E.)]

de que a imagem científica de uma abstração da realidade era um retrato verdadeiro da realidade como um todo; e em parte também se deve a outra razão de ordem não intelectual, pois eu tinha motivos para não querer que o mundo tivesse um significado; por conseguinte, partia do pressuposto de que não havia nenhum significado e conseguia, sem a menor dificuldade, encontrar razões satisfatórias para essa suposição”. Então, depois de usar o Marquês de Sade como exemplo particularmente ilustrativo de vida que segue o pensamento, Huxley continua: “O filósofo que não encontra significado no mundo não está preocupado só com um problema de metafísica pura. Está preocupado também em provar que não há razão válida pela qual ele, pessoalmente, não deva agir como bem entende. Ou por que seus amigos não devam se apossar do poder político e governar da maneira que acharem mais vantajosa para si próprios”. Em seguida, Huxley muda para um tom ainda mais pessoal:

Para mim, bem como para a maioria dos meus contemporâneos, sem dúvida, a filosofia da ausência de significado foi basicamente um instrumento de libertação. A libertação que desejávamos era ao mesmo tempo a de um determinado sistema político e econômico, e de um determinado sistema de moralidade. Nós fazíamos oposição à moralidade porque interferia em nossa liberdade sexual. Fazíamos objeção aos sistemas político e econômico porque eram injustos. Os partidários desses sistemas alegavam que, de alguma maneira, eles encarnavam o significado do mundo. Havia um método admiravelmente simples de refutar essas pessoas e, ao mesmo tempo, justificar a nós mesmos e nossa revolta política e erótica: podíamos negar que o mundo tivesse absolutamente qualquer significado (Huxley, 1937, p. 269-73).

A negação de que existe um significado, uma metanarrativa, não é novidade. Novidade é a extensão com que essa negativa tem impregnado nossa sociedade e cultura. Não só Aldous Huxley ou pessoas que ensinam Nietzsche na faculdade local pensam desse modo agora. Também pensam assim as pessoas que assistem à televisão, bem como as que escrevem os programas nelas transmitidos. Contudo, sem padrões de bem e de verdade, como se pode dizer que o pecado existe? E sem o pecado, que necessidade há de um Salvador?

A situação que enfrentamos pode ser resumida pela simples observação de que as pessoas hoje estão se escondendo. Elas estão fazendo exatamente o que Adão fez quando pela primeira vez ocorreu para se esconder de Deus.

O modernismo é uma insurreição contra a religião revelada. Contra a verdade. O pós-modernismo é uma revolta que vai ainda mais longe: primeiro uma revolta contra o modernismo; segundo, contra o cristianismo e a verdade também.

No modernismo, ou na revolta modernista, havia a ideia de que existia uma metanarrativa, um enredo abrangente e um significado para a vida, mas sem um metanarrador. Não havia necessidade de alguém que falasse. A realidade era vista totalmente como algo material. Nada sobrenatural era necessário. Qualquer sentido moral nessa narrativa era somente aquele que pudesse ser estabelecido pela razão objetiva; nenhum Deus era necessário. Tratava-se na essência de um sistema ateu. Podia-se ter um Deus, mas ele só seria um “Deus das lacunas”, invocado apenas para preencher o que a ciência ainda não nos explicara.

Ao se revoltar contra isso, o pós-modernismo foi além, dizendo que, na verdade, não só não existe um metanarrador como tampouco existe uma metanarrativa. A única coisa que existe é a narrativa do indivíduo. Além disso, à medida que o significado abrangente sai de cena e a metanarrativa desaparece, o eu se torna fragmentado e tende a tomar a própria definição da comunidade à sua volta. O eu no pós-modernismo é completamente incapaz de ser julgado por qualquer outro, exceto em termos de poder. O eu se torna a última palavra; o eu é divinizado.

O cristianismo responde tanto ao modernismo quanto ao pós-modernismo. Sem entrar em digressões sobre sua resposta ao modernismo, podemos dizer com clareza que sua resposta ao pós-modernismo deve incluir uma reafirmação da realidade do pecado. Evidentemente, o início de qualquer solução é a clareza acerca do problema. Se este é o problema apresentado pelo pós-modernismo, o que devemos fazer?

## SOLUÇÕES

Do meu ponto de vista das trincheiras do ministério, quero oferecer sugestões para a solução do difícil problema do desaparecimento da ideia do pecado nas mentes pós-modernas. As soluções apresentadas se agrupam em torno de quatro ideias básicas: (1) comunicação, (2) comunidade, (3) consciência e (4) conversão.

### COMUNICAÇÃO

Primeiro, comunique a verdade de Deus. Ensine a verdade. Para isso, você precisa conhecer a verdade e compreender um pouco o vocabulário das pessoas a quem se dirige. Não deve presumir de forma descuidada que todo o mundo quer dizer a mesma coisa quando usa a palavra *Deus* e muito menos a palavra *pecado*. Nesse sentido, este período que vivemos pode ser uma oportunidade especial para nós, cristãos, aprendermos a ser mais cuidadosos com o evangelho, a extirpar certas ervas daninhas, ou seja, pressupostos culturais que em nossa mente associamos ao evangelho, e aprendermos a ouvir com mais atenção quem fala conosco.

Para ser mais específico, o pós-moderno obviamente precisa entender as categorias do mal e do errado. A simples existência de uma dificuldade generalizada em compreender o que é o pecado dificilmente pode ser considerada algo sem precedentes na história. No Antigo Testamento, quando Deus chamou a nação de Israel, um dos motivos pelos quais deu todas aquelas regras que vemos em Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio sobre quase tudo o que se pode imaginar foi começar a ensinar o povo que, afinal, para um Deus santo não há nada neutro em um mundo caído. Ele começou a ensinar a esse povo as categorias do certo e do errado. Precisamos nos envolver em exercício semelhante.

Como cristãos, nada temos a ver com o mero estabelecimento de padrões impessoais. Nossos amigos pós-modernos podem entender a princípio que somos como os modernistas, porque também falamos em um padrão objetivo, externo. A diferença, todavia, é que com o cristianismo a verdade, em última análise, é pessoal. Não estamos apenas dizendo que existe uma lei eterna pela qual todos seremos julgados. Antes, falamos do pecado, como faz Tiago no capítulo 2 de sua carta, em que argumenta que, quem infringiu um mandamento, infringiu todos, mais especificamente porque ofendeu Aquele que fez a lei.

Em essência, os cristãos entendem o pecado como uma ruptura com o caráter de Deus e com sua vontade de que espelhem esse caráter. É neste ponto que os teólogos entre nós devem evitar o erro cometido por Karl Barth (e repetido por alguns crentes evangélicos constrangidos) ao colocar em oposição o proposicional e o pessoal. Tal oposição é inútil e infrutífera. As proposições não exaurem a revelação de Deus, no entanto, são essenciais para ela, conforme ele se revela a nós. Não se aumenta a natureza relacional ou pessoal da revelação cristã tentando extrair dela as proposições. Na verdade, chega-se a um resultado exatamente oposto.

Se você tem qualquer dúvida de que a comunicação cognitiva, proposicional, integra o próprio cerne de um relacionamento, permita-me fazer a seguinte pergunta àqueles que têm cachorros em casa: “Você diria que mantém um bom relacionamento com seu cachorro?”. É provável que a maior parte de vocês, leitores deste capítulo que são donos de cachorros, responda “sim, mantenho um bom relacionamento com meu cão”. Contudo, mesmo assim, posso antecipar que a qualidade, a própria natureza desse relacionamento, mudaria se você voltasse para casa esta noite e fosse verbalmente cumprimentado por ele. Se seu cachorro introduzisse o discurso no relacionamento de vocês, isso mudaria a natureza da relação. Esse cachorro conseguiria tanto conhecê-lo melhor quanto ser mais bem conhecido por você.

Nosso Deus não é um Deus mudo. Ele não apenas age na história, mas também fala. Portanto, precisamos dar atenção à verdade cognitiva. Deus se releva como

um Deus pessoal, e parte dessa personalidade encontra-se na sua comunicação da verdade a nós.

Assim, deveríamos transmitir a verdade de todas as maneiras: contando histórias ilustrativas, ajudando pessoas a enxergar a verdade acerca da própria cosmovisão, auxiliando amigos não cristãos a refletir sobre as impropriedades de sua compreensão do mundo.

Há alguns anos, eu me reunia semanalmente com um grupo de ateus da minha faculdade em Cambridge. Nenhum outro cristão tinha permissão para entrar. Um sujeito irritante (a quem chamarei de Richard) atacava reiteradamente qualquer tipo de crença em Deus, e até a mim como principal proponente de tal crença (a seu alcance). Ele era intransigente ao extremo. Os demais participantes do grupo pelo menos ficavam um pouco comovidos. A maioria demonstrava consideração e um amável respeito. Mas Richard era simples e continuamente insultuoso. Certa vez, ele falou sem parar sobre quanto essa ideia de verdade exclusiva era intolerante. Exasperado com suas repetidas estocadas e insinuações verbais, eu disse: "Richard, permita-me interrompê-lo para deixar uma coisa o mais claro possível. Se alguém nesta sala fosse algum dia matar outra pessoa por suas concepções, não seria eu a matá-lo, mas você a me matar. Não importa quanto discorde de mim, creio que você foi criado à imagem de Deus. Creio que sua vida tenha um valor maior do que eu possa calcular. E que não tenho direito nenhum, perante meu Criador (que acredito vai me julgar independentemente do que você faça), direito nenhum de coagi-lo fisicamente ou de qualquer outro modo. Contudo, para você, Richard, não passo de uma coleção de elétrons e átomos. Sou um acidente da natureza. Se a opinião pública o permitisse, você seria capaz de dar cabo de mim, caso me tornasse incômodo demais. E, segundo sua própria cosmovisão, você não tem nenhum motivo para não fazê-lo, em última análise. Se existe uma ameaça de intolerância e perigo, Richard, não vem de mim e do que estou dizendo; vem de você e do que está dizendo". Um tanto constrangido, ele concordou. Podemos pelo menos dar graças a Deus pela sinceridade que o pós-modernismo incentiva.

Com certeza, como cristãos, quando afirmamos transmitir a verdade, não estamos dizendo que somos donos de todo o conhecimento; todavia, o simples fato de que não sabemos tudo não significa que não saibamos nada. Precisamos ensinar a verdade que conhecemos sobre Deus, em particular sobre sua santidade e sua transcendência.

Uns dois anos atrás, em um jantar, conheci uma pessoa cuja criação fora totalmente secular. Com um emprego típico de Washington, nunca fora exposta de verdade ao cristianismo evangélico. Ela estava fascinada pelo evangelho cristão. Depois que começamos a estudar o Evangelho de Marcos, ela foi confrontada,

pela providência de Deus, com uma situação realmente abominável. Ela entrou em conflito ao perceber que estava revoltada com o que determinada pessoa fizera, e teve dificuldade de escrever sobre isso com a objetividade que sua criação secular recomendava. Queria se sentir indignada, mas não encontrava palavras de indignação em si mesma.

Até que um dia comentou comigo: “Sabe o que percebi na noite passada? Conversando com você nesses estudos bíblicos, percebi que o que esse homem fez é errado”. Ao dizer a palavra *errado*, ela sentiu um alívio incrível. Parecia que o mundo tinha passado por uma súbita correção, quando começou a reconhecer a categoria do errado.

Permita-me fornecer alguns recursos bibliográficos para que reflita sobre a questão de comunicar a verdade. Leia Romanos 1.18 e medite no que Paulo quis dizer: “Pois a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, que impedem a verdade pela sua injustiça”. Observe como Paulo está seguro da verdade da ressurreição em 1Coríntios 15, em especial de sua natureza factual no versículo 19. Em Romanos 10.17, Paulo escreve sobre a fé que vem pelo ouvir, atividade que não só é meramente cognitiva, mas é nada menos que cognitiva.

Existem muitas obras sobre essa questão: *Ends and means* [Os fins ou os meios], de Aldous Huxley, que citei anteriormente; *There's no such thing as free speech and it's a good thing too* [Não existe liberdade de expressão e isso também é uma coisa boa], de Stanley Fish; *The open society and its enemies*, de Karl Popper,<sup>6</sup> em especial o último capítulo, quando ele explica por que não deve haver significado na história. Embora Popper tenha escrito durante o fim da Segunda Guerra Mundial e no período que a sucedeu, seu argumento guarda paralelos com os argumentos dos pós-modernos.

Para ajudar a elaborar algumas respostas, leia o livro de John Carey, professor de inglês em Oxford, *The intellectuals and the masses*<sup>7</sup>. Nesse livro, Carey critica o pós-modernismo. Embora não escreva de uma perspectiva cristã, sua crítica é devastadora. Veja também *Validity in interpretation* [Validade na interpretação], de E. D. Hirsch. Não deixe de ler o pequeno livro de Frederick Crews, *The Pooh perplex* [O enigma Pooh]. Nele, Crews examina as fontes literárias das histórias do ursinho Pooh. A coisa toda é uma paródia sarcástica da crítica literária, em que Crews mostra como um completo disparate pode resultar de ideias simples em mentes simples.

<sup>6</sup>Edição em português: *A sociedade aberta e seus inimigos* (Belo Horizonte: Itatiaia Editora, 1998).

<sup>7</sup>Edição em português: *Os intelectuais e as massas: orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária* (São Paulo: Ars Poetica, 1993).

A obra *Postmodernism, reason and religion* [Pós-modernismo, razão e religião], de Ernest Gellner, é uma boa crítica modernista ao pós-modernismo. O livro de D. A. Carson *The gagging of God*<sup>8</sup> oferece uma boa avaliação e crítica do pós-modernismo de uma perspectiva evangélica. Você talvez queira dar a um amigo pós-moderno uma cópia de *Escape from reason*,<sup>9</sup> de Francis Schaeffer, ou mesmo *Fundamentalism and the Word of God* [Fundamentalismo e a Palavra de Deus], de J. I. Packer. Outra abordagem para começar a transmitir a ideia do pecado a um amigo pós-moderno é vocês assistirem juntos a um filme. Por exemplo, vejam *A felicidade não se compra* ou *O show de Truman* e então conversem sobre o sentido da vida e sobre metanarrativa.

Uma coisa importante a observar é que a perda da metanarrativa acima significa a perda da *persona* contínua abaixo. A perda pós-moderna do significado resulta em uma perda do eu responsável. Assim entendemos Calvino, já na primeira oração de suas *Institutas*: “Quase toda a sabedoria que possuímos, ou seja, sabedoria verdadeira e sólida, consiste em duas partes: o conhecimento de Deus e de nós mesmos. Mas, conquanto unidos por vários laços, qual precede e traz a outra à frente não é fácil discernir” (1.1.1).

Temos de reconhecer o relacionamento entre a percepção de Deus e a do eu. Devemos conhecer Deus para nos conhecermos de verdade. Portanto, você não se surpreenderá com minha segunda recomendação prática: dê ênfase à comunidade.

## COMUNIDADE

Há pouco tempo iniciei uma palestra com um grupo universitário com a frase: “Se você não é membro da igreja que frequenta, é bem possível que esteja indo para o inferno”. Atrai a atenção de todos de imediato e pude me explicar.

Quando fiz pregações baseadas em diversas passagens da Bíblia, em especial no Evangelho, nas cartas de João e na carta de Tiago, reiteradamente me impressionei com a maneira pela qual a igreja funciona nos pensamentos de Jesus e no Novo Testamento, e quanto isso difere do modo pelo qual nós, evangélicos americanos modernos, tendemos a conceber a congregação. Por favor, pense em seu envolvimento com uma comunidade de crentes como as luzes indicadoras do painel do seu carro — não o fazem andar nem parar, mas pelo menos podem lhe dar uma imagem séria do que está acontecendo.

<sup>8</sup>Edição em português: *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (São Paulo: Shedd Publicações, 2013).

<sup>9</sup>Edição em português: *A morte da razão: a desintegração da vida e da cultura moderna* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

A vida cristã deve ser vivida, em parte, pelo envolvimento pessoal em uma série de relacionamentos comprometidos, não só com amigos (com quem você pode ter todo tipo de outras coisas em comum), mas com uma igreja local, aberta a todos, unida em torno da fé no Senhor Jesus Cristo. Se você tenta levar sua vida cristã sem esses relacionamentos em uma comunidade assim, então deve tomar cuidado, pois várias passagens do Novo Testamento o advertem de que você pode estar enganando a si mesmo.

Uma mulher que conheceu o Senhor em nossa igreja há pouco tempo fora unitarista durante muitos anos. Ela não havia tido uma experiência prévia com uma igreja evangélica. Por algum motivo, começou a frequentar nossa igreja e, em um ano, tornou-se cristã. Seu filho adulto observou a vida da mãe e ficou perplexo com a diferença que Cristo fez. Assim, começou a vir à igreja com ela. Ele notou como as pessoas se tratavam em nosso meio e, depois de estudar as Escrituras, também se tornou cristão. Meses mais tarde, o outro filho dela também se entregou a Cristo, em grande parte por causa do testemunho dos cristãos comprometidos com o amor de Deus e uns com os outros. Na igreja local e no vínculo de relacionamentos de compromisso nela existente, os limites da nossa identidade são estabelecidos por nossas interações com os outros. Mesmo que o pós-modernismo negue a existência do eu, esse eu não pode fugir à interação com os outros. E se essa pessoa — mesmo que ainda em rebeldia espiritual — é tratada de forma consistente como alguém criado à imagem de Deus, isso transmite verdade de maneira poderosa.

Muitas passagens bíblicas descrevem tentativas de rejeição da responsabilidade. Evidentemente, penso em Gênesis 3, na história do primeiro casal no Éden. E 2Samuel 12 traz o relato incrível de Natã em confronto com Davi, que consegue enxergar o próprio erro, embora até então justificasse plenamente seus atos em sua mente. De novo, em Tiago 1, os cristãos são advertidos a não olharem para a Palavra de Deus e depois se desviarem dela, enganando a si próprios. Veja também 1João 4.19,20 e 1Coríntios 5.

Há um bom número de obras interessantes e úteis relacionadas a esses tópicos. Veja *Psychology as religion* [A Psicologia como religião], de Paul Vitz; dois livros de Christopher Lasch, *The culture of narcissism*<sup>10</sup> e *The minimal self*;<sup>11</sup> *No place for truth* [Não há lugar para a verdade], de David Wells; ou *A far glory* [Uma glória distante], de Peter Berger. Um retrato vívido do indivíduo é apresentado

<sup>10</sup>Edição em português: *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* (Rio de Janeiro: Imago, 1983).

<sup>11</sup>Edição em português: *O mínimo eu* (São Paulo: Brasiliense, 1986).

nas *Confissões* de Agostinho. No livro *The reformed pastor* [O pastor reformado], Richard Baxter incentiva o cultivo cuidadoso de relacionamentos na igreja. Leia a extraordinária série de sermões extraídos de 1Coríntios 13 que Jonathan Edwards pregava quando o grande avivamento irrompeu — *Charity and its fruits* [A caridade e seus frutos]. São sermões maravilhosos sobre como tratar o próximo de modo a refletir a imagem de Deus. Leia *The screwtape letters*, de C. S. Lewis;<sup>12</sup> *Habits of the heart* [Hábitos do coração], de Robert Bellah; *Body life*, de Ray Stedman;<sup>13</sup> ou os livros de Gene Getz sobre a igreja. *The body* [O corpo], de Chuck Colson, é uma boa apresentação popular da vida que deve dar visibilidade ao evangelho. No último capítulo do seu livro *Losing our virtue* [Perdendo nossa virtude], David Wells dedica dez páginas ao chamado a uma vida congregacional renovada pelos motivos delineados acima.

Uma precaução aqui: alguns evangélicos estão aceitando a crítica que o pós-modernismo faz ao cristianismo evangélico e, em resposta, estão adotando uma linguagem comunitária. Por exemplo, embora haja muita coisa em seus escritos que eu, um cristão batista e congregacional, admire, alguns dos textos de Stanley Grenz exibem uma perturbadora falta de referência à dimensão vertical do pecado — isto é, à verdade de que o pecado é fundamentalmente contra Deus (e.g. Salmo 51). Diversas são as vezes em que ele descreve o pecado somente em sua dimensão horizontal (Grenz, 1993). O livro de título provocativo de Miroslav Volf, *After our likeness: the church as the image of the Trinity* (1988) [À nossa Imagem: a igreja como a imagem da Trindade], parece incorrer no mesmo erro. Ao restabelecer a importância da comunidade, jamais pense que ela substitui a relação vertical — com Deus. O papel da comunidade é complementar e deve refletir esse relacionamento.

Há muito material de leitura que você poderia dar a amigos pós-modernos, a fim de mostrar que as pessoas são dignas de respeito, amor e preocupação. Ofereça-lhes uma cópia do clássico *A Christmas carol*, de Charles Dickens,<sup>14</sup> ou acompanhe-os assistindo a uma representação dramática dessa história na época do Natal. Em seguida, discuta com eles os valores representados na peça e por que eles são ou não verdadeiros. Ou leia e discuta com eles o conto *The land of the blind* [Terra dos Cegos] de H. G. Wells. Claro, para transmitir algo do pecado por meio da comunidade, seu gesto tem menos a ver com dar um livro para ler do que com construir um relacionamento com as pessoas, e convidá-las para ir à igreja.

<sup>12</sup>Edição em português: *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (São Paulo: Martins Fontes, 2005).

<sup>13</sup>Edição em português: *Igreja: corpo vivo de Cristo* (São Paulo: Mundo Cristão, 1994).

<sup>14</sup>Edição em português: *Canção de Natal* (São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996).

## CONSCIÊNCIA

Podemos pensar na comunidade como aquilo que provê os limites do eu, que ajuda a nos tornar manifestos para nós mesmos. A comunidade é o perímetro do eu, mas nós, cristãos, também devemos tratar do centro do eu. Precisamos saber que os não cristãos pós-modernos têm consciência, ainda que pensem que não. Pelo fato de haverem sido feitos à imagem de Deus, eles têm consciência, e os cristãos devem estar convictos desse fato.

Às vezes, ao mesmo tempo que compartilhamos o evangelho com as pessoas, lá no íntimo não acreditamos muito que ele seja verdadeiro e ficamos nos perguntando que partes elas aceitarão, sem querer dizer muito mais para não parecermos ridículos. Mas temos de tomar a decisão de parecer ridículos. Paulo se referiu a isso como a “insensatez da cruz”. Não se deixe abater pelos modismos da época. As pessoas precisam entender não só o conceito teórico do mal e do erro, mas também o fato de que *elas* são más e estão erradas. Precisam pôr à prova a própria consciência. Isso é difícil no pós-modernismo porque o eu tende a se dissolver, a desaparecer. Em vários sentidos, esse pode ser o maior problema que temos quando tentamos transmitir a ideia do pecado hoje em dia. O pós-modernismo estimula o esvaziamento do eu responsável.

O verdadeiro motivo, no entanto, por que as pessoas não reconhecem as asserções morais legítimas de Deus não tem a ver com nenhuma filosofia; é pelo simples fato de não terem interesse em fazê-lo. Não faz muito tempo, participei de uma conversa que acabou enveredando para o tema da cobertura dada pela mídia a certas condutas consideradas indecentes em Washington. Fez-se menção particular ao fato de que a mídia estava sendo muito cautelosa e até parecia relutante em falar sobre adultério em tom crítico. Durante cerca de 15 minutos, travou-se uma discussão bastante intelectualizada, na qual meus amigos da mídia se esquivavam com toda a elegância possível, traçando considerações sobre o motivo por que a cobertura precisa ser assim. Afinal, um deles disse: “Agora, sejamos sinceros. Vocês sabem que, na verdade, as pessoas não gostam de escrever sobre esse assunto porque elas mesmas também cometem adultério”.

Não podemos nos livrar da predisposição das pessoas de não querer ouvir que são responsáveis pelos próprios atos. A boa notícia é que o pós-modernismo pelo menos nos permite dizer isso! Os pós-modernos podem prontamente reconhecer suas predisposições, mas o fazem com extrema cautela, pois acham que a crítica cristã às suas atividades se origina em nossas próprias predisposições. Portanto, fique atento — o que o pós-modernismo parece dar com uma das mãos, ele tira com a outra.

Não obstante, deveríamos ter convicção a respeito da consciência. Diversos trechos das Escrituras mostram a realidade do pecado e da culpa. A história de Ananias e Safira em Atos 5 demonstra com clareza a seriedade disso. Vemos essa realidade no ensinamento de Jesus em Lucas 18, na Parábola do Fariseu e do Publicano. E há muita coisa acerca da consciência na carta de Paulo aos romanos, em especial nos capítulos 1 a 3.

Uma leitura que talvez seja útil e encorajadora a esse respeito é o livro de John Bunyan *The holy war*.<sup>15</sup> Ele conta a história da cidade da Alma Humana. A cidade é tomada pelo pretensioso Diábolos, um falso príncipe. Ele assume o controle total do lugar — exceto do arauto da cidade, Consciência do Velho Homem. Embora costume se mostrar subserviente a Diábolos, de vez em quando Consciência do Velho Homem parece perder o juízo. Nessas ocasiões, pega seu sino e corre para cima e para baixo das ruas da cidade da Alma Humana, retinindo-o e gritando a plenos pulmões: “Diábolos é mentiroso e impostor! Emanuel é o verdadeiro príncipe da cidade da Alma Humana!” No entanto, ele acaba sempre preso e, passado seu surto, fica de novo calmo e sob controle. Uma imagem poderosa da consciência.

Leve seus amigos a lerem partes da Bíblia. Faça com que leiam com você os Dez Mandamentos ou o Sermão do Monte, ou as parábolas de Jesus. Incentive-os a ler o livro de Tiago. Leia com eles a peça medieval *O homem comum*, uma dramatização curta, de fundo moral, que trata da responsabilidade pessoal.

## **CONVERSÃO**

Por fim, tudo isso deveria servir para destacar a verdade de que a conversão se dá somente pelo Espírito de Deus. Quando encontro pessoas para quem a metanarrativa parece ter acabado, o perímetro do eu se foi e até o centro do eu se esvaziou, confesso que desanimo. Podemos ir a conferências e ler livros, argumentar e tentar persuadir — mas não conseguimos trazer nossos amigos à vida espiritual. Quando aprendemos isso, aprendemos uma das lições mais importantes do ministério cristão.

Não podemos trazer ninguém à vida. Por essa razão, nosso Pai celestial nos convida a vir a ele e suplicar para que seu Espírito Santo pegue aquilo que já está sem vísceras, morto e espiritualmente vazio e lhe dê vida outra vez — vida nova — como ele fez com os ossos secos na visão concedida a Ezequiel e registrada no capítulo 37. É uma passagem maravilhosa para aqueles dentre nós que pensam que as palavras não têm mais nenhum significado. Se você e eu tivéssemos planejado

<sup>15</sup>Edição em português: *Guerra santa* (São Paulo: Editorial Fonte Novo Século, 2004).

essa visão, com certeza colocaríamos carne naqueles ossos primeiro, depois os levaríamos a um belo centro de conferência e, então, faríamos com que Ezequiel se levantasse e profetizasse. Mas na visão que Deus dá a Ezequiel, o profeta tem de exercer seu ofício diante de um vale de ossos secos. E pelo Espírito, pela palavra que sai da boca de Ezequiel, Deus dá vida. Essa é a confiança que você e eu precisamos ter — de que o próprio Deus o fará, independentemente do quão pouco compreendamos o pós-modernismo.

Uma pessoa que ouviu pela primeira vez o evangelho e começou a entendê-lo ficou particularmente impactada pela expressão “novidade de vida” no material impresso da nossa igreja. Essa pessoa achou que a ideia parecia tão interessante que devíamos ter um redator muito bom a nosso serviço. Depois de concordar que isso ajudara, esse mesmo amigo disse que, por mais que a pessoa tivesse ajudado, era o cristianismo que tinha o vocabulário para explicar a vida em todos os seus problemas e plenitude. Nós, cristãos, temos o vocabulário para explicar, não por sermos inteligentes, mas porque Deus é de fato nosso Criador.

Para ajudar a entender essa ideia da conversão na Bíblia, leia João 3,4, Romanos 5 e Efésios 2. O tratado de John Owen *The dominion of sin and grace* [O domínio do pecado e da graça], e *Holiness*, de J. C. Ryle,<sup>16</sup> podem ser úteis. Will Metzger escreveu um livro excelente que mostra como a verdade deveria afetar nosso evangelismo — *Tell the truth* [Diga a verdade]. E J. I. Packer, por intermédio do seu pequeno livro *Evangelism and the sovereignty of God*, já ajudou a esclarecer muitos jovens estudantes<sup>17</sup>. *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *A viagem do peregrino da Alvorada*, de C. S. Lewis, apresentam transformações pessoais dramáticas que poderiam servir de motivo para uma conversa séria.

## CONCLUSÃO

Devemos encontrar esperança e intrepidez na realidade da verdade da Palavra de Deus. Que privilégio o nosso de sermos capazes de levar às pessoas as boas-novas do evangelho! E o evangelho está mais do que à altura do desafio do pós-modernismo. Só precisamos ser mensageiros fiéis. Não temos de entender tudo sobre pós-modernismo. Necessitamos, isto sim, conhecer o evangelho. Se o fizermos e formos seus fiéis proclamadores, independentemente do que se diga ou do que tenhamos, não seremos membros da igreja do passado, mas da igreja do futuro.

<sup>16</sup>Edição em português: *Santidade: sem a qual ninguém verá o Senhor* (São José dos Campos: Editora Fiel, 2010).

<sup>17</sup>Edição em português: *A evangelização e a soberania de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

## Referências

- BAXTER, Richard. 1974. *The reformed pastor* (Carlisle: Banner of Truth Trust).  
\_\_\_\_\_. *O pastor aprovado* (São Paulo: PES, s.d.) Tradução de: *The reformed pastor*.
- BECK, Ulrich. 1997. "A risky business". *London School of Economics Magazine* 9 (winter), p. 4-6.
- BELLAH, Robert. 1985. *Habits of the heart: individualism and commitment in American life* (New York: Harper and Row).
- BERGER, Peter. 1992. *A far glory: the quest for faith in an age of credulity* (New York: Free Press).
- CAREY, John. 1992. *The intellectuals and the masses: pride and prejudice among the literary intelligentsia, 1880-1939* (London: Faber and Faber).  
\_\_\_\_\_. *Os intelectuais e as massas: orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária*. São Paulo: Ars Poetica, 1993. Tradução de: *The intellectuals and the masses*.
- CARSON, D. A. 1996. *The gagging of God: Christianity confronts pluralism* (Grand Rapids: Zondervan).  
\_\_\_\_\_. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (São Paulo: Shedd Publicações, 2013). Tradução de: *The gagging of God*.
- COLSON, Charles. 1992. *The body* (Waco: Word).
- CREWS, Frederick. 1963. *The Pooh perplex: a freshman casebook* (New York: Dutton).
- FISH, Stanley. 1994. *There's no such thing as free speech and it's a good thing too* (New York: Oxford University Press).
- GELLNER, Ernest. 1992. *Postmodernism, reason and religion* (London/New York: Routledge).
- GETZ, Gene. 1974. *Sharpening the focus of the church* (Chicago: Moody Press).  
\_\_\_\_\_. *Igreja, forma e essência: o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura* (São Paulo: Vida Nova, 1994). Tradução de: *Sharpening the focus of the church*.  
\_\_\_\_\_. 1975. *The measure of a church* (Glendale: Regal).
- GRENZ, Stanley. 1993. *Revisioning Evangelical theology* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- HIRSCH Jr., E. D. 1967. *Validity in interpretation* (New Haven: Yale University Press).
- HUXLEY, Aldous. 1937. *Ends and means* (London: Chatto and Windus).
- LASCH, Christopher. 1979. *The culture of narcissism: American life in an age of diminishing expectations* (New York: Warner).

- \_\_\_\_\_. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* (Rio de Janeiro: Imago, 1983). Tradução de: *The culture of narcissism*.
- \_\_\_\_\_. 1984. *The minimal self: psychic survival in troubled times* (New York: W. W. Norton).
- \_\_\_\_\_. *O mínimo eu* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1986). Tradução de: *The minimal self: psychic survival in troubled times*.
- LEWIS, C. S. 1942. *The screwtape letters* (Londres: G. Bles).
- \_\_\_\_\_. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (São Paulo: Martins Fontes, 2005). Tradução de: *The screwtape letters*.
- LOCKE, John. 1983. *A letter concerning toleration*. Edição de James H. Tully (Indianapolis: Hackett Publishing Company).
- \_\_\_\_\_. *Cartas sobre tolerância* (São Paulo: Ícone, 2004). Tradução de: *A letter concerning toleration*.
- PACKER, J. I. 1958. *"Fundamentalism" and the Word of God* (London: InterVarsity Fellowship).
- POPPER, Karl. 1966. *The open society and its enemies*. 5. ed. (Princeton: Princeton University Press).
- \_\_\_\_\_. *A sociedade aberta e seus inimigos* (Belo Horizonte: Itatiaia Editora, 1998). Tradução de: *The open society and its enemies*.
- SCHAEFFER, Francis. 1968. *Escape from reason* (London/Chicago: InterVarsity Press).
- \_\_\_\_\_. *A morte da razão: a desintegração da vida e da cultura moderna* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002). Tradução de: *Escape from reason*.
- STEDMAN, Ray. 1972. *Body life*. 2. ed. (Glendale: Regal).
- \_\_\_\_\_. 1994. *Igreja: corpo vivo de Cristo* (São Paulo: Mundo Cristão). Tradução de: *Body life*.
- VITZ, Paul. 1994. *Psychology as religion: the cult of self-worship*. 2. ed. (Grand Rapids: Eerdmans).
- VOLF, Miroslav. 1998. *After our likeness: the Church as the image of the Trinity*. (Grand Rapids: Eerdmans).
- WELLS, David. 1993. *No place for truth, or whatever happened to Evangelical theology?* (Grand Rapids: Eerdmans).
- \_\_\_\_\_. 1998. *Losing our virtue: why the church must recover its moral vision* (Grand Rapids: Eerdmans).

## CAPÍTULO 10

---

### VOLTAR-SE PARA DEUS

A conversão que vai além da mera preferência religiosa

*Michael P. Andrus*

**S**ou pastor, não professor de seminário, nem conferencista ou escritor. Em certo sentido, sinto-me um peixe fora d'água aqui, considerando alguns dos eminentes estudiosos que foram convidados para falar nesta conferência. Mas, em outro sentido, como pastor, talvez eu tenha uma capacidade única de tratar do assunto que me foi passado. No último quarto de século, venho assistindo ao crescimento significativo de duas igrejas, e grande parte desse crescimento tem acontecido por intermédio do evangelismo.

Como pastor, tenho a vantagem de zelar pelos convertidos há alguns anos. Um ministro que trabalha no *campus* de uma universidade consegue contabilizar o número de profissões de fé, mas, ainda que mantenha contato com uma parte dos estudantes convertidos, em geral não faz ideia de onde a maioria estará, em termos espirituais, dois ou três anos depois de sair da faculdade. Entretanto, como pastor, tenho a oportunidade de acompanhar as pessoas desde o contato inicial com o cristianismo, passando por uma espécie de estágio de pré-evangelismo, até de fato professarem sua fé em Cristo. Tenho também o privilégio de batizá-los, de lhes fornecer discipulado e aconselhamento, de equipá-los para o ministério e, por fim, de mobilizá-los para o serviço.

Uma das lições que aprendo com essa experiência é dar menos atenção às “decisões por Cristo” e mais atenção aos “discípulos de Cristo”. Dedicamo-nos menos ao evangelismo do tipo cruzada ou “de rua” e mais ao evangelismo baseado na amizade, bem como a estudos bíblicos evangelísticos. Uma ferramenta que se

tornou enormemente produtiva para nós é nossa própria Série *Discovery*,<sup>1</sup> que tem resultado em profissões de fé e discipulado eficaz de grande número de pessoas. Quase todos esses convertidos ainda estão ativos em nossa igreja e crescendo no relacionamento com Cristo.

Meu assunto hoje é conversão e o que isso significa em uma era pós-moderna. A maioria das pessoas, quando convidada a dar um sinônimo para a palavra *converter*, provavelmente sugeriria “voltar-se” ou “mudar”. No campo da religião em geral, o termo com frequência é usado para significar uma mudança de crença ou denominação, seja voluntária, seja forçada. No início do século 4, o imperador Constantino determinou a “conversão” do Império inteiro ao cristianismo. O islamismo tem forçado a conversão de países inteiros sob a ameaça da espada. Protestantes nominais muitas vezes se convertem ao catolicismo a fim de ter seu casamento aprovado e abençoado. Católicos nominais de vez em quando percorrem o caminho inverso com o intuito de obterem o divórcio e se casarem de novo.

Tais conversões, claro, não necessariamente requerem uma mudança essencial do coração. Podem, e é provável que geralmente façam isso, apenas colocar a pessoa debaixo da influência de uma cultura religiosa diferente. São pouco mais do que uma expressão de preferência religiosa (individual ou do grupo que influenciou a conversão).

Uma definição mais significativa de *conversão* é “voltar-se de um conjunto de crenças para outro”. É possível alguém se converter do paganismo ao cristianismo, do protestantismo ao mormonismo, do arminianismo ao calvinismo, ou do batismo infantil ao batismo de crentes. Mais uma vez repito, essas “conversões” não necessariamente requerem uma mudança essencial do coração; podem significar somente uma mudança de perspectiva intelectual ou teológica. De novo digo: essas conversões são com frequência meras expressões de preferência religiosa.

Uma perspectiva mais evangélica vê a conversão como aquela que envolve um “voltar-se para Deus ou um voltar-se para Cristo”. Ao longo da história, os evangélicos têm conclamado não cristãos a renunciar à autodependência e a se envolver em um relacionamento com Deus ou com Cristo. Entre as expressões geralmente usadas para descrever esse processo de conversão estão: “deposite sua fé em Deus”, “creia em Jesus”, “convide Cristo a entrar em sua vida”, “nasça de novo”, “receba o dom gratuito da salvação”, ou simplesmente “torne-se cristão”. Se a pessoa aceitar, e acima de tudo “orar recebendo Cristo”, é considerada convertida, não tanto a uma religião ou denominação, mas principalmente a um relacionamento com Deus.

<sup>1</sup>Christianity 101, 201, 301, 401, 501 e 601.

Alguns desses termos evangelísticos tão usados nos círculos evangélicos na última metade do século 20 carregam a noção de que a conversão é o resultado automático de um ato que alguém pratica, ou de uma decisão que toma. A suposição é que, se alguém faz determinada oração (de boa fé, claro), ele ou ela *ipso facto* recebe Cristo. Essa abordagem como um todo é o que poderia ser chamada de “conversão por decisão”.

O fato de que muitos dos que se “converteram” dessa maneira com o tempo se provaram discípulos genuínos tem dado certo crédito a essa abordagem no esforço evangelístico. Infelizmente, são bem poucas as estatísticas para indicar quantas dessas profissões de fé se revelaram falsas ou, pelo menos, ineficazes na formação de um discípulo genuíno. É de se perguntar quantas pessoas, que repetiram uma oração após uma apresentação relâmpago do evangelho em dez minutos, ainda permanecem não só sem se converter, mas talvez até mesmo endurecidas para esse evangelho, em razão de um falso senso de segurança.

Creio que há um grande perigo no fato de nossa cultura evangélica contemporânea enxergar a conversão como uma decisão, e não como uma mudança de vida e perspectiva. E esse perigo cresce constantemente em nossa cultura pós-moderna à medida que uma quantidade cada vez maior de pessoas tem uma compreensão cada vez menor da cosmovisão bíblica.

Há trinta anos, era razoável esperar que o público-alvo do evangelismo em geral soubesse e aceitasse que a palavra *Deus* se referia a um ser infinito, eterno e pessoal, que criou o mundo e, embora invisível, deixou suas impressões digitais na história humana; que Jesus foi um homem no sentido literal da palavra (aliás, mais que um homem, o que é o mais provável), que viveu no primeiro século da era cristã, levou uma vida marcada pela retidão e foi injustamente crucificado por seus inimigos; e que *pecado* é qualquer ato que viola a lei de Deus, em especial os Dez Mandamentos, bem como a consciência de quem o pratica.

Mas essas conjecturas não podem mais ser feitas. Hoje, para um indivíduo que não pertence à igreja, analfabeto em tudo que diz respeito à Bíblia, *Deus* pode muito bem ser uma palavra que não significa mais do que a realidade última. Jesus pode ser uma figura religiosa tão misteriosa e mística quanto Buda ou Confúcio.<sup>2</sup> E é provável que, para essa pessoa, o *pecado* não encontre sustentação nem na lei de Deus nem na consciência, ainda mais se ela tiver a consciência insensibilizada pelo

<sup>2</sup>Shiddharta Gautama, o Buda, e Confúcio podem ter sido pessoas históricas, mas seus sistemas de pensamento independem de sua existência pessoal. Mesmo que alguém provasse que Buda nunca existiu, o budismo não deixaria de existir. O mesmo se aplica ao confucionismo, com respeito a Confúcio. Mas se alguém, de alguma forma, pudesse provar que Jesus não é uma figura histórica, o cristianismo seria completamente destruído.

abuso constante e nunca fortalecida por nenhum ensinamento moral significativo. Dizer a alguém assim que Deus o ama e que Jesus morreu por seus pecados pode ser interpretado de várias formas; ou pode soar como puro e simples absurdo.

Claro, caso a pessoa que está sendo evangelizada se sentir infeliz e disposta a buscar um sentido mais profundo na vida, ela pode responder a uma mensagem simples dessas (“Deus a ama e Jesus morreu por seus pecados”) dizendo “Sim, aceito”, na esperança de encontrar a realização que procura, assim como um indivíduo cansado que procura um novo composto vitamínico que lhe dê mais energia. Mas será que a pessoa de quem falamos é convertida, em qualquer sentido bíblico do termo? Ou só está expressando uma preferência religiosa que seguirá até a vida enveredar por um caminho errado ou algo melhor aparecer?

Gostaria de sugerir que, para o evangelismo resultar em verdadeira conversão em nossa cultura atual (é provável que isso sempre tenha sido verdade em qualquer época, mas hoje ainda mais), ele deve incluir pelo menos os três seguintes fatores: (1) ser específico em conteúdo, (2) conter a noção de que Cristo é o único caminho da salvação e (3) resultar em uma transformação radical de fé e conduta do convertido.

## A CONVERSÃO DEVE SER ESPECÍFICA EM CONTEÚDO

Precisamos definir nossos termos, nossas crenças e talvez até nossos pressupostos (como o princípio da não contradição, o princípio do meio excluído, a realidade da verdade objetiva). Em outras palavras, a menos que haja conteúdo em nosso evangelho, corremos o risco de que qualquer decisão por nós induzida seja pouco mais que uma expressão psicologicamente conveniente, talvez catártica, de preferência religiosa.<sup>3</sup>

Em seu excelente livro *Tell the truth* [Diga a verdade], Will Metzger apresenta uma apologetica eloquente para se certificar de que a pessoa que está sendo evangelizada entenda a máxima quantidade de verdade possível, não a mínima. Afirma ele: “O evangelismo centrado no homem [em oposição ao evangelismo centrado em Deus, o qual ele afirma defender] encurta a mensagem. Concentra-se de tal maneira no homem, que reduz Deus. Teme de tal forma a divisão doutrinária entre verdadeiros cristãos que permite que as mensagens do evangelho mais imprecisas se tornem moeda corrente” (1984, p. 31).

Ao evangelizarmos o perdido, entre as questões de conteúdo mais importantes que precisam ser apresentadas, explicadas e desenvolvidas se encontram: quem é

<sup>3</sup>D. A. Carson, em carta pessoal ao autor, datada de 12 de março de 1998.

Deus, quem somos nós, o que é pecado, quem é Jesus, o que Jesus fez em relação ao pecado e o que devemos fazer em relação ao que Jesus fez. Examinemos todas, uma por vez.

Deus deve ser conhecido como o Criador do universo e Senhor de cada um de nós; portanto, ele tem direito absoluto sobre nossas vidas. Não somos nem máquinas impessoais, nem animais. Nossa importância deriva de nossa criação singular à imagem de Deus. Ele é amor (pouco se contesta isso), mas também é santo e justo (poucos há que concordem com isso). É nosso dever sermos obedientes a ele e amá-lo com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento e com toda a força.

E quanto ao homem? Criatura pecadora por natureza, apesar do seu nobre *status* de criação especial de Deus, peca por propositalmente se recusar a fazer o que Deus ordena e por fazer o que ele proíbe. Finge ser autossuficiente, ignorando Deus e decidindo por si mesmo o que é certo e errado. Como consequência, ele é importunado pela morte física e espiritual (a separação de Deus). Se continuar rejeitando a autoridade divina sobre si, passará a eternidade no inferno.

Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, tornou-se homem através da encarnação, um milagre ao mesmo tempo incrível e essencial. Incrível no mesmo sentido de qualquer milagre, especialmente por ter acontecido uma só vez e sem testemunhas oculares. Mas também essencial, em contraste com muitos outros milagres, no sentido de que era o único meio imaginável pelo qual Deus poderia se tornar plenamente conhecido pela humanidade. Pense na encarnação do seguinte modo: se havia um Deus infinito, e ele desejava se fazer conhecido de criaturas finitas, que meio mais eficaz poderia empregar para se revelar a essas criaturas do que se tornar uma delas?

Edwin A. Abbott, em seu clássico de ficção científica *Flatland*<sup>4</sup> (1952), combina humor, sátira e lógica para descrever a dificuldade de comunicação entre universos muito diferentes. A rejeição que a “linha” de Abbott experimentou, quando tentou explicar a seus colegas bidimensionais o que vira ao visitar o mundo tridimensional, é idêntica à que Jesus experimentou quando tomou sobre si a forma de servo e procurou explicar (revelar, Jo 1.18) a natureza, o caráter e as exigências de Deus ao povo que nunca vira esse Deus.

O que Jesus fez a respeito do pecado humano? A rejeição que ele sofreu, claro, culminou com sua execução. Mas sua morte foi escolhida de uma forma sem igual. Os relatos dos Evangelhos deixam bastante claro que ele entregou sua vida de

<sup>4</sup>Edição em português: *Planolândia: um romance de muitas dimensões* (São Paulo: Conrad Livros, 2002).

boa vontade, escolhendo a hora e o lugar ao se oferecer como sacrifício inocente e substitutivo em benefício de todos que estão dispostos a reconhecer o próprio pecado e voltar-se para ele em busca de perdão. Ele suportou o juízo de Deus pelo pecado em sua morte na cruz e ressuscitou dos mortos três dias depois.

Por fim, é essencial que apresentemos e expliquemos com coerência que atitude tomar com relação ao que Jesus fez. Devemos crer. Deus nos convida, ordena até, a nos desviarmos de nossa rebelião e a nos voltarmos para Cristo com a mente, as emoções e a vontade. Não podemos confiar em nada que fazemos, só na obra acabada de Cristo como Salvador. Quando agimos assim, ele se dispõe a nos salvar não somente da punição do pecado, mas também do poder do pecado. Como as outras religiões não têm uma visão tão radical da pecaminosidade humana, a salvação que oferecem tampouco é radical. O Espírito Santo nos é dado para produzir as mudanças que Deus deseja.

Claro, todas essas verdades podem e deveriam ser transmitidas aos interessados por meio dos textos das Escrituras. Os Dez Mandamentos são de particular serventia; o Sermão do Monte; a parábola da mulher samaritana; as parábolas da dracma perdida, da ovelha perdida e do filho pródigo; e a história da conversão de Paulo. A conversão nunca deve ser tratada como uma decisão intelectual banal ou como uma simples submissão a um novo grupo. Ela tem de ser vista como um compromisso de toda a vida da pessoa com a verdade da cosmovisão cristã.

## **A CONVERSÃO DEVE INCLUIR A IDEIA DE QUE A SALVAÇÃO É MEDIANTE CRISTO SOMENTE**

Mesmo se o convertido estiver disposto a aceitar que Jesus é o Filho de Deus, que morreu por seus pecados, que ressuscitou dentre os mortos e oferece o dom da vida eterna, será que ele pode ter de fato se convertido se continua a dizer que pode haver outros caminhos para a salvação? Muitos dos que professam a fé em Cristo dizem exatamente isso.

Em uma pesquisa recente, 74% dos americanos foram veementes em concordar que “só existe um Deus verdadeiro, que é santo e perfeito, e que criou o mundo e o governa hoje”; contudo, na mesma pesquisa, pelos menos 64% também se mostraram veementes em concordar ou concordar em parte com a afirmação de que “não existe verdade absoluta”.<sup>5</sup> Em uma atmosfera assim irracional, não deveria causar surpresa que muitos afirmem ser cristãos enquanto, ao mesmo tempo, conservam a esperança mais abrangente de salvação por outros meios além da fé ativa em Cristo.

<sup>5</sup>Barna, 1991; citado em Carson, 1996, p. 23.

Claro, sempre houve quem acrescentasse Jesus a seu conjunto anterior de crenças, como se fosse uma espécie de manto de proteção espiritual, uma saída de emergência do inferno em potencial. “Que mal pode fazer?” é a pergunta silenciosa que se fazem, quando professam crer em Jesus. O fato de alguns deles poderem vir a se tornar crentes genuínos não anula a ideia de que profissões de fé como essa no fundo não fazem sentido — pois a essência da fé em Cristo é o fato de que, por meio dele e dele somente, pode-se ter vida eterna.

Não é necessário debater aqui se aqueles que morrem na infância ou sofrem de retardamento sério são salvos, ou mesmo se existe esperança mais ampla para aqueles que, embora não evangelizados, buscam com sinceridade a verdade. Estou propenso a confirmar o primeiro caso em bases teológicas e a rejeitar o segundo em bases bíblicas, mas minhas opiniões sobre tais assuntos na verdade não são pertinentes para o aspecto da exclusividade que estou tratando. O que estou dizendo é que, no mínimo, aquele que está sendo evangelizado (por definição, alguém que não seja criança nem que jamais tenha ouvido falar do evangelho) deve enxergar Jesus como sua única esperança de salvação. Se João 14.6 e Atos 4.12 significam alguma coisa, deve ser a noção de que quem for confrontado com o evangelho não pode, ao mesmo tempo, “acreditar em Jesus” em qualquer sentido que envolva a salvação e acalentar a ideia de que há outro modo de se salvar.

Outras crenças podem ser inclusivas em relação a meios múltiplos de salvação sem grande prejuízo de sua integridade, mas Jesus não deu essa opção para seus seguidores. João 14.6 declara abertamente a natureza exclusiva de sua salvação, nas palavras do próprio Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega ao Pai, a não ser por mim”. E Atos 4.12 estabelece a mesma verdade com uma negativa: “Não há salvação em *nenhum outro*, pois debaixo do céu *não há outro nome* entre os homens pelo qual devamos ser salvos” (grifo do autor).

Claro, temos de encarar com coragem o fato de que a exclusividade é anátema para a mente pós-moderna. Para grande parte da nossa cultura, todas as crenças são questões de ordem pessoal apenas ou, quando muito, opções condicionadas pela cultura. Por essa razão, nenhuma visão pode ser rejeitada, exceto a perspectiva de que algumas visões são passíveis de rejeição. A noção de que uma afirmação particular de caráter ideológico ou religioso seja verdadeira e, por isso, intrinsecamente superior a outra é forçosamente errada. A intolerância à posição do outro é a única coisa intolerável.

O inigualável George Will escreveu uma coluna intitulada “Tolerância intolerável” na *Newsweek*. Cito o primeiro parágrafo:

Mae West já disse que muito de algo bom é maravilhoso. Mas isso não é verdade se esse algo bom for a tolerância. Muito dela é causa e consequência de

uma cultura em que “o vulgar” tornou-se um insulto. A tolerância só é virtude quando difícil — quando envolve manter convicções firmes sob rédea curta. A tolerância que reflete a ausência de convicções firmes é sintoma de uma forma contemporânea muito peculiar de decadência — o descrédito cômodo na propriedade ou na importância de fazer julgamentos enfáticos sobre o comportamento (11 de maio de 1998, p. 94).

A preocupação de Will é com a tolerância do comportamento intolerável, mas a questão se aplica muito bem à propensão moderna de tolerância para com crenças intoleráveis (i.e., claramente não bíblicas). Se deixarmos de tratar essa questão da exclusividade de Cristo com os intelectuais de hoje (cujas visões são rapidamente filtradas para o ser humano comum), pode bem ser que descubramos que nossos convertidos apenas acrescentaram Jesus a um panteão intelectual que inclui as filosofias orientais, os deuses da Nova Era, a psicologia da autoajuda ou até a magia negra.

## **A CONVERSÃO DEVE RESULTAR EM UMA TRANSFORMAÇÃO RADICAL DE CRENÇA E CONDUTA**

A questão aqui é que, quando alguém se volta *para* alguma coisa, deve ao mesmo tempo afastar-se *de* alguma outra coisa. Essa outra coisa pode ser ídolos, o eu, um pecado, crenças estranhas, agnosticismo, ateísmo ou até a apatia espiritual. O termo do Novo Testamento para esse afastar-se é *arrepentimento*. Significa não apenas remorso, mas uma mudança de rumo de tal ordem que a pessoa passa a seguir por uma direção totalmente diferente.

Uma das questões que depõem contra nós hoje em dia é o fato de alguns convertidos ao cristianismo bastante famosos ostentarem um estilo de vida que, longe de demonstrar arrependimento, não corresponde muito ao que o evangelho representa. Jimmy Bakker, Jimmy Swaggart, Henry Lyons, o ex-presidente Clinton e Mel White são nomes que me vêm à mente. Não é incomum os evangélicos criticarem esses indivíduos pela hipocrisia, pois nos parecem pessoas que têm uma teologia mais ou menos sadia, mas levam estilos de vida imorais.

Por outro lado, será que consideramos o impacto que esses indivíduos podem ter em quem está fora da igreja, talvez sem fazer ideia da possível lacuna entre teologia e prática? Muita gente talvez esteja chegando à conclusão não de que esses sujeitos sejam hipócritas, mas, sim, de que estilo de vida, na verdade, não é algo que importa. Em outras palavras, podem concluir que é possível a pessoa afirmar ser cristã e, ao mesmo tempo, ser adúltero, homossexual praticante ou alguém envolvido em fraudes.

Temos de deixar claro por meio do nosso ensino, bem como por meio do nosso exemplo pessoal, que uma atitude leviana para com o pecado é da mais absoluta incompatibilidade com a conversão bíblica.

Em artigo da revista *World* intitulado “Um escândalo pós-moderno”, Gene Edward Veith escreve: “Clinton, de acordo com o psicólogo Robert Jay Lifton, é o primeiro presidente pós-moderno da nação. Sem se prender às amarras dos padrões objetivos da verdade, o sr. Clinton é capaz de se reinventar o tempo todo, adaptando com flexibilidade sua ideologia, seu comportamento e até sua personalidade às necessidades do momento” (21 de fevereiro de 1998, p. 24). Lifton faz essa avaliação como um elogio, mas se estiver certo, os cristãos bíblicos deveriam se sentir escandalizados por isso, acima de tudo considerando que Clinton se identifica abertamente como um batista da Convenção do sul que crê na Bíblia.

Nesse tipo de atmosfera, a noção de arrependimento genuíno do pecado deve ser apresentada, explicada, encorajada e até requerida daqueles que se declaram membros em nossas igrejas ou líderes de ministérios. Como não podemos ler o coração dos outros e discernir-lhes a real condição (se salvo ou perdido) diante de Deus, precisamos ajudá-los a se medir pelo padrão de Deus para ver se permanecem na fé.

Wade Bradshaw escreve com muito discernimento: “A primeira Reforma foi a redescoberta da teologia de Paulo — de que a graça de Deus é dada livremente a pecadores absolutamente indignos. Uma segunda reforma, pós-moderna, exigirá a redescoberta complementar da teologia de Tiago — de que a fé é sempre manifesta” (1998, p. 116). Não só essa fé é necessária hoje; os pós-modernos querem ver o fruto de uma mensagem antes de levarem a sério sua doutrina.

Metzger (p. 70, 1984) apresenta seis testes de fé genuína extraídos de 1João:

1. teste da consciência do pecado (1Jo 1.8,10);
2. teste de obediência (1Jo 2.3-5,29);
3. teste de libertação do pecado habitual (1Jo 3.9; 5.18);
4. teste de amor por outros cristãos (1Jo 3.14; 4.7,8);
5. teste de fé (1Jo 5.1);
6. teste de vitória sobre o mundo e sobre Satanás (1Jo 2.13,14).

Em outras palavras, deveríamos buscar, em nossos esforços evangelísticos, pessoas transformadas — *possuidoras*, não apenas confessoras, da fé em Cristo. Aliás, isso pode servir de argumento contra o batismo imediato de quem professa crer. Ninguém contesta que o batismo imediato era a norma no Novo Testamento. Os exemplos dos novos convertidos no dia do Pentecostes (At 2.41), do eunuco etíope (At 8.36-38) e do carcereiro filipense (At 16.33) são suficientes para demonstrar

essa prática. No entanto, o sentido cultural do batismo era tão forte na época (como ainda é em muitas culturas do Oriente Médio) que a mera disposição de suportar as perseguições que acompanhavam a identificação com o cristianismo era garantia suficiente da sinceridade do candidato ao batismo.

Hoje em dia, contudo, quando o batismo quase não tem nenhuma importância cultural (de fato, a pessoa poderia batizar-se toda semana e, na maioria dos casos, a família e os amigos do batizando não poderiam se importar menos com isso), precisamos de outros meios para determinar se a conversão do candidato ao batismo é de fato genuína. Sugiro que seis meses de afastamento do pecado e de produção de frutos para Cristo sirvam como prova adequada dessa autenticidade.

## SUGESTÕES PRÁTICAS

Quais são algumas atitudes práticas que podemos tomar em nossos esforços evangelísticos e que resultam em conversões reais, em vez de apenas em expressão de preferência religiosa? Considere o seguinte:

1. Aconselhe os que se mostram interessados focalizando atitudes, não palavras; mudança de vida, não só de crenças. A última coisa que devemos transmitir é que, pelo simples fato de dizer *sim* a uma proposta, pode-se ter assegurada a vida eterna.
2. Mantenha o foco na visão bíblica do pecado. Wade Bradshaw escreve que os pós-modernos “sofrem de um senso de ausência de significado, em vez de culpa. São culpados, mas não percebem que precisam ser salvos de alguma coisa. A palavra pecado só é empregada em sentido irônico” (1998, p. 17). Deus, no entanto, a emprega com seriedade muito maior. O apóstolo Tiago exorta sua plateia, composta de pessoas que creem: “Achegai-vos a Deus, e ele se achegará a vós. Pecadores, limpai as mãos, e vós, que sois vacilantes, purificai vosso coração. Entristecei-vos, lamentai e chorai. Que o vosso riso se transforme em lamento, e a vossa alegria em tristeza” (4.8,9). Não ouvimos muitas pregações como essa. Uma atitude despreocupada em relação ao pecado invadiu a igreja. Àqueles que presumem demais da natureza perdoadora e misericordiosa de Deus, esta passagem apela para um arrependimento radical, absoluto. Devemos levar o pecado a sério.
3. Ensine a Bíblia e a doutrina cristã de forma que os convertidos em potencial entendam que o plano da salvação é desígnio de Deus, não sabedoria humana.
4. Abandone a linguagem fácil da conversão por meio da simples decisão (“basta crer”, “ore para receber”, “convide Jesus a entrar em seu coração”) em prol da linguagem mais rigorosa da conversão (“renda-se ao senhorio de

Jesus Cristo”, ou “afaste-se do pecado, aceite o perdão comprado por Jesus através da sua morte, e leve uma vida de obediência a ele”).

Há pouca dúvida de que, quando nossos esforços evangelísticos levarem a sério o fato de que se voltar para Deus significa conversão, e não mera preferência religiosa, experimentaremos um recuo estatístico temporário. O número de convertidos resultante de um sermão evangelístico ou de uma série de encontros evangelísticos não poderá ser contado senão meses ou anos depois. Mesmo o número de cristãos nominais dispostos a ocupar espaço em nossos cultos pode diminuir, à medida que eles se descobrirem resistindo à maior atenção dedicada às exigências do evangelho verdadeiro.

A longo prazo, no entanto, os resultados serão muito positivos para a igreja. O foco voltará a se concentrar na questão de fazer discípulos, que é o seu lugar. A igreja se tornará mais preparada para o trabalho (quero dizer, mais eficaz). O mundo ficará alerta e observará — e talvez até temerá — um grupo de seguidores de Jesus que fala sério. E talvez descubramos que os interessados são, na verdade, mais atraídos por uma causa pela qual valha a pena entregar sua vida.

## Referências

- ABBOT, Edwin A. 1952. *Flatland* (New York: Dover Publications).
- \_\_\_\_\_. *Planolândia: um romance de muitas dimensões* (São Paulo: Conrad Livros, 2002). Tradução de: Flatland.
- BARNA, George. 1991. *What Americans believe: an annual survey of values and religious views in the United States* (Ventura: Regal Books).
- BRADSHAW, Wade. “Reaching the postmodern generation”. *Covenant Magazine*, p. 16, fevereiro/março, 1998.
- CARSON, D. A. 1996. *The gagging of God: Christianity confronts pluralism* (Grand Rapids: Zondervan).
- \_\_\_\_\_. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (São Paulo: Vida Nova, 2013). Tradução de: The gagging of God.
- METZGER, Will. 1984. *Tell the truth: the whole Gospel to the whole person by whole people* (Downers Grove: InterVarsity Press).



# QUARTA PARTE

## **Passagens fundamentais**



## CAPÍTULO 11

---

### O PARADOXO DO EVANGELHO

Declarar justos os pecadores (Romanos 3.21-26)

*John W. Nyquist*

**N**osso mundo está cada vez mais cético diante de textos em geral e do texto bíblico em particular. Há nisso um paradoxo em ação. O paradoxo está no simples fato de que, em um mundo assim, os evangélicos estão sendo desafiados como nunca antes, em razão de sua crença básica na integridade e veracidade do texto bíblico. Os cristãos que seguem a Bíblia creem que ela contém um relato maravilhoso da atividade criativa e redentora de Deus. Relato esse que começa no primeiro livro do Antigo Testamento e continua ao longo de todo o Novo Testamento. Essa narrativa tão abrangente demonstra o amor infinito e a preocupação de Deus por seu povo, que se mantém rebelde e pecador. Repito, essa não é uma explicação bem recebida em termos gerais, e quem tenta contar essa história ouve reiteradamente que ela está um tanto fora de sincronia com a realidade virtual da sociedade de hoje, no sentido de que não necessitamos de explicações globais ou universais, mas sim de comunidade — de história geradas localmente e que brotam de diversas situações e contextos culturais.

A confusão resultante da intersecção entre a proclamação do evangelho e as ideologias céticas é o que nos tem impulsionado a tratar de algumas das questões que dela emergem. Sejamos claros acerca dessa confusão: a teologia evangélica não precisa assumir uma atitude defensiva diante da crítica dos céticos. Aliás, parte da estratégia deve ser o compromisso de ouvir a essas críticas. E, tendo-as ouvido com atenção e cuidado, os evangelistas atuais devem então formular sua proclamação com graça, verdade e ousadia, tomando o cuidado de

não dar a ideia de transigência em nenhum ponto da apresentação da mensagem do evangelho.

A confusão parece se apresentar quando os evangélicos cristãos são pegos na defensiva e levados a assumir uma postura reativa, em vez de proativa e confiante. Seja para o pastor no sermão do domingo pela manhã seja para o missionário em um contexto transcultural, seja para aquele que atua no *campus* de uma instituição de ensino entre alunos da escola secundária ou universitários, o desafio é basicamente o mesmo. Usando o texto bíblico, será que é possível transmitir a mensagem do amor e perdão de Deus a pessoas pecadoras e em um contexto de confusão, desesperança e indiferença ao chamado claro de Deus para a vida de homens e mulheres hoje? E, mais de acordo com o tema deste capítulo, é possível manter a integridade das Sagradas Escrituras ao mesmo tempo que se contextualiza a essência do evangelho: a atividade de Deus em justificar criaturas pecadoras através da morte substitutiva de Cristo? É para esse exato desafio que nos voltamos agora.

Tenho um amigo que foi convidado a falar em uma grande igreja australiana sobre o contexto do evangelismo. Uma exposição da Nova Era acontecera na cidade pouco tempo antes disso e milhares de pessoas tinham percorrido os estandes dos vários expositores. A cobertura da mídia fora ampla. O palestrante concluiu acertadamente que se dirigiria a uma plateia pós-moderna. Naquela noite, uma mulher deu o testemunho de como passara de seguidora da Nova Era para devota cristã. De que maneira ela resumiu isso? Ela vinha procurando se relacionar com alguém, e encontrou em Cristo essa pessoa. A Nova Era tinha tudo a ver com poder ou energia para a intensificação do eu. “Mas como manter um relacionamento pessoal com uma central de energia ou poder?”, ela perguntou (Cole, 1998). Os relacionamentos são a chave para a vida, de modo que a questão maior em termos não teológicos é: “Como ter um relacionamento com Deus? Como se envolver com a Fonte de poder, o Criador não criado do universo?”.

A Bíblia explica que existe uma distância infinita entre Deus, o Criador, e suas criaturas. A separação foi causada pela desobediência e rebelião contra o Deus Criador, e o enredo bíblico registra altos e baixos das muitas maneiras pelas quais Deus tem se aproximado de suas criaturas, apesar da teimosia delas. O evangelho anuncia que essa distância entre o Criador e suas criaturas foi negociada na pessoa de Jesus Cristo. A porta foi aberta para restabelecer o relacionamento original. Na verdade, essa porta é uma representação daquele que percorreu todo o caminho por nossos pecados. Qual é essa boa-nova que a Bíblia afirma ser para todos (Lc 2.10)? E por que esse evangelho não seria recebido de pronto e com sinceridade? Qual é a natureza exata do paradoxo que evoca explicação e ilustração consideráveis em nossa cultura pós-moderna?

A exclusividade do evangelho centrado em Jesus Cristo e o foco da mensagem de sua morte e ressurreição desafiarão a igreja a refletir com muito mais cuidado sobre como o explicamos e convidamos as pessoas a assimilá-lo. O que parece ser estreito e impraticável é o paradoxo da ideia toda: as boas-novas estão no fato de que esses mesmos parâmetros eliminam qualquer esperança de sucesso do ser humano em obter favor aos olhos de Deus. A grande tentação certamente será evitar as exigências da cruz e oferecer algo que o povo pós-moderno possa abraçar sem muito trabalho ou esforço. A energia que despendermos ao elaborar estratégias para alcançar pessoas para Cristo deve refletir as exigências claras de Jesus para segui-lo em discipulado humilde e obediente; o risco é nosso quando transigimos nesse estágio.

Sem dúvida a área pessoal é aquela em que temos maior oportunidade de demonstrar a verdade: o evangelista é chamado a ter uma vida de santidade e coerência. A integridade e a fidelidade nos levam longe, no sentido de fornecer aos incrédulos uma “estrutura de plausibilidade revista e nova”, tomando emprestado as palavras de Peter Berger (1967) e Os Guinness (1983). Embora a Bíblia ensine que todos os cristãos devam se pautar pelos mesmos padrões de conduta, creio que em certo sentido os líderes cristãos devem levar seu chamado mais a sério do que nunca. As palavras do grande apóstolo aos tessalonicenses ainda se aplicam a nós hoje, talvez até mais:

Assim, devido ao grande afeto por vós, estávamos preparados a dar-vos de boa vontade não somente o evangelho de Deus, mas também a própria vida, visto que vos tornastes muito amados para nós. Irmãos, sem dúvida vos lembrais do nosso trabalho e fadiga; trabalhamos dia e noite para não ser um peso a nenhum de vós, enquanto vos pregamos o evangelho de Deus. Vós e Deus sois testemunhas de como nos portamos de modo santo, justo e irrepreensível para convosco, os que credes; assim como sabeis que tratávamos a cada um de vós da mesma forma como um pai trata seus filhos, exortando-vos, consolando-vos e insistindo em que vivêsseis de modo digno de Deus, que vos chamou para o seu reino e glória (1Ts 2.8-12).

## A ESSÊNCIA E O CENTRO DE GRAVIDADE DO EVANGELHO

Martinho Lutero chamou Romanos de “a parte fundamental do Novo Testamento e verdadeiramente o mais puro evangelho”; ele acreditava que “todo cristão deveria conhecê-lo palavra por palavra, de cor, [e] ocupar-se dele todos os dias, como pão diário da alma” (1546, p. xxiii). Na margem de sua Bíblia, em Romanos 3.23, Lutero se referiu a essa passagem, em que Paulo fala da justificação pela fé, como “a questão principal, o âmago da epístola e da Bíblia inteira”. Leon Morris, em seu

comentário, sugere que essa passagem talvez seja “o parágrafo mais importante já escrito” (1988, p. 173). Murray Harris, professor aposentado de exegese do Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School e ex-diretor da Tyndale House em Cambridge, propôs uma lógica simples sobre essa passagem por ocasião de seu último devocional na faculdade, antes de aposentar-se, em 1997: “Onde encontramos o centro do cristianismo histórico em termos de teologia e significado? Quando somamos todas as doutrinas, manifestos, declarações de credo e tentativas de sistematização, o que temos? Pegue a Bíblia, vá para o Novo Testamento, abra em Romanos, procure o capítulo 3, localize os versículos 21-26 e concentre-se no versículo 24. Lá está, o âmago do ensinamento bíblico sobre a fé cristã”.

## O TEXTO E SEU CONTEXTO

O apóstolo Paulo presenteou seus leitores com a oportunidade de segui-lo — bem como seguir sua linha de argumentação — nas interações com alguns de seus parceiros de diálogo. Suas respostas cuidadosamente elaboradas a indagações reais e concretas formam o trecho principal da carta na primeira parte da epístola. A argumentação de Paulo demonstra uma perspectiva teológica na qual o soberano Deus da criação oferece uma solução para o dilema humano. A história da humanidade é caracterizada pela desobediência pecaminosa e uma rejeição deliberada do evangelho. Paulo mostra que todos nós somos culpáveis e apresentamo-nos culpados diante de um Deus santo e justo. Além disso, por causa da evidente provisão de Deus ao longo da história humana, somos agentes responsáveis: “Mesmo tendo conhecido a Deus [pela evidência de sua mão criativa na natureza], não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; pelo contrário, tornaram-se fúteis nas suas especulações, e o seu coração insensato se obscureceu” (Rm 1.21, acréscimo do autor).

É essa desobediência ingrata que leva Paulo a apresentar a gravidade e a universalidade do pecado na primeira parte do capítulo 3. O apóstolo foi convincente ao demonstrar que tanto judeus sob o sistema da Lei quanto gentios com a Lei escrita em seu coração (2.15) são julgados com imparcialidade na presença santa de Deus. Essa com certeza é uma imagem de desesperança e desespero, ainda mais quando lemos que “ninguém será justificado diante dele pelas obras da lei; pois pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20). O paradoxo que buscamos elucidar, então, está resumido nesse último versículo. Um sistema de justificação pelas obras como esse coloca o ser humano sob a lâmina de uma espada: é incapaz de prover salvação, ao mesmo tempo que fornece exatamente o que necessitamos saber como preparação para receber o evangelho.

Pela lógica de Paulo, a menos que a pessoa esteja convencida da totalidade do seu pecado e da profundidade dessa pecaminosidade em relação a Deus, a provisão

divina não causará nela nenhum tipo de entusiasmo no sentido de colocá-la em prática. De fato, com frequência encontraremos apatia e indiferença. Cada vez com mais frequência, encontramos pessoas que comentam a arrogância da posição cristã, a qual não apenas aponta para um problema universal (o pecado), mas também, e pior até, insiste na existência de uma única solução para o dilema. Para essas pessoas, isso parece representar o cúmulo da intolerância; é insolente. Sustentam que podemos crer no que quisermos, desde que mantenhamos essa crença no campo privado, para nós mesmos. “Acho isso ótimo para você”, dizem, “mas não tente impor suas crenças a mim.”

Vamos agora analisar nossa passagem bíblica mais de perto. Romanos 3.21-26 faz um contraste agudo com a melancolia e a desesperança dos capítulos anteriores. Ele começa com uma novidade: a vigorosa oração adversativa é introduzida pelas duas palavras “mas agora”. Elas sinalizam a novidade estimulante e encorajadora de que em Cristo — e sem ter nada a ver com o cumprimento da Lei — Deus fez provisão para uma missão de resgate. E isso é um alívio também, porque não depende em última análise dos esforços que nós, seres humanos, poderíamos empreender; depende somente de Deus e de sua graça. Além disso, essa solução não é um paliativo, encobrindo algo que voltará à tona algum tempo depois. Não! Trata-se da justiça do próprio Deus, fornecida como um substituto para nossos esforços malogrados de redimir (justificar) a nós mesmos. Homileticamente falando, essa justiça é um atributo divino, uma atividade divina (a salvação) e uma conquista divina.

O grande apóstolo “força” a linguagem para indicar essa novidade maravilhosa em benefício daqueles que têm fé em Jesus Cristo, ou seja, “todos os que creem” (v. 22). Esse plano de salvação foi iniciado por ninguém menos que o próprio Deus e lida com o problema mais desconcertante da história: “Como um ser humano pecador ganha o direito de ficar diante de um Deus santo e justo?”. Quando olhamos para o enredo da Bíblia do começo ao fim, percebemos que Deus criou o ser humano a fim de que este o adorasse, mas ele escolheu ser independente de Deus, o que resultou em alienação e indiferença para com o Criador. Havia, no entanto, um anseio profundo na humanidade, que constantemente expressava essa alienação tentando recuperar o cenário original sem, contudo, confiar na presença e provisão disponíveis de Deus. Essa passagem descreve o que Deus fez em Cristo para vencer a barreira do pecado e a tendência humana à autossuficiência.

Já de início devemos observar que o assunto desses seis versículos é a justiça de Deus (à qual se faz referência não menos de quatro vezes). Um olhar mais próximo revela que o desenvolvimento temático da justiça de Deus prossegue na solução proposta para o problema. Nos versículos 24 e 26, o tema comum (indicado pelo radical grego *dik-* no original) às palavras traduzidas como “justificados”, “justo”

e “justificador” é empregado mais três vezes para embelezar todo o desenvolvimento. Ademais, a ideia da fé é usada quatro vezes, salientando o meio pelo qual a justiça de Deus é disponibilizada.

Essas palavras que descrevem a atividade de Deus em nosso benefício devem ser entendidas no contexto da fé ativa. Paulo coloca isso do seguinte modo: “A justiça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo para todos os que creem....” (v. 22). Mas essa justiça está além do alcance de todo e qualquer esforço humano, requerendo que Deus faça algo pelo ser humano pecador que é humanamente impossível. A história inteira da Bíblia retrata a inutilidade da tentativa de agradar a Deus “no poder da carne”. Desde o início, as diretrizes são claras: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6) e “tudo o que não provém da fé é pecado” (Rm 14.23). Então, como seres humanos pecadores estabelecem, *de fato*, um relacionamento justo com Deus?

Três “termos do evangelho” ajudam Paulo a pintar imagens vibrantes a seus leitores — palavras cujas histórias eram conhecidas, dotadas de sentido eloquente nesse contexto crucial. São elas: *justificado*, *redenção* e *propiciação*. Cada uma dessas palavras carrega em si uma espécie de história cultural e legal, evocando cenários específicos, auxiliando os membros da audiência de Paulo a se identificarem com ele e com sua linha de argumentação.

*Justificação* é um termo legal que transporta o leitor para o contexto de um tribunal, em que se requer do juiz que ouça o caso apresentado e emita uma sentença. O juiz tem a responsabilidade de aplicar a lei ou as leis apropriadas à questão e, ao mesmo tempo, definir a punição na hipótese de culpa. Se o réu for considerado inocente, do juiz se requer que liberte o acusado. Paulo usa essa cena de tribunal para se referir ao propósito da morte de Cristo na cruz. Se o homem é o réu, a lei funciona apenas em sua capacidade consultiva para assegurar um julgamento ao caso. No contexto bíblico, o homem é desobediente e legalmente culpado por transgredir a lei, e, assim, algum tipo de pena tem de ser cumprida. A Bíblia relata repetidas vezes que a pena para o pecado contra o Deus santo é a morte. Mas Paulo sustenta aqui que exatamente aqueles que transgrediram as exigências da lei são “justificados gratuitamente pela sua graça” (Rm 3.23,24). Essa declaração notável precisa ser mais elaborada, e Paulo é levado a ampliar a imagem.

A segunda palavra, *redenção*, transporta o leitor para o antigo mercado e para o mundo dos negócios e do comércio. Paulo declara que os culpados são justificados gratuitamente pela graça de Deus “por meio da redenção que há em Cristo Jesus” (v. 24). Se concedermos a Paulo a licença para misturar as metáforas, podemos discernir sua linha de raciocínio. O pecador foi declarado culpado por desobedecer à lei de Deus. O juiz então, paradoxalmente, declara o pecador inocente em vista não do arrependimento do homem ou de suas boas intenções, mas da graça pura e

imerecida de Deus. Mas, podemos perguntar, por que meios é possível mesmo para Deus fazer isso? Não é injusto ver uma pessoa culpada se safar sem ter de assumir a responsabilidade por seus atos?

Ao introduzir o conceito de redenção, Paulo mostra que o pecador é um escravo e pertence a um senhor perverso. Mais adiante, no capítulo 6, o apóstolo amplia esse conceito de escravidão e se refere à escravização do incrédulo pelo pecado (v. 16-18). “Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis livres em relação à justiça. E que fruto colhestes das coisas de que agora vos envergonhais? Pois o fim delas é a morte. Mas agora, libertos do pecado e tendo sido feitos escravos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna” (v. 20-22). Deus é tanto o justo juiz quanto o senhor redentor, que ouve a confissão de culpa do pecador e age para perdoá-lo com base na oferta do preço de compra que é suficiente para libertar esse pecador agora justificado e redimido! A morte de Cristo na cruz realizou esses dois objetivos divinos proclamados com tanta clareza por Paulo.

Mas um terceiro conceito — a *substituição* — é visualizado pelo apóstolo/teólogo. Servindo-se dessa ideia, Paulo pode dar por encerrado seu caso. Até aqui, seria possível argumentar que a justiça não foi feita; na verdade, talvez se pudesse abrir um processo por desrespeito às leis, por deixá-las de lado e introduzir um elemento estranho que está convenientemente oculto. A lei pode ser contornada desse modo sem que se tenha de responder à acusação de intenção dolosa?

Nesse ponto, Paulo nos leva ao templo, local em que a atividade apropriada é a adoração. Sacrifícios são trazidos para serem oferecidos em submissão a Deus. Mas como oferecer um sacrifício adequado e satisfatório que agrade a um Deus santo e justo? De novo, o homem está desamparado, porque nenhum sacrifício humano é adequado levando-se em conta nossas imperfeições e defeitos. Ofertas com defeitos são inaceitáveis; só as puras e perfeitas servirão. Na verdade, aos olhos de Deus, só um sacrifício trará deleite ao seu coração. Só pode haver um substituto suficiente para nós, contra quem a sentença de morte foi pronunciada: o Filho perfeito de Deus, Jesus Cristo, deve morrer em nosso lugar. Paulo ensina em outra parte que “Cristo morreu pelos ímpios” e que ele morreu por nós “quando ainda éramos pecadores” (Rm 5. 6,8). Em 1Coríntios 15.3, o apóstolo explica: “Porque primeiro vos entreguei o que também recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”. Esse “sacrifício propiciatório” (Rm 3.25) significa simplesmente que a morte de Cristo na cruz aconteceu em nosso lugar e assim a santidade de Deus foi “propiciada” por meio desse sacrifício perfeito.

No mundo contemporâneo, em que proliferam manobras jurídicas e litígios sem fim, a metáfora do aspecto jurídico (forense) da morte de Cristo que Paulo usa é muito apropriada. Advogados, promotores de justiça, autores e réus do processo,

jurados e outros termos legais são comuns hoje. Assim, quando queremos explicar o evangelho a nossos amigos pós-modernos, essa imagem nos será de grande ajuda.

Quando encontramos pessoas no mundo dos negócios monitorando as cotações do mercado de ações da CNN, ou encarregando seu corretor de promover negociações relacionadas a fundos mútuos e notas do tesouro, a referência de Paulo ao mercado proporciona ao evangelista uma plataforma para entrar no mundo da economia, bem como para confrontar um complexo mais sinistro: o consumo ostensivo e o acúmulo de riqueza. A morte de Cristo na cruz realizou uma missão de resgate, libertando os escravizados de sua culpa, fardo ou ansiedade, seja ele qual for. Desse modo, Paulo pregou uma teologia da libertação genuína.

Por fim, com frequência encontramos pessoas muito religiosas tentando obter uma posição de justiça perante Deus por meio do esforço próprio. A analogia do templo sugere um local onde se faz sacrifícios, e só o Deus da Bíblia está qualificado para determinar a aceitabilidade dessas ofertas. Lemos em Hebreus 9.26-28: “Nesse caso, seria necessário que ele [Cristo] sofresse muitas vezes, desde a fundação do mundo. Mas agora, na consumação dos séculos, ele se manifestou de uma vez por todas, para aniquilar o pecado por meio do sacrifício de si mesmo. E, como está ordenado aos homens morrerem uma só vez, vindo depois o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá a segunda vez”.

Em tudo isso, Deus demonstrou sua justiça agindo justamente ao deixar de lado os pecados cometidos no passado, sem ignorá-los. Ele pôde fazer isso em razão do momento em que aceitou o sacrifício do seu único filho, Jesus Cristo, redentor e perfeito sacrifício por nossos pecados. Paulo diz que, agindo assim, Deus demonstrou sua justiça, “para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26). Com certeza essa é uma boa-nova para aqueles que lutam com a própria culpa, confusão e desespero. Em Cristo, Deus supriu a solução perfeita para a desesperança e a decepção que caracterizam muitos no mundo de hoje.

Os desafios da pós-modernidade são formidáveis para o evangelista cristão. Mas esses mesmos desafios são portas abertas para novas e criativas conversas sobre o evangelho. O material bíblico encontrado em Romanos 3 trata da questão fundamental do espírito humano. Blaise Pascal expressou isso do seguinte modo: no coração de todo ser humano há um espaço vazio que tem a forma de Deus, que não pode ser preenchido por nada humano, mas somente por Deus, o Criador, através de seu filho, Jesus Cristo. A morte e a ressurreição de Cristo fecharam a lacuna entre um Deus santo e o ser humano pecador. Aqui o apóstolo Paulo demonstra efetivamente que, quando a graça poderosa de Deus se une à fé ativa, a dinâmica do evangelho impacta o pecador arrependido. Somos “*justificados* gratuitamente pela sua graça,

por meio da redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus ofereceu como *sacrifício propiciatório*, por meio da fé, pelo seu sangue” (v. 24, 25, grifos do autor).

Um dos *slogans* da pós-modernidade expõe a questão sem rodeios: a verdade é relativa, a história está sendo reescrita e a experiência é juiz de todas as coisas. F. Lyotard (1984) define a pós-modernidade como “incredulidade para com as metanarrativas”, que Kevin Vanhoozer traduz para: “Desconfie de toda voz que pretenda lhe ensinar ‘é assim que funciona’” (1995, p. 7). Entendida corretamente, a Bíblia é de fato uma metanarrativa no sentido de que sua história, teologia, poesia, profecia e escatologia são reunidas em um grande relato abrangente. O Deus da Bíblia supervisionou o projeto todo, demonstrando continuidade, significado e importância dentro de cada livro bíblico, bem como entre eles. O evangelista cristão é convocado para contar essa história e a trabalhar para viver de modo coerente com ela. E essa grande história está sintetizada em Romanos 3.21-26 de uma maneira extraordinária. Considerando que Deus é o autor da Bíblia, seu conteúdo é verdadeiro. Esse breve resumo feito pelo apóstolo Paulo insiste em que o dilema humano é tão sério a ponto de invocar o mais elevado e melhor esforço da parte de Deus: a dádiva de Jesus Cristo como sacrifício perfeito e satisfatório para Deus. Esse Filho de Deus sem pecado morreu por nossos pecados e, com isso, assegurou nossa redenção e salvação, decretando perdoados e justificados os pecadores que creem. A guerra acabou, e todos esses pecadores justificados (veja Rm 5.6-8) foram libertados, reconciliados com Deus e presenteados com as vestes de justiça de Deus para delas se revestirem (veja Rm 13.14; 2Cor 5.21; Gl 3.27).

Em nosso presente contexto cultural, portanto, o evangelista cristão deve estar comprometido com a proclamação do evangelho, usando as palavras de Deus na Bíblia e voltando seu foco para Jesus Cristo. Essa proclamação inevitavelmente será centrada na morte de Cristo na cruz, substitutiva e sacrificial, por nossos pecados. E enfatizará que Deus proveu essa salvação por sua graça gratuita para que nenhum de nós jamais possa se vangloriar do que fez para conquistá-la ou merecê-la. No fim, as boas-novas são as de que Deus trocou nossa pecaminosidade por sua justiça: “Daquele [Cristo] que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21). Tudo isso contribui para a resposta poderosa à questão maior: como pode um pecador passar a ter um relacionamento de justiça com o Deus trino e santo? A resposta é que a solução já foi preparada: Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou no terceiro dia, de acordo com as Escrituras.

O evangelho cristão é baseado na verdade contida na Palavra de Deus, a Bíblia. O evangelista que fundamentar sua mensagem nessa verdade revelada pisará em terreno sólido. Além disso, o relato bíblico é um registro abrangente da fidelidade

de Deus a seu povo, apesar da rebeldia e da desobediência deste. A história da salvação tem um grande final para aqueles que respondem ao chamado para o arrependimento e creem no evangelho (veja Mc 1.15). Como evangelistas evangélicos, pertencemos a uma longa linhagem daqueles cuja experiência tem dado credibilidade à verdade do relato bíblico. No fim do segundo milênio, somos chamados a viver o evangelho, a sermos coerentes com sua totalidade e verdade.

Kevin Vanhoozer adverte contra uma “inerrância barata”, expressão que se refere a “professar a inerrância sem ser discípulo” (1995, p. 19). Essa combinação de falar e praticar a verdade é com certeza o modo melhor e mais convincente de compartilhar a fé em uma cultura pós-moderna. Os evangélicos podem aprender com os evangelistas do Novo Testamento, cuja paixão pela verdade tomou a forma de “evangelismo, com o objetivo da conversão”. Mas, em nossa paixão pela verdade, devemos evitar associar a verdade divina com coerção. Muitos dos nossos contemporâneos experimentaram esse tipo de encontro com alguns de nós e, como consequência, tornaram-se endurecidos para a verdade do evangelho. Com todo o diálogo sobre tolerância no ambiente pós-moderno/pluralista, os evangelistas cristãos precisam aprender a “combinar a paixão pela verdade com a tolerância em relação aos outros [...]. A paixão pela verdade não precisa nos tornar intolerantes com os outros, embora nos torne intolerantes com a falsidade e o engodo” (Vanhoozer, 1995, p. 24).

## Referências

- BERGER, Peter. 1967. *The sacred canopy: elements of a sociological theory of religion* (Garden City: Anchor Books).
- \_\_\_\_\_. *O dossel sagrado* (São Paulo: Edições Paulinas, 1985). Tradução de: *The Sacred canopy: elements of a sociological theory of religion*.
- COLE, Graham A. 1998. “Proclaiming Christ in postmodern times”. Comunicação não publicada; proferida na Oak Hill Theological College em 29 de abril.
- GUINNESS, Os. 1983. *The gravedigger file: paper on the subversion of the modern church* (London: Hodder and Stoughton).
- LUTERO, Martinho. 1546 [1967]. *Commentary on the Epistle to the Romans*. Trad. J. Theodore Mueller (Grand Rapids: Kregel).
- LYOTARD, Jean-François. 1984. *The postmodern condition: a report on knowledge* (Minneapolis: University of Minnesota Press).
- \_\_\_\_\_. *A condição pós-moderna* (Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002). Tradução de: *The postmodern condition: a report on knowledge*.
- MOO, Douglas J. 1996. *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans).
- MORRIS, Leon. 1988. *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans).
- VANHOOSER, Kevin J. 1995. “Exploring the world; following the word: the credibility of Evangelical theology in an incredulous age”. *Trinity Journal* 11, p. 3-27.

## CAPÍTULO 12

---

### DESCRIÇÃO DO POSTO DE EMBAIXADOR

2Coríntios 5.11-21

*Colin S. Smith*

Foi um voo longo até a capital e você está ansioso porque não sabe o motivo da reunião. Só sabe que ele quer vê-lo — pessoalmente. Embora vocês se comuniquem sempre, ele nunca fez esse tipo de convite, por isso você tem a impressão de que alguma coisa está para acontecer.

A viagem foi uma oportunidade para refletir sobre tudo o que tem passado desde que lhe foi designado o posto em Materialístia. Por muitos anos, foi considerado uma das melhores colocações de trabalho — tem clima quente e pessoas acolhedoras, que respeitam professores, médicos, polícia e até advogados, sem mencionar gente como você, incumbida de tarefas importantes. Materialístia é um lugar próspero e sua missão tem sido bem-sucedida.

Você chega cedo e aguarda nervoso até que, pontualmente, levam-no para o interior de um escritório magnífico. Já o conhece de fotografias vistas muitas vezes, mas estar ali é diferente.

— Que bom vê-lo, meu amigo — diz ele. — Você tem feito um excelente trabalho para nós em Materialístia.

— Um lugar encantador para servir, senhor — você responde. — O povo o tem em alta conta e me recebeu muito bem. Há muita boa vontade para conosco.

— Sim, sim — diz ele — Claro, nunca se deve confundir boa vontade com aquiescência.

— Sem dúvida, senhor. Há muitos que não gostam das nossas diretrizes. Mas pelo menos sabem o que são, e quando o barco em que navegam bate nas rochas, eles sabem para onde se voltar.

— Bem, chamei-o aqui porque tenho uma nova missão para você — ele explica. — Como sabe, a população de Materialístia está diminuindo. A taxa de natalidade tem caído e muita gente emigrou. Necessitamos marcar presença onde as pessoas estão. Assim, quero que você vá e lidere nosso empreendimento entre a população de Pós-Modérnia, que está em franca expansão.

— Pós-Modérnia, senhor?

— Sim, Pós-Modérnia. Milhões de pessoas consideram-na um lugar atrativo para se viver, embora eu não consiga entender por quê. Nenhuma dessas pessoas chegou a visitar nosso país, e a maioria é completamente ignorante quanto ao que estamos fazendo. Onde você trabalhou no passado, as pessoas reconhecem nosso governo mesmo que nos ignorem, mas, em Pós-Modérnia, ninguém sabe nem quem somos!

— O povo lhe parecerá muito cativante. Eles o receberão bem. Na verdade, eles recebem a todos bem, independentemente da tarefa que tenham a cumprir. Quando explicar nossas diretrizes, perceberá que eles as considerarão ótimas para você, devido ao fato de você ter vindo do nosso país, mas acharão que não têm nada a ver com a vida deles, porque moram em Pós-Modérnia.

— Mas, senhor, com certeza esse povo deve conhecer o alto nível de comprometimento que temos com eles e quanto dependem da nossa ajuda. Sem nossas exportações, seu suprimento de alimentos se esgotaria. Sem nossa proteção, sua defesa seria facilmente sobrepujada. Sem nosso apoio, sua economia ruiria!

— Bem poucos têm consciência dessas coisas — ele diz. — O povo de Pós-Modérnia vive a ilusão de ser autossuficiente.

Ele estreita os olhos ao se inclinar para a frente. — Trata-se de uma tarefa árdua. Pôs fim à carreira de alguns dos nossos melhores elementos. O último homem que enviamos provou-se pouco confiável. Nós o mandamos para lá muito bem informado sobre nossas diretrizes, e ele realizou um trabalho maravilhoso envolvendo a população. Parecia bastante atraído por aquelas pessoas. Com o tempo, no entanto, passamos a ter cada vez menos notícias suas, e agora ele interrompeu completamente o contato conosco. O que quer que esteja fazendo, com certeza não está trabalhando para nós. Por isso, estou agora confiando a operação a seus cuidados. Quero que faça o mesmo trabalho que já vem realizando em Materialístia. Represente-nos. Aumente a conscientização sobre o que alegamos e faça todo o possível para convencer o povo da nossa causa.

Em 2Coríntios 5.20, o apóstolo Paulo oferece uma figura maravilhosa da natureza do ministério cristão: somos embaixadores de Cristo. Somos enviados pelo Cristo ressurreto e comissionados para operar como seu representante em um cenário cultural específico.

Muitos de nós têm sido usados para servir a Cristo em uma cultura em que as categorias básicas do evangelho são conhecidas, mesmo que não cridas. Nesse novo século, o Senhor nos tem conferido uma nova missão. Somos embaixadores de Cristo, chamados para levar a sua palavra a uma cultura pós-moderna.

Podemos definir o embaixador como um representante de governo, comissionado para servir em um país estrangeiro com o propósito de transmitir com exatidão a postura e as diretrizes do governo que representa, de modo que o povo a quem ele foi enviado seja levado a travar relações com o país a que serve e a manter um bom relacionamento com seu governo.

Não é fácil servir como embaixador de Cristo no mundo pós-moderno. As pessoas a quem falamos não conhecem o país que representamos. Algumas não aceitam a autoridade ou a existência do governo em nome do qual falamos. Outras acham difícil enxergar de que maneira as diretrizes do nosso país têm alguma relação com elas. Um número cada vez maior de pessoas questiona se é possível haver uma diretriz de governo e, mesmo que haja, a maioria duvida da nossa capacidade de descrevê-la com exatidão! Mas a embaixada está aberta, e nossa função é servir como embaixadores de Cristo em Pós-Modérnia.

## O PERFIL DO EMBAIXADOR

Coloque-se na pele do secretário de Estado que precisa decidir quem indicar como novo embaixador. Que qualidades você procuraria na pessoa a ser escolhida?

### **LEALDADE**

Ao selecionar um candidato, a lealdade será uma qualificação fundamental. A maior pressão sobre qualquer diplomata enviado em missão ao estrangeiro será a de se tornar tão imerso na cultura do outro país, que se esquecerá de que foi colocado ali para representar uma voz diferente.

Para ser eficaz, o embaixador terá de lembrar que tem contas a prestar. Seu trabalho pode ser elogiado ou criticado pelo povo ao qual foi enviado, mas o que de fato importa é a avaliação do governo que o enviou. Paulo manteve essa ideia sempre em mente. “Por isso também nos esforçamos para agradá-lo [...]. Pois é necessário que todos sejamos apresentados diante do tribunal de Cristo” (2Co 5.9,10).

Eis um primeiro princípio do ministério. Um dia estarei sozinho diante de Jesus Cristo, que me enviou, e apresentarei um relatório do meu ministério. Isso não é coisa que nenhum de nós deveria encarar com leviandade. Paulo diz: “Sabendo o que significa temer o Senhor” (v. 11). Conquanto nenhum cristão tenha de suportar a ira de Deus, nosso trabalho será testado pelo fogo do Senhor. Por isso, devemos ser cuidadosos com o modo que edificamos.

Um embaixador que se esquece dessa prestação de contas é um desastre na iminência de acontecer. O embaixador eficaz de Cristo vive diariamente com a consciência de que foi enviado por Deus, que lhe exigirá uma prestação de contas, e esse conhecimento lhe norteia prioridades e atividades.

### **INTEGRIDADE**

A integridade de um embaixador é importante por dois motivos. Primeiro, se ela lhe faltar, a presença do embaixador prejudicará a reputação do seu governo aos olhos do povo ao qual ele foi enviado. Segundo, envia-se um embaixador para que, através do estabelecimento de relacionamentos pessoais de confiança, surja uma ponte de entendimento e comunicação.

Seria muito mais barato para os países se comunicarem via *e-mail* do que abrindo embaixadas e enviando embaixadores mundo afora. Acontece que a comunicação mais eficaz é a pessoal. Quando ouvimos qualquer forma de comunicação, nossa percepção do falante age como um filtro pelo qual analisamos suas palavras. Se confiarmos na integridade do falante, estaremos mais receptivos para analisar o conteúdo de uma mensagem.

Paulo parte desse pressuposto em 2Coríntios 5.11: “Já somos bem conhecidos por Deus, e espero que também sejamos bem conhecidos em vossa consciência”. Essa é uma declaração de integridade. Claro, ele tinha muitos detratores. Pessoas tentaram questionar suas motivações e competência, mas lhes faltava base para fazê-lo.

### **HUMILDADE**

O trabalho do embaixador é modesto por natureza. Sua tarefa não é recomendar a si próprio, mas o governo que representa. É chamado para usar sua influência pessoal não em interesse próprio, mas em prol de seu governo. Seu sucesso não está em ser aceito pelo povo, mas em que o povo aceite a política do seu governo. É pouco provável que o embaixador cujo interesse principal seja o de promover as próprias opiniões se torne um porta-voz eficaz de seu governo.

Isso é de grande importância quando se está falando para uma cultura sensível ao uso de afirmações de verdade como meio de exercício do poder. Não são poucos os pastores cristãos cujo ministério apresenta mais do que um traço leve de tirania.

Observe como Paulo expõe o assunto aqui: “Não estamos de novo nos recomendando a vós” (2Co 5.12). Em outras palavras, “Não estamos edificando uma base pessoal de poder”. Há grande humildade nisso. Esta era a chave do apóstolo para lidar com a crítica. “No entanto, pouco me importa se sou julgado por vós, ou por qualquer tribunal humano [...]. Pois quem me julga é o Senhor” (1Co 4.3,4). Nunca faltaram críticas a Paulo da parte da cultura circundante. Há uma prova disso nessa passagem. “Porque, se enlouquecemos, é por Deus que enlouquecemos” (2Co 5.13). Por que Paulo diria isso se algumas pessoas em Corinto não estivessem alegando que ele era insano?

Não nos falta a mesma crítica hoje. De acordo com o psicólogo Robert Jay Lifton, “Aqueles que são coerentes em suas crenças, que tentam viver de acordo com um conjunto específico de princípios, que imaginam ter uma única identidade essencial estão [...] mentalmente enfermos”.<sup>1</sup>

Cristo nos disse que o preço do ministério incluiria homens dizendo todo tipo de maldade contra nós. É preciso humildade para representá-lo em uma cultura estrangeira.

### **ESPIRITUALIDADE**

Seria estranho um embaixador italiano que não demonstrasse apreço por arte, ou um embaixador americano que não mostrasse iniciativa ou espírito empreendedor! Esperamos naturalmente que um embaixador expresse na vida pessoal os valores essenciais da cultura que representa. Portanto, que qualidades seriam mais esperadas na vida de um embaixador de Jesus Cristo?

É muito interessante que Paulo oponha dois tipos de pessoas envolvidas no ministério cristão. Por um lado, há “os que se orgulham das aparências”; por outro, quem se mostra preocupado com “o que está no coração” (2Co 5.12).

Quando o mundo nos pergunta “O que você alcançou?”, é muito fácil apontar para nossos programas ou números. Essas coisas são boas, mas são visíveis, aparentes. E as coisas do coração? O embaixador eficaz de Jesus Cristo em uma cultura estrangeira precisa cultivar a espiritualidade na própria vida. Para ser eficaz, ele deve ser uma boa expressão pessoal daquilo que recomenda.

### **AMOR**

O embaixador eficaz combina lealdade patriótica a seu governo com um amor ardente pelo povo ao qual é enviado. Qualquer vestígio de preconceito contra o povo que é o alvo da sua missão o tornará inadequado.

<sup>1</sup>Citado em “A postmodern scandal”, *World Magazine* (21 de fevereiro, 1998).

Observe como Paulo coloca isso: “O que nos motiva é o amor de Cristo” (2Co 5.14). Ele não está dizendo que a força motriz do seu ministério é o amor que ele próprio sente por Cristo. Nosso amor por Cristo tem altos e baixos e às vezes é menor do que deveria. Ele está dizendo que a força motriz do seu ministério é o amor constrangedor que Cristo tem pelo povo para o qual Paulo foi enviado. Quando pensa no quanto Cristo ama esse povo, sente-se impulsionado a seguir em frente.

Juntando as qualidades da lealdade, da integridade, da humildade, da espiritualidade e do amor, fica muito claro que a primeira coisa indispensável para se alcançar qualquer cultura é caráter. Robert Murray McCheyne estava certo em sua convicção de que a maior necessidade do povo para o qual fora enviado era que ele mantivesse sua santidade pessoal. Deus não usa tanto grandes dons quanto usa uma grande semelhança com Jesus. As qualificações bíblicas para a liderança espiritual (e.g., At 6 e 1Tm 3) deixam claro que o maior interesse de Deus é o caráter. Um mundo pós-moderno não ouvirá nossas palavras até que tenha a atenção atraída pela qualidade da nossa vida.

## A RESPONSABILIDADE DO EMBAIXADOR

A importância do papel de um embaixador dependerá quase que inteiramente do nível de interesse que o governo dele tem pelo povo para o qual o enviou. Em um livro cativante sobre a vida de um embaixador, o diplomata britânico Humphrey Trevelyan descreve a vida na embaixada em um posto avançado distante. O embaixador, diz ele, “pode sentar-se calmamente em seu escritório, lendo o jornal mais recente do seu país, feliz e consciente de que só pode ser interrompido por dois escriturários e uma estenógrafa [...] e de que é pouco provável que alguém de seu país o fará sair da sua cadeira para atender a um inoportuno telefonema!” (1973, p. 29).

Uma vida assim pode ser muito agradável, mas dificilmente será significativa. Visite a embaixada americana em Londres ou em Pequim, no entanto, e você encontrará um cenário muito diferente. Todos os dias há comunicados novos e atividade constante. Se o governo nunca tem nada a falar, o embaixador não tem nada a dizer. Mas, se o governo tiver interesses vitais em um país, o embaixador terá a seu cargo uma grande responsabilidade.

Como embaixadores de Cristo, somos designados a um “país” em que nosso Senhor tem interesses vitais. Se Deus não tivesse nenhuma palavra às pessoas a nossa volta, não teríamos nada a dizer. Mas as pessoas entre as quais vivemos recebem diariamente atenção concentrada do Soberano. Deus tem uma palavra para o povo ao qual somos enviados, e confia a nós sua transmissão.

Nossa definição do papel do embaixador deixa isso claro. Ele é um representante do governo, comissionado para servir em um país estrangeiro *com o propósito de*

*comunicar com exatidão a posição das políticas do governo que ele representa*, de modo que o povo ao qual se dirige seja levado a travar e a manter boas relações com o governo do país que o embaixador serve. Duas coisas serão requeridas de nós, se pretendemos cumprir essa responsabilidade: ouvir como alguém que se submete à autoridade e falar como alguém a quem foi conferida autoridade.

### ***O EMBAIXADOR DEVE OUVIR COMO ALGUÉM QUE SE SUBMETE À AUTORIDADE***

“[Deus] nos confiou o ministério da reconciliação” (2Co 5.19). O embaixador eficaz é aquele que transmite fielmente o que lhe foi dado dizer. Os planos já foram traçados para ele. Suas principais preocupações são as principais preocupações do seu governo. Ele não tem liberdade de acrescentar interpretação pessoal à fala do governo. Na verdade, seria extremamente perigoso se o fizesse.

A igreja é uma embaixada. Ela tem de ser sensível à cultura em que está inserida, mas atenta à autoridade do governo que serve. A vontade do governo determina seu programa, prioridades e políticas. Com certeza, devemos responder às perguntas do povo, mas isso não nos dá o direito de calar sobre questões que o governo nos disse para levantar.

Isso significa que a maior prioridade do embaixador deve ser manter boa comunicação com o governo que o enviou, ouvir a palavra que lhe chega de seu país e estar suscetível a ela. O embaixador faz isso dando cuidadosa atenção às declarações, informes e diretrizes que lhe são passados. Sua tarefa é estudá-los e transmitir-lhes o conteúdo de tal modo que as pessoas a sua volta apreendam o significado pretendido pelo governo quando elaborou essas diretrizes.

Deus nos deu uma declaração da sua política. Deu-nos sua Palavra. Nossa tarefa é estudá-la para compreender como ela afeta nossos atos e a cultura ao nosso redor, e expressar sua mensagem de modo que as pessoas a nossa volta consigam compreender.

É crucial que reconheçamos a primazia da Palavra escrita que Deus nos deu. Imagine um embaixador americano na China tentando entender a política americana por meio de momentos de silêncio e meditação! Imagine-o sentado numa postura de reflexão, ouvindo seus sentimentos e então dizendo ao governo chinês os pensamentos que lhe ocorreram. Imagine-o equiparando esses pensamentos com a política externa americana!

Impressões subjetivas são a língua natural das religiões não cristãs. O deus delas não fala, de modo que a única voz que seus adeptos conseguem ouvir é o eco da própria voz. Mas nosso Deus fala! Há uma Palavra exterior a nós que nos foi confiada. Assim como o embaixador assimila a política do governo através da leitura de documentos que lhe são enviados e reflete em seu sentido, também ouvimos o que Deus está dizendo à nossa cultura com uma Bíblia aberta.

Quando nos achegamos à Bíblia, devemos ouvir o que ela de fato diz. O embaixador que lê diretrizes em busca de temas que falem aquilo que sua plateia anseia ouvir simplesmente não entendeu a natureza da sua tarefa ou dos documentos que lhe foram entregues. Essa é a abordagem de alguém voltado para o entretenimento. O embaixador tem um chamado mais elevado. Ele lê o texto com duas questões em mente: primeira, o que o governo está dizendo? E, segunda, como expresse isso de maneira que essas pessoas compreendam?

No momento em que o embaixador para de agir sob a autoridade do governo que o enviou, ele deixa de dar qualquer contribuição útil para a cultura em que vive. Pode ser popular, mas é irrelevante, na melhor das hipóteses, e perigoso, na pior.

### ***O EMBAIXADOR DEVE FALAR COMO ALGUÉM A QUEM FOI CONFERIDA AUTORIDADE***

Toda autoridade é dada. Nenhum de nós tem autoridade em si mesmo. Nós a recebemos quando nos colocamos debaixo dela. Há um exemplo maravilhoso disso nas palavras do centurião cujo servo estava doente. Jesus se ofereceu para ir à casa do homem, mas o centurião declinou. Segundo ele, bastaria que Jesus proferisse as palavras e o servo seria curado. O centurião explicou sua confiança a Jesus do seguinte modo: “Pois eu também sou homem sujeito à autoridade e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem” (Mt 8.9). Esse homem não falava como um cidadão comum, mas como um centurião, e, nessa função oficial, falava com toda a autoridade de Roma. Ele reconheceu que, ao falar, Jesus o fazia com toda a autoridade de Deus.

Em 1965, o governo americano estabeleceu o subcomitê Henry Jackson para inspecionar o serviço diplomático. Seu relatório declara: “Quando um embaixador no estrangeiro negocia ou fala em particular ou em público, sua plateia precisa sentir que ele [...] fala com a autoridade do presidente dos Estados Unidos”.<sup>2</sup> O mesmo princípio se aplica aos embaixadores de Cristo. Quando falamos a palavra fielmente, é “como se Deus vos exortasse por nosso intermédio” (2Co 5.20).

No Antigo Testamento, a marca distintiva dos falsos profetas era que expressavam opiniões pessoais em vez de a Palavra de Deus (v. Jr 23). Eles se esquivavam das verdades incômodas do julgamento de Deus e falavam sobre paz onde não havia paz nenhuma. Imagine a confusão e a raiva do povo ao descobrir que um embaixador que vivia entre eles fora convocado a voltar para casa em função de hostilidades do seu governo prestes a ser liberadas contra aquele país. Imagine a consternação dessa gente quando chovessem bombas e eles se perguntassem por que o embaixador não os avisara que isso aconteceria!

<sup>2</sup>Relatório do subcomitê Henry Jackson, citado em Bailey, 1968, p. 65.

Para que serve um embaixador ao povo à sua volta se ele não lhes conta o que seu governo realmente diz? Haverá momentos em que o bem-estar e a segurança de muitos dependerão da fidelidade desse homem à sua tarefa. O embaixador que falha por deixar de transmitir a Palavra que lhe é confiada torna-se uma distração perigosa, uma irrelevância dispendiosa.

## A MENSAGEM DO EMBAIXADOR

Depois de estabelecer que o embaixador deve ser um ouvinte atento e um interlocutor fiel, passamos agora a considerar as questões que os embaixadores cristãos são especificamente comissionados a suscitar. Nas Escrituras, Deus define com clareza a mensagem que nos tem dado para transmitir.

### *DEVEMOS FALAR SOBRE DEUS*

Paulo estabelece claramente a centralidade de Deus em nossa mensagem. Devemos falar sobre ele.

“Tudo isso vem de *Deus*.”

“*Deus* estava reconciliando consigo o mundo.”

“*Deus* confiou-nos o ministério da reconciliação.”

“É *Deus* que está fazendo seu apelo por nosso intermédio.”

“Reconcilie-se com *Deus*.”

“*Deus* levou Cristo a tornar-se pecado por nós.”

“Temos de nos tornar a justiça de *Deus*.”

Nas palavras de Stuart Briscoe, nosso ministério deve estar centrado em Deus e relacionado às pessoas (1994, p. 125). Não deveria ser o contrário.

Em Pós-Modérnia, necessitaremos explicar quem é esse Deus. Falaremos a uma cultura que não está familiarizada com a identidade dele. Precisaremos contar sua história. Teremos de explicar que, em nosso país, ele tem autoridade absoluta, e que Pós-Modérnia também lhe pertence por direito. Isso não será aceito com facilidade, mas, quaisquer que sejam as dificuldades, nossa mensagem é sobre Deus.

Isso nos confere uma oportunidade maravilhosa. Há algo sufocante em uma cultura em que não existe mais nada além do próprio eu. Pós-Modérnia é um lugar incrivelmente solitário. Uma estudante cristã de um *campus* secular me contou sua experiência de testemunho a uma colega da Nova Era. A menina cristã recorrera a todo seu arsenal de apologética cristã sem perceber nenhum avanço. Estavam prestes a ir cada qual para seu lado, quando a cristã disse:

— Antes de ir embora, posso orar por você?

— Ela começou então a orar e surpreendeu-se ao perceber a jovem adepta da Nova Era irrompendo em lágrimas.

— Simplesmente não consigo acreditar que você esteja falando com ele! — disse ela.

Temos uma oportunidade maravilhosa de compartilhar o Deus que está presente! Precisamos contar aos pós-modernos que eles não estão presos na claustrofobia de um universo solitário onde não há outra voz a não ser o eco da própria voz. Há alguém lá fora, e conhecê-lo é vida eterna. Quando disse a Deus “Tu nos fizeste para ti, e nosso coração se sente inquieto até encontrar descanso em ti”, Agostinho declarava algo verdadeiro até mesmo em Pós-Modérnia.

### ***DEVEMOS FALAR SOBRE JESUS CRISTO***

Não basta falarmos sobre Deus em termos gerais. Fomos enviados especificamente para falar sobre o que Deus fez por meio de Jesus Cristo. O Deus de que falamos é conhecido soberanamente como o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Observe a centralidade de Cristo aqui:

“Se alguém está em *Cristo*, nova criatura é.”

“Deus reconciliou consigo o mundo através de *Cristo*.”

“Somos embaixadores de *Cristo*.”

“Nós lhe imploramos em nome de *Cristo*, reconciliem-se com Deus.”

“*Cristo* foi feito pecado em nosso lugar para que nele pudessemos nos tornar justiça de Deus.”

Isso é importante quando pensamos em nosso ministério em Pós-Modérnia. O objetivo principal da nossa pregação não é que as pessoas compreendam as doutrinas cristãs, mas, sim, que conheçam e apreciem Jesus Cristo. Quando prego um sermão sobre justificação pela fé, fico contente se alguém diz: “Obrigado, pastor, nunca entendi a justificação com tanta clareza”; mas fico ainda mais feliz se alguém diz: “Nunca percebi que Jesus Cristo é tão maravilhoso”.

Paulo nos dá uma ideia fascinante do seu ministério como pregador quando lembra os cristãos gálatas: “Não foi diante de vós que Jesus Cristo foi exposto como crucificado?” (Gl 3.1). A palavra que ele usa para “exposto” tem o sentido literal de “exibido publicamente em um anúncio”. Essa imagem nos dá uma percepção maravilhosa do âmago do ministério cristão. Paulo retratou Cristo. Cabe a nós apresentar esse Salvador cativante a nossos ouvintes. E quando Cristo for exaltado, ele atrairá homens e mulheres para si, mesmo em Pós-Modérnia.

Quando o exaltamos, as pessoas crescem na fé, porque veem o quanto ele é digno de confiança. Os puritanos costumavam falar em “contemplação de Cristo”;

com isso queriam se referir aos momentos em que a alma tem um vislumbre da glória de Cristo, de modo que lá do fundo brota uma expressão profunda de adoração. Paulo disse: “Mas longe de mim orgulhar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14).

É um exercício desafiador para qualquer pregador revisar seus sermões, perguntando-se: “Estou apresentando Cristo?”, “Meu material dá às pessoas uma visão clara do Salvador?”, “De alguma forma as pessoas são elevadas do sufocante ‘mundo do eu’ e têm um vislumbre da glória do Senhor?”.

### **DEVEMOS FALAR SOBRE O PECADO**

Deus reconciliou consigo o mundo “não levando em conta as transgressões dos homens” (2Co 5.19). A maneira pela qual Deus fez isso foi atribuindo essas transgressões a Cristo: “Daquele que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (v. 21).

Essa é uma questão fundamental sobre a qual fomos comissionados a falar. O embaixador tem instruções por escrito que lhe dizem para levantar essa questão na cultura para a qual foi enviado. Ele não está livre para substituir essa questão por alguma outra que julgue mais apropriada. Não podemos ter um evangelho sem pecado assim como não podemos ter um evangelho sem Jesus. Se substituirmos a mensagem do pecado e da expiação por uma mensagem de realização e satisfação em Jesus, pregaremos um evangelho diferente.

Quando o embaixador fala sobre pecado em Pós-Modérrnia, de novo é confrontado com o problema das palavras da Bíblia e o sentido como são vistas. Durante uma recente ida ao supermercado, fiquei interessado ao ver *cookies* com gotas de chocolate em embalagens atraentes chamadas “Seleção Pecaminosa”. Estavam dispostas ao lado das igualmente atraentes “Tentações de Framboesa”. No verso do pacote, fui informado que “nossos *cookies* com gotas de chocolate da série Seleção Pecaminosa têm 40% do peso pecaminosamente composto de puro chocolate. Nunca um *cookie* teve um sabor tão bom”.

Há muita elaboração mental envolvida na comercialização de um produto desses, e parece claro que os fabricantes consideraram *pecaminosa* uma palavra capaz de atrair a maioria das pessoas. Em vez de ser visto como algo degradante que leva ao julgamento de Deus, o pecado é percebido como agradável, algo que só os mais ignorantes evitariam.

Assim, se dissermos que Deus leva o pecado a sério e que precisamos nos arrepender dele, muitos em Pós-Modérrnia concluirão que estamos incomodados com questões insignificantes com as quais pessoas adultas deveriam ser capazes de lidar. O evangelho diz que “Cristo morreu pelos nossos pecados” (1Co 15.3), mas,

se nossos pecados não são percebidos como um problema, o evangelho soará como um antídoto para uma enfermidade improvável, da qual poucos pós-modernos sofrem. Esse é um dos grandes desafios que enfrentamos. Para a maioria das pessoas em nossa sociedade, a palavra *pecado* foi esvaziada de seu verdadeiro significado e preenchida com outro sentido que a torna inofensiva.

O entendimento bíblico do pecado gira em torno da ideia da ofensa a Deus, e é isso que o torna sério. Os julgamentos que fazemos acerca da seriedade de uma ofensa são relativos à coisa ou à pessoa ofendida. Por exemplo, se um homem está capinando seu quintal e fere uma minhoca enquanto maneja a enxada, é provável que não pense muito no incidente. Se, no entanto, levantar a enxada e acidentalmente ferir um passarinho, pode ser que a imagem ainda lhe ocupe a mente quando for dormir à noite. Suponha agora que, ao golpear o chão com a enxada, ele machuque um cachorro. O homem se sentirá na obrigação de parar de trabalhar e levar o cachorro ao veterinário. Mas, se em um movimento mais brusco da enxada, ele ferir um pedestre que estiver passando por perto, pode ir parar no tribunal.

A medida da gravidade do pecado está no fato de ser uma ofensa contra o Deus todo-poderoso. O dr. Jim Packer vem em nosso auxílio com seu comentário de que “pregar o pecado não é tirar proveito das fragilidades das pessoas, mas medir-lhes a vida segundo a lei santa de Deus. O convencimento do pecado não é apenas o sentimento de fracasso total, mas também a percepção de que cometemos uma ofensa contra Deus, de que menosprezamos sua autoridade e de que o desafiamos indo contra ele, colocando-nos assim em falta para com ele” (1961, p. 16).

A perda do senso de pecado em Pós-Modérnia está relacionada em grande medida com a perda do conhecimento de Deus. O pregador cristão é chamado a falar de Deus de tal maneira que o peso da glória de Deus seja transmitido. Quando isso acontecer, o povo de Pós-Modérnia se enxergará sob nova luz.

### ***DEVEMOS FALAR SOBRE RECONCILIAÇÃO***

“Deus [...] nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. Pois Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo, não levando em conta as transgressões dos homens” (2Co 5.18,19).

Nunca devemos deixar as pessoas entregues à contemplação de si mesmas. Temos de despertá-las para os próprios pecados, a fim de ajudá-las a reconhecer a importância de Jesus Cristo e a receber a reconciliação que Deus oferece nele.

Precisamos dizer às pessoas de Pós-Modérnia que Deus, em Cristo, está reconciliando o mundo consigo, sem levar em conta as transgressões dos seres humanos, mas atribuindo-as a Cristo. “Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (v. 21).

Lutero expressa essa verdade profunda de maneira poderosa com as seguintes palavras:

Nosso mui misericordioso Pai, vendo-nos oprimidos e subjugados pela maldição da lei, e destinados a sermos mantidos debaixo dela de modo a nunca sermos libertos por esforço próprio, enviou seu único Filho ao mundo e colocou sobre ele todos os pecados da humanidade dizendo: Sê tu Pedro, o que nega; Paulo, o perseguidor, blasfemo e opressor cruel; Davi, o adúltero; sê tu o pecador que comeu a maçã no Paraíso; o ladrão que pendeu da cruz; por um breve momento, sê tu aquele que cometeu os pecados de todos os homens; e cuida, portanto, de pagá-los e expiá-los por eles.<sup>3</sup>

Deus providenciou reconciliação em Jesus Cristo, e é tarefa dos embaixadores de Cristo convencer homens e mulheres a recebê-la. Lutero usa uma imagem muito útil de como isso acontece quando fala da fé que une a alma a Cristo como a noiva se une a seu noivo:

Por este mistério, como ensina o apóstolo, Cristo e a alma se tornam uma só carne. E se são uma só carne e há entre eles um verdadeiro casamento [...] segue-se que tudo que têm é em comum, tanto o bem quanto o mal. De igual modo, a alma que crê pode se orgulhar e vangloriar do que quer que Cristo tenha como se lhe pertencesse, e tudo o que a alma tem Cristo reivindica para si.<sup>4</sup>

### ***DEVEMOS FALAR SOBRE ESPERANÇA***

“Se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas” (2Co 5.17).

Pós-Modérnia é povoada de gente bastante pessimista. Em uma cultura em que as pessoas não creem que exista um Deus fora delas, logo se tornam prisioneiras de si mesmas. Quando olho para trás nesses quase 20 anos de trabalho pastoral, fico perplexo com o número de pessoas prisioneiras do desespero por causa de um determinismo psicológico popular. Acreditam que são produto da hereditariedade e do ambiente, e que têm a vida moldada pelos pais e pelas primeiras experiências de vida.

Muitos em Pós-Modérnia viveram experiências muito tristes logo cedo. Alguns ficaram profundamente feridos. A maioria tem consciência de alguma área da vida que se deteriorou em razão de experiências passadas. Se fora do eu destruído não há nenhuma fonte de socorro, onde encontrar esperança?

<sup>3</sup>Do comentário de Gálatas, de Lutero, como citado em Stott, 1986, p. 345.

<sup>4</sup>De *The freedom of a Christian*, de Martinho Lutero, como citado em Dillenberger, 1961, p. 60.

Os embaixadores de Cristo em Pós-Modérnia têm a oportunidade maravilhosa de falar sobre o Deus que tem poder para endireitar vidas tortas e curar pessoas machucadas e destruídas. Essa é a esperança do evangelho. *Existe* um modo de extrapolar os pequenos horizontes e as possibilidades limitadas da prisão que se chama “eu”.

A Bíblia está repleta de histórias que elucidam essa esperança. Jacó lutou desde o dia em que nasceu. Fazia parte da sua natureza. Suas primeiras experiências foram em uma família dividida, na qual trapacear era a norma. No início de sua vida adulta, ele também parece à vontade com o engano. Sua história de conflitos o levou a se afastar da família. Mas então se encontrou com o Deus que endireita pessoas com vidas tortas. Começou a lutar com Deus também, mas esse Deus fez dele uma nova pessoa.

O evangelho oferece algo que é muito mais do que qualquer programa de desenvolvimento pessoal. É a vida de Deus que invade a alma humana e lhe confere nova identidade e novas capacidades. É o braço de Deus que se estende para dentro das águas turbulentas da experiência humana e ergue a pessoa. Essa é a mensagem confiada aos embaixadores de Cristo. Somos especificamente comissionados para tocar nesses assuntos em Pós-Modérnia.

## O OBJETIVO DO EMBAIXADOR

O que de fato o embaixador está tentando alcançar? E como ele poderia medir a eficácia do seu trabalho?

Definimos o embaixador como “um representante de governo, comissionado para servir em um país estrangeiro com o propósito de comunicar com exatidão a postura e as diretrizes do governo que ele representa, *de modo que o povo a quem ele foi enviado seja levado a travar relações com o país que o embaixador serve e a manter um bom relacionamento com seu governo*”.

Esse é o objetivo! Queremos ver edificado um bom relacionamento entre o Salvador a quem amamos e as pessoas que ele colocou ao nosso redor. Mas como medimos a eficácia desse trabalho?

Medir a eficácia espiritual é sempre uma tarefa difícil, mas a metáfora do embaixador nos auxilia. A dificuldade da tarefa atribuída ao embaixador dependerá em grande medida da predisposição da cultura a sua volta com relação ao governo ao qual ele serve. Há toda a diferença do mundo entre a tarefa de um embaixador americano em Londres e no Teerã. Eric Clark descreve a tarefa do embaixador americano em Londres como “inexistente, de forma geral” (1973, p. 134). O que ele quer dizer, claro, é que existe um relacionamento tão caloroso entre os dois países que, na maioria das questões internacionais, os Estados Unidos podem contar com o apoio da Grã-Bretanha. Isso torna a vida do embaixador muito mais fácil. Não há esse luxo para um embaixador americano no Irã, na China ou em Cuba.

Mas como reagimos a isso? Dizemos que o embaixador em Londres é mais valioso do que o embaixador em Pequim porque ele consegue acordos mais consistentes com a política de governo americana? Os embaixadores não jogam em condições sempre iguais. É da natureza de seu trabalho que alguns tenham tarefas consideravelmente mais difíceis do que outros. Seria bastante ridículo para qualquer governo dizer: “Precisamos colocar nosso dinheiro onde possamos obter resultados, então vamos mandar embaixadores só a lugares que demonstrem boa vontade para conosco”. Na verdade, é mais provável que um governo envie seus melhores embaixadores aos lugares mais difíceis.

Portanto, quando dizemos que o objetivo do embaixador é que “o povo a quem ele foi enviado seja levado a travar relações com o país que o embaixador serve e a manter um bom relacionamento com seu governo”, falamos de um objetivo a se buscar, não um parâmetro a partir do qual se julgar. Isso é muito importante para nossa compreensão de ministério. Ao enviarmos embaixadores de Cristo às nações do mundo, temos de reconhecer que eles operam em climas espirituais diferentes.

Dois homens se mudam para casas próximas na primavera do mesmo ano. Ambos são jardineiros e resolvem plantar legumes no jardim. O primeiro começa a carpir e descobre que a terra é dura como argila, e toda vez que enterra a enxada nela, extrai pedras. É um trabalho árduo e, no fim do verão, seus legumes estão bem pequenos. Na casa ao lado, o vizinho tem uma experiência diferente. Ele descobre que o solo é fértil. Não há pedras nele, de modo que, ao enfiar a enxada no solo, a terra se solta facilmente. Semeia a mesma semente e, no fim do verão, seus legumes estão magníficos. Qual deles é o melhor jardineiro?

A diferença não está no jardineiro, mas no jardim. Um jardim foi negligenciado. O dono anterior nunca usou uma enxada. O outro foi trabalhado, aguçado e fertilizado ano após ano, de modo que o novo proprietário tem o prazer de colher o fruto do trabalho de outro homem.

Onde o solo está duro alguém precisa começar a cavar, e Deus envia alguns de seus melhores embaixadores aos lugares mais duros. Todavia, até nos solos mais duros, o objetivo é o mesmo. Os embaixadores sempre são enviados em esperança, e Paulo deixa claro que devemos perseguir nosso objetivo por meio de persuasão e apelo, tendo a transformação como visão.

### **PERSUASÃO**

“Portanto, sabendo o que significa temer o Senhor, procuramos *convencer os homens*” (2Co 5.11, grifo do autor). A palavra *convencer* é muito importante. A conversão não é um conjunto de sentimentos religiosos. Uma pessoa se torna cristã quando ela é persuadida da verdade do evangelho e, com base nisso, confessa

Jesus Cristo como Senhor (v. Rm 10.9). O livro de Atos está cheio desse tipo de vocabulário:

“Falava e *debatia* também com os judeus de cultura grega” (9.29).

“Segundo o seu costume, Paulo compareceu à reunião deles, e por três sábados *examinou* com eles as Escrituras” (17.2).

“Ele *debatia* todos os sábados na sinagoga e *convencia* judeus e gregos” (18.4).

“Paulo entrou na sinagoga e, durante três meses, falava-lhes abertamente, *argumentando e convencendo* os judeus acerca do reino de Deus” (19.8).

“E ficou ali um ano e seis meses, *ensinando* a palavra de Deus entre eles” (18.11).

“*Pregando* o reino de Deus e *ensinando* as coisas concernentes ao Senhor Jesus Cristo” (28.31).

“Desde a manhã até a noite, Paulo *lhes explicava* com bom testemunho o reino de Deus e *procurava convencê-los* acerca de Jesus, tanto pela Lei de Moisés como pelos Profetas” (28.23).

Paulo não está sugerindo que podemos levar as pessoas ao reino pela argumentação, mas deixa bem claro que ninguém pode entrar no reino sem ser convencido da verdade acerca de Jesus Cristo.

Por isso, um embaixador fiel deve estar comprometido com o ensino da Bíblia. Há muitas maneiras pelas quais podemos atrair uma multidão; contudo, se pretendemos evangelizar, devemos pôr a verdade do evangelho em palavras para que as pessoas entendam o que Deus lhes está dizendo. Se isso não acontecer, o evangelismo não aconteceu.

## APELO

“Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos exortasse por nosso intermédio. Assim, suplicamo-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.20).

Há uma paixão por trás da palavra *suplicamos*. Paulo está profundamente preocupado com a resposta das pessoas a sua volta à mensagem de Cristo. Ele não é um filósofo que encontra realização dando palestras bem preparadas, mas um pastor que sente um peso pela alma das pessoas.

O embaixador de Cristo não pode desempenhar seu trabalho de maneira desinteressada. As questões são de importância eterna. Sua mente deve estar cheia da verdade de Deus. Seu coração deve estar repleto da paixão de Deus.

Quando Paulo suplica às pessoas que se reconciliem com Deus, diz-nos que é “como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio (2Co 5.20,

NVI)". A ideia de Deus fazendo um apelo é bastante surpreendente. Normalmente, os fracos fazem um apelo aos fortes. Os pobres apelam aos ricos. Não seria de surpreender se lêssemos sobre pecadores apelando a Deus. No entanto, aqui temos Deus fazendo um apelo aos pecadores! Na criação, Deus fala e acontece: as estrelas são suspensas no espaço por uma única palavra de seu comando. Contudo, em Cristo, Deus nos faz um apelo para que nos reconciliemos com ele.

Deus faz seu apelo por meio das palavras de seus embaixadores. Quando falamos, é como se o próprio "*Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio*". Esse é o mistério da pregação. Um homem se levanta e fala da Bíblia, e algo mais acontece. Deus fala. Quando sua Palavra é aberta, ele estende a mão através das palavras do orador até atingir o coração de quem ouve.

O embaixador busca evocar um veredito e servir de intermediário para um relacionamento. Ele é apaixonadamente comprometido com seu governo e profundamente preocupado com o povo a quem foi enviado. Ele vê na reconciliação os benefícios incríveis para as pessoas e as consequências terríveis da permanência da alienação. Não há para ele maior alegria do que ver a reconciliação entre o povo a quem foi enviado e o Senhor a quem serve.

### **TRANSFORMAÇÃO**

Como embaixadores de Cristo, nosso alvo é que as pessoas a nossa volta "não vivam mais para si [mesmas], mas para aquele que por [elas] morreu e ressuscitou" (2Co 5.15). Essa seria uma transformação verdadeiramente radical em Pós-Modérnia!

O incrível é que Deus nos tem dado a dignidade de ser seus colegas de trabalho. Enquanto seus embaixadores buscam convencer e convidar, o próprio Deus trabalha para transformar. Nosso Deus pode pegar pessoas pós-modernas, voltadas só para si, e libertá-las para viver uma vida redirecionada para a glória dele.

É difícil pensar em privilégio mais elevado do que o chamado para ser embaixador de Cristo em Pós-Modérnia. Deus nos envia para transmitir sua palavra de reconciliação a nossos contemporâneos que não sabem quem ele é ou o que fez. Cristo falará pela boca de seus embaixadores e, por meio do trabalho deles, reconciliará muitos pós-modernos com Deus.

### **Referências**

- BAILEY, T. A. 1968. *The art of diplomacy: the American experience* (New York: Appleton-Century-Crofts).
- BRISCOE, Stuart. 1994. *Fresh air in the pulpit* (Grand Rapids: Baker).
- CLARK, Eric. 1973. *Diplomat: the world of international diplomacy* (New York: Taplinger Publishing Company).

- DILLENBERGER, J., org., 1961. *Martin Luther: selections from his writings* (Londres: Lutterworth).
- PACKER, J. I. 1961. *Evangelism and the sovereignty of God* (London: InterVarsity Press).
- \_\_\_\_\_. *A evangelização e a soberania de Deus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).  
Tradução de: *Evangelism and the sovereignty of God*.
- STOTT, John R. W. 1986. *The cross of Christ* (Leicester: InterVarsity Press).
- \_\_\_\_\_. *A cruz de Cristo* (São Paulo: Vida, 2008). Tradução de: *The cross of Christ*.
- TREVELYAN, Humphrey. 1973. *Diplomatic channels* (Boston: Gambit, Inc.).

# QUINTA PARTE

Igreja, universidade, etnia



## CAPÍTULO 13

---

# CONEXÕES IGREJA-UNIVERSIDADE

### Modelo 1

*Phillip D. Jensen e Tony Payne*

**N**as próximas páginas, tentaremos fazer o seguinte:

- delinear o contexto da vida universitária na Austrália, em que nosso modelo particular de ministério tem sido construído;
- extrair algumas lições evidentes da história do ministério evangélico universitário;
- esboçar uma teologia da igreja;
- explorar a relação entre igreja e organização pareclesiástica;
- tratar da relação entre igreja e adoração;
- explicar a estratégia para treinamento que desenvolvemos na Universidade de New South Wales.

Com um programa assim, este ensaio (bem como a apresentação em que se baseou), sem dúvida, tanto é rico em generalizações quanto pobre em notas de rodapé e detalhes. Esperamos que o leitor perdoe as falhas decorrentes do trabalho feito com amplas pinceladas. Ao tentar explicar como nossa igreja tem se saído em seu ministério no contexto de um *campus* universitário — em outras palavras, ao tentar extrair a essência de 25 anos de reflexão e prática bíblica — é difícil deixar de fora qualquer um dos assuntos que listamos no início deste texto. Confiamos em que o resultado será, de alguma maneira, estimulante e encorajador.

## SOBRE NOSSO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

O núcleo deste ensaio (no devido tempo) será teológico, e assim deve ser, porque o pragmatismo sem princípios acaba sendo não só infiel, mas também nada pragmático. Devemos ser conduzidos pelo que Deus nos chama a fazer e não simplesmente pelo que achamos que funciona, pois só Deus sabe o que funciona de fato. Temos de confiar nele e seguir suas instruções.

Antes de chegarmos lá, comecemos esboçando uma imagem do lado que diz respeito à universidade em nossa conexão igreja-universidade. Para início de conversa, não a chamamos escola; nós a denominamos universidade. Na Austrália, escola é para onde se mandam crianças. Universidade é para onde você vai a fim de começar sua educação terciária, por volta dos 18 anos. E quando dizemos “ir para a universidade”, não queremos dizer ir literalmente, porque essa é outra diferença profunda entre o cenário australiano e o americano. Enquanto os adolescentes americanos costumam sair de casa para morar e estudar em uma faculdade de outra cidade ou estado, com alojamento para estudantes, os australianos de 18 anos quase sempre permanecem em seu estado e capital. Quase toda matéria oferecida, digamos, na Universidade de New South Wales (UNSW), em Sydney, também é oferecida na Universidade de Melbourne, na Universidade de Adelaide e assim por diante. Assim, permanecemos onde estamos e moramos em casa até completarmos 21 ou 22 anos.

Isso cria universidades com alunos que moram em suas casas e habitualmente percorrem certa distância todos os dias para chegar até elas — como é o caso da nossa UNSW, que tem 20 mil alunos, dos quais aproximadamente 12 mil estão por lá em qualquer época do ano. É uma universidade de prestígio no contexto australiano — na verdade, no contexto do sudeste asiático, sendo um dos principais destinos de alunos estrangeiros vindos dos nossos vizinhos asiáticos.

Ser uma universidade da qual os alunos vão e voltam todos os dias significa que a maioria dos alunos vem de casa e volta para lá diariamente, gastando em cada trajeto no máximo cerca de duas horas. A média seria por volta de metade desse tempo. Isso implica que a única hora livre ou disponível dos estudantes no *campus* é a do almoço. Eles chegam o mais tarde possível antes das aulas e partem o mais cedo possível, por causa do tempo já gasto no trajeto até lá. Seu compromisso com a vida universitária é mínimo. São alunos que diariamente precisam se deslocar até a universidade.

Todavia, os alunos que diariamente vão de casa para a universidade não são o único grupo em nossas universidades. Existem outros dois grupos importantes. O primeiro é o dos alunos que vêm de áreas rurais de New South Wales até a

universidade, na cidade, e que vivem em alojamentos universitários durante um ou dois anos, antes de se mudarem para um apartamento próximo ao *campus*. O segundo é um grupo que também saiu de casa e veio não só do campo para a cidade, mas do estrangeiro — a maioria da Malásia, da Indonésia, de Hong Kong e da China continental. Eles estão imersos em uma cultura inteiramente nova.

Ambos os grupos de residentes têm uma experiência de vida universitária quase diametralmente oposta à dos alunos que moram em casa. Eles frequentam as mesmas aulas e fazem os mesmos exames, mas não têm quase mais nada em comum.

Por essa razão, desenvolvemos dois tipos diferentes de ministério — o da hora do almoço para os que moram em casa e um ministério de abrangência maior, que trabalha de diferentes maneiras com os alunos estrangeiros e os residentes no *campus*. O ministério com os alunos residentes é muito mais eficaz do que o com os alunos que moram em casa. O que não daríamos por um ambiente universitário como o de muitas faculdades americanas, em que a maioria dos alunos é residente! Um aluno residente está completamente comprometido com a vida universitária. É possível encontrá-los no café da manhã, no almoço, nos fins de semana, até às 2h da manhã!

Grande parte do nosso esforço, portanto, é investida nos grupos menores do *campus* — os de alunos vindos do interior do país e do estrangeiro. Na verdade, o trabalho com o aluno estrangeiro é talvez o mais importante que realizamos, e dedicamos recursos consideráveis a ele. Pela lei, nossos alunos estrangeiros devem voltar para sua terra natal na Ásia depois de concluído o curso. Assim, evangelizando, ensinando e treinando-os durante sua permanência na UNSW, estamos evangelizando o sudeste asiático com mais eficácia do que qualquer organização missionária seria capaz. Mandamos de volta a nata da juventude de um país, plenamente convertida, treinada e pronta para ministrar o evangelho a seus compatriotas. É um trabalho empolgante e estratégico.

## LIÇÕES DA HISTÓRIA

A história do ministério universitário é um dos capítulos mais importantes do protestantismo, e quem se dispõe a se ocupar do ministério nas universidades precisa aprendê-la. Precisa estudar o Student Volunteer Movement [Movimento estudantil voluntário] e o impacto incrível que ele teve na história cristã e missionária. Precisa aprender sobre o Student Christian Movement [Movimento estudantil cristão] (SCM), que dele nasceu. E fazemos um apelo para que nenhum evangélico considere a possibilidade de entrar no ministério estudantil antes de haver estudado a Grande Crise de 1910. Foi o momento decisivo para o ministério estudantil no

século 20; de fato, foi um dos momentos decisivos para os evangélicos conservadores em geral nesse século.<sup>1</sup>

Em 1910, um grupo pequeno de homens em Cambridge (Inglaterra, não Massachusetts) se desentendeu com o SCM, o movimento estudantil cristão mundial da época. O SCM era grande e influente. No entanto, esses poucos homens da Universidade de Cambridge argumentaram que a constante e excessiva ampliação da teologia que vinha acontecendo no SCM fora longe demais. E a questão que motivou a tormenta foi a centralidade da expiação.

É importante observar que ambos os lados da controvérsia concordavam quanto à obra expiatória de Jesus Cristo na cruz e ambos aceitavam a doutrina da substituição penal. A diferença era a seguinte: o SCM dizia que você podia pregar o evangelho sem pregar a expiação, ao passo que o grupo pequeno de alunos de Cambridge argumentava que ela era fundamental para a doutrina cristã e para a pregação do evangelho cristão. Eles argumentavam que, sem a expiação, não havia mais o evangelho. Insistiam em que a proclamação do evangelho deve ter, em seu âmago, Cristo crucificado.

Por causa dessa controvérsia, os alunos de Cambridge se separaram do SCM e formaram o Cambridge Intercollegiate Christian Union [União Cristã Intercollegial de Cambridge], ou CICCUC, como é conhecida. Foi a partir desse momento que a Intersvarsity Fellowship passou a existir.

Se me permitem a franqueza, parece-me que muitos ministérios estudantis evangélicos atuais perderam contato com a própria história no que diz respeito a essa questão. Muitos hoje têm mais em comum com o SCM do que com o CICCUC. Não deixaram de crer na cruz nem na expiação. Simplesmente a eliminaram do centro, e passam o tempo falando de outras coisas — que sem dúvida valem a pena e são importantes em si mesmas, mas que não são a morte de Cristo por nossos pecados. A pregação deles não poderia mais ser resumida como o Cristo crucificado. Se esse aspecto saiu do centro de seu ministério, então, como o SCM, você deixou de fazer um ministério evangélico e está a caminho do desastre. Pode parecer só uma leve diferença a princípio, mas é um divisor de águas. O que decorre disso flui na direção errada. O SCM, claro, tornou-se o Conselho Mundial de Igrejas, que começou como uma organização evangélica conservadora antes de degenerar em liberalismo. O SCM como movimento estudantil seguiu o mesmo caminho e praticamente desapareceu.

O outro aspecto importante da história do ministério estudantil é o papel proeminente desempenhado por organizações pareclesiásticas, começando por Dawson Toppman e os Navigators, e Bill Bright e a Cruzada Estudantil e

<sup>1</sup>Para mais detalhes complementares desse breve relato, veja Horn, 1971 e Barclay, 1977.

Profissional para Cristo. O crescimento desse tipo de movimento e seu sucesso generalizado nos últimos cinquenta anos mais ou menos resultam de vários fatores, entre os quais um dos mais importantes tem sido o fracasso das igrejas em fazer seu trabalho da maneira adequada. As igrejas não estão vendo (como um todo) a importância estratégica do ministério universitário e não têm investido recursos nele.

Em certo sentido, era uma seara à espera de ser colhida, e os visionários que começaram os diversos movimentos estudantis cristãos enxergaram isso. Em outro nível, no entanto, os movimentos estudantis cristãos quase sempre têm se estabelecido deliberadamente como pareclesiásticos. Eles mantêm distância das denominações estabelecidas e evitam a todo custo falar de si mesmos como igrejas — seja para se esquivar de conflitos (por estabelecer uma “igreja rival”), seja para fugir da influência negativa de estruturas eclesiais ímpias.

Em Cambridge, por exemplo, quando a CICCUC foi fundada, todas as faculdades tinham capelães próprios, mas raramente eram evangélicos. A CICCUC, portanto, estabeleceu intencionalmente uma constituição que exigia que quem quer que fosse falar em uma reunião da CICCUC deveria subscrever a sua base doutrinária. O efeito disso foi a exclusão dos hereges que administravam as capelas — a coisa certa a ser feita —; mas isso também produziu certo anticlericalismo na natureza do movimento Intervarsity, talvez um certo antieclesiasticismo.

A CICCUC e a maioria dos ministérios estudantis desde então têm se autodenominado organizações pareclesiásticas, o que significa que você vai à reunião estudantil de sua “paragreja” na noite de sábado ou de quarta-feira (ou nas duas), mas ainda vai a sua igreja local na manhã do domingo. Embora essa situação possa ter sido criada como solução para diversos problemas, a solução em si agora se tornou um problema. Nós criamos uma geração de cristãos que vem aprendendo a ministrar e a evangelizar sem referência à igreja e, portanto, não sabem o que fazer com a igreja quando deixam a universidade. Isso vale sobretudo para o caso dos estudantes convertidos por esses ministérios estudantis. Acabam necessitando de uma conversão à igreja, passo que alguns nunca dão com muito sucesso.

Outro problema surge do sucesso dos movimentos pareclesiásticos nos ministérios estudantis. Diante desse sucesso, as igrejas dizem: “Bem, deixaremos o evangelismo estudantil com vocês e o evangelismo de mulheres com ministérios como Know Your Bible [Conheça sua Bíblia] e Christian Women Communicating International [Mulheres cristãs se comunicando internacionalmente] (CWCI), e o evangelismo dos homens com o Promise Keepers [Cumpridores de Promessas] — na verdade, não precisamos fazer absolutamente nenhum evangelismo em nossa igreja”. Separar do contexto da igreja diferentes segmentos de ministério cria

dificuldades no funcionamento saudável da própria igreja. De fato, isso só reforça a confusão geral reinante em relação ao que é a igreja e para que ela serve.

## O QUE É IGREJA?

Para entender em que sentido o modelo de ministério que temos desenvolvido na UNSW é bem diferente da maioria dos ministérios atuantes nos *campi* universitários, precisamos retomar a teologia bíblica da igreja. Esse deve ser o ponto de partida, e pode ser um ponto de partida doloroso, em especial por causa de nosso denominacionalismo entrincheirado. As denominações são, em linhas gerais, remanescentes históricos ou relíquias de uma era. É bem possível arrumar justificativa para cada vírgula em nossos cânones, credos e constituições, mas com frequência exagerada as tradições das nossas denominações nos impedem de pensar teologicamente a Bíblia. Precisamos abrir a mente para uma nova leitura de como as igrejas foram implantadas no século 1, em vez de enxergar tudo em termos das lutas que nossos antepassados travaram há meros quatrocentos anos.

Quando iniciamos o ministério da UNSW, atuamos de forma muito explícita por meio da capelania anglicana. Contudo, a igreja que implantamos no *campus* era interdenominacional. Quando chegamos, herdamos 120 pessoas do capelão anterior. Dessas, 118 foram embora nos primeiros 12 meses. Quando assumimos a igreja da paróquia de St. Matthias (a cerca de dez minutos do *campus* da UNSW), ela contava com 35 membros, dos quais 18 renunciaram em protesto à nossa chegada.

Todavia, ainda tínhamos uma igreja. E o que decidimos fazer desde o princípio foi considerar a Universidade de New South Wales como o campo missionário da nossa igreja. Não que estivessemos administrando uma igreja e administrando um ministério universitário; éramos uma igreja que estava tentando alcançar uma universidade em particular. Não havia exclusivismo — qualquer um que quisesse podia nos acompanhar. Na verdade, a primeira pessoa convertida em uma das congregações estudantis que implantamos foi o avô de um dos estudantes. Essa congregação se reunia na sexta-feira à noite, um horário esplêndido para alcançar estudantes. Mas igreja na noite de sexta? Em um auditório para palestras? Com cadeiras de plástico alaranjadas e sem órgão? Isso ainda podia ser considerado igreja?

Quando pensamos no que a igreja de fato é, o lugar mais sensato para começar é com o significado da própria palavra — que é, claro, uma assembleia. Tanto no contexto secular quanto no cristão do Novo Testamento, descobrimos que a palavra *ekklesia* significa apenas um ajuntamento, um grupo de pessoas, até mesmo uma multidão. Pode ser uma reunião de cristãos que acontece em nome do Senhor Jesus Cristo para cumprir seus propósitos, ou pode ser uma *ekklesia* não cristã raivosa e turbulenta (como em At 19.32). Não é em si uma palavra religiosa. Ela só quer dizer assembleia.

O que há então de especial ou significativo na assembleia cristã? Na teologia bíblica, existe um ajuntamento particular que define em termos essenciais o que há de diferente na assembleia cristã. Trata-se da reunião do povo de Deus no monte Sinai, o momento definitivo no Antigo Testamento, quando todo o povo se reuniu para ouvir sua palavra. Chama-se “dia da *ekklesia*” [“dia da assembleia”], descrito em Deuteronômio 9.10 e 10.4 (LXX), e Estêvão reflete esse uso em Atos 7.38 quando faz referência à “*ekklesia* no deserto” [ou “congregação no deserto”]. Também há menção a esse dia crucial da igreja em Hebreus 12 — em Cristo chegamos não ao monte Sinai, mas à Jerusalém celestial, onde todo o povo e Deus está reunido em torno do seu trono em assembleia festiva, razão pela qual não devemos rejeitar aquele que fala e que nos adverte desde o céu (veja Hb 12.18-25). Essa é a igreja que pertence a Jesus Cristo e que ele decretou que edificariamos (veja Mt 16.18).

Em essência, essa é a igreja cristã — uma assembleia do povo de Cristo com o intuito de ouvir a Palavra de Deus, de se reunir em obediência à Palavra. Nossas assembleias terrenas locais em particular são expressão da grande assembleia celestial de Hebreus 12. Assim, quando os cristãos se reúnem no nome de Jesus Cristo em uma sala de conferências para ouvir sua Palavra, essa assembleia (ou igreja) em particular é uma igreja cristã. Não há necessidade de um prédio bonito, de vitrais na janela, de órgãos ou da costureira parafernália que associamos com a igreja. Somente é preciso um lugar no qual proclamar a Palavra de Deus a seu povo, como Paulo fez diariamente na sala da escola de Tirano e nós fazemos no *campus* da UNSW. Reservamos um auditório para conferências, explicamos um capítulo da Bíblia e convidamos todos os que quiserem a vir e ouvir a Palavra de Deus. E como se trata de pessoas cristãs reunidas para ouvir a Palavra de Deus, isso é por definição uma “igreja” cristã.

Enquanto estamos ali reunidos, desconhecidos e incrédulos também se achegam. Aquelas pessoas fascinantes de 1Coríntios 14.24 — as *não instruídas* — com frequência acabam entrando e, ao ouvirem a Palavra de Deus, os segredos do seu coração são expostos e elas dizem: “Deus está mesmo entre vocês”. É o mesmo evangelho tanto para crentes quanto para incrédulos.

## IGREJA E ORGANIZAÇÃO PARECLESIASTICA

Essas ideias podem ser consideradas radicais por muitos leitores, mas é nesse sentido que o Novo Testamento nos leva — de modo que a pregação da Palavra de Deus para a assembleia do seu povo seja a atividade central e decisiva de uma igreja cristã. Na realidade, qualquer reunião em que isso acontece é uma assembleia (ou igreja) cristã. Quando uma célula da Intervarsity se reúne semanalmente, lê a Bíblia, ora, evangeliza os amigos, quando os membros cuidam

uns dos outros e se encorajam mutuamente, em que sentido ela não seria uma igreja local? Por não ter os sacramentos? Ora, e por que não os tem? Porque, se os tivesse, seríamos obrigados a chamá-la de igreja. E, caso se tornasse uma igreja, perderíamos nossa condição interdenominacional e suscitaríamos conflito na comunidade cristã.

Encontramo-nos na infeliz posição de negar o que somos em essência devido à política eclesiástica. É hora de confessar tudo — a organização pareclesiástica tem em si bem pouco de “para-”. Ela é um movimento eclesiástico. Participa da assembleia celestial de Jesus Cristo e se reúne localmente como sua expressão para ouvir e responder à Palavra de Deus. Ela é uma igreja.

A veracidade disso é demonstrada na fidelidade que, digamos, os membros do Navigators ou da Cruzada Estudantil têm para com suas organizações, acima da que têm pela “igreja” que frequentam aos domingos. Em termos de envolvimento, compromisso, aprendizado, verdadeiro crescimento cristão e ministério, é durante a semana no *campus* que a ação acontece. E não há nada de errado com isso! O que é levemente insano é nossa contínua insistência de que essa atividade de meio de semana, de alguma forma, não seja igreja. Por isso, obedientemente ocupamos os bancos da igreja no domingo, a fim de cumprir toda a justiça. (Apresso-me a acrescentar que não estamos discriminando os Navigators ou a Cruzada Estudantil — são organizações excelentes. Apenas servem de exemplo do que é verdade no caso de muitos, se não da maioria, dos movimentos pareclesiásticos, estudantis ou de outra ordem.)

Gostariamos de ver os Navigators se reunir aos domingos para alcançar mais pessoas. Permitam que a lealdade e o envolvimento de seu povo não fiquem divididos. Chamem-nos de igreja e acabem logo com isso. Parem de tentar fingir que não são uma igreja quando é evidente que são. Se os Navigators resolvessem agir assim, talvez perdêssemos algumas pessoas das nossas reuniões dominicais — mas tudo bem. São basicamente pessoas que estão de passagem em nossa congregação e sem dúvida seriam mais eficazes em seu testemunho e ministério se concentradas na “igreja Navigator”.

O fato de ter um público-alvo ou foco específico para o ministério não é barreira para ser igreja. Temos descoberto que, ao implantar uma igreja que visa específica e estritamente aos estudantes, também vemos todos os tipos de outros ministérios surgirem por meio do povo que Deus nos tem trazido. Temos uma congregação coreana e uma grega; plantamos duas igrejas para italianos e uma para vietnamitas; agora são duas congregações de famílias, um ministério para idosos e uma congregação de jovens profissionais. E essas congregações não são homogêneas e fechadas umas em relação às outras. Cada uma delas tem uma mistura de pessoas.

## IGREJA E “ADORAÇÃO”

A essa altura, muitos leitores podem estar pensando: “Mas não vamos à igreja para basicamente adorar a Deus? E não é isso o que o domingo nos oferece e que a atividade paroclesial da semana não consegue oferecer?”.

O fato de essa visão ser tão comum entre evangélicos hoje é testemunho tanto da nossa falta de envolvimento sério com o que a Bíblia de fato diz sobre a igreja quanto da nossa memória histórica curta. Escrevemos como evangélicos anglicanos, cuja denominação tem sido basicamente destruída por essa visão de igreja e adoração ao longo dos últimos 150 anos. Quando ouvimos evangélicos afirmar que a igreja é adoração e que nossos prédios são santuários, sendo a mesa do Senhor um altar, é bastante perturbador, sobretudo pelo fato de ser muito errado bíblicamente. Toda a linguagem de templo, altar, santuário, culto, sacerdotes e ofertas é absorvida e cumprida na morte do Senhor Jesus Cristo, nosso grande sumo sacerdote. Ele é nosso templo, nosso tabernáculo, nossa oferta, nosso sacrifício. Nele está continuamente presente em nós (por meio do Espírito que em nós habita), de modo que nossa vida inteira é nossa adoração espiritual ao Ihe obedecermos e fazermos sua vontade. Ainda adoramos na igreja — mas somente no sentido de que nela respiramos. Não vamos à igreja para adorar, assim como não vamos à igreja para respirar.

O propósito da igreja é a comunhão com o povo de Deus em torno da Palavra de Deus. Adoramos em cada aspecto da nossa vida, a cada dia, ao oferecermos nossos corpos como sacrifícios vivos a Deus. Confundir as duas coisas, como a maioria dos evangélicos parece fazer hoje, é um erro drástico. Você com certeza não as encontrará confundidas no Novo Testamento. Na verdade, é um exercício interessante tentar encontrar nem que seja uma só referência no Novo Testamento em que a linguagem da adoração é usada em associação com as assembleias cristãs.<sup>2</sup>

Essas ideias sem dúvida vão contra a corrente, de certa forma. Nós nos sentamos, domingo após domingo, durante anos a fio, ouvindo nosso pastor dizer: “Damos as boas-vindas a você hoje em nosso momento de adoração”. No entanto, estude as Escrituras e confira.

## NOSSA ESTRATÉGIA DE TREINAMENTO

Nossa principal estratégia como igreja universitária é livrarmo-nos de nossos membros. Queremos exportá-los, não mantê-los. Em outras palavras, não acreditamos em crescimento de igreja. A propensão moderna para o crescimento de

<sup>2</sup>Para uma análise útil da teologia bíblica da adoração, veja Peterson, 1992.

igreja, a nosso ver, é muito egocêntrica. Pois qual igreja você quer ver crescer? A minha, claro.

Deveríamos estar muito mais interessados no crescimento do evangelho, como Colossenses 1.3-6 expressa, em homens e mulheres de todo o mundo confessando o Senhor Jesus Cristo. Você poderia dizer que esse foi um crescimento da igreja, desde que reconheça que a igreja envolvida é a de Jesus Cristo, a grande assembleia celestial de todo o seu povo, o qual que ele está edificando.

A igreja de Jesus Cristo cresce por meio da pregação do evangelho, de modo que nossa principal estratégia é recrutar e treinar mais pregadores do evangelho. Não alcançaremos o mundo nem veremos a assembleia de Jesus Cristo aumentar simplesmente tentando tornar maior a própria igreja. Precisamos plantar muitas igrejas mais, e para isso necessitamos de muito mais pregadores do evangelho.

Nossa abordagem no ministério do *campus* universitário, então, é condicionada por nossa crença de que a universidade é um lugar chave para recrutar e treinar pregadores do evangelho. Na universidade você tem as pessoas por perto, durante cerca de quatro anos, naquele estágio crucial de suas vidas em que começam a tomar decisões como adultas e a se lançarem na vida. Queremos que se lancem no ministério do evangelho, seja como um ministro em tempo integral, seja como leigos com a cabeça voltada para a missão, evangelisticamente ativos. Queremos que sejam de tal forma moldados e transformados pelo evangelho na universidade que, quando nos deixarem, façam-no como pessoas motivadas, bem ensinadas e bem treinadas no evangelho. Algumas delas continuarão na profissão que escolheram. Tentamos persuadir tantas quanto possível a abrir mão de suas pequenas ambições de sucesso profissional para se tornarem pregadoras do evangelho em tempo integral.

Muitos dos programas de treinamento que estão agora disponíveis através das publicações da Matthias Media foram primeiro desenvolvidos e testados *in loco*, no contexto do *campus*, enquanto buscávamos treinar pessoas nos princípios básicos do ministério cristão — o “Curso de treinamento duas formas de viver”, para evangelismo pessoal; “Só para iniciantes” e “Curso de treinamento para acompanhamento pessoal”, para ensinar pessoas a discipular um novo crente; “Grupos de crescimento” para treinar líderes de grupos pequenos; e assim por diante. Por meio do ensino semanal e regular da Bíblia, desses cursos de treinamento e do discipulado pessoal, almejamos levar cada um dos nossos universitários ao ponto de ser o que chamamos um autoiniciador, ou seja, alguém que deixará a universidade, irá para uma igreja em algum lugar e começará a ministrar, caso seja ou não convidado a fazer isso. Queremos que eles sejam o tipo de pessoa que procura oportunidades para ministrar o evangelho onde quer que aconteça de estarem. (De novo aqui é importante lembrar a diferença entre os residentes em nosso *campus* e os que se

deslocam para lá todos os dias. Em todo esse programa de treinamento, temos muito mais sucesso com os estudantes residentes e os estrangeiros do que com os demais, simplesmente porque os vemos com mais frequência a cada semana e em geral eles ficam conosco mais tempo.)

Em todo esse ministério com estudantes, permanecemos sempre atentos, à procura de pessoas a quem chamamos de “elementos” que merecem ser observados. Estes “elementos” (homens e mulheres) são aqueles que parecem ter dons reais para o ministério. Na universidade, podem ser até um terço dos estudantes que estão conosco, uma vez que já foram pré-selecionados pelo próprio sistema educacional por serem pessoas preparadas, capacitadas, líderes. Nosso alvo com essas pessoas é direcioná-las, com o tempo, para o ministério do evangelho em período integral. Isso costuma levar por volta de dez anos, desde o momento em que descobrimos um provável “elemento” até quando ele ou ela vai parar no campo missionário ou no trabalho pastoral. Acreditamos em treiná-los da maneira adequada por um longo período. E, para fazer isso, desenvolvemos duas estruturas importantes.

A primeira é chamada “Clube 5”. Trata-se de uma organização informal cujo objetivo é instruir, encorajar e prestar auxílio geral a pessoas ao longo do processo de pensar no ministério em tempo integral. A cada membro do Clube 5 é designado um instrutor — alguém que fica o tempo todo com ele, a seu lado, e conversa pessoalmente sobre todas as decisões e obstáculos que serão enfrentados para chegar de fato ao ministério cristão em tempo integral. Demos à organização o nome de Clube 5 porque queríamos recrutar 500 evangelistas de tempo integral em cinco anos. Nossos primeiros cinco anos passaram e ultrapassamos nossa meta. Agora almejamos 5 mil nos próximos cinco anos. Não sabemos se conseguiremos, mas estamos trabalhando nesse sentido!

A segunda estrutura importante é chamada de “Estratégia de treinamento para o ministério”. Trata-se em linhas gerais de um curso de aprendizado de dois anos em que nossos futuros pregadores testam seus dons e adquirem experiência prática no trabalho do evangelho antes de seguirem para a Faculdade Teológica Moore (são mais quatro anos de estudo em tempo integral). Atualmente, temos cerca de 30 treinandos nesse programa na UNSW. Nós lhes pagamos o suficiente para continuarem vivos (apenas) enquanto aprendem trabalhando na obra do evangelho no *campus*. É um modelo que agora se espalhou para outras igrejas na Austrália, com 35 centros de treinamento diferentes e mais de cem treinandos atualmente envolvidos no programa.

Essa é nossa conexão igreja-*campus*: dirigimos igrejas no *campus* e ao redor dele com o objetivo de trazer o avivamento bíblico ao mundo. Buscamos com

isso evangelizar e treinar estudantes enquanto estão conosco para que, quando os exportarmos para outras igrejas como membros, evangelistas ou mestres-pastores, não só preguem o evangelho, mas também treinem outras pessoas a fazê-lo.

### **Referências**

- BARCLAY, Oliver. 1977. *Whatever happened to the Jesus Lane lot?* (Leicester: InterVarsity Press).
- HORN, R. M. 1971. *Student witness and Christian truth* (London: InterVarsity Press).
- PETERSON, David. 1992. *Engaging with God* (Leicester: Apollos).

## CAPÍTULO 14

---

# CONEXÕES IGREJA-UNIVERSIDADE

### Modelo 2

*Mark Gauthier*

**T**empos atrás, almocei com um líder muito influente de determinada denominação. Discutíamos o movimento crescente de igrejas e de organizações cristãs se unindo em parcerias formais em prol de uma missão comum. No fim da nossa conversa, ele comentou comigo: “Isso não só é certo, como também inteligente”.

Quero falar sobre parcerias no corpo de Cristo. Para ser mais específico, quero me concentrar na inteligência da parceria à luz do nosso contexto pós-moderno. Firmar parcerias desse tipo é, acima de tudo, certo. Mas, para os propósitos da nossa discussão, vamos nos limitar ao exame do lado pragmático da questão. Por que é inteligente trabalhar em parceria? O que no pós-modernismo nos leva a intensificar o trabalho no ministério dessa maneira?

No ministério da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo no *campus* de várias universidades, buscamos cumprir a missão de ajudar a alcançar 60 milhões de estudantes em todo o mundo. Temos uma confiança crescente de que Deus é capaz de alcançar a presente geração e que deseja fazê-lo. Acreditamos que esta geração marcada pela pós-modernidade será a que Deus usará para ajudar no cumprimento da Grande Comissão no próximo milênio. Embora as forças do mal operem para se opor à expansão do seu Reino, Deus ainda é soberano e não se deixará retardar pelo contexto da cultura atual. Dentro disso, nós, como Paulo, fazemos tudo o que está a nosso alcance “para ganhar o maior número possível” (1Co 9.19). Assim, nossa discussão hoje repousa no contexto de um Deus forte, poderoso e que governa.

## PÓS-MODERNISMO: UMA OPORTUNIDADE ÚNICA QUE REQUER UMA NOVA VISÃO

Ao longo das últimas décadas, a igreja e as organizações estudantis cristãs têm coexistido de várias maneiras. Nos piores casos, como rivais. Competimos por território, por pessoas e números que comuniquem nosso “sucesso”. Desejamos crescimento mesmo à custa de outro grupo. Lutamos pelo contato com aquele estudante arguto. Talvez tenhamos até competido por líderes. No fim, talvez todos concordemos que nossos esforços não têm sido maximizados. E, mais importante que isso, Deus não tem sido honrado nem se agrada com isso.

Em outros casos nos saímos melhor. Reconhecemos que cada um contribuiu com determinados pontos fortes para a missão, em uma parceria informal e distante. Embora não tenhamos unido nossas atividades, poderíamos nos congratular com sinceridade pelo que temos. Todavia, muitas vezes concluímos que nossos esforços não foram tão sinérgicos quanto poderiam ser. Eles são mais complementares do que cooperativos.

A terceira forma que esse relacionamento assume é a da cooperação. Talvez tenhamos nos juntado a outros grupos para orar ou pôr em prática algum programa ocasional para alcançar pessoas. Talvez os líderes tenham se encontrado para se inteirar das últimas novidades e incentivar uns aos outros. Embora essa iniciativa seja louvável, pergunto-me se ainda não há potencial a ser concretizado.

Quem é mais eficaz no alcance dessa geração pós-moderna? A igreja ou a organização cristã? Com certeza ambas têm um papel a desempenhar e estão fazendo progressos com o evangelho. Talvez a melhor resposta seja: *nenhuma das duas sozinha, mas, sim, juntas*. Pode ser que nosso contexto cultural singular propicie uma excelente oportunidade para trabalharem mais próximas entre si, à medida que entramos no novo milênio. Essa é a visão que desejamos construir hoje, a visão em que a igreja local trabalha com a organização cristã local — trabalhando de mãos dadas para alcançar pessoas, coordenando esforços para a glória de Deus, para o avanço do evangelho e em benefício daqueles que não conhecem a Cristo.

Examinemos agora quatro características do contexto pós-moderno. A primeira é o foco na *experiência subjetiva* versus *raciocínio objetivo*. Lembro-me dos meus primeiros anos de ministério em Harvard. Muitas conversas com os alunos aconteciam mais ou menos assim:

— Se eu conseguisse provar que isso é verdade, você acreditaria?

— Sim — era quase sempre a resposta.

Ao longo dos anos, esse “sim” foi se transferindo para a categoria do “Na verdade, não”, à medida que os estudantes deixaram de se interessar na viabilidade intelectual de um sistema de crença. De fato, o que os ouvi dizer foi:

“— Mostre-me como isso pode mudar minha vida; mostre-me alguém que descobriu ter funcionado”.

A segunda característica é a *proeminência da comunidade sobre o indivíduo*. Não é tão importante a jornada que estou empreendendo, mas sim a jornada em que nós estamos envolvidos. A autonomia, sempre na dianteira para a geração anterior, foi substituída pelo desejo de ser conhecido. No entanto, mesmo tendo adotado esse valor, muitos ainda não o vivenciam. Por exemplo, é interessante observar que, a despeito dessa característica e da forte ênfase na reconciliação, as autoridades nas universidades ainda procuram respostas e soluções para a crescente fragmentação de muitos *campi*. Diversidade e reconciliação são duas questões preponderantes em todos os *campi*. Contudo, são poucas as manifestações de comunidade no seio de uma universidade multiforme.

A terceira característica é a ênfase no *transcendente acima do objetivo*. Essa é uma cultura muito “espiritual”, e muito desejam a experiência de algo que está além deles. Ao mesmo tempo, não há um todo transcendente que abranja todas as suas experiências ou pensamentos. O pluralismo e o relativismo têm dominado o cenário cultural, deixando para as pessoas a incumbência de encontrar sentido nos fragmentos de sua experiência pessoal. Nossa sociedade não tem uma meta-narrativa, portanto, encontra-se muita dificuldade em reconciliar o passado com o presente e o presente com o futuro. Hoje não existem caminhos objetivos para compreender o transcendente. O resultado é uma geração de pessoas fragmentadas. Essa fragmentação deixa a vida entorpecida e sem sentido. A vida e as nossas experiências se tornam um tanto rasas.

Por fim, longe de ser triunfalista, *nossa cultura está faminta e carente* e sabe que busca respostas. Nosso mundo é muito complexo e a dor é real. Há necessidades profundas que uma cosmovisão fragmentada, relativista, não pode satisfazer. Esta geração se mostra cética e desiludida com a promessa de gerações anteriores de que seu mundo seria melhor. Para a maioria, o mundo não é um lugar melhor para viver, e as estatísticas provam isso.

No meio dessas características culturais, existe forte razão para que haja esperança e confiança no poder do evangelho. Nosso solo é fértil, com grandes oportunidades para que o Reino de Deus crie raízes. À luz do cenário cultural descrito, por que a igreja e a organização cristã deveriam formar uma parceria? Considere os numerosos recursos disponíveis para o ministério eficaz no mundo pós-moderno quando a igreja e a organização cristã se unem em prol desse ministério.

Temos comunidades que vivenciam experiências reais, como transformação de vida, relacionamentos com as pessoas e com Deus. Em nossos melhores momentos, contamos com uma comunidade autêntica, que experimenta tanto graça

quanto verdade — algo por que clamam os pós-modernos. Podemos fornecer o sentido que flui da conexão suprema com o Transcendente que se encarnou em Cristo. Temos diversidade e podemos moldar a reconciliação no corpo de Cristo. Podemos estabelecer a conexão com o passado e usá-lo para entender o presente e nos capacitar a seguir em direção ao futuro. Temos o evangelho; portanto, somos capazes de proporcionar ajuda autêntica e trazer esperança.

A igreja local traz em si várias comunidades e uma família verdadeira. Ela fornece ensino bíblico vigoroso, aconselhamento, força de trabalho e finanças. Consegue propiciar oportunidades múltiplas para que pessoas transformadas por Cristo façam diferença em sua comunidade. No entanto, muitas vezes, a igreja local é impedida de atuar em determinado campo missionário em razão da predisposição denominacional da parte daqueles que está tentando alcançar. Com frequência, os recursos da liderança são de tal forma limitados que inexistem massa crítica para entrar em um novo campo de ministério. Ou talvez falte habilidade a um grupo específico de pessoas. Por exemplo, tenho conversado muito com pastores de igrejas que acalentam o desejo genuíno de alcançar os universitários de sua comunidade, mas que não têm tempo ou pessoas preparadas para fazê-lo.

Pare e pense na contribuição das organizações cristãs. Elas têm treinado e fornecido trabalhadores e líderes experientes. Contam com recursos específicos e ferramentas desenvolvidas ao longo dos anos de atenção concentrada em um alvo específico. Conseguem oferecer recursos sob a forma de desenvolvimento de liderança, treinamento e oportunidades para o ministério. Têm condições de propiciar uma plataforma para o ministério que o público vê como interdenominacional e não tendenciosa. No entanto, com grande frequência, a organização cristã assume uma vida eclesial própria. As pessoas nela envolvidas jamais chegam a completar a transição para a igreja local. Elas costumam ser deixadas à própria sorte para escolher entre a igreja e a organização cristã. Essas organizações carecem da diversidade da igreja e do grande número de recursos que ela oferece.

Quando essas duas forças se unem, ocorre uma superabundância de recursos e relacionamentos que posicionam o ministério de modo a ter a oportunidade de cumprir, de fato, sua missão — de ir atrás do escopo do seu chamado. Por que não trabalhar assim unidas? Por que não criar uma parceria em que os interesses da igreja e da organização cristã sejam honrados e satisfeitos? E por que não fazer com que todos os recursos nos preparem para obter o máximo de eficácia em proporcionar às pessoas oportunidades múltiplas de conhecer Jesus Cristo?

Imagine os recursos que teríamos disponíveis para os nossos esforços evangelísticos. Primeiro, há o testemunho do corpo de crentes da igreja local. A organização cristã pode ser a ponte a conduzir quem não tem Cristo a esse testemunho dinâmico

e a expor essas pessoas ao testemunho do povo de Cristo. Imagine a vantagem de haver na igreja um grande número de pessoas preparadas e desenvolvidas na área de evangelismo por quem pertence a uma organização cristã, com anos de experiência nesse campo. Por fim, há amplas atividades de semeadura que capacitam a igreja e a organização cristã a proclamar o evangelho a todos os circunscritos no perímetro definido como alvo — tarefa muitas vezes impossível sem os recursos financeiros adequados. Tudo isso se converte em realidade quando a igreja entra com o dinheiro e a organização cristã, com as ferramentas. A parceria reúne todos os recursos possíveis para propiciar uma estratégia evangelística abrangente para o campo missionário.

## EXPLORANDO ESSE PARADIGMA DE MINISTÉRIO: O ESTUDO DE CASO DE BOSTON

Permitam-me compartilhar uma história com vocês. Trata-se da minha história. Estou consciente de que existem muitas expressões de parceria e esta é só uma delas. Em 1992, fiz a seguinte pergunta ao pastor-titular da Park Street Church em Boston: “O que podemos fazer juntos para alcançar 300 mil universitários na região de Boston?”. Ao mesmo tempo que tanto a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo quanto a Park Street Church mantinham ministérios universitários eficazes em alguns *campi*, ambos sabíamos que não estávamos aquém do escopo total do nosso chamado — cada estudante da cidade.

Essa questão levou a um diálogo sobre como seria deixar de lado nossas bandeiras organizacionais e unir-nos em uma verdadeira parceria. O resultado foi a adoção de uma missão e visão comuns, as quais se tornaram o alicerce para todas as estratégias das quais falamos. Avaliamos nossos recursos. O que a Cruzada Estudantil tinha a oferecer, e com que a Park Street Church contribuiria para essa parceria? Em seguida definimos o que buscávamos realizar. Como seria se nossa parceria desse certo?

Houve muitas estratégias e planos implementados por meio desse relacionamento. Desenvolvemos um programa de estágio chamado Estágio em Ministério de *Campus* cujo intuito era conceder aos formandos uma experiência de ministério na igreja local e na organização cristã. Ajudamos a igreja com um culto de adoração contemporâneo, realizado à noite, e um culto de evangelismo, ambos planejados para alcançar e ministrar a alunos e a jovens profissionais. Uma vez por mês, a igreja promovia uma atividade evangelística que usávamos para levar alunos perdidos a uma experiência com o corpo de Cristo. Transformamos uma casa de propriedade da igreja no comando central de todo o ministério estudantil em Boston.

Os alunos começaram a enxergar seu envolvimento com a Cruzada Estudantil como um envolvimento com a Park Street Church. As duas coisas se tornaram

sinônimas para eles. Ir a um estudo bíblico no *campus* em que estudavam significava envolver-se com a Park Street Church, e ir à Park Street Church no domingo era envolver-se com a Cruzada Estudantil. Muitos formandos resolveram fixar residência em Boston para trabalhar e dar continuidade a seu envolvimento com a igreja.

Por fim, houve o impacto internacional da parceria. A Park Street Church tem uma rica história relacionada a missões mundiais e permanece muito envolvida globalmente. A Cruzada Estudantil também acalenta o desejo de proclamar o evangelho a estudantes ao redor do mundo. Assim, por meio de parceria realizada na Ásia Central, começamos um ministério para estudantes em Tashkent, no Uzbequistão. Sonhávamos em plantar uma igreja ou prover recursos para uma igreja existente através dessa ligação com a Park Street Church. O resultado final incluiu o envolvimento da parte de alguns membros leigos e do pastor-titular da Park Street Church em Tashkent, bem como a visita do pastor de outra igreja em Boston. Foi esse pastor em particular que Deus levou a mudar-se para Tashkent com sua família para ajudar uma igreja recém-formada, composta em sua maioria por estudantes universitários recém-convertidos. O poder da parceria foi sentido além-mar.

As implicações evangelísticas da parceria também foram muitas. Primeiro, a igreja tinha recursos para programar um culto evangelístico relevante e eficaz. A Cruzada Estudantil ajudou fornecendo a liderança, mas eles tinham instalações, equipamentos, dinheiro e muita criatividade para criar uma experiência eficiente. Contávamos com estudantes conectados a centenas de amigos sem Cristo, que podiam usar esse culto para levá-los a Jesus. Vimos muito mais atividade evangelística em razão dessa iniciativa.

Segundo, em uma época de ceticismo espiritual, alguém com uma plataforma digna de crédito em termos profissionais consegue usá-la para alcançar uma audiência disposta a ouvir. Na congregação da Park Street Church, havia inúmeras pessoas com habilidade e experiência profissionais capazes de atrair o interesse dos alunos. Nós apenas identificamos essas pessoas e criamos oportunidades para que compartilhassem a própria história em grupos pequenos e grandes. Isso sempre levou a frutos na atividade evangelística.

Depois havia o testemunho do culto na igreja e as diversas atividades ali desenvolvidas. Embora nem todos os estudantes demonstrassem interesse por isso, muitos tinham. Víamos a igreja como um local legítimo para o testemunho. A vida do corpo de Cristo na igreja era uma forma de evangelismo que complementava a iniciativa dos alunos no *campus*.

A Park Street Church também adotava a estratégia de ministrar em áreas economicamente carentes da cidade. O serviço social foi e continua a ser alvo de interesse dos estudantes. Apenas combinamos esse interesse com as oportunidades

existentes na igreja e levamos os estudantes a convidar seus amigos não cristãos a acompanhá-los para ministrar aos pobres. A iniciativa serviu como oportunidade importante para aqueles que não conhecem a Cristo se exporem ao corpo de Cristo e à apologética da encarnação que esse tipo de testemunho assume.

Todas essas formas de evangelismo são de extrema eficácia e não são tão difíceis. São eficazes porque tiram proveito de todos os recursos que Deus nos deu para alcançar o mundo com o evangelho. Em Boston, começamos a enxergar essa realidade.

A parceria teve também seus desafios. A necessidade de comunicação regular aumentou com ela. Como havia muitos interesses envolvidos, o ritmo era mais lento do que o esperado. À medida que o relacionamento progredia, fomos aprendendo a trabalhar juntos de maneira eficaz. Também descobrimos que formar parcerias era algo muito confuso, que exigia grande flexibilidade intelectual. As tensões criadas pela perda de controle suscitavam questões tanto para a parceria quanto para mim pessoalmente. Foram grandes desafios, mas não intransponíveis.

## **PRINCÍPIOS CONDUTORES: MAXIMIZANDO A PARCERIA**

À luz dessa história, aqui estão alguns princípios para ajudar a criar uma estrutura para esse tipo de parceria:

Primeiro, lembre-se de que se trata de uma parceria. Não tem nada a ver com uma tomada de poder hostil em que um grupo perde seus interesses, objetivos e propósito ou é incorporado por outro. Não é uma concessão em que os envolvidos se baixam a um mínimo denominador comum. Parceria é um relacionamento benéfico para todos os envolvidos em que os interesses e objetivos de todos são satisfeitos. Trata-se de um relacionamento no qual todos os parceiros ganham.

Segundo, a parceria está enraizada em uma missão, visão e valores comuns. Embora possa ser poderosa, nem todas as situações pedem uma parceria. Ambos os participantes devem ser chamados para o mesmo objetivo, permitindo com isso que adotem genuinamente a missão. O exemplo de Boston começou com a questão “O que podemos fazer juntos para dar a cada estudante uma oportunidade de conhecer Cristo e crescer nesse relacionamento?”. Implícitas na questão estão a missão e a visão que os dois lados da parceria acaalentavam.

O terceiro princípio é o reconhecimento mútuo dos recursos envolvidos. Considere a possibilidade de traçar uma linha em um pedaço de papel em branco e discutir com os participantes qual seria a contribuição de cada lado para a parceria: recursos humanos, ferramentas e recursos ministeriais, finanças e assim por diante.

O quarto é o resultado definido com muita clareza. Quais são as consequências esperadas ou qual é o “critério de sucesso”? Isso ajuda a estabelecer expectativas e assegura que os recursos sejam investidos com sabedoria. Em Boston, observamos

o número de novos ministérios em *campi* que foram abertos, a quantidade de estudantes que se achegaram a Cristo e se envolveram com a Park Street Church e a Cruzada Estudantil, e observamos o número de estudantes que ouviram o evangelho.

O quinto princípio é o compromisso de avaliação à luz da efetividade. Esse princípio está relacionado com a administração da parceria e dos recursos investidos. Envolve a elaboração de relatórios regulares e atualizações para todos os componentes envolvidos, acompanhados das devidas revisões no momento oportuno e de avaliação da parceria e do ministério em geral.

Esses princípios podem ser muito úteis e eficazes quando se atravessa o processo de negociação.

## REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Imagine mobilizar mais pessoas na igreja para compartilhar sua fé com amigos ou em ambientes não hostis. Na semana passada recebi uma carta elogiando o trabalho de um dos membros da nossa equipe. Foi enviada por um juiz que teve a oportunidade de falar a cem estudantes do sistema grego sobre sua fé e sua vida. Por intermédio desse único homem, vários estudantes vieram a depositar sua fé em Cristo. Ele era um leigo que foi mobilizado e a quem foi dada a oportunidade de compartilhar sua fé com uma audiência bastante receptiva. Um dos benefícios de uma parceria poderosa é que ela proporciona pontes claras de oportunidade a um contexto missionário particular.

Imagine dispor de múltiplos líderes concentrados em uma área estipulada como alvo ao longo da semana, todos eles buscando maneiras de fazer de Cristo o tema do debate em um contexto específico, seja em uma escola do ensino médio, seja em uma universidade. Uma vez que a verdade caminha pela via do relacionamento nesta cultura, por que não empregar mais indivíduos com oportunidades multifacetadas de alcançar estudantes?

O contexto pós-moderno propicia à igreja uma oportunidade incrível. Por que não olhar para a área que você está buscando alcançar e examinar todos os recursos que Deus pode ter fornecido para possibilitar o testemunho eficaz? Para vocês que acompanham uma organização cristã, por que não identificar outros que compartilhem com vocês da paixão por estudantes perdidos e juntos ajudarem a determinar como podem trabalhar por um resultado maior que a soma de seus esforços isolados?

O que a igreja necessita é de um braço conectado ao campo missionário. O que esse braço necessita é de um corpo que dê contexto e poder para sua atividade. Por que não perguntar: “O que podemos fazer juntos para alcançar cada estudante de um *campus*?”.

## CAPÍTULO 15

---

# COMPREENDENDO O PLURALISMO ÉTNICO

Afro-americanos

*Charles Gilmer*

**N**a verdade, não penso muito no pós-modernismo porque, em muitos aspectos, não é nele que as minorias étnicas vivem, pensam e operam de fato. Não participaram de verdade da transição da modernidade para a pós-modernidade. Fomos objetos da mudança, ou sujeitos cuja presença ajudou a fornecer insumos para o pensamento do que hoje chamamos de pós-modernismo. Ou fomos um dos elementos problemáticos para as formulações da cosmovisão modernista e, até certo grau, para a resposta cristã evangélica ao modernismo.

### MINORIAS ÉTNICAS AMERICANAS: ÍCONES DO PÓS-MODERNISMO

Quando olho para as minorias étnicas americanas, penso em nós como ícones do pós-modernismo, uma espécie de representação visual da questão. Em muitos aspectos, a presença, a influência e a visibilidade das minorias étnicas americanas têm ajudado a criar o pano de fundo do pós-modernismo. Fornecemos os casos a serem utilizados por quem está procurando influenciar outros com o intuito de provar a própria tese.

O choque de cosmovisões e valores e as interpretações divergentes da história que os diversos grupos étnicos colocam sobre a mesa da vida pública têm ajudado a criar a necessidade de uma reavaliação dos pressupostos do modernismo. O modo pelo qual nós, crentes evangélicos, respondemos ao pluralismo étnico que caracteriza o mundo atual, ou o modo pelo qual interagimos com ele, pode ser um

dos principais indicadores de nossa eficácia em fazer as transições necessárias para sermos capazes de nos relacionar com esta geração — sem mencionar o número crescente da nossa audiência que não descende de europeus. Dos alunos universitários, excluindo os estudantes estrangeiros, um em cada quatro hoje provém de uma minoria étnica americana.

## A DESESTABILIZAÇÃO DA MODERNIDADE

### *A REALIDADE DO RELATIVISMO*

O imperialismo e os problemas dele resultantes solaparam os pressupostos positivistas vinculados à modernidade. O cristianismo ocidental não estava de fato preparado para lidar com a responsabilidade que teve como parceiro ou beneficiário da era imperialista. O imperialismo político e econômico recuou no mesmo momento em que o imperialismo cultural e religioso começava a ser reconhecido. Os preconceitos culturais implícitos no movimento missionário moderno inicial se tornaram inegáveis.

As minorias étnicas questionam com frequência as visões da sociedade dominante, como fica evidente na música “Everybody talkin’ ‘bout heaven ain’t goin’ there [Todo o mundo que fala em céu não vai pra lá]”. Os sistemas de mitos que se popularizaram em nossa história, como a doutrina do Destino Manifesto,<sup>1</sup> se dizem parte da (ou se ligaram à) metanarrativa suprema da qual falamos e que os pós-modernos rejeitam. O etnocentrismo de muitos desses sistemas de mitos tem sido exposto, e a metanarrativa da igreja cristã neste país, por conseguinte, tem sido questionada. Quando as pessoas retornam ao tema da fundação deste país como nação cristã, na condição de afro-americano, normalmente isso me é ofensivo, porque essa herança não foi assim tão impecável.

Portanto, existe o vácuo de uma metanarrativa digna de crédito, porque muitos desses sistemas de mitos (derivados de uma metanarrativa cristã) atribuíram aos não europeus um *status* inferior ou enxergaram suas culturas como deficientes. Há uma rejeição indiscriminada dessa ideia e uma adoção do relativismo, em especial do relativismo cultural.

### *POR QUE A REJEIÇÃO DA METANARRATIVA?*

Creio que a rejeição da metanarrativa seja na verdade uma questão ocidental ou europeia. Uma das minhas suposições é que o fracasso da modernidade em

<sup>1</sup>Doutrina popular nos Estados Unidos, a partir do século 17, segundo a qual os colonizadores estavam destinados a difundir a civilização ocidental no continente. (N. do T.)

assegurar meios apropriados e efetivos de se relacionar com os povos do mundo alimenta o impulso pós-moderno. Entre os intelectuais ocidentais, os abusos que ocorreram na Europa e a opressão inerente à prática do imperialismo fizeram com que muitos questionassem a validade das metanarrativas que sustentavam de forma consciente ou inconsciente. É possível identificar diferentes manifestações do que estou dizendo. Às vezes vemos escritores fascinados por essas novas culturas, mas de maneira distante, intelectual; outros demonstram empatia e vergonha em relação à forma pela qual a Europa tem se relacionado com os grupos étnicos dos quais as minorias americanas derivam; e ainda há aqueles que preferem encarar com superficialidade as verdadeiras alternativas que esses diversos sistemas de pensamento e de vida fornecem. Isso pode ser percebido no interesse por religiões orientais e outras práticas. Tudo isso ajuda a atrair esta geração ao padrão de pensamento e comportamento definido, em certo sentido, como pós-moderno.

Por sua alegação de fornecer meios para respeitar a diferença, é compreensível que o pós-modernismo se apresente como alternativa atraente a visões do passado arrogantes em seu eurocentrismo ou etnocentrismo — aquelas que diziam: “Existe uma verdade objetiva e eu a possuo — você não”.

## **A INTERSECÇÃO DO PÓS-MODERNISMO COM PÚBLICOS COMPOSTOS POR GRUPOS ÉTNICOS DE ESTUDANTES**

As realidades que citei anteriormente são o contexto para a existência de grupos minoritários étnicos nos Estados Unidos. Em vários aspectos, os estudantes de minoria étnica não são pós-modernos no sentido estrito da palavra, pois é difícil sustentar a alegação de que eles algum dia passaram por um período de modernidade. No entanto, eles contribuem para o ambiente pós-moderno e com ele interagem. De que maneira agem na interseção com os temas do pós-modernismo? Segue-se uma análise reconhecidamente limitada.

### ***A IMPORTÂNCIA DA METANARRATIVA PARA AS COMUNIDADES DE MINORIA ÉTNICA***

Na comunidade afro-americana, há um tatear constante em busca de uma metanarrativa interessante. (Outros grupos étnicos minoritários também parecem necessitar de metanarrativas que dêem significado a sua luta no sentido de se engajar efetivamente na sociedade americana sem trair a própria experiência étnica.) Carl Ellis citou a obra de outros ao concluir que uma das lutas essenciais de um povo oprimido é a busca por dignidade, sentido e propósito. Sobreviver à opressão requer uma dignidade transcendente. Sentido e propósito exigem uma posição objetiva a partir da qual avaliar sentido e propósito. Assim, a rejeição da metanarrativa não é um fenômeno típico da comunidade afro-americana.

Aliás, tateamos à procura de uma metanarrativa satisfatória. Isso é demonstrado pela popularidade dos sistemas de mitos de vários cultos afros, que vão desde a onipresente nação do Islã até alguns dos quais você nunca deve ter ouvido falar, como o Movimento dos Hebreus Negros ou o Movimento do Conhecimento Superior. Eles oferecem uma metanarrativa alternativa que trata de questões sem resposta da psique afro-americana. Até grupos que adotaram valores niilistas, como a cultura gângster, com frequência aderem a algum tipo de mitologia dotada de temas abrangentes. Vemos o tatear e uma consciência semelhante entre estudantes hispânicos e latinos, mas meu conhecimento é mais limitado nessas áreas.

Necessitamos de uma metanarrativa contemporânea, orientada para a aplicação, que se dedique às preocupações desta geração. Na verdade, as Escrituras contêm essa metanarrativa. Sustento que a igreja nunca a expôs em sua plenitude à nossa audiência. Tampouco temos lutado com o que significaria viver à luz dessa metanarrativa. Na próxima seção, darei algumas sugestões do que está faltando em nossa metanarrativa.

### ***SOBRE A AFIRMAÇÃO DE CULTURAS ÉTNICAS***

É evidente que o reconhecimento do valor de culturas outras que não a europeia e suas derivadas constitui um aspecto muito atraente do pensamento e dos valores pós-modernos para as minorias étnicas americanas. Os apologistas da visão eurocêntrica têm perdido o debate. Como prova, podemos observar que, em se tratando de identificar regiões que têm contribuído fortemente para o progresso do Ocidente, até um analista ultraconservador, um ferrenho opositor ao multiculturalismo em qualquer de suas formas, está sendo obrigado a ampliar seu círculo da Europa ocidental e incluir a Ásia e a bacia mediterrânea.

Como cristãos, precisamos adotar a seguinte formulação e nela nos banharmos com relação à cultura:

- Todas as culturas são, a um só tempo, reflexo tanto da imagem de Deus quanto da Queda da humanidade. A Palavra de Deus é o único meio pelo qual podemos avaliar qualquer cultura de maneira eficaz.
- Jesus morreu pelas pessoas de todas as culturas.
- Cada cultura necessita enxergar em seu interior uma representação da encarnação da pessoa (corpo) de Cristo.

Precisamos lutar com o que significa saber que as culturas realmente são uma expressão da dualidade da nossa existência terrena — o fato de que fomos criados à imagem de Deus, mas que caímos e que as culturas por nós criadas refletem isso. Assim, cada cultura tem pontos bons e pontos ruins, quando observada tendo

como referência a Bíblia. E cada uma tem, então, a oportunidade de ver a vida de Cristo manifesta entre aqueles que vêm a conhecê-lo e que atuam dentro dessa cultura a fim de expressar o evangelho.

### **UMA PROPOSTA DE EMENDA À NOSSA METANARRATIVA**

Gostaria de propor uma emenda à nossa metanarrativa, como herdeiros da tradição reformada. Na condição de evangélicos, nossa metanarrativa se concentra no indivíduo e em como ele ou ela recebe a salvação. É muito individualista na maioria de suas formulações. Falta um entendimento coletivo e comunitário. Em outras palavras, a Reforma focou no que o indivíduo deve fazer para ser salvo: *sola fide*. E se concentrou na fonte de autoridade: *sola scriptura*. As denominações são institucionalizações de vários movimentos de Reforma. Na verdade, chegamos a um belo consenso sobre as questões doutrinárias. Sabemos onde estão os limites. Concordamos em discordar de alguns pontos menores da teologia, ao mesmo tempo que aderimos a uma ortodoxia evangélica sobre questões maiores referentes ao ser humano, a Cristo e à salvação.

O que não discutimos por completo, nem vivemos de modo coerente são as dimensões da encarnação da Reforma. Como nos relacionamos com os outros no corpo de Cristo — como indivíduos, assembleias ou encarnações culturais do corpo de Cristo? Cada uma dessas formas culturais de encarnação faz parte de uma encarnação maior. Devemos estar comprometidos em viver essa ligação mais ampla pela qual Jesus orou em João 17.20-23 e que Paulo nos ensinou em 1Coríntios 12.

Efésios 4 descreve o relacionamento entre vários indivíduos no corpo como algo necessário para a maturidade. Efésios 5.25-27 descreve Jesus voltando para uma noiva sem mácula ou ruga. Quando aplico esses princípios à diversidade cultural que constitui o corpo de Cristo neste país e ao redor do mundo, começo a ter uma visão de como essas várias expressões culturais do corpo de Cristo interagirão umas com as outras para ajudar, a todos nós, no sentido de afastar os preconceitos culturais, assumir mais plenamente nossas identidade e obrigações bíblicas, e ser uma bela e atraente representação da pessoa e da obra de Cristo a um mundo que anseia por relacionamento, sentido e propósito.

Cristo de fato transcende as culturas, mas na encarnação ele entra na cultura a fim de nos tirar em caráter definitivo das várias culturas e nos transportar para um novo reino. Todavia, isso só será conhecido com perfeição ao redor do seu trono.

Creio que passamos pelo processo de ver não uma reforma doutrinária ou propositiva, mas uma reforma pautada na encarnação, relacional. O pós-modernismo, com sua ênfase no relativismo e na tolerância e com seu anseio pela comunhão, nos conduz nessa direção. E esse é o lugar em que deveríamos estar esse tempo todo.

Isso é totalmente bíblico. Jesus orou por nossa unidade em sua oração sacerdotal. Assim, como costuma fazer em sua soberania, Deus permite às forças a nossa volta que nos empurrem na direção que ele sempre quis que fôssemos.

Olhe para o que Deus tem feito no *Promise Keepers* [Cumpridores de Promessas] de maneira quase profética, suscitando a questão do racismo no corpo de Cristo e lidando de fato com o problema. Isso nunca havia acontecido na igreja evangélica. Atravessamos todo o movimento dos direitos civis e a igreja evangélica, em sua maioria, guardou silêncio. Ou olhe para a globalização da igreja e a interação entre comunidades cristãs maduras ao redor do mundo e igrejas que surgiram da tradição ocidental. Quando considero toda a discussão sobre missiologia e formação teológica, creio mesmo que isso é algo que Deus fará — haverá outro estágio na evolução da Reforma enquanto enfrentamos essas questões.

Estou sugerindo que precisamos, como cristãos, acrescentar os fatos que acabo de descrever a nossas metanarrativas. Subestimamos essas questões, em muitos casos, por não terem implicações em como levamos nossa vida, em como nos conduzimos no corpo de Cristo. De que modo vivemos aquilo que significa ser cristão? É apropriado construir uma igreja multimilionária e não se envolver com outras igrejas étnicas que podem estar passando por lutas?

Temos de acrescentar à nossa metanarrativa o seguinte fato: Cristo não só está vindo outra vez como está vindo para um corpo de Cristo multiétnico, multicultural, multinacional, multilíngue. Somos os únicos... ou melhor, Jesus é o único que de fato pode fazer funcionar a unidade na diversidade.

O que faremos então?

## **UMA ESTRUTURA CONCEITUAL PARA COMPREENDER O PLURALISMO ÉTNICO**

Enquanto luto com isso, tenho observado que dois princípios bíblicos — um do campo da missiologia e outro do campo da eclesiologia — precisam ser mantidos em tensão.

### ***O DESAFIO MISSIOLÓGICO: 1 CORÍNTIOS 9.22***

O desafio missiológico é resumido em 1 Coríntios 9.22, quando o apóstolo Paulo fala sobre tornar-se “tudo para com todos”. Essa é de fato uma ordem para estabelecer comunicação eficaz com a audiência que estamos buscando alcançar. O problema é que algumas pessoas tentam se relacionar com diversas culturas de uma só vez. Precisamos estar comprometidos, sim, com a inclusão e não menosprezar outras culturas; contudo, achar-se capaz de criar uma estratégia de ministério que

se relacionará de maneira equivalente com todas as culturas é uma visão um pouco míope.

Uma das passagens que tem moldado meu pensamento sobre o assunto é Atos 15.19, em que Tiago aparece respondendo à assembleia de Jerusalém. Ele diz o seguinte: “Por isso, penso que não se deve perturbar os que dentre os gentios se convertem a Deus”. Ele se refere a uma questão muito maior do que o pluralismo étnico, claro. Está falando do relacionamento entre judaísmo e cristianismo. Mas penso que o princípio ainda se aplica. Sem estarmos conscientes disso, temos desenvolvido um ministério que impõe obstáculos invisíveis para as minorias étnicas quando se trata de receber o evangelho ou de se tornar discípulo, porque nosso ministério abriga em seu interior nosso próprio arcabouço cultural, quer o percebamos, quer não. Em alguns aspectos, para uma minoria étnica cristã, parece necessário não só a aceitação do evangelho, mas o abandono da cultura afro-americana para se engajar na cultura branca.

A fim de compreender o pluralismo étnico, devemos encarar com seriedade uma abordagem de Paulo que leva em conta a adaptação a sua audiência. A contextualização — contextualização crítica — do ministério é um conceito que precisamos aplicar a esforços missionários dentro e fora do país. Devemos permitir que os ministérios desenvolvam essa linguagem no idioma das culturas minoritárias e temos de definir expressões do corpo de Cristo que operam nessas culturas. Isso pode afetar recursos, materiais, música — e até a teologia.

### ***O MANDATO ECLESIOLOGICO: 1CORÍNTIOS 12***

Enquanto perseguimos o mandato missiológico, também devemos manter em tensão a necessidade de honrar o princípio da unidade e interligação no corpo de Cristo, que vemos em 1Coríntios 12, motivo pelo qual Jesus orou em João 17.20-23.

### **ESTUDO DE CASO: A EVOLUÇÃO DO EVANGELISMO DE MINORIAS ÉTNICAS FEITO PELA CRUZADA ESTUDANTIL E PROFISSIONAL PARA CRISTO**

Se observar a evolução do evangelismo de minorias étnicas feito pela Cruzada Estudantil nos *campi* das universidades, você verá que atravessamos três fases identificáveis.

A primeira é a fase do *daltonismo*. Se você olhar para trás, para as origens da nossa organização, lá em 1951, no *campus* da UCLA, verá que o círculo interno da liderança naquele ano incluiu um famoso atleta afro-americano, coisa bastante radical de se fazer em 1951. Naquela maneira de abordar a questão, todos eram iguais, todos eram bem-vindos, as portas estavam abertas. O problema é que não

lidávamos de verdade com um campo de batalhas nivelado, porque os afro-americanos que eram alcançados daquela maneira não provinham da mesma malha cultural. Questões como garantir o próprio sustento, participar de conferências — e até mesmo onde as conferências aconteciam — tornaram-se obstáculos. Tanto quanto sei, não houve nenhum afro-americano na equipe da Cruzada senão depois que a década de 1960 já ia bem avançada. Portanto, o resultado foi muito pequeno em termos de ministério contínuo, porque chamávamos as pessoas a saírem de uma cultura e entrarem em outra.

Na década de 1960, constatou-se que isso não podia continuar, de modo que a segunda fase começou — um período de *definição de objetivos, representação e integração*. Alguns membros da equipe provenientes de minorias foram contratados, e alguns passos mais agressivos foram tomados para ajudá-los a sobreviver em sentido financeiro e a enviá-los país a fora. O objetivo era “um ministério integrado em todos os níveis e em cada faceta da organização”. O resultado, no entanto, foi eficácia limitada. Despertou alguma resposta, e conseguimos recrutar e manter alguma liderança, mas, em retrospecto, não fomos capazes de desenvolver um crescimento sustentável. Se acompanhar a história, verá que durante os anos 1970, quando as universidades começaram a se integrar de maneira mais radical, havia da parte dos afro-americanos uma espécie de disposição de tentar colocar isso em prática. No entanto, ao chegarmos ao final da década de 1970 e aos anos 1980, a decepção passou a se fazer sentir. Foi durante esse período que essa questão toda de identidade étnica passou a ser muito mais importante. As pessoas usavam roupas com padronagem africana e havia muita expressão exterior de identificação com a cultura daquele continente. A ideia de deixar aquela cultura para passar a fazer parte de uma organização branca tornou-se cada vez mais problemática. Isso ganhou força na década de 1990, adquirindo a característica de uma espécie de ceticismo, uma suposição antecipada de que eles não deixariam sua cultura por nada nem ninguém — pois *podem* encontrar o evangelho em sua cultura, no contexto de uma igreja negra.

Assim, fomos obrigados a desenvolver nosso modo de pensar de modo a abarcar os princípios que mencionei antes, e essa é a terceira fase: *contextualização e reconciliação*. Isso significa levar a sério tanto o mandato missiológico quanto o eclesiológico. *Contextualizar* quer dizer definir um alvo; estabelecer uma identidade distinta; proporcionar conferências, materiais, projetos e assim por diante que falem ao contexto da cultura do estudante, sem pedir que, para entender a mensagem ou mesmo se tornar um discípulo, ele abandone sua cultura. Ao promover o encontro dos movimentos estudantis étnicos com o padrão dominante, devemos ser muito intencionais e diretos acerca da dinâmica da reconciliação. Essa é uma

área de intensa batalha espiritual — o inimigo não cede terreno com facilidade. Isso faz parte do planejamento estratégico e do mandato organizacional local para nossos ministérios com estudantes étnicos.

Para lhe dar uma breve ideia do que tem acontecido: no começo da década de 1980, fizemos uma conferência nacional para estudantes afro-americanos, a Chicago 1981. Depois não fizemos mais nada desse tipo, durante dez anos. Mas em 1991 organizamos uma conferência afro-americana chamada Impacto, e 550 estudantes vieram — muito mais do que esperávamos. Em 1994 contextualizamos ainda mais a conferência, e compareceram 1 100 estudantes. Em 1996 repetimos a conferência e recebemos 1 850 estudantes. Para a Impacto 1998, esperamos cerca de 2 500 estudantes.

Estamos vendo reações semelhantes a nossas estratégias para alcançar estudantes hispânicos e ágio-americanos. Há pouco tempo aconteceu nosso terceiro ano de conferências de líderes estudantis hispânicos. Primeiro convocamos uma força-tarefa do ministério hispânico dentre os ministérios no *campus*, e acho que conseguimos identificar seis integrantes hispano-americanos, dos 1 800 que a Cruzada Estudantil mantém em âmbito nacional. Este último ano, em nossa terceira conferência em San Diego, na Califórnia, e em El Paso, no Texas, chamada Destino, tivemos mais de 200 estudantes. Portanto, está crescendo e se desenvolvendo.

CONTEXTUALIZAÇÃO APLICADA		
<b><i>O movimento Impacto</i></b>	<b><i>Destino</i></b>	<b><i>Movimento</i></b>
1991-550	<b><i>(movimento estudantil</i></b>	<b><i>estudantil</i></b>
1994-1 100	<b><i>hispano-americano)</i></b>	<b><i>ásio-americano</i></b>
1996-1 850	Mais de 200 na terceira	Conferência Zebulon
1998-2 500+	edição de conferências	na Califórnia — 120
	estudantis hispânicas	presentes
	em San Diego e El Paso	

### ***QUAIS SÃO AS QUESTÕES-CHAVE A SEREM TRATADAS?***

A questão da identidade é crucial para as minorias étnicas neste país. Com frequência nos sentimos estrangeiros em uma terra estranha. Gostaria de propor uma fórmula para integrar a etnia à identidade como cristãos neste país.

Para a minoria étnica cristã, isso significa abraçar sua etnia como algo proveniente de Deus. Ensinamos nossos estudantes que não precisam abandonar ou abdicar de sua identidade étnica a fim de serem cristãos. Deus nos fez do jeito que somos, e deveríamos aceitar nossa identidade como dádiva recebida dele.

Em termos bíblicos, é adequado enxergarmos-nos como cristãos afro-americanos. O apóstolo Paulo oferece um padrão para seguirmos ao integrar uma identidade étnica e nacionalista na visão que tinha de si próprio como cristão.

Paulo pertencia a um povo oprimido. Era cidadão do Império Romano opressor. Teve de lidar com pressões de nacionalistas que consideravam especial o simples fato de fazerem parte da nação de Israel. Havia os revolucionários que queriam incendiar tudo. E havia os secularistas, que achavam que toda a conversa do apóstolo a respeito do sobrenatural era bobagem sentimentalista e supersticiosa.

Paulo se via como um cristão hebreu e cidadão romano. Identificava-se com seus antecedentes hebreus (2Co 11.22; Rm 9.1ss). Também aceitava sua identidade como cidadão romano (At 16.37,38). No entanto, considerava o fato de ser cristão o ponto mais importante de referência da sua vida (Fp 3.1-11).

Do mesmo modo, deveríamos aceitar e celebrar nossas raízes africanas. E deveríamos apreciar e tirar o maior proveito possível do nosso americanismo também. Mas nossa fidelidade maior deve ser a Jesus Cristo.

Para os estudantes afro-americanos, é importante ser capaz de integrar esses aspectos de quem são a um todo coerente e sentir-se bem em relação a isso. Como todos talvez saibam, a polêmica quanto ao cristianismo ser uma religião do homem branco continua em aberto. Ainda está sendo levantada nos *campi* país afora diariamente.

## **IMPLICAÇÕES**

Quais são as implicações disso tudo? Primeiro, ao aceitarmos e celebrarmos nossa herança cultural, precisamos nos lembrar de manter Cristo no centro. A herança étnica da pessoa deve ser valorizada, festejada e entendida. Deus não comete erros, e ele nos fez quem somos. Deus usará quem você é (um cristão afro-americano) para ajudar a conquistar outros para o seu Reino (At 1.8).

Segundo, os Estados Unidos é o nosso lar. Precisamos ter apreço pelas oportunidades que nossa presença aqui nos permite. Nosso bem-estar está relacionado ao bem-estar desta nação. Deveríamos obedecer à admoestação bíblica de orar pelos líderes políticos dos Estados Unidos.

Por fim, nossos irmãos e irmãs cristãos são mais nossa família espiritual do que aqueles da nossa própria raça que não conhecem Jesus. Não devemos agir como se não necessitássemos deles (Jo 17.20-23). Embora não tenhamos de pestanejar diante do racismo nem lhe negar a existência, não devemos nos afundar na amargura nem justificar nosso pecado de parcialidade (racismo) contra os brancos por causa das atitudes deles. Isso seria convertermos-nos em vítimas de uma nova

escavidão. Pois Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34).

Para aqueles que pertencem à cultura dominante e, no entanto, têm o compromisso de ver comunidades étnicas alcançadas pelo evangelho, isso significa abordar as implicações da reforma encarnacional que está em processo e considerar os elementos encarnacionais da sua escatologia. Significa estar comprometido em promover o discipulado — seu objetivo deve ser levantar líderes que se tornem seus parceiros ou iguais, talvez até alguém que algum dia você seguirá. O discipulado cristão não adota uma estratégia de pirâmide como a Amway ou a Mary Kay.

Entenda a necessidade de foco. Mesmo sendo bom se envolver em atos periódicos para expressar seu compromisso com a unidade do corpo e ver o evangelho proclamado a todos, a efetividade não será alcançada por esses meios. É preciso considerar um compromisso de longo termo com o ministério transcultural, caso pretenda ter esperança de produzir uma liderança local. E então, evidentemente, você deve se preparar para emancipar esse ministério.

## CAPÍTULO 16

---

# ALCANÇANDO ÁSIO-AMERICANOS PÓS-MODERNOS

*Peter Cha e Greg Jao*

**P**ara os ágio-americanos biculturais, um aspecto importante da nossa vida diária sempre foi aprender a nos ajustar a duas forças culturais concorrentes, a do oriente e a do ocidente. Durante a última década, no entanto, uma outra cosmovisão, um outro sistema de valores, também concorrente, surgiu em nosso meio, acrescentando uma nova dimensão às nossas guerras culturais. O modo pós-moderno de olhar para a realidade, para si mesmo e para a vida em geral começou a influenciar a geração mais jovem de ágio-americanos. Levando em conta esse contexto em transformação, interpretar nossas experiências ágio-americanas como um simples embate entre asiáticos e americanos poderia ser inadequado, se não obsoleto. Gostaríamos de propor que um modo mais holístico e talvez mais preciso de enxergar nossas experiências seria olhá-las através da intersecção do tradicional, do moderno e do pós-moderno.

O que acontece quando essas três cosmovisões concorrentes se encontram em uma família, uma igreja e uma comunidade imigrante ágio-americanas? O tradicional, o moderno e o pós-moderno podem coexistir de maneira pacífica debaixo do mesmo teto? Essas são algumas das perguntas com que famílias e igrejas ágio-americanas se debaterão nos próximos anos. Contudo, limitaremos nosso foco aqui às seguintes questões: Quem são os ágio-americanos pós-modernos? Quais são alguns dos desafios críticos que eles enfrentam hoje? E como

podemos alcançar com eficácia esses ágio-americanos com as boas-novas de Jesus Cristo?<sup>1</sup>

## A EXTENSÃO DAS INFLUÊNCIAS PÓS-MODERNAS NO CONTEXTO ÁSIO-AMERICANO

Uma fábula conhecida conta a história de seis indianos cegos que, depois de tocar diferentes partes de um elefante, afastam-se com seis imagens mentais distintas do que é esse animal. De semelhante modo, parece que pessoas provenientes de contextos culturais e de situações sociais diferentes experimentam e percebem o pós-modernismo de maneira um tanto diversa. Considerando sua natureza anti-fundacional, o pós-modernismo é um fenômeno que foge a uma definição bem compactada. No entanto, como sugere Stanley Grenz, a maioria de nós concorda que o pós-modernismo é a reação mais forte da nossa sociedade ao modernismo: “O que quer que ele possa ser, como o próprio nome sugere, pós-modernismo significa uma busca por ir além do modernismo. Para ser mais específico, ele envolve a rejeição da mentalidade moderna, iniciada, porém, sob as condições da modernidade” (1996, p. 2).

Pareceria, portanto, que a extensão em que certo grupo étnico poderia ser afetado pela pós-modernidade seria em parte determinada por até que ponto esse grupo participou e investiu na modernidade. Há pouco tempo um colega afro-americano me contou que a comunidade afro-americana como um todo não é afetada pelo surgimento do pós-modernismo porque — em grande parte devido ao racismo — ela não teve plena participação na modernidade norte-americana, caracterizada pela noção do progresso e do espírito de otimismo. Não tendo se envolvido na modernidade, a maioria dos afro-americanos não é nem ameaçada, nem atraída pelas condições pós-modernas.<sup>2</sup> (É evidente que essa percepção valiosa pressupõe definições próprias de moderno e pós-moderno.)

E quanto aos ágio-americanos? Diferentemente dos afro-americanos, a maioria intencionalmente abraçou a modernidade e tudo o que ela promete. Com certeza nós, ágio-americanos, experimentamos nossa fatia de racismo e discriminação. No entanto, a maioria, principalmente quem imigrou depois de 1965 e seus

<sup>1</sup>Muitas das apresentações da conferência enxergam o pós-modernismo como uma realidade filosófica ou como um problema hermenêutico a ser tratado pela igreja. Nossa contribuição examina a pós-modernidade como uma realidade social na qual a igreja deve se engajar.

<sup>2</sup>Veja o capítulo 15, em que Charles Gilmer, palestrante afro-americano presente na conferência, também argumenta que o pós-modernismo teve um impacto relativamente menor na comunidade afro-americana como um todo.

descendentes, tem lutado para alcançar o “sonho americano” e abraçado o otimismo da modernidade. Alguns estudiosos, na verdade, argumentam que a maioria dos imigrantes asiáticos que vieram após 1965, dos quais um número significativo era composto por profissionais com boa formação educacional, escolheu vir para os Estados Unidos em busca da modernidade (Abelmann e Liei, 1995, p. 49-84). Dado esse contexto sócio-histórico, queremos propor que o pós-modernismo — como forma de reação ao modernismo — tem potencial de influenciar os ágio-americanos e suas comunidades de maneira significativa.

Outra razão pela qual os ágio-americanos poderiam ser muito susceptíveis a várias influências pós-modernas está relacionada ao fenômeno que alguns sociólogos chamam de transmissores institucionais. Peter Berger, sociólogo de destaque, identificou as produções tecnológicas — isto é, as indústrias manufatureiras — e a burocracia como dois dos principais transmissores de modernização, funcionando como os motores gêmeos do processo de modernização (1973, p. 23-62). Quem, então, são os transmissores do pós-modernismo? Que instituições socioculturais em particular atuam para propagar e legitimar o pós-modernismo em nossa sociedade?

Parece haver duas instituições principais que promovem essa nova cosmovisão. A primeira abarca a mídia cultural — filmes, programas de TV, a indústria musical (Harvey, 1989, p. 308-349). A mídia faz um trabalho sutil, mas eficaz. O *Titanic*, sucesso de bilheteria e vencedor de vários Oscars, ilustra o que quero dizer. No filme, uma jovem atraente, Rose, é cercada por três personagens de expressão que competem por seu amor e lealdade. Por sua vez, cada um deles representa uma cosmovisão e um sistema de valores particular. O noivo de Rose, industrial rico e cheio de si, é um ícone adequado da modernidade; representa tanto as realizações quanto os fracassos da modernidade. O novo amante da moça, um artista pobre (não por acaso um desenhista, alguém que cria imagens), rejeita bens da modernidade, como riqueza e *status* social, e encara a vida com uma atitude muito espirituosa. É um ícone perfeito da geração X pós-moderna. Há também a mãe de Rose, que lembra a filha o tempo todo que ela deve se casar com o industrial porque a situação financeira da família assim exige. Ao insistir em que as responsabilidades e obrigações familiares precedem a felicidade social de um de seus membros, a mulher defende uma visão de mundo e valores tradicionais. Depois de hesitar e se torturar diante dessas opções, a moça escolhe o jovem artista e a cosmovisão que ele representa. O restante do filme é a celebração dessa escolha.

Não admira que milhões de adolescentes e jovens adultos, incluindo muitos ágio-americanos que conhecemos, foram ver esse filme — não apenas uma, mas várias vezes. Quem produziu o filme pode não ter usado os termos “tradicional”, “moderno” e “pós-moderno”, mas é evidente que privilegiou uma cosmovisão em

detrimento das outras. Foram gastos mais de 200 milhões de dólares para criar um produto midiático potente que promovesse essa cosmovisão à comunidade global.

A segunda instituição que valida e promulga o pós-modernismo é o ensino superior.<sup>3</sup> Enquanto a mídia cultural influencia todos em nossa sociedade — e em nossa aldeia global —, o sistema de ensino superior americano influencia os jovens ágio-americanos em particular. Em termos demográficos, uma porcentagem muito maior de ágio-americanos frequenta nossas universidades. De acordo com o censo de 1990, 21% da população americana com mais de 25 anos concluiu o curso universitário. A porcentagem salta para 40% no caso dos ágio-americanos; isto é, quase o dobro da porcentagem da população nacional. Portanto, um número proporcionalmente maior de ágio-americanos está exposto às influências do pós-modernismo no ambiente universitário.

Ademais, para os ágio-americanos, toda a vivência universitária pode ser vista como uma experiência muito pós-moderna. Esses jovens entram em um ambiente desprovido de contexto, em que o texto que estudam não tem mesmo nada a ver com seu contexto familiar ou cultural. São expostos a uma multidão de diferentes classificações étnicas, culturais e socioeconômicas sem que a universidade lhes forneça qualquer estrutura organizadora coerente. Para muitos ágio-americanos — em especial os filhos de imigrantes recentes, que ainda não contam com muita história neste país — esse ambiente desprovido de contexto cria um senso ainda mais profundo da falta de um lar.

Ao mesmo tempo, muitos desses estudantes universitários ágio-americanos se sentem atraídos pelo pós-modernismo porque ele anda de mãos dadas com o multiculturalismo nos Estados Unidos.<sup>4</sup> Encorajados e estimulados por esse multiculturalismo, muitos ágio-americanos começam a explorar a própria identidade étnica durante os anos de faculdade e a participar de vários programas étnicos/culturais que validam quem são como ágio-americanos. Na condição de minorias étnicas, muitos estudantes universitários ágio-americanos adotam o multiculturalismo em graus variados e, ao fazê-lo, consciente ou inconscientemente se apropriam de alguns pressupostos subjacentes ao pós-modernismo.

## ALCANÇANDO OS PÓS-MODERNOS ÁGIO-AMERICANOS

De acordo com o Iwa, grupo de pesquisa e consultoria cristão ágio-americano, 97% dos ágio-americanos hoje estão fora da igreja, o que faz deles um dos grupos

<sup>3</sup>Livros como *Post-modernism and the social sciences* (1992), de Rosenau, descrevem como as várias disciplinas acadêmicas vêm sendo afetadas pelo pós-modernismo.

<sup>4</sup>*Christian Scholar Review* 25 (junho, 1996) oferece artigos que examinam a relação entre o pós-modernismo e o multiculturalismo, e como o cristão deve processar e responder a esses movimentos.

étnicos menos alcançados nos Estados Unidos. Parece que a situação é ainda mais desafiadora em nosso universo dos *campi* universitários. Segundo Paul Tokunaga, diretor do ministério ágio-americano na InverVarsity Christian Fellowship, uma estimativa generosa indica que menos de 1% dos 797 mil estudantes universitários ágio-americanos está hoje envolvido com vários grupos de ministério entre universitários que trabalham nos *campi*. Em Lucas 15, nosso Senhor contou a parábola da ovelha perdida, em que o bom pastor deixa 99 ovelhas em pasto aberto para sair em busca da única ovelha perdida até a encontrar. Se tivéssemos de situar essa parábola no contexto ágio-americano de hoje, encontraríamos uma ovelha em segurança e 99 ovelhas perdidas, vagando confusas.

Muitos que observam de perto os integrantes da geração X, a multidão que hoje tem vinte e poucos anos e é identificada como a primeira geração pós-moderna, notam um senso onipresente de confusão e desesperança que a caracteriza.<sup>5</sup> E os membros da geração X ágio-americanos não são exceção. Considerando alguns dos aspectos singulares e peculiares ao contexto ágio-americano, no entanto, qual exatamente é a fonte e a natureza da confusão e da desesperança encontradas entre pós-modernos ágio-americanos?

### ***O PROJETO DE IDENTIDADE PESSOAL: UM DESAFIO CRÍTICO PARA OS PÓS-MODERNOS ÁGIO-AMERICANOS***

Entre os muitos fatores possíveis, gostaríamos de nos concentrar no projeto de identidade pessoal em nosso mundo pós-moderno, projeto em que a maioria dos jovens adultos ágio-americanos trava grande luta.<sup>6</sup> Nas famílias ágio-americanas, a busca dos jovens adultos por uma identidade pessoal sempre foi um ponto central de conflito e tensão entre pais imigrantes e seus filhos nascidos nos Estados Unidos.<sup>7</sup> Por um lado, provenientes de uma perspectiva tradicional, muitos pais veem essa identidade não como um projeto sobre o qual a pessoa trabalha; antes, consideram-na algo que lhes é concedido, transmitido de uma geração para outra. Isso é verdade sobretudo para aqueles oriundos de uma cultura confuciana, em que o filho, não importa que idade tenha, é identificado como uma extensão dos pais. Por outro lado, jovens adultos ágio-americanos, sob profunda influência da cultura americana contemporânea, costumam presumir que a construção de

<sup>5</sup>Por exemplo, veja Celek e Zander, 1996; Long, 1997.

<sup>6</sup>Neste trabalho, usaremos o termo identidade pessoal com mais amplitude, de forma a incorporar também as identidades ética, religiosa, vocacional e de gênero.

<sup>7</sup>Para leituras posteriores nesse tópico crítico, recomendamos *Following Jesus without dishonoring your parents: Asian-American discipleship* (Yep et al., 1998).

uma identidade pessoal é seu projeto pessoal e percebem o envolvimento dos pais como desnecessário, se não intrusivo.<sup>8</sup> Nesse quadro, entra a perspectiva pós-moderna da identidade individual, redefinindo e reinterpretando radicalmente o que é o ser pessoal.

Com base em perspectivas pós-modernas, o ser pessoal é visto como um fenômeno em constante transformação, sendo sempre construído e reconstruído através do desempenho de papéis múltiplos e do diálogo contínuo com os outros.<sup>9</sup> O eu pós-moderno é um eu fragmentado e frequentemente expresso de uma maneira em que faltam coerência, continuidade e sentidos inerentes. Ademais, se o eu moderno era um agente otimista e ativo, que escrevia com confiança o texto da própria biografia, o eu pós-moderno é uma entidade passiva e descentralizada, que se encontra no meio de diversas perspectivas e vozes que o definem e redefinem. Essa perspectiva faria do projeto de identidade pessoal uma tarefa que suscita grande ansiedade em qualquer jovem adulto que tenta encontrar sentido para a vida e seu lugar neste vasto mundo. Para os jovens adultos ágio-americanos, contudo, para quem a compreensão da própria identidade sempre foi um processo de negociação confuso e até mesmo doloroso, a emergência da visão pós-moderna do eu só traz um senso ainda mais profundo de falta de sentido, impotência e desesperança.

De acordo com um conselheiro ágio-americano, até 80% dos serviços de aconselhamento para crises em uma universidade na região de Chicago são utilizados por estudantes ágio-americanos, embora eles respondam por apenas 20% do corpo estudantil. De fato, alguns estudos indicam que um número significativo de jovens ágio-americanos — embora costumem ser retratados como gênios bem-sucedidos e bem-ajustados — lutam contra a depressão profunda (Rue, 1993; Uba, 1994). Pesquisadores ágio-americanos também têm observado um aumento brusco na taxa de suicídio entre jovens adultos ágio-americanos. De acordo com um estudo, essa taxa chegou a triplicar nas últimas duas décadas (Yu et al., 1989). Esses estudos descobriram que uma das principais causas da depressão e do suicídio é a incapacidade desses jovens de lidar com as expectativas dos pais, aliada às pressões da sociedade para que se tornem alguém que não são (Rigdon, 1991). Para alguns pós-modernos ágio-americanos, o projeto de identidade pessoal se transforma literalmente em uma questão de vida ou morte.

<sup>8</sup>Na realidade, muitos psicólogos sociais americanos argumentam que um aspecto crítico da formação da identidade pessoal é o fato de o indivíduo se tornar independente e se separar dos pais (p. ex., Offer e Offer, 1975; Lidz, 1968).

<sup>9</sup>Veja Denzin, 1989; Sampson, 1989; Gergen, 1992.

### ***FALANDO A VERDADE POR MEIO DA GRANDE NARRATIVA DAS BOAS-NOVAS***

Há pouco tempo alguns teólogos, como Stanley Grenz e Anthony Thiselton, observaram que a compreensão pós-moderna do eu abre novas oportunidades de ministério para a igreja. “O pós-modernismo [...] conta parte da história do eu humano, mas não a história inteira”, escreve Thiselton. “Um relato adequado do eu e da personalidade não pode parar com sua localização em um momento instantâneo no âmbito de processos em fluxo de constante mudança. A individualidade descobre a própria identidade e personalidade no âmbito de uma narrativa intencional mais ampla, a qual dá espaço para o agir, a responsabilidade e a esperança” (1995, p. ix).

Como a igreja pode auxiliar os pós-modernos ágio-americanos em sua tarefa crítica de entender quem e o que são? De fato, uma maneira importante é fornecendo “uma narrativa intencional mais ampla” que sirva de contexto no qual nossas narrativas individuais possam encontrar seu lugar legítimo. Na pós-modernidade sem contexto, propiciar um contexto firme e cheio de significado, em que os jovens ágio-americanos possam situar a própria história, não é prestar serviço pouco relevante.

Mas a grande narrativa do cristianismo oferece mais que apenas um pano de fundo adequado, porque nosso Deus vivo não é um Deus que se esconde por trás de um pano de fundo histórico ou cósmico, mas sim um Deus que fala e se relaciona com cada um de nós hoje. Dito de forma diferente, a grande narrativa do evangelho convida os pós-modernos ágio-americanos a conhecer nosso Criador, nosso Pai celestial, que deseja nos ensinar e nos lembrar quem realmente somos e ter comunhão conosco enquanto prosseguimos com a tarefa de escrever a própria narrativa de vida. Os estudos pós-modernos asseveram que a identidade pessoal nunca é alcançada de forma plena durante a adolescência e a jovem idade adulta, como os psicólogos sociais modernos já presumiram. Antes, ela está contínua e reflexivamente mudando e evoluindo à medida que nos envolvemos e interagimos com aqueles que são importantes para nós. Se for esse o caso, nossa necessidade — ou talvez desejo — de manter um diálogo contínuo com Deus ou alguém como Deus se torna mais forte do que nunca.

Qual então é a grande narrativa capaz de atrair com eficácia os ágio-americanos pós-modernos a um relacionamento desse tipo com nosso Deus vivo? A Bíblia explica a história do evangelho usando diversas metáforas. Por meio de uma metáfora forense, ela ensina que fomos um dia condenados diante de um Deus santo e justo, mas que a morte de Cristo na cruz desviou a justa ira de Deus dirigida contra nós e nos declarou justos (Rm 3.21-26; 5.18,19). Outra metáfora bíblica, extraída da antiga prática da escravidão, mostra Deus redimindo ou providenciando resgate para pessoas

antes escravas, através da morte sacrificial do seu Filho (Ef 1.7; 1Tm 2.6; Hb 9.12). Contudo, outra metáfora bíblica rica é a da reconciliação do relacionamento entre o Pai celestial e os distanciados portadores de sua imagem. Jesus veio para se tornar nossa reconciliação (Rm 5.6-11; 2Co 5.18 — embora a ênfase de Paulo nessas passagens transcenda a reconciliação familiar em sentido estrito).

Todas essas metáforas bíblicas da obra de salvação de Cristo, consideradas em conjunto, ilustram como Jesus é a provisão completa de Deus para o pecado humano. Elas nos capacitam a alcançar uma compreensão mais profunda e mais rica da natureza do pecado humano, bem como da plena suficiência da obra salvífica de Cristo. Ao tentar alcançar os pós-modernos ágio-americanos, contudo, achamos uma dessas metáforas particularmente eficaz — o tema da reconciliação entre Deus e seus filhos.

Levando em consideração nosso contexto cultural específico e nossas experiências como imigrantes, o tema da alienação e da reconciliação entre pai e filho fala ao jovem ágio-americano com grande ternura e pungência porque muitos viveram ou ainda vivem relacionamentos de intensa ambivalência com seus pais. Por essa razão, em muitos contextos evangelísticos ágio-americanos, uma das passagens bíblicas que nós e outros temos usado com frequência é a Parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32). Nessa conhecida passagem, encontramos a história do evangelho — em que alguém perdido é achado — construída sobre o relacionamento pai-filho. Para muitos pós-modernos ágio-americanos, no entanto, o tremendo apelo da parábola não está tanto no fato de podermos nos identificar com o filho pródigo — embora, até certo ponto, isso deva acontecer com todos nós — de imediato ou no desfecho incrível da narrativa. Antes, o aspecto mais impressionante e atraente da parábola é a imagem do pai amoroso que sofre por muito tempo.

Na parábola, encontramos o pai sondando o horizonte sem cessar, em busca de algum vestígio do filho perdido, até que um dia seus olhos cansados captam um sinal do filho ao longe. O pai não hesita. Não espera o filho se aproximar. Toma uma atitude incrível. Ele corre. Corre em direção ao pródigo, abraça e beija o filho que esbanjou tudo com o pecado. O perdido foi encontrado. Antes mesmo de o pródigo começar a murmurar um pedido de desculpas, já sabe que é bem-vindo. Querido. Abraçado.

Em seu comentário sobre Lucas 15, Kenneth Bailey declara que uma imagem dessas de pai deve ter chocado a audiência palestina de Jesus, pois desafiava a imagem que aquela cultura tinha do pai respeitável (1992, p. 142-161). Pelo mesmo motivo, a parábola exerce um fascínio assombroso em plateias ágio-americanas. Muitos pais asiáticos, homens em especial, são modelos de contenção emocional e verbal, características identificadas como virtudes em uma cultura baseada nas

ideias de Confúcio. Ademais, muitos de nossos pais nos instigam intensamente para sermos bem-sucedidos, apoiando-nos pouco, ao mesmo tempo que nos criticam ou nos punem sem nenhuma justificativa — pelo menos é o que parece a nós, seus filhos. Em resumo, muitos jovens ágio-americanos veem seus pais como fatores que nunca se sentem satisfeitos de verdade com o desempenho dos filhos e cujo amor por eles é, na melhor das hipóteses, condicional.

Em *Sometimes its' hard to love God* [Às vezes é difícil amar a Deus] (1989), Dennis Guernsey chama a atenção para o fato de como nosso relacionamento passado com a figura paterna pode distorcer a imagem que fazemos do Pai celestial. Acreditamos que esse desafio seja mais real e formidável para aqueles de nós que estão tentando alcançar os pós-modernos ágio-americanos. Tendo em vista suas experiências pessoais e atitudes pós-modernas, que mostram sua desconfiança de qualquer figura de autoridade, a ideia de se submeter a outra figura paterna pode parecer repulsiva ou mesmo irracional — até chegarem a uma imagem mais clara desse Pai, cujo tratamento dispensado a seu filho pródigo se caracterizou pela graça, não pela humilhação; pelo amor incondicional, não pela aceitação condicional. Essa é uma imagem do nosso Pai celestial que tem tocado constantemente o coração dos jovens ágio-americanos nos ministérios que desenvolvemos no *campus* e na igreja local.

Esse Pai amoroso não só oferece conforto e um senso de aceitação a esses jovens, mas também uma identidade perene, capaz de proporcionar um senso de propósito, continuidade e esperança neste mundo pós-moderno. Em sua obra devocional baseada na parábola do filho pródigo, Henri Nouwen observa a importância nela do tema da identidade cristã. Segundo a sua visão, sempre que buscamos nossa identidade fora do Pai amoroso, perambulamos por aí como o filho pródigo. Nossa volta para casa ocorre quando chegamos até ele e ouvimos sua voz chamando-nos de filho amado e encontramos nossa identidade nessa verdade (1994, p. 37-58). Refletindo na própria jornada de vida, Nouwen escreve:

Há muitas [...] vozes que soam alto, repletas de promessas e muito sedutoras. Elas dizem “Vá e prove que você tem valor”. [...] Praticamente desde o instante em que tive ouvidos para ouvir, escutei essas vozes, e elas permanecem comigo desde então. Chegaram até mim através dos meus pais, dos meus amigos, dos meus professores e colegas. [...] [Mas] contanto que eu permaneça em contato com a voz que me chama de Amado, essas outras [vozes] são bastante inofensivas (1994, p. 41).

Induzidos pela compreensão confuciana do eu relacional e pela noção pós-moderna do eu dialógico, os pós-modernos ágio-americanos estão buscando e desejando ouvir a voz que os chamaria de Amados e os libertaria desse mar de vozes

concorrentes e conflitantes. Nossa tarefa é convidá-los a ouvir sua voz, que declara a verdade e nos lembra a todos que, antes de sermos asiáticos ou americanos, antes de sermos estudantes ou profissionais de carreira, antes de sermos homens ou mulheres, somos seus amados, redimidos pelo sangue do seu Filho derramado na cruz. A grande narrativa do evangelho fornece aos pós-modernos ágio-americanos um identidade essencial, que não muda com o tempo, não se fragmenta nos contextos múltiplos e mutáveis em que vivemos hoje, e não se reduz a uma montagem banal e carente de coerência. Isso é de fato boa-nova para muitos jovens ágio-americanos que estão sendo “levados de um lado para outro pelas ondas, [...] jogados para cá e para lá por todo vento” (Ef 4.14, NVI) de perspectivas e humores pós-modernos e de guerras travadas nas famílias ágio-americanas.

### ***FALANDO A VERDADE POR MEIO DA COMUNIDADE DO POVO DE DEUS***

À medida que se envolvem na tarefa crítica de compreender quem e o que são em uma pós-modernidade sem contexto, outro elemento crucial que os jovens ágio-americanos estão procurando é uma comunidade. Para início de conversa, ao passar da modernidade para a pós-modernidade, nossa sociedade em geral está pouco a pouco deixando de se centrar no indivíduo para se centrar na comunidade. O tribalismo ou balcanização é uma das consequências dessa transformação sociocultural. Quem estuda o fenômeno da geração X observa que a maioria dos pós-modernos jovens acalenta o forte desejo de fazer parte de uma comunidade. Esses jovens extraem grande parte da compreensão de si mesmos da vida que levam em comunidade.

Para os pós-modernos ágio-americanos, essa noção de formar a identidade pessoal no âmbito de uma comunidade é reforçada por nossa cultura baseada no confucionismo. Ela nos ensina que nossa identidade é moldada em grande parte pela família e pela comunidade. Um estudioso observa que, enquanto a cultura ocidental diz “Penso, logo existo”, a cultura asiática declara “Pertencço, logo existo”. Por mais americanizados que sejam, muitos estudantes ágio-americanos parecem desejar ser parte de uma comunidade ágio-americana em seu *campus*, fomentando o surgimento de vários grupos ágio-americanos culturais, políticos e religiosos em nossos *campi*.

Durante a década passada, reagindo a esse desenvolvimento, a InterVarsity Christian Fellowship patrocinou fraternidades ágio-americanos em alguns *campi* de grandes universidades. Ao fazer isso, a intenção não foi promover o etnocentrismo ou participar da balcanização gerada pela pós-modernidade. Antes, o objetivo foi fornecer um ambiente comunitário em que os estudantes possam explorar sua identidade, incluindo a étnica e a espiritual, e alcançar os estudantes

ásio-americanos não cristãos com maior efetividade.<sup>10</sup> Descobrimos que muitos jovens ágio-americanos que se encontram fora das igrejas, ou que já frequentaram uma igreja, estão dispostos a visitar e participar do ministério dessas fraternidades e a encontrar nosso Deus vivo de uma maneira significativa. Na década passada, o número de ágio-americanos que participaram do ministério da InterVarsity como um todo aumentou em 167%.

No entanto, nem todas as comunidades ágio-americanas cristãs estão alcançando os jovens ágio-americanos com eficácia. Na verdade, em um levantamento da situação da atual igreja de imigrantes asiáticos, encontramos o quadro trágico de um êxodo maciço dos jovens dessas igrejas. Há poucos anos, no *Los Angeles Times*, um artigo de capa intitulado “Tentando deter o ‘Êxodo Silencioso’ ” relatou que a maioria dos jovens adultos coreano-americanos da segunda geração abandonou ou passa agora pelo processo de abandonar suas igrejas de imigrantes (Carvajal, 1994, p. A1). Um estudo demonstra que bem mais de 75% dos chineses nascidos em igrejas de imigrantes chineses nos Estados Unidos acabam abandonando sua igreja (Wong, 1990, p. 1-2). Esses relatórios lembram àqueles dentre nós que se dedicam ao ministério ágio-americano que é preciso bem mais do que simplesmente oferecer uma experiência de comunidade ágio-americana para conquistar quem está fora da igreja e trazer de volta os pós-modernos ágio-americanos que deixaram a igreja.

Portanto, que tipo de comunidade cristã os alcança e ministra a eles com eficácia? Que tipo de comunidade propicia um ambiente seguro e estimulante em que esses indivíduos encontram nosso Pai amoroso, são adotados em sua família e compreendem a própria identidade em Jesus Cristo? Acreditamos serem essas as questões cruciais e urgentes que necessitam ser enfrentadas pelos ministérios ágio-americanos. Levando em conta o texto — isto é, o que as Escrituras ensinam sobre a comunidade do povo de Deus — e o contexto — o que os pós-modernos ágio-americanos estão procurando na comunidade e o que dela necessitam — queremos nos concentrar em três aspectos da comunidade: graça, a prática do poder e da autoridade, e a Palavra.

### *Uma comunidade de graça*

Temos primeiro de aprender o que significa ser uma comunidade de graça, uma comunidade que traz cura aos ágio-americanos oprimidos pela vergonha. Muitos

<sup>10</sup>Ao reconhecer que a reconciliação racial e a unidade na diversidade são valores bíblicos importantes, a IVCF está incentivando comunidades ágio-americanas a serem mais proativas com respeito a desenvolver relacionamentos de comunhão significativos com outros grupos cristãos em suas universidades e a participar de vários treinamentos e programas de evangelismo de caráter multiétnico.

estudiosos e líderes cristãos ágio-americanos têm observado que, enquanto a cultura ocidental é baseada na culpa, genericamente falando, a cultura asiática é baseada na vergonha.<sup>11</sup> Tom Lin, um membro da equipe da InterVarsity ágio-americano, observa:

A vergonha está entranhada no tecido da família asiática. Pelo fato de nossos atos afetarem não só a nós mesmos, mas também gerações inteiras de parentes e familiares, os ágio-americanos têm uma tarefa árdua pela frente quando cometem erros e tentam “consertá-los”. [...] Em vez de nos sentirmos culpados por termos cometido um erro, de repente a vergonha faz com que sintamos como se fôssemos o erro. Por conseguinte, a tentativa de “consertar” o problema se torna uma tarefa assustadora, pois nós somos o problema. Sentimo-nos isolados e alienados dos outros (1996, p. 43).

A declaração de Lin identifica dois aspectos da vergonha asiática que merecem nossa atenção. O primeiro é que a vergonha ocorre em um contexto relacional ou comunitário. Como a cultura confuciana dá grande ênfase à identidade coletiva, qualquer vergonha que recaia sobre um membro da família costuma ser vivenciada pela família inteira. Por exemplo, quando um jovem ágio-americano não consegue ser aceito em uma universidade bem conceituada, esse indivíduo não só fracassou em alcançar um importante objetivo pessoal como também trouxe vergonha à família. E quando a família reage expressando seu desapontamento — “Você falhou conosco” ou “Como pôde nos envergonhar assim?” — a pessoa afunda ainda mais na vergonha.

Segundo, enquanto a culpa se concentra no fato de haveremos violado leis ou padrões morais específicos — afetando assim nossa consciência — a vergonha se concentra em quem somos como pessoa, afetando o âmago da nossa identidade. Colocando de outra forma, a culpa nos diz que cometemos um erro, mas a vergonha nos diz que *somos* um erro. Desse modo, a vergonha afeta nosso senso de identidade de maneira profunda e direta, ensinando-nos a sentir vergonha de quem somos.

Mas justamente em razão dessas lutas profundas, a promessa do evangelho tem um incrível poder de atração para os ágio-americanos presos ao sentimento de vergonha. O evangelho não promete perdoar um pecadinho aqui e outro acolá, mas, sim, promete que, quando depositamos nossa fé em Jesus Cristo, nosso Pai nos perdoará, amará e nos curará na essência do nosso eu. Em um ponto crítico da

<sup>11</sup>Inouye, 1984; Fong 1990, p. 91-96; Lin, 1996, p. 43-50; Yep et al., 1998. Alguns estudiosos, no entanto, observam que até a cultura ocidental, ao se afastar da modernidade, está gradualmente se tornando mais baseada na vergonha, e.g., Giddens, 1991.

Parábola do Filho Pródigo, o filho desobediente confessa tanto sua culpa — “Pai, pequei contra o céu e contra ti” (Lc 15.18) — quanto sua vergonha — “não sou mais digno de ser chamado teu filho” (v. 19). O pai, em resposta, não se limita a perdoar os delitos passados do filho que volta. Em vez disso ele abraça, restaura e ama o filho indigno. As Escrituras nos ensinam que nosso Pai celestial livra seus filhos da culpa e da vergonha. Isso é boa-nova para os ágio-americanos que estão fora da igreja ou que deixaram de frequentá-la.

Infelizmente, muitas igrejas e grupos de confraternização ágio-americanos que atuam nos *campi* e se dedicam a esse público falham em demonstrar essa boa-nova em nossa vida comunitária. Intencionalmente ou não, essas comunidades costumam, antes, refletir vários aspectos das famílias asiáticas baseadas na vergonha (Fong, 1990, p. 93). Um desses aspectos é que nossas igrejas com frequência usam padrões comportamentais legalistas para promover a espiritualidade das pessoas e definir-lhes a identidade espiritual. Usando uma longa lista de “faça isso” e “não faça aquilo”, as igrejas muitas vezes envergonham nosso povo, constantemente repreendendo-o por seus fracassos e falhas espirituais. Em recente conferência de pastores ágio-americanos, um líder leigo coreano-americano lamentou que houvesse pastores coreano-americanos em excesso ricamente agraciados com um dom não encontrado na lista bíblica de dons espirituais — o dom da repreensão. Muitos líderes cristãos ágio-americanos fazem nosso pessoal jovem se lembrar de seus pais asiáticos exigentes, não de seu Pai celestial gracioso.

Outro fator que faz com que nossas igrejas funcionem como verdadeiras fábricas de vergonha é que elas se parecem muito com museus. Um grande número de jovens ágio-americanos cresce em igrejas de imigrantes em que as pessoas falam sem parar sobre as próprias realizações ou as dos filhos. Assim, para eles, a igreja aos poucos é identificada como um lugar aonde as pessoas vão para se mostrar, mesmo que isso seja feito de modo muito furtivo e asiático. Não é mera coincidência que ministros ágio-americanos em geral encontrem especial dificuldade em ministrar àqueles que passam por desafios difíceis na vida, ou que não se enquadram muito bem na categoria construída da minoria modelo. Temos excelentes boas-novas para compartilhar com os pós-modernos ágio-americanos confusos e feridos, mas as práticas que fomentam a vergonha nas igrejas se intrometem o tempo todo.

Como os jovens ágio-americanos experimentarão o abraço gracioso do nosso Pai, capaz de libertá-los da vergonha e do pecado? Acreditamos que isso acontecerá com maior eficácia por meio de comunidades cristãs que entendam e pratiquem a graça procedente do nosso Pai. Se a vergonha acontece em um contexto relacional (através do que os outros dizem e de como nos tratam), parece que a cura pode ser mais eficaz se também ocorrer em um contexto relacional. Para ser mais específico,

em um contexto em que possamos ouvir com clareza e regularidade a voz do nosso Pai gracioso, e em que a vida comunitária seja fortemente moldada e guiada pelo viver na graça. Há um anseio profundo por isso em muitos jovens adultos ágio-americanos que conhecemos e com os quais trabalhamos.

### ***Uma comunidade que pratica o poder e a autoridade da Bíblia***

Uma das características evidentes de uma cultura baseada no confucionismo é a profunda obediência à hierarquia. Nossa cultura sanciona e ensina que o homem exerce poder sobre a mulher, assim como os pais sobre os filhos, os mais velhos sobre os mais jovens, os governantes sobre os governados e os instruídos sobre os menos instruídos. Nesses relacionamentos verticais é dado aos participantes “superiores” o controle sobre os participantes “inferiores”, levando a práticas abusivas muitas vezes. Alguns desses ensinamentos e práticas são encontrados não só em nossas famílias ágio-americanas, mas também em nossas igrejas, alienando muitos jovens adultos americanizados, que os veem não só como antiquados, mas também como opressivos.

Isso é verdade acima de tudo para os pós-modernos de hoje. Educados na academia pós-moderna, muitos dos nossos jovens não só estão familiarizados com o conceito da hermenêutica da desconfiança como são bastante habilidosos no uso de tais ferramentas para analisar a sociedade à sua volta. Os pós-modernos buscam o tempo todo identificar e revelar certas ideologias hegemônicas que protegem e sustentam o poder e o privilégio de determinados grupos de interesse. Ademais, vendo-se como vítimas de várias trapaças e manipulações de diversos grupos de poder, os jovens pós-modernos acreditam que seu projeto de identidade requer o exercício contínuo e vigilante desse tipo de análise. Para grande quantidade de pós-modernos ágio-americanos, sua família e igreja são o primeiro conjunto de instituições às quais eles direcionam sua hermenêutica da desconfiança.

Não faz muito tempo, eu (Peter) estive conversando com uma mulher ágio-americana recém-graduada em um programa de mestrado em educação. Embora ela tenha sido criada em uma sólida família cristã e mantido uma vida espiritual profundamente comprometida até a época da universidade, hoje está longe de Deus principalmente porque vê o cristianismo como uma forma de opressão e manipulação. Ela sente que sua família cristã e sua igreja de imigrantes a vitimaram no passado por ser mulher, por ser americana de nascença e por não estar muito familiarizada com a cultura e a língua de sua etnia. E também pelo fato de ela pensar com independência e estar disposta a levantar questões críticas. Sua percepção do cristianismo, infelizmente, é compartilhada por muitos pós-modernos ágio-americanos.

Assim, como podemos ajudar nossos amigos pós-modernos que estão fora da igreja ou a abandonaram a superar suas imagens distorcidas do cristianismo? Uma maneira importante é demonstrando que a noção bíblica de poder e autoridade não é nem abusiva, nem egoísta. As Escrituras ensinam com clareza que o modelo de liderança que nosso Salvador deixou para sua igreja é o da liderança serva (Mt 20.25-28) e do amor sacrificial (Ef 5.25-28). Tal expressão de liderança foi fundamental para a saúde da igreja ao longo de sua história; contudo, na pós-modernidade, contexto em que todas as formas de poder e autoridade se tornam imediatamente suspeitas, uma demonstração autêntica de liderança altruísta e humilde se torna ainda mais crítica, em especial no ambiente ágio-americano.

Segundo, nossas igrejas precisam crescer na prática do ministério em equipe, no espírito do sacerdócio de todos os crentes. Com muita frequência as igrejas de imigrantes asiáticos são conduzidas por uma pessoa, em geral um pastor autocrático, ou por uma equipe de líderes muito homogênea em termos de idade, educação, antecedentes socioeconômicos e gênero. Há pouco tempo, ouvi por acaso seminaristas coreano-americanos brincando que um requisito importante para ser presbítero na igreja de imigrantes que frequentam é que a pessoa tenha um terno preto e dirija uma Mercedes Benz preta. Essa forma de expressar a liderança só contribui para uma percepção de que o poder e a autoridade na igreja são monopolizados por uma pessoa somente ou por um único grupo de interesse. Acreditamos que a Bíblia exorta a igreja a se tornar um corpo unido, em que um círculo muito mais amplo de crentes participa da vida do corpo usando os dons que o Espírito de Deus lhes confiou. Dentro do limite do ensino das Escrituras no que diz respeito à liderança, nossas igrejas têm de crescer na capacidade de exercer a pluralidade de líderes e na responsabilidade dos líderes uns para com os outros, para com o corpo mais amplo e para com o cabeça da igreja: Jesus, nosso Senhor.

Nossa cultura asiática tradicional, por um lado, nos diz que poder e autoridade são conferidos a determinados indivíduos e apenas a eles — não podem ser tirados ou transmitidos. Por outro lado, o pós-modernismo desafia esses pressupostos e afirma que a perda do poder e de privilégio de alguém ocorre por causa de atos que oprimam os outros. Ele exorta todas as vítimas a reivindicar seu poder e privilégio. O drama contínuo da política de identidade em nosso mundo dos *campi* e em nossa sociedade mais ampla demonstra com clareza o nível profundo de desconfiança e hostilidade entre diferentes grupos étnicos e indivíduos. Os pós-modernos ágio-americanos, rodeados por essas vozes dissonantes de luta pelo poder e ódio, não conseguem ouvir com clareza nem confiar na voz do nosso Pai celestial chamando-os para que lhe entreguem suas vidas. Até que sejam postos em contato com uma comunidade que atue segundo valores contraculturais de

liderança e autoridade, uma comunidade cujos membros confiem completamente em Deus e sirvam a ele e uns aos outros com altruísmo, não serão capazes de entender com facilidade a verdade paradoxal do cristianismo de que só encontraremos nosso verdadeiro eu quando morrermos para nós mesmos.

### *Uma comunidade da Palavra*

Na pós-modernidade, em que qualquer tipo de afirmação de verdade é vista como um ato de violência que oprime, exclui e manipula as pessoas, a tarefa crítica da presente obra nos convida a prestar atenção não só em qual é a nossa mensagem, mas também em quem somos como mensageiros. No contexto ágio-americano, considerando nossa orientação e ênfase comunitárias e relacionais, esse desafio recai particularmente sobre a igreja cristã a fim de que, como comunidade de testemunho, cresça em sua capacidade de proclamar e demonstrar as boas-novas. Em nosso ministério com estudantes universitários ágio-americanos, observamos que ministérios evangelísticos produtivos costumam acontecer nos grupos de estudo bíblico que se reúnem em dormitórios, um contexto em que não cristãos têm a oportunidade de ouvir no que creem seus amigos cristãos, bem como de ver como põem isso em prática.

Portanto, como pode uma igreja ágio-americana, na condição de corpo que testemunha, alcançar com eficácia os pós-modernos? Dito de maneira simples, nossa igreja deve crescer como uma comunidade da Palavra — uma comunidade que interpreta a Palavra com fidelidade e que “vive” a Palavra com autenticidade. No entanto, nossas experiências atuais na vida da igreja e as respectivas práticas indicam que há muito trabalho a ser feito pelo Espírito Santo e por nossos líderes.

Para começar, um dos requisitos para ser uma comunidade hermenêutica fiel é que seus membros tenham um conhecimento adequado da Palavra. É triste notar que, junto com o restante da sociedade pós-moderna, ou pós-cristã, os ágio-americanos estão se tornando cada vez mais analfabetos em Bíblia. Em parte como resposta a esse desafio, a igreja Parkwood Community está hoje no processo de elaborar um planejamento de três anos que busca abrir a Palavra para nossa jovem congregação de maneira abrangente. Coordenando cuidadosamente nossa pregação, o currículo da escola dominical, os estudos bíblicos nos grupos pequenos, as oficinas especiais e os retiros, queremos apresentar a totalidade da grande narrativa da Bíblia, convidando nossos membros e interessados a examinarem sua história. Nossa esperança é que um estudo da Palavra como esse dissipe muitas visões distorcidas ou errôneas das pessoas a respeito de Deus, a nosso respeito e a respeito da igreja, e estabeleça uma estrutura e um fundamento bíblicos saudáveis para a comunidade da igreja e seus membros.

Outro passo que nossa comunidade hermenêutica precisa dar é aprender a equilibrar o universal e o particular ao interpretar a Palavra. Um dos objetivos explícitos do pós-modernismo é descentralizar quaisquer afirmações de universalidade, ao mesmo tempo que celebra particularidades e descontinuidades. O evangelicalismo, por outro lado, grandemente influenciado pelo modernismo e por seus pressupostos, tende a enfatizar demais a importância do universal em detrimento de reconhecer certos valores transitórios e a legitimidade de particularidades e da diversidade.

A comunidade cristã ágio-americana necessita evitar o perigo de ambos os extremos. Se nos isolamos do corpo maior de Cristo na busca de nossas particularidades, enfrentamos os possíveis perigos de interpretar incorretamente a Palavra, em razão dos próprios preconceitos ou pecados culturais, ou o perigo de reduzir a Palavra para que se encaixe em nosso contexto mais estreito. Portanto, uma igreja ágio-americana, como comunidade hermenêutica, deve se envolver constantemente com outras comunidades cristãs do presente, bem como do passado, com isso verificando e testando constantemente sua interpretação da Palavra. Na pós-modernidade especialmente, em que às comunidades hermenêuticas individuais é conferido o *status* exclusivo e privilegiado de interpretar a verdade por seus membros, a igreja ágio-americana deve resistir a essa corrente e dialogar de maneira pró-ativa com outras comunidades de fé evangélicas.

Ao mesmo tempo, como uma comunidade que procura alcançar um grupo étnico específico, a igreja também deve crescer em sua capacidade de tratar de questões e desafios peculiares ao nosso contexto. Por exemplo, um dos passos críticos no evangelismo é nomear aqueles ídolos e pecados bastante difundidos mas sutis de nossa cultura — nosso desejo profundo de sucesso profissional e material; nossa preocupação imensa com a “imagem”; nosso etnocentrismo, perfeccionismo, conformismo e materialismo, para citar alguns. A menos que os ágio-americanos sejam capazes de romper com essas armadilhas culturais, com essas vozes que fazem reivindicações certas sobre nossa identidade, não conseguiremos experimentar a graça de Deus em plenitude.

Por fim, o fato de sermos uma comunidade fiel da Palavra, particularmente em nosso contexto pós-moderno, também conclama nossa igreja a ser uma comunidade que vive o texto de forma autêntica e apaixonada. O pecado da hipocrisia tem infestado igrejas de todas as épocas. Na pós-modernidade, contudo, esse pecado se torna um dos maiores obstáculos ao nosso evangelismo, pois reduz muito a credibilidade do mensageiro e da mensagem.

Para as comunidades cristãs ágio-americanas, o desafio de se tornar um confiável corpo de testemunho pede transparência e autenticidade em nossa vida

comunitária. Quando os visitantes virem a submissão e o compromisso genuínos da comunidade para com a Palavra de Deus, o deleite na Palavra e a obediência a seus ensinamentos, perceberão que não estão envolvidos em um mero diálogo de brincadeira com outro texto socialmente construído. À medida que enxergarem como a Palavra molda nossas atitudes, pensamentos e ações, à medida que testemunharem como a voz de Deus está esculpindo nossa identidade, assistirão e observarão a tudo com muito cuidado.

À medida que aplicamos a Palavra à nossa vida individual e coletiva, também é importante que sejamos transparentes, uma qualidade que vai contra a forte corrente cultural asiática de manter as aparências. À medida que lutamos para obedecer à Palavra, errando e acertando ao longo do caminho, a tentação para nós será a de apresentar a melhor imagem de nós mesmos. Mas enquanto estivermos preocupados com nossa imagem pública, usando máscaras em nossos encontros na comunidade, falharemos na tentativa de alcançar os pós-modernos ágio-americanos, porque então não haverá nenhuma diferença perceptível entre aqueles que pertencem a Deus e aqueles que não pertencem. Mas se, pelo fato de o cerne da nossa identidade estar firmemente ancorado em Cristo, os filhos redimidos de Deus estiverem dispostos a abrir mão da imagem e a mostrar as fissuras em nossos vasos terrenos, de modo que outros possam ter um vislumbre do tesouro precioso que está dentro deles, então não apenas declaramos mas também demonstraremos o poder das boas-novas e de sua graça.

## CONCLUSÃO

O ministério ágio-americano se encontra em uma encruzilhada decisiva. Por um lado, o êxodo silencioso de pós-modernos ágio-americanos de suas igrejas de imigrantes continua hoje, levando muitos a se perguntar sobre o futuro dessas igrejas étnicas. Por outro lado, em especial em muitos dos nossos *campi* e nas grandes cidades, um número crescente de grupos de comunhão e igrejas locais ágio-americanos está alcançando com eficácia essa população em rápido crescimento. Experimentando tanto grandes decepções quanto grande otimismo, a comunidade cristã ágio-americana está ocupada trabalhando em vários modelos e estratégias de ministério para ir ao encontro dos desafios que enfrenta.

Nesse momento crítico, temos buscado chamar a atenção para dois pontos. O primeiro é que os ministérios ágio-americanos devem começar a levar mais a sério os impactos presente e futuro do pós-modernismo na experiência e no ministério ágio-americano. Em vez de continuar a interpretar nossas experiências e desafios somente em termos de polaridades biculturais, devemos buscar compreender nossas experiências dentro da perspectiva mais ampla que inclui a nova

complexidade trazida pelo pós-modernismo. Segundo, ao enfrentarmos velhos e novos desafios, nossa esperança é de que a igreja ágio-americana mergulhe mais fundo na Palavra a fim de transmitir as boas-novas com maior clareza a nossos interessados pós-modernos, e de demonstrar as boas-novas com mais autenticidade em nossa vida coletiva e individual. Essa apresentação, esperamos, servirá como um passo nessa direção.

## Referências

- ABELMANN, Nancy; LIE, John. 1995. *Blue dreams: Korean Americans and the Los Angeles riots* (Cambridge: Harvard University Press).
- BAILEY, Kenneth E. 1992. *Finding the lost: cultural keys to Luke 15* (St. Louis: Concordia).
- BERGER, Peter; BERGER, Brigitte; KELLNER, Hansfried. 1973. *The homeless mind: modernization and consciousness* (New York: Vintage Books).
- CARVAJAL, Doreen. 1994. "Trying to halt the 'Silent Exodus'." *Los Angeles Times*, 9 May, A1.
- CELEK, Tim; ZANDER, Dieter. 1996. *Inside the soul of a new generation: insights and strategies for reaching busters* (Grand Rapids: Zondervan).
- DENZIN, Norman. 1989. *Interpretive biography* (Newbury Park: Sage).
- FONG, Kenneth. 1990. *Insights for growing Asian-American ministries* (Rosemead: EverGrowing Publications).
- GERGEN, Kenneth. 1992. *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life* (New York: Basic Books).
- GIDDENS, Anthony. 1991. *Modernity and self-identity* (Stanford: Stanford University Press).
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade* (Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002). Tradução de: *Modernity and self-identity*.
- GRENZ, Stanley J. 1996. *A primer on postmodernism* (Grand Rapids: Eerdmans).
- \_\_\_\_\_. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo* (São Paulo: Vida Nova, 2008). Tradução de: *A primer on Postmodernism*.
- GUERNSEY, Dennis. 1989. *Sometimes its' hard to love God: overcoming your inner barriers to intimacy with God* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- HARVEY, David. 1989. *The condition of postmodernity* (Cambridge: Balckwell Publishers).
- \_\_\_\_\_. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* (São Paulo: Loyola, 1992). Tradução de: *The condition of postmodernity*.
- INOUYE, Stanley. 1984. *The kaki seed* (Monrovia: Iwa, Inc.).
- LIDZ, T. 1968. *The person* (New York: Basic Books).

- LIN, Tony. 1996. *Losing face and finding grace: twelve Bible studies for Asian Americans* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- LONG, Jimmy. 1997. *Generating hope: a strategy for reaching the postmodern generation* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- NOUWEN, Henri J. M. 1994. *The return of the prodigal son: a story of homecoming* (Nova York: Doubleday).
- \_\_\_\_\_. *A volta do filho pródigo: a história de um retorno para casa* (São Paulo: Paulinas, 1997). Tradução de: *The return of the prodigal son: a story of homecoming*.
- OFFER, D.; OFFER, J. B. 1975. *From teenage to young manhood: a psychological study* (Nova York: Basic Books).
- RIGDON, Joan. 1991. "Exploding myth: Asian-American youth suffer a rising toll from heavy pressures". *Wall Street Journal*, 10 July, A1.
- ROSENAU, P. M. 1992. *Post-modernism and the social sciences: insights, inroads, and intrusions* (Princeton: Princeton University Press).
- RUE, David. 1993. "Depression and suicidal behavior among Asian Whiz Kids". In: KWON, H.; KIM, Shin, orgs. *The emerging generation of Korean Americans* (Seoul: Kyung-Hee University Press).
- SAMPSON, E. E. 1989. "The deconstruction of the self". In: SHOTTER, J.; GERGEN, K. J., orgs. *Texts of identity* (London: Sage Publishers).
- THISELTON, Anthony C. 1995. *Interpreting God and the postmodern self: on meaning, manipulation and promise* (Grand Rapids: Eerdmans).
- UBA, Laura. 1994. *Asian-Americans: personality patterns, identity, and mental health* (Nova York: Guilford Press).
- WONG, Joseph. 1990. "Bridging the gap". *About Face* 12 (February): 1-2.
- YEP, Jeanette, et al. 1998. *Following Jesus without dishonoring your parents*. (Downers Grove: InterVarsity Press).
- YU, Elena; CHANG, Ching-Fu; LIU, W.; FERNANDEZ, M. 1989. "Suicide among Asian-American youth". In: FEINLEIB, Marcia, org. *Report of the secretary's task force on youth suicide* (Washington: U. S. Department of Health and Human Services).



# SEXTA PARTE

**Esta era relacional**



## CAPÍTULO 17

---

# RELACIONANDO-SE FIELMENTE COM NÃO CRISTÃOS EM UMA ERA RELACIONAL

*Susan Hecht*

**H**á alguns anos, participei de uma missão de curta duração à República da África do Sul com uma pequena equipe de americanos. Passamos seis semanas lá tendo como objetivo básico a evangelização da comunidade zulu. A primeira semana no país foi cheia de lições sobre história, costumes e cultura da região. Aprendemos até algumas frases e canções zulus.<sup>1</sup>

Se você já ouviu ou tentou falar zulu, sabe que desafio pode ser para um falante de inglês. Os estalidos e outros sons do idioma não são fáceis de pronunciar. Mas nos esforçamos ao máximo para aprender algumas expressões e, no fim da semana, fomos enviados a uma cidadezinha com o intuito de conversar com quem quer que encontrássemos. Éramos evidentemente estrangeiros na pequena cidade zulu, e o povo se mostrou cético, até um pouco desconfiado de nós. Resolvi entrar em uma loja com duas outras americanas para tentar falar com as mulheres que trabalhavam no lugar. A princípio elas ficaram um pouco indiferentes. Mas assim que abrimos a boca e tentamos falar no seu idioma, o semblante delas passou por uma drástica transformação. Não conseguiam acreditar que nós, na condição de estrangeiras, fôssemos capazes de tentar falar a língua delas. Na mesma hora se prontificaram a colaborar no sentido de aumentar nosso vocabulário ensinando-nos palavras novas. Quando saímos da loja, sabíamos que tínhamos feito novas amigas.

<sup>1</sup>Sou grata a meus colegas do Centro de Comunicação, fundamentais em modelar a remodelar meu pensamento sobre esse assunto.

A maioria das pessoas que viaja para o exterior sabe que essa não é uma cena incomum. Com frequência, surge a oportunidade de se iniciar uma amizade com alguém do país, mesmo não se conhecendo muita coisa do seu idioma. Claro, quanto melhor você conseguir se expressar, mais profunda essa amizade pode se tornar. Todavia, é possível aprender muito sobre as pessoas, bem como lhes transmitir muitas coisas, mesmo no caso em que nem todos falam o mesmo idioma.

Compreender o pós-modernismo às vezes dá a impressão de ser uma tarefa opressiva. Pode-se ter a sensação de viver uma experiência transcultural, o que de fato é, em vários sentidos. O resultado desastroso pode ser a frustração ou o desânimo quando falamos sobre a evangelização de pós-modernos. É importante perceber, no entanto, que mesmo se não conhecermos ou entendermos toda a filosofia do pós-modernismo, ainda assim podemos estabelecer relacionamentos com não cristãos pós-modernos. Apesar de tudo que há de nebuloso em torno do pós-modernismo, uma coisa é clara: as pessoas anseiam por se relacionarem umas com as outras. Do ponto de vista pós-moderno, a ideia dos relacionamentos no contexto da comunidade é muito importante. Embora os argumentos racionais e lógicos tenham perdido o poder de persuasão de que no passado desfrutaram, a conexão relacional, a autenticidade e as respostas pragmáticas aos problemas da vida são elementos-chave que podem ajudar a abrir a porta para o evangelho. O contexto dos relacionamentos pode propiciar um acesso persuasivo para o evangelho ser ouvido.

Como cristãos evangélicos, contudo, corremos o risco de ser deixados completamente de fora da conversa com não cristãos. À medida que a cultura segue à deriva e está cada vez mais longe do padrão bíblico de ética e moralidade, os cristãos são vistos de modo crescente como um grupo periférico, sem nada de relevante a dizer sobre as questões apresentadas à nossa cultura hoje. Para alguns, os cristãos não são o tipo de pessoa que se gostaria de ter a oportunidade de conhecer.

Em *The culture of disbelief* [A cultura da incredulidade], Stephen Carter, professor de direito na Universidade Yale, observa que o senso comum acerca dos religiosos é que “as pessoas que levam sua religião a sério, que confiam em seu entendimento de Deus como força motivadora para sua personalidade pública e política — bem, são pessoas assustadoras” (1993, p. 34). A atitude da nossa cultura para com a comunidade cristã parece estar se movendo nessa direção. À medida que os participantes dela se tornam cada vez menos bíblicamente instruídos e mais céticos em relação aos cristãos, o desafio de compartilhar o evangelho com não cristãos aumenta. Temos de aprender a nos relacionar com descrentes de uma maneira significativa, se pretendemos desenvolver com eles um diálogo sobre o evangelho.

Há três dinâmicas de relacionamento importantes na evangelização dos não cristãos, desde o apático ao moderadamente interessado: (1) criar um ambiente para o crescimento espiritual, (2) estabelecer uma interação persuasiva e (3) convencer as pessoas com base em uma caminhada autêntica com Cristo.

## **CRIAR UM AMBIENTE PARA O CRESCIMENTO ESPIRITUAL**

Isso tem a ver com conectar-se com o não cristão em um ambiente relacional que lhe permita passar de uma posição de pouco entendimento sobre Deus e a Bíblia para uma atitude de abertura e interesse.

Se alguém está sentado em um quarto escuro e você aciona um interruptor que de repente inunda o cômodo de luz, como um holofote, a pessoa no quarto sem dúvida se retrairá e se afastará da fonte de luz com os olhos bem cerrados. Se, em vez disso, você entrar no quarto escuro com uma vela ou uma lanterna, a pessoa no escuro será atraída pela luz.

Às vezes, utilizamos a abordagem do holofote no evangelismo. Entendemos que Deus é luz e que nele não há escuridão nenhuma. Também entendemos que os não cristãos estão separados de Deus e vivem em trevas. Sentimos que devemos compartilhar tudo imediatamente com o incrédulo. Se as pessoas se retraem e desviam, concluímos que não estão prontas e passamos para outra. Mas, no caso de alguém que tenha pouco interesse em Jesus e na Bíblia ou que saiba muito pouco sobre ambos, uma abordagem gradual que lhe permita progredir até o ponto do interesse e da receptividade à luz da mensagem do evangelho pode produzir uma reação mais favorável.<sup>2</sup>

O contexto de um relacionamento contínuo dá lugar ao tempo e à oportunidade para o incrédulo fazer perguntas, dissipar conceitos equivocados e lutar contra as barreiras que ele levantou com relação ao evangelho. Ao entrarmos em comunhão com descrentes, conquistamos uma plataforma para interação capaz de fomentar relacionamentos nos quais possamos ajudá-los a se mover na direção de considerar o evangelho. Timothy Keller, pastor fundador da Redeemer Presbyterian Church em Nova York, declara: “Pessoas pós-modernas dizem que são os grupos e as comunidades que formam os valores. Ninguém pode atribuir uma identidade a si mesmo — você não sabe quem é exceto pelo grupo a que pertence. Toda verdade e identidade são construídas socialmente, não individualmente” (1995, p. 56).

Muitas vezes, os cristãos podem ser culpados de se encasularem ou se isolarem na comunidade de crentes, a ponto de não mais manter conexões com não cristãos. No entanto, a cultura pós-moderna está promovendo a comunidade como

<sup>2</sup>Devo a Timothy Oliver essa percepção.

um ambiente para estabelecer valores. Se tivermos consciência das comunidades nas quais compartilhamos com descrentes e intencionalmente construímos relacionamentos significativos, seremos capazes de manter significativos diálogos com eles. Talvez já estejamos em uma comunidade com não cristãos, por exemplo, ao participar da associação de pais e mestres, ao fazer parte de uma equipe atlética, ao nos inscrever em um curso ou apenas por morar em determinado bairro. Também podemos criar uma comunidade em torno de um tópico de interesse. Um exemplo disso seria um grupo de discussão para tratar de assuntos ligados à criação de filhos ou ao namoro, ou a comemoração de um feriado que poderia reunir pessoas em uma comunidade baseada em temas ou experiências comuns e fornecer-nos estímulo para conversas significativas.

## ESTABELECEER UMA INTERAÇÃO PERSUASIVA

Para desenvolver este tipo de diálogo que leva a questões mais profundas e acaba por levar à verdade bíblica, é preciso entender que existe tanto arte como ciência na comunicação. A ciência da comunicação é aquilo que você tem a dizer. É o conteúdo a ser comunicado. A arte é o estilo em que você faz isso. Por exemplo, se você está namorando alguém dotado de um ego inflado, puramente pela ótica da ciência você poderia dizer: “Como você é esnobe!” Já se levasse em conta a arte, diria: “O problema do nosso relacionamento é que nós dois estamos apaixonados pela mesma pessoa”. As duas declarações transmitem a mesma ideia, mas uma delas é proferida com arte.

Há também uma diferença entre a comunicação direta e a indireta.<sup>3</sup> A comunicação direta é adequada quando a audiência a quem você se dirige receberá prontamente o que você tem a dizer. A comunicação indireta é útil quando houver uma probabilidade maior de que a audiência resista à sua ideia. Por exemplo, em Levítico 19.18, Deus usa a comunicação direta quando diz: “Não te vingarás nem guardarás ódio contra gente do teu povo; pelo contrário, amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR”.

Em Lucas 10.25-37, vemos Jesus deixando clara a mesma ideia, mas de maneira indireta, a um especialista na lei. Ele diz ao homem para ir e amar ao Senhor de todo o coração, alma, entendimento e força, e a seu próximo como a si mesmo. A fim de se justificar, o homem pergunta: “E quem é o meu próximo?”. Em resposta, Jesus conta a história do bom samaritano. No fim do relato, Jesus pergunta ao

<sup>3</sup>Para uma discussão sobre arte e ciência, comunicação direta e indireta, veja Downs, 1999, p. 61-72.

homem qual dos três homens da história fora o próximo para o homem que caíra nas mãos dos salteadores. “Aquele que teve misericórdia dele”, o homem respondeu. Jesus então lhe disse para ir e agir da mesma forma. Usando uma abordagem indireta e engenhosa, o Senhor conseguiu transmitir sua ideia a alguém que era hostil ao que ele tinha a dizer. Em vez de se retrair e se desviar, o homem entendeu o que Jesus estava querendo dizer.

Jesus estabeleceu uma interação persuasiva com o homem. Aplicar essa abordagem ao evangelismo significa comunicar-se para promover o entendimento, dismantelar barreiras e aproximar o evangelho. Tenha sempre em mente que essa não é a única maneira de abordar descrentes no evangelismo. Essa abordagem leva em consideração a pessoa apática e a moderadamente interessada. É menos direta e mais interativa para chegar ao ponto de compartilhar o evangelho, mas não implica fazer concessões ou se dispor a enfraquecer a mensagem do evangelho.

Muitos preferem aprender participando a ficar ouvindo uma palestra. Isso acontece especialmente no caso de pessoas influenciadas pelo pós-modernismo. O pós-modernismo encoraja uma epistemologia participativa ou a abordagem do “aprender fazendo”. Por exemplo, em vez de ler um livro no conforto da própria casa sobre a interpretação que alguém faz do Holocausto, o pós-moderno prefere ir ao local de um campo de concentração, caminhar pelos alojamentos onde os prisioneiros eram mantidos, ver, sentir, cheirar e ouvir o que eles experimentaram e, depois, ainda conversar com um sobrevivente. Querem envolver não só a mente mas também os sentimentos, na verdade seu ser inteiro, a fim de aprender sobre o Holocausto. Esse não é um método ruim de aprendizado. Se pudermos propiciar um ambiente para participação e descoberta, em vez de um ambiente de aula expositiva para descrentes céticos ou apáticos, talvez sejamos capazes de reduzir algumas de suas defesas e avançar em nossos esforços evangelísticos.

Outra maneira de diminuir a resistência e encorajar a interação é dar a não cristãos percepções ou habilidades que os auxiliem a superar as dúvidas que enfrentam. Se demonstrarmos um interesse genuíno em ajudá-los, oferecendo modos práticos de fazer isso, eles se abrirão mais para a interação. Timothy Keller declara: “As pessoas pós-modernas são altamente pragmáticas e acostumadas a fazer escolhas baseadas em quão bem uma opção satisfaz uma necessidade percebida” (1995, p. 57). Com certeza, a sabedoria bíblica tem muito a dizer sobre viver bem a vida e oferece muitas maneiras práticas para isso. Essa sabedoria é do interesse dos pós-modernos e pode abrir um canal de comunicação.

No entanto, para muitas pessoas, a oferta de ajuda soa como um interesse que beneficia aquele que a oferece. Essas pessoas desconfiam de nossas intenções, e isso, por sua vez, pode aumentar a resistência, em vez de diminuí-la. Se desconfiarem

que sua intenção é convertê-las, são capazes de rejeitar a possibilidade de continuar com a interação. Em vez de negar essa motivação, seria melhor que reconhecessemos nossas intenções. Se formos sinceros (e ser sincero significa muito para as pessoas hoje), diremos que gostaríamos, sim, de convertê-las. No entanto, essa não é nossa única motivação. Queremos também o melhor para elas. Queremos que sejam bem-sucedidas. Somos compelidos pelo amor de Deus que temos experimentado. Queremos que tenham condições de tomar uma decisão embasada em relação a Cristo. Talvez também ajudasse explicar que nossa intenção não é forçá-las a acreditar no que acreditamos, embora esperemos que seja essa sua escolha.

Alguns princípios simples de persuasão podem ajudar a conduzir uma conversa ou uma série de conversas com não cristãos de um modo que convida à participação e evita a passividade.<sup>4</sup> O primeiro princípio é *investigar onde a pessoa está*. Eu tenho pouco senso de direção e me perco um bocado. Quando peço informações para chegar a algum lugar, a primeira coisa que a pessoa precisa saber para me explicar como ir é onde estou no momento. O mesmo princípio se aplica quando buscamos engajar não cristãos em uma conversa para que possamos direcioná-los para o evangelho.

Uma forma de descobrir onde a pessoa está, seja física seja filosoficamente, é fazendo as perguntas adequadas. Isso a ajudará a compreender a situação sem causar confronto. Provérbios 18.2 declara: “O tolo não tem prazer no entendimento, mas tão somente em revelar sua opinião”. Se revelarmos nossos pensamentos e opiniões sem primeiro obter algum entendimento, estaremos em grande desvantagem em nossos esforços evangelísticos.

Faça perguntas que o ajudem a entender determinados pontos, por exemplo: “Como essa pessoa vê a vida? O que a motiva? O que a desanima? O que é importante para ela e por quê? Que problemas enfrenta e que soluções tem encontrado?”. Enquanto você lhe faz as perguntas, ouça com atenção as questões que ela levanta, pois podem estar relacionadas a problemas mais profundos e espirituais. Mantenha essas questões em vista quando prosseguir para o próximo passo do processo.

Depois de investigar onde a pessoa está, você deve *avaliar como ela chegou lá*. Por que acredita no que acredita? Por que escolheu o curso de ação de que dispõe para resolver seus problemas? Se me perco atravessando a pé o *campus* de uma universidade, e a pessoa à qual pedi informação sabe onde estou e aonde preciso chegar, a próxima coisa que deve fazer é levar em consideração como cheguei aonde me encontro. Se estou andando a pé, as direções de que necessito são diferentes

<sup>4</sup>Devo a Tim Muehlhoff esse modelo de persuasão e suas percepções sobre Provérbios, que influenciaram meus pensamentos.

das que receberia se estivesse de carro. Os dois conjuntos de direções poderiam me levar ao mesmo local, mas um seria adequado e o outro de nada me serviria. Os não cristãos com os quais conversamos podem ter chegado a suas conclusões por meio de investigação intelectual, de experiências pessoais, da influência de alguém a quem respeitam ou amam, ou simplesmente por falta de consciência de outras opções. Saber quais fatores os influenciaram de maneira mais significativa pode fazer enorme diferença em como posicionar nossa resposta.

Imagine que, um dia certa, filha volta da faculdade para casa e diz ao pai que não acredita mais que o aborto seja errado. Tendo sido criada em um lar cristão sólido e amoroso, ela sabia que o pai provavelmente ficaria aborrecido com sua conclusão. Àquela altura, o pai teria uma escolha a fazer. Poderia reunir todos os seus argumentos, apoiá-los em princípios bíblicos e tentar convencê-la com um saudável raciocínio ético e moral. Ou ele poderia fazer algumas poucas perguntas primeiro, para compreender de que modo ela chegou àquela conclusão. Imagine que ele optasse pela segunda alternativa. Sua filha então explica que uma amiga engravidou e seus pais não lhe permitem fazer o aborto. Por isso, ela acabou abandonando a faculdade. Aos olhos dessa filha, a vida da sua amiga estava arruinada porque negaram a ela a possibilidade de fazer um aborto. Sabendo como sua filha chegara a essa conclusão, o pai seria capaz de fazer uma abordagem mais adequada e eficaz para redirecioná-la à posição que gostaria que ela adotasse.

Um terceiro passo no processo da persuasão é *demonstrar compreensão*. Ao demonstrar que temos noção do que não cristãos experimentam na vida, deixamos clara nossa condição de parceiros nessa peregrinação que compreendem, ao menos até certo ponto, o que eles estão atravessando. Agindo assim, ganhamos credibilidade aos olhos deles, o mesmo se dá com as soluções que oferecemos. Se eu estou perdido e peço informação, preciso ter algum nível de confiança de que a pessoa que me orienta sabe onde estou e aonde preciso chegar, do contrário suas instruções não terão valor algum para mim. Se a pessoa conseguir entender onde estou, então estarei mais receptivo às suas instruções.

Se uma jovem, cujo coração está partido por haver terminado recentemente o namoro, me pede conselho, minha reação inicial é ouvir, fazer perguntas e demonstrar empatia. Enquanto eu não tiver demonstrado algum nível de compreensão de sua situação, é provável que nenhum conselho meu faça sentido para ela. Ela não precisa somente de ser intelectualmente esclarecida, mas também de sentir que foi ouvida e compreendida em certo grau.

Demonstrar compreensão é mais do que apenas proferir um entendimento racional da situação. É demonstrar empatia também. É admitir quando não existem respostas fáceis. É reconhecer os anseios e desejos universais que temos em

comum. É lembrar do processo que atravessamos pessoalmente quando lutamos com problemas, e não esperar que a outra pessoa aceite nossas conclusões de maneira apressada, sem passar por um processo pessoal. Precisamos lembrar que nossas convicções nem sempre nos foram tão claras e evidentes como agora. É importante também lembrar que ainda estamos em processo em outras áreas. Não temos todas as respostas e, se parecermos tê-los, perderemos a credibilidade e a capacidade de nos identificar com as outras pessoas.

O passo final na persuasão é *articular sua posição*. É dar ao não cristão uma nova direção. Em última análise, nosso objetivo é conduzir a pessoa ao evangelho de Jesus Cristo. Isso pressupõe sabermos claramente qual é a mensagem do evangelho e não a comprometermos. Também envolve a necessidade de apresentar o evangelho de modo que o não cristão consiga entendê-la. Dado o nível de analfabetismo bíblico atual, precisamos definir palavras como *pecado* e continuar a fazer perguntas para determinar o grau de compreensão de quem ouve. Devemos ser cuidadosos nesse ponto a fim de não resvalar para o padrão de aula expositiva e manter uma conversa interativa. Essa abordagem requer habilidades da nossa parte, as quais foram menos críticas no passado, mas hoje são fundamentais para a comunicação em uma cultura pós-moderna. Essas habilidades devem estar enraizadas na dinâmica final de nosso relacionamento com não cristãos: convencê-los com base em uma caminhada autêntica com Cristo.

## **CONVENCER AS PESSOAS COM BASE EM UMA CAMINHADA AUTÊNTICA COM CRISTO**

Durante anos, especialistas no campo dos estudos em comunicação observaram que a comunicação não verbal é responsável por 65% a 93% do total da comunicação. Em uma cultura pós-moderna que encara com desconfiança afirmações de verdade e procura respostas práticas para as questões da vida, o que as pessoas veem em nossa vida lhes transmite uma mensagem tanto quanto o que lhes dizemos verbalmente, talvez até mais. Precisamos transmitir a mensagem do evangelho tanto por meios verbais quanto não verbais e reconhecer que as inconsistências em nossa comunicação não verbal podem minar a verbal. A autenticidade, a honestidade e o respeito são importantes mensagens não verbais a se transmitir, e essas qualidades são trabalhadas na nossa vida à medida que caminhamos humilde e diariamente com o Salvador. Em resumo, o que comunicamos de forma não verbal aos não cristãos pós-modernos pode ou convidá-los a examinar mais de perto o relacionamento que temos com Cristo, ou mantê-los à distância.

Para o pós-moderno, uma atmosfera de interação intencional sem restrições é uma maneira eficaz de convidar à comunicação, de forma não ameaçadora, e um

meio de encorajar demonstrações de respeito e sinceridade. Em seu artigo “Você já foi experimentado?”, Jim Anderson declara:

Somos a primeira geração a crescer vendo e usando computadores por toda parte na vida diária. Podemos não chamar pelo nome correto, mas quase todos sabemos usar *links* em hipertexto, por meio dos quais, ao ler algum texto no computador, uma palavra de cor diferente ou sublinhada indica que podemos clicar em cima dela com o ponteiro do *mouse* do computador para ver mais informação sobre aquele assunto em particular. Essa abordagem apresenta a informação como uma rede de elementos interconectados, e não como uma sequência lógica linear (1994, p. 7).

A abordagem moderna à educação (pela qual a comunidade evangélica tem sido fortemente influenciada) é normalmente estruturada, sistemática, metódica, definida e estéril. A abordagem pós-moderna é aleatória, relativa, dinâmica, não linear e desordenada. Embora uma abordagem aleatória possa levar à confusão, não precisa necessariamente ser assim. Ainda pode haver uma progressão de pensamentos mesmo quando visões diferentes são enunciadas. De fato, se pudermos demonstrar que nos sentimos à vontade com a diversidade de visões e com uma abordagem não linear, a liberdade de troca pode fomentar confiança e abertura. Tal abordagem também pode permitir a não cristãos pós-modernos processarem uma informação nova de um modo que condiz com seu estilo de aprendizado.

Dar liberdade para expressar ideias e lutas é importante para o descrente pós-moderno. Criar um ambiente seguro significa, então, que precisamos resistir à tentação de corrigir cada comentário e apaziguar cada questão de forma unânime no fim da conversa. A vida não tem contornos nítidos para o pós-moderno e, em vários sentidos, isso é verdade. A comunidade cristã é com frequência acusada de simplificar as questões da vida de forma tão drástica, que reduzimos problemas complexos a algo que é de fácil resolução. Precisamos estar dispostos a admitir que não temos todas as respostas. Ao mesmo tempo, deveríamos ser capazes de articular por que somos compelidos a crer no que cremos. Existem questões cruciais sobre as quais a Bíblia é clara, e são essas as questões que podemos tratar com confiança e capacidade de persuasão.

A abordagem ao evangelismo que estou sugerindo envolve entrar na cultura não cristã e pós-moderna, estabelecer relacionamentos com descrentes e convencê-los a considerar a mensagem do evangelho. Envolver-se com tal abordagem requer sabedoria e humildade da nossa parte. É uma abordagem que nos convida a ser estudantes pacientes daqueles que buscamos alcançar e capazes de conduzir uma conversa com gentileza e respeito. Requer que tenhamos uma compreensão profunda e ampla

de como a verdade e a sabedoria bíblicas se relacionam com as preocupações do dia a dia, e a habilidade de trazer essa verdade à luz para o não cristão.

Em Colossenses 4.5, Paulo escreve: “Comportai-vos com sabedoria para com os de fora, aproveitando bem cada oportunidade”. Provérbios 16.21,23 nos encoraja: “O sábio de coração será chamado prudente [...]. O coração do sábio instrui sua boca e aumenta em seus lábios o conhecimento”. A sabedoria requer paciência e prudência, e sua fonte é o próprio Deus. Ao buscarmos convencer não cristãos com base em uma caminhada autêntica com Cristo, eles verão com clareza o Cristo a quem servimos e o Cristo que os está buscando. Uma caminhada autêntica com o Senhor também nos propiciará a sabedoria e a humildade que o evangelismo efetivo exige.

Ao procurarmos alcançar descrentes pós-modernos com a mensagem de Cristo, precisamos considerar modos pelos quais possamos envolvê-los onde vivem e não nos limitarmos a esperar que entrem na comunidade cristã a fim de ouvir o evangelho. Também precisamos reconhecer que um contexto de relacionamento para comunicar essa mensagem é cada vez mais importante para a cultura pós-moderna. Faremos bem em permitir às pessoas aprender a verdade espiritual de maneira participativa e que não pressupõe o conhecimento da Bíblia. Um processo de persuasão que envolva fazer perguntas, ouvir e compreender antes de apresentar o evangelho pode ser muito eficaz para alcançar não cristãos, desde apáticos a moderadamente interessados. Talvez o mais importante de tudo seja, no contexto de um relacionamento com não cristãos, exibir uma caminhada autêntica com Cristo e ser capaz de explicar com clareza, gentileza e respeito como eles também podem vir a conhecê-lo.

Em palestras apresentadas no Seminário Teológico Reformado de Orlando, na Flórida, R. C. Sproul, ao tratar do assunto de alcançar não cristãos, comentou há pouco tempo que Martinho Lutero, na condição de arauto da Reforma, insistia em que a igreja deve ser profana. Ela deve sair do templo e ir até o mundo. Lutero estava levando em consideração a raiz latina da palavra *profano*, que vem de *profanus* (fora do templo). Se Cristo não for relevante fora da igreja, será insignificante dentro dela. Se nossa fé está confinada a espaços internos da comunidade cristã, na melhor das hipóteses ela é uma fé desobediente e, na pior, não é fé alguma, em absoluto. De novo, foi o próprio Lutero quem declarou que um novo cristão deve se afastar do mundo por um tempo, mas, ao alcançar maturidade espiritual, deve abraçar o mundo como o palco da atividade redentora.

Não nos esquivemos do evangelismo em uma cultura pós-moderna, mas saiamos em sabedoria, humildade e confiança para fazer a defesa da esperança que há em nós.

## Referências

- ANDERSON, Jim. 1994. "Have you ever been x-perienced?". *The Gospel and Our Culture* 6 (December): 7-8. Reimpressão de *Logos Light*, uma publicação da Logos House, Inc., Corvallis, Ore.
- CARTER, Stephen L. 1993. *The culture of disbelief: how American law and politics trivialize religious devotion* (Nova York: Anchor Books).
- DOWNS, Tim. 1999. *Finding common ground* (Chicago: Moody Press).
- KELLER, Timothy. 1995. "Preaching to the secular mind". *Journal of Biblical Counseling* 14 (Fall): 54-62.

## CAPÍTULO 18

---

# O ESTILO DE VIDA DA GRANDE COMISSÃO

*Robert E. Coleman*

Quando penso na evangelização de pós-modernos, lembro-me de um estudante universitário que andava pelo *campus* usando um broche enorme na lapela com as letras BAIK impressas. Quando alguém lhe perguntou o que significava, ele respondeu:

— *Boy am I confused.*<sup>1</sup>

— Mas você não sabe que *confused* não se escreve com “k”? — perguntavam.

— Cara — ele então retrucava —, você não faz ideia do quão confuso eu estou!

Muitos devem se sentir assim quando consideram a viabilidade das diferentes maneiras de alcançar os não cristãos contemporâneos. Com certeza não há escassez de propostas. Contudo, em nosso esforço de encontrar métodos eficazes, não negligenciem a ordem básica da Grande Comissão para fazermos “discípulos de todas as nações” (Mt 28.19).

Observe que a ordem não é para fazermos convertidos, mas discípulos. Um discípulo é um pupilo ou aluno, um aprendiz. Ele é mais do que um convertido, embora seja evidente que o voltar-se para o Salvador em arrependimento e fé precise acontecer (Mt 18.3; Jo 3.1-36). Todavia, os discípulos não se detêm na conversão; eles continuam andando com Cristo, sempre aprendendo mais sobre sua graça e glória.

Eis a genialidade do plano de Cristo para ganhar todas as nações, levantando um povo à sua semelhança que o louvará para sempre, pois os discípulos de Cristo

<sup>1</sup>“Cara, como estou confuso”, em português. (N. do T.)

crecem em seu caráter e, pela mesma virtude, desenvolvem-se em seu ministério para o mundo. Ao fazer disso o foco de sua preocupação, Jesus assegura uma força de trabalho cada vez maior e, com o tempo, por meio da multiplicação, os trabalhadores acabam levando as boas-novas da salvação até os confins da terra.

Aos discípulos, Cristo só pedia que vivessem segundo a mesma regra que governou seu tempo entre eles. É com isso que a Grande Comissão se identifica. Ela simplesmente enuncia a estratégia implícita no ministério do próprio Jesus enquanto ele esteve aqui em carne. Da mesma forma que Jesus orientou sua vida na terra, agora se espera que seus discípulos lhe sigam os passos.

Para compreender o que isso significa, devemos examinar bem de perto a maneira pela qual nosso Senhor fazia discípulos. Seu modelo de atuação se torna a interpretação do comando. Embora nosso entendimento seja dificultado por todas as limitações de nossa inteligência caída, é reconfortante saber que no Filho de Deus temos um professor perfeito. Ele nunca cometeu um erro.

É evidente que devemos adaptar sua abordagem à nossa situação. O modo pelo qual Cristo atuou em sua cultura há quase 20 séculos não é necessariamente como ele procederia em nossa sociedade pós-moderna. Os métodos são variáveis, condicionados pelo tempo e pelas circunstâncias em constante transformação. Mas os princípios inerentes a seu estilo de vida permanecem iguais. Fornecem as diretrizes para fazer discípulos onde atuamos hoje. Mencionarei nove, os quais fluem todos em conjunto.

## **1. ENCARNAÇÃO: TORNE-SE UM SERVO — AME AS PESSOAS NAS ÁREAS EM QUE ELAS SOFREM**

Não é necessário observar Jesus muito tempo para se conscientizar de que ele viveu pautado em um sistema de valores diferente daquele do mundo. Abrindo mão dos próprios direitos, ele “esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante a homens” (Fp 2.7; cf. 2Co 8.9). Desde o princípio, ele estabeleceu os critérios de uma vida que dá frutos.

Jesus veio para servir e, nesse papel, ele se ocupava de fazer o bem. Quando deparava com uma necessidade, tinha compaixão e estendia a mão para ajudar (Mt 9.36). Ele alimentou o faminto, curou o enfermo, abriu os olhos do cego, purificou os leprosos, restaurou o de coração partido, libertou o endemoninhado, ressuscitou o morto. E, por meio de tudo isso, propagou a palavra da vida, proclamando o evangelho do Reino.

Não admira que multidões fossem atraídas para ele. As pessoas sempre respondem ao amor que encontra expressão prática no ministério, mais ainda quando se faz acompanhar do poder do Espírito de Deus. Embora sua pregação destemida

invocasse o desdém dos religiosos, geralmente era recebida com simpatia pelas massas (e.g., Mt 21.26; Mc 12.12; Lc 20.19). Elas percebiam que “ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7.29). As pessoas ouvirão quando souberem que você se importa.

O mesmo vale para os céticos hoje. Para alcançá-los, devemos nos revestir do manto do servo. Quando souberem que são amados, teremos sua atenção. Em uma geração como a nossa, que perdeu o senso de verdade objetiva, que vive pelos sentimentos e não pela fé, esse pode ser o único modo que de início faça sentido para eles.

Olhe à sua volta e descubra como satisfazer uma necessidade. Leve um pedaço de pão recém-assado ao seu vizinho. Melhor ainda, convide a família dele para jantar. Ajude o homem que mora ao lado em algum projeto como consertar o telhado ou construir um cômodo da casa. Dê aulas a uma criança sobre uma matéria da escola. Visite os enfermos. Faça-se presente para ajudar em tempos de perda de um ente querido ou quando alguém estiver em dificuldades. Existem mil coisas que podemos fazer. É nossa função identificar necessidades sensíveis das pessoas à nossa volta e tentar ajudá-los.

Por mais desprezioso que possa ser, é assim que nosso testemunho se torna crível. A comunicação em geral começa no nível do sentimento. Você não gosta de ter por perto pessoas capazes de sentir a sua dor? Jamais faltarão oportunidades de evangelismo para alguém que é conhecido como servo. Os ganhadores de almas são conhecidos primeiro como pastores.

Edificando sobre essa base, devemos observar outro princípio, em geral facilmente negligenciado pelas pessoas, sobretudo as que se dedicam a cuidar dos outros.

## **2. SELEÇÃO: PROCURE DISCÍPULOS — ENXERGUE A RESPOSTA ÀS SUAS ORAÇÕES**

Conquistar a estima das pessoas, ainda que seja apenas um começo, pode ser muito decepcionante. As multidões gritavam “Hosana” na última vez que Jesus entrou em Jerusalém (Jo 12.13), mas quando ele saiu da cidade, tinha os olhos cheios de lágrimas. Ele sabia que elas não compreendiam quem ele era nem entendiam o Reino que viera estabelecer (Lc 19.41-44). Queriam um messias que usasse a força do seu poder para derrotar os inimigos e satisfazer-lhes os desejos temporais. Pessoas boas, respeitadas na maioria; no entanto, preocupadas apenas em servir aos próprios interesses. Nem o amor de Deus nem o amor ao próximo motivava suas ações.

Para piorar a situação, as massas não tinham ninguém que lhes mostrasse o caminho. Eram como ovelhas que não têm pastor (Mt 9.36). Oh, sim, havia muitos líderes que deveriam orientá-los, como os escribas e os sacerdotes! O problema era

que essas pessoas em posições privilegiadas estavam cegas para a verdade (Mt 15.14; Lc 6.39); não amavam de verdade o povo (Jo 10.12,13).

Dá para perceber por que Jesus chorou por Jerusalém. As multidões estavam perdidas. Confusas pela própria rebeldia e vítimas de profissionais religiosos interesseiros, eram presa fácil do engano de Satanás. Quando lhes pareceu que Jesus trazia uma era nova de liberdade e prosperidade, ficaram ansiosas por declarar louvores a ele; poucos dias mais tarde, no entanto, quando ficou evidente que o Reino dele não era deste mundo, clamaram: “Crucifica-o! [...] Não temos rei, a não ser César” (Jo 19.15; cf. Mt 27.22-26; Mc 15.11-15; Lc 23.20,21).

Arregalamos os olhos, consternados, tentando imaginar como as pessoas podem ser tão insensíveis, tão volúveis em sua lealdade. Claro, tomar o lado de Jesus abertamente na corte de julgamento conduzida por Pilatos teria trazido retaliação da parte dos principais sacerdotes e oficiais. Dadas as circunstâncias, parecia mais conveniente preservar a segurança e seguir a multidão.

Que observação sobre a natureza humana! Entenda-a, pois você jamais será relevante para a Grande Comissão a menos que venha a enfrentar essa condição. As pessoas devem não só ouvir o evangelho da salvação, mas também aprender a seguir a Cristo por meio de um estilo de vida completamente novo, de graça sobrenatural.

Para que isso aconteça, a ovelha perdida precisa de pastores que a conduzam. Jesus estava fazendo tudo o que podia para ajudar, mas, na encarnação, ele assumiu a limitação do próprio corpo. Não podia dar atenção a todas as pessoas. Como não podia deixar de ser, a menos que os colaboradores — homens e mulheres redimidos, com o coração de pastores — multiplicassem seu ministério, não haveria como colher a safra que estava à espera. Esse deve ser o tema principal de nossas orações (Mt 9.37,38).

Por isso, enquanto ministrava às multidões, Jesus se concentrava em fazer discípulos que pudessem aprender a reproduzir sua vida e missão. Essa prioridade tornou-se mais pronunciada à medida que seu ministério se estendia para o segundo e terceiro anos.

Jesus encontrou grande parte de seus primeiros discípulos no ambiente doméstico da Galileia. Eles tinham muito em comum com relação à cultura, ensino e orientação religiosa. Claro, de modo geral, não eram as pessoas mais socialmente perspicazes, talvez nem mesmo as mais religiosas. Nenhum deles, por exemplo, parecia ser integrante do sacerdócio levítico. No entanto, Jesus viu nesses leigos destreinados o potencial para virarem o mundo de cabeça para baixo. Embora fossem com frequência superficiais em seu entendimento da realidade espiritual, com exceção do traidor, eram receptivos ao ensino. Pessoas assim podem ser moldadas em uma nova imagem.

Será preciso uma abordagem de longo prazo para alcançar o mundo. Temos muito facilmente nos dado por satisfeitos com esforços de curta duração para ver multidões se voltarem para Cristo, sem lhes assegurar o devido discipulado. Ao fazer isso, inadvertidamente temos acrescentado problema ao evangelismo, e não solução. Não ousemos comprometer o foco da Grande Comissão.

Considerando que isso é algo que se faz melhor com poucas pessoas de cada vez, pelo menos no que diz respeito a relacionamentos mais profundos, qualquer um pode fazê-lo. Pode estar certo também de que alguns daqueles que sentem o calor do seu coração de servo haverão de querer conhecer melhor seu Senhor.

Observe-os. Eles são a resposta para as suas orações. É provável que muitos deles pertençam ao seu círculo de relacionamentos. Isso me faz lembrar um homem do Texas que foi preso por roubar um cavalo. O delegado lhe deu a opção de ser julgado perante o juiz ou perante um júri composto por cidadãos como ele.

— Cidadãos? — ele perguntou. — O que é isso?

O delegado explicou:

— São pessoas iguais a você.

— Ah — disse o homem —, então vou preferir o juiz. Não quero ser julgado por um bando de ladrões de cavalo.

Olhe à sua volta. Veja as pessoas com quem você já tem muito em comum, a começar por sua família, e observe os vizinhos e amigos. Nessa esfera natural de influência, estará provavelmente seu maior potencial de mudar o mundo.

Seu relacionamento com as pessoas que ainda não conhecem o Salvador se torna um meio de elucidar o evangelho. A mesma atitude de servo deve ser dispensada aos crentes necessitados de encorajamento e direção na vida. Embora você não seja a única pessoa envolvida no discipulado deles, durante um período de tempo você pode ser uma das influências mais importantes em seu crescimento cristão. O modo como isso acontece destaca um terceiro princípio.

### **3. RELACIONAMENTO: FIQUE COM ELES — EDIFIQUE UM VÍNCULO DO TIPO FAMILIAR**

À medida que o número de discípulos foi crescendo, Jesus designou doze para estabelecer com ele uma relação de camaradagem especial (Mc 3.14). É claro que ele continuou a se relacionar com os demais conforme a irmandade de crentes aumentava por meio de seu ministério, mas é notório que concedeu menos atenção àqueles que estavam fora do círculo apostólico. Dentro desse grupo seletivo, Pedro, Tiago e João parecem ter desfrutado de um relacionamento ainda mais próximo com o Mestre.

Em tudo isso, impressiona-me o modo deliberado pelo qual Jesus dedicou sua vida às pessoas em treinamento. Isso também ilustra um princípio básico do ensino: quanto mais concentrado o tamanho do grupo de discípulos, maior a oportunidade de aprendizado. Em um sentido mais profundo, Jesus está nos mostrando como a Grande Comissão pode se tornar o propósito dominante de cada círculo familiar, de cada grupo pequeno que se reúne, de cada amizade íntima nesta vida.

Durante três anos, na maior parte do tempo Jesus permaneceu com seus discípulos. Juntos, eles percorreram ruas e estradas, navegaram no lago, visitaram amigos, foram à sinagoga e ao templo, trabalharam lado a lado. Já notou que Jesus raras vezes fez alguma coisa sozinho? Imagine! Ele veio salvar as nações — e, por fim, morreu na cruz por toda a humanidade; contudo, enquanto esteve aqui, passou mais tempo com um punhado de discípulos do que com qualquer outra pessoa no mundo.

Não há nada de novo nesse padrão, claro. Ele apenas incorporou em seu estilo de vida a dinâmica da família, o fundamento de todo aprendizado. Estava no plano de Deus no princípio, quando ele instituiu o casamento e ordenou que o lar se tornasse o centro do treinamento religioso. É nele, neste ambiente natural com pais, e talvez até com avós, provavelmente também com alguns irmãos e irmãs, que nossos valores são formados em sua maior parte. As influências familiares são determinantes, para o bem ou para o mal, nos anos marcantes da primeira infância.

Por esse motivo, relacionamentos pessoais íntimos na igreja são cruciais para o evangelismo, ainda mais no caso de pessoas que estão começando a vida com Cristo. Como recém-nascidos no mundo físico, discípulos iniciantes devem ter guardiões espirituais para ajudá-los a se desenvolver. Cristãos mais maduros deveriam se encontrar com eles com a maior frequência possível, perguntar sobre suas necessidades, responder a suas perguntas, incentivá-los em seu testemunho e fazê-los se sentir parte da família de Deus.

Não há nenhum motivo por que você não possa se reunir com regularidade com alguns aprendizes. Quanto mais informal e desprezioso for o encontro, melhor, como participar de uma partida de golfe. Que jeito mais alegre de ter uma conversa mais significativa! O exercício e a recreação no campo de golfe serão um bônus. Sem a alegria de cumprir a Grande Comissão, quem haveria de querer participar desse jogo? Aliás, por que você haveria de querer fazer qualquer coisa se não tivesse essa convicção? Isso sim é jeito de viver! Nada é insignificante; nada é sem sentido. Tudo faz parte do plano.

Atividades assim casuais, claro, não acontecem em cultos formais na igreja. Ambos são necessários e servem ao mesmo propósito de fazer discípulos. Mas o aprendizado acontece com mais naturalidade em ambientes mais descontraídos, caracteristicamente familiares.

Parte dessa camaradagem pode ser encontrada em reuniões de grupos pequenos, períodos dedicados a momentos de testemunho em grupo, estudo bíblico, oração ou qualquer outra coisa considerada importante para os participantes. Reunir-me dessa maneira com poucos alunos, no começo da manhã, uma vez por semana, tem sido uma das disciplinas mais gratificantes da minha vida há quarenta anos. Não estou sugerindo que você adote essa prática, mas, de alguma forma, espero que desfrute dessa bênção. Para alcançar o pleno potencial do relacionamento, no entanto, outro princípio deve ser aplicado.

#### **4. COMPROMETIMENTO: ENSINE-OS A SEGUIR AQUILO EM QUE CREEM — QUE ELES APRENDAM PELA OBEDIÊNCIA À VERDADE PERCEBIDA**

O que facilitou o relacionamento dos discípulos com Cristo e o tornou tão produtivo foi a disposição que demonstraram em segui-lo. De fato, foi o que os tornou seus discípulos. Jesus não os convidou para recitar um credo ou se ajoelhaem diante de um altar, mas apenas a obedecer (Mt 9.9; Mc 2.14; Lc 5.27; Jo 1.43,46; cf. Jo 18.19). A fé em Cristo era evidenciada pelo ato de segui-lo.

Isso não significa que os discípulos entenderam rapidamente tudo o que o Senhor dizia. Longe disso. Pegue como exemplo a incapacidade deles de apreender as verdades mais profundas do ministério vicário do Senhor. Os discípulos, na verdade, não compreenderam a necessidade da cruz a não ser após a ressurreição, embora Jesus tivesse falado de sua morte muitas vezes. Contudo, Jesus suportou pacientemente as falhas humanas porque eles o estavam seguindo, dispostos a caminhar na verdade que haviam entendido.

A obediência a Cristo foi então o meio pelo qual quem o acompanhava aprendia mais verdade. Ele não pediu aos discípulos que seguissem o que não sabiam ser verdade, mas ninguém podia segui-lo sem vir a aprender o que era verdade (Jo 7.17; 8.31,32).

O que os fez querer obedecer foi o amor que tinham por Jesus. “Se me amardes”, ele disse, “obedecereis aos meus mandamentos” (Jo 14.15; cf. 14.21,23,24; 15.10). Explicitando melhor o que queria dizer, acrescentou: “O meu mandamento é este: Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15.12).

A obediência absoluta à vontade de Deus, claro, era o princípio que controlava a própria vida do Mestre. O Calvário foi apenas o clímax que coroou seu compromisso. Tendo aceitado a cruz antecipadamente (At 2.31,32; Ap 13.8), Cristo deu cada passo na terra em resignação consciente diante do propósito eterno de Deus para sua vida.

Assim como ele encontrou sua bem-aventurança fazendo a vontade do Pai, também seus seguidores encontrariam a deles. Do ponto de vista da estratégia,

contudo, foi a única maneira pela qual Deus pôde moldar a vida deles por sua palavra. Um pai deve ensinar os filhos a lhe obedecer se espera que sejam como ele.

Hoje, precisamos aprender de novo essa lição. Não pode haver nenhum desperdício de tempo com os mandamentos de Cristo. Se aprendemos a verdade mais elementar do discipulado, devemos saber que somos chamados a ser servos do nosso Senhor e a obedecer a sua Palavra.

Alguém pode se perguntar por que tantos que se dizem cristãos encontram-se raquíticos em seu crescimento e são tão ineficazes em seu testemunho. Não será por uma indiferença generalizada aos mandamentos de Deus? Com certeza, se pretendemos causar algum impacto nesta geração indulgente, a obediência à cruz deve se tornar mais evidente. Embora os pós-modernos rejeitem as afirmações de certeza teológica, não estão cegos ao amor sacrificial quando o encontram.

Não é tempo de as expectativas da igreja serem traduzidas em termos do verdadeiro discipulado cristão? Se parece demais pedir uma coisa dessas da congregação como um todo, ao menos podemos exigir isso daqueles poucos aprendizes que Deus trouxe para nossas vidas e, como Jesus, podemos inculcar em sua fé o significado da obediência. Mas, para que esse compromisso atinja seu pleno potencial, outro princípio deve estar em operação.

## **5. DEMONSTRAÇÃO: MOSTRE A APLICAÇÃO — A PRÁTICA DO RELACIONAMENTO NA VIDA**

Seguindo a Cristo, os discípulos observaram como ele planejava que vivesse quem se submetia ao seu discipulado. Sua vida era um exemplo concreto de sua doutrina. Praticando diante deles o que queria que aprendessem, eles podiam ver a relevância e a aplicação do que ele ensinava.

Por exemplo, seu hábito de orar. Certamente não era por mero acaso que Jesus com frequência deixava seus discípulos vê-lo conversando com o Pai. Eles observavam a prioridade dessa disciplina espiritual e a força que ela conferia ao seu ministério. Inevitavelmente chegou o tempo em que lhe pediram: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11.1). Tendo despertado neles o desejo de aprender, Jesus pôde lhes ensinar como orar. Observe que, nessa lição inicial, ele não lhes pregou um sermão nem prescreveu a leitura de um livro; ele lhes deu um exemplo (Lc 11.2-4; cf. Mt 6.9-12).

Da mesma maneira, Jesus ensinou aos discípulos a importância e o uso das Escrituras, o significado da adoração, a administração do tempo e dos talentos, a responsabilidade social e todos os aspectos de sua vida pessoal. Enquanto isso, estava lhes mostrando como suprir as necessidades das pessoas, como ajudá-las a suportar suas tristezas, a cuidar de seus sofrimentos, ao mesmo tempo buscava o

bem-estar definitivo delas no evangelho. O evangelismo estava entrelaçado de tal forma em sua experiência diária que não parecia projetado ou programado. Era um estilo de vida.

Por meio disso tudo, o mais importante é que ele estava demonstrando como fazer discípulos. Quando enfim lhes entregou a Grande Comissão, não havia nenhuma confusão na mente deles acerca do que ela significava. Eles haviam sido discipulados e, refletindo sobre a própria experiência, sabiam muito bem o que fazer.

Aqueles entre nós que buscam discipular pessoas devem estar preparados para fazer com que elas nos sigam, assim como seguimos o Senhor (1Co 11.1). Devemos ser uma ilustração do nosso ensino (Fp 3.17; 1Ts 2.7,8; 2Tm 1.13). Elas farão o que virem em nós e o que nos ouvirem dizer (Fp 4.9). Devemos nos certificar de que o exemplo que elas contemplam reflita a missão de Cristo de buscar e salvar o perdido. Elas entenderão a ideia quando nos virem mantendo uma relação de amizade com pecadores, ganhando-lhes o respeito, confrontando-os com a cruz e levando-os à decisão. O que arde em seu coração se manifestará de modo mais claro quando vocês orarem juntos.

Transmitir esse tipo de liderança nos coloca sob pressão, logicamente. As pessoas às quais permitirmos entrar na intimidade da nossa vida enxergarão nossas fraquezas e falhas. Mas deixemos que enxerguem também a prontidão em confessarmos nossos pecados quando compreendemos o erro do nosso caminho. Deixemos que nos ouçam pedir desculpas àqueles a quem fizemos mal. As fraquezas não precisam prejudicar o discipulado quando há sinceridade e transparência ao seguir a Cristo. Expor-se com toda honestidade pode macular nossa auréola, mas, ao ver nossa humanidade, os outros podem se identificar mais facilmente com nossos preceitos. Além disso, se aprendermos com nossos fracassos, por abundantes que sejam, tiraremos disso infinitas lições.

Contudo, como sabemos, é preciso mais do que mera demonstração no aprendizado. É chegado o tempo de agir, o que nos leva a outro princípio.

## **6. ASSOCIAÇÃO: ENVOLVA OS DISCÍPULOS NO MINISTÉRIO — QUE CADA UM ENCONTRE SEU LUGAR**

Jesus estava sempre preparando os discípulos para levar adiante sua obra. Assim, à medida que conseguiam assumir alguma responsabilidade, ele lhes dava tarefas a realizar de acordo com seus dons e talentos. As primeiras responsabilidades eram pequenas, modestas, como providenciar comida e abrigo para o grupo. Como Jesus não era casado nem tinha casa própria, era natural que aceitasse essa hospitalidade graciosamente (Mt 8.20; Mc 1.29; Lc 8.3). Que bela maneira de ajudar um grupo de pessoas a se envolver naquilo para o que já estavam qualificadas! Tanto

quanto pude perceber, nosso Senhor nunca declinou de um convite para jantar. Fiquei contente quando descobri isso!

Depois de algum tempo, ele começou a envolver os discípulos de maneira mais ativa no serviço do seu ministério. Eles foram recrutados, por exemplo, para batizar pessoas que respondiam à sua pregação (Jo 4.2). Em outra ocasião, Jesus fez com que distribuíssem comida aos famintos que tinham ido ouvi-lo ensinar (Mt 14.13-21; 15.29-38; Mc 6.30-44; 8.1-9; Lc 9.10-17; Jo 6.1-13).

As atribuições aumentaram com o desenvolvimento da autoconfiança e da competência deles. Em pouco tempo, foram enviados a fazer, em grande parte, o mesmo tipo de obra que Jesus estava realizando — curar, ensinar e pregar o evangelho (Mt 10.1-10; Mc 6.6-9; Lc 9.1-3; cf. Lc 10.1-16).

A fim de que não se esquecessem da prioridade de treinar líderes, no entanto, Jesus estipulou que, acima do ministério público, eles deveriam buscar pessoas “dignas” com as quais passar tempo sempre que saíssem (Mt 10.11-15; Mc 6.10,11; Lc 9.4,5). Eles podiam trabalhar na comunidade inteira o dia todo, mas à noite tinham de voltar para a casa das pessoas que se interessaram suficientemente na missão deles a ponto de lhes oferecer hospitalidade. De fato, os discípulos foram instruídos no começo a construir um relacionamento com uns poucos discípulos promissores e a prepará-los para seguir seu ministério depois que fossem embora. Se não conseguissem encontrar ninguém com o desejo de aprender de Cristo, deveriam então sacudir o pó das sandálias e partir para a próxima cidade.

Não temos prazer em acompanhar o processo de evangelismo quando ninguém quer ser discipulado. Fico imaginando o que aconteceria se de fato levássemos isso a sério. Você já parou para pensar nas mudanças que aconteceriam nas prioridades das nossas igrejas?

A Grande Comissão envolve a igreja inteira. Todos podem fazer alguma coisa. Lembro-me de uma academia de montaria no oeste do Texas, cuja propaganda anuncia que eles têm um cavalo para cada gosto. Para pessoas obesas, cavalos robustos; para pessoas magras, cavalos esbeltos; para pessoas rápidas, cavalos velozes; para pessoas lentas, cavalos vagarosos. E para pessoas que não sabem montar, cavalos que nunca foram montados.

Bem, não conheço suas preferências, mas, em se tratando da obra do Senhor, sei que há um cavalo em que você pode montar. Para ser mais específico, há um cavalo em que cada membro do corpo de Cristo pode montar. Como líder, é sua responsabilidade ajudar cada seguidor a encontrar o cavalo certo para si. Com certeza eles podem compartilhar sua fé, embora você talvez precise ajudá-los a fazer isso com mais facilidade e clareza. Com a sua ajuda, eles também podem dar início ao ministério de cuidar de alguns crentes novos que precisam de encorajamento pessoal e discipulado contínuo.

Muitos dos programas da igreja também proporcionam oportunidades para o serviço. As primeiras atribuições dadas podem ser nas áreas em que os novos crentes já estão preparados, talvez ajudando no berçário ou dirigindo um ônibus. À medida que crescerem na graça e no conhecimento, podem assumir papéis de liderança na escola dominical ou nas atividades com os jovens. E, com o tempo, podem se tornar diáconos e presbíteros da congregação. Alguns talvez recebam um chamado especial para a obra vocacional da igreja como pastores ou missionários.

Qualquer que seja a forma que o ministério assuma, seja ele estruturado, seja informal, seja na igreja, seja fora dela, no mercado de trabalho, ele se enquadra no plano de Deus de fazer discípulos. Quando a Grande Comissão é vista como um estilo de vida, tudo o que você faz tem esse potencial. Nada é insignificante; nada fica fora do trabalho de ajudar aprendizes a cumprir seu papel discipulando as nações. Isso põe outro princípio em operação.

## **7. SUPERVISÃO: MANTENHA CONTROLE DO PROGRESSO DELES — CONSTRUA UM SENSO DE PRESTAR CONTAS**

Jesus costumava retornar para junto dos discípulos depois de uma experiência de ministério para ver como tinham se saído (Mc 6.30; Lc 9.10; 10.17). Ao checar as tarefas deles, fazer perguntas, esclarecer suas dúvidas, ele os tornava responsáveis pelo que tinham aprendido. “A quem muito é dado, muito será exigido” (Lc 12.48). Mais ainda, as experiências que os discípulos viviam na obra se tornavam ilustrações para Jesus lhes ensinar algumas verdades novas e mais profundas (e.g., Mt 15.37—16.12; 17.14-20; Mc 8.10-21; 9.17-29; Lc 9.37-43; 10.14-24). Era treinamento prático o tempo todo.

Os problemas recebiam atenção conforme surgiam, o que acontecia com grande frequência. Os discípulos estavam longe de serem perfeitos, e sua imaturidade espiritual vinha à tona constantemente. Certa vez, Tiago e João quiseram invocar fogo sobre a cabeça de alguns samaritanos desrespeitosos (Lc 9.51-56). Ao ver a impulsividade deles, Jesus os repreendeu, mas também aproveitou a ocasião para enfatizar de novo o propósito salvador de sua missão: “Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-la” (Lc 9.55,56).

Nesse episódio, assim como ao longo de todo o treinamento, os discípulos foram direcionados para o propósito redentor da vinda de Cristo ao mundo e à função deles em dar continuidade a essa missão. Embora progredissem com dolorosa morosidade, Jesus os mantinha pacientemente avançando em direção ao seu objetivo. Não lhes pedia mais do que eram capazes de dar, mas esperava o melhor deles, e esperava que isso melhorasse à medida que o seguissem.

Para mim, o aspecto mais extraordinário da preocupação de Cristo com o crescimento de seus discípulos fica evidente em suas orações. João 17 é o maior exemplo. Você já observou como a maioria das orações dele se volta para esses homens que lhe foram dados do mundo (Jo 17.6-19)? Ele ora para que Deus os proteja do Maligno e para que possam ter a mesma alegria que ele tem em fazer a vontade de Deus. E, à medida que são enviados ao mundo em uma missão como a sua, Jesus ora para que sejam santificados como ele. Nada deve distraí-los da obra para a qual são chamados, pois “pela palavra deles” o mundo virá a crer nele (Jo 17.20ss).

Pense nisso! Embora Jesus saiba que dentro de poucas horas eles o abandonarão, e que até mesmo seu principal porta-voz o negará abertamente, seu amor não os abandona. Acredita neles quando não conseguem acreditar em si mesmos. Esse é o teste do pastor verdadeiro. Por mais fracos e hesitantes que seus discípulos sejam, Jesus lhes deseja o que há de mais elevado na comunhão espiritual, “para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu também neles esteja” (Jo 17.26).

Jesus nos está ensinando a nunca limitar o que ele quer realizar em seus discípulos e através deles. Seguindo esse exemplo, precisamos alimentar continuamente as pessoas confiadas a nós. Inúmeras coisas podem acontecer para desviar a melhor das intenções e, a menos que tais questões sejam enfrentadas realisticamente, discípulos novatos podem ser facilmente derrotados. Pergunte-lhes como estão se saindo. Esse compartilhar de suas experiências pode incentivar maior abertura, bem como demonstrar sua própria responsabilidade.

É provável que os problemas mais ardilosos no relacionamento humano surjam quando o ego é ferido, o que faz nascer várias expressões de egoísmo, como orgulho ou amargura. Quando esses traços carnisais são reconhecidos, devem ser levados à cruz. A correção não será motivo de ressentimento quando feita em amor, se construímos a autoestima nos crentes por meio do elogio constante a cada prova de progresso no sacerdócio em desenvolvimento.

Embora sejamos percebidos como líderes, deixemos claro que Cristo é a autoridade e mantenhamos o foco nele. Evite assumir o papel autoritário de um mestre guru. Só Jesus dá ordens. Em sujeição a ele, discipulador e discípulos aprendem juntos.

Nessa experiência conjunta de crescimento, tenho aprendido a ver que a Grande Comissão é mais do que o plano do nosso Senhor para alcançar o mundo; é seu modo de assegurar a santificação da sua igreja. Você não pode liderar com sinceridade outra pessoa a fim de que ela aprenda mais de Cristo sem que você mesmo seja discipulado nesse processo. Tudo se resume à oração, enquanto ajudamos a carregar os fardos uns dos outros para o Senhor da colheita, e assim cumprimos a primeira ordem de evangelismo dada por Cristo (Mt 9.38). Manter à vista esse destino faz surgir outro princípio.

## 8. REPRODUÇÃO: TENHA A EXPECTATIVA DE QUE REPRODUZAM O ESTILO DE VIDA — A VISÃO DA MULTIPLICAÇÃO

É inevitável que a vida promova a reprodução de cada um segundo a sua espécie. Pessoas negligentes que deixam as preocupações deste mundo sufocarem a palavra de Deus colherão os frutos de seus caminhos tolos. Por outro lado, quem vive em conformidade com Cristo desenvolve as qualidades de sua vida e ministério.

A parábola da videira e dos ramos contada por Jesus é uma bela ilustração disso (Jo 15.1-17). Jesus se compara à videira e os discípulos, aos ramos. Os ramos são canais de vida na videira e, quando funcionam bem, produzem frutos. Qualquer ramo que não cumpra seu propósito é arrancado pelo lavrador atento. Até os ramos que produzem são podados por ele a fim de serem mais frutíferos. “Meu Pai é glorificado nisto”, Jesus explicou, “em que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos” (Jo 15.8).

Quando dar frutos é algo visto no contexto mais amplo de forjar a semelhança de Cristo — primeiro em nós mesmos e depois nos outros — praticamente tudo que Jesus disse e fez aponta para essa verdade. A Grande Comissão apenas coloca o princípio em foco, expressando-o em termos da formação de discípulos.

Os discípulos foram ensinados a viver tendo sempre em vista os frutos. “Levantai os olhos e vede”, disse Jesus, notando que os homens se aproximavam para ouvi-lo em Sicar. “Vede os campos já prontos para a colheita” (Jo 4.35). Os discípulos conseguiram perceber o que ele queria dizer, bem como apreciar a implicação espiritual disso quando ele acrescentou: “Quem colhe já recebe recompensa e ajunta fruto para a vida eterna” (Jo 4.36). Quer semeassem, quer colhessem, Jesus queria que os discípulos percebessem que o trabalho deles tinha impacto na eternidade, culminando, no fim, na reunião das nações junto ao trono de Deus.

A chave para a colheita final concentra-se na qualidade e no fornecimento de trabalhadores obedientes ao mandato de Cristo. Não importa quão reduzido seja o número deles no começo, desde que se reproduzam e ensinem seus discípulos a fazer o mesmo. Por mais simples que possa parecer, essa é a maneira pela qual sua igreja triunfará no final. Não conheço nenhum outro plano.

Nosso Senhor não veio em seu corpo encarnado para evangelizar o mundo; ele veio possibilitar a salvação do mundo através de seu sacrifício expiatório. Mas, a caminho do Calvário, certificou-se de que seus seguidores fossem treinados com estratégia e visão para colher a colheita.

Ele nos deu um modelo que todo crente é capaz de seguir. Fazer discípulos não é um chamado especial ou um dom do Espírito, é um estilo de vida — é o modo pelo qual Jesus vivia e agora o caminho pelo qual ele ordena que seu povo siga.

À medida que as pessoas próximas a você passam a perceber de que modo elas se encaixam nessa estratégia, você pode com elas sonhar o lugar que terão na colheita. Será prazeroso conversar sobre como Deus usará a personalidade e os dons exclusivos delas de maneira diferente da sua. É o tipo de conversa que os pais têm com os filhos maduros antes que eles saiam de casa.

Chegará um momento em que esses discípulos estarão de tal forma ocupados com o próprio trabalho que o relacionamento entre vocês irá adquirir uma característica diferente. Embora você não seja tão necessário quanto antes, o vínculo de amor permanece e talvez até se aprofunde. À medida que os discípulos crescerem, outros ocuparão o lugar deles, e o processo recomeçará. A cada geração espiritual que se sucede, a expectativa da colheita aumenta, alegremente voltada para o dia em que haverá discípulos de todas as nações e uma reunião no céu. Contudo, resta ainda um princípio a ser compreendido, sem o qual tudo o que dissemos até agora se reduziria a zero.

## **9. TRANSMISSÃO: CONFIE OS DISCÍPULOS AO ESPÍRITO DE CRISTO — A PROMESSA DA GRANDE COMISSÃO**

É o Espírito Santo que faz tudo acontecer. O que Deus administra como Pai e revela como Filho também executa como a terceira pessoa da Trindade.

Somos apresentados ao Espírito no primeiro capítulo de Gênesis, quando ele cria o cosmo (1.2) e mais tarde sopra o fôlego da vida na criatura que Deus fez à sua imagem (Gn 2.7). Quando as pessoas enveredam pelos próprios caminhos, é o Espírito que busca trazê-las de volta e efetua a reconciliação com Deus. Ao longo do Antigo Testamento, ele pode ser visto em ação, fazendo de uma nação sua testemunha em um mundo caído (Is 43.10; 44.8; 49.6). Embora Israel fracasse em seu chamado, espera-se o dia em que viria aquele sobre quem o Espírito repousaria (Is 11.2; 42.1; cf. Jo 3.34).

Como disseram os profetas, na plenitude dos tempos o Espírito Santo desceu sobre a virgem de modo que ela concebeu e deu à luz o único Filho gerado de Deus (Mt 1.18,20; Lc 1.35). Depois disso, o Espírito conduziu Jesus durante os dias da sua vida encarnada. Tudo que ele disse e fez foi com a força e pela demonstração do Espírito Santo (Lc 4.18,19).

Jesus ensinou que, por esse mesmo grande poder, as pessoas que nele cressem participariam da sua vida e ministério. Ele as conduziria à verdade (Jo 16.13), lhes ajudaria a orar (Jo 14.12,13; 16.23,24), lhes daria o que dizer (Mt 10.19,20), lhes capacitaria para fazer as mesmas obras de Cristo e até maiores (Jo 14.12). Em tudo isso, o Espírito glorificaria o Filho (Jo 16.14). Esse é o seu ministério supremo — glorificar a Cristo — e quando ele é revelado, homens e mulheres são atraídos ao Pai.

Não é difícil compreender por que Jesus disse a seus discípulos que permanecessem onde estavam até que recebessem poder do Espírito (Lc 24.49; At 1.8).

De que outra maneira eles poderiam fazer discípulos que crescessem à semelhança de Cristo? Em sua própria sabedoria e força eles eram inúteis. Só tendo Cristo com eles, enchendo-os com sua presença, podiam realizar sua obra. Lembre-se da promessa: “E eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos” (Mt 28.20). Vemos como isso começa a se desenrolar no Pentecostes (At 2.4). O testemunho da igreja agora se torna os atos do Espírito Santo.

Assim como aconteceu naquela época, o mesmo é válido para hoje. É o Espírito que encarna Cristo em nós, revertendo o sistema de valores egocêntrico deste mundo, de modo que começamos a viver como servos. É ele que suscita discípulos, plantando em seus corações o desejo de aprender; nosso papel é responder a essa iniciativa. O mesmo Espírito forma o corpo de crentes, a igreja, até mesmo em nossos contatos diários com apenas um ou dois seguidores. Através da infusão do seu amor, nossa fé ganha vida em obediência. Por sua morada em nós tornamo-nos uma demonstração do que ele ensina. O Conselheiro que habita em nós convida-nos ao ministério e distribui dons para o serviço. Ele supervisiona nosso crescimento em graça — exortando, encorajando, iluminando, ajudando em oração — sempre conduzindo a algo melhor. Por fim, é o Espírito que produz a colheita. Do começo ao fim, fazer discípulos é obra do Deus todo-poderoso. Somos meros instrumentos por meio dos quais ele opera.

Evangelizar pós-modernos, ou quaisquer outras pessoas, depende de os enviados estarem dominados pelo Espírito. Assim como os primeiros discípulos necessitaram de um dom celestial, nós também necessitamos. O poder do alto, qualquer que seja o nome que lhe atribuam, deve ser realidade em nossa vida, não como uma lembrança distante, mas como uma experiência presente do Cristo que reina. Impedimentos que obstruem seu senhorio devem ser confessados e, em completa dependência do Espírito de Cristo, precisamos deixá-lo operar sua vontade em nós. Embora nunca possamos contê-lo por inteiro, ele nos quer inteiros — para amá-lo e adorá-lo com tudo o que somos e esperamos ser.

A questão no evangelismo está centrada por fim no fruto duradouro do nosso trabalho. Não importa quantos recrutamos para a causa, mas quantos se tornam trabalhadores na colheita. Se produzirmos esse estilo de vida em uns poucos, outros os seguirão; se não desenvolvemos essa liderança, os outros não têm nada que valha a pena seguir.

Você quer que sua vida valha a pena? Embora o modo pelo qual Jesus fazia discípulos não prometa gratificação imediata, não vivemos em primeiro lugar para o presente. Nossa satisfação está em saber que, nas gerações futuras, nosso testemunho ainda estará produzindo frutos em um círculo cada vez maior de fazedores de discípulos até os confins da terra e até o fim dos tempos.

## CAPÍTULO 19

---

# EVANGELIZAÇÃO AUTÊNTICA NA IGREJA LOCAL EM UMA ERA RELACIONAL

*Ron Bennett*

**E**vangelismo! Nada consegue gerar terror, culpa ou simples suor no cristão médio mais rápido do que esse tema. Pergunte às pessoas com o que elas associam a palavra *evangelismo* ou *evangelista* e você obterá respostas como “chato”, “vendedor de carro usado”, “pastor de televisão”, “vendedor de porta em porta”, “cruzadas” e assim por diante.

Tenho observado que há três modos eficazes de fazer com que as batidas do seu coração atinjam os níveis saudáveis do exercício aeróbico. Um deles é correr por 30 minutos. Outro é perder de vista seu filho de dois anos ao fazer compras em uma loja de objetos de vidro. E o terceiro modo é tocar no assunto da evangelização. Ao ouvir essa palavra, a maioria das pessoas sai em busca da placa que indica a saída, finge estar com dor de cabeça ou de repente se lembra de compromissos nunca marcados.

A igreja que leva a evangelização a sério tem como prática comum a programação de algum evento para trazer um orador de destaque que proclamará o evangelho durante um café da manhã dos homens da igreja, um almoço das mulheres ou em um encontro de casais. Como poucos membros convidam os vizinhos (a maioria não os conhece), a plateia acaba sendo composta de frequentadores regulares da igreja, com alguns poucos parentes de passagem pela cidade para o fim de semana. Os presentes gostam de rever os amigos da igreja pela terceira vez na mesma semana. George Barna informa que, apesar de a igreja americana gastar um quarto de trilhão de dólares todos os anos no ministério, só um em cada

oito membros da igreja se sente preparado para compartilhar sua fé. E apenas 2% da renda bruta anual recebida pela igreja em geral é investida em evangelismo (1995, p. 84).

Quando pergunto a líderes de igreja sobre seu plano de evangelismo, costume ouvir uma explicação sobre a estratégia para contratar um pastor evangelista. Houve um pastor-titular que me disse: “Nosso evangelismo decolará quando tivermos condições financeiras para contratar alguém com talento para evangelização e que estabeleça o ritmo para o resto de nós”. Essa é linguagem cifrada para “Espero tirar essa batata quente das mãos e poder voltar ao ensino que amo”.

Talento para evangelização! Conheço algumas pessoas que talvez sejam assim, mas não muitas. A maioria dos seminários de evangelismo que já frequentei foi ministrada por esses talentos para evangelização. Fui embora me sentindo deslocado, culpado e frustrado. Tentei agir como eles por alguns dias, mas acabo sempre retornando ao meu verdadeiro eu, e as anotações feitas durante o seminário vão para a prateleira da estante.

Nas oficinas que ministro sobre o assunto, costume pedir que levem as mãos aqueles que se consideram capacitados para o evangelismo. Em um seminário com setenta pessoas, sete fizeram isso. Desses sete, quatro não tinham compartilhado sua fé com ninguém nos últimos dois anos. Dos três restantes, dois tinham compartilhado a fé só uma vez. A resposta nunca é maior que 10%, e isso em um grupo interessado pelo assunto.<sup>1</sup> Na realidade, acho que a maioria das pessoas não quer ser capacitada para o evangelismo. Mais ainda, a maioria não quer nem se sentar perto de quem tem talento para o evangelismo! Independentemente da porcentagem de evangelistas talentosos em qualquer igreja, nunca são suficientes para se construir uma estratégia em torno deles. São um modelo inadequado. Precisamos de modelos que se conectem com os outros 90% do corpo se pretendemos impactar nosso mundo para Cristo.

Tenho descoberto que o evangelismo, para a maioria dos cristãos, não vem do talento, mas do relacionamento. Primeiro, ele procede de um relacionamento dinâmico com Jesus Cristo. É esclarecedor para mim que, ao chamar seus discípulos, Jesus tenha dito: “Vinde a mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mt 4.19). É nesse seguir a Cristo que começamos a pescar. Jesus não começou recrutando esses homens para pescar. A pesca encontra seu lugar naturalmente à medida que seguimos o Mestre. O Senhor, ele próprio ocupado em pescar, convida-nos a acompanhá-lo, a nos juntar a ele naquilo que faz o coração de Deus pulsar.

<sup>1</sup>Barna (1995, p. 73) descobriu que apenas 12% das pessoas que evangelizam sentem ter o dom para isso.

O segundo relacionamento de interesse para o evangelismo é o envolvimento pessoal com o perdido. Mateus nos conta que, quando Jesus andava, falava, servia e tocava os perdidos, ele era movido pela compaixão (Mt 9.36-38). Enquanto as pessoas existirem apenas lá longe — como projetos, rostos sem nome ou meras estatísticas — nos sentiremos confortáveis em nosso isolamento. Mas, quando uma delas ganhar um nome, tornar-se um amigo ou entrar em nossa esfera de preocupação, então sentiremos compaixão e superaremos a inquietação para compartilhar o amor de Cristo.

## IDENTIFICANDO SUA AUDIÊNCIA

Uma das primeiras coisas que a igreja precisa fazer ao desenvolver uma estratégia de evangelização é descobrir o perfil daqueles que pretende alcançar. “Tamanho único” pode funcionar no caso de meias, mas não de pessoas. Muitos já escreveram sobre o perfil de quem está fora das igrejas. Os livros *Inside the mind of unchurched Harry and Mary*,<sup>2</sup> de Strobel (1993), e *Frog in the kettle* [Sapo na chaleira], de Barna (1990), são fontes excelentes para nos ajudar a entender como pensam certas pessoas fora da igreja.

Correndo o risco de cair no simplismo, eu gostaria de sugerir três grandes categorias de pessoas que a igreja precisa compreender: (1) o perdido dentro da igreja, (2) o perdido que visita a igreja e (3) o perdido que jamais entraria em uma igreja. Cada uma dessas categorias requer um foco específico. Cada uma delas apresenta desafios e oportunidades únicos. O principal ponto comum entre todas é a morte espiritual. Fora isso, são muito diferentes entre si.

A igreja sempre terá perdidos. Não importa quão estruturado seja o padrão de triagem dos membros, sempre haverá alguns que sabem todas as respostas certas, mas a quem faltará o relacionamento pessoal com Cristo. Jesus contou uma parábola sobre a mistura do joio com o trigo no Reino. Um dia, Deus julgará e separará o autêntico da imitação (Mt 13.24-30). Nesse meio tempo, dependendo da personalidade e da história da nossa igreja, devemos lidar com a condição dos perdidos que integram a estrutura dela. George Barna conclui, com base na pesquisa que empreendeu, que metade dos frequentadores das igrejas protestantes em uma típica manhã de domingo não é cristã (1995, p. 38).

É comum que seja difícil alcançar o perdido dentro da igreja, já que ele se sente confortável nessa cultura. Ele se sente confortavelmente confuso, enquanto nós nos damos por satisfeitos em nossa negligência. As igrejas precisam desenvolver

<sup>2</sup>Edição em português: *Inteligência espiritual* (São Paulo: Vida, s.d.).

um planejamento sério para ajudar o perdido dentro da igreja a refletir com clareza sobre a própria fé em Cristo.

A segunda categoria é a do perdido que hoje se encontra fora da igreja, mas que a visita. É possível que sejam “ex-frequentadores”, isto é, têm uma igreja como ponto de referência no passado. Talvez a tenham frequentado quando crianças, mas concluíram que a igreja era irrelevante para sua vida adulta e a deixaram para trás, como o uniforme do time em que jogavam na época do ensino médio. Com frequência os ex-frequentadores são motivados a voltar para a igreja quando se tornam pais e buscam ajuda para estabelecer uma base moral para os filhos. Pensam: “Não preciso dessa religião, mas meus filhos, sim. Consigo me virar, mas me preocupo com meus filhos. Afinal de contas, um pouco de moralidade religiosa não há de fazer mal”.

Outra razão pela qual eles podem se dispor a dar uma nova oportunidade à igreja é que a vida não transcorreu como haviam imaginado. O casamento, o emprego, as finanças e os relacionamentos foram decepcionantes. É como se seus sonhos desmoronassem e não tivessem uma solução. Talvez agora a igreja seja diferente de quando eles eram jovens. Muitas dessas pessoas voltarão a uma igreja semelhante àquela do seu passado. Esperam que alguma coisa tenha mudado e que desta vez haja respostas reais para as questões da vida. Elas têm uma cosmovisão bíblica casual. Deus faz parte de sua estrutura, embora seja distante e impessoal.

As esposas costumam ser mais sensíveis à necessidade de restabelecer a conexão com a igreja e com Deus. Tendem a tomar a iniciativa em levar a família para a igreja. Assim, líderes cristãos argumentam que reconhecer quem está tomando a dianteira é crítico para a igreja que desenvolve uma estratégia para alcançar esse grupo. O berçário da igreja e as classes infantis são um fator importante para definir se essas pessoas voltarão. Se as crianças gostarem da experiência, se o ambiente for alegre, amistoso e atraente, então talvez esses ex-frequentadores voltem.

Muitas igrejas estão propositalmente orientando seus cultos dominicais matutinos para satisfazer as necessidades desse grupo. Referem-se a si mesmas como voltadas para os interessados, com alvo nos interessados ou sensíveis aos interessados. A Willow Creek, perto de Chicago, é um dos carros-chefes dessa estratégia. Outras têm posicionado seus cultos de adoração tradicionais de modo a minimizar os obstáculos aos interessados em retornar ao ambiente da igreja.

Um culto dominical matutino sensível aos interessados é uma estratégia para alcançar esse grupo de pessoas, mas não é a única nem a que se ajustará a todas as igrejas. Para muitas delas, o culto de adoração dominical não será uma parte chave de sua estratégia de alcance. Para elas, a manhã de domingo representa um momento de adoração da família de Deus. Os intrusos são bem-vindos, mas não uma prioridade. Muitas dessas igrejas mais tradicionais adaptam suas classes de

adultos para evangelizar interessados. Outras preparam seu programa de grupos pequenos para ser a porta de entrada. Independentemente da estratégia, a igreja precisa lidar com a questão de como pretende alcançar essa categoria significativa de ex-frequentadores.

Outro desafio para a igreja hoje é o grupo de perdidos que, seja por qual for o motivo, não se aproxima da igreja. Às vezes, eles têm interesse em Deus ou na espiritualidade, mas decidiram conscientemente que a igreja, na ótica deles, é irrelevante. Ela não se enquadra em sua cosmovisão. Na cabeça dessas pessoas, mesmo que haja respostas espirituais para as grandes questões da vida, não são encontradas na igreja organizada.

Para esse grupo, não importa quão grande seja o alto-falante que você usa, quão grande seja a tenda que você arme, ou quão grande seja o anúncio no jornal — eles não irão à reunião da sua igreja. Eles são como os que fazem caminhadas pelas montanhas, acampam e se perdem, enquanto a igreja opera no vale. Muitas dessas pessoas são a segunda geração perdida nas montanhas. Nunca desceram para o vale onde se encontram as igrejas. Seus amigos nem mesmo se casam em igrejas.

Há poucos anos, foi feito um filme sobre um jovem casal e seu bebê que se perderam nas montanhas. A caminho de Idaho, Jim e Jenny Stolpa tentaram atravessar as montanhas do norte da Califórnia durante uma forte nevasca. Como a patrulha rodoviária fechou a estrada interestadual, viram-se forçados a sair dela e acabaram enveredando por uma rota alternativa.

Por fim, a neve os impediu de prosseguir. Presos em uma estrada solitária a 80 quilômetros da cidade mais próxima, não tinham provisões nem meios de comunicação. Depois de quatro dias esperando ajuda dentro do caminhão em que viajavam, perderam a esperança de serem encontrados. Consultando um mapa, resolveram atravessar a mata a pé por 28 quilômetros, com o bebê, em busca de uma estrada que pudesse levá-los a encontrar alguma ajuda. Depois de caminhar um dia e uma noite sobre neve alta, não viram nenhum sinal de estrada.

Enquanto isso, seus pais tomavam a atitude ousada de reunir todos os recursos de que dispunham para auxiliar na busca dos filhos. Polícia, serviço florestal e repórteres, todos fizeram parte de um esforço de busca e resgate em equipe. Independentemente da tecnologia e da energia pessoal desse grupo comprometido, foram de uma ineficácia frustrante. Estavam limitados por dois grandes motivos. Um, a falta de conhecimento de onde procurar nos milhares de quilômetros de terreno montanhoso. O outro, as contínuas tempestades de inverno impossibilitando o reconhecimento aéreo e em solo.

No alto das montanhas, fazia agora seis dias que Jim e Jenny estavam presos na neve. O último plano desesperado deles fora Jim partir sozinho, deixando Jenny e

o bebê dentro de uma pequena caverna. Jim esperava retornar ao caminhão abandonado e, de lá, caminhar os 80 quilômetros até a cidade mais próxima.

No oitavo dia da agonia que atravessavam, quando Jim cambaleava por uma estrada solitária, um fazendeiro que saíra para verificar seu gado o encontrou. Desidratado e congelando, Jim foi levado para uma cabana de montanha e em seguida para um hospital. Antes que o conduzissem ao hospital local, o fazendeiro conseguiu extrair-lhe uma frágil descrição da rota que percorrera. Assim, acompanhado de alguns amigos, ele partiu, no meio de mais uma nevasca, em busca de Jenny e do bebê. O relato superficial de Jim, combinado com a destreza de um fazendeiro local, serviram de pistas para um resgate milagroso.

Essa história ilustra o que é necessário para alcançar pessoas que se encontram presas nas montanhas. Quem se perdeu nas montanhas não consegue vir para o vale. Está preso na armadilha dos montes de neve do secularismo, do ceticismo e do narcisismo. Por causa de escolhas tolas ou circunstâncias infelizes, estão desesperadamente presos e afastados das equipes de resgate daqueles que vivem no vale.

Na maioria das vezes, quem vive no vale não tem consciência do destino dos perdidos nas montanhas, nem se interessa por isso. Está ocupado demais com as atividades saudáveis do vale, que lhe consomem tempo e energia. Há quem ouça falar dos perdidos nas montanhas e tente ajudá-los. Alguns levam cobertores e criam estações de salvamento. Outros escrevem artigos e fazem vídeos dos perigos de andar pelas montanhas. Outros chegam a tentar sobrevoar as montanhas para jogar suprimentos.

Se a igreja tem de alcançar quem está preso na armadilha das montanhas em nossa sociedade, precisa adotar uma estratégia diferente. Será necessário que fazendeiros e guardas-florestais, familiarizados com as montanhas, encontrem os perdidos. O esforço exigirá equipes de busca corajosas e equipadas para entrar na região montanhosa.

## **EXPANDINDO SEU PARADIGMA**

### ***EXPANDINDO DO EVENTO PARA O PROCESSO***

A igreja do primeiro século com certeza não via o evangelismo como um evento, mesmo tendo sido inaugurada em Jerusalém através do grande evento do Pentecostes. Quem testemunhou a colheita da pregação de Pedro não lhe seguiu o modelo. Grandes eventos podem ser de uma utilidade tremenda para levar pessoas à fé pessoal, mas a evangelização sólida e persistente consiste em fazer vários eventos e encontros de pequeno porte.

A metáfora seminal usada no Novo Testamento para o evangelismo é o modelo agrário da sementeira. A agricultura bem-sucedida não se restringe à colheita, por

mais emocionante que seja. Cada fase do processo tem importância crítica e envolve cuidado e planejamento. O agricultor cultiva e semeia com a mesma energia com que colhe. Ele também sabe que diferentes estações e ciclos requerem ferramentas diferentes. Nenhum agricultor, em seu juízo perfeito, passaria uma ceifeira no campo em todos os doze meses do ano.

Encontro grande incentivo na mensagem de Paulo aos coríntios: “O que planta e o que rega trabalham com o mesmo propósito, e cada um receberá sua recompensa segundo seu trabalho” (1Co 3.8). Imagino que ficaremos surpresos quando um dia Deus avaliar o trabalho e elevar tanto os semeadores quanto os cultivadores à posição do medalhista de ouro no pódio.

### ***EXPANDINDO DE INDIVÍDUOS PARA COMUNIDADE***

O treinamento de evangelismo, quando é feito, costuma ser direcionado para o desenvolvimento de indivíduos a fim de que compartilhem sua fé. Sem dúvida, cada crente precisa saber como compartilhar a própria história de fé e como expor o evangelho. Os cristãos também deveriam entender os principais estágios do processo de evangelismo e contar com algumas ferramentas básicas para usar. O ideal, contudo, é que o evangelismo seja visto como uma função do corpo de Cristo, com divisão de tarefas e utilização de dons diversos. Raramente um indivíduo consegue concluir todo o processo sozinho. Lendo o relato de Lucas sobre o encontro de Felipe com o etíope, pergunto-me quantas pessoas estiveram envolvidas na jornada desse estranho para a fé em Cristo. Quem ele encontrou no templo naquela visita recente? Onde nasceu o primeiro interesse pela fé monoteísta judaica?

O Espírito Santo usa não só diversos indivíduos no processo de evangelismo, mas também a dinâmica da vida comunitária para intensificar o processo. O evangelho de João nos ensina o princípio poderoso de que o amor dentro da família cristã é prova da realidade da nossa fé em Cristo (Jo 13.34,35). Como esse amor ficará evidente sem expor os interessados à realidade da comunidade cristã?

Jesus amplia esse princípio em sua oração de João 17. A unidade dos crentes tornará evidente a realidade de Cristo para os de fora. Não temos como medir o poder resultante de relacionamentos marcados pelo amor dentro do corpo de Cristo e da exposição dos interessados a ele. Sua ausência, por outro lado, consegue explicar grande parte da falta de eficácia no evangelismo que encontramos na igreja de hoje.

### ***EXPANDINDO DO TEMPLO PARA FORA***

A igreja primitiva conheceu grande parte de seu sucesso graças a uma força centrífuga involuntária (At 8). Era um movimento voltado para fora. Uma estratégia de envio

a partir de Jerusalém (At 1.8). A audiência de Pedro em Atos 2 foi uma exceção, não a regra. Aquela audiência, de modo um tanto excepcional, resultou da força centrípeta que atraiu pessoas para o centro religioso, o templo. Pedro tirou proveito da multidão ali reunida e apelou para sua herança religiosa com uma mensagem que lhes tocou a consciência coletiva.

A mentalidade judaica do Antigo Testamento era acima de tudo centrípeta. Usava a estratégia de fora para dentro. Construa um templo grandioso, torne manifestas as leis morais e civis de Deus, e as nações notarão e virão observar. Até a estrutura do templo era desenhada para receber e acomodar os gentios que se interessavam por Deus. Quando Cristo veio, ele mudou a direção das missões para sempre. O evangelismo é agora uma estratégia de dentro para fora.

Ao olhar para a estratégia de evangelismo da maioria das igrejas, encontro pouca coisa que seja planejada para acontecer fora de seus muros ou do templo. Um ponto que atrai de fora para dentro já é o prédio em si. Uma parte muito grande dos recursos da igreja é gasta na estrutura, tanto que nos envergonhamos de não usá-la. Isso se torna uma questão de administração. Jim Peterson salienta em *Church without walls* [Igreja sem paredes] que ainda operamos na igreja hoje como se vivêssemos em uma sociedade rural e analfabeta. Nosso método é “venham ouvir” (1992, p. 118). A igreja primitiva invadiu a própria cultura e foi ainda além com configurações móveis e flexíveis. Como James Rutz salienta: “Até Constantino, não havia essa questão de prédio da igreja ou de “arquitetura cristã” (1992, p. 55).

Outra força que atrai para dentro é o conforto. O ambiente da igreja é um lar para nós, e temos a impressão de que outros com certeza se sentirão da mesma maneira. O fato de alguém de fora da igreja considerar que entrar no prédio é pouco atraente, intimidante, estranho ou apenas esquisito é difícil de digerir. Afinal de contas, somos pessoas muito legais.

Como um casal que tenta se relacionar com vizinhos e amigos de fora da igreja, temos descoberto que nem nossa casa é o primeiro lugar para se iniciar um relacionamento. Se convidamos pessoas novas para nos visitar, em geral é para uma refeição ao ar livre, no quintal, não para um jantar dentro de casa. O ponto de partida muitas vezes é um restaurante, local considerado território neutro. Nossa igreja não é território neutro para quem não a frequenta. Planejar atividades evangelísticas no templo cria uma barreira desnecessária para muitos que tentamos alcançar. Nossa estratégia precisa incluir locais neutros, comuns e naturais para quem não é da igreja. Temos de perguntar: “Em que lugares pessoas que não frequentam a igreja se sentiriam à vontade?”. Em vez de priorizar nosso conforto, devemos pôr em prática a atitude de servo e de missionário e remover barreiras desnecessárias para compartilhar a mensagem.

### ***EXPANDINDO DE TALENTOSOS PARA TALENTOS***

Quando predominam os dons espirituais mais verbais e públicos, como pregar e ensinar, o evangelismo se torna mais um evento do que um processo. Aqueles que receberam dons mais privados, não tão públicos, concluem que não podem evangelizar ou que não são necessários. Contudo, ver o evangelismo como um processo torna todos os dons relevantes. Precisamos de uma equipe, uma comunidade de pessoas, se pretendemos ser eficazes. Como ninguém reúne em si todos os dons, descobrimos uma nova liberdade para trabalhar como parte de um todo, cada um usando seus dons no processo. Quanto mais nos concentramos em alcançar o perdido, maior a necessidade de pessoas com dons que proporcionam misericórdia, contato e relacionamentos. São dons que demonstram o amor de Cristo a um mundo pós-moderno. Quando trabalhamos juntos, podemos tirar proveito dos nossos pontos fortes e encontrar liberdade para servir de acordo com a capacidade que Deus nos deu.

Minha esposa, Mary, descobriu essa dinâmica há poucos anos, quando nos mudamos para a região da cidade de Kansas. Ela conheceu Linda, uma consultora de cosméticos que estava preocupada em alcançar suas amigas perdidas. Juntas, as duas descobriram dons complementares e formaram uma equipe. Mary entrou com seu dom de ensino, enquanto Linda contribuía com seu dom de hospitalidade para começarem alguns pequenos grupos de discussão da Bíblia em que tratavam de questões relevantes para mulheres. Linda recrutava e Mary conduzia as reuniões. Desse modo, conseguiram fazer o que nenhuma das duas teria conseguido sozinha.

### ***EXPANDINDO DE DECISÕES PARA CONVERSÕES***

Em nosso anseio por alcançar sucesso, com frequência levamos em conta demonstrações exteriores de caráter formal, em vez de trabalhar e esperar pela realidade. Somos ávidos para contabilizar e relatar batismos, orações ou número de cartões de resposta que acompanham nosso evangelismo voltado para eventos. No entanto, como é verdade que só Deus conhece o coração das pessoas e que só Deus produz conversão, sempre operaremos com algum grau de incerteza.

Há lugar para indicadores de resposta e convites evangelísticos como parte do processo de evangelismo, mas é muito comum nos contentarmos com um ato externo, em vez de esperar uma reação interna, do coração. Quando o evangelho não é entendido com clareza, o resultado pode ser pessoas que tomam uma decisão, mas que não querem saber de seguir a Cristo.

Um pastor me telefonou outro dia e pediu ajuda com relação a pessoas que tinham respondido a um apelo feito em sua igreja, mas que não queriam seguir a

Cristo ou se vincular à igreja. “Não temos problemas em conseguir decisões”, disse ele, “temos problemas em conseguir discípulos”. Enquanto conversávamos, perguntei-me se o problema não estava mais no evangelismo do que em sua sequência.

Em seu livro *Follow me* [Siga-me] (1996), Jan Hettinga levanta a questão de que o evangelho não é apenas um dom a receber, mas um novo líder a seguir. Em uma cultura cada vez menos instruída biblicamente cuja visão de Deus é fragmentada, precisamos nos esforçar e ser pacientes em ajudar as pessoas a entenderem o evangelho completamente, não só uma parte dele. Elas precisam compreender o evangelho e não só serem expostas a ele.

### **EXPANDINDO DE LOCAL PARA O REINO DE DEUS**

A igreja com frequência tem limitado o evangelismo à sua mentalidade territorial. Temos nos preocupado mais em construir nossas congregações locais do que em expandir o reino de Deus. Isso costuma ser involuntário, um subproduto do nosso intenso foco em missão, mas os resultados são os mesmos. Tendemos a olhar para os perdidos e nosso compromisso para com eles baseados na questão de eles se adaptarem ou não à nossa igreja ou sistema. Muitas vezes nosso plano velado, ou nem tão velado assim, é fazer com que as pessoas se unam ao nosso grupo como condição para levá-las ao reino de Deus.

No começo do meu ministério, concentrei-me tanto em fazer discípulos que tinha a tendência de ignorar perdidos quando sentia que não se ligariam a mim por meio do processo de discipulado. Somos sutis ao avaliar o mérito da relação com os perdidos baseados na probabilidade de que venham para nossa igreja ou se juntem ao nosso grupo. Temos a tendência de não nos envolver se eles já participarem de uma igreja ou se demonstrarem pouco interesse em nosso grupo.

### **EXPANDINDO DA ESTRATÉGIA “DE PASSAGEM” PARA IMERSÃO**

Meu treinamento inicial em evangelismo foi em um *campus* universitário. Nossa estratégia era expor o máximo possível de pessoas ao evangelho. Procurávamos as interessadas em buscar a Deus e gastávamos mais tempo com elas. Com 40 mil pessoas no *campus* e com a declaração de Jesus “Mas eu vos digo: Levantai os olhos e vede os campos já prontos para a colheita” (Jo 4.35) gravada na mente, voltávamos os olhos para a colheita. Chegávamos até a imaginar o resultado dela em termos estatísticos. Se compartilhássemos o evangelho com dez pessoas, uma se tornaria cristã.

O tamanho do campo missionário em si e o fato de que 10 mil novos estudantes apareciam a cada ano criavam oportunidades infinitas. Fiz amizade com pessoas interessadas no evangelho. Promovemos debates sobre o tema Deus e também encontramos em que professores e atletas compartilhavam seus testemunhos. Vimos centenas

de alunos virem a Cristo. Era entusiasmante e condizente com a cultura. Nossa estratégia era semear áreas extensas, colher os frutos disponíveis e seguir em frente.

O apóstolo Paulo costumava demonstrar que usava uma estratégia “de passagem” semelhante. Ele passava pela cidade, pregava o evangelho, colhia os frutos, abria uma igreja e seguia em frente. Seu chamado e motivação eram para pregar o evangelho onde nunca fora pregado. Todavia, quando instruí a igreja primitiva sobre o evangelismo, ele não ensinava os crentes a imitar seu método ou chamado. Basicamente, ele os ensinava a mergulhar fundo precisamente onde estavam. “Viva o evangelho onde você está” era seu lema.

Há contextos em que uma estratégia de passagem ainda é válida. A igreja, contudo, existe em um ambiente de imersão. Comprar casas ainda faz parte do sonho americano. Independentemente da mobilidade da cultura americana, ainda vivemos em nossas comunidades com um senso de permanência.

Quando me formei na faculdade, fui trabalhar na Boeing Aircraft, em Seattle. Fui colocado em uma seção de eletrônicos que, na época, estava trabalhando no jumbo 747. Logo percebi que as dez pessoas do meu departamento não faziam parte de uma equipe passageira. Trabalharíamos muito próximos por alguns anos. Se eu usasse uma estratégia de semeadura extensa, colhesse o que estivesse disponível e seguisse em frente, seria um esforço isolado.

A igreja muitas vezes promove estratégias “de passagem” no contexto da comunidade. Isso resulta em falta de relacionamentos com os perdidos e um uma sensação de isolamento — quase a mentalidade de ser uma fortaleza. É fácil para os perdidos escaparem da influência de uma estratégia “de passagem”. Para evitá-la só precisam recusar o convite. “Não, obrigado” e pronto, já se livraram! É difícil, no entanto, fugir à influência de uma estratégia de imersão amorosa, na qual estão presentes o relacionamento e o serviço.

### ***EXPANDINDO DE INIMIGOS PARA FERIDOS***

Nossa visão dos perdidos determinará em larga escala nossa abordagem. Quando eles são vistos como uma ameaça, assumimos uma atitude defensiva e batemos em retirada. Quando vistos como inimigos, ou lhes declaramos guerra, ou nos retraímos.

Meu treinamento inicial em evangelismo costumava se referir ao processo de evangelismo como a entrada em uma guerra. Estávamos em uma batalha, invadindo o território de Satanás. A oração era crítica, já que necessitávamos de toda a armadura de Deus. Até aqui, tudo bem. Mas às vezes, casualmente, referíamos-nos aos perdidos como o inimigo a quem saíramos para capturar. Eram rebeldes que precisavam ser subjugados.

Mais tarde, parei para observar como Jesus descrevia os perdidos. O que descobri foi uma maneira completamente nova de enxergar aqueles que estavam longe de Cristo. Em vez de um inimigo a vencer, comecei a vê-los como feridos e necessitados de cura, como cativos necessitados de libertação, como cegos necessitados de visão. Jesus anunciou sua missão em sua cidade natal lendo o livro de Isaías. Referiu-se às pessoas como oprimidas, abatidas e cativas (Is 61.1-3). Em outras ocasiões, falou delas como enfermas carentes de um médico ou como ovelhas necessitadas de um pastor. Paulo trata os perdidos como mortos que precisam de vida e como cegos carentes de visão (2Co 4.3,4). Com certeza não há nada de ameaçador nessas descrições. Em vez de despertar em mim hostilidade, inspiram compaixão. Quando alguém está enfermo, perdido ou cego, posso compreender porque age como age. Em vez de ficar na defensiva, sinto empatia.

## DESENVOLVENDO SEU PROCESSO

Durante o período medieval da história europeia, ricos senhores de terras construíram castelos para segurança e proteção. O ideal era cercá-lo com um fosso que funcionava como o primeiro nível de defesa. Uma ponte levadiça podia ser baixada do portão do castelo, de modo a permitir o acesso àqueles considerados amigos. O segundo nível de proteção eram os muros do castelo em si. Quanto mais altos e espessos, melhor. O portão principal servia como um ponto concentrado de acesso. O último item de proteção era a torre. Funcionava como residência da família do senhor feudal e, para chegar a ele, era preciso chegar à torre.

Nossa vida se parece muito como essa imagem do período feudal. Cada um de nós é o governante do próprio castelo. A bandeira que tremula sobre ele é a do nosso ego ou eu. O governo próprio, ou a independência de Deus, está no coração da nossa identidade. Cristo representa uma nova bandeira, um novo líder, uma nova sujeição. Evangelismo é o processo de levar uma nova bandeira ao coração do castelo. O objetivo do evangelismo é baixar a bandeira do eu e hastear a de Cristo. Qualquer coisa menor do que isso é um evangelho incompleto.

O processo do discipulado consiste em trabalhar as implicações de se colocar debaixo dessa nova liderança, a liderança de Cristo. O discipulado é colocar em prática o significado de uma nova aliança nas atividades diárias e nas estruturas da vida do castelo. É o processo de aquisição de novos valores, crenças e comportamentos que governarão a vida do castelo. O reino de Deus é composto de governantes e seus castelos que se colocaram sob a liderança de um novo soberano. Forma-se uma nova federação de castelos que integram um vasto império.

Evangelismo é o processo de conquistar acesso à torre do castelo. Esse acesso é conquistado apenas quando as barreiras que constituem sua defesa natural são

removidas. A primeira barreira, como um fosso, é a defesa emocional. A segunda, os muros do castelo, é a defesa intelectual. A barreira final, a torre, é a defesa da vontade. Claro, o ataque contra um castelo de verdade ataca uma por uma as barreiras, ao passo que no evangelismo não costuma ser esse o caso. Mesmo assim, a analogia pode ser útil. Evangelismo é o processo de levar o evangelho de Cristo através dessas barreiras. Cada barreira é uma parte do sistema do castelo do indivíduo.

Quando pensamos no evangelismo como um processo e concentramos o foco nas estratégias para superar essas barreiras, temos duas abordagens. Uma é atacar com uma postura militar: derrubando os muros, golpeando o portão e dominando a defesa. A outra é nos relacionarmos com o governante do castelo de tal maneira que ele ou ela mande descer a ponte levadiça, abra o portão e permita acesso à torre.

O processo de evangelismo envolve superar essas três barreiras principais: emocional, intelectual e volitiva. A barreira emocional — o fosso — é vencida ao construirmos uma ponte de amor que toque o coração das pessoas. É o componente relacional. A ponte que construímos deve ser forte o suficiente para suportar o peso da verdade. Ela deve superar o isolamento, a desconfiança, o medo e a hostilidade.

A barreira intelectual — os muros do castelo — é vencida ao ganharmos acesso à mente com a verdade. O portão encravado no muro se abre quando despertamos interesse e as questões são respondidas. O que dá acesso através do muro intelectual não é a informação disseminada, mas a verdade compreendida.

A barreira volitiva (da vontade) — a torre — é vencida com a capitulação da vontade e o reconhecimento de uma nova autoridade. O arrependimento é a meia-volta do eu para Cristo. Uma mudança de direção radical e revolucionária. Uma nova bandeira é hasteada não ao lado da antiga, mas no lugar dela.

### ***CONSTRUINDO UMA PONTE SOBRE O FOSSO EMOCIONAL***

A escolha do material utilizado na ponte é crucial para o sucesso de sua construção. Só nos contos de fadas as pontes podem ser feitas de palha e barbante. Na vida real, precisam de aço, concreto e madeira. A matéria sólida que constrói os relacionamentos é a confiança, o respeito e a credibilidade. Confiança significa que somos acessíveis, respeito significa que somos confiáveis e credibilidade, que somos autênticos. Embora os três possam ser conquistados em questão de momentos, normalmente leva tempo para acontecer.

Pontes construídas sem esses materiais estão fadadas ao fracasso. Quando construídas com eles, possibilitam o acesso e suportam o peso da verdade. No evangelismo como processo, podemos construir pontes que outros cruzarão mais tarde com o peso da verdade. Nesse tipo de evangelismo, não existem contatos insignificantes. Como embaixadores, ou estamos construindo pontes, ou erguendo barreiras.

Ao nos relacionarmos com as pessoas ao longo do dia, talvez não compartilhemos o evangelho, mas podemos construir pontes. Cada encontro com perdidos, seja espontâneo, seja planejado, é uma oportunidade de entrar no processo de evangelismo pela construção de pontes. Fazer compras no supermercado local adquire novo significado quando nos vemos como construtores de pontes para Cristo. A pessoa que está no caixa não é um mero operador de *scanner* simpático; é o governante de um castelo que precisa de uma ponte. O mecânico do carro não é um aborrecimento; é, sim, uma oportunidade de construir uma ponte. Construir pontes significa que ainda seremos amigos deles mesmo se rejeitarem nosso Cristo.

A maioria de nós é capaz de farejar segundas intenções. Somos desconfiados e alertas. Imagine-se trabalhando no jardim de sua casa numa manhã de domingo. O dia está excelente para ficar ao ar livre, e você ataca seu jardim com um sentimento de vingança. De repente se conscientiza de dois rapazes se aproximando de bicicleta pela entrada da sua garagem. Usam camisas brancas e gravatas pretas e parecem muito amigáveis. Abordam você com um cumprimento cordial e lhe oferecem alguma literatura sobre moralidade e valores familiares.

Como você se sente neste momento? Desconfiado? Cauteloso? Aborrecido?

Eles prosseguem e o convidam para um café da manhã especial na igreja deles, às sete horas da manhã do próximo sábado. Um orador falará sobre a família e será tudo gratuito. Na verdade, dizem que ficariam contentes se pudessem buscá-lo. Você aceita o convite?

E agora, como você se sente? Impaciente? Aberto? Ansioso por voltar para o trabalho no jardim? Se você é como a maioria das pessoas, fareja as segundas intenções. No entanto, muitas vezes, nós somos eles! Em uma cultura pós-moderna, as pessoas estão cada vez mais desconfiadas, cautelosas e na defensiva. Construir pontes é crítico para o processo de evangelismo.

Há dois passos práticos que podemos dar para construir pontes sobre as barreiras emocionais. O primeiro é *identificar as redes de relacionamento que Deus nos concede*. Quais são as pessoas com quem nos relacionamos naturalmente? Evangelismo não é questão de ir a algum lugar para começar, mas de apenas reconhecer onde Deus nos tem colocado.

Há cinco lugares nos quais procurar:

- onde trabalhamos;
- onde vivemos;
- onde nos divertimos;
- em nossa família;
- nos lugares de encontro com Deus.

Cada um desses ambientes nos propicia contato com pessoas por quem Cristo morreu. Ao olharmos para dentro de cada uma dessas redes de relacionamento, deveríamos fazer a seguinte pergunta: “Quem Deus está colocando no meu coração para ir ao céu?”. Nem todo o mundo do meu local de trabalho corresponderá a mim ou eu a eles. Nem toda pessoa na minha vizinhança gostará de mim instantaneamente ou desenvolverá comigo algo em comum. Mas são esses os lugares em que tenho de começar a procurar.

Alguns dos melhores conselhos que recebi sobre evangelismo vieram de um membro da equipe da organização Navigator, na época em que eu estava iniciando minha carreira como oficial da inteligência militar no Exército dos Estados Unidos e fui designado para o Fort Devins, a fim de receber treinamento adicional. Passaria os próximos seis meses com uma classe de colegas oficiais. O conselho de Ron foi: “Não tente se relacionar com a classe inteira. Só peça a Deus que o ajude a criar uma conexão com duas ou três pessoas que tenham interesses semelhantes”. Esse conselho tem funcionado em cada novo ambiente onde me encontro.

Como integro a equipe de uma organização cristã e trabalho principalmente com líderes de igreja, meu ambiente de trabalho não tem sido uma enorme fonte de relacionamentos com não cristãos. Por isso me especializo em minha vizinhança. Você, no entanto, talvez descubra que seu local de trabalho é a chave para os seus relacionamentos. Para outros, sua família como um todo, não só os membros mais próximos, pode ser uma fonte natural de relacionamentos que ofereçam oportunidades para a construção de pontes.

Reserve algum tempo para orar por essas redes de contato que são fontes naturais de relacionamento. Faça uma lista das três ou quatro pessoas que Deus parece colocar em seu coração. Se você participa de um grupo pequeno ou se lidera um, encoraje outros a fazer uma lista de pessoas e começar a orar por elas.

O segundo passo prático que podemos dar para construir pontes sobre as barreiras emocionais é a *interação*. Usando o princípio do território comum, comece a se relacionar com base nas atividades que vocês têm em comum. Se não houver nada em comum entre vocês, é provável que você não consiga construir uma ponte.

É nesse passo que precisamos aplicar o *princípio da intencionalidade*. Em vez de esperar passivamente as oportunidades aparecerem, temos de tomar a iniciativa com naturalidade. Intencionalidade significa organizar a festa do quarteirão em que moramos, convidar o colega de trabalho para um jogo de basquete e nos oferecermos para ficar com os filhos dos vizinhos, para que eles consigam passar um fim de semana fora.

A intencionalidade acontece quando oramos por pessoas específicas, quando nos relacionamos com base em algo que temos em comum, quando satisfazemos necessidades reais e quando compartilhamos nossa vida de forma autêntica. Não é possível construir uma ponte sem que haja contato e toque. Esse tipo de envolvimento requer tempo, sacrifício e prioridade.

Mas como acrescentamos mais atividades a uma agenda já cheia? Uma solução é aplicar o *princípio da consolidação*. Em vez de criar atividades separadas para o evangelismo ou para a construção de pontes, simplesmente as integramos àquilo que já fazemos.

Jim trabalhava em um escritório com outras 30 pessoas. Ao conversarmos sobre quem ele tinha em seu coração para conduzir ao céu, ele pensou em quatro ou cinco pessoas. O problema era que elas viviam em partes diferentes da cidade e o único contato entre todas acontecia no trabalho. A jovem família de Jim e uma carga horária pesada de trabalho deixava pouco tempo para novas atividades. Perguntei-lhe então o que ele costumava fazer na hora do almoço, já que era algo que tinham em comum com as pessoas da sua lista. Não havia a necessidade de marcar uma noite especial e Jim parecia bom nisso!

Ele respondeu que aproveitava o almoço para pôr em dia a papelada. O escritório esvaziava, permitindo que ele se concentrasse sem ser interrompido. Era uma utilização eficiente do tempo, já que podia almoçar e preencher formulários sem ser incomodado. Conversando mais sobre o assunto, Jim concluiu que, com um pequeno ajuste, seria possível conciliar as atividades. Passou a sair para almoçar com um dos homens da sua lista uma vez por semana.

A construção de pontes também abre espaço para o *princípio da maleabilidade*. Significa que as pessoas são mais receptivas às questões do espírito em épocas especiais. O solo ou está molhado demais, ou seco demais. Quando molhado, fica pegajoso e forma crostas difíceis de tirar dos sapatos, das pás e das crianças. Seco, é como concreto endurecido. Desde que mudei para a região em que vivo, descobri que há uma pequena janela de tempo quando posso trabalhar o solo — em geral, cerca de duas horas no fim da primavera e mais duas no outono. É uma janela pequena, que nunca acontece na mesma data todos os anos. No ano passado, eu estava viajando nesses períodos e precisei esperar mais um ano para poder fincar uma estaca no chão.

As pessoas são como a terra. Não há como prever quando o coração estará sensível às coisas espirituais. Pode ser em consequência de uma demissão do trabalho, de uma enfermidade ou de um campeonato de futebol. Enquanto estivermos envolvidos com a construção de pontes, permaneceremos conectados. Isso nos permitirá tirar vantagem desses momentos em que as pessoas estão mais maleáveis.

## **ENTRANDO NA FORTALEZA INTELECTUAL**

O acesso à fortaleza intelectual é conquistado quando a pessoa explora a verdade por vontade própria. O objetivo é ajudar a trazer entendimento em relação à verdade espiritual. Confrontá-las com a verdade nem sempre resulta em compreensão; pode criar resistência e hostilidade. Até quando o próprio Jesus apresentava a verdade durante seu ministério, alguns a compreendiam, enquanto outros se tornavam hostis.

É possível conceber essa entrada na fortaleza intelectual em dois estágios adicionais. O primeiro é *introduzir tópicos espirituais*. Nesse estágio estamos levando verdade aos assuntos da vida, chegando ao nível dos valores, por meio das necessidades sensíveis. Essa etapa do diálogo nos leva das notícias, da previsão do tempo, dos esportes e dos filhos para os valores e a verdade. Se não nos sentimos à vontade falando sobre os valores da vida, não nos sentiremos confortáveis compartilhando o evangelho. Essa porta aberta envolve compartilhar a verdade bíblica em relação a questões da vida. Pode ser formal ou informal, planejada ou espontânea. Assim como os cristãos, os não cristãos estão tentando entender a vida. Em geral, fazem o melhor que podem com o que têm. As questões da vida propiciam uma grande oportunidade de construir credibilidade para o evangelho à medida que a pessoa descobre que a Bíblia é de fato relevante para a vida atual. Michael Green escreve em *Evangelism through the local church* [Evangelismo por meio da igreja local]: “Poucas pessoas são levadas a Cristo pela via do intelecto, embora algumas o sejam. Apesar de o intelecto ser vital, a maioria é ganha quando sente que Cristo vem tocar lugares arruinados e sentimentos dilacerados presentes em suas vidas” (1992, p. 224).

O segundo estágio de entrada na fortaleza intelectual é *convidar pessoas para debater o evangelho* e questões relacionadas a ele com base na Bíblia. Devemos simplesmente apresentar aos interessados Jesus, suas afirmações e seu ensino. O evangelismo como processo cria o ambiente para a investigação.

Ao capacitarmos pessoas no processo de evangelismo, especialmente na habilidade de investigação, precisamos fornecer uma variedade de ferramentas a serem utilizadas. O livro *Jesus cares for women* [Jesus se importa com as mulheres] (1987), de Ashker, e *Design 4 discovery* [Projeto para descoberta], de minha autoria, são dois recursos produzidos pela organização Navigators para estimular a descoberta e a investigação nos interessados. Ambos podem ser usados em um contexto individual ou em grupos pequenos.

## **ESCALANDO A TORRE DA VONTADE**

A terceira barreira é a da vontade. O foco dessa barreira está na persuasão e no chegar à fé pessoal. Quer chamemos isso de novo nascimento, conversão ou fé pessoal, esse é o ponto em que Deus, por sua graça através da fé, cria nova vida.

Algo que ajuda é pensar no processo em dois estágios também. O primeiro é *ilustrar*. No estágio da ilustração, o evangelho é apresentado de forma resumida, de modo que possa ser apreendido e compreendido com facilidade, sendo então ilustrado.

Depois de mostrar quem ele era para os discípulos, Jesus parou e fez um teste. “Quem os homens dizem ser o Filho do homem?”. Sua segunda pergunta foi mais pessoal: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16.13-15). O entendimento deles ainda era incompleto, mas já haviam chegado a algumas conclusões importantes. Ao pararmos e resumirmos o evangelho para as pessoas, estamos lhes oferecendo a oportunidade de esclarecer aquilo em que agora creem. Isso também pode ajudá-las a juntar as peças, ao mesmo tempo que o Espírito Santo traz convicção e fé.

Em uma cultura orientada para o visual, a imagem em palavras sempre ajuda. Uma ilustração como “A ponte”, usada em diversos folhetos e cursos de treinamento, é um excelente exemplo de uma apresentação resumida e visual. Os cristãos precisam dispor de uma variedade de ferramentas ao apresentar o evangelho. A maioria de nós terá uma ferramenta favorita com a qual nos sentimos mais à vontade e que empregaremos com mais frequência. Desenvolver uma caixa de ferramentas maior, contudo, permite que tratemos os interessados de maneira individualizada. “Quando tudo o que você tem é um martelo, trata todo o mundo como se fosse um prego.”

Ilustrar o evangelho de maneira visual e resumida leva naturalmente ao segundo estágio, o da *indagação*. A indagação é o passo em que perguntamos ao interessado onde ele está em sua jornada. Consiste em lhe dar a oportunidade e o incentivo para o próximo passo, que pode ser arrepender-se e receber a Cristo pela fé. É nesse ponto que conseguimos ajudar as pessoas a se aproximarem mais um passo de Cristo. A indagação pode ser simples como a pergunta: “À luz do que acaba de ver nesta ilustração, onde você diria que está na sua jornada em direção a Deus?”.

Há somente três respostas que as pessoas podem dar ao evangelho. Precisamos saber identificar cada uma delas e lidar com todas as três. Elas são ilustradas pelas diversas reações a Paulo no Areópago (At 17.22-34).

Um grupo respondeu com ironia. Eles acharam que Paulo era louco, ou consideraram sua mensagem muito estranha, ou as duas coisas. Não estavam prontos para acreditar no que ele dizia. No mínimo, precisavam de mais tempo e exposição. Ambas as barreiras, emocional e intelectual, precisavam ser penetradas.

Um segundo grupo disse: “Queremos ouvi-lo falar outra vez sobre esse assunto”. Eles tinham uma curiosidade incrível, mas não se convenceram. Eram interessados que precisavam de mais investigação e descoberta. Quando as pessoas estão nesse estágio da caminhada para Cristo, temos de criar a oportunidade para

explorar as questões do evangelho. Precisamos gastar tempo com a superação das barreiras intelectuais, ajudando-as a investigar a verdade.

A terceira reação foi crença. “Alguns homens uniram-se a ele e creram.” Deus lhes abriu o coração. Acreditaram ou queriam acreditar. Auxiliar essas pessoas a formular sua decisão por meio da oração é um momento empolgante do evangelismo como processo. Com frequência, no entanto, quando nos envolvemos com o evangelismo, os interessados se rendem à fé ao longo da jornada e não nos contam a não ser mais tarde. Larry já vinha estudando a Bíblia havia meses com Bob, um amigo interessado, quando começou a perceber uma mudança. Em vez de se referir “ao que você crê” e “a sua Bíblia”, Bob começou a falar em “nós” e em “nossa Bíblia”. Investigando mais a fundo, Bob se referiu a um momento, semanas antes, quando ele orara sozinho depois de uma das conversas deles.

Levar Cristo ao coração do castelo é evangelismo autêntico. Dar frutos no evangelismo é ajudar as pessoas a darem um passo de fé para mais perto de Cristo. Saber onde elas estão em sua jornada e estar preparado com as habilidades e ferramentas necessárias para o próximo passo é o papel de todo embaixador de Cristo. Treinar as pessoas para esse papel é trabalho da igreja e de sua liderança.

## MAXIMIZANDO SEU AMBIENTE

Três ambientes relacionais dão suporte ao processo de evangelismo. Esses três ambientes formam uma estratégia abrangente para que líderes desenvolvam um evangelismo eficiente por intermédio de sua igreja. Os três principais ambientes relacionais são: o individual, o de grupos pequenos (times) e o que assume a forma coletiva ou de grupos grandes.

A maior parte do treinamento em evangelismo é feita para apoiar esforços individuais. Treinamos as pessoas para atravessar as três barreiras sozinhas. Na metáfora agrária de que falamos, elas aprendem a cultivar, a semear e a colher — sozinhas. Há toda uma variedade de recursos disponíveis para ser utilizada. Por exemplo, as séries em vídeo *Contagious Christian* [Cristão contagiante] e *Living proof* [Prova viva] são úteis no preparo de pessoas para o evangelismo individual.<sup>3</sup>

O esforço individual é com certeza uma parte chave do evangelismo, mas é bastante inadequado à luz das mudanças de paradigma mencionadas anteriormente e da cultura pós-moderna em muitos países. Para ser mais abrangentes e bíblicos, precisamos envolver outras dinâmicas também.

A dinâmica do grupo pequeno ou time é outra forma crucial que precisa ser trabalhada na estratégia da igreja. Muitas igrejas estão usando grupos pequenos

<sup>3</sup>Ambas as séries estão disponíveis pela Zondervan Publishing Company.

para alimentar e dar assistência. Elas têm percebido os benefícios de um grupo pequeno de pessoas focado em um objetivo comum. Alcançam-se aos mesmos benefícios quando se usam times no evangelismo, pois eles dão espaço para que dons comunitários e individuais sejam empregados de maneira eficaz. Os times permitem que as pessoas exercitem seus pontos fortes e se beneficiem dos pontos fortes dos outros. Além disso, fomentam a prestação de contas.

A abordagem do evangelismo em time nada mais é que duas ou mais pessoas se unindo na tarefa comum de evangelizar. Como time, elas se relacionam com os perdidos ao longo do processo de levar Cristo ao coração do castelo. Como time, trabalham para superar as barreiras da emoção, do intelecto e da vontade. Em vez de servirem de modelos individuais para a fé cristã, o time se torna o modelo, bem como os indivíduos que o compõem.

Creio que Jesus conhecia o poder do time, pois formou os doze discípulos em um grupo identificável focado na missão. Desde o treinamento inicial, Jesus os enviou não como indivíduos, mas em pares. Paulo formou times ao levar o evangelho para o mundo gentio. Se pretendemos alcançar uma cultura pós-moderna cada vez mais isolada da igreja, necessitaremos de times de pessoas.

Determinada igreja desenvolveu um plano desses quando alguns de seus frequentadores do sexo masculino descobriram que compartilhavam o talento e o interesse comum em consertar carros. Enquanto discutiam como usar esse talento em equipe visando ao evangelismo, pediram à liderança da igreja que os colocasse em contato com pessoas necessitadas na comunidade de seus serviços.

Nas manhãs de sábado, essa equipe se oferecia voluntariamente para consertar carros para mães solteiras, viúvas ou outras pessoas necessitadas da comunidade, que iam até eles através da rede da igreja. Era uma maneira prática de expressar o amor de Cristo para satisfazer necessidades reais. A maioria desses homens jamais se sentiria à vontade ensinando a um grupo pequeno, mas eles conseguiam se conectar a outras pessoas usando o talento com automóveis. Eles intencionalmente direcionaram sua missão a pessoas perdidas da comunidade, ao perceberem que podiam ser a chave na fase inicial do processo de evangelismo.

Depois de ler o livro *Conspiracy of kindness* [A conspiração da bondade] (Sjogren, 1993), outra igreja formou um time para trabalhar no quintal de pessoas da comunidade. Eles se concentraram em pessoas recém-chegadas, que estavam acabando de desempacotar a mudança. Ofereciam-se para limpar as folhas secas do quintal, aparar a grama e podar a vegetação a fim de tornar a mudança um pouco menos incômoda; não havia custos, nem compromissos, nem intenções outras além de demonstrar o amor de Cristo de maneira tangível. As ideias são infinitas a partir do momento em que começamos a ver como

os times podem iniciar a construção de pontes sobre o fosso emocional da vida das pessoas.

Também é possível trabalhar a fortaleza intelectual nesse esquema de times. Grupos pequenos de discussão sobre questões relevantes, como casamento, filhos, finanças e estresse, podem ser desenvolvidos por times no ambiente de trabalho, no bairro ou na igreja. Grupos de recuperação têm sido usados como ambiente eficaz para interessados experimentarem a comunidade e receberem respostas sobre questões da vida real. No contexto de um grupo pequeno de cuidado, pessoas interessadas da comunidade podem passar das necessidades espirituais que sentem para o evangelho.

Em Columbia, Missouri, alguns homens de negócios têm feito uso eficaz do time para entrar na fortaleza intelectual. Embora estejam envolvidos em grupos separados de estudo bíblico durante a semana, eles se reúnem todos os meses para um Fórum de Descobertas na casa de um deles. Cada membro da equipe leva um amigo interessado em conhecer outras pessoas e discutir questões relevantes da Bíblia. Nesse ambiente, quem tem habilidade para ensinar e conduzir discussões põe em prática esse seu ponto forte, ao passo que os dotados de hospitalidade fazem sua parte. Trabalhando juntos, em equipe, eles expõem os interessados à dinâmica e à unidade do corpo de Cristo.

O grupo pequeno também é eficaz na fase volitiva do evangelismo, em que o evangelho é apresentado e os interessados são incentivados a responder a ele ou, pelo menos, a identificarem onde se encontram em sua jornada.

Há muitos tipos de times. O beisebol é um dos esportes de equipe prediletos nos Estados Unidos. Observando e às vezes treinando o time do meu filho, vejo os garotos se desenvolverem de um grupo de nove indivíduos que vestem a mesma camiseta colorida, chutam a terra e ficam olhando os aviões passarem, para uma unidade coesa de jogadores algumas vezes habilidosos. O time cresce em conhecimento, atenção e habilidade.

Nesse último inverno, meu filho aderiu a uma nova aventura — um time de luta. Esses dois esportes empregam o termo *time*; ambos têm treinadores, jogadores e regras; mas o que se quer dizer com a palavra *time* é muito diferente em cada um deles. No beisebol, cada membro do time desempenha uma posição defensiva complementar, ao passo que, na luta, cada membro do time desempenha a mesma função. No beisebol, os integrantes do time desempenham ao mesmo tempo o papel concernente à posição em que jogam. Na luta, cada um compete sozinho enquanto os outros integrantes observam. Quando um lutador cai, ninguém lhe dá apoio. A multidão grita e o treinador passa instruções, mas o lutador está sozinho — embora esteja em um time.

Os times de evangelização podem se parecer com times de beisebol, de luta ou mesmo de atletismo. O time de beisebol conta com um foco único. Os jogadores têm tudo em comum: uma missão, uma audiência, atividades e um lugar. No início do meu ministério no *campus* universitário, desenvolvemos times de foco único. Havia estudantes que moravam no mesmo dormitório, comiam no mesmo refeitório, assistiam às mesmas aulas e torciam para o mesmo time esportivo. O evangelismo do nosso ministério se concentrava no mesmo grupo de pessoas. Elas cumpriam a mesma programação e frequentavam as mesmas atividades. Planejavamos eventos de esqui para evangelização ao longo das férias semestrais, quando todos descansavam ao mesmo tempo.

O time de foco único pode causar grande impacto quando os parâmetros da vida são amplamente compartilhados. Esse tipo de time pode se concentrar na mesma empresa, bairro ou clube social. Ele tem relacionamentos, interesses e atividades comuns.

Outro tipo de time se parece mais com o time de luta. Cada integrante ministra de acordo com a própria programação. Todos compartilham a mesma missão e estratégia, e até têm atividades comuns, mas trabalham com audiências diferentes e em locais distintos. Esse tipo de time pode treinar junto e atuar ao mesmo tempo. Podem ter o mesmo treinador e usar a mesma malha colorida. No entanto, cada jogador atua de forma independente.

Há poucos anos, tive o privilégio de trabalhar com Bob Jacks, que desenvolveu um modelo bem-sucedido de evangelismo em times como esses de luta. Bob e a esposa, Betty, dão a seu conceito de time o nome de “Sua casa, um farol” (Jacks, 1997). De acordo com o modelo deles, o time se reúne em torno de uma missão e uma estratégia comuns. Eles começam com a atividade simples de um estudo bíblico mensal para não cristãos. Um casal assume o papel de anfitriões, enquanto outro lidera a discussão. Todos convidam e levam amigos a esse evento comum. Os participantes podem não se conhecer a princípio. Talvez só conheçam a pessoa que os convidou. Há grupos bastante diversificados em termos de vivências e interesses. Podem ser compostos por vizinhos do bairro ou por pessoas que vêm do outro lado da cidade. Esse é um exemplo de time como o de luta sendo utilizado no evangelismo.

Um terceiro tipo de time é o de atletismo. Em meu último ano de ensino médio, nós havíamos nos mudado havia pouco tempo para uma nova cidade. Eu participava de times de futebol americano e de luta, mas nunca de atletismo. A escola era pequena e o atletismo não era algo muito popular, de modo que qualquer um que aparecesse sem muletas podia usar o uniforme da equipe. Eu não era rápido o suficiente para participar, mas descobri que, se conseguisse permanecer mais ou menos no mesmo lugar e girasse bastante rápido, conseguia arremessar o disco a

uma distância considerável. Isso me valeu um lugar no time! Descobri que o time de atletismo é uma forma muito diferente de time.

Nos treinos, eu nunca via o time inteiro. Alguns estavam correndo pela cidade, outros, levantando pesos na academia, e outros ainda, correndo na pista. Os únicos momentos que passávamos todos juntos eram no ônibus e na fotografia do anuário. Até os encontros eram diferentes. Realizávamos nossos eventos em lugares e em datas distintas. Às vezes, eram no mesmo horário, mas diante de públicos diferentes. Nem chegávamos ao mesmo tempo nessas ocasiões. Era um time distinto, disperso. Mas era um time.

Um time desse tipo é eficaz quando há pouco em comum. Há uma missão e uma estratégia comuns, mas pouco mais que isso. O local, a audiência e as atividades podem ser todos diferentes. Um time desse tipo é o mais flexível, mas também o mais difícil de treinar e liderar. Ele é mais eficaz com pessoas experientes que precisam de pouco ensino, treino e prestação de contas. Funciona bem quando seus integrantes têm audiências e redes de contato muito diversas, quando as atividades comuns são improváveis e os horários, complexos.

Desenvolver times para evangelismo requer planejamento, esforço e criatividade. No entanto, uma vez que a pessoa experimenta o benefício de trabalhar como time, independentemente da forma que ele assuma, ela nunca mais se dará por satisfeita sem ele.

A terceira dinâmica relacional é a que assume a forma coletiva ou de grupos grandes. Isso inclui a típica cruzada pela cidade ou o evento evangelístico da igreja, ao qual se traz um orador para compartilhar o evangelho. A capacidade que um evento desses tem de gerar frutos depende em grande parte do contexto. Quando as outras dinâmicas não ocupam o lugar que deveriam ou não estão em operação, o grande evento costuma ser estéril.

## **EXPLORANDO SEUS VEIOS — TRABALHANDO MELHOR, NÃO MAIS**

Um dos grandes desafios do evangelismo é manter a versatilidade do evangelho. A igreja tem a tendência de institucionalizar métodos que um dia foram bem-sucedidos. Funcionaram no passado, então continuamos a usá-los independentemente de sua efetividade. Quando somos ineficazes, concluímos que talvez não estejamos nos esforçando o suficiente. Talvez tenhamos de orar mais e ter mais fé, esse é o raciocínio.

O princípio de trabalhar melhor, não mais, pode auxiliar as igrejas no evangelismo. “Se o machado perder o corte e não for afiado, é preciso muita força; mas a sabedoria é proveitosa para dar prosperidade” (Ec 10.10). Esse princípio aplicado ao evangelismo poderia ser chamado de “explorar os veios”.

Há alguns anos, levamos nossa família para acampar nas Montanhas Rochosas do sul do Colorado. Um dos pontos altos do passeio foi utilizar a tração nas quatro rodas no campo deserto, o que permitia que nos aproximássemos das velhas minas de prata de um passado não muito distante. Lá em cima das montanhas, na parte onde não crescem árvores, vimos picos salpicados de refugos de minas abandonadas. É comum acontecer de a entrada da mina só ser perceptível pelas pilhas de rochas amareladas ali deixadas. Observando vários lugares desses, perguntei-me por que um explorador começaria a cavar naquele local em particular. Se havia milhares de metros quadrados de terreno montanhoso, por que resolvera começar a cavar bem ali? Por que a escolha daquele pico de montanha e não de outro mais adiante?

Imagino que houvesse alguns indicadores evidentes para o olho experiente do explorador, mas irrelevantes para meu olho destreinado. A literatura sobre a região conta que os exploradores começavam a cavar com algum sucesso no início. Mas tinham a esperança de atingir um veio de prata mais profundo dentro da montanha. O sucesso inicial rendia riquezas ainda maiores à medida que atingiam o filão principal. O velho explorador rude não estava interessado em criar milhares de entradas de mina para impressionar os turistas de uma geração depois. Ele queria prata, montes dela. Queria encontrar o filão principal, não ficar gastando energia. Localizar e seguir o veio, essa era a sua estratégia.

O evangelismo também tem uma estratégia própria para explorar o veio. Convém observar que, quando Levi abandonou sua atividade e seguiu Jesus, não foi parar no templo. Jesus aceitou o convite de Levi para um churrasco no quintal e ganhou em troca mais do que cachorros-quentes *kosher* e Coca *diet*. Ele ganhou acesso a uma rede de pessoas das montanhas aprisionadas em uma armadilha, pessoas no interior das montanhas — um rico veio à espera de ser explorado. Isso foi tão radical e politicamente incorreto que os discípulos se mostraram incapazes de explicar o comportamento de Jesus aos observadores religiosos.

Jesus seguiu o veio dos relacionamentos iniciado com Mateus. Mateus foi a entrada da mina, mas seus amigos eram o filão principal. O método de Jesus, bem como sua mensagem, penetraram em uma cultura dentro da cultura. Através de Levi, Jesus enxergou outra geração de perdidos. Sua versalidade e flexibilidade permitiram acesso a um grupo escondido fora do alcance das formas tradicionais.

Há alguns anos, minha esposa e eu disciplamos um grupo de casais muito além da nossa zona de conforto socioeconômica e religiosa. Foi um daqueles encontros divinos que só Deus pode criar. Nós tínhamos atendido ao convite para fazer um estudo bíblico na casa dessas pessoas. A princípio o grupo se mostrou cauteloso em nos aceitar, mas no fim conquistamos sua confiança e respeito. Depois de meses de contato pessoal, nos sentimos muito felizes quando nos convidaram para ir a uma

feita de aposentadoria com seus amigos. Uma rede de pessoas inteiramente nova se tornou possível porque nos dispusemos a seguir o veio.

A igreja tem a tendência debilitante de pegar a prata encontrada no início e trazê-la montanha abaixo, em vez de continuar cavando no mesmo local. O resultado é uma porção de entradas de túneis sem muita prata. Quanto mais abrangentes somos na estratégia que vê o evangelismo como processo, mais peritos nos tornaremos em seguir o veio.

## Referências

- ASHKER, Helene. 1987. *Jesus cares for women* (Colorado Springs: Navpress).
- BARNA, George. 1990. *The frog in the kettle* (Ventura: Regal Books).
- \_\_\_\_\_. 1995. *Evangelism that works* (Ventura: Regal Books).
- \_\_\_\_\_. *Evangelização eficaz* (Campinas: United Press, 1998). Tradução de: *Evangelism that works*.
- BENNETT, Ron. s.d. *Design 4 discovery* (Colorado Springs: NavPress).
- HETTINGA, Jan. 1996. *Follow me* (Colorado Springs: NavPress).
- JACKS, Bob; JACKS, Betty. 1997. *Your home a lighthouse* (Colorado Springs: NavPress).
- PETERSEN, Jim. 1992. *Church without walls* (Colorado Springs: NavPress).
- RUTZ, James. 1992. *The open church* (Auburn: The SeedSowers).
- SJOGREN, Steve. 1993. *Conspiracy of kindness* (Ann Arbor: Vine Books).
- STROBEL, Lee. 1993. *Inside the mind of unchurched Harry and Mary* (Grand Rapids: Zondervan).
- \_\_\_\_\_. *Inteligência espiritual* (São Paulo: Vida, 1997). Tradução de: *Inside the mind of unchurched Harry and Mary*.



# SÉTIMA PARTE

**Experiências e estratégias**



## CAPÍTULO 20

---

# ENCONTRANDO DEUS EM HARVARD

Alcançando a universidade pós-cristã

*Kelly Monroe*

Em vez de discutir a superioridade do cristianismo em relação às religiões mundiais, prefiro resplandecer uma luz tão encantadora que todos se sintam atraídos para ela.

MADELEINE L'ENGLE

**G**ostaria de adotar uma abordagem narrativa a esse assunto, de modo que talvez fosse útil começar pelo contexto da minha própria experiência. Sou filha de um professor de Psicologia, a quem amo. Ele foi aluno de doutorado na Universidade de Chicago e depois atuou como professor na Universidade Estadual de Ohio. Como seus colegas das décadas de 1960 e 1970, ele renunciou à fé da infância e assimilou a religião do behaviorismo e do ateísmo, adotando uma visão mecanicista e, portanto, ao que me parece, rasa do ser humano. Esses estudiosos pressupunham que não fomos criados por um Deus bom e amoroso que nos reserva um futuro e uma esperança. A verdade, de acordo com essa cosmovisão, está mais para invenção do que descoberta.

Criada nesse ambiente, vi também o que mais tarde considerei um alto grau de conformidade e temor no mundo acadêmico. A educação superior com frequência parecia intolerante, na medida que alunos, e a própria mensagem do evangelho, não eram bem-vindos no amplo espectro de ideias.

As teorias professadas em sala de aula e em seções de terapia davam a impressão de não funcionar na vida real. Sem receber o amor de Deus, meus pais não conseguiam

se amar. Nossa família, como outras daquele departamento, desintegrou-se. Seu núcleo não conseguiu se manter coeso. Vi então que o pensamento arrogante e falso, distanciado de Cristo e de uma ontologia cristã, acabava em ruína e dor, ao passo que o pensamento humilde e verdadeiro resultava em amor, completude e alegria. Embora na época eu não soubesse muito bem articular isso em palavras, o sentimento de perda era profundo. Deus iniciava em mim um anseio por ele.

Problemas como ruína e alienação não são encontrados apenas no mundo acadêmico. Vi-os no Centro de Treinamento Olímpico dos Estados Unidos, onde a autoestima é derivada do desempenho medido em milésimos de segundos. Podemos vê-los nas cidades, onde menores matam uns aos outros, e nos bairros mais abastados, onde eles se suicidam.

Como adolescente, eu sabia que, se *existe* uma esperança real, há de ser grande o suficiente para os desafios que enfrentamos. Eu sabia que o poço deve ser fundo e a água boa. Sentia que essa esperança era real. Verdade para a vida. De carne e sangue.

Quando amigos do ensino médio compartilharam o evangelho comigo, percebi que nada daquilo era bom demais para ser verdade e que a verdade não era um conceito abstrato e desprovido de existência material, mas sim uma Pessoa, que continua conosco a cada momento por meio do seu Espírito Santo.

Dez anos atrás, vim para Harvard como aluna visitante. Embora não conhecesse nenhum cristão na faculdade de Teologia, onde realizava pesquisas e escrevia minha tese, encontrei crentes em bolsões isolados da universidade. E Deus começou a nos unir em uma comunidade.

Em minhas pesquisas para escrever uma breve história da Harvard evangélica, também descobri que o lema mais antigo da faculdade foi *In Christi gloriam*: “Para a Glória de Cristo”. Do mesmo modo, Yale foi mais tarde fundada sob o lema *Lux et veritas*: “Luz e verdade”. E em Dartmouth, outra universidade, o lema era *Voces clamantium in deserto*: “Uma voz que clama no deserto”.

De maneira semelhante, as universidades de Stanford, Duke, Wellesley, Columbia, Mount Holyoke, Tufts, as faculdades de Cambridge e Oxford, a Yen Si, na Coreia, a St. Xavier, na Índia — entre muitas outras — foram todas inspiradas por Jesus Cristo.

E hoje chamamos essas escolas de pós-cristãs? De seculares? Alguns as denominam pré-cristãs, dada a perda de referências até mesmo acadêmicas ao Jardim, ao Dilúvio, à cruz, ao evangelho. Como descrever esses lugares em que os estudantes podem se formar em Literatura Inglesa e História da Arte sem jamais lerem a Bíblia?

Ou chamamos essas escolas de cristãs, embora em estado de dormência, pois boas sementes foram plantadas e permanecem enterradas bem abaixo da superfície, em geral invisíveis, como costuma acontecer com sementes, mas ainda vivas e

potencialmente fecundas? Talvez estejam à espera de raios do sol, água, solo bom e cuidado amoroso.

É provável que você também já tenha meditado sobre essas questões. Mais importante que tudo isso, o que Jesus pensa dessas escolas que um dia lhe foram dedicadas para que as futuras gerações de alunos encontrassem vida nele? O que aconteceu com elas e nelas para provocar essa decadência? Como aprender com todas essas maneiras através das quais os filisteus entulharam os poços de água viva que torna a educação de fato liberal e libertadora? Isso faz com que a educação tenha mais a ver com transformação do que com informação?

Além de algumas críticas, eu gostaria de usar a maior parte deste ensaio para explorar a fidelidade e o poder de Deus para revigorar, redimir, recriar. Quero aprender com Marta em João 11, quando enfim Jesus chegou a Betânia, quatro dias após a morte do irmão dela, Lázaro. Ela saiu correndo para saudá-lo nas cercanias da cidade. Marta, sem dúvida, se sentia decepcionada, talvez até chorasse. Disse: “Se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te concederá tudo quanto lhe pedires” (v. 21,22). Adoro essa parte: “mesmo agora, Deus te concederá tudo quanto lhe pedires”.

Os fundadores de Princeton, nos primeiros 150 anos, época em que ainda era chamada de Faculdade de Nova Jersey, dedicaram sua escola com as seguintes palavras: *Vitam mortuis reddo* — Eu restauro a vida aos mortos. “Mesmo agora”, disse Marta, “Deus te concederá tudo quanto lhe pedires”. Mesmo agora, tu és a ressurreição e a vida. As universidades pós-cristãs precisam de pessoas com fé que digam a Cristo: “Mesmo agora, Deus te concederá tudo quanto lhe pedires”, ainda mais quando o quadro é desolador.

Tomemos como estudo de caso a primeira faculdade dos Estados Unidos, Harvard. O regimento interno mais antigo dizia: “Cada estudante considere bem que o principal objetivo de sua vida e estudos é conhecer a Deus e Jesus Cristo, que é a vida eterna (Jo 17.3), e, portanto, estabeleça Cristo na base, como o único alicerce de todo conhecimento e aprendizado sadio. Vendo que o Senhor dá a sabedoria, todos devem nele buscá-la com seriedade, pela oração e em secreto”.

Nesse mesmo sentido, uma lei de Massachusetts de 1789 instruiu os professores de Harvard a “imprimirem na mente dos jovens entregues a seus cuidados os princípios da piedade e da justiça, e uma consideração sagrada pela verdade; o amor ao país, à humanidade e a benevolência universal; sobriedade, diligência e frugalidade, castidade, moderação e temperança, e as outras virtudes que são o adorno da sociedade humana”. Hoje, muitos estudantes nem sequer conhecem o significado dessas palavras, muito menos aquele que é capaz de produzir neles esse fruto e caráter.

Como sabem, não são só essas escolas que foram inspiradas por Jesus e a ele dedicadas, mas também foram aquecidos por seu amor incontáveis lares; inúmeros hospitais e orfanatos; a música de Bach, Handel, Mendelssohn, Michael Card, Rich Mullins e Fernando Ortega; os quadros de Rembrandt, Michelangelo e Bruce Herman; a poesia de Hopkins, Rosetti, Luci Shaw; a resistência de Bonhoeffer, dos huguenotes, de Corrie ten Boom; o cuidado com o meio ambiente demonstrado por John Muir, fundador do Sierra Club, a quem Deus curou da cegueira para contar as maravilhas da sua criação.

Jesus Cristo inspirou a fundação da Cruz Vermelha e de outras organizações de ajuda humanitária mundo afora. Inspirou a abolição da escravidão, do *apartheid* e das *satis* na Índia. Inspirou aqueles que iniciaram a criação de leis contrárias ao trabalho infantil em vários países, e programas de vacinação contra a poliomielite na bacia do rio Amazonas.

Os fundadores de Harvard colocaram a palavra *Veritas* (Verdade) em seu escudo. Essa Verdade não era nem um conceito abstrato, nem um construto social de quem detinha o poder. Eles entendiam *Veritas* como uma Pessoa. O doador da vida. Aquele que dá vida à festa. O Autor que entra na Peça. Uma revolução de ternura em favor do menor dos menores, do esquecido e do perdido. Para todos os humildes de coração. Para pecadores como eu.

Ele é uma mente brilhante capaz de emocionar o coração dos acadêmicos. É aquele que ensinou a partir das coisas simples da terra: sementes, pássaros, água. Aquele que de bom grado morreu por nós, trocando sua plenitude por nossa ruína. Ele é a Verdade que derrotou a morte dela ressuscitando. É a Palavra que finalmente se fez carne.

Hoje, *Veritas* não equivale mais a Jesus Cristo em Harvard. Na verdade, seu nome foi apagado do lema da universidade. Billy Graham perguntou a nosso ex-presidente:

— Qual é o maior problema dos estudantes universitários? — e ouviu a seguinte resposta:

— O vazio.

De fato, nos últimos cinco anos, ficamos sabendo de dez suicídios. Um deles, o de uma moça que acabara de assassinar a colega de quarto. Dois estudantes do último ano roubaram cem mil dólares levantados pelos colegas em favor de crianças com câncer. E o jornal *Harvard Gazette* informa com orgulho que “o secularismo é ensinado em todas as salas de aula”.

Embora muitas coisas boas também sejam feitas em Harvard, os estudantes começam a questionar o espírito secular da era. Começam a repensar o “século do desespero” que se seguiu ao pronunciamento de Nietzsche de que Deus está morto. No ano passado, a camiseta da associação cristã estampava os dizeres: “Nietzsche está morto’. Assinado: Deus”. Creio que há uma nova fome por um novo século.

## O LIVRO

Grande parte da nossa história pode ser encontrada no epílogo e nas páginas do livro *Finding God at Harvard* [Encontrando Deus em Harvard] (Kelly Monroe, 1995). Quando lá cheguei em 1987, como disse antes, não encontrei nenhum cristão na faculdade de Teologia, um lugar muito solitário para cristãos. No entanto, comecei a conhecer crentes em outros bolsões isolados da universidade, ou, como já disse alguém, da “multidiversidade conectada apenas por um sistema de aquecimento central”.

Conheci cristãos nas faculdades de Astrofísica, Filosofia e Administração, crentes nos departamentos de Matemática, Botânica, Direito e de Saúde Pública, e assim por diante. E Deus começou a nos unir como comunidade ao mesmo tempo que a ideia de universidade — unidade na diversidade — se fortalecia outra vez. Permitam-me transcrever um trecho curto do meu livro para descrever isso.

Pela primeira vez desde que cheguei a Harvard, senti alegria. O alcance do evangelho me espantou. Músicos, físicos, historiadores, arquitetos e atletas compartilhando a bondade de Deus em amizade, a vida da mente. Vida. Discutimos nossas pesquisas. Consideramos nossa vocação como o chamado de Deus para nós. O lugar, como disse Frederick Buechner, onde nosso júbilo profundo encontra a fome profunda do mundo. Esse retiro, como muitos outros que faríamos no futuro, foi um tempo de horas de futebol de praia e de *ultimate frisbee*, de estudos bíblicos, risadas, oração e de encontrar antigos e (para mim) novos amigos. O retiro marcou uma mudança de estação. Ar frio, com aroma de lenha e fumaça. As folhas de outono mudaram a estação dos observadores, embora sentíssemos a promessa da primavera. Assim como o nosso era um instante fora do tempo, preparando-nos para um mundo que, segundo acreditávamos, logo se tornaria vivo para nós.

Essa foi a minha apresentação a um subgrupo iconoclasta de alunos de pós-graduação entre os dez mil que há em Harvard. Eles pareciam mais interessados em ganhar a vida do que em ganhar um meio de sobrevivência. Jesus os atrai porque ele sabe que o perigo para nós não está no excesso de vida, mas na falta dela. Vêm de diversos países para integrar grandes ideias com vida e serviço. A verdade em prol da arte da vida. Como diz Charles Malik, são pessoas “do ser”.

Essa comunidade é orquestrada por Deus por meio de um líder-servo da InterVarsity Christian Fellowship chamado Jeff Barneson. Jeff me convidou gentilmente para trabalhar com ele, de modo que me tornei uma espécie de ciclista que pedala logo atrás dele, tirando proveito do vácuo de sua bicicleta e

energia. Nossa comunidade cristã de alunos de pós-graduação tornou-se uma espécie de sinfonia em que sons diferentes se somam em beleza, harmonia e coerência.

Para usar ainda outra metáfora, a comunidade era uma grande família que, de forma contracultural, investe mais em serviço do que em poder. Começamos a encontrar maneiras de estar juntos, como na adoração no meio do *campus* de Harvard na Páscoa. Deus estava juntando as brasas para acender uma fogueira.

Viagens missionárias e serviço comunitário nas Américas do Norte e Latina serviram como oportunidades para montar pequenos negócios, reformar prisões e edificar igrejas, escolas e clínicas médicas. Assim, tivemos dez verões durante os quais Deus foi aumentando em nosso coração o amor pelos pobres, ajudando-nos a enxergar nossa própria miséria longe dele e expandindo nossa criatividade para o serviço. Em vários sentidos, começamos a perguntar ao Espírito Santo como ser o corpo de Cristo no mundo. Como ser seus olhos, pés, mãos. Alguns inclusive se perguntavam como se tornar pobre com os pobres.

Além de estudos bíblicos, viagens missionárias, passeios de esqui e escaladas, promovemos discussões internas sobre o uso de tecido fetal em laboratórios de biologia e sobre o corte repentino de doações e bolsas dedicados a estudantes que desejavam crescer na fé. Recebemos conferências sobre reconciliação racial e sobre o papel dinâmico da igreja em prol dos direitos humanos na Europa oriental e na África do Sul.

Assim, vimos Deus edificar uma comunidade centrada na adoração, no serviço e em um projeto (agora um livro), *Finding God at Harvard*. Com frequência as pessoas olham para o livro, incrédulas, e perguntam: “Posso encontrá-lo na seção de ficção?”. Respondo apenas que não se trata de teoria, mas de testemunho.

No livro, quisemos ir além do gênero da crítica e da análise para o testemunho efetivo em meio a um contexto difícil. Quisemos romper a insegurança e a linguagem acadêmica estéril, modo de expressão típico da academia secular em geral, e aprender a falar de fato em linguagem humana e sincera. James Houston diz que necessitamos nos tornar pós-intelectuais — isto é, seres humanos reais, salvos pela graça, capazes de falar a linguagem do campo missionário, mas não limitados por ela.

Esse foi um projeto de sete anos, uma espécie de confluência, e em muitos sentidos uma saída do armário, se preferirem, de alunos de graduação, de pós-graduação e professores. Vou lhes dar apenas alguns exemplos.

Muitos de vocês conhecem Nicholas Wolterstorff, do Calvin College e agora em Yale, na Filosofia. Ele escreveu uma espécie de ensaio abstrato atual não só sobre a teologia e o problema do mal, mas sobre a própria crise de fé pessoal — sobre a

perda inimaginável do seu filho nas montanhas da Áustria. Ele fala de um Deus que sofre conosco. Se a Verdade é uma Pessoa, então necessitamos desses relatos pessoais dele, em vez de ensaios imponentes sobre teodiceia.

Outro exemplo é a história contada por Glenn Loury, economista e eticista, que corajosamente escreveu para contar que, enquanto ensinava Ética na Kennedy School em Harvard, era viciado em drogas, cometia adultério e repetia para si mesmo o tempo todo “a vida não tem sentido, a vida não tem sentido nenhum”. Repito, isso tudo ao mesmo tempo em que dava aulas de Ética a alunos de pós-graduação, muitos dos quais logo tomariam o rumo de Washington para influenciar nosso país. Mas então alguém compartilhou o evangelho com ele. Compartilhou que Jesus veio para que tivéssemos vida e vida em abundância, e que quando o Filho nos liberta somos livres de fato. A história termina com o relato que Glenn Loury faz de seu renascimento.

Há também a história de Robert Coles, ganhador do prêmio Pulitzer por sua obra sobre crianças em crise. Trata-se da história de um presunçoso doutor em Medicina e Filosofia por Harvard que foi para Nova Orleans, no começo da década de 1960, e deparou com uma multidão de adultos esperando em uma esquina, do lado de fora de uma escola de ensino fundamental. “Que interessante!”, pensou. A multidão protestava e discursava com violência e fúria, de modo que ele resolveu parar e ver o que estava acontecendo.

Eles aguardavam a saída de uma menininha afro-americana de seis anos de idade chamada Ruby Bridges. Talvez você tenha visto o quadro dela, pintado por Norman Rockwell, escoltada até a escola por policiais federais (a polícia local tomara o partido da multidão). Ruby foi uma das primeiras crianças a passar pela integração racial ao sistema escolar exclusivo para brancos de Nova Orleans. Em resposta, os outros pais tiraram os filhos da escola durante aquele ano inteiro; mas os pais de Ruby trabalhavam, cada um deles em dois empregos, fazendo faxina para pessoas brancas, de modo que ela foi a única criança na escola durante todo o ano acadêmico. Só ela e sua professora. E a multidão, a cada manhã e a cada tarde, lá estava para saudar Ruby enquanto ela ia para a escola e voltava.

Como bom acadêmico que era, Robert Coles disse: “Ei, aposto que consigo uma bolsa para estudar o caso dessa menina”. E assim ele fez. Conseguiu uma bolsa da Associação Psiquiátrica Americana para ver como ela reagiria à perseguição. Ele não conseguia entender por que ela parecia dormir bem e se manter consideravelmente sã, dadas as circunstâncias.

Certa manhã, ele a observou aproximar-se da escola. Viu quando ela parou, em seu vestidinho branco e com laços no cabelo, e conversou com a multidão ali

presente, coisa que nunca fizera antes. Quando ela entrou na sala de aula, Robert Coles disse, e eu parafraseio a seguir:

— Ruby, notei que você conversou com aquelas pessoas hoje.

Ao que Ruby disse:

— Não, senhor. Nunca falei com nenhuma delas.

— Bem —, disse ele, — tenho certeza de que vi você falando com elas agora mesmo.

— Não — a menina insistiu. — Bem, talvez tenha sido porque eu estava atrasada. Costumo fazer minhas orações por elas antes de chegar à escola, mas hoje eu estava um pouco atrasada, então, quando as ouvi, parei ali mesmo. Só queria conversar com Deus a respeito delas hoje.

— Bem, Ruby, quer dizer que você ora por essas pessoas?

— Sim, senhor. Todo dia e toda noite com meus pais, e no domingo na igreja.

— Ora, Ruby, por que você haveria de orar por elas?

— Bem, senhor, deve ser porque acho que talvez elas precisem receber oração, o senhor não acha?

— Sim, Ruby. Nessa você me pegou... — disse ele, e deu continuidade a sua entrevista psiquiátrica. Por fim, ele disse:

— Ruby, o que você fala quando ora por esses adultos de cor branca?

Ao que ela explicou:

— Bem, meu pastor me disse que, quando Jesus esteve aqui, as pessoas lhe causaram muitos problemas. Costumavam chamá-lo de nomes feios, mais ou menos como fazem comigo, costumavam dizer que iriam matá-lo, mais ou menos como fazem comigo, bem, antes de o matarem de verdade, ele falou algumas coisas para Deus. Então, é isso o que eu falo também.

— O quê, Ruby?

— Eu digo: “Pai, perdoe essas pessoas, porque elas não sabem o que estão fazendo”.

Falo isso toda manhã e toda noite, e nos domingos. Exceto hoje, porque eu estava atrasada, então eu esqueci, até que me lembrei. Era só isso o que eu estava fazendo.

Bom, isso aconteceu com uma menininha de seis anos que ainda não sabia ler nem escrever o nome, como seus pais. Mas eles sabiam de cor capítulos inteiros de Isaías, Provérbios e Salmos. Essas são as melhores pessoas do mundo — mansas, para usar um termo bíblico — ensinando a um presunçoso doutor em Medicina e Filosofia de Harvard, em vias de conquistar seu prêmio Pulitzer, sobre graça e dignidade, sobre o perdão que rompe o ciclo do mal no mundo.

Robert Coles disse: “Sabe, em Harvard eu só tirei A em todos os meus exames de Filosofia Moral, mas em quatro anos nunca soube o nome da mulher que limpava meu quarto no dormitório”. Portanto, ele aprendeu muito com Ruby sobre

a arte da vida e sobre a graça e a dignidade extraordinárias daqueles que parecem pessoas tão comuns.

Por fim, farei menção à história de Harold Berman, que lecionou na Faculdade de Direito de Harvard durante 37 anos e hoje está na Emory. Ele escreveu uma espécie de ensaio acadêmico sobre a natureza da erudição judaico-cristã em contraste com a erudição pagã para o livro. Agradei e lhe expliquei que, mais do que teoria, este era um livro pessoal sobre nossas próprias jornadas e fé. Perguntei: “Você poderia acrescentar alguma coisa da sua história ao seu trabalho?”. Ele respondeu: “Bem, deixe-me pensar a respeito”. Poucas semanas mais tarde, recebi o seguinte acréscimo pelo correio:

No meu caso, a verdade que me libertou se apresentou a mim pela primeira vez na deflagração da Segunda Guerra Mundial, quando eu tinha 21 anos. [Harold é judeu.] Eu vivia na Europa, onde começara a estudar história europeia havia um ano. Estava na Alemanha quando Hitler anunciou pelo rádio que invadira a Polônia. Era literalmente a deflagração da Guerra Mundial e muitos de nós fugimos para a França. Pensei que a invasão da Polônia levaria à destruição total da civilização humana. Sentia-me como qualquer um se sentiria hoje se todas as principais potências se envolvessem em uma guerra nuclear.

Fiquei arrasado, em completo desespero. Ali, sozinho em um trem, Jesus Cristo me apareceu em uma visão. Seu rosto lembrou-me o de uma das imagens russas que veria mais tarde, coberto de cicatrizes e trágico. Não como quem sofre, mas levando em si as marcas de ter sofrido. De repente percebi que não tinha direito a tanto desespero, que não era eu, mas outra pessoa, o próprio Deus, quem carregara o fardo do destino humano. A mim, ao contrário, cabia crer nele ainda que a história humana se aproximasse do fim.

Quando o trem chegou a Paris naquela manhã, fui direto para a Catedral de Notre Dame e fiz uma oração pessoal a Deus pela primeira vez na vida. Minha esposa, protestante, me pergunta como pude me tornar um crente em Cristo sem ler os Evangelhos. Respondo que assim se tornaram crentes os primeiros discípulos. A verdade é uma pessoa. Essa experiência da graça extraordinária não só fez de mim um cristão, contra a minha vontade e contra a minha herança, como também me libertou do orgulho e da ilusão do intelecto, o pecado constante da erudição acadêmica.

## O FÓRUM *VERITAS*

Em 1992, três anos depois de escrever o livro, reunimos os escritores e tentamos fazer uma espécie de versão ao vivo dele, evento a que demos o nome de “Fórum

*Veritas* de Harvard”, na Faculdade de Direito. A ideia era criar um espaço, um fórum, em que as pessoas pudessem fazer qualquer pergunta sobre a possibilidade da verdade em relação a Jesus Cristo, resgatando a ideia original de *Veritas* como uma Pessoa a quem toda a vida está conectada e de quem recebe significado.

Esperávamos uma centena de pessoas e apareceram setecentas. O objetivo do fórum não era defender o cristianismo, mas explorar a vida em relação a Jesus. O Fórum *Veritas* se desenvolveu não como um embate, mas como uma espécie de aproximação dos questionamentos dos estudantes, a maioria dos quais, aliás, não é mais admitida nas salas de aula (e também é por isso que as faculdades e universidades cristãs são muito mais liberais no melhor sentido do termo). Há questões bizarras como “Por que minhas meias desaparecem e onde vão parar?” e “Por que os guardas de trânsito sempre multam meu carro no estacionamento?” (esta vocês compreenderão se vierem nos visitar em Cambridge), bem como perguntas assim: “Qual é a nossa origem?”, “O que significa ser humano?”, “Fé e ciência são incompatíveis?”, “O que tem a dizer quanto ao caos e a entropia e a evolução?”, “Como posso confiar na precisão da Bíblia?”.

Por trás da pergunta “Como o amor humano pode durar?”, há um coração partido, e se a verdade não for uma Pessoa cuja natureza é amor, então não existirá nenhuma resposta nem esperança para nossa sociedade ou para o nosso próprio coração.

“Se Deus é amor, por que sofro?”, “Por que a fé cristã se baseia em um sacrifício de sangue? Parece tão primitivo!”, “As religiões não são todas iguais?” (a esta última pergunta, o palestrante respondeu: “Sim, exceto quando o assunto é Criação, o valor do ser humano, o amor e o poder de Deus, o cuidado com os pobres, esperança, felicidade e destino humano no céu ou inferno”). Há também aquela que deve ser minha pergunta predileta: “Por que a beleza tem algum significado?”.

Os preletores podem responder com base nas lutas que enfrentam e nas descobertas que fazem, em vez de dar respostas teóricas e abstratas. Em seguida, céticos e outros se apresentam com alguma coisa a oferecer, talvez uma boa pergunta. Sentem-se acolhidos; é um lugar hospitaleiro, um espaço em que a palavra *hospital* é usada para a cura, para o diálogo — onde sentimos que todos precisamos uns dos outros nesta jornada juntos.

Pessoalmente, o que me intriga nessa ideia não é que ela seja nova. Acho que a igreja sempre fez perguntas sobre a verdade. Todos vocês fazem essas perguntas, o tempo todo, de modo que me sinto um pouco tola contando algo que já devem saber. Mas é uma iniciativa contracultural para nós na academia.

O curioso no Fórum *Veritas* é a apologética da comunidade e a unidade e a beleza da verdade em relação a Jesus. Em outras palavras, devia haver mil pessoas no

Fórum *Veritas* à procura de um painel com os escritores que ocupavam o palco — 14 ou 15 deles mantendo uma conversa com esse grupo amplo em que qualquer pergunta é válida. Estudantes e corpo docente coçam a cabeça e pensam: “Tem um astrofísico, um filósofo, um historiador; uma mulher mãe de quatro filhos, uma avó, um pintor — por que todos concordam entre si? Com que frequência três pessoas de Harvard já concordaram umas com as outras acerca de seja lá o que for? Não é assim que as pessoas conseguem publicar uma dissertação ou conquistar estabilidade no emprego. Conseguem isso dizendo algo novo, verdadeiro ou não.

“Contudo, por que toda essa gente concorda entre si em relação à natureza básica da realidade? E por que eles parecem se amar e amar aos estudantes? Por que têm esse jeito feliz se sofrem? Por que cantam juntos?”

De novo, queremos atear fogo não na multidiversidade, mas na universidade, que reúne disciplinas, culturas e gerações. Queremos ver o evangelho como o único tecido da real integridade, o ponto de partida para se viver a vida.

Seja nos estudos bíblicos, seja no livro *Finding God at Harvard*, seja pessoalmente no Fórum *Veritas*, essa apologética harmoniosa é interessante e construtiva. Trata-se apenas da grande família de Cristo brilhando em conjunto no amor e esplendor de Jesus. Como uma sinfonia, o tema brota quando estamos juntos. Em meio à diversidade de culturas, disciplinas e gerações, começamos a enxergar uma unidade na Verdade, a beleza da Verdade.

Madeleine L'Engle disse: “Em vez de discutir a superioridade do cristianismo em relação às religiões mundiais, prefiro resplandecer uma luz tão encantadora que todos se sintam atraídos para ela”. É isso que esperamos que sejam o Fórum *Veritas* e a presença cristã em todos os *campi*, a fim de servirem de inspiração renovada para cada geração de estudantes.

Estou falando de pessoas reais com apetites, indagações e sofrimentos reais, encontradas por um Deus real. A grande aventura agora é amá-lo com mãos e pés, com todo o nosso coração, alma, força e mente.

Quando viajo, observo que por toda parte os estudantes têm fome. Vejo mentes que desejam ser despertadas. Ouço uma insinuação santa quando, em um concerto da banda Indigo Girls, há uma explosão de vivas e aplausos cada vez que elas cantam “I will not be a pawn to the prince of darkness any longer”.<sup>1</sup>

Pela graça de Deus, e com senso de humor, o Fórum *Veritas* tem brotado com naturalidade em mais de 50 universidades, envolvendo cerca de 100 mil estudantes em escolas como Stanford, Cal Berkeley, Cal Santa Barbara, Michigan, Virginia, Florida, New Hampshire, Texas A & M, Yale e Princeton. Hoje tenho o privilégio

<sup>1</sup>“Não serei mais uma vez um peão para o príncipe das trevas”. (N. do T.)

de fazer parte do Fórum *Veritas* que está tendo início em outras universidades. Não acho que a ideia seja nova, mas sim o nome que recebe e a bondade da parte de Deus em fazer isso mais uma vez. O que é bem típico dele: mostrar-se fiel a cada geração, de várias maneiras.

Quando olho para trás, tenho de me perguntar: “Como podemos trabalhar tanto sem nos esgotarmos?”. Esses têm sido anos muito difíceis para mim, assim como para vários de vocês. No ano passado, Deus me mostrou que eu não estava vivendo o bastante em sua ecologia. Eu não estava extraindo forças da videira e, com frequência, me sentia exausta. Partiu-me o coração falhar com uma amiga querida por não tê-la amado o suficiente de maneira diária e concreta. Sentia-me constantemente humilhada.

Tenho menos respostas do que tinha há vários anos. O que sei é que não basta dizer a verdade. A Verdade se fez carne e habitou entre nós. Não o transformemos de novo em palavras apenas. Agora, acima de tudo, ele quer viver dentro de nós, seus templos novos e melhores. Com ou sem palavras.

Pergunto-me: “Estou me esforçando para viver por Cristo? Ou morri e Cristo vive em mim? Eu o imito apenas com base em minha força limitada, ou tenho convidado seu Espírito para habitar em mim e entusiasmar-me no papel de seu templo novo e melhor?”.

Quando Jesus na cruz entregou seu espírito, no mesmo instante o véu do templo se rasgou em dois (Mt 27.51). Por quê? Talvez, ao menos em parte, para que pudéssemos entrar no Santo dos santos por meio de um sacerdote melhor. Talvez também porque o Espírito Santo estivesse ansioso para sair dali desde o começo. Talvez não suportasse mais o frio do templo de pedra e sonhasse com um lar melhor, limpo afinal pelo sangue do Cordeiro.

Talvez isso explique por que Paulo diz aos crentes em Éfeso: “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram? Vocês o acolheram no coração? Ele está mesmo em vocês?” (At 19.1,2, A Mensagem). De igual modo, Paulo mais tarde escreve à mesma igreja:

Por essa razão, dobro meus joelhos perante o Pai [...] para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais interiormente fortalecidos com poder pelo seu Espírito. E que Cristo habite pela fé em vosso coração, a fim de que [...] vos seja possível compreender, juntamente com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura e a profundidade desse amor. [...] Àquele que é poderoso para fazer bem todas as coisas, além do que pedimos ou pensamos, pelo poder que age em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém. (Efésios 3.14-21)

Assim, cantamos: “Senhor, prepara-me para ser um santuário, puro e santo, provado e verdadeiro. Com ações de graças, serei um santuário vivo para ti”.

Por meio da dor pelos erros e da exaustão, Deus está renovando minha vida e minha esperança de ver nova vida em toda parte. Quer estejamos em uma cultura pós-moderna, quer em uma cultura tradicional, nosso privilégio hoje e nosso desafio constante é resgatar o conhecimento da verdade como uma Pessoa — o Doador da Vida, aquele que não se cansa de amar — e cultivar uma comunidade que se deixou encher dele.

Necessitamos dele e uns dos outros à medida que aprendemos a permanecer na graça e na Verdade — que é a pessoa de Jesus Cristo. Nele mantemos fixos nossos olhos. Nele perseveramos, em nosso primeiro amor — e continuaremos sendo uma luz tão encantadora que todos se sentirão atraídos pelo calor, pela beleza e pela verdade dele, a verdade que ressuscita os mortos para uma nova vida, pois só seu amor é mais forte do que a morte. *Vitam mortuis reddo* — Eu restauro a vida aos mortos. Ainda hoje.

Vou terminar citando um trecho do epílogo de *Finding God at Harvard*:

Em minha busca por Deus em Harvard, esperava encontrar algo novo. Algo além de Jesus. Em vez disso, no entanto, tenho encontrado mais dele. Comecei a ver como a luz pura da verdade de Deus refrata e incide em todas as direções com cor e graça. Encontrei a lembrança dessa verdade na cor carmesim, nos portões cor de marfim do jardim e nos símbolos do escudo da faculdade. Comecei a enxergá-lo nos trabalhos e nos olhos de colegas estudantes, em livros raros, no laboratório de química de um amigo, em abstrações recentes da Astrofísica e na vida e no legado de fundadores e antigos alunos que, quer estejam vivos, quer estejam além desta vida, ainda nos ajudam e ensinam. [...]

Tenho apenas umas três coisas com que contribuir, mas participo. Cantamos enquanto instalamos divisórias com o pessoal da Habitat for Humanity em Boston e enquanto esquiamos no desfiladeiro Tuckerman. Cantamos enquanto costuramos *quilts* em Cambridge e enquanto construímos uma escola para crianças com poliomielite na floresta tropical do Peru. Cantamos enquanto viajamos abaixados na traseira de uma caminhonete empoeirada em El Salvador, país destruído pela guerra. Cantamos em casamentos e em funerais de amigos. O Senhor é nossa canção, por isso cantamos.

Com olhos para ver, encontramos grande nuvem de testemunhas à qual todos pertencemos. Cantamos com elas, animados por saber que tudo dará certo um dia. Lembramo-nos do profeta Jeremias, a quem o Senhor falou: “Não digas: Sou apenas um menino [...]. Não temas diante deles, pois estou contigo para

te livrar” (Jr 1.7,8). E assim encontramos coragem no passado, no futuro e no presente que, só pela graça, nos pertence (Monroe, 1996, p. 359, 360).

### **Referências**

MONROE, Kelly, org. 1996. *Finding God at Harvard* (Grand Rapids: Zondervan).

## CAPÍTULO 21

---

# MINISTRANDO NO CONTEXTO ACADÊMICO PÓS-MODERNO

*Walter L. Bradley*

Quando nossa cultura migrou de uma visão moderna para uma visão pós-moderna da verdade e da vida, foi preciso ajustar nossa abordagem para alcançar os não cristãos. Caso contrário, fornecíamos respostas a dúvidas que o não cristão médio não tem. No livro clássico de Jim Engel, *What's gone wrong with the harvest* [O que deu errado com a colheita] (1975), ele diz que o evangelismo não deveria ser pensado como o simples compartilhamento do evangelho. Para quem já acredita haver um Deus e está consciente de sua condição de pecador e da separação de Deus, a boa notícia do amor de Deus e do perdão em Cristo é a ação evangelística apropriada. Contudo, para a pessoa moderna ou pós-moderna que duvida da existência de Deus ou da ideia de que a verdade objetiva acerca de Deus é proveniente de Deus e está disponível na história, a apresentação do evangelho cairá em ouvidos surdos ou, pior ainda, se tornará uma pedra de tropeço.

Se imaginarmos as pessoas em uma escala de receptividade em que -10 representa o ateísmo, -6 poderia representar o agnóstico de cabeça aberta, -1, o que está buscando, +1, o crente novo e +5, a pessoa em algum estágio de discipulado e maturidade espiritual, então as atividades evangelísticas eficazes para -10 a -1 e as atividades de discipulado eficazes para +1 a +10 dependerão de onde a pessoa se enquadra nessa escala. Para alcançá-las com eficácia em nossa esfera de influência, devemos aprender a conhecê-las suficientemente bem para que possamos determinar onde elas estão ao longo da escala de crença e então alcançá-las da maneira mais adequada.

As oportunidades planejadas e não planejadas descritas neste ensaio são apropriadas para ateus ou agnósticos clássicos, ou ainda para pós-modernos que acreditam que toda verdade religiosa é subjetiva e pessoal. Isso abrange cerca de 80% de todo o corpo docente e pelo menos 50% de todos os estudantes da Texas A&M University.

## **OPORTUNIDADES NÃO PLANEJADAS DE MINISTRAR NO CONTEXTO ACADÊMICO PÓS-MODERNO**

Em 1989, quando fui nomeado chefe do Departamento de Engenharia Mecânica, composto de 65 professores, surgiu a oportunidade de uma interação muito mais pessoal com o corpo docente do departamento que trabalhava em divisões outras que não a minha. Clay, um dos integrantes, pediu para marcar um horário comigo com o intuito de discutir seu pedido de licença de um a dois anos. Sugerí então que almoçássemos no clube do corpo docente. Ele explicou que Gail concluía o curso de Medicina Veterinária e conseguira um emprego no zoológico de Portland, Oregon, e que ele pretendia acompanhá-la. Enquanto conversávamos, perguntei-lhe sobre seu relacionamento com ela, há quanto tempo estavam casados e se tinham filhos. Ele respondeu com algum constrangimento que não eram casados, mas viviam em união estável, como parceiros, havia seis anos. Embora algumas pessoas do departamento soubessem disso, ele parecia não querer compartilhar o fato comigo, prevendo minha desaprovação, pois sabia que eu era um cristão evangélico. Como você reagiria diante de uma oportunidade dessas?

Pensei que uma resposta indicando minha reprovação cristã, além de não ajudá-lo muito, serviria apenas para reforçar seu estereótipo sobre os cristãos evangélicos e o desejo de se manter a uma distância segura deles. Em vez disso, respondi dizendo a Clay que conseguia entender o fato de alguém que não crê no Deus da revelação, que deu orientações específicas sobre como devemos viver, considerar perfeitamente sensato esse tipo de arranjo. Indiquei que a sociedade atual parece ratificar esses estilos de vida alternativos. Prossegui compartilhando que, se de fato a Bíblia é a Palavra de Deus, então um arranjo desses se provaria insatisfatório a longo prazo, por mais que parecesse bom a curto prazo. Achei que Clay ficou aliviado com minha resposta. Na mesma hora, ele me pediu para falar mais sobre a razão pela qual considero a Bíblia a Palavra de Deus e que por isso deveria ser utilizada como uma espécie de bússola moral para a vida. Passamos o resto da nossa hora de almoço conversando sobre essa questão fundamental, o que foi muito mais produtivo do que discutir se ele deveria ou não viver com Gail sem estar casado. Até que nossos amigos aceitem a autoridade das Escrituras, as principais questões a serem discutidas devem ser as relacionadas com a existência e a transcendência de Deus.

Depois disso, Clay leu *Cristianismo puro e simples*, de C. S. Lewis, e tivemos mais algumas conversas produtivas. Cerca de um ano depois de se mudar para o Oregon, Gail, que escondia de Clay o fato de ser lésbica e bissexual, trocou-o por uma amante. Era por esse motivo que ela sempre relutara em se casar com ele. Minha profecia naquele almoço, infelizmente, fora mais do que acertada.

Um segundo exemplo de oportunidade imprevista de ministrar no contexto acadêmico pós-moderno ocorreu quando um colega indiano e hindu me convidou para assistir à apresentação de um mestre religioso hindu famoso, seu conterrâneo. Minha primeira reação foi recusar, pensando que não me interessaria ouvir um mestre indiano, nem eu seria edificado com a experiência. Todavia, ocorreu-me que, se esperava a presença dos outros em minhas atividades, eu precisava fazer a mesma coisa. Se eu quisesse que os outros buscassem a verdade com sinceridade, eu também tinha de me abrir para as ideias alheias — não para aceitá-las sem questionar, mas ao menos para ouvir com a mente aberta. Compareci então à palestra (devia ser o único não hindu presente) e surpreendi-me ao ouvir uma mensagem muito ao estilo do poder do pensamento positivo, sem que a apresentação desse qualquer importância ao relacionamento com Deus. No meu convite, anotei um comentário curto indicando o quanto gostara de ser convidado, que achara a mensagem interessante, mas que me espantara com os conselhos práticos e psicológicos, quase desprovidos de conteúdo espiritual. Meu amigo respondeu indicando que ele concordava plenamente e perguntou se podíamos almoçar juntos para nos aprofundar mais no assunto. Tive então a oportunidade de almoçar com ele e com outro membro hindu do corpo docente do departamento. Nesse almoço, compartilhei com toda clareza por que julgava o relacionamento pessoal com Deus muito mais crucial para a felicidade humana do que o poder do pensamento positivo. Foi uma oportunidade muito especial que jamais surgiria se eu não tivesse comparecido a um evento que meu colega hindu ajudara a realizar. Essa experiência me convenceu de que minhas melhores oportunidades acontecem quando aceito os convites de amigos para comparecer a seus eventos e depois lhes apresento minha crítica.

Um terceiro exemplo de oportunidade não planejada para lidar com o pós-modernismo aconteceu durante o período aberto para debates em um Fórum *Veritas* da Universidade Estadual do Arizona. O painel da noite pretendia reunir cientistas não cristãos e cristãos para discutir a relação entre cristianismo e ciência. Um físico não cristão começou afirmando não existir nenhuma relação entre ciência e religião, uma vez que a ciência se baseava em observações empíricas e o cristianismo, na fé cega. Em suma, ele disse que a ciência produz a Verdade objetiva e validada de maneira empírica (ou moderna), ao passo que o cristianismo

se fundamentava na verdade subjetiva e pessoal (ou pós-moderna). Para ele, teriam tipos de verdade mutuamente excludentes. Prosseguiu em sua argumentação afirmando que teorias científicas podem ser derrubadas por novas observações, mas que crenças baseadas em fé nunca são testadas e rejeitadas. Ele ficou bastante surpreso quando respondi que eu rejeitaria minhas crenças cristãs se alguém apresentasse evidências muito fortes de que elas não são verdadeiras de fato. Acrescentei que, o apóstolo Paulo havia até mesmo dito que, se a ressurreição não tivesse realmente ocorrido, os cristãos seriam os seres mais dignos de pena do mundo porque teriam acreditado em uma mentira. Concluí afirmando que só há um motivo válido para crer no cristianismo: ele é verdadeiro. Não fossem as provas excelentes da existência de Deus e da divindade de Cristo que podiam ser confirmadas pela experiência pessoal subjetiva, eu não seria cristão. Ele pareceu espantado de verdade com o fato de eu e outros dois cientistas cristãos que compúnhamos o painel rejeitarmos seu estereótipo simplista de que a crença cristã fosse baseada na fé cega.

Um quarto exemplo de oportunidade não planejada para ministrar a pessoas de pensamento claramente pós-moderno surgiu em dezembro de 1997, quando as igrejas do local em que vivemos se uniram para dar o vídeo *Jesus* a nossa comunidade como presente de Natal. Eles foram distribuídos de porta em porta por membros das igrejas participantes. Para nossa grande surpresa, o jornal local publicou um editorial bastante negativo, apoiado por cartas adicionais acusando a comunidade cristã local de se mostrar intolerante e insensível para com crenças religiosas de outros moradores da região, chegando até a invocar o Holocausto como consequência de tamanha intolerância da parte dos cristãos.

Mandei uma carta em resposta em que citei o clássico ensaio de John Stewart Mill sobre a tolerância. Observei que tolerância não significa a aceitação indiscriminada de todos os pontos de vista como igualmente válidos (pós-modernismo), mas, sim, a prática da paciência com quem adota crenças diferente e a participação em debates civilizados sobre nossas diferenças, com o propósito comum da busca da verdade. O editorial parecera querer que toda discussão cessasse, que todos considerassem todas as crenças religiosas válidas e que o rótulo da intolerância fosse usado para impor a concordância sobre todos.

Se prestarmos atenção, encontraremos muitas oportunidades como essas para ministrar a pessoas cujo modo pós-moderno de pensar sem dúvida as tem cegado para a busca de toda a verdade, em especial da verdade religiosa. Se não respondermos de maneira clara e vigorosa a esses ataques da elite cultural e de outros, logo estaremos marginalizados por inteiro, e as afirmações de verdade cristãs serão ignoradas como algo irrelevante, em vez de ser julgadas por seu mérito.

## OPORTUNIDADES PLANEJADAS DE MINISTRAR NO CONTEXTO ACADÊMICO PÓS-MODERNO

Nesta seção, quero compartilhar diversas abordagens que uso a cada ano com o intuito de criar um fórum para diálogo que seja significativo e trate de questões universais sobre vida, sentido e relacionamento com Deus e uns com os outros. A série debates/sobremesas tem sido muito eficaz no sentido de fomentar esse fórum para o corpo docente e os estudantes de pós-graduação, da mesma forma que a “Noite de Sexta-Feira no Cinema” tem sido eficaz para os universitários. O Fórum *Veritas* e os grupos que discutem livros incitantes durante o horário do almoço são espaços alternativos para estudantes ou para o corpo docente.

### **SÉRIE DEBATES/SOBREMESAS**

A ideia da série debates/sobremesas se originou com os ministérios Search no começo da década de 1970. A princípio planejada para servir como ponto de partida para o diálogo com profissionais que com frequência tinham sérias dúvidas e visões estereotipadas do cristianismo e dos cristãos, tem-se provado muito bem-sucedida tanto com o público em geral quanto com a comunidade do *campus*, em especial o corpo docente e os estudantes de pós-graduação.

Um grupo de cinco ou seis solteiros ou casais concorda em servir de anfitrião para uma série debates/sobremesas realizados uma noite por semana, ao longo de quatro semanas consecutivas. Convites formais são impressos (podem ser gerados em computador, mas o formato precisa ser formal) e cada anfitrião, solteiro ou o casal, convida pelo menos cinco amigos que tenham uma cosmovisão diferente da cristã. O convite indica que as quatro noites consistirão de debates abertos sobre questões relacionadas a Deus e à vida, com perguntas ilustrativas como: “Se Deus é amor e todo-poderoso, por que coisas ruins acontecem a pessoas boas?”, impressas no convite. Eles são distribuídos pessoalmente, em vez de despachados pelo correio, e costumam propiciar uma oportunidade para que os convidados já levantem questões ou preocupações que talvez tenham enquanto consideram a possibilidade de comparecer.

O debate começa com aperitivos e conversas informais das 19h30 às 20 horas, dando um tempo para os atrasados chegarem e aproximando convidados e anfitriões antes do início da discussão formal. O orientador da discussão reúne todos às 20h, explicando que um despertador está sendo ajustado para 20h59, momento em que o debate formal acabará e o bufê de sobremesas oferecido pelos anfitriões começará a ser servido. Em seguida, pergunta ao grupo que questão eles gostariam de colocar em debate. Um dos convidados sugere alguma coisa interessante, e o debate

aberto começa. O objetivo da discussão é permitir a troca livre de ideias, colocar diferentes pontos de vista sobre a mesa e estimular a reflexão de todos os presentes. É importante que a discussão não se degenere para uma competição com vencedores ou perdedores, o que mataria o espírito de verdadeira investigação e busca pela verdade, essencial para o sucesso dessas séries. Quando o alarme soa às 20h59, normalmente o debate está em um ponto bastante interessante, e o coordenador da reunião deve insistir, apesar das objeções dos participantes, em que o debate formal está encerrado por aquela noite, mas que a continuação do debate informal durante a sobremesa não só é permitida como desejável. É desnecessário dizer que o debate formal funciona apenas como um catalisador para muitas pequenas discussões informais, as quais com frequência seguem até a meia-noite. Um grupo de anfitriões de seis casais em geral recebe de trinta a quarenta pessoas por noite.

A beleza desse encontro está no fato de que ele rompe completamente os tabus sociais que nos impedem de discutir as questões mais importantes da vida, restringindo a conversa apenas a política, esporte, compras ou outros assuntos superficiais, mas considerados seguros. Uma vez quebrado o gelo, tais discussões com os convidados surgem com naturalidade não só nas séries debates/sobremesas, mas também no trabalho ou mesmo na sua vizinhança. Elas estimulam o interesse nesse nível muito mais elevado de comunicação e interação pessoal, e estabelecem o diálogo entre as pessoas que participam dessas séries debates/sobremesas.

### **NOITE DE SEXTA-FEIRA NO CINEMA**

Descobrimos que os filmes propiciam uma forma interessante e agradável de estimular a discussão sobre as questões maiores da vida, as ditas questões universais. Estudantes universitários podem não interagir com tanta facilidade em uma série debates/sobremesas porque ainda não refletiram o bastante sobre as questões filosóficas e espirituais mais fundamentais da vida. Contudo, um filme que aborde bem essas questões pode funcionar como o catalisador necessário para uma discussão animada. Entre os filmes que consideramos muito úteis, estão *Crimes e pecados*, de Woody Allen (1991), *Cidadão Kane*, de Orson Wells (1940, há pouco tempo eleito o melhor filme de todos os tempos), *Entre dois amores* (1986) e *Carruagens de fogo* (1983). Não é necessário que o filme escolhido dê respostas cristãs; ele deve apenas tratar de alguma questão importante de maneira clara e estimulante. O filme *Crimes e pecados*, por exemplo, aborda a questão de se é possível haver estrutura moral no Universo se não existe um Deus. *Cidadão Kane* é muito parecido com o livro de Eclesiastes, pois analisa se a felicidade pode ser encontrada só no sucesso, no poder e na riqueza material.

Quando organizamos esse tipo de programa com os estudantes, normalmente os convidamos para comer pizza com refrigerante. Lançamos três perguntas, exibimos o filme e então retornamos às três perguntas para começar o debate. As perguntas que costumamos fazer são:

1. Qual questão importante esse filme suscita?
2. Que resposta a essa questão ele oferece?
3. Você concorda ou discorda dessa resposta? Por que sim ou por que não?

O debate com frequência passa da questão levantada pelo filme para outras questões sobre a vida. Ele costuma durar pelo menos uma hora depois do filme, servindo como oportunidade única para os alunos despirem suas máscaras e falarem sobre assuntos fundamentais relativos à vida, como sentido e propósito.

Para o estudante universitário de hoje, o problema do pós-modernismo consiste da preocupação com trivialidades. Esses filmes escolhidos com tanto critério logo levam nossas discussões para além das trivialidades e fazem com que os estudantes pensem nas verdades fundamentais sobre as quais, tenham ou não consciência disso, eles edificarão suas vidas.

### ***OS FÓRUMS VERITAS E OS GRUPOS DE DISCUSSÃO NO HORÁRIO DO ALMOÇO***

Os Fóruns *Veritas*<sup>1</sup> são programações com palestrantes espetaculares que discutem questões relacionadas à verdade no contexto acadêmico de uma perspectiva cristã. Eles propiciam uma oportunidade especial para o corpo docente e os alunos convidarem amigos e colegas a ouvir palestras interessantes, concebidas para levar as pessoas a reconsiderarem suas ideias acerca da verdade, em especial acerca das afirmações de verdade da fé cristã. Tenho descoberto que essas programações especiais são úteis como catalisador para a continuação das conversas com amigos e colegas, tanto estudantes quanto do corpo docente.

Para dar continuidade aos debates depois do evento mais recente que o Fórum *Veritas* promoveu na Texas A&M University, no outono de 1997, convidei cinco amigos do corpo docente para uma discussão, durante o horário do almoço, em torno da obra *The journey*<sup>2</sup>, de Peter Kreeft (1996). O livro trata de maneira muito engenhosa e divertida das várias objeções filosóficas à crença na verdade objetiva. Entreguei uma cópia a cada pessoa e convidei-as a lerem o

<sup>1</sup>A ideia original foi desenvolvida por Kelly Monroe e teve o apoio financeiro de Jerry e Adelle Mercer, de Columbus, Ohio. Esses fóruns se tornaram eventos anuais em muitas universidades pelo país.

<sup>2</sup>Edição em português: O manual do peregrino moderno (Campinas: Ecclesiae, 2011).

primeiro capítulo, “Peregrinar ou não peregrinar”. Elas então poderiam decidir se queriam participar da nossa conversa sobre o assunto na hora do almoço, durante quatro semanas. Exceto por uma pessoa, todas concordaram, e o grupo ainda cresceu para oito integrantes quando meus convidados chamaram seus amigos. Foram necessárias quase dez semanas para percorrer todo o livro no ritmo seguido por meu grupo, mas é melhor exigir menos comprometimento no início. Quando terminamos esse livro, o grupo resolveu que queria uma rápida visão geral das afirmações de verdade de várias religiões mundiais, que obtivemos no site [www.leaderu.com](http://www.leaderu.com). Também discutimos o livro de Mortimer Adler, *Truth in religion* [A verdade na religião] (1990), que analisa se qualquer uma das principais religiões mundiais poderia ser objetivamente verdadeira. Lemos paralelamente o livro de Kelly Monroe, *Finding God at Harvard* [Encontrando Deus em Harvard] (1995), para temperar a abordagem objetiva e cognitiva que vínhamos adotando com algumas experiências pessoais, pois são importantes para validar as afirmações de verdade cristãs, mesmo que fracas como argumentos autônomos. Isso nos levou com naturalidade à questão crítica de quem foi Jesus, e agora estamos fazendo um estudo do Evangelho de João com o intuito de discutir essa questão. Tem sido uma peregrinação muito interessante.

## RESUMO

Minhas experiências têm me convencido de que é possível ter encontros e diálogos significativos com pessoas de mentalidade pós-moderna, sejam elas estudantes universitários, sejam membros do corpo docente. Preciso me manter em atitude de oração e sensível às oportunidades não planejadas que surgem, bem como ser criativo nas atividades planejadas, que uso como uma espécie de plataforma com o intuito de deixar amigos pós-modernos à vontade para participar da discussão. Isso tudo pode levar a alguns debates maravilhosos e contínuos com as pessoas, através dos quais minha vida e a delas são enriquecidas. Espero que os debates as ajudem a encontrar a verdade suprema em um relacionamento com Jesus Cristo, o caminho, a verdade e a vida.

## Referências

- ADLER, Mortimer J. 1990. *Truth in religion* (New York: Macmillan).
- ENGEL, Jim. 1975. *What's gone wrong with the harvest?* (Grand Rapids: Zondervan).
- KREEFT, Peter. 1996. *The journey* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- \_\_\_\_\_. *O manual do peregrino moderno* (Campinas: Ecclesiae, 2011). Tradução de: *The journey*.
- LEWIS, C. S. 1943. *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan).

---

\_\_\_\_\_. *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2009). Tradução de: Mere Christianity.

MONROE, Kelly, org. 1995. *Finding God at Harvard* (Grand Rapids: Zondervan).

## CAPÍTULO 22

---

### EXEMPLOS DE EVANGELISMO EFICAZ

*Andrea Buczynski*

Há pouco tempo ouvi uma história que capta bem muito do que tenho observado acerca de levar o evangelho a estudantes universitários. Certa manhã, um estudante chamado Ryan estava sentado em seu quarto, no dormitório na Universidade do Norte do Colorado, quando um integrante da equipe da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo passou por ali e fez com ele uma pesquisa evangelística, seguida por uma apresentação de *As quatro leis espirituais*. Segundo vários dos nossos padrões, esse é considerado um encontro bem-sucedido. No entanto, descobrimos mais tarde que, quando o rapaz da Cruzada deixou o quarto, Ryan na mesma hora arremessou *As quatro leis espirituais* no lixo, dando de ombros.

Minutos depois, Mark, vizinho de corredor, entrou no quarto. Notando o folheto no cesto, perguntou:

— O que isso está fazendo no lixo?

Ryan respondeu:

— Ah, um sujeito passou por aqui para conversar comigo sobre Deus e, bem, sabe como é, joguei fora o material que ele deixou.

— Bom, se é assim, deixe-me ficar com o folheto — Mark respondeu. — Acredito de verdade nessas coisas, e você deveria começar a pensar a respeito disso.

Isso deu início a uma longa conversa, e Ryan acabou resolvendo se juntar ao amigo em uma de nossas reuniões aquela noite.

O diretor do *campus* naquela universidade lembra-se de ter conversado com ele naquela noite: “Eu discorri sobre a glória de Deus. Ryan ouviu com atenção e, no fim, aproximou-se de mim e disse: ‘Sabe, eu compreendi de verdade muita coisa do que você disse’”.

Poucos dias depois, Ryan caminhava a esmo dentro de um supermercado quando sentiu um tapinha no ombro. Voltou-se para trás e viu um funcionário do lugar, que lhe perguntou:

— Posso ajudá-lo? Você está perdido?

Com um olhar atordoado no rosto, ele disparou de volta:

— Perdido? Perdido? Como você sabe que estou perdido?

Apenas uns dois dias mais tarde, ele se ajoelhava no centro do grêmio estudantil e entregava sua vida a Cristo.

A história de Ryan ilustra várias coisas que temos observado no *campus*. Em primeiro lugar, muitos estudantes não sabem grande coisa da Bíblia, que lhes parece irrelevante. Eles não entendem Deus como pessoa nem o pecado como algo real. Isso não os afeta. Embora muitos tenham uma fome espiritual genuína, estão alheios às afirmações que Cristo fez sobre si mesmo, ou ao que um relacionamento com ele significaria na vida deles. Em segundo lugar, o raciocínio lógico não oferece respostas adequadas às questões que estão fazendo. Uma apresentação, por si só, não estabelece a relação entre a relevância do evangelho e suas vidas. Quando conversam com colegas e ouvem como Deus está trabalhando em outras vidas, a verdade assume um novo significado. Torna-se relevante. Quando chegam a uma reunião e veem crentes adorando, estendendo amor e graça uns aos outros e ouvindo a verdade sendo ensinada, enxergam a realidade do evangelho e o experimentam de uma maneira diferente e mais digna de fé. Em terceiro lugar, estudantes sem conexões relacionais com um grupo de crentes enfrentam mais dificuldade em aderir a um processo de discipulado. Quando expostos ao evangelho em um ambiente de grupo, cultivam amizades em um contexto totalmente novo. A atração que sentem pela vida do corpo de Cristo os motiva a voltar, e acabam se expondo continuamente ao evangelho. Se um estudante vem a Cristo nesse contexto, já conta com amigos aptos a ajudá-lo no processo de discipulado. Criar oportunidades que conectem as verdades da Bíblia à vida dos estudantes, indo ao encontro deles onde quer que estejam e possibilitando que o discipulado prossiga da melhor forma possível, tornou-se um desafio.

Essas são apenas umas poucas observações feitas por cristãos que trabalham nos *campi* universitários país afora. Elas nos compelem a fazer perguntas sobre como podemos levar o evangelho aos estudantes de maneira eficaz. Olhamos para a eficácia de três maneiras: levar o evangelho à maior plateia possível, ver estudantes confiarem sua vida a Cristo e envolver novos crentes no processo de discipulado.

Nem todo estudante é pós-moderno em termos filosóficos, mas a maioria o é culturalmente. O nível de analfabetismo bíblico entre os estudantes é hoje maior do que há uma ou duas décadas. Por isso, perguntamo-nos como podemos submeter

os estudantes perdidos a múltiplas formas de exposição ao evangelho — tanto no que diz respeito a conteúdo quanto à sua realidade na vida dos crentes. Se existe um tremendo respeito pela experiência do outro e se a apologética para esta era é a realidade de Cristo na vida do crente, então como podemos expor mais pessoas a essa vida real? Parece haver maior necessidade de diálogo; a discussão é um pré-requisito para o aprendizado. Sendo assim, como incluir maior interação em nossos ambientes evangelísticos?

Ao considerarmos muitas dessas questões, constatamos a necessidade de inovar e adaptar nossos métodos com o intuito de sermos eficazes. Gostaria de deixar claro que inovação nada mais é que o meio para realizar o fim de transmitir o evangelho com eficácia. Em alguns lugares do país, uma abordagem mais tradicional funciona. Ainda é possível sentar com um estudante, compartilhar *As quatro leis espirituais* e vê-lo confiar sua vida a Cristo. Em outros, a resposta mais comum seria como a de Ryan. No entanto, cada vez mais, vemos a fome espiritual dos estudantes e sua receptividade ao evangelho a partir do momento em que ele é compreendido.

A inovação que resulta no incremento da eficácia evangelística por todo o país tem acontecido em seis áreas: exposições múltiplas em todo o *campus*; exposições múltiplas em grupos pequenos; experiências de interação em grupos; apresentação de ambos os lados da história; o poder do testemunho; e estratégia de treinamento.

## EXPOSIÇÕES MÚLTIPLAS EM TODO O *CAMPUS*

“A escolha de cada estudante” é uma campanha de mídia desenvolvida para despertar a consciência para temas bíblicos e a mensagem do evangelho. Enquanto circulam pelo *campus*, os estudantes ouvem muitas mensagens sobre como viver, por isso gostaríamos que a perspectiva bíblica também fizesse parte disso. A campanha cobre oito tópicos: relacionamentos, sexo, álcool, a ressurreição de Cristo, o nascimento de Cristo, religiões comparadas, homossexualidade (há uma outra saída) e racismo.

Na West Virginia University a campanha de religião comparada “Todos os caminhos levam a Deus?” causou furor no *campus*. Durante dois meses, cartas ao editor do jornal da universidade mantiveram diante dos estudantes a ideia de que Cristo é o único caminho para Deus e criaram diversas oportunidades para os estudantes cristãos. Eles não só tiveram de assumir uma posição perante seus colegas como também ganharam várias oportunidades excelentes de explicar “a esperança que levavam no peito”. Versões diferentes dessa ideia têm sido experimentadas em outros lugares. Alguns membros da equipe, por exemplo, escrevem uma coluna no jornal da universidade. Bruce McCluggage, em Boise State, e Andy Wineman, da Colorado School of Mines, têm tentado estimular a reflexão dos estudantes

apresentando com regularidade pontos de vista cristãos sobre diferentes tópicos. Em uma das universidades da Ivy League, os líderes estudantis publicam anúncios de sua autoria sobre um tópico que escolhem e os assinam. Na West Chester State University, na Pensilvânia, a equipe da Cruzada e alguns estudantes produziam um jornal duas vezes por ano, cheio de informação útil para o começo do semestre, bem como de artigos relacionados a questões polêmicas e testemunhos.

Outro meio de expor uma parcela maior do *campus* a Cristo tem sido os *Kits* de Sobrevivência para Calouros. Cada *kit* inclui um Novo Testamento da Sociedade Bíblica Americana, um testemunho em vídeo de um estudante portador do vírus da AIDS, o livro *More than a carpenter* (1994), de Josh McDowell,<sup>1</sup> um cd de artistas cristãos e outros itens. Quando um calouro recebe o *kit*, tem o evangelho em quatro formatos diferentes nas mãos. Passado algum tempo, pedimos uma oportunidade de discutir e obter *feedback*. Outra vantagem do *kit* está no fato de a exposição não ser limitada por um único ponto no tempo. Não é incomum ouvir a música do cd tocando nos dormitórios, ou saber que estudantes recorreram à Bíblia mais adiante no ano, quando a vida fica um pouco mais difícil. Uma versão mais limitada dessa ideia é a distribuição de livros como: *More than a carpenter* (1994), de McDowell, *Mere Christianity* (1952)<sup>2</sup> e *The screwtape letters* (1970),<sup>3</sup> de C. S. Lewis, e *Finding God at Harvard* [Encontrando Deus em Harvard] (1995), organizado por Kelly Monroe.

É comum que toda equipe da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo promova algum tipo de reunião semanal. Esse tem se tornado mais um caminho para expor estudantes ao evangelho. Ao longo dos anos, o ambiente mais comum para essas reuniões sempre foi uma sala de aula com cadeiras dispostas no estilo de um teatro. Até poucos anos atrás, funcionava. Mas lembre-se de que “interação” está se tornando um valor cada vez mais elevado para esta geração. A sala de aula simplesmente parece não servir mais. Um estudante disse à sua diretora de *campus*: “Quem vai querer vir para cá? Tenho aula de Química aqui às 8 horas da manhã. A verdade é que não tenho vontade de estar aqui às 8 horas da noite com essa lembrança na cabeça”. Nesse meio tempo, uma igreja cedera ao ministério da Cruzada Estudantil local o uso de um prédio antigo. Na verdade, apenas um grande salão vazio. Ela então sugeriu: “Realizamos nossas atividades sociais naquele local. Por que não fazemos

<sup>1</sup>Edição em português: *Mais que um carpinteiro* (São Paulo: Hagnos, 2012).

<sup>2</sup>Edição em português: *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009).

<sup>3</sup>*The screwtape letters* apareceu pela primeira vez durante a Segunda Guerra Mundial como uma série de artigos no *The Guardian*, agora extinto, e foi posteriormente revisado e publicado em várias edições. A edição referida aqui é apenas uma delas [edição em português: *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009)].

nossas reuniões lá também?”. Eles encheram o lugar de pequenas mesas e cadeiras, pintaram as paredes de azul-escuro e criaram uma atmosfera parecida com a de um café. Essa mudança foi uma das coisas que possibilitaram aos estudantes convidar os amigos. Era um lugar legal para ir e ficar conversando. A música e o ensino bíblico continuaram os mesmos, mas o ambiente se tornara muito importante.

A necessidade de um ambiente mais relacional tem se tornado evidente. Ao mesmo tempo, no entanto, a necessidade de que a verdade seja proclamada e bem ensinada é também importante. Na Baylor, usando um tipo de ambiente similar ao de um café, neste ano a equipe da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo ensinou sobre o Evangelho de Marcos. Apesar da abordagem mais direta à verdade, cerca de 10% da plateia semanal é composta de incrédulos céticos, que continuam a vir porque se sentem amados. Os estudantes respondem às pessoas que lhes oferecem amor e graça e são autênticas em suas crenças.

## EXPOSIÇÕES MÚLTIPLAS: GRUPOS PEQUENOS

Três novas ideias surgiram da prática dos grupos pequenos. A primeira é a dos jantares evangelísticos. Em Princeton, os estudantes convidaram amigos para jantar uma vez por semana, ao longo de cinco semanas. Durante e depois do jantar, discutiam diferentes tópicos relacionados ao evangelho: o panorama geral da Bíblia; a historicidade das Escrituras; o problema da evolução; a vida, a morte e a ressurreição de Cristo; e Jesus como único caminho para Deus. Durante essas semanas, a pessoa que os levava para os jantares continuava acompanhando seus convidados. Livros e outros recursos eram disponibilizados para os visitantes.

A segunda ideia é a dos grupos de foco, nos quais reunimos um grupo de não cristãos para ouvir o que eles creem em relação a um conjunto de questões básicas. No fim do período, os anfitriões compartilham seus pontos de vista bíblicos e convidam os demais participantes da reunião a fazerem parte de um estudo bíblico investigativo.

A terceira ideia tem sido usar uma estrutura de discipulado mais aberta baseada no conceito de grupo em células. Os estudantes são excelentes para trazer os amigos consigo aonde quer que vão. Essa flexibilidade no sistema de grupos permite aos estudantes convidarem os amigos para fazer algo com regularidade. O conteúdo é ajustado para o grupo como um todo, mas os recém-chegados são sempre bem-vindos.

## EXPERIÊNCIAS DE INTERAÇÃO EM GRUPOS

A participação dos ouvintes realça de verdade qualquer tópico que esteja sendo apresentado. Para as pessoas processarem e compreenderem a verdade, elas devem

estar envolvidas. Vejo com frequência estudantes que não conseguem entender coisa alguma até que eles mesmos se sentem e falem sobre o assunto. Essa participação pode ser promovida de várias formas: discutindo o tópico com outros, estando fisicamente envolvido ou usando o formato de pergunta e resposta, possibilitando à audiência determinar o fluxo do tempo. Na Universidade do Alabama, irmandades de moças e rapazes têm se reunido para discutir pontos de vista sobre relacionamentos, usando uma Bíblia de estudos “Life Skills”. O assunto lhes prende o interesse, a discussão os faz pensar, e o estudo lhes dá respostas práticas que ajudam a tornar a verdade relevante. O evangelho é apresentado em conversas subsequentes.

## AMBOS OS LADOS DA HISTÓRIA

Com o acesso aos estudantes se tornando mais difícil nos *campi*, apresentar múltiplos pontos de vista oferece uma oportunidade de atrair estudantes com os mais variados e diferentes pontos de vista. Um dos movimentos de evangelização mais eficazes é o debate com o dr. William Lane Craig e um grupo de professores ateus. Como ambos os pontos de vista estão representados, mais ou menos o dobro de pessoas comparece. Uma reviravolta interessante no formato do debate foi experimentada há pouco tempo em Baylor. O debate aconteceu, mas foi seguido de grupos de discussão. As várias centenas de pessoas que haviam comparecido foram divididas em grupos pequenos para interagirem com base em um conjunto de perguntas. O moderador incentivou os interessados no assunto a acessar um *website* e obter mais informações.

Dois estudantes da Universidade de Indiana produziram uma peça baseada em *Between heaven and hell* [Entre o céu e o inferno], de Peter Kreeft (1982). Eles apresentaram um diálogo entre John F. Kennedy, Aldous Huxley e C. S. Lewis, todos mortos no mesmo dia, sendo que cada qual tinha crenças diferentes acerca da vida após a morte. A peça foi bem recebida no *campus* e encenada também em aulas de Filosofia.

## O PODER DO TESTEMUNHO

Esta geração, mais visual e participativa, responde muito bem a histórias. Uma das pessoas que tem desenvolvido um ministério significativo país afora é um ex-estudante de 21 anos chamado Steve Sawyer. Hemofílico, ele contraiu o vírus da AIDS através de uma transfusão de sangue ainda jovem. Quando sua saúde começou a se deteriorar, alguns anos atrás, ele resolveu que, na verdade, não necessitava de um diploma para fazer o que pretendia da vida — falar às pessoas sobre Cristo. Nos últimos anos, 17 mil estudantes já ouviram sua história, e mais de três mil indicaram ter se decidido por Cristo. Quando ele fala sem amargura sobre viver

com uma doença terminal, a alegria de Cristo em seu rosto e seu amor sincero por quem não conhece a Jesus são cativantes. Todos querem o que ele tem. Desejam ser capazes de sobreviver à vida com o mesmo tipo de alegria. Embora não sejam muitos os portadores do vírus da AIDS sentados na plateia a ouvi-lo, vários espectadores enfrentam algum tipo de dor. E querem ter a mesma esperança que Steve encontra em Cristo.

Temos visto isso acontecer com outros estudantes em vários ambientes. Eles não questionam a experiência de outros. Com isso em mente, alguns membros da nossa equipe estão procurando maneiras de combinar testemunho com algumas questões de transição no final, para chegar ao ponto de vista da outra pessoa.

## ESTRATÉGIA DE TREINAMENTO

Uma de nossas preocupações em treinar estudantes no evangelismo é desenvolver pessoas que tanto estejam dispostas quanto sejam capazes de se conectar com o perdido. Para estudantes que se entregaram a Cristo há pouco tempo, isso não costuma ser um problema. Contudo, muitos dos que se entregaram a Cristo quando crianças se sentem pouco à vontade em se relacionar com estudantes não cristãos. Eles precisam adquirir tanto a motivação quanto as habilidades para o evangelismo.

Algumas coisas são evidentes. Até que tentem compartilhar Cristo, os estudantes não se abrem muito para o treinamento específico. Propiciar-lhes essa experiência é crucial para ajudá-los a descobrir os pontos em que se sentem desconfortáveis. Por se sentirem pouco à vontade de início, o fato de eles compreenderem e internalizarem o coração de Deus para com o perdido é fundamental para que os vejamos dar um passo de fé. Aprender a ouvir os ajuda a responder ao estudante incrédulo. O evangelismo inspirado na figura do servo (que realiza pequenas tarefas como esvaziar cestos de lixo ou distribuir biscoitos ou bebidas durante a época de estudar para os exames) os expõe à realidade de estar perdido e desperta a compaixão em seus corações. Além disso, eles ainda necessitam dos fundamentos para transmitir o evangelho com clareza.

Apesar de alguns desafios apresentados por uma cultura pós-moderna apresenta no *campus*, os estudantes têm fome por algo autêntico. Quando o encontram, reconhecem-no e desejam-no. Por todo o país, eles vêm ao Senhor em números que crescem a cada ano. Estamos criando um clima para aprender a alcançar pessoas nesta cultura, mas, na verdade, ainda não definimos meios para compartilhar o que aprendemos uns com os outros.

Sabemos que todo o corpo de Cristo precisará cooperar para alcançar cada estudante. Temos muitas perguntas, por exemplo: “Como compartilhamos o que

estamos aprendendo sobre ser eficaz? Como construímos uma rede para ajudar uns aos outros? Quem são as pessoas com recursos ou ferramentas e que sentem esse mesmo pulsar no coração para alcançar o *campus*? Como equilibrar o esforço evangelístico formal, que tem o *campus* como área de abrangência e produz contatos filtrados, e a atitude de compartilhar Cristo com amigos? Como continuaremos a ter acesso a uma audiência em constante transformação?”

O que interessa é que queremos ver estudantes como Ryan se entregando a Cristo. Neste último ano, ele conheceu um sujeito no andar em que mora que nunca pusera os pés em uma igreja e que estava à procura de respostas espirituais. Ryan levou esse estudante a Cristo e o trouxe a uma reunião. Depois, o rapaz disse que o que ele ouvira confirmava a decisão que tomara. Pelo fato de Deus estar totalmente envolvido em atrair pessoas para si, continuamos cheios de esperança e gratos pelo que o Senhor está fazendo em meio a algumas dessas mudanças em nossa cultura.

## Referências

- KREEFT, Peter. 1982. *Between heaven and hell* (Downer's Grove: InterVarsity Press).
- LEWIS, C. S. 1952. *Mere Christianity* (Londres: Fontana).
- \_\_\_\_\_. *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009). Tradução de: Mere Christianity.
- \_\_\_\_\_. 1970. *The screwtape letters* (Nova York: Macmillan).
- \_\_\_\_\_. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009). Tradução de: The screwtape letters.
- McDOWELL, Josh. 1994. *More than a carpenter* (Wheaton: Tyndale House).
- \_\_\_\_\_. *Mais que um carpinteiro* (São Paulo: Hagnos, 2012). Tradução de: More than a carpenter.
- MONROE, Kelly, org. 1995. *Finding God at Harvard: spiritual journeys of thinking Christians* (Grand Rapids: Zondervan).

## CAPÍTULO 23

---

### GERANDO ESPERANÇA

Uma estratégia para alcançar a geração pós-moderna

*Jimmy Long*

**A** pesar dos meus 20 anos de envolvimento com o ministério em *campus* de universidades, a princípio entrei para o seminário planejando me tornar pastor. No seminário, perguntei a vários pastores sobre a visão que tinham para suas igrejas. Perguntei-lhes o que os impedia de colocá-lo em prática. Com frequência respondiam que lhes faltavam líderes leigos fortes em quantidade suficiente. Assim, vi Deus me encorajando a entrar em um ministério como o da InterVarsity com o intuito de levantar líderes para a igreja. Durante 20 anos, vi-me como o técnico de um time de beisebol de treinamento. Preparávamos pessoas para a vida de ministério.<sup>1</sup>

Vejo meus próximos dez a vinte anos de ministério um pouco diferente. Meu objetivo será continuar a fortalecer a igreja, mas de outra maneira. Enquanto observo as mudanças sociais pós-modernas influenciarem os estudantes e atuo como presbítero em minha igreja local, meu foco está mudando. Em vez de preparar esses jovens adultos para entrar na igreja, entendo que meu papel é preparar a igreja para receber os jovens pós-modernos. O processo de acolhimento desse pessoal pela igreja inclui dar-lhes as boas-vindas, ir ao encontro deles onde quer que estejam, entender quem são, levá-los à comunhão, ajudá-los a crescer e, mais tarde, entregar-lhes a liderança da igreja. Temos à nossa frente uma tarefa grandiosa. Penso que Deus nos quer ver envolvidos nela pelos próximos vinte anos.

<sup>1</sup>Uma discussão mais extensa do material deste capítulo pode ser encontrada em Long, 1997.

Comecei essa jornada há cerca de dez anos, na época do Natal, quando me preparava para dar uma conferência para um grupo de estudantes. Embora eu não seja muito bom em conversas informais, perguntei meio por acaso a uma pessoa sentada ao meu lado se ela pretendia voltar para casa para passar o Natal. Não conhecia Joan até então e mais tarde fiquei sabendo que ela não era cristã. A duas semanas do Natal, imaginei que seria uma pergunta fácil. Esperava ouvi-la dizer sim, ou compartilhar seus planos de viagem caso não fosse para a casa dos pais. Em vez disso, ela se pôs a chorar. Naquele instante me apresentaram como o conferencista, de modo que precisei ir à frente e começar minha exposição. Não tive a oportunidade de conversar com ela e me senti mal por causa disso durante toda a conferência. Não me lembro de nada do que eu disse, mas, depois que acabou, fui até ela e falei:

— Joan, é evidente que toquei em um ponto sensível em que não pretendia tocar.

Ela respondeu que estava tudo bem e continuou:

— Não sei onde é minha casa. Veja bem, há dez anos, quando eu tinha 10 anos, meus pais se divorciaram, e agora cada um deles se divorciou de novo. Portanto, onde é minha casa?

A história de Joan me fez começar a pensar melhor na cultura em transformação e perguntar como Deus quer que mudemos nosso ministério para sermos capazes de causar impacto nela. Assim, comecei a me debater com algumas dessas ideias. Uma das coisas que cruzou meu caminho bastante rápido foi um cartum que, em minha opinião, tipifica muitos em um mundo pós-moderno. O desenho mostra um jovem na primeira semana de sua vida dentro do dormitório de uma universidade — talvez no primeiro dia, considerando que o quarto aparece todo arrumado. Ele quer muito se encaixar no mundo do *campus*, de modo que vive um dilema para decidir que camiseta usar. Uma delas traz no peito a expressão “Just do it”; a outra, “Just say no”.<sup>2</sup> A legenda do cartum diz: “Há dias em que levo horas para me vestir”. Essa confusão é um exemplo das coisas com as quais lutamos. Os estudantes estão confusos, as pessoas pós-modernas estão confusas e nós que ministramos entre elas estamos confusos. Como achar algum sentido no que está acontecendo?

Quando fui estudar na Universidade Estadual da Flórida, no fim da década de 1960, eu imaginava me tornar meteorologista. Queria ser um desses malucos que voam para dentro de furacões com o objetivo de ajudar a domesticá-los. Permaneci dois ou três anos na meteorologia, até deparar com as equações diferenciais. Embora tivesse sido aprovado, não gostei nada daquilo. Ainda sinto amor

<sup>2</sup>Essas duas expressões identificam, respectivamente, a marca esportiva Nike e a campanha anti-drogas do governo americano. Significam “Simplesmente faça” e “É simplesmente rejeite”, respectivamente. (N. do T.)

pela meteorologia e minha família pode confirmar minha tendência a mergulhar nos detalhes da previsão meteorológica de cada dia.

Hoje estou convencido de que me encontro no meio de um furacão no ministério tanto quanto estaria, literalmente, se tivesse seguido a carreira da meteorologia. Permita-me descrever o que acredito estar acontecendo na sociedade atual usando a analogia do furacão. Dentro de um furacão, há dois padrões de ventos. Há o vento que circunda o furacão e é semicircular. Ele atinge quase 200 quilômetros por hora e é com ele que mais nos preocupamos, porque é responsável pelos maiores estragos. Os tornados típicos surgem desse padrão, bem como as faixas de chuva que os alimentam. O segundo padrão de vento é o mecanismo que direciona o furacão.

Há alguns anos, o furacão Fran atingiu a costa da Carolina do Norte. Eu acabara de embarcar minha esposa em um avião rumo à Flórida para visitar seus parentes. Tranquilei-a dizendo que a tempestade que se formava não nos atingiria, pois estávamos no meio do estado, ou seja, longe da costa e do caminho previsto para o furacão. Minha filha e eu assistimos à cobertura do noticiário quando o furacão Fran atingiu a costa. Conhecíamos o lugar que ele estava assolando e perguntamo-nos qual seria a extensão da catástrofe na região. Fomos para a cama confiantes de que a tempestade acompanharia a linha costeira em sentido norte até sair para o oceano. Por volta de uma hora da manhã, minha filha me acordou e sugeriu que fôssemos para o andar de baixo. Perguntei por que e então percebi que podia ouvir o vento forte destruindo nossa casa. O furacão se voltara para a nossa direção. Em vez de seguir pela costa, a tempestade atravessara o estado e viera na direção de Raleigh, Chapel Hill e Durham. Atingiu-nos em cheio. Não consideráramos a possibilidade de que o segundo padrão de vento, o mecanismo de direcionamento do furacão, mudaria de forma tão drástica. Ele conduz o furacão para o próximo local que ele devastará. Na verdade, é a parte mais importante da tempestade a ser estudada, mas não pensamos muito nisso em razão do impacto imediato das chuvas e dos ventos a nossa volta. O mecanismo de direcionamento é o que desejo usar para descrever o que acontece hoje em nossa cultura.

De 1988 a até mais ou menos 1993, comecei a ponderar em como esta nova geração, a geração X, estava influenciando nossa maneira de ministrar. Analisei as diferenças entre minha geração, os *baby boomers*, e a geração X. Ao me debruçar sobre essa transição de gerações, comecei a perceber que faltava alguma coisa na explicação. Estávamos gastando tempo demais estudando a transição da geração de *baby boomers* para a geração X. Investíamos uma quantidade de tempo exagerada examinando essa transição porque ela estava em toda a nossa volta, como as faixas de chuva que alimentam o furacão. Vi algumas mudanças afetarem tanto a minha geração quanto a seguinte. Observei que algumas dessas mudanças eram

não só geracionais como também sociais. Comecei a perceber que estávamos no meio de uma transição maior do que uma simples passagem de geração. Era a transição do Iluminismo (ou o que agora se convencionou chamar de modernismo) para o pós-modernismo. Se não compreendêssemos a interação entre as duas e enfim não nos concentrássemos no pós-modernismo e na interação com a cultura pós-moderna, deixaríamos de ver a transição mais importante. Essa transição para o pós-modernismo é como o vento que direciona um furacão. Ela está conduzindo a sociedade a um novo e importante paradigma.

Vemos no pós-modernismo uma mudança importante. Provavelmente a sexta ou sétima grande mudança desde o tempo de Cristo. David Bosch, teólogo sul-africano que morreu de modo bastante repentino há cerca de sete anos, escreveu um livro chamado *Transforming mission* (1991).<sup>3</sup> Nele, Bosch identifica diferentes mudanças de paradigma sociais desde o tempo de Cristo e a influência de cada uma delas no ministério e, em especial, nas missões em cada arena. Ele chamou a mais recente mudança de paradigma de ecumenismo. Hoje a maioria de nós a chamaria de pós-modernismo. Ao olharmos para a história, conseguimos identificar transições com 200 ou 300 anos de duração. Na condição de povo de Deus, precisamos ver essas mudanças como oportunidades únicas. A transição para a cultura pós-moderna é uma dessas oportunidades únicas para o ministério.

Um dos meus livros favoritos da Bíblia é Habacuque. Um motivo pelo qual gosto tanto dele é o diálogo entre Habacuque e Deus. Não sou uma pessoa emotiva e fui criado em uma família nada sentimental. Esse livro me ajudou a compreender que não há problema algum em compartilhar minhas emoções com Deus. Habacuque é também um livro que nos ajuda a entender o importante tempo de transição na história de Israel. Antes desse período, os israelitas achavam que Jerusalém, e em especial o templo, nunca poderiam ser destruídos. Mas Habacuque percebe que a destruição do templo vai acontecer. Ele clama a Deus. Pergunta ao Senhor como pode permitir que a injustiça aconteça em Israel. No versículo 5 do capítulo 1, Deus responde dizendo: “Você não acreditaria, nem se lhe contassem [o que vou fazer]”. Ele então descreve como usará os babilônios. Não diz a Habacuque que eles serão levados para o cativeiro e tudo o mais que acontecerá lá. Não creio que Habacuque saberia lidar com toda essa mudança.

Alguns de nós têm dificuldade para lidar com o que Deus fará em nossa cultura nos anos vindouros. Contudo, precisamos tentar entender o que ele está fazendo. Estou convencido de que, como na época de Habacuque, Deus nos está abrindo portas de oportunidade para o evangelho. Quero me concentrar menos no pós-modernismo

<sup>3</sup>Edição em português: *Missão transformadora* (São Leopoldo: Sinodal, 2009).

como um movimento filosófico e mais na cultura pós-moderna. Acho que Deus nos tem aberto, nesta transição de Iluminismo para pós-modernismo, algumas portas de oportunidades para o evangelho ser pregado e vivido, e para que as pessoas venham a conhecer Jesus. Permitam-me compartilhar algumas dessas ideias.

## TENDÊNCIAS NA MUDANÇA PARA O PÓS-MODERNISMO

Se alguém lhe definir pós-moderno, por definição essa não será uma definição de pós-moderno. Será uma definição *moderna* de pós-moderno, porque os pós-modernistas diriam que o pós-moderno não pode ser definido. É provável que tenham razão. Eu gostaria de descrever três tendências dessa mudança de Iluminismo para pós-modernismo.

Uma delas é a mudança de foco *do eu autônomo para o tribalismo*. Essa transição para o tribalismo ou a comunidade envolve pessoas necessitadas de outras pessoas. Nas décadas de 1950 e 1960, quando eu ainda era criança, com a exceção talvez do movimento *hippie*, as pessoas estavam mais preocupadas consigo mesmas e tinham pouco desejo ou necessidade de comunidade. Aqueles de nós que cresceram com a televisão na década de 1960 se lembram que, por muito tempo, o programa mais visto foi o último episódio da série *O fugitivo* — um homem contra o mundo tentando solucionar a vida por si mesmo. Na minha época de estudante da Universidade Estadual da Flórida, minha canção favorita era *I am a rock, I am an island* [Sou uma rocha, sou uma ilha], de Art Garfunkel. Não havia grande perspicácia espiritual na canção, mas ela espelhava como me sentia. Eu estava por minha conta. Comparando com aquela época, hoje as pessoas são atraídas para outras pessoas.

Vemos a evidência dessa atração na televisão. Na série *Friends*, o programa televisivo mais copiado da década de 1990, as seis personagens se tornaram comunidade uns para os outros. Até parte da letra da música-tema ilustra esse sentido de comunidade ou tribalismo:

Então ninguém lhe disse que a vida seria assim.

Seu emprego é uma piada, você está falido, sua vida já era. [...]

Estarei do seu lado como sempre estive.

Estarei do seu lado porque você também está do meu.

Tanto a música-tema quanto a série refletem um senso de comunidade ou de união.

Para os cristãos, o desejo de união em comunidade é, em primeiro lugar, uma coisa boa, pois Deus nos criou para nos relacionarmos não só conosco mesmos e com ele, mas com ele e uns com os outros. Ele nos criou para viver em comunidade.

Esse desejo renovado pela comunidade é uma das portas de oportunidade para o evangelho ser proclamado e vivido. Examinaremos as implicações para o ministério um pouco mais adiante.

Um segundo atributo da cultura pós-moderna é a passagem *da fundamentação das decisões na verdade para a fundamentação com base em preferências*. Na superfície, isso parece ruim para os cristãos, visto que estamos comprometidos com a verdade. Mas a verdade do Iluminismo passado nunca foi a verdade de Deus. As pessoas viviam como se houvesse uma abóbada ao redor do mundo. Não havia nenhuma intervenção de cima, nenhuma transcendência, de modo que todo o mundo e a verdade tinham de ser descritos pelo que podia ser visto e observado. Pelo menos no pós-modernismo esse padrão está ruindo. Há transcendência e há discussão sobre espiritualidade, na qual muitos estão baseando a própria vida. Estamos todos cientes de que existem toneladas de coisas estranhas lá fora. Mas pelo menos existe uma abertura para ideias e experiências espirituais, o que não era tão evidente durante o Iluminismo passado. As pessoas estão mais abertas para ouvir os cristãos falando de Deus porque estão mais abertas para influências espirituais em suas vidas.

A característica final da cultura pós-moderna é a passagem *da crença no progresso humano para a desesperança*. No Iluminismo, quando as pessoas estavam comprometidas com o progresso humano, viam erroneamente o mundo em constante processo de melhoria. Sentiam pouca ou nenhuma necessidade de Deus. Na cultura pós-moderna, todavia, há um senso difuso de desespero. As pessoas estão clamando por ajuda e esperando que a vida seja mais do que vivenciam no presente momento.

Essas são as portas de oportunidade para o evangelho. Na passagem para a comunidade ou tribalismo, vemos as pessoas buscando viver como foram criadas para viver: em comunidade. Na passagem para as decisões baseadas em preferências, somos jogadores de volta ao campo, pois podemos falar com as pessoas sobre coisas espirituais e elas não nos ignoram. Na passagem do senso de progresso humano para o senso de desesperança, vemos uma terceira porta de oportunidade: a de proporcionar a esperança de Deus.

Como ministramos nesse contexto? Primeiro, temos de ser pessoas que chegam com a mensagem da esperança.

## A MENSAGEM DA ESPERANÇA

Uma das coisas de que estou convencido é que, ao pregarmos, ensinarmos e discipularmos, devemos enfatizar a esperança. Hoje, as pessoas estão em busca de esperança e não conseguem encontrá-la. Procuramos em toda parte. Acho interessante ver o impacto do filme *Titanic* na sociedade. Um cartum recente mostra uma fila de pessoas

se preparando para vê-lo no cinema. O casal mais velho, no começo da fila, diz: “Ouvi dizer que as cenas do navio afundando são espetaculares”. Atrás deles, o pessoal mais jovem exclama: “O navio afunda? Obrigado por estragar tudo para nós!”

Como os dois jovens do desenho, hoje estamos todos à procura de esperança. As pessoas desta primeira geração pós-moderna têm visto seus sonhos e heróis morrerem. Seja a princesa Diana, seja Kurt Cobain, todos os seus heróis estão mortos. Um colunista da *Rolling Stone* descreveu Kurt Cobain como um salvador para sua geração, mas ele não era Jesus, e não tinha como salvar ninguém. O colunista prosseguiu dizendo: “Não há mamãe e papai, nem um grande Salvador que desça para nos acompanhar na travessia do milênio. Não existe um Salvador”.

Anos atrás, Arthur Levine escreveu um livro chamado *When dreams and heroes died* [Quando os sonhos e os heróis morreram] (1980) sobre como os heróis desta geração morreram todos. Ele usou o Titanic como exemplo, porque disse que a próxima geração está a bordo dele. Eles sabem como termina, mas querem ir de primeira classe na viagem. Como as pessoas no Titanic, suas esperanças estão condenadas. Nós, cristãos, conhecemos o final do filme e o final do mundo. Precisamos ser aqueles que transmitem aos outros a mensagem da esperança. Que falam cada vez mais de Apocalipse 21 e 22. Que dão uma ideia do que Deus estará fazendo e fará. Devemos dar esperança às pessoas em meio a sua dor e sofrimento presentes.

Há cerca de dezessete anos, o grupo de estudantes da InterVarsity Christian Fellowship realizou um programa evangelístico monumental na UNC-Chapel Hill. Trouxemos Billy Graham por uma semana e recebemos mais de 30 mil pessoas, incluindo 14 mil universitários, que vieram ouvi-lo. Intitulamos a programação *Razão para viver*. Se a repetíssemos agora, no final do século 20, começo do 21, necessitaríamos mudar esse título. Nós a chamaríamos de *Uma oferta de esperança*. O orador usaria algumas das mesmas passagens das Escrituras, mas ofereceria uma mensagem de esperança eterna para um povo sem esperança alguma.

## O MÉTODO: UMA COMUNIDADE AMOROSA

Se a mensagem é de esperança, qual é o método para proclamá-la? Penso que seja o contexto da comunidade. Um dos meus amigos da equipe da InterVarsity que trabalha com estudantes de pós-graduação descreve uma comunidade amorosa da seguinte maneira: “A maior apologética do cristianismo não é um argumento bem arquitetado, mas uma comunidade extremamente amorosa. Nosso Senhor não disse que nos conhecerão por nossas verdades, por mais importante que isso seja; a verdade é muito importante, mas nos conhecerão pelo nosso amor”. Assim, o ponto de partida ao ministrarmos a uma cultura pós-moderna é a mensagem da esperança, e o método para proclamar a mensagem, a comunidade amorosa.

As pessoas estão em busca de um lugar a que pertencer. Há poucos anos, meu filho, que gosta de ouvir *rock*, contou-me sobre a canção de um grupo que a maioria de vocês talvez nunca tenha ouvido falar, Soul Asylum. A canção deles, acredito, tipifica bem o que as pessoas estão procurando hoje. Seu tema é o de buscar um lugar a que pertencer: “Quero viver com você na quinta dimensão, em um sonho que nunca tive; mas como não posso viver desse jeito em um mundo como este, só quero dar um beijo de adeus. [...] Estou muito saudoso, mas ah, isso nem é tão ruim porque sinto saudade do lar que nunca tive”.

A comunidade cristã amorosa é o contexto inicial de um ministério eficaz na cultura pós-moderna. Joan, a pessoa que mencionei anteriormente, envolveu-se com o grupo da InterVarsity no *campus* e foi inserida na comunidade. Seu pequeno grupo era sua comunidade. Esse pequeno grupo a amou e cuidou dela. Eles começaram a ajudá-la a se abrir e a compartilhar sua vida com outros. Falaram sobre Jesus e sobre como Jesus podia recebê-la. Ajudaram-na a enxergar seu pecado e rebeldia contra Jesus e a entender a necessidade da cruz de Cristo em sua vida. No fim do ano, Joan se tornou cristã e começou a compartilhar e a se envolver nessa comunidade amorosa.

## O MODO DE TRANSMISSÃO: HISTÓRIA

Se a comunidade é o contexto para o evangelho, o modo de transmissão é a história. Ela é o ponto de partida para o evangelismo narrativo. Colocamos nossa história no contexto da história divina. Quando hoje cheguei ao Aeroporto de O'Hare em Chicago, sentia-me exausto. Dirigira 1.600 quilômetros nos últimos três dias, montara dois acampamentos, inscrevera 400 estudantes e fizera umas duas preleções antes de partir para pegar o avião para cá, para a Trinity Evangelical Divinity School. Havia um carro esperando por mim no aeroporto, por eu ser um dos conferencistas. (Fiquei contente por não ser uma limusine de verdade, pois teria sido constrangedor.) Mas era um carro muito bom, dirigido por uma motorista a quem chamarei de Jane. Apesar do cansaço, comecei a lhe fazer algumas perguntas, de modo que, na viagem de vinte minutos do aeroporto até a faculdade, ouvi toda sua história de vida.

Jane me contou que, com vinte anos de idade, está noiva e tem um filho de seis anos. Ela vive afastada da família. O pai é viciado tanto em trabalho quanto em álcool. Nunca demonstrou emoção. Ela tinha um relacionamento até que bom com a mãe, uma mulher um tanto inconstante e ausente para com a filha. Mas ela queria ser sua amiga, não sua mãe. Por muito tempo, Jane gostou disso, mas então percebeu que necessitava de uma mãe de verdade. Precisava de direcionamento. Nunca nenhum dos pais disse que a amava, de modo que, no fundo, ela jamais

estabeleceu uma conexão emocional com a família. Envolveu-se em um relacionamento que não acabou bem. Engravidou e teve um filho. Agora, seis anos mais tarde, estava noiva de alguém 35 anos mais velho, pai de um menino de dez anos. Jane está decidida a só se casar uma vez.

Ao me deixar na conferência, ela agradeceu por ouvir sua história. Disse que transportara outros dois grupos de pessoas para lá, e que, quando chegara ao ponto em que mencionava ter um filho de seis anos e ser solteira, a conversa meio que acabara.

Se vamos trabalhar em uma cultura pós-moderna, não podemos ficar chocados com histórias desse tipo. Na verdade, essa é uma história bem amena comparada a algumas das coisas que vocês enfrentam em suas igrejas, ou com pessoas que vivem ao redor de suas igrejas, ou com que deparamos no momento no *campus* da faculdade. Precisamos ser aqueles que ouvirão e permitirão que as pessoas compartilhem suas histórias. E então, temos de ajudá-las a inserir a própria história no contexto mais amplo da história de Deus. Uma de minhas orações é para que Jane me leve de volta para o aeroporto quando a conferência terminar. Se o fizer, creio que agora terei o direito de compartilhar a história divina com ela durante nossa viagem. Talvez eu não tenha essa oportunidade, mas alguém terá ao longo da vida dela. Por eu haver escutado sua história, alguém será capaz de compartilhar com ela como sua história se enquadra na mensagem mais ampla do evangelho.

Tenho um amigo, professor na UNC-Chapel Hill, que não é cristão. Desenvolvemos uma boa amizade. Durante cerca de quatro anos seguidos, fui convidado para dialogar com ele e seus alunos sobre a autoridade das Escrituras. Por volta do quarto ano, nosso diálogo já não causou o mesmo impacto que nos anos anteriores. No outono seguinte, ele telefonou e disse que gostaria que eu assistisse a determinado filme. Ele queria que a classe inteira o visse, e depois ele e eu dialogaríamos em sala de aula a respeito. O filme se chamava *Jesus de Montreal*. Na verdade eu o vi seis meses antes. Não é um filme cristão. Nós o exibimos para a classe e meu amigo professor e eu travamos um diálogo sobre como a vida da personagem principal, retratada no filme, assemelhava-se com a história de Jesus na Bíblia. Analisamos tanto a história do filme quanto o Jesus da Bíblia. Em nosso diálogo, acabamos chegando ao mesmo ponto a que chegáramos nas aulas anteriores, em que eu apresentara um debate mais clássico sobre a autoridade das Escrituras. Contudo, o resultado foi mais poderoso para os estudantes, porque estamos em uma cultura diferente hoje. Eles conseguiram dialogar com facilidade sobre o Jesus histórico com base na história retratada de Jesus no filme. Minhas conversas com eles foram muito mais produtivas. No final falamos sobre a verdade, apenas não começamos por ela — mas por uma história. Como os estudantes hoje não acreditam na verdade — somente em preferências — chegamos à verdade por meio da história.

Precisamos praticar a verdade em nossa vida, na própria história. Quando falo a estudantes universitários cristãos, lembro-os de que uma das maiores dificuldades hoje é que não se pode só dizer o que há para ser dito — é preciso percorrer o caminho que há para ser trilhado. No *campus* ou na comunidade, as pessoas vão olhar para a sua vida — não só para as coisas que você se contém e deixa de fazer, mas para tudo o que você *faz*, especialmente com respeito ao cuidado com as pessoas. Assim, nas nossas igrejas, em nosso trabalho na IBM, em nossa programação intitulada *Mother's Morning Out* [Manhã de Passeio da Mãe] ou nas fábricas, na hora do intervalo, como cristãos, precisamos ser aqueles que servem de modelo para a verdade em nossa vida. Dou a esse viver o evangelho o nome de “apologética encarnada”. Quando vivemos o evangelho, as pessoas começam a enxergar que somos diferentes. Nossa vida e história as deixam curiosas. Elas se abrem para compartilhar a própria história conosco. Então passamos a ter o direito de compartilhar a história de Deus com elas.

Embora eu considere que as pessoas ainda possam se tornar cristãs por meio de grandes reuniões evangelísticas, penso que um número pequeno o fará. Embora eu ache que as pessoas ainda possam se tornar cristãs em um ambiente onde o evangelho é compartilhado com elas uma única vez, penso que poucas o farão. Para um número maior de pessoas, tornar-se cristão será um processo mais longo. A boa notícia é que, se fizermos isso da maneira correta, essas pessoas serão cristãs pela vida toda, porque implementaram uma mudança radical, não uma simples decisão de momento como uma espécie de apólice de seguro para a vida após a morte.

## A ORDEM: O GRANDE MANDAMENTO

Se o método é a comunidade amorosa e o modo de transmissão do evangelho, a história, qual é a ordem? Há muito tempo usamos a Grande Comissão como a ordem para que sejamos testemunha do evangelho de Jesus Cristo. Todavia, penso que na cultura pós-moderna o Grande Mandamento, e não a Grande Comissão, deveria ser nossa ordem. Embora acabemos no mesmo lugar, partimos de um ponto diferente. Testemunhamos porque Deus nos amou primeiro. Nossa resposta ao seu amor é amar a Deus e ao próximo. Ele nos chama para ser um povo amoroso, para cuidar dos outros. Continuaremos discipulando e ensinando, mas a apologética encarnada diz que começamos com uma comunidade e com a ordem de amar. Posso lhes assegurar que, para os pós-modernos, o Grande Mandamento pode ser a princípio uma ordem mais atraente do que a Grande Comissão.

Para os cristãos que lutam com uma imensidão de aspectos relacionados à tolerância, o Grande Mandamento é um desafio. Nesta era da tolerância, achamos difícil falar de Jesus a nosso vizinho no prédio de apartamentos em que moramos,

ou à pessoa que senta a nosso lado no trabalho ou na sala de aula. Temos sido ludibriados pela sociedade e por Satanás a enxergar a tolerância como um valor elevado nos dias de hoje. Em vez disso, eu diria que a tolerância, da forma como é definida nos tempos atuais, é um valor muito aviltado. Precisamos superar o muro da tolerância que nos impede de sermos testemunhas de Cristo. Anos atrás, G. K. Chesterton disse: “Tolerância é a virtude do homem ou da pessoa sem convicções”.

“Tolero qualquer coisa” é muito pós-moderno. Eu prefiro isso, você aquilo, tudo bem. Em um livro recente, Don Posterski, vice-presidente da Visão Mundial do Canadá, disse que “em vez de levar as pessoas a sério, a tolerância as trata com superficialidade. Em vez de transmitir a ideia de que você e aquilo em que acredita devem ser valorizados, a tolerância diz que vou aturar você. Essa é só outra forma de dizer que vou suportar você. Ao fazer isso, a mensagem [implícita] é que você não será levado a sério” (Posterkis, 1995, p. 138).

No livro *The future of the church* [O futuro da igreja], Douglas John Hall escreve: “A tolerância reflete com uma exagerada facilidade a decisão de simplesmente olhar além das pessoas, permitindo que tenham suas crenças. Isso pode ser suficientemente bom nos sentidos legal e político para a sociedade pluralista, mas não é bom o bastante para quem disse não para tolerar o próximo, mas, sim, amá-lo” (1989, p. 57). Ao considerar a possibilidade de sermos testemunhas em uma cultura pós-moderna, temos de lidar com a tolerância. Precisamos ajudar as pessoas a verem que a tolerância é um valor muito inferior se comparado ao valor elevado do amor. O tipo de amor com que Deus nos chama a nos envolvermos é difícil.

O que Jane, a motorista da “limusine”, precisava encontrar na mãe não era uma boa amiga; ela precisava receber amor de sua mãe. No entanto, o amor que ela necessitava da mãe era profundo, um amor difícil, que a ajudasse a distinguir o certo e o errado. Temos uma cadela de 22 quilos chamada Missy e a amamos com ternura. Missy é dotada de uma natureza muito independente — em parte porque temos um quintal grande e lhe permitimos perambular por ele à vontade. Quando a levamos para passear, contudo, uso uma coleira no pescoço. Assim, se ela avançar para a rua, basta puxá-la de volta. É uma atitude dura que tomo com ela? Em certo sentido, sim, mas é também amorosa. Quando falamos em amor, não nos referimos a um sentimento meloso que permite às pessoas fazerem o que bem entendem, mas a um amor profundo como do pai para com o filho, do líder para com os membros, de nós para com nossos amigos. Parte do que define a boa comunidade é a importância profunda com que as pessoas se consideram e o tempo que passam juntas.

O modo mais crucial de viver o amor dentro da igreja ou do ministério em *campus* de universidades é por intermédio das comunidades de grupos pequenos

formais e informais. Fiz parte de um grupo de pessoas dentro da equipe da InterVarsity, em 1981, as quais escreveram um livro chamado *Small group leaders handbook* [Manual dos líderes de grupos pequenos]. O livro descrevia os quatro componentes de um grupo pequeno — cuidado, adoração, comunhão e evangelização. Em 1995, chefei a equipe que escreveu *The small group leaders handbook, the next generation* [Manual dos líderes de grupos pequenos: a geração seguinte]. Nos 14 anos de intervalo entre o primeiro e o segundo livro, aprendemos que os integrantes do grupo pequeno não são todos iguais. Na década de 1990 e seguintes, para ser um grupo pequeno eficaz, o componente central era a comunhão bíblica. Também aprendemos que grupos pequenos eficazes não são construídos durante uma hora e 15 minutos. Se são mesmo eficazes, tornam-se uma espécie de família. Isso quer dizer que a maneira como inserimos as pessoas em grupos pequenos, seja no ministério em *campus*, seja no contexto da igreja, é muito importante. Hoje lutamos para descobrir como inserir em grupos pequenos pessoas que já tenham algum tipo de relacionamento mútuo, de modo que possam dar sequência a esse relacionamento. Estamos tentando chegar a um acordo sobre como encorajar esses grupos pequenos a irem além do compromisso de um ano. Também estamos aprendendo a deixar os grupos pequenos abertos como uma comunidade mais ampla para acolher outras pessoas.

Se vamos ministrar em um contexto pós-moderno tanto a pessoas que são cristãs quanto às que não são, temos de proporcionar uma comunidade, um lugar íntimo em que elas sejam cuidadas. Em muitos casos, um grupo pequeno ou um acontecimento social serve de porta de entrada para a igreja ou para um grupo de *campus*.

Para uma pessoa pós-moderna, o fato de se tornar cristã não implica uma conquista meramente intelectual; trata-se de um abandono, um divórcio da comunidade anterior. Um dos membros da Cruzada Estudantil da UNC-Chapel Hill há pouco tempo compartilhou comigo sobre seu relacionamento com uma pessoa envolvida em um grupo anticristão no *campus*. A pessoa que ele estava procurando ajudar acabou constatando o que a impedia de se tornar cristã. Não era uma pedra de tropeço intelectual, mas emocional. Caso se tornasse cristão, o mais difícil seria deixar sua comunidade.

Como ajudar os não cristãos a superar esse dilema? Primeiro, com outros cristãos da nossa comunidade cristã, precisamos entrar na comunidade deles. Temos de passar a conhecer não só a pessoa à qual estamos testemunhando, mas também outras da mesma comunidade. Precisamos trazê-las à nossa comunidade cristã. Devagar, com o tempo, passamos a conhecê-las e elas a nós. Aos poucos, elas começam a enxergar que, embora deixem uma comunidade, estão se inserindo em outra, melhor. É uma situação bastante semelhante a deixar pai e mãe para se unir

ao cônjuge no matrimônio. Assim, para o pós-moderno, o mais crítico não é a mudança do pensamento racional, mas a mudança de comunidade. É uma troca de lealdade — não só a Jesus, mas a um grupo de pessoas — e demorará mais tempo para acontecer.

Uma das coisas que estamos implementando na InverVarsity é a mudança da nossa declaração de propósito. Uma expressão fundamental em nossa nova declaração é “comunidades de testemunho”. Por tradição, quando pensamos em testemunho, o que nos vem à cabeça é sair para evangelizar; quando pensamos em comunidade, o movimento é contrário, voltado para dentro. Consideramos o testemunho como algo que se faz — ou que se proclama — e comunidade, como algo com que você se relaciona. Na cultura pós-moderna, no entanto, se pretendemos ser ministros e testemunhas eficazes, precisamos nos tornar uma comunidade de testemunho.

As comunidades não são só para os cristãos; servem também como portas de entrada para não cristãos. Nosso testemunho deveria fluir da vida da comunidade. Parte dele consiste em mostrar às pessoas o evangelho sendo vivido em meio ao povo de Deus. O livro de Atos é uma descrição vívida dessa comunidade de testemunho. Jesus diz em Atos 1.8: “... sereis minhas testemunhas”. Ele não nos dá uma opção. Contudo, do capítulo 2 ao 6, Lucas fala sobre a comunidade, essa comunidade de testemunho. Em Atos 2.47, ele diz que viviam “contando com o favor de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava a cada dia os que iam sendo salvos”. O testemunho acontecia por meio da comunidade.

Parte do nosso testemunho consiste em trazer pessoas à comunidade. Mas como isso acontece? Quero compartilhar algo que ainda está em processo. Eu o descrevo como uma jornada.

## O PROCESSO PÓS-MODERNO DE CONVERSÃO

Alguns têm lutado para tentar definir como se dá o processo de conversão pós-moderno. Permitam-me compartilhar com vocês algumas observações preliminares. A primeira é que as pessoas partem de uma insatisfação com a vida. Elas estão confusas quanto ao sentido da vida e anseiam por relacionamento. Sou muito grato pelo fato de que 90% das pessoas que vivem na cultura pós-moderna já estão nesse ponto. Sentem-se insatisfeitas com a vida mesmo tendo um emprego excelente. Estão confusas em relação ao sentido das coisas devido às preferências. Anseiam por relacionamentos porque Deus as criou para a comunhão, mesmo que elas ainda não tenham se conscientizado disso.

Então, elas têm contato com cristãos. Entramos em sua comunidade e elas na nossa. Em seguida, convertem-se à comunidade. Começam a frequentar nossa igreja ou grupos pequenos da igreja, ou nosso grupo no *campus*, e isso nos deixa

entusiasmados. Podem até começar a sentir Deus na adoração como parte da comunidade adoradora. Contudo, o que acontecerá (se não formos cuidadosos) é que só se converterão à comunidade. Com o tempo se formarão e/ou se mudarão para algum outro lugar e se converterão a outra comunidade que talvez nada tenha a ver com Cristo.

A geração *baby boomer* primeiro se converteu intelectualmente. Tínhamos o conhecimento intelectual de que Jesus era Salvador e Senhor, mas muitas vezes não chegamos ao coração da questão ou às emoções. É bem provável que a atual geração se torne cristã através do coração a princípio, ou que se converta apenas à comunidade cristã. Contudo, precisamos nos certificar de que ela se converta não só à comunidade, mas ao Rei da comunidade, Jesus Cristo. Esse é o ponto em que a revelação bíblica precisa estar presente o tempo todo. Pode acontecer em um contexto de pregação, ou no contexto individual do grupo pequeno, mas deve ser feita. Então, à medida que as pessoas crescerem no compromisso com Cristo e passarem a contribuir para a comunidade do corpo de Cristo, elas se tornarão parte da comunidade de testemunho.

Gostaria de concluir compartilhando com vocês a conclusão do meu livro *Generating hope: a strategy for reaching the postmodern generation* [Gerando esperança: uma estratégia para alcançar a geração pós-moderna]: “Muitos cristãos veem essa geração pós-moderna como uma causa perdida. Entretanto, penso que a oportunidade de restauração é maior hoje do que foi nos últimos 40 anos. [...] À medida que nos aproximamos do século 21, a geração pós-moderna luta para sobreviver às mudanças desconcertantes que a rodeiam. Sente-se desolada. Estamos prontos para lhes oferecer a esperança de Deus? [...] O Senhor está nos chamando para sermos um povo de esperança, que oferece seu evangelho de esperança a uma geração sem esperança” (1997, p. 211).

## Referências

- BOSCH, David J. 1991. *Transforming mission* (Maryknoll: Orbis).
- \_\_\_\_\_. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão* (São Leopoldo: Sinodal, 2009). Tradução de: *Transforming mission*.
- HALL, Douglas John. 1989. *The future of the church: where are we headed?* (Toronto: United Church Publishing House).
- LEVINE, Arthur. 1980. *When dreams and heroes died* (San Francisco: Jossey-Bass).
- LONG, Jimmy. 1997. *Generating hope: a strategy for reaching the postmodern generation* (Downers Grove: InterVarsity Press).
- POSTERSKI, Don. 1995. *True to you: living our faith in a multi-minded world* (Winfield: Wood Lake Books).

## CAPÍTULO 24

---

### WILLIAM CAREY REVISITADO

Indo atrás de cada estudante universitário

*Mike Tilley*

**W**illiam Carey é conhecido como o pai das missões modernas. Mas, em 1786, quando ele falava sobre a Grande Comissão, os pastores na Inglaterra retrucavam dizendo: “Sente-se, meu rapaz. Se Deus quisesse alcançar os pagãos, poderia fazê-lo sem a sua ajuda”. Em resposta, Carey escreveu um tratado intitulado *Enquiry into the obligations of Christians to use means for the conversion of the heathens* [Investigação sobre as obrigações dos cristãos de usar meios para a conversão dos pagãos]. Foi o próprio William Carey quem mais tarde aconselhou: “Espere grandes coisas de Deus; faça grandes coisas para Deus”.

Ao enfrentarmos a tarefa de evangelizar os pós-modernos dos nossos dias, podemos tirar duas lições de William Carey. Primeira, ele acreditava que a igreja precisava levar o evangelho a todas as pessoas. Segunda, ele não era fatalista — acreditava que Deus usa meios para a propagação do evangelho.

Quando trato da questão de ir atrás de cada universitário, falo não só àqueles que estão no ministério universitário, mas a todos que têm um vasto campo de responsabilidade e poucos recursos. Gostaria de abordar um estudo de caso e compartilhar o ponto de vista de alguém com experiência em um processo organizacional empreendido à luz da visão de alcançar cada estudante para Jesus Cristo.

#### ENCARANDO A REALIDADE

O que será necessário para alcançar todos os estudantes universitários dos Estados Unidos? Passei a encarar essa questão desde o momento em que fui convidado a

me unir à equipe nacional do ministério em *campus* da Cruzada Estudantil. Em 1991, começamos a enfrentar duas realidades difíceis.

Primeiro, os universitários haviam mudado desde a década de 1960. Quando me envolvi na Cruzada Estudantil na condição de calouro da Virginia Tech, em 1971, compartilhávamos nossa fé com cinco pessoas e uma demonstrava haver tomado a decisão de confiar em Cristo. Por volta do final da década de 1970, compartilhávamos o evangelho com 20 pessoas para ver uma decisão. Os estudantes tinham mudado, e algumas das abordagens clássicas ao evangelismo, que funcionavam nos anos 1960, não pareciam tão eficazes. Hoje chamamos isso de pós-modernismo, mas já conhecemos um solo mais endurecido ao longo da década de 1980.

Segundo, estávamos posicionados para alcançar apenas uma pequena porcentagem dos 14 milhões de universitários americanos. É verdade que atuávamos em 300 *campi* em 1991, mas havia mais de 2 mil deles fora do nosso alcance. Alguém verificou com outros ministérios pareclesiásticos e calculou que, segundo as estimativas, apenas 30% dos estudantes americanos estavam dentro do alcance do evangelho em qualquer ano que se escolhesse para analisar. Isso deixava dez milhões de estudantes sem ouvir falar de Cristo. Isso não significa que não houvesse nenhuma igreja por perto — apenas que ninguém tinha planos de alcançar esses dez milhões em uma linguagem que pudessem entender. Além disso, mal começáramos a delimitar nossas fronteiras quando estudos demográficos mostraram um aumento dramático na porcentagem de estudantes de outras etnias.

## MUDANÇA REVOLUCIONÁRIA

Em 1991, Steve Sellers, diretor do ministério em *campus* universitário da Cruzada Estudantil, sentiu-se profundamente preocupado em dar a cada estudante a oportunidade de ouvir falar de Jesus Cristo. A ideia fez muitos revirarem os olhos (“Cai na real”), mas Steve estava convencido de que devíamos levar isso adiante em fé. Ele estivera prestando bastante atenção à realidade relacionada ao declínio do nosso ministério e concluía que havia necessidade de uma mudança revolucionária. Embora um processo de mudança organizacional como esse envolvesse grande risco, Sellers acreditava ser mais arriscado não mudar. Passáramos do ponto em que podíamos enfiar a cabeça na areia e acreditar em nossos relatórios.

O primeiro passo foi reorganizar o ministério nos *campi* das universidades dos Estados Unidos em torno de algo que chamamos de escopo abrangente da nossa missão. Com isso, queríamos dizer levar a Grande Comissão e Atos 1.8 a sério. Como nosso chamado era voltado para os universitários, pretendíamos estar em posição de dar a cada estudante a oportunidade de ouvir. Assim, Steve criou um ministério que tinha uma “equipe no *campus*” para fortalecer nossa abordagem clássica de colocar

equipes nas grandes universidades. Em seguida, novas equipes foram formadas para se concentrarem em outras áreas: uma equipe que funcionava como um catalisador para liderar a expansão do ministério nos Estados Unidos a 2 mil novos *campi*; uma equipe de recursos interculturais (ICR, em inglês) para liderar um ministério contextualizado voltado para estudantes étnicos e uma rede mundial de estudantes (WSN, em inglês) para liderar a área de ministérios internacionais pioneiros.

O próximo passo foi pôr em ação um processo de direcionamento de longo alcance. Reunimo-nos como equipe nacional para definir nossa missão e valores centrais. Apesar de um processo desses às vezes ser superficial, queríamos mesmo manter acesa a chama das missões e dos valores. Este se tornou nosso manifesto: transformar estudantes perdidos em trabalhadores centrados em Cristo. A declaração pode parecer inócua, mas ajudou de maneira poderosa a nos focarmos nos estudantes perdidos, não alcançados.

Quando tentamos deter o declínio de uma organização, é fácil mudar a estrutura organizacional e as palavras no papel; muito mais difícil, contudo, é mudar valores. Nossa equipe adotou três valores básicos: fé, eficiência e crescimento. Embora declarássemos que a fé era um de nossos valores, sentíamos que com muita frequência só estávamos sendo fiéis. Embora declarássemos que a eficiência era um valor, com grande frequência contentávamo-nos com o fato de estar sempre atarefados. E embora declarássemos que o crescimento (da nossa equipe e dos estudantes) era um valor, nosso valor real era sempre a nossa felicidade. Fé envolvia viver na dependência de Deus e confiar nele para operar poderosamente enquanto avançávamos para o futuro. Eficiência significava abrir mão de estratégias que já não eram mais válidas e se adaptar a uma cultura estudantil em transformação, acima de tudo na área do evangelismo. Crescimento significava nada menos do que desenvolver uma nova geração de líderes. Nesse desenvolvimento de novos líderes, queríamos dar atenção a questões de caráter e integridade, bem como a outras áreas essenciais de liderança espiritual.

## **DEUS USA, SIM, OS MEIOS**

Nesse ponto, alguém poderia perguntar: “Por que gastar tempo e energia com questões organizacionais e de estratégia? Por que não orar apenas?”. Creio que há sempre três fatores que atuam em qualquer esforço cristão que cause um impacto duradouro e genuíno por Cristo. Esses três fatores podem ser observados em qualquer igreja ou organização cristã, de William Carey à Willow Creek, da Young Life à Cruzada Estudantil, de Chicago a Xangai.

Primeiro, essencial para qualquer movimento cristão bem-sucedido do ponto de vista bíblico é a obra do Espírito de Deus. Vemos um belo exemplo dessa obra

no rio cada vez mais profundo de Ezequiel 47 levando cura às nações. Quando Jesus prometeu o poder do Espírito Santo em Atos 1.8, referia-se ao manancial da expansão do evangelho no livro de Atos. Em toda a história da igreja, Deus tem se movido na vida de indivíduos e de nações, e usado de maneira poderosa as orações do seu povo. É correta nossa preocupação com o desafio de evangelizar pós-modernos, mas pense onde Deus está se movendo hoje. Os muros nacional e étnico estão ruindo. Contemplamos parcerias sem precedentes no corpo de Cristo. O interesse espiritual está aumentando. No ano letivo de 1997-98 nos Estados Unidos, centenas de estudantes empenharam sua lealdade a Cristo em resposta ao chamado de colegas que tinham assinado o Compromisso do Milênio. Deus continua soberano sobre os acontecimentos que se passam ao nosso redor. Como disse William Carey: “Espere grandes coisas de Deus”.

Segundo, qualquer esforço cristão bem-sucedido do ponto de vista bíblico envolve liderança humana. Pense em Moisés, Neemias e Paulo. Pense em Bill Hybels, Billy Graham e Bill Bright. Existe, *sim*, um fator liderança em qualquer ministério. Parte do meu trabalho envolve montar nas metrópoles equipes que visam alcançar grande número de universitários nas principais cidades americanas. Faz uma diferença enorme conseguir o diretor certo para esses times. Quando essa pessoa tem uma visão dada por Deus, o caráter de um líder e um sentimento de que a missão de alcançar a cidade é a sua missão, com frequência a visão se converte em realidade. Por isso investimos muito tempo e dinheiro no desenvolvimento de liderança. Temos uma escola de liderança; um desenho claro do que é necessário para liderar; e um processo para o desenvolvimento de líderes que envolve educação, exposição, experiência, ambiente e avaliação. Deus colocou no coração de Neemias uma chama para reconstruir o muro de Jerusalém e usou-o para mobilizar o povo e implementar um plano nesse sentido. Neemias disse: “O Deus do céu é quem fará com que sejamos bem-sucedidos” (Ne 2.20). Em seguida, ele pôs as mãos à obra.

Por fim, creio que qualquer obra bem-sucedida do ponto de vista bíblico segue uma estratégia. É muito comum que os cristãos criem uma falsa dicotomia entre confiar em Deus e seguir uma estratégia. Contudo, se a estratégia não fosse importante, seríamos fatalistas. Nem mesmo faríamos uma conferência sobre a evangelização de pós-modernos. Precisamos orar e confiar em Deus. Em seguida, na manhã de segunda-feira, devemos acordar e desenvolver algum tipo de abordagem. Talvez manifestemos essa preferência por uma espécie de fatalismo espiritualizado, porque ele nos isenta da responsabilidade, mas Deus quer que usemos nosso santo bom senso. É certo compreender uma cultura a fim de alcançá-la. É certo tornar-se “tudo para com todos” (1Co 9.2). Foi certo Neemias dispor estrategicamente as pessoas ao longo do muro e executar um plano para

concluir a obra. “Espere grandes coisas de Deus; faça grandes coisas para Deus”. A estratégia dá pernas à visão.

## UM MINISTÉRIO “CATALÍTICO” PARA IR ATRÁS DE CADA UNIVERSITÁRIO

O que será necessário para alcançar cada universitário? Como parte do desafio de 1991 para a Cruzada Estudantil, pediram-me que formasse uma equipe catalítica que se debruçasse sobre a questão. Nossa ordem era criar de cinco a sete novas estratégias de expansão e providenciar liderança para evangelizar cada universitário que estivesse fora do alcance das nossas equipes que atuavam em 200 *campi*. Esse time consistiria de dez diretores regionais, cada um dos quais confiaria em Deus para levantar líderes suficientes para implantar, por região, 200 novos ministérios de *campus* — dois mil em todos os Estados Unidos.

Sonhávamos com um esforço expansionista de caráter pioneiro. Como disse Paulo em Romanos 15.20, queríamos ir “[a]onde Cristo ainda não era conhecido” (NVI). Sonhávamos com um esforço que gerasse inovação. Como “a necessidade é a mãe de todas as invenções”, estava claro que a magnitude da tarefa exigiria criatividade e imaginação. Era estimulante a liberdade de sonhar com novas estratégias. Pense em como Deus havia usado o filme *Jesus*. Qual poderia ser a próxima ideia? Além de pioneirismo e inovação, sonhávamos em conseguir a cooperação radical de igrejas e de outras partes do corpo de Cristo. A magnitude da tarefa era ampla demais para a Cruzada Estudantil — precisávamos de uma rede de alianças entre ministérios que refletisse exaustivamente a respeito de uma questão: “O que podemos fazer juntos para alcançar cada estudante para Jesus Cristo?”. Por fim, sonhávamos cheios de expectativa em oração. Queríamos que o esforço trouxesse glória para Deus e queríamos ser capazes de olhar para trás e dizer: “Isso é algo que Deus fez”. Assim, comprometemo-nos a seguir adiante em oração.

À medida que orávamos e avançávamos, éramos compelidos por certos textos bíblicos poderosos. Examinando Gênesis 15.1-6, vimos que a descendência de Abraão seria tão grande quanto as estrelas dos céus. Deus traçara um plano para a história da salvação, e nosso trabalho não tinha a ver apenas com a revitalização de uma organização, mas com nossa participação no plano de Deus. Versículos como Marcos 1.38, Atos 1.8 e Romanos 15.20 alimentavam nosso desejo de alcançar todas as pessoas para Cristo. O livro de Atos tornou-se nosso manual de expansão enquanto buscávamos implantar novos ministérios em *campus*.

## NOVAS OPORTUNIDADES E ESTRATÉGIAS PARA IR ATRÁS DE CADA UNIVERSITÁRIO

As passagens bíblicas citadas no parágrafo anterior nos lembram de que alcançar cada universitário é algo *desejável*. Não precisamos revirar os olhos diante de uma visão aparentemente impossível. Deus pode fazê-lo, e devemos esperar grandes coisas da parte dele. Mas a visão não só é desejável como também está se tornando factível. Graças à obra de Deus em nosso presente, podemos aproveitar oportunidades (o que alguns chamam de momentos *kairós* — veja Cl 4.5) e formular estratégias que nos permitem ser eficazes para a glória de Deus. Aqui estão algumas das estratégias, aliadas a oportunidades, que começam a dar frutos:

1. *0800 do estudante*: Descobrimos que, perto de cada *campus*, Deus já tem o pessoal para alcançá-lo para Cristo. Por exemplo, qualquer universitário cristão pode sentir vontade de dar início a um ministério em *campus*. Nos Estados Unidos, esse estudante pode ligar para 1-800-678-LINC e obter ajuda no desenvolvimento de um novo ministério. Um membro treinado da equipe consegue orientar líderes estudantis de 10 a 15 *campi* por telefone, *e-mail* ou mediante visitas pessoais.
2. *Equipes metropolitanas*: Uma equipe que vai a cada *campus* da cidade consegue desenvolver um movimento que abranja toda a cidade formando um time de líderes estudantis em cada *campus*. Introduzimos equipes nas 20 principais cidades dos Estados Unidos e estamos vendo progresso de Boston a Seattle, passando por Atlanta, St. Louis, Chicago e Los Angeles. São equipes catalíticas no sentido de que se associam a recursos locais e não dependem intensamente dos membros contratados do ministério. O ministério metropolitano de Atlanta agora conta com o envolvimento de 400 estudantes em 15 *campi*.
3. *Parcerias de igrejas*: Se queremos lançar 2 mil novos ministérios em *campi*, não seria o caso de haver perto de muitos desses *campi* perto de uma igreja? Por que não ajudar essas igrejas a formarem ministérios universitários vitais para alcançar cada estudante? À medida que relacionamentos de confiança foram se formando, descobrimos que poderíamos realizar mais juntos do que separados, e Deus é glorificado com isso.
4. *Estratégias amplas de sementeira*: Às vezes as denominamos de estratégias de exposição ou cobertura. Imagine mudar o clima de um *campus* usando cartazes ou anúncios em jornais que instiguem o pensamento ou sejam bem-humorados. Ou imagine dar uma sacola de presente para cada calouro do *campus* contendo uma Bíblia, um CD de música, o livro *More than a carpenter*

[Mais que um carpinteiro] de Josh McDowell e outras informações úteis. Líderes locais distribuíram 160 mil desses Kits de Sobrevivência do Calouro em 1997/1998.

5. *Relacionamentos de alta qualidade*: O estudante pós-moderno anseia pela comunidade, por relacionamentos e autenticidade; e é sobre esse tipo de vida que a Bíblia fala em Atos 2.42-47. Portanto, em cada *campus*, confiamos em Deus para nos dar uma comunidade transformadora em que estudantes perdidos sejam convertidos pelo evangelho, crentes sejam transformados ao entrarem em grupos pequenos e experimentarem graça e verdade, e o *campus* e o mundo sejam influenciados pelos obreiros que lhes forem enviados.
6. *Estratégias de internet*: Alguém já disse, utilizando uma pequena hipérbole: “A internet está para nós como a estrada de Roma estava para Paulo e a imprensa de Gutemberg para a Reforma”. Eu costumava não levar em conta essa ideia, porém isso mudou. Converti-me em fã do *godsquad.com* — um *website* desenvolvido para ajudar líderes estudantis de ministérios em *campus*. Pegue como exemplo a estudante que lidera um estudo bíblico na noite de segunda-feira. À tarde, ela pode fazer o *download* de uma série sobre Filipenses e fazer várias cópias. No *site* *godsquad* também há uma revista eletrônica, artigos úteis e outros recursos, além de muitas dicas para o evangelismo eficaz. E, à medida que os obstáculos vão sendo vencidos por qualquer pessoa na área do evangelismo, isso pode ser compartilhado com todo o mundo no *site*.

Essas são apenas algumas das estratégias que Deus está usando para nos possibilitar evangelizar os pós-modernos e ir atrás de cada universitário. É impressionante como ele vai a nossa frente e parece multiplicar nossos esforços. Muitas vezes nos sentimos como os discípulos quando confrontados com o desafio de alimentar cinco mil pessoas, porém Deus multiplicou os cinco pães e os dois peixes que eles ofereceram a Jesus. Plantamos, regamos, mas Deus dá o crescimento (1Co 3.6). No caso dos nossos esforços na Cruzada Estudantil, percebemos que Deus está usando outros ministérios como aliados na mesma causa, como colegas de trabalho na colheita do Senhor.

Sonhamos com o dia em que todo estudante terá a oportunidade de dizer sim a Jesus Cristo e se envolver com o corpo de Cristo. Sabemos que Deus usa nossas orações, um exército crescente de líderes espirituais e a criatividade daqueles que foram criados à sua imagem para levar a cabo essa tarefa. Sabemos que Deus pode matar o Goliás do pós-modernismo e até usar as mudanças na cultura estudantil para um grande avanço do evangelho. Unamos nossos corações e orações e digamos com William Carey: “Espere grandes coisas de Deus; faça grandes coisas para Deus”.

## CAPÍTULO 25

---

# EVANGELIZANDO PÓS-MODERNOS PELA ESTRATÉGIA DE POSTO AVANÇADO DE MISSÃO

*Don Bartel*

**C**omo lançar, desenvolver e sustentar um movimento voltado para o evangelho entre pós-modernos? Essa pergunta é um pouco diferente daquelas sobre plantação de igreja, ou crescimento da igreja, ou dinâmica da igreja. É o tipo de pergunta que um missionário tem de fazer. Como anunciarmos o evangelho de modo compreensível e propagá-lo de boca em boca, de rede social em rede social, e de grupo em grupo?

### **A SITUAÇÃO ATUAL NOS ESTADOS UNIDOS: UM CAMPO MISSIONÁRIO**

Uma pesquisa do Instituto George Gallup diz que mais de 44% de todos os americanos adultos com mais de 18 anos são desigrejados; ou seja, não colocam os pés em uma igreja há seis meses ou mais. Isso equivaleria a 78 milhões de adultos.

Kennon Callihan, consultor de igrejas há cerca de 30 anos, descreve algumas características dessa cultura desigrejada da maneira como passo a descrever. Existem quatro elementos. Primeiro, na maioria das vezes, as pessoas levam suas vidas como se a igreja substancialmente não importasse. Segundo, a maioria das pessoas não busca uma igreja por iniciativa própria; isto é, elas não estão à procura de uma igreja para frequentar. Terceiro, a igreja não figura entre seus principais valores. E quarto, os desigrejados não necessariamente a veem como algo pernicioso ou prejudicial; apenas a consideram algo sem relevância ou sem utilidade particular. Callihan conclui que “o tempo da cultura igrejeira passou, o dia do campo missionário

chegou” (1990 p. 13). Ele olha para uma realidade que vem brotando da corrente dominante de nossa cultura e sociedade.

Um de meus amigos, Jack, que não é cristão e participa de um estudo bíblico investigativo comigo, coloca a questão do seguinte modo: “Meus amigos não viriam até aqui se fosse uma coisa de igreja, e nem eu”. Esse é um reflexo simples de onde muita gente se encontra hoje. Vinte anos atrás, o dr. Ralph Winter fez este comentário: “Será que aqui nos Estados Unidos estamos preparados para o fato de que a maioria dos não cristãos que ainda serão ganhos para Cristo não se ajustarão de imediato ao tipo de igreja que temos agora? Hoje os americanos podem esperar o resto da vida [...] que o mundo venha a Cristo e se junte a eles, mas a menos que [...] saiam atrás das pessoas e as ajudem a encontrar a própria igreja, o evangelismo nos Estados Unidos enfrentará, e já está enfrentando, um retorno cada vez menor” (1981, p. 302-303). Ele quis dizer que, do ponto de vista cultural, as pessoas estão suficientemente distantes a ponto de não se sentirem confortáveis vindo até onde nos encontramos; nós é que precisamos ir até elas. O dr. Winter já falava em plantar igrejas talhadas para esse tipo de pessoas. Nos quase 20 anos que se passaram desde então, a mudança cultural se tornou ainda mais veloz e radical.

Um morador da Filadélfia resolveu viver no campo. Mudou-se para o Centro-Oeste e decidiu criar galinhas. Comprou 500 ovos fertilizados e foi embora para sua propriedade. Duas semanas mais tarde, voltou e comprou outros 500. O balconista perguntou: “O que o senhor vai fazer com tanta galinha?”. Ao que o fazendeiro respondeu: “Eu não tenho galinha nenhuma. Não consigo descobrir se as plantei fundo demais ou se não plantei fundo o bastante”. Se estamos discutindo a plantação de igrejas em um contexto que requer a plantação do evangelho, esse é bem o caso dessa historinha. É a imagem errada do que precisa acontecer. Estamos falando de como plantar o evangelho e vê-lo continuar puro e fluido em nossa cultura.

No livro *The power of stories* [O poder das histórias], Leighton Ford diz: “Os Estados Unidos são hoje o maior campo missionário entre os países de fala inglesa, e os mais de 200 milhões de americanos “seculares” fazem de seu país e do Canadá o terceiro maior campo missionário do mundo — depois da China e da Índia. [...] Na realidade, voltamos aos tempos apostólicos. Encontramo-nos em uma situação missionária no nosso próprio país semelhante à da igreja primitiva” (1994, p. 43-44). Os Guinness escreveu no periódico *World Evangelization*: “Os três maiores desafios ao evangelho em termos de nações no mundo moderno são o Japão, a Europa ocidental e os Estados Unidos. O Japão nunca foi conquistado para Cristo, a Europa ocidental foi conquistada e perdida duas vezes. Mesmo tendo as igrejas mais fortes e ricas, os Estados Unidos representam o mais claro precedente da resposta cristã à modernidade” (1993, p. 8). Ele se refere aos valores culturais que exportamos. Isso

foi há cinco anos. Hoje exportamos os frutos da modernidade, ao mesmo tempo que aqui esse fruto apodrece e se converte em pós-modernidade.

George Hunter, no livro *How to reach secular people* [Como alcançar pessoas seculares], afirma: “Nosso desafio de alcançar as populações não disciplinadas da América do Norte, da Europa e da Austrália exigirá uma estratégia missionária tão sofisticada quanto qualquer campo missionário do mundo, hoje ou em qualquer tempo da história” (1992, p. 25). Quero salientar aqui a necessidade não apenas de trabalhar mais ou de fazê-lo com maior inteligência. Precisamos de uma estratégia missionária.

Alguém já disse que 120 milhões de americanos não têm nenhuma memória cristã substancial. Isso significa, provavelmente, que eles têm uma avó que ora, um colega de trabalho esquisito que lê a Bíblia, mas eles próprios não têm nenhuma experiência cristã em primeira mão. Podem conhecer uma ou outra história da Bíblia, mas tudo que sabem aprenderam nas ruas. Não foi frequentando a igreja.

Existe, no entanto, o outro lado desses desdobramentos. Um lado muito positivo. A pós-modernidade abriu um veio completamente novo para o ministério, que constitui uma grande oportunidade. Na verdade, há um despertar espiritual ocorrendo nos Estados Unidos hoje. Acontece, porém, que o diálogo com a Bíblia está sendo excluído da maioria das discussões sobre espiritualidade. Posso citar um exemplo relevante para ilustrar o que digo.

Uma de nossas vizinhas, uma mulher muito instruída em termos de educação, acredita ser a reencarnação de uma artista do século 13, bem como a encarnação mais recente de uma índia americana. Ela faz aulas de ioga com um monge budista. Condizente com a ideia da reencarnação, ela acredita no hinduísmo. Ela tem textos não publicados e escreve sobre o sudoeste americano. Sua filosofia religiosa por opção é o misticismo indígena. No entanto, ela frequenta uma igreja anglo-católica porque a tradição e a estrutura lhe agradam. Também gosta de dialogar comigo sobre a Bíblia. Acredita que seria ótimo se conseguíssemos marcar uma conversa com a participação de um chefe indígena, um monge budista, um sacerdote hindu, um padre católico e eu. Como você pode ver, ela é muito eclética em sua percepção religiosa. Mesmo, quando fala sobre o cristianismo, não o faz de um ponto de vista bíblico. Ela é um típico retrato de muitas outras pessoas no país.

No noroeste, há muita espiritualidade típica da Nova Era; no sudoeste, muita religião indígena; no sudeste, muita religião apenas nominal, desprovida de grande significado pessoal; no nordeste, muito secularismo. Mas há também muitas pessoas interessadas nas coisas espirituais, e isso propicia uma janela de oportunidade para nós nos próximos anos, porque ninguém permanecerá nesse estágio de transição para sempre. Todos aterrissarão em algum lugar e, uma vez que isso tiver acontecido, será bem mais difícil alcançar essas pessoas.

Muito bem, mas como a igreja se enquadra nisso tudo? Tipicamente, as igrejas saudáveis, em crescimento e propensas ao trabalho em missões desenvolvem programas intensos de discipulado, treinamento e educação para jovens. É comum que mantenham programas sólidos de evangelização, fomentem o evangelismo pessoal, realizem eventos de evangelização e alcancem pessoas e as atraiam para a igreja. É comum também que mantenham um programa forte de apoio aos missionários vocacionados. Às vezes, no entanto, há um ponto cego em sua visão. Precisam começar a pensar em como treinarão seu pessoal leigo para que se tornem missionários informais cada qual no próprio contexto.

## UM MOVIMENTO MISSIONÁRIO LEIGO

Deus está levantando muitas pessoas que têm paixão por alcançar os perdidos. Ele está mobilizando seu povo agora para sair e se tornar um grupo de missionários leigos. A toda parte que vou, encontro pessoas que sentem essa preocupação, que têm esse chamado. Todavia, quando alguém lhes pergunta: “Como estão indo as coisas?”, são cinco as respostas mais comuns que ouve.

A primeira coisa que elas dizem é algo mais ou menos assim: “Sabemos compartilhar a Ponte para a Vida e *As quatro leis espirituais*; estivemos no Evangelismo Explosivo. Podemos dar nosso testemunho pessoal e alcançamos algumas pessoas dessa maneira, mas há muita gente lá fora com quem não estamos nos comunicando”. Na verdade, querem dizer: “Precisamos aprender a pensar como um missionário”.

A segunda resposta é: “Não temos tempo suficiente, e nossos dons são limitados demais. Não conseguimos realizar esse trabalho sozinhas. Fomos ensinadas a orar juntas, a adorar juntas, a estudar a Bíblia juntas, mas, quando se trata de evangelismo, sentimo-nos isoladas”. Afirmam com isso que necessitam de uma espécie de equipe trabalhando em conjunto.

Em terceiro lugar, é comum que falem: “Quando estamos entre perdidos, não nos sentimos muito preparados. No ministério dentro do contexto dos programas da igreja tínhamos muito apoio e incentivo, mas, assim que saímos dessa estrutura, não nos sentimos apoiados. Não temos uma comunidade mobilizável que possa nos acompanhar no campo missionário que escolhermos”. Ou seja, estão declarando que precisam de um senso de comunidade que lhes dê sustentação no contexto em que estão ministrando.

Em quarto, dizem: “Há uma guerra lá fora! Sentimo-nos espiritualmente fracos; precisamos aprender a orar com maior eficácia; precisamos ter mais gente orando por nós; precisamos do mesmo tipo de apoio de capacitação que damos aos nossos missionários vocacionados”. Necessitam de capacitação espiritual.

Por fim, afirmam também: “São poucas as ferramentas, os recursos e os materiais para nos ajudar nessa tarefa. A maioria dos materiais existentes são adequados para outro contexto, ou para um nível missionário vocacionado”.

## **A RESPOSTA DOS NAVIGATORS: POSTO AVANÇADO DE MISSÃO**

Ao ouvir essas cinco respostas mais comuns, vários anos atrás os Navigators disseram que tentariam atender todas elas. O resultado é o “posto avançado de missão”, ou seja, um simples grupo de pessoas que se unem com o propósito de levar o evangelho aos perdidos.

Quero destacar três fatos sobre o posto avançado de missão. Primeiro, ele é um grupo de pessoas. Não se trata de um esforço individual, isolado. Mas não é necessário que seja um grupo de pessoas altamente treinadas. Segundo, é um grupo de pessoas que se uniram para colaborar no ministério. Terceiro, elas se uniram com o propósito de levar o evangelho aos perdidos.

O que as equipes do posto avançado de missão farão? Evangelizarão, farão discípulos e capacitarão pessoas no contexto em que vivem. Não vamos alcançar pessoas e arrancá-las de seu ambiente natural, social e relacional, mas sim deixá-las onde estão e transmitir-lhes tudo de que necessitam para alcançar outras pessoas em seu campo de atuação. Quando se arranca alguém de seu ambiente natural, esse alguém perde a capacidade de alcançar aqueles com quem já está conectado.

A seara é grande, mas os trabalhadores ainda são poucos. A oportunidade hoje é grande em comparação com o número de leigos que estão preparados e mobilizados para responder a essa necessidade. A lacuna entre necessidade e recursos é grande.

Consideremos agora as cinco respostas que detectamos entre crentes leigos.

### ***PENSANDO COMO UM MISSIONÁRIO***

O que significa pensar como um missionário? Primeiro, que precisamos compreender a lacuna existente entre nosso mundo e o mundo do nosso próximo. Nós, que fomos criados no ambiente de uma igreja, absorvemos por descuido grande parte da cultura da igreja. Essa cultura e as tendências culturais predominantes hoje divergem tanto que temos de recuperar a sensibilidade para saber em que ponto a cultura atual se encontra.

Segundo, pensar como um missionário significa desenvolver habilidades para se conectar com pessoas de maneira relevante e sensível. Isso não acontece por acaso, naturalmente. Requer certa intencionalidade, e existem algumas habilidades simples que podem ser úteis.

Terceiro, pensar como um missionário significa tomar a iniciativa de amar as pessoas. Se lhes dissermos que queremos que se tornem evangelistas, muitas vão

travar. Mas se lhes dissermos para amar e servir seu próximo, essas pessoas podem dar os passos iniciais e em seguida construir a ponte de confiança pela qual o evangelho consegue fluir com mais naturalidade.

Pensar como um missionário também significa ser revestido de poder pela oração para alcançar amigos e vizinhos não cristãos. Isso inclui a oração do grupo; a oração da igreja para sustentá-los; o aprendizado da eficácia na oração, na guerra espiritual e na adoração — toda a dinâmica da oração.

O efeito disso é fazer com que um grupo pequeno trabalhe em conjunto para abrir o coração das pessoas.

### **TRABALHANDO EM EQUIPE**

As pessoas precisam formar uma equipe com um foco intencional. Deixe-me contar sobre um time do posto avançado de missão de que fiz parte para que tenham uma ideia do que queremos dizer com trabalho em equipe.

Nesse posto avançado em particular, havia três casais e eu, ou seja, éramos sete pessoas no total. Não tínhamos relacionamentos em comum, de modo que uma das coisas que precisamos fazer foi desenvolver um conjunto de relacionamentos comum a todos a fim de criar um ambiente comum em que ministrar. Fizemos isso por meio de uma série de coisas. No caso dos dois casais, os homens eram irmãos gêmeos, portanto, era óbvio que nos envolvêssemos em sua dinâmica familiar. Compareci a festas de aniversários e esse tipo de coisa. Um dos casais disse ter muitos amigos incrédulos que gostaria que conhecêssemos, razão pela qual eles convidaram amigos de cinco esferas diferentes — do trabalho dele, do trabalho dela, colegas da fraternidade dele e assim por diante. Desses cinco grupos, convidaram oitenta pessoas, sendo que quarenta atenderam ao convite. Conversamos sobre cada uma dessas pessoas e oramos em favor delas antes que viessem, de modo que sabíamos reconhecer os nomes e alguns detalhes de cada convidado.

Quando chegaram a nossa reunião, depararam com pessoas que já conheciam, de modo que a princípio se dividiram naturalmente em cinco grupos pequenos. O casal anfitrião ficou circulando entre os grupos o tempo todo, mas os outros cinco integrantes da nossa equipe se dividiram entre os cinco grupos e começaram a interagir e a participar das conversas informais com naturalidade. Se eu conhecesse alguém e achasse que Dave poderia se dar muito bem com essa pessoa, tirava Dave do seu grupo, conectava-o ao meu e saía para ocupar o lugar em que ele estivera. Passamos a noite inteira trocando de grupos assim. Duas coisas aconteceram. A primeira, quando estavam indo embora, os convidados elogiaram: “Uau, que excelentes amigos vocês têm”. Referiam-se a nós cinco, pois fôramos os que mais se movimentaram ali. A segunda coisa que disseram foi: “Gostaríamos de ter a

oportunidade de conhecê-los um pouco melhor”. Demos sequência àquela grande festa com jantares menores em companhia do casal anfitrião e das pessoas com as quais estabelecêramos a conexão relacional, e promovemos encontros em escala bem menor. Fizemos isso com o propósito de construir relacionamentos em prol do evangelho. Esse é só um exemplo de trabalho em equipe. Há muitos outros.

### **VIVENDO EM COMUNIDADE**

O trabalho em equipe se concentra na tarefa. A comunidade se concentra na natureza dos relacionamentos. Esse é o ponto crítico para a evangelização de pós-modernos. Os pós-modernos precisam da comunidade e a desejam. Não sabem como alcançá-la nem são bons nisso. Precisamos exemplificá-la e vivê-la de maneira que possam ver, porque isso lhes parecerá muito atraente. O problema é que somos de uma cultura muito individualista e tampouco somos bons em criar relacionamentos de comunidade.

Ao usar o termo comunidade, estou me referindo a um conjunto de relacionamentos em que você pode de fato viver o “uns aos outros” da Bíblia: amar uns aos outros; exortar e encorajar uns aos outros; e assim por diante. Esse grupo específico que acabei de mencionar passou alguns meses trabalhando as questões relacionais do grupo. Lembro-me de contar a minha esposa em determinada ocasião: “Não tenho certeza de que quero ir esta noite; acho que será doloroso demais”. Mas depois de trabalhadas as questões relacionais, criou-se entre nós uma dinâmica muito atraente. Dois dos homens tornaram-se mais íntimos para mim do que meus dois irmãos. Trabalhar as questões relacionais é fundamental.

Precisamos demonstrar para o público em geral que a Bíblia diz a verdade. A vida das pessoas pode ser transformada; elas podem mudar; o que se quebrou pode ser consertado; há lugar para a completude e a cura. Damos significado e identidade às pessoas no contexto da comunidade porque elas têm um lugar a que pertencer. São essas as necessidades que muitos têm profundamente sentido, e que não são tratadas de imediato em um sermão ou estudo bíblico; mas um grupo de pessoas que vivem juntas de maneira vibrante mostra como tais necessidades podem ser satisfeitas.

Esse tipo de comunidade é um lugar seguro. As pessoas têm medo de baixar a guarda, por isso não conseguem melhorar. Como expressou meu amigo Jack: “Se for coisa de igreja [sua definição de lugar não seguro], não posso chegar e ser eu mesmo. Espera-se que eu seja outra pessoa”. Se você cria um lugar seguro, então, em primeiro lugar, as pessoas serão sinceras. Segundo, elas serão transparentes, o que significa ir a níveis mais profundos de intimidade e de revelação de si mesmas. Por fim, estarão mais vulneráveis. Dirão: “Permitirei que você me ajude. Quero

que me ajude a mudar”. Quando chegar a esse ponto, você terá alcançado um lugar seguro. Quando essa dinâmica tiver lugar, descobriremos que estamos sendo curados e devolvidos à nossa completude. Seremos muito atraentes aos olhos de todos que estiverem buscando esse tipo de coisa. Portanto, a comunidade é um dos elementos críticos para uma equipe de posto avançado de missão que se relaciona com pós-modernos.

### ***O PODER DA ORAÇÃO***

Não sei se preciso falar muito sobre o poder da oração. Presumo que estejamos todos comprometidos com ela. Uma coisa é clara: necessitamos de intercessão. Tão logo sairmos para esse ministério evangelístico, seremos atacados. Satanás despertará. Ele perceberá, e uma verdadeira guerra será declarada.

### ***AUXÍLIOS PRÁTICOS***

Nos Navigators, tentamos produzir algumas ferramentas práticas, de fácil manuseio, de modo que o leigo comum possa levá-las para casa e usá-las. A primeira é *Coaching notes for mission outpost teams* [Notas de treinamento para equipes de postos avançados de missão]. O livreto acompanha um seminário de treinamento que fornece ferramentas e exercícios para ajudar a pessoa a reunir um grupo, garantir o comprometimento com uma visão comum, trabalhar em conjunto com a liderança apropriada, orar em conjunto com poder e sair em busca dos perdidos. Todo o material é construído em torno de princípios de aprendizado para adultos, de modo que leva em conta o fato de as pessoas que aderem ao processo terem experiências relevantes para a tarefa em mãos. Ele lança mão dos recursos da comunidade de pessoas e da equipe para resolver os próprios problemas.

Um segundo livreto, *Thinking like a missionary* [Pensando como um missionário], é um estudo bíblico com exercícios orientados. Divide-se em cinco partes. Forma um grupo — seja de estudo bíblico, seja de oração — e o leva a se envolver com pessoas a fim de aprender com elas, como faria um missionário. Termina com o compromisso de orar por essas pessoas citando-os nome por nome.

A continuação desse livreto chama-se *Living like a missionary* [Vivendo como um missionário]. Não basta pensar como um missionário. Algumas questões de estilo de vida, como o excesso de afazeres, nos atrapalham, impedindo que nos envolvamos na missão como deveríamos, se não abrímos mão delas.

Outro recurso é o *Case study portfolio* [Portfólio de estudos de caso]. Essa ferramenta foi elaborada para ajudar a resolver questões que atrapalham o desenvolvimento do grupo. O portfólio contém estudos de caso abrangendo aspectos de um posto avançado de missão que vão do início do trabalho a seus frutos. Os

estudos de caso referem-se a pessoas e situações reais, embora tenhamos mudado os nomes e os lugares para preservar os envolvidos. O estudo de caso descreve um problema que o grupo está enfrentando e termina sem dar a solução. Em grupo, todos trabalham o estudo de caso e chegam a alguma conclusão. Isso possibilita que o grupo enfrente questões reais na segurança da própria sala de estar. Os participantes identificam os problemas, recorrem às Escrituras para solucioná-los e então implementam o que descobriram no próprio contexto.

Uma ferramenta de ensino divertida que desenvolvemos é o *Mission outpost board game* [Jogo de tabuleiro do posto avançado de missão]. As peças são movidas pelo tabuleiro e passam por quatro fases diferentes: pensar como um missionário, unir-se com outros, viver em comunidade e alcançar pessoas. A oração é inserida em cada uma delas. Usamos esse jogo com todas as nossas equipes que trabalham em comunidade no último verão. Elas brincaram com o jogo durante três horas e se divertiram muito. Quando acabou, custaram a acreditar que três horas haviam se passado.<sup>1</sup>

## ESTRATÉGIA DE POSTO AVANÇADO DE MISSÃO: ELEMENTOS ESSENCIAIS

O posto avançado missionário não é uma estratégia que abrange tudo; é só o primeiro passo no processo de estabelecer postos avançados de missão que alcancem os perdidos com eficácia. Mas precisamos traçar um caminho que vá de onde estamos até o destino desejado.

O segundo passo é edificar as pessoas de Deus no contexto da comunidade. As sementes dessa comunidade são plantadas no posto avançado de missão. Para que elas cresçam e deem frutos, é preciso alcançar pessoas e trazê-las para a comunidade ou formar, com elas, uma comunidade própria. A chave é edificar as pessoas no contexto em que vivem. Essa comunidade necessita promover a cura, pois os que forem alcançados precisam ser curados.

O terceiro passo é treinar a liderança do posto avançado de missão a fim de que o processo alcance novas redes de pessoas.

### Referências

- CALLIHAN, Kennon L. 1990. *Effective church leadership: building on the twelve keys* (San Francisco: Harper and Row).

<sup>1</sup>Esses materiais, produzidos para nós por Creation Resources, um grupo interno do Navigators, estão disponíveis nos Estados Unidos pelo telefone (614) 263.8954. Para seminários de treinamento durante o ano, ligue nos Estados Unidos para (719) 594.2255.

- FORD, Leighton. 1994 *The power of stories* (Colorado Springs: NavPress).
- GUINNESS, Os. 1993. "Reflections on modernity: eleven thoughts to ponder". *World Evangelization* 18 (December): 8.
- HUNTER III, George T. 1992. *How to reach secular people* (Nashville: Abingdon).
- WINTER, Ralph. 1981. "The new Macedonia: a revolutionary new era in mission begins". In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven C., orgs. *Perspectives on the world Christian movement* (Pasadena: William Carey Library), p. 302-3.
- \_\_\_\_\_. "Nova Macedônia". In: \_\_\_\_\_. *Perspectivas no movimento cristão mundial* (São Paulo: Vida Nova, 2009). Tradução de: The New Macedonia.

## CAPÍTULO 26

---

# O EVANGELHO PARA UMA NOVA GERAÇÃO

*Keith A. Davy*

À medida que a influência do pós-modernismo permeia nossa sociedade, seu impacto sobre o evangelismo se torna cada vez mais evidente. Ela é ainda mais perceptível nos movimentos evangelísticos entre as gerações mais novas.

Ao se dirigir aos jovens de hoje, seja na escola média, seja na universidade, ou a jovens adultos, é importante observar que passamos por uma época de transição de gerações. Ao longo da década de 1990, muita atenção foi dada ao estudo da geração X (ou geração posterior aos *baby boomers*). Agora, à medida que os integrantes da geração X avançam em idade, a atenção se volta à geração Y (ou os milenários). O *campus* universitário hoje contém uma mistura das duas gerações, conforme definidas e descritas popularmente. A geração X passou para a fase adulta. Contudo, a realidade nunca se insere muito bem em limites definidos com clareza entre gerações sucessivas. Antes, as gerações são mais como as ondas do mar, cada uma com sua crista, mas confluindo nos vales. No momento em que escrevo isto, é mais fácil falar de “gerações mais jovens” do que diferenciar as gerações X e Y.

As pessoas envolvidas com o evangelismo das gerações mais jovens encontram uma falta de instrução bíblica difundida. Durante o ano de 1998, mais de oito mil estudantes participaram de entrevistas informais em encontros evangelísticos como parte de um projeto de abrangência nacional conhecido como QuEST.<sup>1</sup> Uma

<sup>1</sup>QuEST (acrônimo para Questions Exploring Students Thinking [Perguntas para explorar o pensamento do estudante]) é um trabalho de alcance baseado em pesquisa, promovido pelo escritório de pesquisa e desenvolvimento da Cruzada Estudantil para Cristo. O QuEst utiliza entrevistas informais com estudantes para reunir informações úteis de pesquisa e dar aos alunos uma base para interação relacionada a questões espirituais.

pergunta apresentava aos estudantes o seguinte cenário: “Seu melhor amigo chega para você e diz: ‘Quero me tornar cristão, mas não sei como’. O que você diria a esse amigo? Suponha que ele queira que você responda à pergunta, não que o mande procurar um sacerdote, ministro ou outra pessoa qualquer desse tipo”. As respostas mais comuns sugeriram que ir à igreja ou encontrar alguma prática religiosa era a solução para o problema de quem deseja se tornar cristão. Só 14% dos estudantes entrevistados, incluindo os que se declararam cristãos, mencionaram Jesus em sua resposta.

Essas descobertas sugerem que a maioria dos estudantes atuais pensa no cristianismo como religião, não como relacionamento: tornar-se cristão implica a adoção de uma crença ou prática religiosa, mas tem pouco a ver com Jesus ou com um relacionamento pessoal com Deus. Isso serve de exemplo da disparidade crescente entre a cosmovisão da testemunha e a de sua audiência. O evangelista de hoje não pode partir do pressuposto de que compartilha com sua audiência entendimentos comuns acerca de conceitos bíblicos básicos ou mesmo uma definição desses termos. Trata-se de uma audiência pós-cristã.

No entanto, também há evidências de uma abertura espiritual significativa entre a juventude atual. Muitos presumem que os estudantes em geral não têm interesse em Deus. Todavia, nas entrevistas do QuEST, quando se pedia aos estudantes que classificassem em uma escala de 1 a 10 seu desejo de ter um conhecimento pessoal<sup>2</sup> de Deus, 39% marcaram 10 como resposta. A média estatística foi de 7,8. No entanto, seria um erro pressupor que essa abertura espiritual se traduz em abertura para o evangelho ou interesse no cristianismo. Os estudantes costumam supor que o cristianismo é irrelevante em sua vida. Afinal de contas, segundo dizem, é só uma escolha religiosa ou um estilo de vida. Ou, pior ainda, uma ofensa para a cosmovisão que abraçam, em especial nas questões relacionadas à tolerância.

Evidentemente, há várias outras características significativas das gerações mais jovens que compõem o contexto atual para o evangelismo, e a influência difusa da mídia e da cultura *pop* não é a menor delas. A tolerância, o pluralismo e uma base profundamente pessoal ou empírica para a verdade têm sido adotados. As cosmovisões são construídas a partir de uma miscelânea de ideias, como se fosse um *buffet* em que as escolhas são feitas com base em preferências ou apetite, em vez de fundamentadas na busca coerente da verdade. Juntas, essas realidades acentuam os desafios enfrentados pelo evangelismo no começo de um novo século.

<sup>2</sup>A intenção dessa pergunta era esclarecer o nível de interesse dos estudantes de conhecer a Deus. Suas respostas certamente não podem ser usadas como indicadores do seu desejo de conhecer o Deus da Bíblia. No máximo, servem para mostrar o grau de interesse dos alunos de conhecer o Deus que eles concebem, seja ele o Deus da Bíblia ou não.

Como a consciência do pós-modernismo vem crescendo entre líderes de evangelismo, todas as dimensões da evangelização estão sendo reexaminadas. Há questões importantes relacionadas ao *pré-evangelismo*, isto é, aquilo que nos prepara para interações significativas com o evangelho na cultura presente. Não se tem dito o suficiente sobre *reevangelismo*, ou o processo de discussões e interações contínuas que serve para reforçar o evangelho. Vai além do escopo deste capítulo analisar a extensão dessas e de outras questões relacionadas. Aqui nos concentraremos na mensagem do evangelho e nos meios que usamos para comunicá-la a essas gerações. Ao tratar dessas questões, é preciso o cuidado de sermos fieis à mensagem do evangelho, ao mesmo tempo que buscamos maneiras relevantes de transmiti-lo a nossos públicos.

Seria arrogância sugerir uma solução definitiva às questões mencionadas. Sem dúvida, haverá um amplo conjunto de respostas para elas no futuro. Nossas explorações serão moldadas por duas perguntas: (1) “Que influência a cultura pós-moderna deve ter no formato da nossa apresentação do evangelho?” e (2) “Como serão as apresentações eficazes do evangelho para as gerações mais jovens?”. A primeira pergunta oferece uma estrutura para compreendermos o problema. A segunda sugere um caminho que pode nos levar adiante na busca por novas soluções.

## **QUE INFLUÊNCIA A CULTURA PÓS-MODERNA DEVE TER NO FORMATO DA NOSSA APRESENTAÇÃO DO EVANGELHO?**

Escritos recentes têm enfatizado a relação complexa entre evangelho e cultura.<sup>3</sup> Essa relação precisa ser considerada com cuidado a fim de garantirmos uma base firme em nossas apresentações do evangelho. A compreensão clara do evangelho é essencial para proteger a integridade da nossa mensagem. Compreender cada vez mais a cultura aumenta a capacidade de adaptar a mensagem à audiência da maneira mais adequada.

### ***O CONTEÚDO DINÂMICO DA MENSAGEM DO EVANGELHO***

O ponto inicial da nossa discussão deve ser o próprio evangelho. Nossa busca será simplificada por uma clara compreensão da essência do evangelho aliada a um entendimento amplo da plenitude do evangelho.

<sup>3</sup>Considere os escritos de Leslie Newbigin (1986; 1989) e a Gospel and Our Culture Network, fruto desses escritos. Hunsberger e Van Gelder (1996) fornecem uma introdução útil a esses assuntos. Poe (1996) é igualmente útil. [A Gospel and Our Culture Network é um movimento que surgiu na América do Norte, composto por educadores da área teológica, pastores, administradores e líderes denominacionais, bem como líderes de igrejas locais, oriundos de diferentes tradições confessionais e dedicados à tarefa de contextualizar a mensagem do evangelho para a cultura norte-americana. (N. do E.)]

Com “essência do evangelho” quero dizer o núcleo da verdade do evangelho, essencial em sua totalidade e que deve ser transmitido nas apresentações do evangelho independentemente da forma que elas assumam. Essência do evangelho é o que sobra quando ele é reduzido a seu mínimo possível. Qualquer coisa menos que isso não será mais o evangelho. Embora a definição exata da essência do evangelho esteja aberta a discussão,<sup>4</sup> podemos nos aproximar dela o suficiente a fim de guiar nossas iniciativas evangelísticas.

Os escritos tanto de Paulo quanto de Lucas nos fornecem perspectivas complementares da essência do evangelho. Em 1Coríntios 15.1-6, Paulo apresenta o seguinte resumo da essência do evangelho:

Irmãos, lembro-vos do evangelho que vos anunciei, o qual também recebestes e no qual estais firmes. Por meio dele também sois salvos, se retiverdes com firmeza a mensagem tal como a anunciei a vós; a não ser que tenhais crido inutilmente. Porque primeiro vos entreguei o que também recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez.

Lucas registra Jesus dizendo: “Está escrito que o Cristo sofreria, e ao terceiro dia ressuscitaria dentre os mortos; e que em seu nome se pregaria o arrependimento para perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois testemunhas dessas coisas” (24.46-48).

Com base nessas duas passagens, a essência do evangelho pode ser organizada em torno das respostas a cinco questões:

1. Quem é Jesus? As duas declarações o identificam como o Cristo, título que carrega em si todo o significado teológico do Messias prometido.
2. O que ele fez? Paulo disse que ele morreu, foi enterrado e ressuscitou no terceiro dia. Lucas registra que ele sofreria e ressuscitaria dentre os mortos no terceiro dia. A morte e a ressurreição de Jesus, o Cristo, são as obras essenciais do evangelho.
3. Por que ele o fez? Paulo declara que Cristo morreu por nossos pecados. Lucas afirma que o perdão dos pecados seria pregado. O resultado essencial do evangelho é o perdão de pecados.

<sup>4</sup>Considere a investigação do querigma apostólico sugerida por Dodd (1936, p. 38-45) como também muitas obras de outros que seguiram sua liderança. Ladd (1993, p. 364-78) faz uma síntese útil. Veja também Poe (1996).

4. Como sabemos? Para Paulo, a evidência comprovada encontra-se tanto na profecia do Antigo Testamento (“segundo as Escrituras”) quanto nas testemunhas da ressurreição. Lucas também se refere a ambos nas expressões “Está escrito” e “Vós sois testemunhas dessas coisas”. Profecia e testemunhas da ressurreição são as provas essenciais.
5. Como devemos reagir? Paulo começa a discussão com uma referência à fé dos coríntios nos versos 1 e 2. Jesus declarou que o arrependimento seria pregado a todas as nações. A resposta fundamental ao evangelho envolve arrependimento e fé. Coisas que, lógico, estão integralmente ligadas à nossa resposta de salvação.

Os mesmos cinco elementos podem ser detectados ao longo das apresentações bíblicas do evangelho, a despeito dos variados contextos. Estão embutidos nos relatos da vida, morte e ressurreição de Jesus dos quatro Evangelhos, bem como nas mensagens apostólicas do livro de Atos. Há um princípio aqui que deve guiar quem procura alcançar as gerações mais jovens: *a verdade do evangelho tem um núcleo que nem a cultura, nem o contexto são capazes de alterar*. Essa verdade do evangelho deve ser articulada com fidelidade e clareza. Ela é a base da nossa fé.

Todavia, existe mais no evangelho do que sua essência. Os quatro Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) apresentam fielmente a essência, mas fazem isso com mais detalhes e de modo mais completo. O que influenciou a seleção da verdade feita por esses escritores no momento em que redigiam seu relato do evangelho? Cada um deles foi influenciado em parte pelo contexto cultural para o qual escrevia. A uma audiência predominantemente judia, Mateus apresentou as boas-novas do reino de Deus. Jesus é proclamado rei e Messias prometido, e a fundamentação para isso são referências às profecias do Antigo Testamento. João, no entanto, enfatiza temas diferentes do evangelho. Ele apresenta Jesus como o Filho de Deus, a vida para todos os homens e mulheres, usando os sinais e discursos de Jesus como evidência. Cada autor selecionou verdades do evangelho sob a inspiração do Espírito para produzir o mais alto grau de compreensão para a audiência pretendida.

Contudo, a plenitude do evangelho não é limitada por relatos históricos. Jesus abriu a mente dos discípulos para “tudo o que estava escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos” (Lc 24.44). O Antigo Testamento está repleto da verdade do evangelho, bem como as epístolas. Romanos é uma apresentação da verdade do evangelho em sua plenitude teológica. Portanto, quando adequadamente compreendido, o evangelho não é uma mensagem inicial sobre Jesus, transmitida na época da salvação, a partir da qual a pessoa passa gradativamente para outras

verdades da vida cristã. Em certo sentido, o Novo Testamento inteiro é a verdade do evangelho revelada.<sup>5</sup>

A partir da plenitude do evangelho, serão encontrados temas que falem de maneira poderosa e relevante às gerações mais jovens, como tem ocorrido a cada contexto cultural. Se os escritores bíblicos precisassem escrever um evangelho para os dias de hoje, que temas poderiam usar para construir o relato da vida, morte e ressurreição de Jesus? Se Paulo tivesse de falar a essa geração, que verdade do evangelho ele poderia enfatizar “para ganhar o maior número possível” (1Co 9.19) de jovens? O exame dessas questões talvez nos leve a novas apresentações poderosas.

Nossa conclusão inicial pode agora ser enunciada: *não se deve permitir que o contexto cultural pós-moderno influencie a apresentação fiel e clara da essência do evangelho. Mas a cultura exercerá significativa influência sobre nosso uso seletivo da plenitude do evangelho, incluindo os temas e as verdades que lhe servem de apoio.*

Esse entendimento da transmissão do evangelho requer que consideremos com toda a cautela os públicos para os quais falamos, a fim de que contextualizemos com fidelidade e eficácia a mensagem.

### ***O CONTEXTO QUE DEFINE AS MASSAS PÓS-MODERNAS***

Os jovens de hoje são uma geração pós-moderna. Nem todos aderirão à filosofia pós-moderna pura, a qual, com base na epistemologia, rejeita a razão. Mas muitos têm se tornado pós-modernos na prática, bebendo das fontes de uma cultura pluralista e relativista. O que então caracterizará as apresentações do evangelho que alcançarão com eficácia essa nova geração pós-moderna? Quatro características podem servir de guias iniciais.

A primeira delas é que as apresentações do evangelho devem ser *culturalmente relevantes*. Muito se escreve sobre as novas bases filosóficas dos padrões de pensamento desta geração, mas também existem características mais populares. Esta geração é versada em mídia, alfabetizada em mundo cibernético, adulta em experiência, se não também em maturidade, transita na realidade do controle remoto, banqueteia-se em um sem-número de opções e vive o agora sem nenhuma garantia do futuro. Nossas apresentações do evangelho devem ser bem-sucedidas em captar o coração e a atenção dela. A vida eterna, por exemplo (por mais importante que seja teologicamente), não é tema comum de pensamento ou discussão entre os estudantes atuais, pois eles estão muito mais concentrados no presente do que no que lhes parece um futuro distante. O evangelho deve falar à

<sup>5</sup>Para uma excelente exposição do evangelho, veja “The gospel of Jesus Christ: an Evangelical celebration” (*Christianity Today*, 14 de junho, 1999) ou em: [www.christianity.net/ct/9T7/9T7049.html](http://www.christianity.net/ct/9T7/9T7049.html).

experiência deles para lhes cativar a atenção. A tecnologia sofisticada pode ajudar a lhes atrair a atenção, mas por si só não consegue ser bem-sucedida em lhes prender o coração. As evidências sugerem que a autenticidade relacional terá o poder maior, pois as tecnologias mais eficazes falharão em satisfazer às necessidades mais profundas do coração.

Isso sugere a segunda característica: as novas apresentações do evangelho devem ser *voltadas para relacionamentos*. Cada geração tem um estilo relacional próprio. As gerações mais jovens parecem, entre outras coisas, ser uma geração de processos relacionais. Decisões são sempre tomadas sob a influência do grupo pequeno ou do grupo social do indivíduo. Embora os impactos de famílias destruídas e de relacionamentos deteriorados sejam bastante observados, os relacionamentos continuam sendo uma característica definidora e um valor elevado. Essa fome de comunhão tem muitas implicações para os cristãos envolvidos com o evangelismo. O amor que esta geração busca é experimentado em maior plenitude no relacionamento com Deus e na relação saudável com outros crentes. Muitos estudantes respondem aos aspectos comunal ou relacional do evangelho. O testemunho do corpo coletivo de Cristo é uma apologética poderosa para os jovens que o observam. A inclusão no povo de Deus é um tema do evangelho importante para esta geração.

Chegamos, então, à terceira característica: a diversidade nas gerações mais jovens exigirá *adaptabilidade* em nossas apresentações. Uma miscelânea de ideias e valores tem ocupado o vácuo deixado pela morte de cosmovisões um dia dominantes — cristã e moderna. Essa diversidade é evidenciada por variadas filosofias, estilos de vida, interesses e ética. A diversidade também caracteriza as peregrinações espirituais desta geração e a proximidade com o evangelho. Alguns fazem parte dos “campos prontos para a colheita”. Outros são o solo endurecido. Alguns avançarão rápido pelo processo espiritual. Para outros, a jornada será longa e árdua. Essa diversidade afeta nossa capacidade de nos comunicar com clareza. Nossas abordagens ao evangelismo pessoal devem ser flexíveis, a fim de satisfazer a necessidade do indivíduo, de modo que nosso evangelho também deve ser adaptável.

A quarta característica é que nossas apresentações do evangelho devem ter *poder espiritual*. As realidades espirituais não mudam com as gerações. Esta geração, como todas que a antecederam, sofre de cegueira espiritual (2Co 4.4), está sujeita à escravidão espiritual (Ef 2.1-3) e envolvida em uma batalha espiritual (2Co 10.3-5). Só o próprio evangelho tem o poder de irromper nessas realidades espirituais. É o poder de Deus para a salvação de todos que creem (Rm 1.16). Assim, o poder deve estar enraizado no próprio evangelho e não em nossas apresentações.

Em resumo, ao moldar as apresentações do evangelho para esta nova geração, elas devem ser culturalmente relevantes, socialmente sensíveis, pessoalmente

adaptáveis e espiritualmente poderosas. Mas que meios se provarão eficazes na transmissão de tal apresentação?

### ***A COMUNICAÇÃO DISTINTA DE VÁRIOS MEIOS EVANGELÍSTICOS***

Um estudo bíblico e histórico das apresentações do evangelho lança uma luz interessante sobre o assunto desses meios. Embora haja maior uniformidade nas apresentações do evangelho durante o século 20,<sup>6</sup> tanto a Bíblia quanto a história demonstram haver uma variedade de meios passíveis de serem usados para apresentar o evangelho a fim de que seja comunicado com eficácia. No Novo Testamento, vemos evidências de pelo menos seis grandes categorias desses meios.

Primeiro, algumas apresentações do evangelho eram *teologicamente estruturadas*. Foi o caso de Pedro no dia do Pentecoste (At 2.14-36). A mensagem dele retratou o Jesus de Nazaré histórico como o Senhor e Cristo crucificado, usando profecias do Antigo Testamento para explicar o dom do Espírito, a ressurreição e a exaltação de Cristo.

Em outros momentos, a apresentação do evangelho foi acima de tudo *testemunhal*. Paulo apresentou o evangelho por meio da sua história ao rei Agripa (At 26.1-32). A mulher samaritana compartilhou a própria experiência com seus conterrâneos, levando-os a encontrar Jesus (Jo 4.39-42).

O evangelho também foi apresentado através de relatos em *formato de histórias*. Considere o formato de história dos Evangelhos em si. Ou ainda a mensagem de Paulo em Antioquia da Pisídia (At 13.16-41), que acompanhou a história da salvação desde o Êxodo até Cristo.

A mensagem de Paulo em Atos 17.22-31 foi uma apresentação *filosoficamente conduzida*, adequada aos filósofos gregos reunidos no Areópago. Por meio dela, Paulo apresentou a verdade bíblica sem fazer referências à Bíblia. Na verdade, as únicas citações que Lucas registra vêm dos filósofos pagãos.

As parábolas do reino são exemplos da verdade do evangelho mostrado em forma *narrativa* ou de história. A historicidade da parábola não é presumida. Contudo, a verdade do evangelho foi apresentada por esse meio poderoso e popular, e as multidões se aproximavam para ouvir. Quem tinha ouvidos para ouvir, ouvia e cria (v. Mt 13; Mc 4.33,34).

Por fim, algumas interações do evangelho seguiam totalmente o formato de *diálogo*. Jesus não fez uma apresentação a Nicodemos (Jo 3.1-21) ou à mulher samaritana junto ao poço (Jo 4.7-26). Apenas dialogou com ambos. De fato, essas

<sup>6</sup>Veja Johnson (1994).

conversas eram conduzidas com o intuito de que eles pudessem crer que Jesus era o Cristo. Mas ainda assim eram diálogos.

Embora não sejam excludentes entre si, essas formas ilustram a variedade de meios legítimos passíveis de serem usados para transmitir o evangelho. Que meios oferecerão a melhor perspectiva de uma comunicação eficaz com esta geração? As tradicionais apresentações do evangelho têm sido moldadas basicamente pela teologia (*The four spiritual laws* [As quatro leis espirituais], por exemplo). Elas continuarão a ter um lugar significativo no evangelismo. No entanto, há mais atenção ao poder da história,<sup>7</sup> pelo qual a maioria se refere à história ou testemunho de vida. Outros meios também precisam ser investigados. De fato, mesclar meios é uma possibilidade, como se verá no exemplo a seguir. Cada meio bíblico teve eficácia comprovada em um diferente contexto de ministério. E assim será em nossa época. Esta geração pós-moderna não ouvirá o evangelho por um único meio ou forma. Devemos explorar cada um deles e muitos outros mais.

## O QUE SÃO APRESENTAÇÕES EFICAZES DO EVANGELHO DO PONTO DE VISTA DAS GERAÇÕES MAIS JOVENS?

Como já sugerido, nenhuma abordagem pode ser definitiva. O ministério em *campus* da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo tem lançado mão de múltiplas iniciativas para fazer frente aos desafios atuais. A equipe da Pesquisa e Desenvolvimento (R&D, em inglês) está liderando muitos projetos criativos, no esforço de acelerar o cumprimento de sua missão de transformar estudantes perdidos em trabalhadores centrados em Cristo em meio aos 60 milhões de universitários do mundo todo.

Como parte do esforço, estamos repensando a importância do testemunho pessoal. Os testemunhos roteirizados e memorizados do passado estão dando lugar a histórias de vida mais espontâneas e flexíveis. Experiências de diálogo, tais como as entrevistas informais conduzidas pela QuEST, estão sendo usadas com mais frequência. Ferramentas mais antigas, como *The four spiritual laws* [As quatro leis espirituais], estão sendo atualizadas para formatos mais relevantes.<sup>8</sup> A microficção está sendo considerada um meio potencial de comunicação, comparável a parábolas modernas. Outras mídias, incluindo música, vídeo e internet, estão se mostrando eficazes também.

<sup>7</sup>Por exemplo, veja L. Ford (1994) e K. Ford (1995).

<sup>8</sup>A Cruzada Estudantil para Cristo testou e atualizou uma versão para as universidades intitulada *Knowing God personally* no verão de 2000.

Durante a segunda metade do século 20, apresentações do evangelho como *The four spirituals laws*,<sup>9</sup> *Steps to peace with God* [Passos para a paz com Deus]<sup>10</sup> e *The bridge of life* [A ponte da vida]<sup>11</sup> foram habitualmente utilizadas. Elas se provaram produtivas no passado. À medida que a cultura se transforma, as apresentações transferíveis do evangelho continuarão a ser eficazes? Se sim, que mudanças as caracterizarão? Cinco características estão se impondo como vitais para as apresentações eficazes do evangelho entre as gerações mais jovens. A seguinte discussão ilustrará cada característica com o uso de *Life@Large* [A vida como um todo], um projeto atual da equipe de R&D da Cruzada.<sup>12</sup>

*Life@Large* começou em janeiro de 1998, quando uma equipe de membros da R&D, especialistas em comunicação, e o diretor do ministério em *campus* se reuniram em Raleigh, Carolina do Norte, para desenvolver novos recursos evangelísticos. Conforme as ideias foram avaliadas, o primeiro projeto aprovado implicou o desenvolvimento de uma apresentação do evangelho que capacitaria os estudantes a manter um tom de conversa e apresentar o evangelho no enredo da história da salvação. O protótipo da ferramenta, batizada como *The ultimate pursuit* [A busca suprema], foi apresentado na conferência “Dizendo a verdade: evangelizando pós-modernos”, de 13 a 15 de maio de 1998. Conforme o projeto avançou, seu nome foi mudado para *Life@Large*. Seguem as cinco características que estão se impondo como vitais para apresentações eficazes do evangelho entre as gerações mais jovens.

## 1. APRESENTAÇÕES ABRANGENTES DO EVANGELHO

Como nossa cultura está se tornando cada vez mais analfabeta em termos de conhecimento bíblico, é necessário oferecer uma estrutura da cosmovisão da Bíblia. É claro que os indivíduos podem encontrar Cristo de verdade sem apreender todos os traços mais nítidos da cosmovisão bíblica. No entanto, o evangelho faz sentido quando é entendido em seu contexto mais amplo. A morte de Jesus na cruz é compreendida em maior plenitude não apenas à luz da culpa pessoal de alguém, mas contra o pano de fundo da queda da humanidade. De igual modo, o amor de Deus é apreendido de modo mais completo quando Deus é entendido como o Criador pessoal e soberano, e nós, como suas criaturas em rebelião.

<sup>9</sup>Produzido pela Cruzada Estudantil para Cristo, Inc. (1965, 1994) [edição em português: *As quatro leis espirituais*].

<sup>10</sup>Produzido pela Associação Evangélica Billy Graham.

<sup>11</sup>Produzido por Navigators (1969).

<sup>12</sup>Para informação sobre a *Life@Large*, contate Pesquisa e Desenvolvimento, Cruzada Estudantil para Cristo, 2500, 100 Lake Hart, Orlando, Flórida, 32832 (1-407-826-2500). É possível acessar *Life@Large* através da Integrated Resources em 1-800-729-4351.

As águas culturais também estão sendo turvadas pela difusa influência da cultura cristã. A exposição superficial à cristandade tem feito verdades essenciais do evangelho soarem como clichês para essa geração de jovens. A despeito das implicações profundas de uma declaração como “Deus ama você”, muitos hoje não percebem sua importância nem seu poder. Quando essas impressões equivocadas se juntam à influência do espiritualismo ou de outras cosmovisões, conceitos estranhos são importados para a compreensão que a presente geração tem dos termos do evangelho. O exemplo mais óbvio é sua visão de Deus. Começar uma discussão com “Deus ama você” pode deixar sem resposta questões críticas como “Qual Deus?” ou “Quem é Deus?”. É o Criador infinito e pessoal da Bíblia ou a força impessoal dos filmes que permeia o cosmos? Já que o poder do Espírito é mais operante quando as verdades do evangelho estão mais claras, esta geração precisa ouvir o evangelho em contexto.

O desafio, claro, é criar um meio simples de transmitir o evangelho através do enredo bíblico, de uma maneira que se conecte aos corações e às mentes das gerações mais jovens. A tarefa não é fácil. A apresentação deve não só ter relevância cultural como também ser bíblicamente sólida. Além de comunicar o evangelho aos não cristãos, ela moldará, em parte, como a próxima geração de estudantes cristãos compreenderá o evangelho.

O projeto *Life@Large* foi desenvolvido em torno de sete temas básicos da história da salvação. Juntos, eles compõem uma introdução ao enredo bíblico para pessoas que não conhecem a Bíblia e revelam grandes pontos decisivos. Os temas são:

Intimidade – explorando a criação da humanidade por Deus.

Traição – expondo nossa queda e suas consequências.

Esperança – apresentando a promessa do Salvador encontrada no Antigo Testamento.

Busca – meditando sobre a vida de Jesus, o Prometido.

Sacrifício – convergindo para a morte e ressurreição de Jesus.

Convite – anunciando a oferta graciosa de Deus a nós nesta era.

Reunião – olhando para a frente, para o julgamento e a vida eterna no porvir.

Outros podem preferir destacar outros momentos decisivos significativos da história do evangelho ou expressar seus temas em outros termos.<sup>13</sup> O objetivo do projeto *Life@Large* é oferecer às gerações mais jovens uma visão geral do evangelho em seu contexto, de modo que seu poder seja liberado e a fé desses jovens seja firmemente fundamentada em um entendimento bíblico da vida. O texto de

<sup>13</sup>Para uma discussão abrangente do enredo, veja Carson (1996).

*Life@Large* foi revisto e editado várias vezes para assegurar que a mensagem transmitisse não somente temas bíblicos, mas também equilíbrio bíblico.

Durante o teste de campo, uma estudante de Harvard compartilhou *Life@Large* com uma amiga judia de infância. Depois, ela escreveu em um diário: “Primeiro ‘conversamos’ bastante sobre a questão pelo telefone. Depois mantivemos um diálogo via *e-mail* sobre o assunto e as reações dela ao que estava sendo dito. Isso durou uma semana, ao fim da qual conversamos de novo. Na primeira vez que conversamos, minha amiga disse que gostaria que fosse verdade, mas não sabia se era. Uma semana depois, quando conversamos, ela afirmou saber que era verdade. Oramos pelo telefone e ela aceitou a Cristo. Ninguém nunca lhe dissera que Deus a ama sem levar em consideração o quão ‘boa’ ela é, e foi isso o que causou maior impacto nela. As partes sobre a condição pecaminosa do homem foram complicadas, porque minha amiga já se sentia culpada. Sabia que andava fazendo coisas que não deveria e achava que o cristianismo só tinha condenação a lhe oferecer. ‘Deus não enviou Seu Filho ao mundo para condená-lo, mas para salvá-lo’ (painel 4) atraiu de verdade seu interesse e mexeu muito com ela”. O que Deus usou para preparar essa estudante para receber sua Palavra está além do nosso conhecimento. Mas o poder do evangelho foi experimentado à medida que ele era compartilhado dentro do contexto amplo do enredo bíblico. Histórias semelhantes estão surgindo por todo o país.

## 2. RECURSOS PARA O DIÁLOGO

Uma pesquisa sobre recursos evangelísticos contemporâneos ilustra que a maioria é planejada para ser uma apresentação simples, mas cuidadosamente controlada do evangelho.<sup>14</sup> Quando usados de acordo com a maneira pela qual foram projetados, esses recursos funcionam como uma viagem de carro bem mapeada — levam-no a seu destino (o convite para uma decisão) pela rota mais rápida disponível (poucas explicações somadas aos versículos apropriados, mas normalmente acompanhadas de poucas perguntas). A força dessas apresentações reside no fato de o evangelho ser transmitido de modo claro e conciso.

No entanto, muitos envolvidos com o evangelismo hoje, especialmente entre a nova geração pós-moderna, têm descoberto que há menos indivíduos dispostos

<sup>14</sup>*The four spiritual laws* [As quatro leis espirituais] é um bom exemplo de apresentação. Existe uma pergunta de transição feita entre a primeira e a segunda lei. As próximas perguntas ocorrem ao final da quarta lei, em que se busca uma resposta para o evangelho. No geral, *The four spiritual laws* destina-se a servir como uma apresentação clara do evangelho, não uma discussão. Muitos que usam a ferramenta vão, de forma eficaz, adaptá-la a um estilo mais conversacional, mas isso não está implícito em sua elaboração.

a se sentar e ouvir uma apresentação. Os jovens de hoje desejam ser participantes ativos, não ouvintes passivos. Querem interagir, questionar e refletir. Quando o indivíduo está envolvido em um ambiente relacional seguro, um diálogo de duração mais significativa é possível. Esse tipo interação é capaz de propiciar um ambiente positivo em que o processo de decisão espiritual pode acontecer. Conversas assim conseguem fomentar maior entendimento e remover muitas barreiras à fé.

Em vários sentidos, o evangelismo entre as gerações mais jovens reflete a questão suscitada no título do livro de Ronald Johnson *How will they hear if we don't listen?* [Como escutarão se não ouvirmos?]. A chave para o evangelismo por meio do diálogo é a arte de perguntar e escutar. No passado, o treinamento em evangelismo costumava desencorajar ou adiar as perguntas e a discussão até que fosse concluída a apresentação. Às vezes, as perguntas ficavam sem respostas mesmo assim, pois o objetivo da apresentação fora alcançado com o convite à decisão. Dada a inclinação dos pós-modernos para o diálogo, é possível permitir uma discussão significativa sem sermos desviados da comunicação do evangelho?

Diferentemente das ferramentas evangelísticas tradicionais, *Life@Large* é projetada para servir como guia para o diálogo, não uma apresentação. Em um *tour* pela cidade, um guia sabe para onde você vai. Mas ao longo do caminho você pode fazer pausas, explorar lugares e se divertir. De maneira semelhante, a conversa que segue a ferramenta *Life@Large* é planejada de modo a incluir pausas e explorar a vida do outro, bem como suas ideias e experiências. Perguntas como “O que o incomoda mais em relação à vida?” e “Quem ou o que tem sido a influência mais importante em sua peregrinação espiritual?” abrem espaço para o relato de elementos da história de vida do não cristão. Essas percepções são então entretecidas com os temas e versículos da história de Deus. Em vez de uma apresentação, *Life@Large* se torna uma conversa de verdade.

Pelo paradigma do evangelismo tradicional, costumamos descobrir *o que* a pessoa é através da conversa — ou seja, ela é incrédula. Mas com demasiada frequência falhamos em descobrir *quem* é essa pessoa — sua história. Essa falha não permite a revelação de percepções que poderiam servir como pontes valiosas para ajudá-la a descobrir a relevância de Cristo em sua vida. Brian era um corretor de ações que passara grande parte da vida na igreja e em torno dela. Ele reconhecia que agora estava se distanciando de Deus. O ponto crítico da conversa com ele veio do terceiro conceito (Esperança), quando lhe perguntaram: “Você já experimentou Deus? Se sim, como?”. Depois de uma longa pausa para refletir, Brian respondeu que, apesar dos seus anos de envolvimento com a religião, nunca experimentara Deus em nenhum sentido real. Suas próprias palavras o colocaram face a face com a realidade de uma existência separada de Deus.

Em outra conversa, Michael, no segundo ano de faculdade, aos 21 anos, respondeu à mesma pergunta: “Não, nunca experimentei Deus. Mas uma vez tive uma experiência com o Diabo”. Prosseguiu descrevendo seu encontro espiritual com um ser maligno. Esses não são simples fatos interessantes para a conversa, mas vislumbres importantes do interior da vida das pessoas. Essas descobertas fornecem o contexto para compreender a jornada espiritual do outro e nosso papel nela.

### 3. UMA ÊNFASE NAS HISTÓRIAS DE VIDA

Conduzir a conversa do casual e mundano para algo significativo sobre Cristo com frequência implica romper uma sólida barreira espiritual. O medo e a incerteza impedem que muitos crentes façam isso. A ponte de diálogo para muitas apresentações transferíveis do evangelho tem sido o interesse da audiência por questões espirituais (“Você gostaria de conhecer Deus pessoalmente?” ou “Posso lhe mostrar como ter certeza de que terá a vida eterna?”). Outros têm se focado na identificação de certas necessidades sensíveis, às quais é possível relacionar o evangelho (solidão, ansiedade etc.). Esses tipos de abordagem sem dúvida continuarão pertinentes a um segmento da nossa sociedade. Mas muitos indivíduos de hoje não expressam abertamente o interesse por questões espirituais (em especial sob a perspectiva cristã) nem estão dispostos a considerar Cristo a resposta para suas necessidades. Quaisquer abordagens que se mostrem eficazes na comunicação com nosso público, seja qual for seu interesse ou necessidade, devem estabelecer uma conexão com ele em uma base diferente. A história de vida dessas pessoas pode fornecer uma ponte mais universal.

A ferramenta *Life@Large* foi planejada para estabelecer conexão com qualquer indivíduo que expresse o desejo genuíno de ouvir e compreender sua história. Esse interesse é a chave para abrir portas sempre fechadas e costuma ser celebrado pela disposição das pessoas de compartilhar pensamentos e experiências em conversas apropriadas e seguras. Em vez de abordar o indivíduo com nossa mensagem (“Posso mostrá-la a você e saber o que pensa a respeito dela?”), *Life@Large* expressa nosso interesse pelas pessoas (“Todo o mundo tem uma história — uma história de vida. Qual é a sua?”). A história de cada um é importante. Ao entretecer a história de vida das pessoas com o enredo da Bíblia, os incrédulos compartilham de si mesmos tanto quanto se sentem confortáveis. Ao mesmo tempo, consideram os temas do enredo bíblico e aumentam seu entendimento do evangelho.

Nos encontros evangelísticos, é comum que um não cristão mencione a própria descrença na Bíblia como objeção para meditar em sua mensagem. *Life@Large* antecipa e neutraliza essa preocupação perguntando primeiro: “Até que ponto você foi exposto à Bíblia?” e “Qual é a sua atual atitude para com ela?”. As respostas

servem como ponto de partida para ouvir a história deles, enquanto exploram a história da Bíblia.

Estudantes que usam a ferramenta *Life@Large* frequentemente fazem comentários como: “Tudo aconteceu em tom de diálogo. [...] Ele achou as perguntas excelentes, pois de fato o fizeram pensar e lhe permitiram expressar o que estava sentindo”. Esse comentário foi escrito por um estudante de Harvard, depois de compartilhar a ferramenta com um amigo que considerava o cristianismo exclusivo e assertivo demais. Um estudante da Universidade do Texas também a compartilhou com um amigo que fora pouco exposto à Bíblia, e escreveu: “Sinto que as perguntas e as Escrituras me ajudaram de verdade a compreender o ponto em que ele se encontrava. [...] Ele disse haver gostado da conversa profunda que tivemos. Acha que o ajudou a entender o cristianismo”. No teste de campo inicial, os estudantes usaram *Life@Large* para conduzir conversas com 123 não cristãos. Treze deles indicaram ter tomado a decisão de receber a Cristo através de oração como fruto da conversa. Mas igualmente encorajadoras foram as descrições que os cristãos fizeram dos debates positivos com os céticos e os agnósticos. A ferramenta *Life@Large* não os levou à conversa que tiveram, mas pareceu servir como um passo adiante em seu processo de decisão espiritual. Eles expandiram sua compreensão da história do evangelho ao mesmo tempo que se sentiram mais bem compreendidos ao compartilhar suas histórias. O objetivo, portanto, é satisfeito fomentando o diálogo contínuo sobre o evangelho, em vez de levar a um impasse na conversa.

#### **4. ABORDAGENS ADAPTÁVEIS**

Como observado anteriormente, há grande diversidade no público que buscamos alcançar pelo evangelismo hoje em dia. Os indivíduos são únicos, bem como nossa conversa com eles. A abordagem por meio do diálogo requer um recurso evangelístico adaptável ao indivíduo e à situação. Alguns indivíduos são bons ouvintes; outros querem falar. Alguns gostam de refletir sobre o assunto de antemão; outros necessitam processar tudo em voz alta. Alguns querem um resumo breve; outros adoram conversar durante horas. Uma abordagem evangelística eficaz abrirá espaço para toda essa diversidade. A abordagem por meio do diálogo pode fazer isso.

Contudo, a diversidade não se limita a estilos e preferências na conversa. Ela também se nota pelo entendimento espiritual e pela abertura da audiência. Como observado, hoje a testemunha não pode presumir que seu público já compreende conceitos fundamentais. No entanto, talvez isso aconteça. É possível abordar o evangelismo de maneira que ela se adapte ao interesse e ao processo espiritual da pessoa? A ênfase da ferramenta *Life@Large* parece propiciar essa liberdade. A história da pessoa é tratada com respeito pela disposição do crente em ouvir e

compreender. No entanto, ela é também desafiada pela mensagem bíblica. Além disso, no teste de campo de *Life@Large*, foi dada atenção especial aos indivíduos de outras religiões mundiais e de vários grupos étnicos. Quando os estudantes que faziam os testes registraram suas conversas, verificou-se que os resultados de ambos os grupos eram muito positivos.

A diversidade é uma característica não só de nossa audiência, mas ligada também a nós mesmos, como testemunhas. Estamos em estágios diferentes de maturidade e experiência. Muitos crentes nunca tiveram uma conversa significativa com um não cristão sobre a fé e se sentem pouco à vontade fazendo isso. Outros compartilham a fé como um modo de vida. De novo, o diálogo pode ser usado por todos. Mas como ser eficaz ao prover os recursos para esses diálogos?

*Life@Large* foi criada como uma abordagem que pode ser utilizada por qualquer crente, inclui-se aqueles que contam com pouco treinamento ou experiência em evangelismo. Embora o conforto e a habilidade da pessoa cresçam com a experiência, qualquer um pode usar a ferramenta depois de uma curta orientação de quinze a vinte minutos de duração. O que torna isso possível é a facilidade da abordagem. Compartilhar os painéis é tão fácil quanto falar, olhar e ouvir. Na condução da conversa, primeiro a pessoa fala, isto é, lê ou explica o tema com um breve parágrafo introdutório. Então ela convida o amigo ou conhecido a olhar, ou seja, a ler em voz baixa (ou alta) os trechos da História de Deus (em geral, três versículos da Bíblia relacionados ao tema). Ao ler os versículos por si mesmos, eles participam e a Bíblia lhes fala diretamente. Em seguida, vem uma pergunta tão simples como “O que diz a Bíblia?”. Nesse ponto, o propósito é fazer com que observem (não interpretem) de maneira adequada o que a Bíblia está dizendo. A mensagem e suas implicações ficarão claras à medida que forem observadas com precisão. O último passo é ouvir. Ao apresentar as perguntas para a discussão de Sua História, o crente consegue explorar as experiências e os pensamentos do não cristão. Essa é a abordagem básica da conversação.

Contudo, a ferramenta é flexível e pode ser usada de diversas outras maneiras. Um resumo do enredo bíblico está escrito em forma narrativa no final de *Life@Large*. Ele pode ser lido em cerca de sete minutos pelo amigo ou conhecido antes da conversa. Cumprida essa preparação, o crente pode se limitar a conduzir o diálogo com as perguntas, buscando entender o amigo e o ajudando a esclarecer a mensagem. As conversas com a *Life@Large* costumam durar de 20 minutos a 2h30 minutos entre estudantes. No entanto, é possível compartilhar toda a essência do conteúdo em 10 a 12 minutos, limitando a apresentação à introdução de todos os sete temas e usando os versículos e as perguntas apenas nos dois grandes pontos críticos — a Traição (nosso problema) e o Sacrifício (solução de Deus).

A mensagem da *Life@Large* também pode ser usada sem o recurso impresso. Michael teve uma experiência inicial com o catolicismo, mas fora ateu a maior parte da vida. Agora, com vinte e poucos anos, estava disposto a reconsiderar a espiritualidade. Suas opiniões vinham sendo moldadas pela espiritualidade popular da mídia moderna. Tive o privilégio de acompanhar os temas da *Life@Large* com ele, usando só minha Bíblia, caneta e papel. Ao final, Michael respondeu: “Sempre tive dúvidas, mas não conhecia ninguém a quem pudesse perguntá-las. Quando você começou a me mostrar a Bíblia, soube que estava ouvindo a verdade”. Antes do fim da conversa, Michael curvou a cabeça em oração e depositou sua confiança em Jesus como seu Salvador e Senhor.

Sarah, estudante do curso médio em Orlando, usou a *Life@Large* como base de duas conversas, uma com sua equipe de *cross-country* e a outra em uma reunião do coral. A reunião do coral foi construída em torno do tema “O verdadeiro sentido do Natal”. Ela começou a apresentação assim: “Você não consegue entender o verdadeiro sentido do Natal se não entender a história maior da qual ele faz parte”. Ela então usou os temas, os versículos e algumas perguntas da *Life@Large* para explicar a história, relacionando-a com o Natal ao longo do caminho. Cinco colegas de classe deram indícios de querer se decidir por receber a Cristo em consequência da apresentação. Um jovem veterano disse depois: “Essa talvez tenha sido a apresentação do evangelho mais clara que já ouvi”.

A *Life@Large* pode ser uma fonte evangelística flexível para falar com essa nova geração pós-moderna em vários cenários e com grande diversidade de abordagens. De novo, a *Life@Large* não é a maior de todas as ferramentas. Seu valor está em ilustrar o que pode ser feito para alcançar as gerações mais jovens.

## 5. PROJETOS VISUALMENTE SOFISTICADOS

Nós estamos nos comunicando com uma geração visual. A televisão, os filmes e a internet têm saturado de imagens a experiência dessas pessoas. Embora as conversas interpessoais pareçam ser o elemento mais importante do evangelismo pessoal, qualquer mídia física que lhes sirva de apoio deve ser projetada com todo o cuidado. Sua aparência pode fazer uma diferença significativa a essa geração. Para ser eficaz, o projeto visual deve visar mais do que prender a atenção ou entreter o público. Cada elemento precisa ser escolhido pelo que transmitirá visualmente e pelo efeito que produzirá.

Quando o protótipo da *Life@Large* foi apresentado na conferência “Dizendo a verdade: a evangelização de pós-modernos”, um estudante formado em belas-artes e envolvido com o evangelismo de outros estudantes ergueu a mão e exclamou: “Essa é a primeira ferramenta evangelística que me parece ter alguma possibilidade

de estabelecer uma comunicação com nossa geração visualmente tão sofisticada”. Quando os mensageiros cristãos entenderem a importância da comunicação visual, declarações desse tipo não mais serão feitas.

A partir do teste da *Life@Large*, o protótipo foi bastante alterado até chegarmos a um desenho mais sutil. A mídia impressa da *Life@Large* não é um livreto ou folheto tradicional. Folhetos não fazem aparte da experiência dos estudantes. Portanto, a *Life@Large* utiliza um panfleto dobrado, projetado para exprimir de maneira sutil a natureza do enredo bíblico e seus desdobramentos. Há fotos vinculadas a conceitos básicos ao longo de todo o panfleto, cujas cores são suavizadas. O objetivo é que elas apoiem, mas não dominem o interesse da audiência. Na *Life@Large*, os rostos representam o espectro da etnicidade e da faixa etária, honrando o espírito pluralista da nossa cultura. A cor é utilizada com o intuito de criar uma hierarquia de informação e enfatizar os pontos críticos. Cada elemento do *design* recebe atenção.

Claro, existem estilos múltiplos que se comunicam com eficácia. O que transmite ideias hoje pode parecer ultrapassado amanhã. Mas os comunicadores cristãos devem reconhecer a importância desses elementos visuais para a presente geração e produzir recursos condizentes. Uma geração bombardeada por centenas de mensagens de mídia todos os dias precisa que lhe falem do evangelho através da mídia com a qual se sente mais confortável.

Essas cinco características — apresentações abrangentes do evangelho, recursos para o diálogo, abordagens adaptáveis, ênfase nas histórias de vida e projetos visualmente sofisticados — podem ser aplicadas de várias maneiras às mensagens e recursos evangelísticos. A ferramenta *Life@Large* representa apenas uma das aplicações possíveis. A despeito do entusiasmo que tem gerado, não é a resposta final na transmissão do evangelho às gerações mais jovens. Seu maior valor talvez seja elevar o padrão para que futuras tentativas na área de recursos para o evangelismo sejam ainda melhores, tanto em integridade bíblica quanto em eficácia comunicativa. Ambas são aspectos essenciais para esta e para todas as gerações.

## Referências

- CARSON, D. A. 1996. *The gagging of God* (Grand Rapids: Zondervan).  
———. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (São Paulo: Shedd, 2013). Tradução de: *The gagging of God*.  
DODD, C. H. 1936. *The apostolic preaching and its developments* (New York: Harper and Row).  
FORD, Kevin Graham. 1995. *Jesus for a new generation* (Downers Grove: InterVarsity Press).

- FORD, Leighton. 1994. *The power of story* (Colorado Springs: NavPress).
- HUNSBERGER, George R.; GELDER, Craig Van, orgs. 1996. *The church between gospel and culture* (Grand Rapids: Eerdmans).
- JOHNSON, Ronald W. *How will they hear if we don't listen?* (Nashville: Broadman and Holman, 1994).
- LADD, George E. 1993. *A theology of the New Testament*. 2. ed. (Grand Rapids: Eerdmans).
- \_\_\_\_\_. *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Hagnos, 2003). Tradução de: A Theology of the New Testament.
- NEWBIGIN, Lesslie. 1986. *Foolishness of the Greeks* (Grand Rapids: Eerdmans).
- \_\_\_\_\_. 1989. *The gospel in a pluralist society* (Grand Rapids: Eerdmans).
- POE, Harry L. 1996. *The gospel and its meaning* (Grand Rapids: Zondervan).



# OITAVA PARTE

## **Plenárias de encerramento**



## CAPÍTULO 27

---

# A URGÊNCIA DO EVANGELHO

*Ajith Fernando*

Um dos muitos desafios que o testemunho cristão enfrenta nesta era pós-moderna está relacionado ao problema da motivação para o evangelismo. Por tradição, os cristãos são motivados para o evangelismo pela crença de que o evangelho é a verdade absoluta e a única esperança de salvação. No entanto, a pertinência de se falar em categorias como “verdade absoluta” e “única esperança de salvação” vem sendo questionada pelo pensamento pluralista atual. O espírito pós-moderno é, por conseguinte, hostil à ideia de urgência conforme retratada na Bíblia. Neste ensaio examinaremos o significado e as causas da urgência bíblica analisando os versículos que descrevem essa urgência e como o espírito pós-moderno os desafia.

### DURAS VERDADES QUE FOMENTAM A URGÊNCIA

A Bíblia descreve situações em que o povo de Deus foi motivado a agir pela constatação do que podemos chamar de duras verdades do evangelho. A constatação de que, sem Deus, as pessoas estão perdidas e marchando para o juízo teve uma forte influência sobre eles. Paulo expressa isso com grande sentimento ao ponderar a condição de perdidos dos judeus em Romanos 9.1-4. Primeiro ele anuncia a urgência do que está prestes a dizer: “Digo a verdade em Cristo, não minto. Minha consciência dá testemunho comigo, no Espírito Santo” (v. 1). Em seguida, expressa seus sentimentos acerca dos judeus e sua condição de perdidos: “Tenho grande tristeza e incessante dor no coração” (v. 2). Passa então a descrever como essa verdade cruel é capaz de motivá-lo a grandes níveis de comprometimento: “Porque eu mesmo desejaria ser amaldiçoado e excluído de Cristo, por amor de meus irmãos, meus parentes segundo a carne. Eles são israelitas” (v. 3,4a). No capítulo seguinte, Paulo

declara o quanto deseja a salvação dos judeus: “Irmãos, o desejo do meu coração e a minha súplica a Deus em favor de Israel é que ele seja salvo” (10.1). Vemos aqui uma descrição de urgência em razão dessa condição de perdidos dos judeus. Isso se transforma em motivação direta para o evangelismo. Judas 23 descreve o evangelismo como arrebatar as pessoas do fogo e salvá-las.

Alguns dos grandes líderes da história da igreja expressam urgência semelhante em razão da condição de perdidas das pessoas separadas de Cristo. Samuel Rutherford, pregador escocês do século 17, certa vez disse a alguém: “Eu colocaria meus prazeres mais caros na lacuna entre você e a destruição eterna”.<sup>1</sup> Hudson Taylor afirmou: “Eu jamais pensaria em ir para a China se não crese que os chineses estão perdidos e necessitados de Cristo”. D. L. Moody declarou a uma plateia em Londres: “Se acreditasse que não existe inferno, com certeza eu partiria amanhã mesmo para a América”. Ele disse que abriria mão de ir de cidade em cidade, passando dia e noite “exortando os homens a fugirem da maldição do inferno”.<sup>2</sup> William Booth falou que gostaria que os trabalhadores do seu Exército de Salvação pudessem passar “uma noite no inferno” a fim de ver a urgência de sua tarefa evangelística.<sup>3</sup>

A realidade do juízo, claro, acrescenta essa urgência à nossa mensagem. Várias vezes na Bíblia a perspectiva do juízo se converte em meio de advertir pessoas, com o intuito de que se voltem para Deus. Peter Toon lista 31 passagens (sem contar as paralelas) nos Evangelhos que contêm avisos contra o inferno (1986, p. 29-46). Avisos que costumam ser dados em contextos evangelísticos (e.g., Mc 8.31-38).<sup>4</sup>

O juízo nunca foi mensagem popular, assim como não é hoje. A filosofia predominante que influencia a vida religiosa tanto no Oriente quanto no Ocidente é o pluralismo religioso. Ele enfatiza a igualdade básica dos sistemas religiosos, buscando assim unificar pessoas de diferentes crenças. A doutrina do juízo fala de uma divisão eterna da humanidade entre salvos e perdidos.

Ao meditar sobre a vida após a morte, muitos preferem pensar no céu, em vez de no inferno. Talvez seja esse o motivo pelo qual, nas declarações de Jesus que foram registradas, haja mais referências ao inferno do que ao céu. Também pode ser essa a razão por que na Bíblia há mais menções à ira de Deus do que ao seu amor. É tão fácil nos enganarmos, nos esquecendo dessas verdades e pensarmos positivamente sobre o nosso destino! Uma pesquisa realizada para a revista *Newsweek* pela

<sup>1</sup>Citado em Gaebelein, 1980, p. 22.

<sup>2</sup>Citado em Gundry, 1976, p. 97-98.

<sup>3</sup>Para uma discussão mais completa, veja o capítulo 13, “Lostness as a motivation for evangelism”, in: Fernando, 1994.

<sup>4</sup>Para uma discussão de maior abrangência, veja o capítulo 12, “Why should we talk about judgment?”, in: Fernando, 1994.

organização Gallup em dezembro de 1988 descobriu que 77% dos americanos acreditam haver um céu, e que 76% desse total pensa ter uma boa ou excelente chance de ir para lá (13 abr. de 1989, p. 43).

Uma das características fundamentais da era pós-moderna é sua ênfase nos aspectos subjetivos e experimentais da vida. Em resposta a isso, muitas igrejas têm se especializado em programações voltadas para o entretenimento, como parte do esforço para alcançar as pessoas dessa cultura. Num ambiente em que entreter é a motivação maior da programação, fica fácil negligenciar as duras verdades do evangelho, pois elas não costumam ser atraentes nem divertidas. Se uma geração negligencia determinada doutrina por ser difícil de aceitar, é bem possível que a próxima geração também a rejeite. Não tendo sido expostas com regularidade a essa dura verdade, as pessoas considerarão complicado ajustá-la à sua cosmovisão, à abordagem que adotam para a vida e a religião. O resultado será a perda da urgência na igreja.

## A COMPULSÃO DA VERDADE

Na Bíblia, sempre vemos a urgência brotar do fato de aquilo que está sendo proclamado ser a verdade que Deus deu à humanidade. Isso é visto com grande intensidade nos profetas, compelidos que foram pelo que pode ser chamado de “fardo do Senhor”. Amós clamou: “O leão rugiu, quem não temerá? O SENHOR Deus falou, quem não profetizará?” (Am 3.8). Assim como o medo é a resposta esperada ao rugido de um leão, profetizar é a resposta esperada ao falar do Senhor.

A compulsão da mensagem é bem ilustrada pela reclamação de Jeremias a Deus depois de ter sido humilhado pelo principal oficial do templo. O profeta fora surrado e mantido no tronco uma noite inteira. Em seguida à sua libertação, ele acusa Deus de tê-lo enganado e descreve sua humilhação (Jr 20.7,8). Ele pensa então na possibilidade de abandonar o ministério. Desabafa: “Se eu disser: Não farei menção dele e não falarei mais no seu nome, então meu coração arde como fogo, pressionando os meus ossos; estou exausto de contê-lo e não tenho mais forças!” (v. 9).

A verdade costuma arder em nosso coração, como descobriram os discípulos que encontraram Cristo no caminho para Emaús. “Acaso o nosso coração não ardia pelo caminho, quando ele nos falava e nos abria as Escrituras?” (Lc 24.32), exclamaram. Isso é conhecimento ardendo em fogo, gerando uma urgência que se expressa por meio da proclamação do evangelho.

Uma das principais razões para esse conhecimento arder em fogo e assim gerar essa urgência é a convicção de que ele é a verdade. Em Romanos 1.14-16, outra passagem que fala de urgência, Paulo descreve seu senso de obrigação para proclamar o evangelho a todas as pessoas, levando-o ao anseio por pregá-lo em Roma

(v. 14,15). E diz sua razão para esse anseio: “Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (v. 16). A certeza do poder do evangelho suscitou a urgência.

Uma reportagem publicada no *London Daily Mail* durante uma das antigas campanhas de Billy Graham na Inglaterra explica a urgência que vem da convicção de que o evangelho é a verdade. Ela dizia: “Ele não tem nenhum pessoal; em momento algum apela para as emoções. Seu poder — e poder ele tem — é a certeza inseparável de que conhece o caminho certo da vida”.<sup>5</sup>

Há alguns meses, quando eu viajava de trem rumo à aldeia budista onde estávamos ministrando, sentei-me junto a um oficial do governo budista. Quando ele percebeu que eu, um missionário cristão, seguia para uma aldeia budista, fez-me uma pergunta que não sai da mente de muitos budistas do Sri Lanka: “Por que vocês, cristãos, querem converter os budistas ao cristianismo? Isso está causando muito transtorno à nossa sociedade atual. Não podem ajudá-los a ser melhores budistas, enquanto vocês tentam ser melhores cristãos?”. Respondi-lhe que acreditamos que este mundo foi criado por um Deus supremo que, vendo a confusão em que o mundo se encontra, providenciou uma resposta para os problemas dele. Conte-i-lhe então que descobrimos que resposta é essa e, depois de encontrá-la, temos de compartilhá-la com as pessoas da Terra. Eu disse que seríamos egoístas se não o fizéssemos. Ele pode não ter ficado feliz com minha resposta, mas acho que ao menos entendeu por que pregamos o evangelho a não cristãos.

### ***A PERDA DE CONFIANÇA DO PÓS-MODERNISMO NO VALOR DA VERDADE OBJETIVA***

Uma característica básica do pós-modernismo milita contra o que temos dito sobre a urgência brotar da veracidade objetiva do evangelho como resposta suprema de Deus para o dilema humano. As pessoas dizem que a verdade é subjetiva e pessoal, não objetiva e absoluta. Logo, afirmam: “Você tem a sua verdade e eu a minha. Não seja arrogante dizendo que a sua verdade é a única para mim”. Em um ambiente desses, não pode haver nenhuma urgência em proclamar a mensagem para o mundo inteiro. Quem está comprometido com o evangelismo pensando em conversão é considerado desesperadamente fora de compasso com o modo pela qual a sociedade está se movendo.

Esse é um tópico imenso e requer tratamento à parte. Permita-me dizer aqui que, embora as pessoas possam não estar interessadas na verdade objetiva, não são incapazes de pensar em categorias objetivas. A capacidade de responder à verdade

<sup>5</sup>Citado em Wirt, 1997, p. 47.

objetiva e apreciá-la faz parte da natureza humana, e mesmo que a suprimamos por algum tempo, cedo ou tarde reconheceremos seu valor. De fato, quando as pessoas reconhecem o caos resultante de viver sem bases objetivas e imutáveis, podem começar a procurar de novo pela certeza que vem de edificar a própria vida sobre uma fundação firme. Nos últimos tempos, têm surgido indícios de uma reação mundial à incerteza do pluralismo e à abordagem subjetiva da verdade. Exemplos dessa tendência são o crescimento do islamismo no Ocidente; do budismo, do hinduísmo e do fundamentalismo islâmico no Oriente; e de grupos como os mórmons e as igrejas cristãs que enfatizam a fidelidade estrita a princípios, como a Igreja de Cristo de Boston. A igreja, então, se vê confrontada com o grande desafio de demonstrar aos cristãos e ao mundo que a verdade objetiva ainda é relevante, atraente e indispensável.

### ***A PERDA DO VALOR DAS PALAVRAS NA IGREJA E NA SOCIEDADE***

Quando buscamos com urgência o ministério da Palavra nesta geração pós-moderna, somos confrontados com um problema relacionado à perda de confiança do pós-modernismo no valor da verdade. O fato é que as palavras perderam seu valor tanto na igreja quanto na sociedade. Carl F. H. Henry inicia sua impressionante obra em seis volumes, chamada *God, revelation and authority* [Deus, revelação e autoridade], com um capítulo intitulado “A crise da verdade e da palavra”. Nele, o autor diz: “O colapso da confiança na comunicação verbal é uma característica dos nossos tempos”. Ele salienta que “a preferência pelo não verbal é ainda mais notória entre a geração mais jovem, que com frequência crescente imagina as palavras como um disfarce, não uma revelação da verdade; ou seja, as palavras são usadas para esconder, distorcer e enganar” (1976, p. 24). Essa tendência alcançou seu apogeu na hermenêutica pós-moderna conhecida como *desconstrução*, associada a nomes como Jacques Derrida,<sup>6</sup> em que “o relativismo absoluto predomina [e] a verdade objetiva é intolerável e inexistente” (Henry, 1997, p. 38).

Diversos fatores contribuem para essa descrença concernente à capacidade da comunicação verbal de exprimir a verdade objetiva. Um fator evidente é a tendência a se distanciar da objetividade, um traço fundamental do pós-modernismo. Outro é que as pessoas têm usado as palavras de forma errada, tanto na igreja quanto na sociedade. Na igreja, é comum encontrarmos pregadores deturpando a verdade, indo além de seus limites, quando usam de exagero para provar uma

<sup>6</sup>Para descrições evangélicas de desconstrução, veja Erickson, 1993, p. 102-104, 110-114; Carson, 1996, p. 72-79.

ideia com eficácia. A ideia pode ser transmitida, mas o efeito em longo prazo é a perda de valor das palavras. O mesmo acontece quando quem prega não pratica o que prega. Às vezes, encontramos pregadores sendo dogmáticos acerca de coisas não essenciais ou que não são ensinadas com clareza nas Escrituras, como a aplicação de ensinamentos sobre o fim dos tempos à situação atual. Talvez por causa da confusão e da incerteza que têm caracterizado a insurgência contra a autoridade das Escrituras, alguns líderes cristãos sentem que devem sempre apresentar o que proclamam com a maior autoridade possível. Mas precisamos lembrar que nosso compromisso é com a verdade, e não com um dado sistema de crença. Se não estamos certos acerca da verdade sobre determinada questão, não tenhamos medo de admitir nossa insegurança. Se comunicamos alguma coisa que mais tarde descobrimos ser inverídica, nosso compromisso apaixonado com a verdade é tal que nos dispomos a ser corrigidos em público.

Na sociedade também há uma desvalorização das palavras. Na publicidade, vemos pessoas passionalmente rasgarem elogios a coisas tão banais quanto carros usados. Usamos superlativos como “o maior” e “incrível” com tanta facilidade que eles perderam o valor. A palavra *magnífico*, outrora empregada quase somente para designar Deus, é hoje usada para coisas triviais como sorvete e roupas. Líderes maus, porém poderosos, como Adolf Hitler e Jim Jones, por meio do uso passional das palavras, levaram pessoas a fazer coisas de que agora elas se envergonham. É de admirar então que haja um medo da urgência, em especial daquela expressa em palavras?

Nesse ambiente, enfrentamos o desafio intelectual de tratar da base filosófica do subjetivismo que caracteriza o pós-modernismo e solapa o lugar da linguagem. Precisamos de evangelistas e apologistas da verdade objetiva. Mas por ser esta uma geração mais influenciada pela experiência do que por argumentos racionais, temos o desafio igualmente importante de resgatar o valor das palavras demonstrando isso em nossa vida e ministério. Necessitamos da proclamação fiel às Escrituras, mas também essa proclamação atraente, relevante e convincente. Essa proclamação, porém, não deve tentar evocar uma resposta pelo uso antiético de imposição, manipulação ou outras formas hediondas de comunicação.<sup>7</sup> A mensagem certa deve ser transmitida da maneira certa. Precisamos de comunicadores da verdade que pratiquem o que pregam tanto em casa quanto na igreja. Resumindo, temos de ajudar a restaurar o respeito pela linguagem na mente das pessoas, demonstrando que pode ser uma forma de comunicação confiável, essencial, relevante e desejável, se utilizada da maneira apropriada.

<sup>7</sup>Veja o que escrevi no capítulo 8: “A singularidade de Jesus Cristo” (p.137).

## A VERDADE E A BUSCA CONTEMPORÂNEA PELO PRAZER

A ênfase na verdade também pode ser atraente para uma geração que vive em busca do prazer. Cristãos bíblicos comprometidos com a verdade têm sido caricaturados como pessoas teimosas, cujo compromisso com a ortodoxia as torna tão severas e cheias de escrúpulos acerca de detalhes doutrinários que não são companhia divertida e, portanto, são considerados pouco atraentes aos olhos da presente geração. De acordo com a Bíblia, no entanto, a verdade é capaz de gerar grande prazer. Por isso os salmistas falavam sempre em se deleitarem na Palavra de Deus ou na Lei.<sup>8</sup> C. S. Lewis medita sobre esse fenômeno no livro *Reflections on the Psalms* [Reflexões nos Salmos]. Após examinar diferentes razões para tanta satisfação, ele conclui: “O deleite deles na Lei é o deleite de ter tocado a solidez; como o do peregrino ao sentir terra firme sob os pés depois de um falso atalho tê-lo enredado em terreno lamacento” (1958, p. 62). Algo semelhante acontece hoje quando as pessoas encontram a verdade em Jesus depois de terem lutado com a confusão provocada pelo conjunto de vozes concorrentes no mercado pluralista das crenças.

Gordon Haddon Clark descreveu o prazer da verdade em uma declaração que seu aluno na faculdade Wheaton, Carl F. H. Henry, o ouviu proferir em sala de aula: “Uma religião satisfatória tem de satisfazer. Mas satisfazer *o que e por quê?* Os mistérios gregos satisfaziam as emoções; a força bruta pode satisfazer a vontade; mas o cristianismo satisfaz o *intelecto* por ser *verdade*, e a verdade é a única satisfação eterna”.<sup>9</sup>

A ideia de que a verdade objetiva é prazerosa pode parecer estranha à mente pós-moderna que busca satisfação em experiências subjetivas e na libertação das amarras trazidas pela submissão à verdade objetiva. Em razão das fortes influências que a nossa cultura sensorial exerce sobre nós, muitas vezes nossa mente é incapaz até de compreender como a verdade poderia ser prazerosa. Mas isso é uma realidade, e somos desafiados a demonstrá-la à nossa geração pelo manejo e uso apropriado da verdade.

Uma das respostas à crise causada pela perda da credibilidade no prazer da verdade é que a igreja demonstre esse prazer. Mas parecemos ter sido tão influenciados pelo humor pós-moderno que temos medo de nos concentrar demais na verdade no programa das nossas igrejas. Em vez disso, buscamos entreter as pessoas por meio de fatores subjetivos que o mundo qualifica como prazerosos. Eu até diria que o entretenimento substituiu a urgência como meio principal de atrair

<sup>8</sup>Veja especialmente o salmo 119, em que a palavra *prazer* aparece nove vezes em associação com a Palavra de Deus.

<sup>9</sup>Citado em Henry, 1986, p. 67 (grifo de Henry).

pessoas ao evangelho. Logo, não nos esforçamos para deixar a verdade brilhar em todo seu resplendor, empreitada que pede dedicação e trabalho duro. Em vez disso, o trabalho duro é usado na produção de um programa de entretenimento. É comum vermos a adoração cristã, caracterizada por um programa cativante e tecnicamente excelente de música, drama, adoração e participação, ser seguida por uma ministração da Palavra de nível comparativamente inferior e sem imaginação. Como a música, o drama e a participação são para a glória de Deus, deveriam ser bem feitos. Mas o mesmo vale para a ministração da Palavra.

O resultado desse foco no entretenimento é pessoas que vão ao culto procurando passar momentos agradáveis. Canções, histórias e humor são escolhidos de modo que a plateia seja entretida. No processo, a verdade é rebaixada a uma posição inferior. Por isso, hoje, quando os cristãos procuram saber a respeito do valor de um culto de adoração, perguntam: “Você gostou da adoração?”. Na verdade, o que querem dizer é: “Você experimentou algum enlevo emocional com o entretenimento espiritual proporcionado?”.

Não sou contra o uso de entretenimento na programação cristã. Trabalho para a organização Youth for Christ [Mocidade para Cristo] e o entretenimento responde por uma parte importante da nossa programação. Mas ele é sempre servo da verdade. Pode ser um instrumento para fazer com que mais pessoas ouçam a verdade, atraindo-as à igreja. Pode ser um meio para transmitir a verdade. Mas nunca deve destituir a verdade de seu lugar supremo na programação cristã. Assim, ao planejar um culto de adoração, podemos considerar o potencial de entretenimento de determinado item, mas o fator decisivo para empregá-lo é sua concordância com a verdade e/ou a capacidade de transmiti-la. Dessa maneira, preservamos a primazia da verdade e mantemos um ambiente favorável ao incentivo da urgência que brota da verdade.

## **OS GATILHOS SUBJETIVOS DA URGÊNCIA**

Em se tratando de religião, os pós-modernos dão muita ênfase à experiência subjetiva. A subjetividade ocupa posição elevada na religião bíblica. Na verdade, há um lado subjetivo na urgência bíblica também.

### ***A URGÊNCIA POR MEIO DE EXPERIMENTAR A VERDADE***

Um dos gatilhos subjetivos da urgência é nossa experiência da verdade. Após terem recebido a ordem de não falar a ninguém em nome de Jesus, Pedro e João exemplificam isso quando dizem ao Sinédrio: “Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.20). A mulher de Samaria expressa a mesma coisa ao convidar as pessoas: “Vinde, vede um homem que me disse tudo o que tenho feito; será ele o Cristo?” (Jo 4.29). Na verdade, isso está implícito quando usamos

a palavra *testemunho* para descrever o evangelismo. Compartilhamos aquilo que testemunhamos ser verdade em nível pessoal. E uma das maneiras pelas quais conhecemos é experimentando em nossas vidas. Hebreus 2.3,4 apresenta vários fatores que ratificam a verdade do evangelho:

- A pregação de Jesus: “Essa salvação, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor...”.
- A confirmação das testemunhas: “... foi depois confirmada a nós pelos que a ouviram”.
- Sinais milagrosos: “E juntamente com eles, por meio de sinais, Deus testemunhou feitos extraordinários, diversos milagres...”.
- A experiência dos dons: “... e dons do Espírito Santo, distribuídos segundo a sua vontade.”

Essas duas últimas evidências são empíricas por natureza. Com certeza, as duas primeiras são mais básicas, pois oferecem realidades objetivas sobre as quais a experiência se baseia. Mas a experiência dá peso ao nosso argumento e aumenta nossa urgência.

E. Stanley Jones, missionário americano na Índia, conta a história de um jovem pregador que disse: “Tenho cometido perjúrio contra mim mesmo. Prego sobre o que não opera em mim. Cansei dessa irrealdade. Darei até domingo para que Deus faça algo por mim. E se ele não fizer coisa alguma até lá, outra pessoa pode pregar. Não o farei”. Ele tirou o sábado de folga como um dia de recolhimento, e Deus foi ao seu encontro. Stanley Jones subiu ao púlpito um novo homem. No domingo seguinte, a congregação levou o maior choque de suas vidas. Eles tinham um novo ministro! Eles passaram a buscar também o que seu jovem ministro encontrara. Essa urgência contagiosa fora precipitada pela experiência da verdade que ele proclamava (Jones, 1963, p. 149).

### ***A URGÊNCIA POR MEIO DO ACENDER DA VERDADE PELO ESPÍRITO SANTO***

Outro gatilho subjetivo da urgência é a verdade que se acende em nosso coração pelo fogo do Espírito Santo, de modo a se transformar em conhecimento em chamadas. Tornamo-nos então como Estêvão, cujos oponentes “não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava” (At 6.10). Em outra de suas declarações de urgência, Paulo afirma: “Pois o que nos motiva é o amor de Cristo” (2Co 5.14). Em outro lugar ainda, ele explicara que esse amor tem sido derramado em nosso coração pelo Espírito Santo (Rm 5.5). A palavra traduzida por “motiva” (*sunecho*) em 2Coríntios 5.14 significa basicamente “pressiona, constrange”. Como elucidada Colin Kruse: “É uma pressão aplicada não tanto para controlar, mas para levar à

ação. Uma força motivacional, em vez de direcional” (1987, p. 122). Assim, a urgência nos sobrevém através do amor, o qual, por sua vez, é outorgado pelo Espírito Santo.

Costumamos esquecer o que se segue à declaração de Paulo sobre ser motivado pelo amor em 2Coríntios 5.14, embora faça parte da mesma frase e do mesmo versículo em nossa Bíblia. Paulo prossegue dizendo: “porque concluímos que, se um morreu por todos, logo, todos morreram”. A expressão “porque concluímos que” é a tradução de uma palavra, *krinantas*, um particípio aoristo que significa “tendo julgado”. O verbo principal é “motivar” (*sunechei*) e esse particípio o modifica. Isso mostra que a compulsão do amor está intimamente associada a nossa convicção em relação ao evangelho. Sabemos que ele é verdadeiro. O próximo versículo revela a implicação de acreditarmos que Cristo morreu por todos: “E ele morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (v. 15). O que Cristo fez deve ser experimentado por todos. O amor de Cristo em nós combina-se à convicção de que seu feito é eficaz e necessário para todos os povos, produzindo uma urgência que nos motiva a ministrar.

Assim, em nossa preparação para ministrar, procuramos assegurar que temos tanto a convicção da verdade quanto a plenitude do Espírito do qual o amor vem. A oração é o que nos capacita a entrar em sintonia com Deus e assim nos abrimos à plenitude do Espírito Santo. Um pregador afro-americano descreveu sua preparação para o púlpito em três passos. Disse que “lia até não poder mais”, “purificava-se pelo pensamento” e “orava até esquentar” (Sangster, 1958, p. 90).

O servo de Deus luta com o Senhor até estar convicto de que o Espírito Santo de Deus o encheu com a unção para o ministério a ser desempenhado. Esse desejo da plenitude de Deus é ilustrado em uma história que o dr. Martyn Lloyd-Jones gostava de contar. Um velho pregador do País de Gales foi convidado a falar numa convenção cristã em uma pequena cidade. As pessoas estavam reunidas para ouvi-lo, mas o pregador não chegava. Os líderes enviaram uma empregada à casa que o hospedava para lhe dizer que o aguardavam e que estava tudo pronto. A moça foi e voltou dizendo:

— Não quis incomodá-lo. Ele estava conversando com alguém.

— Que estranho — surpreenderam-se os líderes —, pois estamos todos aqui. Volte lá e diga a ele que já passou da hora e que ele *tem* de vir.

De modo que a moça voltou de novo e retornou dizendo:

— Ele *continua* conversando com alguém.

— Como sabe disso? — perguntaram. Ao que ela respondeu:

— Eu o ouvi dizer a essa pessoa que está com ele: “Não irei pregar para ninguém se o senhor não vier comigo” — Ao que os líderes responderam:

— Ah, está bem. É melhor esperarmos (Lloyd-Jones, 1958, p. 88).

## A TIRANIA DA TECNOLOGIA

Poderíamos chamar o desafio final da urgência bíblica que examinaremos de tirania da tecnologia. Embora a tecnologia não seja má em si mesma, é capaz de enredar as pessoas de tal forma que elas se veem em dificuldade para mudar seu foco para a esfera do Espírito e da verdade, da qual a urgência brota. A tecnologia pode nos transformar em técnicos, mas não em teólogos cheios do Espírito. Na verdade, deixar-se absorver de forma irrestrita pela tecnologia pode impedir que nos tornemos pessoas cheias do Espírito com conhecimento em chamas. Vejamos como isso acontece.

Por meio das maravilhas tecnológicas, a indústria de publicações cristãs tem sido capaz de servir à igreja com uma variedade impressionante de material de apoio para estudo bíblico e de Bíblias de estudo nos formatos impresso e digital (por meio de programas de computador). Essas ferramentas são anunciadas como algo capaz de afastar o esforço do estudo bíblico. No entanto, quando o assunto é o manuseio da Palavra de Deus, o suor pode ser eletrizante! Ao lutarmos com a verdade de Deus e nela meditarmos em atitude de oração, haveremos de acabar encontrando o Deus da Bíblia. O enriquecimento resultante disso dá à luz a urgência.

Isso não significa dizer que a tecnologia seja inútil. Podemos usá-la para poupar tempo, a fim de estar livres para pensar, meditar e orar. Mas é possível perder tempo demais com a tecnologia sem nos entregarmos ao estudo diligente, à reflexão e à oração. Podemos nos deter brincando no computador ou navegando na internet sem desligarmos o “modo tecnologia” e entrarmos no “modo teologia”. Esse é um dos exemplos mais comuns da tirania da tecnologia hoje, e ele condiz com um aspecto da nossa condição de caídos — aquele que nos leva a optar por preencher o vazio em nossa vida com a atividade humana (trabalho), em vez de esperar em Deus em humilde submissão.

Quando entramos no modo teologia, devemos ainda continuar ativos, mas em uma espécie de atividade de alguém humildemente submisso a Deus. Assim, buscamos compreender a verdade, meditar sobre ela e aplicá-la a nós e àqueles a quem servirmos, em reverência, obediência e devoção. Dessa maneira, passamos de técnicos a teólogos. O resultado é um relacionamento vibrante com Deus e com sua verdade. A verdade se apodera de nós e a paixão retorna, e assim ficamos cheios da urgência pelo evangelho. Devemos, então, desenvolver a arte e a disciplina de desligar da correria da vida e da tirania potencial da tecnologia, a fim de nos demorarmos, em atitude de oração e meditação, com a verdade.

O ministro de hoje acha muito difícil reservar longos períodos de tempo para o estudo. Sou grato por um conselho que ouvi quando estudava no Seminário Teológico Fuller. John Stott visitava o seminário e foi organizado um tempo para

que os estudantes lhe dirigissem perguntas. Alguém quis saber sobre seus hábitos de estudo. Stott respondeu que antigamente o ministro conseguia dedicar a manhã inteira ao estudo, mas que isso é difícil na sociedade atual. Portanto, aprendera a usar quaisquer intervalos curtos que conseguisse encontrar em diferentes momentos do dia para estudar. Primeiro, temos de crer na prioridade da verdade na vida do ministro. Então, com base nessa certeza, começamos a procurar oportunidades de nos dedicar ao estudo da Palavra. É impressionante como elas se apresentam para quem procura com diligência.

O Sri Lanka está envolvido em um conflito étnico entre a maioria cingalesa e a minoria tâmil. Há um grupo de militantes, os Tamil Tigers, cujos fanáticos promovem ataques na cidade de Colombo com bombas e outros dispositivos com o objetivo de perturbar a vida local. Por isso, os jovens tâmeis costumam ser presos pelas forças de segurança sob a suspeita de serem terroristas. Entre esses presos estão voluntários e membros da equipe da organização Youth for Christ [Mocidade para Cristo]. Como sou cingalês, costumo ir à delegacia para responder por eles e garantir sua libertação. O processo pode levar de cinco a seis horas, de modo que levo meus livros comigo. Um dia, depois de um bombardeio, fui a uma delegacia tentar libertar dois voluntários nossos. Eu estava estudando o livro de Gálatas. Ao meu lado havia uma pessoa ferida pela explosão da bomba e outra reclamando do marido que a agredira. Em meio ao estudo de Gálatas, de repente percebi que a delegacia podia ser um local para teologizar melhor até do que minha sala de estudo em casa. Ao meu redor, havia pessoas cuja experiência demonstrava vividamente necessidades às quais o evangelho precisa satisfazer. Defendo a ideia de que, se esperarmos o momento ideal para estudar, ele pode não chegar nunca. Temos de desenvolver a disciplina de usar todo o tempo que pudermos encontrar para essa atividade prioritária.

## URGÊNCIA E INCONVENIÊNCIA

Permita-me mencionar rapidamente que a urgência é que nos impulsiona a aventuras para além do que chamaríamos de nossa zona de conforto. Em 1Coríntios 9.16, Paulo expressa sua urgência com grande intensidade: “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois tal obrigação me é imposta. E aí de mim, se não anunciar o evangelho!” Pouco depois, ele fala da maneira como se priva dos próprios direitos e se torna escravo de todos, para que mais pessoas venham a Cristo (v. 19-23). Nesta passagem encontra-se a declaração: “Tornei-me tudo para com todos, para de todos os meios vir a salvar alguns” (v. 22). Antes, ele havia dito como se tornava igual a um judeu, um gentio ou até como um fraco para poder alcançar essas pessoas (v. 20-22a). Tal era seu compromisso com o evangelho.

Fomentar o compromisso de se dispor a pagar o preço é um dos resultados da urgência. Conscientizamo-nos de que a causa do evangelho é tão importante que nos dispomos a pagar o preço por ela. Uma das características do pós-modernismo é a relutância em pagar o preço de se comprometer com causas exteriores a nós. A igreja que se concentra acima de tudo em entreter sua plateia contará com um grande número de pessoas em busca especialmente de entretenimento. Em contrapartida, quando a veracidade majestosa do evangelho recebe seu devido lugar no programa da igreja, ela produz o tipo de urgência que culmina em um comprometimento de alto preço.

## URGÊNCIA E FORÇAS RENOVADAS

A urgência, portanto, está intimamente ligada ao fato de que o evangelho é verdadeiro. Quando aceitarmos essa sua condição e a ela acrescentarmos uma experiência vibrante com Cristo e um vínculo íntimo com o Espírito Santo, descobriremos que a verdade começará a arder em nós e a clamar por libertação. Esse fogo nos ajudará a perseverar na ministração em meio a todos os problemas que enfrentamos. A perseverança no ministério é um assunto importante, considerando o fato de que o esgotamento e a desistência no ministério têm alcançado proporções epidêmicas hoje. Estou convencido de que alguém alimentado com a Palavra e cheio do amor do Espírito Santo consegue seguir sempre em frente, ministrando com as forças renovadas e urgência. Não disse o salmista: “A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma” (Sl 19.7a)?

Certo pastor abandonou o ministério se sentindo de tal modo esgotado e desencorajado que chegou a abandonar sua biblioteca na última igreja em que atuou. Ao examinar essa biblioteca, seu sucessor descobriu que muitos dos livros adquiridos pelo antigo pastor no início do ministério eram sobre Bíblia e teologia, porém os mais recentes eram, na maioria, sobre temas práticos. Ele retrocedera do modo teológico para o técnico? Talvez tenha sido negligente ao deixar de alimentar a própria alma, perdendo assim a chama que o levaria a perseverar no ministério. Susan Pearlman, líder no ministério Jews for Jesus [Judeus por Jesus], certa vez me disse: “O esgotamento acontece quando o que está queimando é o pavio, e não o óleo”. O óleo que impulsiona o ministério cristão é a Palavra da verdade e o amor proveniente do Espírito.

O pregador britânico Gypsy Smith pregou o evangelho desde os 17 anos de idade até morrer no mar, com 87 anos, a caminho dos Estados Unidos em uma missão de pregação. Alguém lhe perguntou o segredo de sua vitalidade e vigor apesar da idade avançada. Smith respondeu: “Jamais perdi a capacidade de me maravilhar”. Quando estivermos cheios da percepção e da experiência de maravilhamento com o evangelho, a urgência será a nossa marca.

## Referências

- CARSON, D. A. 1996. *The gagging of God: Christianity confronts pluralism* (Grand Rapids: Zondervan).
- \_\_\_\_\_. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo* (São Paulo: Shedd, 2013). Tradução de: The gagging of God.
- ERICKSON, Millard J. 1993. *Evangelical interpretation* (Grand Rapids: Baker).
- FERNANDO, Ajith. 1994. *Crucial questions about hell* (Wheaton: Crossway).
- GAEBELEIN, Frank E., org. 1980. *The letters of Samuel Rutherford* (Chicago: Moody Press).
- GUNDRY, Stanley N. 1976. *Love them in: the life and theology of D. L. Moody* (Grand Rapids: Baker).
- HENRY, Carl F. H. 1976. *God, revelation and authority* (Waco: Word), vol. 1: *God who speaks and shows: preliminary considerations*.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Confessions of a theologian: an autobiography* (Waco: Word).
- \_\_\_\_\_. 1997. "Postmodernism: the new specter?". In: DOCKERY, David. S., org. *The challenge of postmodernism: an Evangelical engagement* (Grand Rapids: Baker), p. 34-52.
- JONES, E. Stanley. 1963. *The Word became flesh* (Nashville: Abingdon).
- KRUSE, Colin. 1987. *The Second Epistle to the Corinthians*. TNTC (Grand Rapids: Eerdmans).
- \_\_\_\_\_. *II Coríntios: introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1994). Tradução de: The Second Epistle to the Corinthians.
- LEWIS, C. S. 1958. *Reflections on the Psalms* (New York: Harcourt, Brace and World).
- LLOYD-JONES, D. Martyn. 1958. *Authority* (London: Inter-Varsity Fellowship).
- SANGSTER, W. E. (1958) 1976. *Power and preaching* (Grand Rapids: Baker).
- TOON, Peter. 1986. *Heaven and hell* (Nashville: Thomas Nelson).
- WIRT, Sherwood E. Billy (Wheaton: Crossway, 1997).

## CAPÍTULO 28

---

### ATENAS REVISITADA

*D. A. Carson*

**G**ostaria de pensar que a maioria de nós se convenceu da primazia do que se poderia chamar, em sentido genérico, de evangelismo focado na cosmovisão. No passado recente, ao menos na América do Norte e na Europa, o evangelismo consistia em uma apresentação razoavelmente agressiva de uma pequena parte do enredo bíblico. A maioria dos não cristãos a quem apresentávamos o evangelho tinha em comum conosco linguagem e perspectiva em quantidade suficiente a ponto de não acharmos necessário destrinchar a história inteira da Bíblia. Há mero quarto de século, se estivéssemos tratando com um ateu, não seria um ateu genérico, mas um ateu cristão — ou seja, o Deus em que ele não cria era mais ou menos um deus cuja procedência se discernia como judaico-cristã. Esse ateu não fazia questão de negar a existência de deuses hindus — de Krishna, talvez — mas a do Deus da Bíblia. Isso queria dizer que detínhamos o domínio das categorias. O domínio do discurso era nosso.

Na infância, se eu dissesse “Eis dos anjos a harmonia”, 80% das crianças da minha escola completariam “Cantam glória ao rei Jesus”. Isso porque canções de Natal como essa eram entoadas nas casas, igrejas, escolas e ruas. As crianças podiam não compreender todas as palavras, mas o domínio do discurso cristão ainda lhes pertencia. Na universidade, sem dúvida, os jovens assimilavam doses monumentais de naturalismo, mas na maioria dos departamentos de inglês ainda se presumia que você não podia examinar de perto a vasta herança da poesia inglesa sem algum conhecimento da linguagem, das metáforas, dos temas e das categorias da Bíblia.

Na época, portanto, o evangelismo pressupunha que a maioria dos incrédulos, fossem eles ateus, agnósticos, deístas ou teístas, apesar dos pesares, faziam ideia de

que a Bíblia começa com Deus, que esse Deus é tanto pessoal quanto transcendente, que ele fez o Universo e o fez bom, e que a Queda introduziu o pecado e atraiu a maldição. Praticamente todos sabiam que a Bíblia tem dois Testamentos. Que a história avança em linha reta. Que existe uma diferença entre bem e mal, certo e errado, verdade e engano, fato e ficção. Eles sabiam que os cristãos acreditam haver um céu a ser alcançado e um inferno a ser temido. Sabiam que o Natal tem uma íntima relação com o nascimento de Jesus; a Sexta-Feira Santa e a Páscoa, com a morte e a ressurreição de Jesus. Esses eram os pressupostos. Assim, o que enfatizávamos no evangelismo era a gravidade do pecado, a liberdade da graça, quem era Jesus de verdade, qual a razão da morte dele e a urgência do arrependimento e da fé. Evangelismo era isso. Claro, fazíamos as coisas penderem para este ou aquele lado, dependendo de a quem nos dirigíamos; o foco mudava nos diferentes cenários das subculturas em que evangelizávamos — no Cinturão Bíblico,<sup>1</sup> por exemplo, ou no lado italo-católico de Nova York, ou em uma das maiores universidades do país. Para a maioria de nós, no entanto, o evangelismo estava relacionado a enunciar uma porção muito pequena do enredo da Bíblia e tentar convencer as pessoas de sua verdade.

Evidentemente, em muitos seminários, como o Trinity, reconhecemos que os missionários treinados para transmitir o evangelho em culturas muito diferentes da nossa precisavam de algo mais. Um missionário no Japão, na Tailândia ou no norte da Índia teria de aprender não só uma ou duas línguas, mas também outra cultura. Não menos importante, precisaria começar o evangelismo em estágio bem anterior, pois muitos de seus ouvintes não teriam conhecimento nenhum da Bíblia e se apegariam com tenacidade a estruturas de cosmovisão em franco desacordo com a Bíblia. As melhores escolas dispunham desse treinamento para seus candidatos a missionário, mas os pastores e os obreiros que atuavam em um *campus* universitário raramente eram treinados nesse sentido. Afinal, não estavam fazendo muito mais do que evangelizar pessoas que compartilhavam de seus pressupostos culturais, ou pelo menos localizadas em um mesmo domínio de discurso, certo?

Éramos ingênuos, claro. Estávamos certos, há um quarto de século, quando cantávamos: “Os tempos estão mudando”.<sup>2</sup> Claro, em muitos lugares dos Estados Unidos era possível evangelizar pessoas que iam à igreja e ainda conservavam elementos substanciais de uma cosmovisão judaico-cristã. Hoje continuam existindo lugares assim: no Meio-Oeste, ao menos em relação a pessoas que estão na faixa

<sup>1</sup>Região sudeste dos Estados Unidos, onde a prática do protestantismo faz parte da cultura local. (N. do E.)

<sup>2</sup>Referência à canção “The times they are a-changin’”, de Bob Dylan. (N. do T.)

dos cinquenta anos, e em partes do Cinturão Bíblico. Mas nos estados que compõem a Nova Inglaterra, no noroeste do Pacífico, nas universidades de quase todo o país, em nichos da população, como o do pessoal da mídia, e em várias partes do mundo ocidental inteiro, o grau de analfabetismo bíblico não pode mais ser ignorado. Um dos meus alunos comentou há uma semana que caminhava por Chicago com a namorada, que tinha uma cruz de madeira presa à corrente que pendia de seu pescoço. Um rapaz a deteve na calçada para perguntar por que ela usava um sinal de adição no colar. As pessoas que evangelizamos nos *campi* universitários, em geral, não sabem que a Bíblia tem dois Testamentos. Como diz Phillip Jensen, é preciso explicar até a função dos números grandes e dos pequenos na Bíblia. Eles nunca ouviram falar de Abraão, Davi, Salomão, Paulo — muito menos de Ageu ou Zacarias. Talvez o nome Moisés não lhes soe estranho, mas eles são capazes de confundi-lo com o de Charlton Heston.

No entanto, essa análise ainda é superficial. O que estou querendo ressaltar não é o fato de que essas pessoas são ignorantes quanto aos acontecimentos bíblicos (embora isso seja verdade), e sim que, ao perderem o contato com a herança judaico-cristã (talvez podada em algumas partes), a qual durante tanto tempo sustentou o Ocidente, elas não são como folhas em branco à espera de que escrevamos algo nelas. Não são como discos rígidos vazios aguardando que salvemos nossos arquivos cristãos dentro deles. Antes, é inevitável que tenham desenvolvido um conjunto de cosmovisões alternativas. São discos rígidos cheios de muitos outros arquivos que constituem, em conjunto, várias padrões de referência não cristãos.

As implicações para o evangelismo são imensas. Resumirei quatro delas.

Primeiro, as pessoas que desejamos evangelizar defendem algumas posições fundamentais que terão de abandonar para se tornarem cristãs. Dando sequência à minha analogia com a informática, elas mantêm diversos arquivos que deverão ser apagados ou revisados, porque da maneira como estão escritos hoje entrarão em um formidável conflito com os arquivos cristãos. Até certo ponto, claro, isso sempre foi assim. Por isso o evangelho exige arrependimento e fé; verdadeiramente, ele requer a obra regeneradora, transformadora do Espírito de Deus. Todavia, quanto menor for a cosmovisão comum e compartilhada entre “evangelizador” e “evangelizado”, entre o cristão bíblicamente informado e o pós-moderno bíblicamente analfabeto, mais traumática a transição, mais decisiva a mudança, mais coisas terão de ser desaprendidas.

Segundo, sob essas condições, evangelismo significa começar lá atrás. As boas-novas de Jesus Cristo — quem ele é e o que conquistou com sua morte, ressurreição e exaltação — são simplesmente incoerentes a não ser que determinadas estruturas estejam no devido lugar. Não se pode compreender o verdadeiro Jesus a menos

que se disponha de categorias para compreender: o Deus pessoal e transcendente da Bíblia; a natureza dos seres humanos feitos à imagem de Deus; o ódio puro da rebelião contra ele; a maldição que nossa rebelião atrai; os efeitos espirituais, pessoais, familiares e sociais da nossa transgressão; a natureza da salvação; a santidade, a ira e o amor de Deus. É impossível encontrar sentido no enredo bíblico sem esses ingredientes básicos. É impossível encontrar sentido no retrato bíblico de Jesus com essas peças fora do lugar. É impossível concordar com a solução que Jesus provê se não conseguirmos concordar com o problema contra o qual ele se levanta. *Por isso nosso evangelismo deve ser um “evangelismo focado na cosmovisão”.* Darei mais detalhes sobre o significado disso em instantes.

Terceiro, nem por um momento estou sugerindo que o evangelismo focado na cosmovisão seja estritamente um exercício propositivo. Com certeza, não é menos do que propositivo; a Bíblia não só nos apresenta muitas proposições como também insiste, em alguns casos, que deixar de crer nessas proposições significa estar perdido. A afirmação pode ser confirmada com facilidade por meio da leitura atenta do evangelho de João. Apesar de todas as suas perspectivas complementares, ele repetidas vezes faz declarações como “A menos que creia *que...*”. Ninguém deveria ser forçado a escolher entre proposições e fé relacional mais do que entre a asa esquerda e a direita de um avião. Em essência, o evangelismo focado na cosmovisão é tão abrangente quanto a Bíblia. Somos chamados não só à confissão de determinadas proposições, mas também à fé leal em Jesus Cristo, a verdade encarnada; ao arrependimento das obras mortas para servir ao Deus vivo; à vida transformada pelo Espírito Santo, a nós concedida na expectativa da vida consumada por vir; a uma nova comunidade que vive, ama e se comporta em alegre submissão, baseada em princípios, à Palavra do Rei, nosso Criador e Redentor. Essa cosmovisão monumental afeta tudo, abarca tudo. Pode ser simplificada, pois tem um núcleo; pode ser exposta e vivida infinitamente, pois em seu escopo não há nenhum perímetro que a restrinja.

Quarto, o evangelista deve encontrar caminhos para acessar os valores, o coração, os padrões de pensamento — em resumo, a cosmovisão — de quem está sendo evangelizado, mas não pode permitir que a cosmovisão do não cristão minimize a mensagem bíblica. Ele precisa encontrar pontes que o transportem para o padrão de referências do outro, ou nenhuma comunicação será possível, e o evangelista permanecerá isolado. Apesar disso, sob essas circunstâncias, o fiel evangelismo focado na cosmovisão cedo ou tarde encontrará o evangelista tentando modificar ou destruir algumas cosmovisões estranhas e apresentando outra estrutura completamente diferente de pensamento e conduta, incrivelmente mais gloriosa, coerente, consistente e, definitivamente, verdadeira.

De tudo isso, claro, o apóstolo Paulo entendia bem. Em particular, com o próprio exemplo ele nos ensina a diferença entre evangelizar aqueles que compartilham grande parte de sua cosmovisão bíblica e aqueles sem nenhum conhecimento bíblico. Em Atos 13.16-41, lemos o discurso evangelístico de Paulo em Antioquia da Pisídia. O cenário, uma sinagoga, assegura que seus ouvintes são judeus, gentios prosélitos do judaísmo e pessoas tementes a Deus — em todos os casos, pessoas totalmente informadas sobre a Bíblia (ou o que hoje chamaríamos de Antigo Testamento). Nesse contexto, Paulo narra, de forma seletiva, a história do Antigo Testamento com o intuito de provar que Jesus de Nazaré é o Messias prometido. Ele cita textos bíblicos, expõe-lhes seu raciocínio e argumenta que a ressurreição de Jesus é o cumprimento das profecias bíblicas sobre o Santo na linhagem de Davi que não vê a ruína. Da ressurreição de Jesus, Paulo volta a argumentar sobre a morte de Jesus e sua importância — em linhas gerais, o perdão dos pecados e a justificação diante de Deus (v. 38,39). Ele termina com uma passagem bíblica que adverte contra o temível juízo contra o ceticismo e a descrença. Aqui, então, está o equivalente apostólico ao evangelismo entre pessoas de igreja, bíblicamente instruídas, ou seja, que já têm conhecimento bíblico — pessoas que, até certo ponto, conhecem a Palavra de Deus.

Em Atos 17.16-34, contudo, encontramos o apóstolo Paulo evangelizando atenienses instruídos, mas completos analfabetos em termos de Bíblia. Sua abordagem aqui é incrivelmente diferente e tem muito a ensinar a nós, que tentamos evangelizar uma nova geração de analfabetos em relação à Bíblia.

Enquanto Paulo esperava por eles [Silas e Timóteo] em Atenas, sentia grande indignação, vendo a cidade cheia de ídolos. Por essa razão, discutia na sinagoga com os judeus e os gregos tementes a Deus, e todos os dias na praça com os que ali se achavam. Alguns filósofos epicureus e estoicos puseram-se a debater com ele. Uns perguntavam: O que este falador quer dizer? E outros diziam: Parece ser propagador de deuses estranhos. Pois Paulo anunciava a boa-nova de Jesus e a ressurreição. Então o tomaram e o levaram ao Areópago. E disseram: Podemos saber que ensino novo é esse de que falas? Pois estás nos anunciando coisas estranhas. Portanto, queremos saber o que é isso. Todos os atenienses, como também os estrangeiros que ali residiam, não tinham outro interesse a não ser contar ou ouvir a última novidade.

Então Paulo ficou de pé no meio do Areópago e disse: Homens atenienses, em tudo vejo que sois excepcionalmente religiosos. Porque, ao passar e observar os objetos do vosso culto, encontrei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. É exatamente este que honrais sem conhecer que eu vos anuncio.

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. Tampouco é servido por mãos humanas, como se necessitasse de alguma coisa. Pois é ele mesmo quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. De um só fez toda a raça humana para que habitasse sobre toda a superfície da terra, determinando-lhes os tempos previamente estabelecidos e os territórios da sua habitação, para que buscassem a Deus e, mesmo tateando, pudessem encontrá-lo. Ele, de fato, não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois dele também somos geração.

Sendo nós gerados por Deus, não devemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra esculpida pela arte e imaginação humana. Deus não levou em conta os tempos da ignorância, mas agora ordena que todos os homens, em todos os lugares, se arrependam, pois determinou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio do homem que estabeleceu com esse propósito. E ele garantiu isso a todos ao ressuscitá-lo dentre os mortos.

Mas quando ouviram falar em ressurreição de mortos, uns zombaram, e outros disseram: Sobre isso te ouviremos em outra oportunidade. Então, Paulo saiu do meio deles. Todavia, alguns homens uniram-se a ele e creram, entre os quais Dionísio, membro do conselho do Areópago, uma mulher chamada Dâmaris e com eles ainda outros. (Atos 17.16-34)

Organizei o resto do que tenho a dizer em quatro tópicos: as realidades que Paulo enfrenta, as prioridades que adota, a estrutura que estabelece e o evangelho inegociável que prega.

## AS REALIDADES QUE PAULO ENFRENTA

Sem levar em conta o evidente analfabetismo bíblico — afinal, esses intelectuais atenienses nunca tinham ouvido falar em Moisés, nunca haviam aberto uma Bíblia —, três aspectos dessa cultura são impactantes.

Primeiro, o Império Romano era caracterizado não só por um pluralismo empírico de larga escala como também pelo pluralismo religioso patrocinado pelo governo. Os romanos sabiam que um povo cativo tinha mais probabilidade de se rebelar se conseguisse alinhar religião, terra e pessoas. Em parte para romper esse cordão de três pontas, os romanos faziam questão de admitir no próprio panteão alguns dos deuses de qualquer povo recém-subjugado, bem como faziam absoluta questão de que o povo recém-subjugado também adotasse alguns dos deuses romanos. Assim, no caso de uma potencial guerra civil, ficaria bem confuso saber que lado contava com a ajuda dos deuses — e essa política de intercâmbio de deuses

fortalecia a probabilidade da paz imperial. Significava ainda que o pluralismo religioso não partia só do Império, mas também era apoiado por força de lei. Afinal de contas, era considerada uma ofensa capital a profanação de um templo — de qualquer deles. Mas que nenhum templo ou deus desafiasse Washington — quero dizer, Roma.

Segundo, como nós, Paulo não estava lidando com pessoas que, pelo fato de serem analfabetos em Bíblia, não tinham nenhuma cosmovisão, e sim com pessoas que argumentavam veementemente em favor de várias cosmovisões concorrentes e poderosas. Dois grupos delas são mencionados no texto: epicureus e estoicos (v. 18). No primeiro século, a *filosofia* não tinha as conotações relativamente esotéricas e abstratas que tem hoje, ligada a departamentos menores em grandes universidades. Ela se referia a todo um estilo de vida baseado em um sistema intelectual rigoroso e dotado de coerência interna — próximo do que queremos dizer com cosmovisão. O ideal da filosofia epicurista, da cosmovisão epicurista, era a vida serena — uma vida de tranquilidade, inalterada pelo envolvimento indevido com assuntos humanos. Os próprios deuses são compostos de partículas tão finas que vivem sossegados nos espaços entre os mundos. Como os deuses se mantêm gentilmente afastados da balbúrdia da vida, os seres humanos deveriam buscar o mesmo ideal. Mas, contra essa visão, como veremos, Paulo apresenta um Deus ativamente envolvido neste mundo na condição de seu Criador, governante providencial, juiz e Salvador que se autorrevela.

A filosofia estoica considerava deus um ser que permeava tudo, mais ou menos em um sentido panteísta. De modo que o ideal humano era levar a vida de acordo com o que de fato é real, conduzi-la conforme esse deus/princípio da razão, o qual deve reger a emoção e a paixão. O estoicismo, como alguém já disse, caracterizou-se “pela grande seriedade moral e um elevado senso de dever”. Contra essa visão, o Deus que Paulo apresenta, longe de ser panteísta, é pessoal, distinto da criação e nosso juiz final. Em vez de se concentrar na “razão universal acessada pelo raciocínio humano”, Paulo contrapõe a vontade e a soberania divinas à dependência e necessidade humanas. Em resumo, há um choque monumental de cosmovisões.

Logicamente existiam outras cosmovisões gregas e latinas. Não se faz nenhuma menção aqui aos sofistas ou aos materialistas filosóficos ateus como Lucrecio. O que fica claro é que Paulo se vê evangelizando homens e mulheres comprometidos em profundidade com uma ou outra cosmovisão fundamentalmente diferente.

Terceiro, não menos impressionante é o tom zombeteiro e de superioridade que demonstram no versículo 18: “O que este falador quer dizer?” — esse “catador de sementes”, esse pequeno pássaro que voa para lá e para cá catando fragmentos desconexos de informação incoerente, essa mente de segunda classe? Outros

observaram: “Parece ser propagador de deuses estranhos”. Claro, no decorrer dos acontecimentos, algumas dessas pessoas se interessaram de verdade pelo evangelho. O tom desdenhoso, no entanto, é inconfundível quando uma cosmovisão divergente se sente segura em sua maioria irrefletida.

Essas, portanto, são as realidades que Paulo enfrenta.

## AS PRIORIDADES QUE PAULO ADOTA

A resposta mais imediata e impressionante do apóstolo Paulo diante de tudo que testemunha em Atenas é uma análise intuitivamente bíblica: ele sente “grande indignação, vendo a cidade cheia de ídolos” (v. 16). Paulo poderia ter se sentido oprimido diante da reputação de Atenas, considerada a Oxford, Cambridge ou Harvard do mundo antigo (embora não existissem na época universidades propriamente ditas). Ele poderia ter admirado a arquitetura, ficado boquiaberto diante do Partenon. Mas ele não se deixou intimidar nem ludibriar por Atenas; viu a idolatria. Como precisamos de cristãos em nossas universidades e em posições elevadas que não fiquem nem impressionados, nem intimidados com conquistas e reputações que não passam de idolatria!

O apóstolo parte então para o evangelismo. Ele tem em vista dois grupos bastante distintos. Como de hábito, dá certa prioridade à evangelização de judeus e gentios tementes a Deus, o povo de igreja, pessoas bíblicamente instruídas; ele debate na sinagoga “com os judeus e os gregos tementes a Deus” (v. 17a). Existe uma razão teológica para essa prioridade, que não temos como examinar aqui, mas, de qualquer forma, não devemos nunca nos esquecer de evangelizar essas pessoas. Em segundo lugar, Paulo evangeliza os pagãos comuns, sem qualquer conexão com a Bíblia: ele evangeliza dia após dia na praça, tendo como alvo qualquer um que por acaso se encontre ali, a maioria dos quais devia ser analfabeta em Bíblia (v. 17b). Ele não espera um convite para ir ao Areópago. Simplesmente dá continuidade a seu evangelismo, e o convite para o Areópago é apenas consequência disso (v. 18).

São essas então as suas prioridades: a análise cultural centrada em Deus e o evangelismo persistente tanto dos bíblicamente instruídos quanto dos que não o são.

Talvez eu devesse acrescentar que há ao menos uma diferença fundamental entre a situação de Paulo e a nossa. Ao evangelizar pessoas que não eram bíblicamente instruídas, ele está lidando com pessoas cuja herança não tem nenhuma relação, ele está lidando com pessoas cuja herança cultural não tem nenhuma relação, em séculos recentes, com a religião bíblica. Assim, quando elas reagem negativamente a ele, só fazem isso porque, da perspectiva delas, o padrão de referências de Paulo é muito diferente do delas. A razão de o rejeitarem não é porque ainda fogem da própria herança. Esse é o problema adicional que *nós* enfrentamos de vez em quando.

Às vezes, lidamos com homens e mulheres que não apenas adotam uma cosmovisão profundamente antitética em relação à cosmovisão bíblica, em vários aspectos, mas que também o fazem intencionalmente para contrapô-la à cosmovisão bíblica. Esse fato cria algumas oportunidades para nós, mas suscita algumas barreiras adicionais também. Contudo, não podemos examinar essas barreiras e oportunidades aqui. É suficiente observar as prioridades que Paulo adota.

## A ESTRUTURA QUE PAULO ESTABELECE

Nesse ponto, será útil estudar a argumentação de Paulo dos versículos 21 a 31 do capítulo 17. Entretanto, quero fazer três observações preliminares.

Primeira, você levará cerca de dois minutos para ler esse resumo do discurso de Paulo, mas os discursos diante do Areópago não eram conhecidos por sua brevidade. Em outras palavras, devemos lembrar que este é um registro condensado de um discurso bem mais longo. Sem dúvida, cada frase e, em alguns casos, cada oração constitui um ponto que Paulo desenvolveu em minúcias.

Segunda, se quiser conhecer um pouco mais de perto como ele teria desenvolvido cada ponto, isso é mais fácil de descobrir do que se pensa, pois há muitos pontos de comparação entre as notas desse sermão e, por exemplo, Romanos. Chamarei sua atenção para um ou dois paralelos à medida que avançarmos.

Terceira, há uma escolha fascinante de vocabulário nesse discurso de Paulo. Sempre se salienta que muitas expressões do discurso, em especial nas partes iniciais, são do tipo que se poderia encontrar nos círculos estoicos. Todavia, em cada caso, Paulo as ajusta para que transmitam, no contexto em que ele as emprega, a ênfase peculiar que lhes deseja atribuir. Em outras palavras, o vocabulário é apropriado aos ouvintes do ponto de vista linguístico, mas, do ponto de vista da frase e do parágrafo, Paulo diz exatamente o que quer; ele constrói aqui uma cosmovisão bíblica.

Examinemos agora a estrutura que Paulo edifica.

Primeiro, Deus é o criador do “mundo e [de] tudo o que nele há” (v. 24). Até que ponto ele se estendeu sobre essa questão não podemos dizer com certeza, mas sabemos por seus outros escritos como sua mente funcionava. A Criação estabelece que Deus é diferente da ordem criada; o panteísmo está descartado. Estabelece também a responsabilização humana; devemos tudo a nosso Criador, e desafiá-lo e colocarmo-nos como o centro do Universo é o cerne de todo pecado. Pior, estimar e adorar coisas criadas em vez do Criador é a essência da idolatria.

Segundo, Paulo insiste em que Deus é “Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens” (v. 24). A soberania divina sobre o Universo inteiro se contrapõe às visões que atribuíam a determinado deus ou a determinada deusa um domínio particular — talvez o mar (Netuno), ou deuses tribais com

interesses apenas regionais ou étnicos. O Deus da Bíblia é soberano sobre tudo. Esse ensino estabelece a doutrina da providência. Em razão da universalidade do seu Reino, Deus não pode ser domesticado — nem mesmo por templos (v. 24). Paulo não nega a importância histórica do templo em Jerusalém, menos ainda que Deus se revelara exclusivamente ali. Antes, nega que Deus esteja limitado a templos e que possa ser domesticado, espremido ou alcançado pelo culto em algum templo (o que, claro, ameaça a prática pagã popular). Ele é muito maior do que isso.

Terceiro, Deus é o Deus da asseidade: “Tampouco é servido por mãos humanas, como se necessitasse de alguma coisa (v. 25). *Asseidade* é uma palavra hoje em total desuso, embora comum em tempos puritanos. Vem do latim *a se* — “de si mesmo”. Deus é tão completamente “de si mesmo” que não necessita de nós; ele não só é autoexistente (termo que costumamos empregar em relação a suas origens — a existência de tudo o mais é teodependente, mas o próprio Deus é autoexistente), como também é absolutamente independente de sua ordem criada, no que diz respeito a seu bem-estar, satisfação ou existência. *Deus não precisa de nós* — uma perspectiva muito diferente da do politeísmo, em que seres humanos e deuses interagem de todas as maneiras possíveis, interligados pela finitude e pelas necessidades dos deuses. O Deus da Bíblia não recorreria a nós se, por capricho, quisesse um hambúrguer do McDonald’s; o gado sobre mil colinas já lhe pertence.

Quarto, a verdade da questão é inversa: somos absolutamente dependentes de Deus — “Pois é ele mesmo quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (v. 25b). Isso nos despe de nossa alardeada independência; é o correlato humano das doutrinas da Criação e da Providência.

Quinto, da teologia, Paulo se volta para a antropologia. Ele insiste em que todas as nações descendem de um homem (v. 26). Isso contradiz não poucas noções da Antiguidade acerca da descendência humana, as quais pressupunham diferentes grupos étnicos vindo a existir de maneiras bastante diversas. Mas Paulo tem um evangelho universal que se baseia em um problema universal (cf. Rm 5; 1Co 15). Se o pecado e a morte foram introduzidos na única raça humana por um único homem de tal forma que o ato decisivo de outro homem se faz necessário para revertê-los, então é importante para Paulo corrigir a antropologia para que a soteriologia esteja correta. Não concordaremos com a solução se não formos capazes de concordar com o problema. No entanto, a posição de Paulo tem implicações ainda mais amplas; não há nenhum traço de racismo aqui. Além disso, por mais que ele mostre que Deus desfrutou de um relacionamento de aliança peculiar com Israel, por ser monoteísta, Paulo defende a ideia de que Deus deve ser soberano sobre *todas* as nações. Por acaso ele estaria desenvolvendo algumas das linhas de argumentação encontradas em Isaías 40ss? Se existe um Deus único, esse Deus

deve de alguma forma ser o Deus de tudo, quer seu ser e *status* sejam reconhecidos por todos, quer não.

Sexto, pela primeira vez é possível encontrarmos referência explícita a algo errado neste Universo criado por Deus. Seu governo providencial sobre tudo tinha o propósito de que alguns estendessem a mão para ele e o encontrassem (v. 27). Em breve Paulo dirá muito mais sobre o pecado (sem, de fato, utilizar a palavra). Ele ainda está preparando o caminho. O pressuposto é que a raça humana como um todo não conhece o Deus que a fez. Alguma coisa saiu muito errada.

Sétimo, embora seja importante para ele estabelecer a transcendência de Deus, Paulo não quer que uma ênfase dessas resvale em direção ao que mais tarde seria chamado de deísmo. O Deus que ele tem em mente “não está longe de cada um de nós” (v. 27). Ele é imanente. Paulo não aceitará nenhuma desconfiança de que Deus seja displicente ou indiferente em relação às pessoas; ele nunca está longe de nós. Mais ainda, o apóstolo reconhece que parte dessa verdade é reconhecida por algumas religiões pagãs. Quando o pensamento grego (ou grande parte dele) falava em um “Deus” em oposição a muitos deuses, com grande frequência a hipótese era mais ou menos panteística. Essa estrutura de pensamento Paulo já descartou. Mesmo assim, algumas de suas ênfases não estavam erradas, se consideradas dentro de uma estrutura melhor. Nós vivemos, nos movemos e temos nosso ser neste Deus, e somos sua geração (v. 28) — para Paulo, não em um sentido panteístico qualquer, mas como expressão da preocupação pessoal e imediata de Deus com nosso bem-estar.

Oitavo, essa teologia e essa antropologia implicam esclarecer o que é o pecado e tornar a idolatria totalmente condenável (v. 29). Sem dúvida Paulo ampliou muito essa questão em termos, digamos, de Isaías 44—45 e Romanos 1, pois ele não pode apresentar Jesus e seu papel como Salvador da forma correta enquanto não definir qual é o problema; não pode deixar claras as boas-novas até elucidar as más-novas das quais as boas nos resgatam.

Nono, Paulo introduz também o que poderia ser chamado de filosofia da história — ou talvez melhor, certa visão do tempo. No mundo antigo, muitos gregos achavam que o tempo dava voltas e mais voltas em círculos. Paulo estabelece uma estrutura de tempo linear: a criação em um ponto fixo; um longo período passado em relação ao presente de Paulo, em que Deus agiu de determinada maneira (“Deus não levou em conta os tempos da ignorância”); um agora cheio de transformações monumentais; e um futuro (v. 31) que é o término desta ordem mundial, um tempo de juízo final. As mudanças monumentais do dramático agora de Paulo estão interligadas com a vinda de Jesus e a revelação do evangelho. Paulo preparou o palco para apresentar Jesus.

Eis, portanto, a estrutura que Paulo estabelece. Na verdade, ele construiu uma cosmovisão bíblica. Mas não o fez pelo simples prazer de criar uma cosmovisão. Nesse contexto, agiu dessa maneira a fim de oferecer um quadro em que o próprio Jesus, sem deixar de mencionar sua morte e ressurreição, faça sentido. Caso contrário, nada do que Paulo quer dizer sobre Jesus fará sentido.

Essa é a estrutura que Paulo estabelece.

## O EVANGELHO INEGOCIÁVEL QUE PAULO PREGA

Lemos de novo o versículo 31: “Pois [Deus] determinou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio do homem que estabeleceu com esse propósito. E ele garantiu isso a todos ao ressuscitá-lo dentre os mortos”. Aqui, enfim, Jesus é apresentado.

Quero enfatizar duas coisas. A primeira delas é a importância extraordinária de notar que Paulo estabeleceu a estrutura da metanarrativa bíblica antes de apresentar Jesus. Se a metafísica é uma espécie de grande física que explica todos os outros ramos dessa ciência, de modo semelhante a metanarrativa é a grande história que explica todas as outras. Em geral, os pós-modernistas adoram histórias, mais ainda as que são ambíguas ou carregadas de simbologia. Odeiam, contudo, a metanarrativa, a grande história que torna coerentes todas as pequenas. Mas o que Paulo oferece é a metanarrativa bíblica. Essa é a grande história da Bíblia que emoldura e explica todas as pequenas histórias. Sem a grande história, os relatos sobre Jesus não fariam qualquer sentido — e Paulo sabe disso.

Se, por exemplo, em um contexto vago e pós-moderno de Nova Era afirmarmos algo como “Deus ama você”, essa breve expressão pode carregar um conjunto de associações muito diferente do que nós, cristãos, podemos pensar. Presumimos que homens e mulheres são culpados e que a expressão mais clara e mais profunda do amor de Deus está na cruz, na qual o Filho de Deus em pessoa ocupou-se do nosso pecado ao custo da própria vida. Mas se as pessoas não sabem nada sobre esse enredo, então as mesmas palavras, “Deus ama você”, podem ser um resumo adequado da postura adotada por Jodie Foster em seu filme recente, *Contato*. O poder alienígena é benéfico, sábio, bom e interessado em nosso bem-estar. Em nada se relaciona com responsabilidade moral, pecado, culpa e com o modo de Deus agir para remover nosso pecado pela morte do seu Filho. Uma visão se abriga na estrutura do cristianismo bíblico; a outra se abriga confortavelmente na cosmovisão do otimismo da Nova Era. Em resumo, sem a grande história, sem a metanarrativa, a pequena história ou a pequena expressão se torna ou incoerente, ou positivamente enganosa. Paulo entende a questão.

Em segundo lugar, impressiona o fato de Paulo não se esquivar de declarar a ressurreição de Jesus dos mortos. Isso é algo que ofende tanto a ponto de Paulo ser

interrompido e seu discurso no Areópago terminar. Certamente ele tinha plena consciência de que a maioria dos gregos adotava alguma forma de dualismo. A matéria é má, pelo menos em termos relativos; o espírito é bom. Imaginar alguém voltando dos mortos em forma corpórea comunicava algo nada desejável, menos ainda crível. A ressurreição corpórea dos mortos era irracional, um oxímoro, como imaginar uma lesma inteligente ou gelo fervido. Tanto assim que alguns dos ouvintes de Paulo não aguentam mais e zombam dele, pondo fim à reunião (v. 32). Se, no lugar desse assunto, Paulo tivesse discorrido sobre a imortalidade de Jesus, sua longevidade espiritual eterna bem apartada de qualquer corpo, não teria causado nenhum ressentimento. Mas ele não recuou. Em outra ocasião, ele argumenta que, se Cristo não ressuscitou dentre os mortos, então os apóstolos são mentirosos e continuamos mortos em nossas transgressões e pecados (1Co 15). Ele permanece fiel a essa visão aqui. Não enfeita o evangelho para torná-lo aceitável à cosmovisão dos ouvintes.

Para Paulo, então, existe um conteúdo irreduzível e inegociável do evangelho, que jamais deve ser abandonado, por mais inaceitável que seja para alguma outra cosmovisão. Segue-se que, especialmente quando nos esforçamos muito para tentar estabelecer conexão com outra cosmovisão diferente da nossa, não devemos dedicar menor atenção e cuidado aos pontos inegociáveis do evangelho, a fim de que, na tentativa de transmiti-lo com sabedoria e relevância, não sacrifiquemos sem querer o que pretendemos comunicar.

De repente, no entanto, chega-nos por acaso aos ouvidos a objeção resmungada dos críticos. Não se pode argumentar que Paulo comete um erro fundamental em seu discurso no Areópago? Em outras partes de Atos, sua pregação costumava produzir muitos frutos, e sem que tivesse de se dobrar a essa história de cosmovisão. Bastava que pregasse Jesus e sua cruz e ressurreição, e homens e mulheres se convertiam. Aqui, um número ínfimo crê (v. 34). Na verdade, a parada seguinte de Paulo na Grécia, depois de Atenas, é em Corinto. Mais tarde, refletindo em suas experiências naquele local, ele escreve aos coríntios e os lembra: “Pois resolvi nada saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1Co 2.2) — sem dúvida porque pensara melhor, não sem algum pesar que lhe deixava o rosto amargurado, em sua abordagem equivocada em Atenas. Sejam francos, cobram-nos os críticos, e admitamos que Paulo cometeu um enorme erro em Atenas e paremos de nos apegar a Atos 17 como se fosse um modelo de tudo, exceto do que não fazer. O sujeito fez uma bobagem: apelou para a teologia natural; tentou construir uma história redentora; quis construir uma cosmovisão, quando deveria ter se apegado à própria experiência e pregado Jesus e sua cruz.

Às vezes, eu gostaria que essa leitura fosse correta, mas ela comete equívocos profundos por vários motivos. (1) Não é a leitura natural de Atos. Conforme Lucas

vai trabalhando no livro de Atos, ele não ergue uma bandeira vermelha nesse ponto para nos advertir que Paulo cometeu um engano terrível. A falsa leitura depende totalmente de interpretar 1Coríntios de determinada maneira (equivocada, como veremos) e então aplicá-la a Atos 17.

(2) O que Paulo anuncia, de acordo com o relato de Lucas do discurso no Areópago, está bem de acordo com a teologia do próprio Paulo, sem falar da teologia por ele apresentada nos capítulos iniciais de Romanos.

(3) Para ser exato, Lucas não diz que só “alguns” homens creram. Ele usa *tines de andres*, “algumas pessoas”, com *heteroi*, “outros”. Isso está de acordo com outras descrições. Dificilmente os números poderiam ser grandes porque, para começar, não poderia ser grande o número de pessoas dentro do Areópago.

(4) Paulo foi claramente interrompido quando chegou à ressurreição de Jesus (v. 31,32). Mas a julgar por tudo que conhecemos a seu respeito — com base tanto em um livro como Romanos quanto nas descrições em Atos — sabemos para onde teria ido a partir desse ponto.

(5) Isso está plenamente de acordo com o fato de que Paulo vinha pregando a “boa-nova” na praça, aos pagãos, pessoas que não eram bíblicamente instruídas (v. 18).

(6) A essa altura da vida, Paulo não era nenhum novato. Qualquer que seja a cronologia adotada, ela lhe daria 20 anos enfrentando um ministério emocionante e brutal, em vez de retratá-lo como quem acaba de sair do seminário e ainda procura estabelecer o padrão exato da própria atuação. Tampouco é essa a primeira vez que ele atua entre pagãos que não são bíblicamente instruídos ou entre intelectuais.

(7) De qualquer forma, 1Coríntios 2 *não* mostra a determinação de Paulo de pregar Cristo crucificado em oposição ao que lhe acontecera em Atenas. Na verdade, ele não diz: “Por causa dos erros graves que cometi em Atenas, quando cheguei a Corinto, decidi pregar só Cristo e ele crucificado”. Ao contrário, em 1Coríntios a determinação de Paulo de pregar Cristo crucificado é mostrada contra o pano de fundo daquilo a que os cristãos da cidade se sentiam atraídos — ou seja, uma forma de triunfalismo aliada a uma sabedoria ostensiva que Paulo detesta. Trata-se de uma sabedoria cheia de orgulho, retórica e exibicionista. Contra esse quadro, Paulo envereda por um curso bem diverso. Sabendo que os crentes devem se gloriar só no Senhor e seguir uma sabedoria bem diferente (1Co 1), ele resolver pregar Cristo, e Cristo crucificado.

(8) De qualquer forma, seria errado pensar que Paulo não tem nenhum interesse em cosmovisões. Escrevendo depois de 1Coríntios 2, ele foi capaz de dizer: “Destruímos raciocínios e toda arrogância que se ergue contra o conhecimento de

Deus, levando cativo todo pensamento para que obedeça a Cristo” (2Co 10.5). O contexto mostra que Paulo não está tão interessado em disciplinar a vida de reflexão particular do indivíduo (embora com certeza isso o preocupasse em outras ocasiões) quanto está em submeter à obediência de Cristo cada estrutura de pensamento, cada cosmovisão que faça oposição a seu amado Mestre. Em outras palavras, Paulo pensava “cosmovisionicamente” (se esse não for um neologismo por demais monstruoso). Isso fica claro em muitos dos seus escritos; está claro tanto em 2Coríntios 10 quanto em Atos 17.

(9) Por fim, a primeira linha de Atos 17.34 é às vezes mal interpretada: “Alguns homens uniram-se a ele e creram”. Muitos presumem que Lucas está dizendo que algumas pessoas se tornaram cristãs de imediato e seguidoras de Paulo. Mas isso é o contrário do que foi dito. Além do mais, Paulo ainda não divulgara muito o evangelho — em que sentido eles teriam se tornado cristãos? É melhor acompanhar o texto exato. Após o discurso de Paulo, ninguém se tornou cristão de imediato, mas, sim, alguns passaram a ser seguidores dele. Por conseguinte, no momento oportuno, compreenderam o evangelho e creram: tornaram-se cristãos. Isso está de acordo com a experiência de muitos evangelistas que hoje trabalham no ambiente universitário.

Cerca de dois anos atrás, falei em uma grande reunião em Oxford com intuito evangelístico. Tanto quanto sei, ninguém se tornou cristão naquele encontro. Mas 16 estudantes se inscreveram para participar de um estudo bíblico de seis semanas chamado “Descobrimo o cristianismo”. Poucas semanas após a reunião, o pároco, Vaughan Roberts, escreveu-me um bilhete contando que 11 dos 16 já tinham dado nítidas demonstrações de sua conversão e que ele continuava orando pelos cinco restantes. Em outras palavras, como resultado daquela reunião, alguns se tornaram “seguidores de Donald Carson”, por assim dizer, e no devido tempo passaram a crer. Esse costuma ser o padrão quando parte da estratégia evangelística consiste em estabelecer uma cosmovisão, um quadro de referências, de modo a converter o significado de Jesus e do evangelho em algo inconfundivelmente simples.

Resumindo, por mais sensível que Paulo fosse às necessidades e pontos de vista das pessoas que evangelizava, e por mais flexível que se mostre em moldar o evangelho de modo a conseguir falar diretamente a elas, devemos perceber que, para ele, continuava havendo um conteúdo irreduzível do evangelho. Esse conteúdo é inegociável, mesmo que extremamente ofensivo aos nossos ouvintes. Se for esse o caso, talvez precisemos decidir se isso acontece em razão da mensagem intrínseca ou porque ainda não fizemos um trabalho adequado de estabelecimento do quadro de referência em que só esse conteúdo faz sentido. Mas o evangelho em si nunca deve ser comprometido.

## ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Apresento três reflexões conclusivas. A primeira é que o desafio do evangelismo focado na cosmovisão não é complicar o que é simples, mas esclarecer às pessoas algumas questões bastante complicadas que simplesmente pressupomos. Isso pode ser feito em 15 minutos com o tipo de apresentação que Phillip Jensen e Tony Payne falaram anteriormente neste livro. Pode ser feito nas sete exposições consecutivas dos oito primeiros capítulos de Romanos. Pode ser feito com seis meses de ensino bíblico, a começar de Gênesis, que muitos integrantes da New Tribes Mission usam agora, antes de chegar a Jesus. Mas tem de ser feito.

A segunda é que o desafio do evangelismo focado na cosmovisão não é pensar apenas em categorias filosóficas, mas deixar claro que, em estreita proximidade com Jesus, há conteúdo (que está conectado com um Jesus real, histórico, sobre quem determinadas coisas precisam ser ditas e cridas) e que este abarca tudo (afeta a conduta, os relacionamentos, os valores, as prioridades). Não pode ser reduzido a uma opção religiosa preferencial entre muitas, destinada basicamente a fazer com que eu me sinta bem comigo mesmo.

Terceira, o desafio do evangelismo focado na cosmovisão não é uma questão de como retomar o debate com pessoas analfabetas em conhecimento bíblico, cujas perspectivas podem ser muito diferentes das nossas. Antes, o evangelismo focado na cosmovisão no fundo se concentra em *para onde vai a discussão*. Há várias maneiras de iniciá-la. O ponto crucial é se a testemunha cristã tem um entendimento claro, relativamente simples e direto de qual é o enredo da Bíblia, de como ele deve dar forma a uma cosmovisão e de como as novas maravilhosas do evangelho se enquadram de maneira poderosa nessa história real — e tudo isso de forma que homens e mulheres consigam enxergar sua relevância, poder, veracidade e capacidade de transformar vidas.

## ÍNDICE REMISSIVO

---

### A

Abbott, Edwin A. 173  
Abelmann, Nancy 245  
abordagem gradual 269  
aborto 138, 140, 273  
acesso privilegiado ao conhecimento 79  
aculturação 84  
Adams, Jay 130, 133  
adaptabilidade 388  
Adler, Mortimer 67, 342  
adoração 220  
afirmação(ões) de verdade 42, 84, 196, 341  
afirmação universal 97  
África do Sul 267, 326  
afro-americanos 233  
Agostinho 40, 79, 105, 127, 163, 202  
AIDS 22, 27, 89, 140, 346, 348  
Alda, Alan 43  
Allen, Woody 130  
ambiente natural 283, 376  
amizade 138, 139, 169, 267, 283, 286, 302, 325, 359  
amor 44, 146, 252, 258, 305, 347, 357, 360, 376, 411  
Ana 132  
analfabeto em Bíblia (sem conhecimento bíblico) 171, 419, 421, 424  
analogia do furacão 353  
Anderson, Jim 275  
Anderson, Walter Truett 22  
antiessencialismo 82  
antifundacional 245  
antirrepresentacionalismo 84  
Apelo 208

apologética 44, 105, 137, 201  
    harmoniosa 331  
Appasamy, A. J. 148, 151  
Arendt, Hannah 154  
argumentos a favor da existência de Deus 36  
    cosmológico 36  
    moral 37  
    teleológico 37  
Ariarajah, Wesley 138, 151  
arqueologia do saber 93  
arrependimento 122, 132, 133, 135, 149, 176, 177, 178, 188, 192, 278, 305, 385, 386, 418, 419, 420  
Ashker, Helene 309, 317  
ásio-americanos 241, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262  
asseidade 426  
ateísmo 23, 176, 321, 335  
ausência de significado 31, 156, 178  
Austrália 115, 213, 214  
autocriação 85, 92, 95, 98  
autodeificação 28  
autonomia 31, 92, 98, 99, 226  
autoridade 90, 195, 199, 200, 257  
autorrealização 149  
autossuficiente 173, 194

### B

Bach, Johann Sebastian 323  
Bailey, Kenneth 251  
Bailey, T. A. 200, 210  
Bakker, Jimmy 176

- Barclay, Oliver 215, 224  
 Barclay, William 35  
 Barna, George 174, 179, 293, 294, 295, 317  
 Barnathan, Joyce 39  
 Barneson, Jeff 325  
 Barnett, Paul 114  
 barreira  
   da vontade 305, 310  
   emocional 305  
   intelectual 305, 309  
 barreiras 305  
 Barth, Karl 158  
 batismo 170, 177, 178  
 Baxter, Richard 163, 167  
 Beck, Ulrich 154, 167  
 Behe, Michael 37, 47  
 Bellah, Robert 163, 167  
 Bennett, Ron 293, 317  
 Berger, Peter 52, 58, 59, 60, 73, 162, 167, 185, 192, 246, 262  
 Berlin, Isaiah 90, 100  
 Berman, Harold 328  
 Bernstein, Richard 97, 100  
 Beuscher, John 64, 74  
 Beyer, Peter 58, 74  
 bíblicamente instruído (a) (s) 421, 424  
 Blake, William 25  
 Blomberg, Craig 114  
 Boom, Corrie ten 324  
 Booth, William 404  
 Bosch, David 354, 364  
 Boston 229  
 Bradshaw, Wade 177, 178, 179  
 Bridges, Ruby 327  
 Bright, Bill 216, 368  
 Briscoe, Stuart 201, 210  
 Bruce, Steve 58, 74  
 budismo 27, 57, 73, 138, 143, 171, 407  
 Buechner, Frederick 325  
 Bunyan, John 165  
 Bush, Douglas 154  
  
**C**  
 Callihan, Kennon 372, 381  
 Calvino, João 130, 132, 135, 161  
 campanha de religião comparada 345  
 Campbell, Joseph 64, 69, 74  
 Camus, Albert 26  
 Card, Michael 323  
 Carey, John 155, 160, 167  
 carma 150  
 Carson, D. A. 74, 142, 151, 161, 167, 179, 400, 416, 417, 431  
 Carter, Stephen L. 59, 74, 268, 277  
 Carvajal, Doreen 254, 262  
 casamento 134  
 ceia do Senhor 136  
 Celek, Tim 248, 262  
 certeza (sobre crenças) 109  
 ceticismo 152, 230, 240, 298, 421  
 Chang, Ching-Fu 263  
 Chapian, Marie 45, 47  
 Chesterton, G. K. 31, 114, 137, 361  
 China 143, 214, 373, 404  
 ciência e religião 337  
 cinema 340  
 Clark, Eric 207, 210  
 Clark, George Haddon 409  
 Clark, Kelly James  
 Clendenin, Daniel B. 52, 53, 74  
 Clinton, Bill 39, 176, 177  
 Clowney, Edmund 117  
 Cobain, Kurt 357  
 coerência 21, 100, 112  
 Cole, Graham A. 184, 192  
 Coles, Robert 327, 328  
 colonização intelectual 98  
 Colson, Charles 163, 167  
 compartilhar o evangelho 122, 365, 389  
 compreensão 273  
 compromisso 415  
 comunhão 221  
 comunicação 36, 157, 196, 238  
   arte e ciência na 270  
   direta e indireta 270  
   não verbal 274  
 comunicação proposicional 158  
 comunicação visual 399  
 comunidade 30, 100, 161, 226, 253, 259, 268, 299, 325, 357, 378, 380  
   mudança de 362

- confucionismo 171, 253, 257  
 confusão 278, 352  
 conhecimento  
   base para 108  
   do evangelho 123  
 Conselho Mundial de Igrejas 216  
 consolidação, princípio da 308  
 consumismo 59  
 contextualização 239, 240  
 conversa 390  
 conversão 169, 170, 172, 174, 176, 363  
 Coreia do Sul 143  
 cosmovisão 112, 114, 126, 391, 417, 418,  
   419, 420, 431  
 Craig, William Lane 348  
 Crews, Frederick 160, 167  
 criador 425  
 Criador 27, 37, 98, 172  
 Cruzada Estudantil e Profissional para  
   Cristo 61, 216, 225, 346, 365  
   e as minorias étnicas 239  
 cuidado para com as pessoas 360  
 culpa 153, 178, 188, 190, 255  
 cultura 21, 22, 236, 237  
 cura espiritual 378
- D**
- Daane, James 130, 136  
 Dalai Lama 57, 58, 74  
 Damien, Joseph 42  
 dar frutos 290  
 Dawkins, Richard 23, 37  
 D'Costa, Gavin 52, 54, 74  
 debate 309, 339, 432  
 decisão 178  
 decisões 169  
 demonstração 285  
 Denney, James 131  
 Denzin, Norman 249, 262  
 depressão 249  
 Derrida, Jacques 407  
 Descartes, Rene 79  
 desconfiança, hermenêutica da 257  
 desconstrução 407  
 descrença 396  
 desesperança 248, 356
- desigrejados 372  
 despertar o interesse dos alunos 105  
 Dewey, John 78, 82, 87  
 Dia das Mães 132  
 diálogo 393  
 Dickens, Charles 163  
 digno de fé 106, 107  
 Dillenberger, J. 205, 210  
 dinâmica familiar 377  
 disciplina 62  
 discipulado 133, 169, 192, 278, 286,  
   302, 344  
 diversidade  
   cultural 60  
   religiosa 58  
 divórcio 170, 362  
 Dobson, James 97  
 Dodd, C. H. 385, 400  
 domínio próprio 33, 41, 45  
 Downs, Tim 270, 277  
*Dois formas de viver* 115, 117, 122,  
   123, 124  
 Dunn, James D. G. 114  
 Dupuis, Jacques 54, 74
- E**
- Edwards, David 53, 74  
 Edwards, Jonathan 145, 163  
 eficácia espiritual 207  
 Ellis, Carl 235  
 Ellul, Jacques 46  
 empatia 234, 273, 304  
 Engel, Jim 335, 342  
 enredo da Bíblia 126, 184, 187, 391,  
   392, 393, 396, 398, 399, 417,  
   418, 419, 432  
 ensino superior 246  
 entretenimento 200, 405, 409, 410,  
   415  
 enunciado analítico 80  
 enunciado sintético 80  
 epicurismo 423  
 equivocidade 29  
 Erickson, Millard J. 53, 74, 407, 416  
 erotismo 27  
 errado 153, 157, 160

erro, o discurso de Paulo no Areópago  
 como um 429  
 esboço do evangelho 117  
 escala de receptividade das pessoas 335  
 Escrituras 112  
 aplicação das 129  
 esperança 205, 356  
 Espírito Santo 45, 145, 165, 291, 292,  
 367, 411  
 espiritualidade 144, 145, 146, 147, 148,  
 197, 388  
 não cristã 27, 144, 227, 356  
 estética 37, 95, 98, 100  
 estilo de vida 139, 176, 360  
 estoicismo 423  
 estratégia 368  
 estratégia de passagem 303  
 ética 95, 138, 148  
 etnia, integração da 242  
 etnocentrismo 65, 82, 83, 234  
 Evangelhos, os 112, 113  
 evangelismo  
 como processo 298, 305  
 dom de 294  
 exclusivismo 52, 142  
 existencialismo 26  
 expectativa 365, 368, 369, 371  
 experiência 145, 226, 387, 410  
 expiação 153, 216

## F

falsos profetas 200  
 Falwell, Jerry 97  
 família espiritual 243  
 fatos e valores 83  
 Fernandez, M. 263  
 Fernando, Ajith 151, 416  
 Fink-Eitel, Hinrich 90, 100  
 Fish, Stanley 155, 160, 167  
 Fong, Kenneth 255, 256, 262  
 Ford, Kevin Graham 390, 400  
 Ford, Leighton 381, 390, 400  
 Fórum Veritas 329, 337, 341  
 Foster, Jodie 428  
 Foucault, Michel 22, 27, 77, 89, 90,  
 100

fraqueza 36  
*Friends* 355  
*fugitivo, O* 355

## G

Gaebelien, Frank E. 404, 416  
 Gaede, S. D. 66, 74  
 Gallup 71, 372, 404  
 Gandhi, Mahatma 141  
 Garfunkel, Art 355  
 Geivett, R. Douglas 53, 74  
 Gellner, Ernest 160, 167  
 genealogia 92, 94  
 Gergen, Kenneth 249, 262, 263  
 Getz, Gene 163, 167  
 Giddens, Anthony 255, 262  
 Gilmer, Charles 233, 245  
 Goldsworthy, Graeme 117  
 Goricheva, Tatiana  
 graça 133, 255  
 Graham, Billy 34, 324, 357, 368, 406  
 Grant, Hugh 155  
 Green, Michael 309  
 gregos 40  
 Grenz, Stanley 163, 167, 245, 249, 262  
 Griffiths, Paul J. 138, 151  
 Groothius, Douglas 149  
 grupos pequenos 222, 259, 284, 296,  
 301, 311, 312, 313, 345, 347, 348,  
 362, 370, 377  
 Guernsey, Dennis 252, 262  
 Guinness, Os 36, 44, 47, 185, 192, 373,  
 381  
 Gundry, Stanley N. 404, 416  
 Gutting, Gary 90, 95, 97, 101

## H

hábitos de estudo 414  
 Hall, Douglas John 361  
 Halverson, Dean C. 75  
 Handel, George Frideric 323  
 Harris, Murray J. 185  
 Harvard 322  
 Harvey, David 246, 263  
 hebreus 39  
 Heidegger, Martin 78  
 Henry, Carl F. H. 76, 407, 409, 416

- Herman, Bruce 323  
Hettinga, Jan 302, 317  
Hick, John 55, 56, 57, 61, 65, 75, 142, 151  
hierarquia 257  
hinduísmo 67, 73, 125, 147, 148, 374, 407  
Hirsch Jr., E. D. 160, 168  
Hirsley, Michael 75  
histórias 348, 359, 389, 395  
Hitler, Adolf 329, 408  
holismo 81  
Holmes, Arthur E. 70, 75  
Holocausto 68, 71, 271, 338  
homem como medida de todas as coisas 27  
Hope, Bob 130  
Hopkins, Gerard Manley 105, 323  
Horn, R. M. 224  
Houston, James 326  
Hume, David 37  
humildade 196  
humilhação 86, 87  
Hunsberger, George R. 384, 400  
Hunter III, George 373, 381  
Hussein, Saddam 29  
Huxley, Aldous 155, 156, 160, 168, 348  
Hybels, Bill 368
- I**  
identidade 248, 252, 255  
  nova 206  
identificação 36  
idioma 36, 239, 267  
igreja  
  crescimento da 143, 222  
  história da 113  
  local 162  
  profana 276  
  recursos na 228  
  teologia da 213, 218  
Iluminismo 89  
ilustração 310  
imagem de Deus 95, 159, 164  
imanência de Deus 427  
imigrantes, segunda geração de 248, 254  
Impacto (conferência) 241  
imperialismo 98, 139, 142, 234  
inclusivismo 52, 54  
indagação 310  
Índia 125, 142, 336  
indicadores de resposta 301  
inerrância 192  
Inouye, Stanley 255, 263  
Inquisição 141  
insurreição 95, 156  
integridade 175, 196  
intencionalidade, princípio da 307  
internet 371  
Intervarsity Fellowship 216  
intolerância 51, 137, 139, 141, 175, 186  
intuição pluralista 60  
investigação 83, 88, 92, 309, 311  
ioga 148  
ironista 85, 86, 98  
Islã, nação do 235
- J**  
Jacks, Betty 317  
Jacks, Bob 314, 317  
Jackson, Henry 200  
Jacó 206  
James, William 78  
janelas de oportunidade 29, 31  
jantares 347  
Jensen, Phillip 115, 213, 419, 432  
Jesus Cristo 202, 385  
  centralidade de 127, 174  
  face de 40  
  nossa necessidade de 131  
  razão para crer 112  
*Jesus de Montreal* 359  
Johnson, Keith E. 51, 75  
Johnson, Paul 27  
Johnson, Ronald W. 394  
Johnstone, Patrick 125  
Jones, E. Stanley 141, 411, 416  
Jones, Jim 70, 408  
julgamento 44, 65, 70  
  de Deus 118, 404

justiça 36  
 de Deus 187  
 justificação 188, 250

## K

Kant, Immanuel 90  
 Keller, Timothy 269, 271, 277  
 Kennedy, John F. 348  
 Kits de Sobrevivência para Calouros 346  
 Knitter, Paul 52, 75  
 Koresh, David 70  
 Kraemer, Hendrik 140, 151  
 Kreeft, Peter 114, 341, 342, 348, 350  
 Kruse, Colin 412, 416  
 Küng, Hans 75

## L

Ladd, George E. 385, 400  
 Lasch, Christopher 162, 168  
 legalismo 256  
 Leith, J. H. 132, 136  
 leitor é soberano 28  
 L'Engle, Madeleine 321, 331  
 leprosos 42, 43, 279  
 Levine, Arthur 357  
 Lewis, C. S. 34, 41, 47, 114, 163, 166,  
 168, 336, 342, 346, 348, 350,  
 409, 416  
 liberal 85, 86  
 liberdade religiosa 143  
 libertação 99, 150, 156, 189, 190  
 liderança, desenvolvimento de 147, 228,  
 367, 368  
 Lidz, T. 249, 263  
*Life@Large* 391, 392, 393, 394, 395, 396,  
 397, 398, 399  
 Lifton, Robert Jay 177, 197  
 Lin, Tom 255  
 Lipstadt, Deborah 71, 75  
 Liu, W. 263  
 Lloyd-Jones, Martyn 412, 413, 416  
 Locke, John 154, 168  
 Long, Jimmy 263  
 Loury, Glenn 326  
 Lundin, Roger 28, 32  
 Lutero, Martinho 185, 192, 205, 276

luz de Deus 269  
 Lyons, Henry 176

## M

Macartney, Clarence E. 36, 47  
 macroevolução 37  
 Madre Teresa de Calcutá 30, 36, 39, 140  
 maleabilidade, princípio da 308  
 manipulação 107, 141  
 marginalização 268  
 Materialista 193, 194  
 McCheyne, Robert Murray 198  
 McCluggage, Bruce 345  
 McDowell, Josh 346, 350, 370  
 McGrath, Alister 53, 75  
 Mendelssohn, Felix 323  
 mente 154  
 como um espelho 79  
 Mercer, Adelle 341  
 Mercer, Jerry 341  
 metáfora 64, 69, 79  
 metáfora da noiva e do noivo 205  
 metáfora do templo 189, 332  
 metáfora jurídica (forense) 189  
 metanarrativa 25, 42, 97, 155, 156, 157,  
 161, 165, 191, 227, 234, 235, 236,  
 237, 238, 428  
 Metzger, Will 166, 172, 177, 179  
 Michelangelo 323  
 mídia cultural 246  
 mídia visual 399  
 Mill, John Stewart 338  
 Milton, John 154  
 ministério em equipe 258  
 ministério estudantil 169, 214, 225, 299,  
 302, 343, 351, 431  
 alcançar todos os estudantes 365  
 atrativo para estudantes 105  
 internacional 216  
 minorias étnicas 233, 239  
 missionário, a mentalidade de um 376  
 missionários leigos 375  
 misticismo 27  
 Mitchell, Basil 70, 75  
 modernidade 245  
 otimismo da 245

- Monroe, Kelly 334, 342, 350  
 Moo, Douglas J. 192  
 Moody, D. L. 404  
 moralidade 98  
   e ciência 83  
 Moreland, J. P. 114  
 Morris, Leon 185, 192  
 Morrison, Henry Clay 150  
 Morris, Thomas V.  
 morte de Deus 23  
 Movimento do Conhecimento Superior 235  
 Movimento dos Hebreus Negros 235  
 Moyers, Bill 64, 70  
 mudança essencial do coração 170, 178, 209  
 Muehlhoff, Tim 272  
 Muggerridge, Malcolm 25, 32  
 Muir, John 324  
 Mukthananda, Swami 149  
 Mullins, Rich 323  
 multiculturalismo 247  
 múltiplos pontos de vista 348  
 mundo dividido 28  
 mundo mais jovem 26
- N**
- não contradição, princípio da 64, 72, 73, 108, 172  
 Nash, Ronald 53, 65, 70, 75  
 Navigators 216, 376  
 necessidades das pessoas 63, 68, 227  
 Neill, Stephen 114  
 Nepal 140, 143  
 Netland, Harold A. 51, 52, 59, 67, 70, 75  
 neutralidade 84, 300  
 Newbiggin, Lesslie 59, 76, 384, 400  
 Nietzsche, Friedrich 22, 23, 32, 324  
 Nouwen, Henri 252, 263  
 Nova Era 58, 144, 146, 147, 150, 176, 184, 201, 202, 374, 428
- O**
- obediência 284  
 Offer, D. 249, 263  
 Offer, J. B. 263  
 Okholm, Dennis 32, 52, 53, 65, 74, 75, 76  
 Oliver, Timothy 269  
 ontologia 92  
 opressão 234, 235, 257  
 oração 202, 285, 328, 367, 377, 379  
 ordem, a 360  
 organizações parecisiásticas 217, 225  
 Ortega, Fernando 323  
 Owen, John 166
- P**
- Packer, J. I. 53, 76, 161, 166, 168, 210  
 Pai celestial 165, 250, 251, 252, 256, 259  
 país 248  
 palavras 47, 407, 425  
 Pannenberg, Wolfhart 54, 76  
 panteísmo 146, 148, 149  
 parceria 231, 370  
 participação 271, 347  
 particularismo 52, 53, 54, 66  
 Pascal, Blaise 190  
 pastor 169  
 Paulo 33, 35  
 Payne, Tony 115, 213, 432  
 Pearlman, Susan 415  
 pecado 178, 203, 251, 426  
   convencimento do 186  
   original 118, 131  
 perdão 118, 256, 328  
 perdido, o 403  
   dentro da igreja 295  
   fora da igreja 295  
   visto como ameaça 303  
   visto como ferido 304  
 perguntas adequadas 272  
 perseverança no ministério 415  
 perspectivismo 60, 155  
 persuasão 208, 270, 272  
 Peterson, David 221, 224  
 Peterson, Jim 300  
 Phillips, Timothy R. 32, 53, 65, 74, 75, 76  
 Phillips, W. Gary 74  
 Pinnock, Clark 53, 54, 76  
 Piper, John 53, 76

- pluralismo religioso 23, 51, 56, 404, 422  
 informal 60, 65  
 poder 91, 196  
 Poe, Harry L. 400  
 Polkinghorne, John 37, 47  
 ponto de partida 272  
 Pope, Alexander 47  
 Popper, Karl 160, 168  
 pós-cristã 321, 322  
 posição, articular sua 274  
 Pós-Modernia 193, 201, 202, 203  
 pós-modernismo, definição de 355  
 Posterski, Don 361  
 pragmatismo 78, 82, 83, 84  
 preferências 67, 356, 432  
 pregação 219  
   especificidade de conteúdo 172, 201, 384, 432  
   preparação para 129  
   propósito da 129  
 pressupostos do evangelismo 417  
 prestar contas 195  
 Princesa Diana 30, 357  
 proclamação 140  
 profissões de fé falsas 171  
 Promise Keepers 238  
 público-alvo 220  
 público e privado 59
- Q**  
 QuEST 382  
 Quine, Willard Van Orman 80, 81, 101
- R**  
 racionalidade 107, 144, 145  
 reações ao evangelho 311  
 realidade em si 60  
 realização pessoal 31  
 rebelião 99, 118, 184, 186  
 reciprocidade 337  
 reconciliação 204, 240, 251  
 recriação 323  
 redenção 188, 250  
 redes de relacionamento 306  
 reevangelismo 384  
 regime discursivo 93  
 Reino de Deus 302  
 relacionamento 146, 158, 184, 191, 201, 206, 226, 227, 231, 232, 237, 250, 251, 267, 282, 285, 370, 388  
   ambiente relacional de times 311  
   ambiente relacional individual 311  
   o cristianismo como 383  
 relativismo 63, 65, 71, 87, 123, 154, 237, 406, 407  
 relevância 41, 344, 384, 429  
 Rembrandt 323  
 reputação como idolatria 424  
 responsabilidade 154, 162  
 ressurreição 428  
 restrições à investigação 83  
 restritivismo 53  
 Richard, Ramesh 76  
 Rigdon, Joan 249, 263  
 Robertson, Roland 58, 76  
 Roberts, Vaughan 431  
 Robinson, Haddon 129, 136  
 Rockwell, Norman 327  
 Roma 35  
 romanos 40  
 Rorty, Richard 28, 77, 78, 79, 97, 98, 101, 155  
 Rosenau, P. M. 246, 263  
 Rosetti, Christina 323  
 Roszak, Theodore 147  
 Rue, David 263  
 Russell, Bertrand 42  
 Rutherford, Samuel 404  
 Rutz, James 300, 317  
 Ryle, J. C. 166
- S**  
 Sade, Marquês de 155  
 saída (dos limites) 91  
 salvação 251  
   plano de 187  
 Sampson, E. E. 76, 249, 263  
 Sangster, W. E. 412, 416  
 santidade 148  
 Sartre, Jean Paul 26  
 Sawyer, Steve 348  
 Schaeffer, Francis 161, 168  
 Seamands, J. T. 141  
 Seel, John 44, 47

Sellers, Wilfrid 79, 81  
 Sellers, Steve 366  
 sensível aos interessados 296  
 sensualismo 27  
 serviço 139, 258, 279  
 serviço social 230  
 sexualidade 95  
 Shaw, Luci 323  
 sinceridade 64, 69  
 sincretismo 374  
 Singh, Sadhu Sundar 148  
 sique 148  
 Sire, James W. 105, 114  
 Sjogren, Steve 313, 317  
 Smith, Gypsy 416  
 Smith, Huston 26, 32  
 Smith, Tom W. 76  
 soberania de Deus 30  
 solidão 201  
 Sproul, R. C. 276  
 Sri Lanka 142  
 Stalin, Joseph 38  
 Stedman, Ray 163, 168  
 Stolpa, Jenny 297  
 Stolpa, Jim 297  
 Stott, John 53, 74, 76, 114, 141, 210, 414  
 Strasser, Steven 39  
 Strobel, Lee 295, 317  
 Student Christian Movement 215  
 substituição 189  
 sujeito (na obra de Foucault) 92  
 supervisão 288  
 Suryk, David 106  
 Swaggart, Jimmy 176

## T

Tailândia 125  
 Taylor, Hudson 404  
 tecnologia 413  
 teísmo 84  
 Temple, William 30  
 tempo linear 427  
 teologia bíblica 116, 221  
 testemunho 113, 389, 390  
 teste útil para a crença 107  
 Thiselton, Anthony 249, 263  
*Titanic* 24, 67, 246, 356, 357

título (a importância da escolha) 105  
 Tokunaga, Paul 247  
 tolerância 63, 66, 192, 237, 338, 361  
 Tolstói, Leon 116  
 Toon, Peter 416  
 transparência 261  
 treinamento 124, 221, 223, 349, 379  
 Trevelyan, Humphrey 198, 210  
 tribalismo 253, 355  
 Troppman, Dawson 216  
 Turner, Bryan 58, 76

## U

Uba, Laura 263  
 união estável (parceiros) 336  
 União Soviética 38  
 unidade dos crentes 299  
 Universidade de New South Wales  
 217, 218  
 Uzbequistão 230

## V

valores 97, 367  
 Van Gelder, Craig 384  
 Vanhoozer, Kevin 191, 192  
 vazio 25, 324  
 Veith, Gene Edward 177  
 Verbo/Palavra, o/a 47, 199, 200, 236, 259  
 verdade 88, 112, 137, 155, 175, 356, 360  
 cognitiva 158  
 como motivação 403, 405  
 como uma pessoa 324, 329, 330  
 demonstração da 185  
 objetiva 235, 280  
 o prazer da 409  
 religiosa 60, 64  
 teoria da 82  
 universal 91, 97  
 vergonha 153, 255, 256, 257  
 versatilidade do evangelho 316  
 vida, santidade da 27  
 violência 27  
 Vitz, Paul 162, 168  
 Vivekenanda, Swami 23  
 vocabulário final 85  
 Volf, Miroslav 163, 168

**W**

Washington, D.C. 152  
Waters, Malcolm 58, 76  
Watson, David 30, 32  
Wells, David 162, 163, 168  
Wells, H. G. 163  
Wells, Orson 340  
Wenham, John 114  
West, Mae 175  
White, Mel 176  
Wiersbe, Warren 136  
Wilde, Oscar 166

Wilkins, Michael J. 114  
Will, George 175  
Wineman, Andy 345  
Winter, Ralph 372, 381  
Wirt, Sherwood E. 406, 416  
Wolterstorff, Nicholas 326  
Wong, Joseph 254, 263

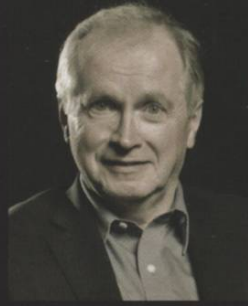
**Y**

Yancey, Philip 39

**Z**

zulu 267

Esta obra foi composta em Berkeley,  
impressa em papel off-set 75 g/m<sup>2</sup> e capa em cartão 250 g/m<sup>2</sup>  
na gráfica Imprensa da Fé em setembro de 2016.



**D. A. Carson** é professor pesquisador na área de Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois. É coorganizador do *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento* e autor ou coautor de vários livros, entre eles *Cristo e cultura*, *A manifestação do Espírito*, *Os perigos da interpretação bíblica*, *Igreja emergente*, *Jesus, o Filho de Deus* e *As Escrituras dão testemunho de mim*, publicados por Edições Vida Nova.

"SE PERMANECERDES NA MINHA PALAVRA, SEREIS VERDADEIRAMENTE MEUS DISCÍPULOS; E CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ".

## JESUS CRISTO

*A verdade* é uma compilação de ideias e estratégias de 29 praticantes do evangelismo contemporâneo. Originário de uma conferência de três dias realizada na Trinity Evangelical Divinity School, explora o conhecimento que Ravi Zacharias, Kelly Monroe, D. A. Carson, Ajith Fernando, Mark Dever e outros estudiosos notáveis adquiriram nas trincheiras do fazer evangelístico e apologético.

O livro abrirá seus olhos para ver como a luta pelas almas, à semelhança de uma verdadeira guerrilha, é travada em um grande número de frentes: nos relacionamentos, nas universidades, no âmbito das etnias, no campo da razão e das emoções, no púlpito, nas comunicações... em suma: no amplo espectro da experiência e dos valores humanos.

*A verdade* pode ajudá-lo a estabelecer o fundamento necessário para indicar a homens e mulheres pós-modernos e sem instrução bíblica o sentido de um encontro com a verdade inegociável — um absoluto revelado na Bíblia que aponta para a realidade do pecado e para a necessidade de um salvador.

ISBN 978-85-275-0580-2



9 788527 450580 2



VIDA NOVA

[vidanova.com.br](http://vidanova.com.br)